

AUTORA DE 'ELA É PROBLEMA MEU'

K.M. MENDES

As regras do amor  
são mais difíceis do  
que as do campo



O  
MARIDÃO  
IDEAL

A romantic couple is shown in a close embrace on a football field at night. The man is wearing a dark blue patterned suit with a matching tie and a white shirt. The woman is wearing a white lace dress and a pearl necklace. They are looking at each other with affection. In the background, there are bright stadium lights and a football field. A football is visible on the ground in the bottom right corner. The title 'O MARIDÃO IDEAL' is written in large, bold, yellow letters across the center of the image. The word 'MARIDÃO' has a diamond ring icon replacing the letter 'O' at the end. Above the title, there is a small yellow 'x' mark.



# O MARIDO IDEAL



K. M. Mendes

Copyright © 2020 K. M. Mendes

1º Edição, 2020

Todos os direitos reservados.

Proibido o armazenamento e a reprodução dessa obra através de quaisquer meios sem o consentimento escrito da autora, exceto para citação.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela **Lei** nº. 9.610/98 e punida pelo artigo 184 do código penal.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, factos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

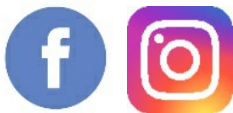
Essa obra segue as novas regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Design de capa: Raquel Moreira - Malta Design Editorial

Imagens: D-Keine - istockphoto.com

Revisão: Luana Corazza e Carlos Giovani Castillo

Redes Sociais da Autora:



# CONTEÚDO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)  
[Capítulo 9](#)  
[Capítulo 10](#)  
[Capítulo 11](#)  
[Capítulo 12](#)  
[Capítulo 14](#)  
[Capítulo 15](#)  
[Capítulo 16](#)  
[Capítulo 17](#)  
[Capítulo 18](#)  
[Capítulo 19](#)  
[Capítulo 20](#)  
[Capítulo 21](#)  
[Capítulo 22](#)  
[Capítulo 23](#)  
[Capítulo 24](#)  
[Capítulo 25](#)  
[Epílogo](#)

## DEDICATÓRIA

A minha mãe que é o amor da minha vida.  
A Deus por me dar inspiração todos os dias.  
Ao meu noivo que sempre acreditou no meu potencial.  
A minha família.  
Aos meus leitores, essa jornada não seria nada sem vocês.  
Aos meus amigos.  
Ao grupo do Marido Ideal.

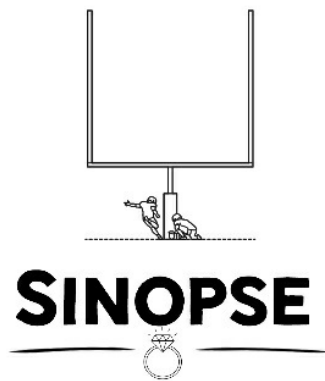


Fallin' all in you – Shawn Mendes  
Let It Rain – J. Adam Broome  
Like I Love U – The Moffatts  
Believer – Imagine Dragons  
Hall of Fame – The Script ft. will.i.am  
When I Found You – Jasmine Rae  
Punchline – Aidan Martin  
No Place – Backstreet Boys  
Good for You – Josh Gracin  
Kiss Me Quick – Elvis Presley  
Center Point Road – Tomas Rhett  
I Was Made For Loving You – Tori Kelly  
Us – Kames Bay  
Stop Runnin' – Liz Lokre  
Ocean – Lady Antebellum  
Rise Up – Andra Day  
Birds – Imagine Dragons

Spotify: [Clique aqui](#)

Youtube: [Clique aqui](#)





Dante Hurron é um famoso jogador de futebol americano, listado como o mais bem pago do New York Giants. Sua carreira como quarterback do time era extremamente consolidada, até que os boatos de seus incessantes encontros amorosos acabaram desestabilizando sua carreira.

Indo de mal a pior, agora Dante está cotado para ser substituído por um novato que vem sendo considerado um fenômeno na mídia. Em busca de recuperar seu prestígio, o jogador decide sossegar por um tempo, a fim de melhorar sua imagem.

Apontado como o marido ideal por uma revista sensacionalista, Dante está longe de querer se casar. No entanto, o seu caminho se cruza com uma curiosa garota, Rosalie Wicks, uma jovem de vinte anos, aspirante a chef de cozinha e fã número 1 do New York Giants. E como tal, ela estava organizando com toda a torcida um boicote a Dante Hurron, afinal, ele estava levando o time por água abaixo.

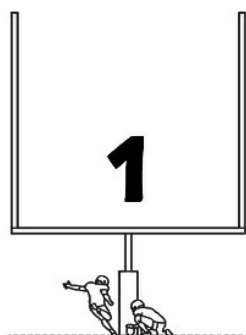
O caminho dos dois se cruza algumas vezes de forma inesperada e, quando uma foto tirada em um momento inapropriado surge na mídia, eles se veem metidos numa enrascada, já que todas as revistas de fofocas passam a noticiar um romance entre o casal. Vendo essas manchetes como uma oportunidade de recuperar a atenção da mídia e a admiração dos seus fãs, Dante propõe um relacionamento falso com Rosalie, por tempo determinado,

em troca de um favor. No entanto, as coisas passam do limite quando um pedido de noivado é feito.

O relacionamento entre o jogador de futebol americano e uma fanática pelo seu time está longe de ser um namoro de verdade, mas, ser a noiva de Dante pode não ser uma má ideia. Afinal de contas, um moreno alto com um sorriso encantador poderia ser seu marido ideal.

o amor vai chegar  
e quando o amor chegar  
o amor vai te abraçar  
o amor vai dizer o seu nome  
e você vai derreter  
só que às vezes  
o amor vai te machucar mas  
o amor nunca faz por mal  
o amor não faz jogo  
porque o amor sabe que a vida  
já é difícil o bastante

**Rupi Kaur**



**A FÃ NÚMERO 1 DOS GIANTS**



## Capítulo 1

Mais de cem caixas de cereal, uma briga com meu pai, uma discussão com o taxista e alguns calmantes depois, aqui estou eu, dentro do avião junto com o time do New York Giants e uma turma de jornalistas rumo a Minnesota.

Vi muitas pessoas me olhando enquanto eu entrava no avião, deviam estar se perguntando: “*Quem é essa intrusa surtada?*”, afinal, briguei com o comissário que não queria me deixar entrar. Pois bem, eu sou Rosalie Wicks, não sou namorada de nenhum jogador, muito menos uma jornalista esportiva, e sim, a fã número 1 dos Giants.

Aliás, estou adorando a proximidade com os jogadores e nunca estive tão próxima deles. O ar exala testosterona pura! Tenho até vergonha da roupa que escolhi para essa ocasião. Calça de moletom preta, blusa de manga comprida cinza-escura, cabelos presos e cobertos por um boné surrado — relíquia do vovô. Tênis de corrida confortáveis e no rosto nem um pouco de maquiagem, esse nunca foi o meu forte.

Mas o que cem caixas de cereal têm a ver com tudo isso? Bom, consegui a entrada exclusiva para o jogo através da promoção: “*Compre uma caixa de cereal e ganhe uma passagem para o Super Bowl*”. É claro que eu gastei todo o meu salário como garçoneiro com isso e, no fim das contas, acabei sendo demitida porque perderia o dia todo de trabalho para assistir ao jogo. Prioridades...

A realidade é que eu estava de saco cheio do meu emprego. Trabalhar em um restaurante sempre foi o meu sonho, mas não como garçoneiro, aspiro ser chef de cozinha desde a adolescência. Aprendi tudo que sei com meus pais e queria colocar isso em prática o mais rápido possível, no entanto, esse sonho ainda vive na minha cabeça.

Não me preocupei em perder o trabalho, pois já estava acertado com meu melhor amigo que ele conseguiria um emprego para mim, na cozinha do restaurante em que ele trabalhava. Seria apenas para lavar os pratos, mas aos poucos eu conseguiria chegar ao meu objetivo.

Deixei o Tennessee aos dez anos, lugar onde morei a infância inteira com meus pais e avós, minha mãe era de Memphis, meu pai de Nova York, ela o conheceu muito jovem quando foi ver o jogo dos Giants na cidade. Meu pai era um superfã, já ela foi de curiosa com uma amiga. Os dois acabaram se encontrando e ele derrubou cachorro-quente nela, aquele velho clichê. Brigaram, se apaixonaram, tiveram muitos problemas por conta da distância, e minha mãe acabou engravidando entre essas idas e vindas. Com isso, meu pai se sentiu na obrigação de pedi-la em casamento e mudar para a cidade dela.

Dez anos depois minha mãe quis a separação, nunca soube exatamente o porquê, mas ela sempre dizia o quanto eles eram diferentes. “*Uma mulher sulista e um nova-iorquino nunca dariam certo*”, consigo até ouvi-la falar essa frase, de tantas vezes que a repetiu ao longo dos anos.

Apesar de estarem separados no papel, meu pai continuou morando conosco, gerando despesas. Afinal, ele raramente conseguia trabalho de mecânico, já que a oficina dos Simmons roubava todos os trabalhos dele. A situação ficou cada vez mais insustentável, com muitas brigas e, no fim, papai decidiu ir embora de volta para Nova York.

Meu pai e eu sempre fomos extremamente grudados. O dia do jogo era sagrado para nós, colocávamos o boné do time, fazíamos pipoca, nos sentávamos no sofá e ficávamos juntos torcendo enlouquecidamente. Já mamãe era sempre tão ocupada, trabalhava com minha vó fazendo bolos o dia todo, nunca teve tempo para assistir ao jogo conosco. O momento que tínhamos juntas era na cozinha, aprendi tudo sobre doces com ela, e de

salgados com meu pai – quem um dia também aspirou a ser chef, mas desistiu por conta das dificuldades da vida.

A decisão de ir para Nova York ou ficar no Tennessee foi toda minha. Meus pais não interferiram. Eu era muito jovem, amava os dois, mas era tão apegada ao meu pai que não pensei duas vezes em ir embora com ele. No fim das contas, foi a melhor escolha, minha mãe se casou novamente com o arqui-inimigo do meu pai, George Simmons (o dono da oficina da cidade). Não tiveram filhos, mas eu tenho um “meio-irmão”, pois meu padrasto possuía um filho do antigo casamento.

Meu pai não suporta nem ouvir falar neles. Nos verões quase sempre vou visitá-los – minha mãe paga a passagem. Apesar de eu amar vê-la e ver os meus avós, odiava a presença de George e seu filho narcisista, Christian.

Já em Nova York, passamos por alguns perrengues, papai não conseguia pagar o aluguel sozinho e então tivemos de ir para a casa do meu avô. Ele era separado da minha avó há muitos anos e dizia que os Wicks não tinham sorte com casamento. Quando finalmente meu pai conseguiu um emprego em uma oficina para trabalhar como mecânico, ele me levou para ver o jogo dos Giants no estádio, e desde então, a minha paixão pelo time só cresceu, por isso hoje em dia sou a líder da Big Blue (torcida do New York Giants).

— Garota... — ouço uma voz muito próxima a mim. Eu estava tão ocupada, tentando escolher um canal para assistir durante o voo, que nem me toquei que alguém havia se aproximado. Já estava preparada para xingar o comissário que não me deixava em paz, quando olho para cima e tenho a seguinte visão:

Cabelos castanhos, óculos escuros me incapacitando de ver seus olhos, pele clara, barba rente ao rosto, mandíbula robusta, nariz proeminente e arrogante, maçãs do rosto esculpidas, lábios finos e extremamente convidativos. Não preciso nem falar do corpo atlético embaixo da roupa de

viagem. Ele era forte, bem forte.

Foi fácil me dar conta de que quem estava à minha frente era o astro da NFL, quarterback dos Giants, o queridinho da mídia e extremamente mulherengo:

*Dante Hurron.*

Engoli em seco.

Meu Deus! Por que ele está falando comigo?

— Sim? — Murmurei.

— Você é repórter?

— Não.

— Faz parte da equipe de jornalismo?

— Não.

Conforme eu ia negando, sua mandíbula ficava cada vez mais tensa.

— É da equipe técnica?

— Não.

Ele suspirou pesadamente.

— Está dando para alguém que está nesse avião?

Fui tomada por uma fúria, senti uma irritação subir por todo o meu corpo, a vermelhidão da minha face só não era mais evidente do que o meu ódio.

— Não! Quem você pensa que é para ficar me fazendo essas perguntas?!

— Levantei-me e o encarei face a face.

Ele retirou os óculos vagorosamente e me olhou nos olhos. Engoli em seco ao ver seus olhos castanhos que possuíam um fundo verde, ao se olhar bem no fundo. Vi neles ego. Prepotência. Arrogância.

Minha respiração acelerou e senti a dele tão forte quanto a minha. Não esmoreci, permaneci intacta e apenas esperando que a pessoa à minha frente abaixasse a cabeça e me pedisse desculpas.

— Senhores, preciso que vocês se sentem imediatamente, o avião está



prestes a decolar! — A comissária interrompe a nossa troca de respirações.

— Quem eu sou? — Hurron ignora completamente o pedido. — A pergunta aqui é, quem é você?

Senti-me tão ofendida que cogitei descer do avião naquele momento, mas eu não daria esse gostinho para aquele imbecil. Eu conhecia sua fama de egocêntrico, ele se considerava o centro do universo, mas jamais acreditei que pudesse ser tão idiota ao vivo.

À nossa volta, as pessoas estavam todas sentadas, mas atentas à nossa conversa. Eu estava no meio de vários jogadores dos quais eu era fã e não queria parecer uma fã maluca, por isso estava quietinha no meu canto até o presente momento.

— Dante, ela é a ganhadora da promoção do Super Bowl em parceria com a Corn's. — Um homem grisalho informou vindo em nossa direção. Vendo que minha raiva bloqueou minha fala, ele decidiu intervir, foi a mesma pessoa que interveio na minha briga com o comissário. — Houve um equívoco, era para ela ter ido no voo da manhã, mas tiveram que encaixá-la neste voo.

Um equívoco? Então não era para eu estar no voo com os jogadores? Realmente, era bom demais para ser verdade.

— Ahh... Uma fã... — Vi um sorriso de deboche se formar em seus lábios arrogantes. Ele coçou o queixo me analisando dos pés à cabeça — Garota... — Ele voltou a olhar diretamente em meus olhos — esses assentos são meus.

— Mas na minha passagem está informando que devo me sentar aqui — disse.

— Dante, esse é o lugar dela, ao seu lado — o homem continuou a apaziguar a situação. Ele era o técnico do time.

— Está brincando, Randy? Você sabe que gosto de me sentar sozinho. Mande-a para trás com os jornalistas.

— Não posso, não há mais assentos disponíveis.

— Senhores! Preciso que vocês se sentem em seus devidos lugares agora, o avião vai decolar! — A comissária já estava ficando louca, mas não tanto quanto eu.

A contragosto, Dante se senta ao meu lado no avião, perto da janela. Já Randy foi mais à frente. Anotei mentalmente que eu precisava pegar um autógrafo dele para o meu pai, ele era fã.

Olhei de soslaio para Dante, que estava apertando o cinto o mais forte possível. Ele colocou o fone de ouvido e fechou os olhos. Será que ele tinha medo de voar? Como era possível, se ele viajava mais de avião do que de carro?

Bufei.

Medroso...

Poxa, tantos lugares para me colocarem, tinha que ser justo ao lado desse imbecil? Mas não vou me abater. Afinal de contas, eu vou ver o Super Bowl LII no estádio! Minha tia, Jenna Wallen, que dá uma de vidente, afirmou que os Giants ganhariam de lavada. Espero que ela acerte essa, pois nenhuma previsão deu certo até agora.

Quando começara o serviço de bordo, Hurron retirou os fones de ouvido.

— O senhor gostaria de algo? — A aeromoça questiona com um sorriso de orelha a orelha.

— Água.

— Com gelo?

— Sem gelo.

— E a senhorita, o que gostaria? — Pergunta polida.

— O que tem para beber?

A pessoa ao meu lado me olha de cara feia. Já a garota, com um coque extremamente bem feito, sorri para mim antes de responder:

— Água, suco, refrigerante, champanhe...

— Quero champanhe, por favor — nem deixo que ela termine a frase. Quando terei outra oportunidade de beber champanhe durante um voo?

— Mais alguma coisa?

— Só isso, por enquanto.

Assim que a aeromoça sai, Dante volta a colocar os fones de ouvido, fecha os olhos e permanece assim até que ela retorna com sua água e minha taça de champanhe. *Não tinha nenhum lugar melhor para me colocarem? Eu quero ouvir as estratégias do jogo, quero conversar com alguém, não ficar perto desse boçal!*

Tenho vontade de mandar mensagem para o meu melhor amigo, peguei o celular e segundos depois me dou conta que não se pode usar o celular durante o voo.

— Você quer nos matar? — A pessoa ao meu lado pergunta. Droga! Ele não estava dormindo ou em uma espécie de meditação?

— Eu só queria ver as horas!

— Desliga isso, ou eu sou capaz de jogar pela janela.

— Hey, é meu celular — uma das minhas mãos está segurando a taça de champanhe e a outra está tentando manter meu celular dentro do avião. Ele puxa o celular da minha mão, só que como eu já havia tirado o cinto, me projetei para cima dele e o arranquei vitoriosa. É claro que no meio disso, esqueci que não derrubar a taça de champanhe também era uma prioridade.

Metade do líquido caiu na jaqueta dele, já a outra metade eu havia bebido e odiado o gosto.

A expressão dele fez eu me afastar imediatamente. Não que eu quisesse ficar perto daquele corpo musculoso, nada disso, mas fiquei tão assustada que não tive reação imediata. Sua mandíbula se apertou e sua boca quase não se abriu ao dizer a próxima frase:

— Tirem essa garota daqui, agora! — Seus dentes estavam cerrados.

— Eu... Eu... Eu não fiz de propósito, seu idiota! — Gritei. Me levantei na mesma hora. Todos nos olharam, Randy já estava vindo na nossa direção quando um jogador se aproximou, era Noah Perkins, o Cornerback dos Giants.

— Senhorita, quer trocar de lugar comigo? — Ele questiona, sua expressão é gentil.

— Por favor, eu gostaria muito — aceito de imediato, nesse momento a aeromoça já está socorrendo o *egoman*.

Fico sem graça ao perceber que me sentaria ao lado do Running Back, Joshua Rodriguez. Ele era relativamente novo no time, mas seu desempenho estava dando o que falar. Muitos cogitavam o fato de ele ser uma grande promessa para o time.

— Com licença... — disse sem graça, me sentando ao seu lado.

Ele me olhou e deu um sorriso. Na mesma hora senti minhas bochechas ruborizarem.

— Peço desculpas pelo nosso quarterback, ele sempre fica irritado quando está dentro do avião.

— Tudo bem... — coloquei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Er... Desculpa, mas eu preciso comentar que você foi incrível no jogo contra os Eagles.

O Philadelphia Eagles e os Giants eram os tradicionais rivais da NFL (liga esportiva profissional de futebol americano), o último jogo foi no Texas e Joshua foi a grande estrela que nos trouxe à final.

— Obrigado, não fui tão incrível assim...

— Não seja modesto, a defesa dos Eagles teve dificuldade com você.

— Eu agradeço — ele me deu mais um daqueles sorrisos gostosinhos de ver. Joshua não era o galã do time, nem era extremamente musculoso, mas

era bonito. Alto, pele morena, olhos castanhos, cabelos escuros, sorriso bonito, realmente ele era encantador pessoalmente. — Então você é fã dos Giants?

Fiz uma expressão de: *É sério que você está me perguntando isso?*

Eu estou usando um boné dos Giants que era do meu avô, que meu pai herdou e depois passou para mim. É claro que estava surrado, mas era uma relíquia. Isso claramente já mostrava o quanto sou fã.

Enchi a boca para falar com orgulho:

— Eu sou Rosalie Wicks, mas todos me chamam de Rosalie Blue, porque, bom, eu sou a fã número 1 dos Giants. Por isso sou a líder da Big Blue. Também frequento todos os jogos que acontecem próximos a Nova York, sem falar que desde criança vejo os jogos com meu pai... — a partir daí ninguém me parava mais, contei de todas as loucuras que fiz pelo time, como por exemplo, o pequeno incidente em que fui presa por brigar com a torcida rival. Não que eu seja uma arruaceira, mas o meu ódio pela torcida dos Philadelphia Eagles me deixava fora de mim: o idiota, Sebastian Vogel, líder da torcida dos Eagles, me provocou de forma machista, obviamente eu revidei com um chute no saco dele e a partir disso todo mundo começou a brigar.

A briga foi estampada em todos os jornais no dia seguinte, papai quase me matou, pois teve que pagar fiança para que eu fosse liberada. Porém não tínhamos dinheiro, então ele teve que pegar emprestado do meu avô e até hoje o estou pagando. Não contamos para a mamãe, mas ela descobriu, obviamente porque apareceu no jornal, os dois brigaram feio nesse dia, minha mãe quis me buscar e me levar para o Tennessee, mas como eu era maior de idade nada foi feito.

— Depois disso eu tive que me conter, mas só de ver o Sebastian na minha frente eu tenho vontade de esganá-lo. — Não percebi que ao dizer isso

meus punhos estavam cerrados.

— Uau, você é realmente intensa.

— O quê? — Fiquei sem graça.

— Você é in-ten-sa — falou cada sílaba pausadamente. —, Gosto disso.

Meu Deus! Tive vontade de enfiar minha cabeça na terra, igual o avestruz faz. In-ten-sa. Ele disse intensa, não louca, como todo mundo dizia quando eu contava do meu amor pelos Giants.

Não consegui falar. Senti minha garganta bloqueada. Peguei a Coca-Cola que pedi anteriormente, me toquei que Champanhe não era minha bebida favorita, e a tomei com goles grandes. Tossi um pouco no final.

— Me desculpe, falei sem parar, você deve estar querendo descansar, não é?

— Não, tudo bem, você me ajudou a aliviar a tensão, o jogo de amanhã estava me deixando louco.

Ele era tão simpático, não parecia nada com o que a mídia divulgava. Joshua era tido como reservado e muito sério, raramente dava entrevistas e mantinha sua vida pessoal em completo sigilo, muito diferente da estrela do time. O senhor egocêntrico era o queridinho da mídia, do marketing, das empresas. Ele ganhava milhões com contratos publicitários, sua imagem era associada a dezenas de marcas famosas, sem dúvida era o jogador que mais lucrava.

O resto da viagem foi muito agradável ao lado do Running Back. No aeroporto uma garota veio me buscar, ela era a responsável por “cuidar” de mim, por eu ter sido a ganhadora da promoção.

— Olá, Rosalie, tudo bem? Eu sou a Carrie Salisbury e vou te ajudar a se instalar na sua acomodação.

— Obrigada, Carrie.

— Como foi a viagem? — Pergunta, me guiando até o táxi. Carreguei

minha mala envolvendo-a com os braços, pois as rodinhas haviam quebrado.

— Foi ótima — oculte o desentendimento com Hurrôn.

— Um estagiário fez confusão com sua passagem, ele te colocou no avião junto com os jogadores, mas era para você ter vindo comigo em um voo mais cedo. Acho que no fim você teve uma grande sorte, certo? — A loira piscou para mim.

— E como... — pigarreei — quer dizer, não foi nada demais.

Entramos no táxi rumo ao hotel. Carrie foi bem gentil comigo, me tirou diversas dúvidas, e informou todos os horários. Como, por exemplo, o horário do café da manhã, o horário de saída do hotel para o estádio, e a volta para Nova York.

Apesar de ficar acomodada no mesmo hotel que os jogadores, o meu quarto era o mais simples: situado no primeiro andar, com decoração minimalista, uma cama de casal no centro e um armário pequeno, a acomodação era excelente para mim. Nunca dormi fora de casa, e esse foi um dos motivos por eu ter brigado com meu pai.

Peguei o celular assim que entrei no quarto e me joguei na cama.

Mandei uma mensagem para meu pai, avisando que havia chegado, ele visualizou na hora e mandou dois *emoji's*, um com joia para cima e o outro com cara de bravo. Mais cedo ou mais tarde ele ia me perdoar. Logo após, liguei para meu melhor amigo, Chase O'Keefe, nós nos tornamos amigos desde que me mudei para Nova York, ele era meu vizinho e estudamos juntos todo o período escolar.

— Hey *Pumpkin* — eu o chamava de abóbora por conta dos seus cabelos ruivos.

— Boo, chegou bem? — Chase me chamava de Boo, nós éramos como irmãos.

— Sim! Você não acredita no que me aconteceu.... — a partir daí narrei

para ele toda a minha trajetória até chegar ao hotel.

— Porra! Não acredito que você se desentendeu com o Hurron. Rosie, toma cuidado com esse cara, ele pode te escorraçar do hotel.

— Relaxa, ele não pode fazer nada. Isso pegaria muito mal para ele. Eu sou a líder da Big Blue, tudo que ele fizer a mim será usado contra ele.

— Então toma cuidado para não brigar com o Sebastian, eu vi que ele está aí também pelas redes sociais.

Sebastian era um fanático por futebol americano como eu, só que no caso ele tinha dinheiro para bancar o fanatismo, ao contrário de mim que era uma torcedora pobre.

— Eu tomei alguns calmantes, não vou brigar com ninguém.

— É mesmo? Imagina se não tivesse tomado.

— Engraçadinho, eu vou desligar porque está na hora do jantar.

Nos despedimos e eu saí do quarto para jantar. Me senti um pouco isolada por comer sozinha no hotel, então logo voltei para o meu quarto. Fiquei um tempo perdida no celular, vendo vídeos do jogo passado e depois fui ao banheiro tomar banho. Antes de entrar no chuveiro, dei uma checada no espelho. Tiro o boné e deixo meus cabelos loiros caírem em meus ombros. Aperto minhas bochechas pensando que elas poderiam ser menores.

Mamãe dizia que se eu usasse lápis de olho ou um rímel, meus olhos castanhos claros se destacariam mais. Ela já chegou a me presentear com várias maquiagens, mas eu não tinha sequer vontade de me pintar.

Beleza natural, papai dizia que eu era bonita sem precisar dessas coisas. E eu acreditei nele, até agora. Será que se eu colocasse um pouco de cor no rosto seria uma boa ideia? Balancei a cabeça, deixando essas ideias de lado. Levanto o queixo, evidencio meu nariz empinado e digo a mim mesma: Sou o que sou. Preciso me aceitar.

Perco um bom tempo no banheiro, adorando a sensação da água quentinha



no meu corpo. Ao sair, caminho até o quarto com uma toalha na cabeça e outra no corpo.

Abro minha mala e percebo que eu havia trazido somente o necessário, camiseta, calça jeans, tênis, meias, sutiã, uma necessaire... espere, cadê minhas calcinhas?

Revirei a mala toda e não encontrei sequer uma calcinha. Meu Deus, como eu fui esquecer esse item essencial? O.k., eu podia dormir sem calcinha, mas e no dia seguinte? Logo cedo eu ia ver o aquecimento dos jogadores, não ia ter tempo para comprá-las.

Não posso ficar sem calcinha a viagem toda! Ainda era dez da noite e o Walmart estava aberto, então, o jeito era sair sem calcinha até o mercado. Visto um shorts e uma camiseta. Deixo os cabelos ainda molhados, caindo nos ombros, e calço o meu tênis antes de sair do quarto.

Puta merda, como fui esquecer um item tão essencial?

No térreo vejo Dante Hurron saindo em direção à porta. O que ele estava fazendo fora do quarto a essa hora da noite? Havia um jogo importantíssimo para o dia seguinte e ele devia estar no quarto dele, vendo o jogo passado para bolar uma boa estratégia para amanhã, ou melhor, ele já deveria ter feito isso e ter ido para a cama bem cedo!

Sigo ele somente para ver aonde o meliante ia. Dante fica em frente ao hotel, como se estivesse esperando por alguém.

Não me segurei. Não acreditei que ele ia sair a essa hora da noite! Isso ia atrapalhar completamente o desempenho dele no jogo. Fico à espreita, observando. Um Porsche se aproxima, uma loira o dirigia.

Chocada!

O safado está indo transar?

Ele vai ferrar com os Giants de novo! Esse filho da mãe estava tendo um péssimo desempenho ultimamente por conta das suas noitadas. Ah não, eu

não posso deixar isso acontecer, não mesmo.

Pela Big Blue, pelo emprego que eu perdi, pelos anos de dedicação como torcedora, pelos Giants, eu tenho que interferir!

Não me segurei. Saí do meu esconderijo e antes que Dante entrasse no carro eu intercedi, entrei na frente dele e disse:

— Aonde você pensa que está indo?

Sim. Eu disse isso. E no mesmo momento me arrependi. A mandíbula dele se contraiu, seus olhos se estreitaram.

— Sai da minha frente. — Falou ainda mantendo a calma.

— O que você está fazendo, garota? — A mulher do carro questionou.

— Fala com a minha mão, querida — respondi a ela. — O assunto é com o *egoman*.

Ela resmungou, mas a ignorei, estava impassível.

— Você é alguma fã maluca? Depois eu te dou um autógrafo, mas agora eu preciso sair, então, com licença... — ele tocou meu ombro, mas me mantive forte.

— Não vou sair.

Ele se projetou na minha frente.

— Bryana, dá uma volta no quarteirão, eu vou resolver esse pequeno problema e te encontro em breve. — Ele estava determinado a se livrar de mim, mas não seria tão fácil.

— Ah. você não vai sair hoje! Vai estragar o jogo de amanhã — falei desesperada.

— Quem é você para me dizer o que eu tenho que fazer?

— Eu sou a fã número um dos Giants, e sei que o time precisa de outro quarterback. Você é um irresponsável!

— Eu vou chamar a segurança e te escorraçar desse hotel.

— Ah é? — Não me prostrei a sua frente. — Então eu vou gritar, logo vai

estar todo mundo aqui querendo saber o que aconteceu, o técnico vai te matar.

— Eu estou perdendo a paciência com você. — Ele me mediu com o olhar.

— Volta para o hotel e eu te deixo em paz.

— Quem vai voltar para o hotel é você.

— Vai me obrigar?

— Vou... — seus olhos queimavam, mas eu não deixei que os meus perdessem a força.

Não tive como fugir. Ele me encurralou com seu corpo extremamente forte. Perdi o ar na hora. O contato de suas mãos com meu corpo me deixou em choque. Hurron me pegou no colo e me jogou por cima do ombro dele. Fiquei sem reação diante do seu toque. Todo meu corpo se tencionou.

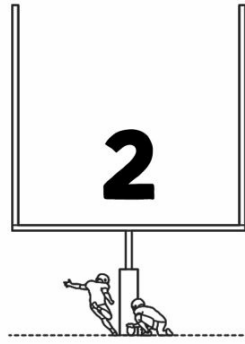
Meus olhos se arregalaram.

Perdi a voz.

Fui pega de surpresa com seu contato forte e decidido.

Senti o cheiro dele. Gostoso, intenso. Sem querer, me senti como se estivesse derretendo mais do que manteiga.

Mais de cem caixas me trouxeram não só para o Super Bowl, mas também para o colo do quarterback dos Giants, *Dante Hurron*.



**ZERO A ZERO**



## Capítulo 2

Tive vontade de dar um tapa na minha cara e na dele, na minha porque eu parecia que estava em transe por não conseguir abrir a boca. E nele, obviamente, por ser tão irresponsável e invasivo. Quem deu a liberdade para que me pegasse no colo?

Dante me colocou no chão e me olhou severamente quando disse:

— Vá para seu quarto e não me siga.

Abri a boca, estupefata.

Não o segui. Vejo o *trepador* sair pela recepção vitorioso. É claro que eu queria amarrá-lo no pé da cama para que não prejudicasse o time no jogo, mas não era com gritos que eu conseguiria fazer isso. Mudei meu rumo, precisava falar com o técnico, mas não tinha ideia de como fazer isso. Como vou descobrir qual é o quarto do Randy? E se eu descobrisse, como ia bater na porta e contar que o quarterback saiu para transar?

Droga.

É melhor deixar isso para lá, tentar ferrá-lo pode acabar me prejudicando. Espero que seja somente uma *rapidinha*.

Voltei para meu quarto preocupadíssima com o jogo. Apesar de todos estarem apostando nos Giants, os Buffalo Bills estavam com garra para vencer desde que a temporada começou. O único consolo que eu tinha é que, pelo menos, se perdermos, vou ter visto o show do Justin Timberlake no intervalo.

No dia seguinte, acordei cedo para tomar o café da manhã do hotel, tomei um banho, vesti um conjunto de moletom escuro. Amarrei meus cabelos bem no alto. E é claro, não esqueci de colocar meu boné da sorte.

Logo que cheguei na área do café da manhã do hotel, vi que muita gente acordou mais cedo do que eu. Os jornalistas, jogadores, membros da equipe

do futebol, todos já estavam terminando o café da manhã, menos uma pessoa: Dante Hurron.

É melhor ele estar dormindo ou eu vou matá-lo.

Avisto Carrie Salisbury tomando seu café e quando ela me vê, dá um sorriso indicando para que eu sente com ela. Com a aparência impecável, os cabelos louros e ondulados dela estavam soltos, uma bela maquiagem evidenciava seus olhos azuis e um terninho preto a deixava muito sofisticada.

Realmente ela tem disposição pela manhã. Eu mal acordei e tenho que checar se não estou com o olho sujo.

— Bom dia, Rosalie, dormiu bem?

— Bom dia, Carrie. Confesso que não dormi muito, estou muito ansiosa para o jogo.

— Não se preocupe, o Buffalo Bills não tem chances contra os Giants.

— Eu sei, confio nos Giants, mas o Buffalo Bills não está aqui para perder, com certeza eles vão com tudo.

— Nós temos o melhor quarterback dessa geração, o que tem para dar errado?

O que tinha para dar errado acabou de sentar-se à mesa ao lado do treinador. Parece que ele não dormira no hotel, já que trajava a mesma roupa da noite anterior. Tive que me segurar para não fazer um escândalo. Bancar a louca na frente de tantos jornalistas era pedir para jogar minha imagem na lama.

— Posso ir ao treino mais tarde? Não vou conseguir ir com a van, pois tenho que ir ao Walmart. — Lembro-me de perguntar.

— Do que você precisa?

— De calcinhas, eu esqueci de trazê-las, estou sem desde ontem à noite.

— Você está sem calcinha?! — a Salisbury falou alto demais, em um tom suficiente para que a mesa ao lado ouvisse.

Na mesma hora Dante Hurron me olhou com um sorrisinho canalha. A capacidade que meu rosto tinha de ficar vermelho foi duplicada, eu devia estar parecendo um tomate bem maduro, que tinha acabado de ser pisado.

— Oh, me desculpa, acho que falei alto demais — ela diminuiu o tom —, sem problemas, você pode ir depois, vou deixar avisado para que te liberem na entrada, o.k.?

— Ótimo, obrigada. — Falei com a cabeça baixa, pois ainda não tinha coragem de levantar minha face.

— Não vai tomar café da manhã? Tem opções ótimas aqui. O bacon está uma delícia, bem crocante. — Ela pega uma tira de bacon e a morde em seguida.

Só levantei porque meu estômago estava roncando, caso contrário, teria ficado sentada na cadeira até todas as pessoas irem embora. Peguei a minha coragem motivada pelo estômago vazio e me levantei rumo à mesa de café da manhã.

A primeira coisa que fiz foi pegar um prato e colocar ovos e bacon e, quando eu estava prestes a pegar mais uma salsicha, percebi uma figura masculina se aproximar.

— *Então você está sem calcinha....* — o moreno sussurrou.

Pude sentir na mesma hora cheiro de álcool exalando dele. Eu tinha um nariz muito apurado.

— Então você está de ressaca — não me deixei abater pela provocação.

— Não, eu estou muito bem.

Virei-me com o prato em mãos, completamente irada.

— Você está louco? Como pôde dormir fora ontem à noite?

Ele riu.

— Por acaso você é minha esposa? Não sabia que eu era casado.

— Não — quase perdi a fala pela falta de argumento —, mas como fã dos

Giants eu tenho que zelar pelo time.

Ele balançou a cabeça e me ignorou. Pegou um prato e começou a se servir com ovos. Não me contive e fui atrás.

— Você não sabe o quanto eu dei duro para estar aqui hoje, não vou deixar que um idiota mulherengo como você estrague tudo.

— O quê?

— Você não tem condições de ir para o treino, precisa dormir.

— Eu já te disse que você não é ninguém para mandar em mim.

— Ah, é? Bom, então eu vou contar para todo mundo aqui onde você estava ontem à noite.

— Você não ousaria... — sua mandíbula contraiu.

— Quer pagar para ver?

O olhei muito séria. Eu era capaz de fazer um escândalo se fosse preciso, mesmo que significasse pagar de louca. Ah, eu faria! Ainda mais para tirar aquele sorriso irônico do rosto dele.

Dizem que se uma pessoa te olhar nos olhos por mais de seis segundos, essa pessoa quer te matar ou fazer sexo com você. Definitivamente, nós dois queríamos matar um ao outro naquele momento.

— Filha da pu... — não deixei que ele completasse a fala, peguei uma salsicha e enfiei na boca dele.

A salsicha estava bem quente e ele teve que engoli-la, mastigando a raiva.

Blue Wicks 1 X 0 Hurron.

— Agora que estamos entendidos, você vai tomar um bom banho, depois vai tomar um café bem forte, que eu mesma vou pedir para servirem em seu quarto, e depois vai descansar. E só à tarde vai para o treino.

Levantou as sobrancelhas.

— É sério que acha que pode mandar em mim?

— Posso. Se não estiver disposto, vou dar uma palavrinha com o técnico.



Bufou. Meneou a cabeça e fez um gesto como se estivesse batendo continência:

— Sim, capitã.

Piscou.

Debochado.

— Qual é o seu quarto?

— O que pretende?

— Só me diga.

— Quarto 69, último andar.

— Não seja idiota.

— Estou falando sério.

Semicerrei os olhos. Ele pegou um muffin salgado e me deu as costas.

Voltei para a mesa e encontrei Carrie curiosa.

— Parece que virou amiga do Hurron.

— Me sentei ao lado dele no avião.

— É sério? Dizem que ele não gosta de sentar-se ao lado de ninguém.

— E não é que Dante abriu uma exceção para a fã número um dos Giants?

— Segurei a aba do meu boné em um aceno para o Hurron, que estava olhando em nossa direção.

Aparentemente ele estava dando uma desculpa para o treinador para não ir ao treino e foi para o seu quarto, conforme eu mandei. Realmente estou adorando ser obedecida, posso me acostumar com isso.

— Vai esfriar hoje à noite, não se esqueça de se agasalhar. — Ela me avisou.

— Pode deixar.

A combinação de ovos, bacon, panquecas e salsicha estava incrível. Há meses eu não tomava um café decente. Meu pai me fez comer cereal no café da manhã todos os dias, sozinha. Até tentei fritar um bacon certo dia, mas ele

me pegou no pulo e o saboreou na minha frente.

Mesmo sendo fã dos Giants, meu pai achava que eu estava passando dos limites por conta da promoção, a realidade é que eu estava louca mesmo, mas tinha a certeza de que ia ganhar. Pois é, papai, eu ganhei, e quando eu voltar para casa vou doar as caixas de cereal, não aguento mais os flocos crocantes.

Assim que terminei de comer me despedi de Carrie e subi para o último andar. Tinha que me certificar de que Dante iria descansar e não sair para badalar novamente. Bato no quarto meia nove rezando para ser o certo, porque se não fosse eu bateria em cada porta à procura do mentiroso.

A pessoa do outro lado abre a porta, com uma toalha cobrindo as partes de baixo e com o corpo ainda molhado ele colocou o braço na porta, impedindo que eu entrasse. Meu Deus, Dante tem *o corpo*. *Que abdômen, que bíceps....*

Senti um calor vindo debaixo até chegar às minhas bochechas.

— O que você quer?

— Estou aqui para me certificar de que você vai descansar e ir ao treino da tarde. — Me concentrei em seu rosto para não olhar para a parte debaixo.

Riu.

— *Stalker*, você não pode agir apenas como um fã normal e me pedir um autógrafo ou uma foto?

— Não, não posso — passo debaixo do seu braço quase dando de cara com a porta, ele segura na minha cintura a fim de me capturar. — Eu não vou deixar você estragar o jogo, o Vince Lombardi Trophy (Troféu do Super Bowl) tem que ser nosso.

— Garota, será que eu tenho que chamar a segurança?

— Não me chame de garota, meu nome é Rosalie Wicks. Será que eu vou ter que chamar o técnico para termos uma conversa? — Ameacei tentando me desvencilhar daquele braço forte. Porra, ele está me barrando com um braço só.

Seu braço afrouxou e eu entrei.

Blue Wicks 2 X 0 Hurron.

Percebo logo de cara que o quarto dele era muito melhor que o meu, a cama gigantesca ainda estava arrumada porque o cafajeste não dormiu no hotel, havia uma janela gigante com vista para a cidade e uma decoração minimalista.

Sentei-me na cama e liguei para a recepção.

— Olá, bom dia, eu gostaria de pedir um café bem forte, waffles com calda de chocolate e um analgésico, por favor. Ótimo, obrigada. — Desliguei o telefone e encontrei Dante parado e com os braços cruzados à minha frente.

— Você vai mesmo ficar aqui?

— Vou.

— Então eu vou fingir que você não está — dito isso ele soltou a toalha de seu quadril e ela caiu no chão.

Meus olhos se arregalaram. Involuntariamente eles baixaram para o que estava em evidência naquele corpo musculoso. Droga, eu odeio tanto o fato de ele ser gostoso pra caramba. É praticamente um crime ser tão bonito!

Não posso nem pensar no que eu vi. Não, não posso. *É bem interessante...* Quer dizer, eu não vi nada! Eu não vi nada! Vou repetir isso mentalmente até que a imagem do seu pênis saia da minha cabeça.

Coloquei a mão nos meus olhos que estavam me traindo.

— Eu sou uma piada para você? — Resmunguei.

— *Punchline*, talvez você seja a parte mais engraçada de uma piada.

— Olha aqui — me levantei na mesma hora, retirando a mão do rosto.

— O quê?

Desconcertei-me porque ele estava nu, perdi completamente a linha de raciocínio. Dei meia-volta e me sentei do outro lado da cama, de costas.

— Se troque, tome seu café da manhã, descanse e eu vou embora.

Cerrei os punhos, segurando a forte irritação misturada com a vergonha que senti. Isso vai ter troco.

Blue Wicks 2 X 1 Hurron.

Por sorte ou azar, depende do ponto de vista, ele se trocou na minha frente. Fingi que estava tampando o rosto, mas na realidade eu estava vendo tudo. Pouco depois o serviço de quarto chega com o meu pedido.

— Waffles com chocolate? Eu não como doces, é contra minha dieta.

— Chocolate é bom para a ressaca, é a melhor receita, então coma.

— Eu não estou de ressaca.

— Não? Pois já te vi apertando sua têmpora várias vezes, sinal que a dor de cabeça está forte.

Ficou calado, pois não tinha argumentos.

— Pedi um analgésico na recepção, veja, está bem ao lado do café.

Ele tomou o analgésico e bebeu o café forte sem reclamar. Depois, contra sua vontade, comeu os waffles.

— Gostou?

— Muito doce.

— É essa a intenção.

— A massa é muito seca, a calda de chocolate está dura demais. Não é bom.

— Uau. Pensei que você fosse um jogador de futebol, não um crítico culinário.

— Sou exigente com o que eu como.

— É mesmo? Do que você gosta? — Fiquei curiosa, eu amava a gastronomia e queria muito me especializar nisso, embora o dinheiro para bancar qualquer curso seja inexistente.

— Gosto de comida bem-feita, apenas isso.

—Humm, alguma em específico?

Ele pareceu pensar antes de dizer:

— Tomates. Gosto de tomates.

— O quê? Tomate é muito abrangente, não há algo feito com tomates que você goste?

— Não, apenas gosto de tomate.

— Ai, meu Deus, você é tão estranho.

Levantou-se e foi ao banheiro, voltou um pouco depois e começou a fazer flexões.

— Não era para você descansar?

— Não consigo dormir fora do horário.

— Mas você precisa, vai estar exausto até às seis e meia.

— Não vou. Já fiz isso algumas vezes e nunca tive problemas.

Fiquei irada, mas não tinha como obrigá-lo a dormir, ou dormir por ele. O exibido aproveitou para mostrar que conseguia fazer flexão com apenas um braço, alternando entre eles. Depois começou a correr no lugar com o joelho alto e depois se apoiou na cama para fazer tríceps. Fiquei cansada só de ver.

Enquanto ele fazia tudo isso, tomei uma xícara de café.

— Você tem bastante disposição, não tem treino à tarde?

— Tem, mas preciso manter minha mente ocupada. — Vi suor escorrendo pelo seu rosto.

— Já bolou estratégias para o jogo?

— Sim, *capitã*.

— Então acho que meu trabalho está feito. — Me levantei da cadeira e fui rumo à porta. — Não saia do quarto até a ressaca passar, ficarei de olho em você. — Dou meu aviso antes de abrir a porta, ele apenas me olha sem se dar ao trabalho de me responder.

Sei que posso parecer louca, mas estou zelando pelo time.

Vou até meu quarto pegar minha carteira e depois saio rumo à entrada do

hotel para pedir um táxi até o Walmart. Estava tão preocupada com o quarterback que quase me esqueci das minhas calcinhas.

Entro no carro e pouco depois já estou com as calcinhas compradas, aproveito e dou uma volta no Walmart, pois adorava mercados. Penso em ir para o treino, mas desisto quando percebo que já está perto da hora do almoço e os jogadores provavelmente já deveriam ter voltado para o hotel. Logo no hall de entrada vejo Dante Hurron indo em direção ao restaurante, no entanto, ele para quando me vê, de braços cruzados, como uma estátua.

Caminhei como se estivesse com um peso nos meus pés. Odiava quando as pessoas me encaravam, ainda mais ele, era óbvio que queria me desconcertar. Aproximando-me, levantei o queixo fingindo superioridade de tal forma que não enxerguei um degrau à minha frente. Porra, desde quando tem um degrau perto dos elevadores?

Não deu outra, tropecei e quase caí de cara no chão, literalmente fiquei de quatro na frente do Hurron. A minha sacola com as compras voou até o pé dele. Se alguém procurar vergonha no dicionário vai achar abaixo o meu nome.

Ele estendeu a mão para me ajudar a levantar, mas neguei e dei conta de me levantar sozinha. Resolveu espiar quando estava prestes a me devolver a sacola com meus pertences, quase voei em seu pescoço, mas ele me barrou com seu braço.

Blue Wicks 2 X 2 Hurron.

— Wow, calcinhas de vovó, acho muito sexy.

— Idiota, me devolve isso.

Ridículo.

— O.k. O.k., não precisa ficar brava, toma — me devolveu assim que percebeu pessoas saindo do elevador.

Putá merda. Meu próprio corpo me traiu, realmente eu sou uma piada.

O olhei de cara feia e corri para não perder o elevador.

— Hey, segura para mim, por favor.

A pessoa dentro do elevador o segura e logo me dou conta que é Joshua. Ele dá um sorriso logo que me vê. Ficamos sozinhos.

— Obrigada — retribuí o sorriso.

— Parece que você e o Hurren estão se dando bem.

— O quê?

— Vi vocês conversando de manhã e agora, parece que o mal-estar durante o voo passou.

— Ahh, você não imagina o quanto. — Fui sarcástica, mas acho que ele não percebeu.

— Que bom, ele pode ser difícil de lidar às vezes. Até hoje não tivemos uma boa conversa.

— E você, está ansioso para o jogo? — Quis mudar o assunto, estava cansada do *egoman*. A porta se abriu no primeiro andar e eu a segurei.

— Um pouco, se ganharmos o jogo vai ser o meu primeiro título.

— Nós vamos ganhar, tenho certeza. Boa sorte hoje. — Pisco para ele antes de soltar a porta.

— Nos vemos depois... — disse antes que a porta se fechasse.

No meu quarto, tomo um banho e finalmente visto uma calcinha, feia, mas muito confortável. Não quis almoçar, pois havia comido demais no café da manhã e isso estava me causando uma bendita indigestão.

Mando uma mensagem para meu melhor amigo, enquanto estou deitada na cama, tentando melhorar o mal-estar repentino.

*“Hey Pumpkin, o que está acontecendo de bom por aí?”*

Não demora muito para que ele me responda.

*Pumpkin (Chase): “Nada demais, Boo, hoje é meu aniversário de namoro com a Jass e eu estou pensando no que fazer, ela pediu que eu a*

*surpreendesse.”*

Jasmine Khalikur é a namorada de Chase desde o ensino médio, e além de ser incrivelmente linda, ela também é uma megera. Não que eu não goste dela, na verdade, é ela que não gosta de mim. A garota tenta de todas as formas sabotar minha amizade com o ruivo, mas falha miseravelmente toda vez que pede para que ele escolha entre mim e ela.

Sinceramente, eu não sei por que os dois ainda estão juntos. As brigas são mais constantes do que os beijos. Os dois planejavam desde o ensino médio cursar a NYU juntos e se mudar para um apartamento próximo à faculdade, no entanto, a falta de dinheiro estava postergando o plano do casal. Na parte da manhã Chase trabalhava com meu pai na oficina e na parte da noite ele trabalhava como garçom em um restaurante, tudo na tentativa de ganhar dinheiro e conquistar esse sonho.

Já da parte de sua namorada, eu não via tanto empenho, já que ela só trabalhava quando lhe convinha. Ela ajudava a mãe no salão de beleza da família, mas passava mais tempo cuidando da vida do seu namorado do que efetivamente trabalhando.

*“Leve ela para jantar.”*

*Pumpkin (Chase): “Ela disse claramente que não quer mais do mesmo, fizemos isso anos seguidos”.*

Revirei os olhos. Que menina enjoada, ela sabia que ele não podia gastar, pois estava economizando para a faculdade.

*“Cinema? Teatro?”*

*Pumpkin (Chase): “Ela rejeitou ambos.”*

*“Então eu não sei.”*

*Pumpkin (Chase): “Eu também não, e dia 14 é dia dos namorados, ou seja, estou ferrado 2 vezes esse mês”.*

*“Faça algo simples, o que importa é o amor, certo?”*



*Pumpkin (Chase): “Você está certa, Boo. Preciso trabalhar, depois me mande notícias”.*

Mandei um *emoji* de cansada por não ter dormido bem na noite anterior, coloquei o celular para despertar depois do horário de almoço, pois não queria perder o treino da tarde, e no fim das contas, precisava ficar de olho no Hurrón.

Acordei horas depois sentindo que havia levado uma pancada na cabeça, de tão fora da realidade que eu estava. Levo alguns segundos para entender que estou em um hotel e não na minha casa. Entro em pânico quando vejo a hora.

Meu Deus! Eu dormi demais!

A porcaria do celular nem para despertar! Mas é claro que não ia, a idiota aqui esqueceu de ativar o alarme e só definiu o horário. Não tenho tempo para nada, coloquei o boné por cima do meu cabelo desgrehado, corri para o banheiro, lavei o rosto em segundos, escovei os dentes e calcei o tênis a seguir.

Visto o moletom dos Giants, um cachecol e estou pronta.

Desci correndo como se estivesse correndo uma maratona e encontro logo na entrada Carrie extremamente aflita.

— Rosalie! Ainda bem que você apareceu, íamos sair sem você.

—Desculpa Carrie, eu dormi demais, tive uma indigestão.

— E você está melhor?

— Estou.

— Então vamos para a van, menina, você precisa tirar algumas fotos por conta da promoção.

— O quê?! — Me espantei. Ninguém tinha me avisado, olha o estado que estou! Pareço uma louca com a cara toda amassada pelas horas de sono.

— Isso mesmo que você ouviu — ela disse enquanto entrávamos na van.

Tirei o boné e fui ajeitando meus cabelos com as mãos na tentativa de parecer mais apresentável. Mas vejo que é melhor ficar com o boné, pois o cabelo não estava nada bom. Chegamos rápido ao estádio e Carrie logo me puxou para tirar foto com os patrocinadores, essa sou eu, nada mais do que a garota da promoção.

Tirei foto até mesmo com o técnico e, quando penso que está acabando, vejo Dante Hurron aproximando-se. Ele ainda está com um conjunto de moletom do time.

— Hey, garota Corn's, agora vamos tirar uma foto com o quarterback. — O fotógrafo disse.

— Não, eu dispenso.

— Você não tem escolha. — O cara atrás da câmera não estava para brincadeiras.

Hurron me olhou com desprezo e colocou as mãos no bolso ao ficar ao meu lado.

— Rosalie, mais para a direita, perto dele, por favor, não tampe o logo da Corn's. — Continuou a me corrigir.

Aproximei-me levemente. O fotógrafo fez cara feia e eu me aproximei mais, com medo dele jogar a câmera na minha cabeça. Quando estávamos próximos na medida do possível, sem que nos matássemos, sinto meu boné sair da minha cabeça, não era nenhum vento ou fantasma — antes fosse, e sim, o bendito do ser que estava ao meu lado. Meu cabelo bagunçado cai pelos meus ombros e ele solta uma boa risada.

— Acho que vou ficar com isso, é um favor que estou te fazendo.

— O quê? Você não pode, é meu!

Ele ignora minhas palavras e sai andando com o boné na cabeça dele. Eu fiz a coisa mais sensata do mundo que foi correr atrás dele, mas, muito mais rápido que eu, ele entra no vestiário.

— Se você não devolver o meu boné eu vou entrar aí — gritei. E ia entrar mesmo, mas fui impedida por Carrie.

— Rosalie, é o vestiário masculino, o que está pensando em fazer?

— Eu? Nada....

— Sei que você é uma fã, mas isso você não pode fazer.

— Mas.... — ia me defender, mas fiquei envergonhada pela repreensão.

Blue Wicks 2 X 3 Hurron.

Fui para o meu lugar na arquibancada ainda com raiva demais. Lá encontro alguns conhecidos da Big Blue. Ficamos conversando e fizemos até mesmo um bolão, todos acreditavam na vitória dos Giants, só estávamos apostando o placar. Confiei no time e apostei que ganharíamos com folga.

Meu coração começa a palpitar à medida que se aproxima o início do jogo. Já peço um cachorro-quente e uma Coca-Cola quando a fome aperta, mesmo tendo passado mal horas antes, sentia que meu estômago estava ótimo de novo.

— O rei da NFL, Dante Hurron é o nome do jogo — o narrador falava.

— Mas o Running Back, Joshua, está tendo um bom desempenho nos últimos jogos, é um nome para se lembrar. — O outro narrador interpõe.

— É o que veremos.

Sempre tem um puxa-saco nesse meio. O posto de rei de Dante estava em crise.

À medida que os jogadores entravam a torcida gritava, eu como nunca, gritei igual a uma louca. E obviamente vaiei o outro time quando entraram.

Antes de começar o jogo vi no Instagram de Sebastian uma foto dele no estádio, com uma máscara de cachorro, e com a seguinte mensagem:

*“A matilha da Filadélfia não entrará em campo hoje, mas toda a nossa torcida será contra os Giants”*

Filho da mãe! Por conta de os Giants terem acabado com a chance deles

de vencer essa temporada, os torcedores estavam a pleno vapor contra nós. A temporada toda eles usaram máscaras de cachorro, pois tinham a fama de serem Underdogs (azarões). Os Eagles foram considerados o lado mais fraco ao longo do ano, mas quase chegaram à final e só não conseguiram por nossa causa.

O Instagram do Sebastian era aberto ao público, e eu tive que conferir se ele ia mesmo para o jogo, não queria ter o desprazer de encontrá-lo sem estar preparada para isso. No entanto, com a máscara de cachorro, ele podia ser qualquer pessoa que eu encontrasse por aí. Permaneci alerta o tempo todo por conta disso.

Foi decidido na moeda que nosso time ia começar. Vibrei.

A partida começa com o Kicker (jogador que entra em campo somente para chutar a bola). E a partir daí meu coração não saiu mais da minha garganta, a cada jarda percorrida, a cada passe, a cada erro ou acerto eu ora vibro, ora xingo.

Por dentro eu estava morrendo de aflição, por fora eu gritava e parecia muito confiante. Dante estava fazendo um jogo o.k., nada muito arriscado, Joshua estava dando o sangue no jogo, Noah não conseguia fazer muito bem as defesas, era melhor o técnico substituí-lo logo.

O time adversário estava com muito mais garra para vencer, e isso estava deixando meu coração cada vez mais apreensivo.

— Porra, Hurron! Que vacilo — resmunguei quando vejo o passe dar errado.

Esse idiota não soube bolar as estratégias para o jogo e isso estava ferrando com o time. Foram muitos momentos de aflição até que chegou o momento do intervalo. A minha vontade era descer da arquibancada e dar um chacoalhão no quarterback, mas me contive.

Os outros jogadores estavam indo bem, mas precisavam de um

direcionamento melhor.

Pedi mais um cachorro-quente e mais um refrigerante enquanto Justin Timberlake entrava no palco.

Putá que pariu, eu quero uma *amizade colorida* com esse homem. Aliás, quem não quer?

Consegui aproveitar um pouco da música enquanto me matava de comer, a apreensão com o jogo me deixava com mais fome do que nunca. Embaixo, na outra fileira, Tom Goodwin, um dos grandes torcedores dos Giants, me ofereceu chocolate, e obviamente eu não neguei.

Tom estava fazendo um dos maiores sacrifícios financeiros de sua vida para estar no jogo. Há anos ele economiza para ver o Super Bowl, e só conseguiu vir porque sua avó faleceu ano passado e lhe deixou um bom dinheiro.

Meu amigo era muito sozinho, não tinha namorada, pois possuía dificuldades para conseguir por conta de sua aparência. Era muito magrelo, tinha muitas espinhas, mesmo tendo passado da puberdade, e sempre era muito zoadado pelas mulheres. Por conta disso, sua vida era totalmente focada no futebol.

— O Hurron está perdendo o posto de rei, não acha? — Perguntou.

— Parece que sim, ele perdeu o foco nos últimos jogos.

— O que será que está acontecendo com ele?

— Não sei, mas se ele não tomar um rumo, nós teremos que agir — deixei a ameaça em aberto. A influência da torcida era muito forte, nós comandávamos e o Hurron sentiria esse peso em breve, se não melhorasse.

De volta ao jogo, Noah está fora e foi substituído por Clark Donovan, que lida melhor na defesa logo nos primeiros minutos de jogo. O Hurron acordou para a partida e estava dando duro e em pouco tempo o placar se tornou acirrado. Na linha ofensiva, um dos jogadores fez um bom bloqueio contra a

defesa, impedindo-os de subir no placar.

O jogo estava ficando cada vez mais emocionante, eu só conseguia ficar em pé e analisar cada passe, cada jarda percorrida, cada snap, tudo que era possível dos meus olhos capturarem. Era o momento de decisão, estávamos no 4º quarto quando o quarterback do time adversário fez um passe bem-sucedido, resultando em um Touchdown.

O placar era de 32–26 para os Bills. Era tudo ou nada, os Giants tinham que dar o sangue para ganhar.

Gritei alto quando em um excelente passe do Hurren, Joshua marca um Touchdown.

As esperanças cresceram novamente, vamos ganhar, vamos ganhar, eu tenho certeza disso. Sinto meu coração bater cada vez mais forte, a adrenalina subir por todo meu corpo, meu rosto ficando vermelho, a euforia, a emoção, tudo não cabia dentro de mim.

Ah. Não. O passe do time adversário foi tão rápido que mal deu tempo dos meus olhos acompanharem, eu estava tão presa à emoção de vitória que, quando dou conta do que se sucedeu, já era o fim.

O Buffalo Bills pontua com um Touchdown.

Gritei de indignação.

Juntei as mãos e comecei a rezar apreensiva. Não é possível que eles vão ganhar! Falta pouco para acabar o jogo, precisamos de um milagre!

Respiração acelerada, mãos suando, minha cabeça já não pensa mais, estou trabalhando só com a adrenalina no meu corpo. Sinto a decepção me preencher quando os Eagles pontuam pela última vez.

Placar final:

Buffalo Bills 41 x 33 New York Giants

Que droga. Senti lágrimas prontas para me desestabilizarem. A torcida adversária gritava, os jogadores pularam uns em cima dos outros

comemorando. Só consigo ver os Giants saírem derrotados do gramado.

Não podíamos ter perdido, nós deveríamos ser os campeões da Super Bowl!

Demoro para sair dali, estava triste demais. Quando percebo que perderia a van se não fosse logo embora, decido levantar-me.

Andei no automático, não conseguia esboçar nenhuma reação.

Decepção.

Não.

Não pode ser.

Minha mente está congelada no jogo. Isso não pode ser uma derrota. Depois de tudo que eu fiz para chegar aqui, tive que brigar com meu pai, gastar todo meu salário, e comer mais cereal do que eu pensei que fosse capaz.

Saímos por um portão para não cruzar com a torcida adversária, visto que as torcidas não se davam muito bem. Carrie me orientou previamente para que eu esperasse a van do lado de fora, não avisto a van, por isso fico esperando na esquina.

Apesar dos Bills terem dado tudo de si no jogo, eu sabia que o Hurron podia ter ido melhor, pelo menos no primeiro tempo, isso teria nos dado uma boa margem para o segundo tempo. Mas com certeza as prioridades na vida dele estavam invertidas.

Senti-me extremamente isolada esperando a van, pois não havia mais ninguém esperando ali, será que iam demorar muito? Espero tremendo de frio, olhando no celular e mandando mensagens no grupo da torcida com a análise do jogo. Muitas pessoas passavam por mim, até que avistei três homens com máscara de cachorro se aproximando.

Senti um frio percorrer toda minha espinha.

— Ora, ora, se não é a líder da Big Blue.

Vi os cabelos loiros do homem que estava no meio.

— Sebastian — reconheci de imediato.

— Rosalie, queremos te levar para um passeio, vamos comemorar o título.

— Vai para o inferno.

Ignorando meu xingamento, os dois garotos que estavam ao lado de Sebastian me pegaram pelo braço. Comecei a espernear, um deles tapa a minha boca para que eu não gritasse.

— Só vamos comemorar, nada melhor do que levar a líder da torcida rival para brindar com a gente. — Sebastian se aproxima ficando bem de frente a mim.

Mordi a mão do rapaz, e ele soltou minha boca.

— Não quero, então me deixe em paz.

— Vamos lá, Rosalie, leve na esportiva.

— Hey! Soltem ela, ou eu vou chamar a polícia — alguém disse, a polícia estava a uma quadra de distância, pois sempre estavam a postos para qualquer emergência.

Na mesma hora me soltaram e eu vi quem me salvou.

A pessoa à minha frente trajava um moletom e tinha o meu boné dos Giants na cabeça, ele estava com o rosto abaixado para não ser reconhecido, parece que o Hurren se fingiu de torcedor para fugir da mídia.

Os três *Underdogs* sumiram rapidamente.

— Vamos sair daqui — ele me puxou pelo braço.

— O quê? Eu não vou a lugar algum.

— Você pretende ficar e encontrar com aqueles filhos da puta de novo?

Engoli em seco.

Decidi segui-lo para onde quer que ele fosse.

Mesmo calado, percebi sua agitação, ele andava muito rápido, retorcia as mãos com raiva. Meu coração ainda estava apertado pela derrota, e vê-lo



assim me deixou ainda mais triste. Não demora muito para encontrarmos um carro na próxima quadra. Ele entra e eu me sento no banco do carona, ajusta o retrovisor antes de ligar o carro.

— Obrigada por me salvar... — tenho que agradecer.

Ele ficou quieto, estava consternado.

Não sabia para onde estávamos indo, talvez para o hotel, por isso permaneci calada até perceber que não estávamos a caminho.

— Para onde estamos indo?

— Eu não sei.

— Como assim não sabe?

— Porra, eu só preciso esfriar a cabeça.

— E você vai esfriar a cabeça como? Sem rumo desse jeito?

— Fica quieta.

— Eu não vou ficar quieta, você foi um irresponsável ontem, não teve um bom desempenho nos dois primeiros quartos e me pede para ficar calada? — A angústia que sentia se transformou em raiva.

— Só fique quieta.

Fiquei indignada. Só tínhamos um culpado no meio disso tudo e ele estava agindo como uma criança mimada.

Suspiro irritada.

— Está fugindo como um covarde.

— Porra! — Dante aumenta a marcha e olha no retrovisor. — Tem um paparazzo nos seguindo.

Ah não!

Não posso de forma alguma ser vista com um jogador de futebol, vai parecer que eu sou aquelas fãs que fazem de tudo para dormir com um deles. Não, não, não... Não dá.

— Então acelera, está lento demais.

Pisou fundo no acelerador e sem que o carro atrás esperasse, virou para a direita, entramos em uma estrada não pavimentada.

Continuamos andando sem rumo até percebermos que não havia mais ninguém nos seguindo. O Hurreon parou o carro na estrada e saiu, assim, do nada, levando a chave com ele. A minha indignação só crescia.

Estávamos no meio do nada, já era tarde, escuro, só havia mato à nossa volta, onde esse idiota está com a cabeça?

— O que você está fazendo?

— Eu só preciso respirar sem que você fique entrando na minha cabeça.

— Respira no hotel, não no meio do nada.

— Me dá uns minutos. Entra no carro.

Quis protestar, mas celebridades têm suas peculiaridades. Era melhor não o contrariar ou esses cinco minutos virariam horas. Entrei no carro, pois meu nariz estava muito gelado. Com o frio que estava e a criatura tinha essa coragem de ficar lá fora.

Peguei meu celular e percebi claramente que não tinha sinal algum. Revirei os olhos e olhei para fora, esperando que percebesse logo a idiotice que estava fazendo. O que demorou mais tempo do que deveria.

Dante retornou, percebi seu rosto bem avermelhado por conta do frio e os olhos um pouco perdidos.

Não falei nada, não tinha o que falar, apenas fiquei quieta, pois queria ir para o hotel descansar e esquecer esse dia desastroso.

Logo me dei conta que esse pesadelo de dia estava longe de acabar quando percebemos que o carro não queria ligar. O som de engasgo era bem característico.

Praguejei.

Era só o que me faltava.

Vejo pelo painel que ainda tem muito combustível.

— Deve ser algum problema na bateria — resmunguei saindo do carro.

— O que você vai fazer? — Perguntou saindo do carro comigo.

— Vou ver qual é o problema.

Fez um gesto de desdém.

— Meu pai é mecânico, conheço algumas coisas.

Ele deixou que eu olhasse, mas sem acreditar muito. Baixei o capô do carro desacreditada com o que percebi.

— É a bateria, além da temperatura estar baixa, está na hora de trocar, não vai funcionar.

— Putz. — Passou a mão na nuca, pensativo.

— Onde você arrumou esse carro? Que porcaria, um jogador tão rico como você não podia arrumar um carro melhor?

— Eu subornei um segurança na saída do vestiário e pedi o carro dele, só queria sair daquele inferno sem que me notassem, os repórteres estavam como abutres em cima de mim.

Voltei para dentro do carro morta de frio. Parecia que a temperatura tinha abaixado ainda mais.

Dante pegou o celular para também constatar que estava sem sinal.

Reiniciei meu celular várias vezes na tentativa de o sinal voltar, mas nada. Estávamos enclausurados no carro, respirando um ao outro.

Argh.

Blue Wicks 0 X 0 Hurron.

O placar zerou.

— Mas que merda! Hoje você só está fazendo merda, Hurron.

— Um carro vai aparecer, para de resmungar, Rosie.

— Rosie não, para você é apenas Rosalie. Não te dei intimidade.

Ele ignorou o que eu disse e encostou a cabeça no banco do carro, cruzou os braços e fechou os olhos.

Decidi pegar meu boné de volta já que ele baixou a guarda. Quando estou prestes a encostar na aba, sua mão segura a minha, estava muito gelada.

Ele abre os olhos que estão mais verdes do que nunca e encara os meus.

— Vou ficar com o boné como forma de agradecimento por ter te salvado. Fiquei sem reação.

— Parece que você está com frio.

Claro, idiota, meus lábios não estão tremendo porque você me tocou.

— É óbvio que estou.

— Quer se esquentar?

— O quê?

O que ele estava insinuando? Puxo meu braço de sua mão imediatamente.

— Já ouviu falar em calor humano? É a melhor forma de se esquentar.

Minha garganta ficou seca, engulo a saliva com dificuldade. Senti minhas bochechas queimarem. Devo estar tão vermelha quanto minha conta no banco.

— Prefiro morrer de frio a encostar em você. — Fui certa na resposta.

Os cantos de sua boca se elevaram. Ele não acreditou no que eu disse.

— Preciso descansar, estou com sono, me acorde se alguém aparecer — disse e se moveu para o banco de trás. Deitou-se no banco e fechou os olhos, fingindo que estava dormindo.

Fiquei atenta, rezando para um carro aparecer, mas nada até então.

Olho para o banco de trás e percebo que o Hurrón está tremendo de frio. Sua pele está mais pálida do que nunca, os lábios finos tremiam. Senti um pouco de compaixão, mas também, por que esse idiota ficou tanto tempo lá fora?

Já imaginei a notícia em todos os jornais:

*“Quarterback dos Giants morre por hipotermia.”*

Pior, já imagino eu sendo a culpada por não o ter socorrido.

E foi assim que fiz uma coisa sensata, porém perigosa. Pulei para o banco de trás com dificuldades, o que o fez levantar de imediato.

Ergueu a sobrancelha.

— O que está fazendo?

— Vou te esquentar... — essa frase saiu mais idiota do que eu pensava.

— Não precisa, estou bem. — Se fez de difícil cruzando os braços.

— Vai se fazer de difícil agora?

Quanto mais ele olha para mim, mais constrangedora fica a situação.

Bufou e se aproximou, encostamos um no outro, gradativamente, como se tivéssemos medo de nos tocar, ou dar a impressão errada de que queríamos isso para outro fim. Um fim sexual.

Abracei seu corpo trêmulo. Ele se empertigou, reagindo ao meu toque, fiquei alguns segundos tentando me acostumar com a sensação de tocá-lo. Era *perto demais*.

Perto o suficiente para que eu sentisse uma atração.

Estremeci.

Enclausurados, presos naquela aproximação, demos um pulo nos afastando quando alguém bateu no vidro do carro.

— Hey, o que vocês estão fazendo?

Ai, meu Deus!

Dante abaixa o vidro e nos deparamos com um guarda.

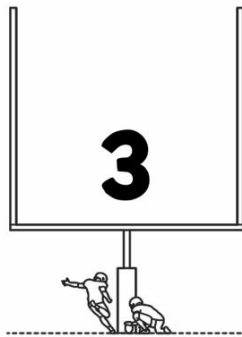
Não sabia onde enfiar a cara.

O que podíamos dizer?

Pânico.

Antes que o Hurron abrisse a boca, eu disse:

— Não é nada disso que você está pensando, seu guarda, estamos no *zero a zero*, ele não pegou nos meus seios, não fizemos nada!



**ALTO, MORENO E SENSUAL**



### Capítulo 3

Como eu pude abrir a boca no momento mais inoportuno possível?

*Estamos no zero a zero...* De onde eu tirei isso? Cérebro, eu sou uma piada para você? Por que eu não penso antes de falar? Ridícula, ridícula, ridícula! Será que posso virar a garota invisível agora?

Meu devaneio é interrompido pelo policial com a lanterna em nossa cara, primeiro ele me olhou atentamente, depois mirou a luz para a minha companhia. Um espanto surgiu imediatamente no rosto dele ao reconhecer a figura à sua frente.

— Você é o rei da NFL, Dante Hurron!

Envergonhado, o reizinho somente confirma com a cabeça.

— Porra, não acredito nisso, ainda bem que eu troquei a vigia com o Peter, ele vai ficar mordido quando souber... — O policial ficou todo feliz, mas logo se deu conta de que é um profissional e fechou a expressão limpando a garganta. — Preciso que vocês saiam do carro, imediatamente.

Esgueirei-me para fora do carro e mirei o olhar para o chão, como se estivesse procurando por uma moeda perdida, o Hurron saiu juntamente comigo, bufando de raiva e de frio.

— O que estavam fazendo?

*Eu já falei, idiota, não fizemos nada.*

Antes que eu falasse qualquer bobagem, Dante fez um gesto com a mão para que eu ficasse quieta e se manifestou:

— O carro morreu, policial, não conseguimos sair daqui e o sinal dos celulares é péssimo, para não morrer de frio só estávamos tentando arrumar uma forma de nos esquentar... — Pigarreou.

A autoridade à nossa frente não parecia acreditar muito, mas em alguns segundos um sorriso despontou no rosto dele:

— Cara, o jogo hoje foi foda, sei que precisava esfriar a cabeça depois de tudo... Eu sou um fã, não nego, os Giants mereciam ganhar, mas a vida tem dessas coisas, o time jogou bem. Vou dar um desconto para vocês e uma carona para casa. — Deu um tapinha nas costas de Dante.

— Obrigado, o senhor está salvando nossas vidas.

— Não me chame de senhor, me chame de Bruce, como o Batman.

Não estamos em Gotham City, mas parece que fomos salvos de alguma forma pelo *Batman*.

Minutos depois estávamos no carro do policial, ele ficou o tempo todo fazendo perguntas para Dante e ignorou o fato de que eu estava lá, graças a Deus, queria passar uma borracha na minha vergonha.

— Amanhã, logo cedo, peço para o reboque levar o seu carro até você, mas se lembre de fazer a revisão, esse carro não era nem para estar andando por aí.

— O carro não é meu, peguei emprestado do segurança do estádio.

— Estava fugindo?

— Sim, é difícil lidar com a pressão pós-derrota.

— Pensei que fosse mais corajoso, filho, seja o rei na derrota ou na vitória.

— É isso aí Batman, quer dizer, Bruce.

Encolhi-me. Eu não ia ficar quieta?

— Pronto, vocês estão sãos e salvos — parou em frente ao hotel.

— Não sei como agradecer... — Dante articulou. Eu já estava abrindo a porta para correr dali.

— Posso ter uma bola autografada?

— Claro. Devo mandar entregar na delegacia?

— Desde que seja pessoalmente, o delegado vai ficar louco em te ver por lá.



— Eu vou amanhã cedo, antes do meu voo de volta para Nova York.

— O.k., se cuida, filho, e dá próxima vez não fuja de suas responsabilidades.

— Obrigada por nos salvar. — Saio fechando a porta do carro.

— Boa noite. — Respondeu. — E ah, não deixa a mocinha no zero a zero, ela parece interessada em você — ele falou mais baixo para Dante, mas eu ouvi.

Mordi a boca, mordi meu ego, mordi a vergonha. Saí pisando duro, sem olhar para trás. Era verdade que eu senti uma faísca de interesse por Dante, mas foi coisa de segundos, pelo simples fato de estarmos próximos demais, calor humano, qualquer pessoa ficaria atraída. Qualquer pessoa! Eu não sou imune, mas passou, passou.

Apertei o botão do elevador para ir para o primeiro andar, no entanto, quando vi o Hurrón se aproximar, decidi ir pelas escadas.

— Está fugindo de mim agora é? — Perguntou vindo em minha direção.

— Não estou fugindo, só quero dormir e esquecer do pesadelo que foi o dia de hoje. — Subi o primeiro degrau, mas ele me interceptou.

— Interessante o que você disse para o policial.

Desvencilhei-me e voltei a subir as escadas.

— Não me lembro.

— Ah, por favor, vai se fazer de desentendida?

— Eu tenho uma memória fraca, esqueço das coisas rapidinho.

Dessa vez ele me parou com as mãos, segurando meu corpo. Virei-me imediatamente para dar um tapa nele, mas congelei com a visão do seu sorriso.

— Posso te lembrar — afirmou, perto demais. Segurando-me de uma forma muito firme, como se já conhecesse minhas curvas.

Meu rosto se tornou o tom da vergonha, escarlate.

Perdi o ar, deixei que ele tomasse meu fôlego para dizer:

— Você queria que eu subisse minhas mãos, queria que eu te tocasse — ele continuou com as mãos em minha cintura, mas não as subiu, ficou me encarando e esperando que eu dissesse algo.

Por que ele tinha que ser tão bonito? Minha vida seria tão mais fácil se ele fosse feio. Ou se não possuísse um cheiro bom, se seu sorriso não fosse tão encantador e se tivesse mau hálito, qualquer coisa que pudesse me salvar desse transe.

— Eu... Eu... — balbuciei. De alguma forma que queria tentar voltar à razão para me salvar dos braços daquele deus grego.

— Como foi que você disse mesmo? Que eu nem peguei em... — Ele subiu as mãos tão lentamente, de uma forma tão cruel, brincando com a minha lucidez.

Quase caí da escada, sentindo meu corpo todo à mercê de suas mãos. Engoli minha saliva, eu claramente estava babando por aquele idiota.

— Eu podia realizar o seu desejo... — Sussurrou em meu ouvido, meu corpo enrijeceu — mas eu não saio com fãs... Ainda mais alguém como você, *que é uma piada...*

O encanto se quebrou como um galho sendo pisado em meio ao silêncio. Meu cérebro acordou. De novo, de novo eu ia cair na lábia de um jogador, será que eu não aprendo nunca?

— Eu não sou uma piada, idiota! — O empurrei forte, o peguei desprevenido fazendo com que perdesse o equilíbrio e caísse escada abaixo. Não foram muitos degraus, não matei o quarterback, apenas lhe dei uma lição.

Levantou-se rápido, puto da vida, xingando de tudo quanto é forma.

Vitoriosa, subi o restante das escadas correndo e fui direto para meu quarto, Dante não me seguiu. Engoli meu orgulho ferido ao me deitar em

minha cama. Essa situação só me fez lembrar que eu não devo baixar a minha guarda com jogadores.

Na adolescência, último ano do colegial, eu me relacionei com o quarterback do nosso time da escola e ele me tratou da pior forma possível. Perdi minha virgindade no banco de trás do carro dele e no dia seguinte fui trocada pela líder de torcida, tudo foi uma grande brincadeira para o jogador. Depois disso, jurei que nunca mais ia deixar que alguém esmagasse meu coração como ele esmagou, e que nunca mais me relacionaria com outro jogador, afinal, eles eram traiçoeiros e mulherengos.

Quase fui infectada novamente pelo vírus chamando jogador de futebol bonito, mas, por sorte, nunca mais o veria, não pessoalmente.



*Um ano depois...*

Papai, vovô, Chase e eu estávamos reunidos na sala para assistirmos o Super Bowl LIII, desta vez, os Giants não conseguiram ir para a final, não tiveram condições de chegar muito longe porque o bendito do quarterback estava arruinado. No último jogo que perdemos, a Big Blue fez um coro pedindo a demissão dele, é claro que a vaia foi puxada por mim, não que fosse pessoal, nada disso, nem lembro mais do que aconteceu entre nós, a questão estava totalmente ligada ao profissionalismo que ele não tinha.

Não o vi mais nem mesmo no voo, pois não apareceu. E obviamente, por sermos de mundos diferentes, não nos encontramos mais cara a cara. Só o via

nos jogos sendo um péssimo jogador.

No último jogo, eu e a Big Blue saímos no jornal, eu como porta-voz anunciei que queríamos a saída do quarterback, pois só assim o time teria chances de ser campeão na próxima liga.

— Eu aposto no Los Angeles Rams — Chase puxa as apostas.

— Sem chance de eles ganharem, o jogo já está ganho pelo New England Patriots — refuto.

— No ano passado você apostou tudo nos Giants e eles perderam.

— Não quero lembrar disso. — Meu estômago embrulhava só de recordar.

— A Rosie está certa, os Patriots ganham — meu pai me apoiou e vovô fez o mesmo a seguir.

Olhei com deboche para Chase.

— Eu não vou desistir, aposto nos caras. — Segue firme em sua decisão.

— O que você aposta? — Pergunto querendo colocar dinheiro na jogada.

— Aposto as gorjetas dessa semana.

— Fechado.

— Espera, se eu ganhar, vou querer aquela bola que você conseguiu pegar no estádio. — Tive a sorte de agarrar uma bola que saiu do campo há alguns anos e consegui pegar o autógrafo dos jogadores dos Giants no voo de volta para casa.

Hesito.

— Ficou com medo agora? — Provoca.

Papai e vovô riram se divertindo com a nossa brincadeira.

— Não. Eu aceito — estendo a mão para selar nosso acordo. Meu amigo estende a dele e selamos a aposta, ambos extremamente confiantes.

Estávamos comendo frango frito enquanto o jogo passava, no intervalo a partida ainda estava acirrada, peguei cerveja e distribuí para meu pai e vovô,

sendo ajudada pelo meu melhor amigo. No intervalo, Jasmine ligou para Chase possessa por ele não poder sair. O ruivo a deixou dando chique e pegou mais salgadinhos para comermos.

De volta ao jogo, o touchdown terrestre de 2 jardas mais o ponto extra colocou os Patriots em vantagem, deixando Chase em desespero por estar prestes a perder o dinheiro que apostou. Os Rams não conseguiram lidar com a desvantagem e o Field goal do Gostkowski cravou a vitória dos Patriots.

Comemoro gritando por ter ganhado a aposta.

— Porra — o perdedor se lastimou.

— Não chore, você deveria ter previsto que ia perder, eu sou a rainha das apostas.

— O.k. O.k. Você ganhou. — Levanta as mãos anunciando a derrota.

— Uhuul, o Tom Brady não me decepçiona — grito comemorando. — Vê se faz um bom trabalho essa semana que quero boas gorjetas, hein? — Dirigi-me a Chase, que estava com as mãos no rosto por conta da derrota.

Vovô e papai riram e logo foram deitar enquanto arrumávamos a cozinha.

— Apesar de eu ter perdido a aposta, foi divertido vermos o jogo juntos. — Meu amigo coloca a louça na pia.

— Muito, ainda mais por eu ter ganhado. — Dou de ombros jogando os sacos de batatinha no lixo.

— Senti sua falta no Super Bowl ano passado, aliás, por que não fala muito da viagem?

— O quê?

— Você chegou toda muda e não quis entrar em detalhes.

— Ah... É porque nós perdemos. Só isso.

— Sério?

— É claro, para de bancar o detetive.

— Algum jogador te faltou com respeito? — Foi astuto na pergunta,

olhando direto nos meus olhos. Chase sabia do incidente do ensino médio, não que eu tivesse contado, porque morria de vergonha, mas sim porque toda a escola ficou sabendo.

— Não, claro que não. Eu só tinha muitas expectativas que foram quebradas com a derrota, só isso.

Abro a torneira para começar a lavar a louça.

— O.k. E você não acha que está sendo extremista com sua perseguição ao Hurron? Saiu em todos os jornais que a torcida quer a cabeça dele.

Na manchete estava estampado meus colegas de torcida e eu segurando uma faixa escrita: “*Fora Hurron*”. Fiquei em evidência por ser a principal incitadora.

— E queremos mesmo.

— Desiste, não vão tirar o cara, ele é o rei da NFL.

— Pois esse rei vai perder o posto, para deixar de ser um babaca mulherengo.

Não. Não era pessoal. Faço isso pelo Giants, pela Big Blue. E daí se fosse por mim? Ele merecia!

Chase foi embora tarde da noite, pois ficamos conversando e mal vimos o tempo passar enquanto tomávamos chocolate quente. Apesar de nos vermos todos os dias, por trabalharmos no restaurante, ainda tínhamos muito o que conversar.

Quando voltei de Minnesota, fiz uma entrevista através da recomendação de Chase para o restaurante em que ele trabalhava, a Tasty House, era um lugar muito badalado em Nova York, além de boa comida, tinha uma excelente carta de cervejas e vinhos.

Obviamente, eu queria um emprego na cozinha, nem que fosse para lavar pratos, pois de alguma forma isso me traria para mais perto do meu objetivo. De imediato, a gerente do restaurante negou, afinal, o cargo de Plongeur

— um nome chique para quem lava os pratos — já havia sido preenchido, cheguei tarde demais. Por sorte, ainda havia uma vaga de garçoneiro para integrar a equipe, não era o ideal, mas já era alguma coisa.

Fiz amizade rápido com o pessoal do restaurante, menos com o chef, pois o via com pouca frequência. Ele sempre estava na cozinha focado demais no trabalho, supervisionando cada um, e o caos era tanto que mal dava tempo para cumprimentá-lo. Thomas Pearce, era dono e chef do restaurante e muito conhecido no ramo. A gerente, Clare Bauer, era uma grande amiga que ele tinha desde a infância, e que nutria uma forte paixão por ele, fiquei sabendo de tudo isso por Kaylee Dawson, a Pâtisserie do restaurante. Em momentos de folga colocávamos a fofoca em dia.

Toda a equipe do restaurante era muito simpática, menos a Subchef de cozinha, Alana Pearce, prima de Thomas e a garota mais entojada que já conheci. Ela andava pela cozinha fingindo superioridade e dando opinião em tudo. A garota fingia que eu não existia, pois era insignificante demais para ela.

Megera à parte, eu estava pronta para me aproximar do chef e pedir um estágio, já que o estagiário que tínhamos estava prestes a sair, pois ia se mudar para outra cidade após seu casamento.

Como segunda-feira era folga no restaurante e eu tinha que acordar bem cedo para um evento com a torcida, dormi cedo e acordei no dia seguinte completamente disposta. Após o Super Bowl, começava o sistema de *waivers*, que nada mais é do que demissões de membros dos times da NFL. O que pode ou não acontecer nos Giants, mas se dependesse da torcida a demissão do Hurren era certa.

Faço o café da manhã para o meu avô e para o meu pai antes de sair de casa, preparo ovos e bacon para meu pai e para o vovô deixo uma salada de frutas, pois ele precisava controlar o colesterol, algo que ele já furou no

domingo por comer frango frito.

Encho um copo com bastante café e pego um ônibus em destino ao metrô. Eu estava muito determinada, pois dificilmente algo me faria acordar tão cedo e passar por um trajeto tão longo, em plena segunda-feira, do Brooklyn até o MetLife Stadium (Estádio dos Giants), local onde a torcida combinou de se encontrar. Não pude ir de carro, papai não quis me emprestar.

Distraí-me lendo um livro de receitas no caminho até que finalmente estou em Nova Jersey, não demorou muito a chegar ao meu destino, e logo desço do metrô. Combinei de encontrar Tom Goodwin na estação para caminharmos até o estádio juntos. Logo o encontro no desembarque perdido no celular, reconheci imediatamente por conta do seu cabelo mal cortado, eu morria de vontade de dizer para ele fazer um corte mais moderno.

— Hey Tom! — Grito para que ele acorde e me veja no meio daquela multidão indo trabalhar.

— Rosie! — Ele levanta a cabeça e me avista. Caminhamos seguindo o fluxo de pessoas para a saída.

— Ainda bem que você veio, pensei que ia dar para trás — falo quando já estávamos na rua.

— Eu não queria te decepcionar, mas eu realmente estou em dúvida. Será que não devemos dar uma chance ao Hurrón?

— Na liga do ano passado nós prometemos dar mais uma chance a ele, chance que o bendito desperdiçou esse ano, faltando nos treinos e indo jogar de ressaca!

— Você tem razão, mas será que a gente vai conseguir destronar o rei?

— Não sei, ele é muito forte, é praticamente o rosto da NFL, mas pelo menos hoje vamos fazer uma pressão.

— Se ele for demitido é capaz de outro time pegar ele.

— Não tenho dúvidas, mas aí já não é mais problema nosso.



Caminhamos em silêncio por alguns minutos até que meu colega expôs:

— Me desculpa, mas eu tenho que dizer que você está linda hoje.

Fui pega desprevenida.

Linda? Onde? Estou com várias camadas de roupa para não morrer de frio e meu rosto pela manhã é carregado de irritação, fico extremamente carrancuda, tenho dó de quem cruza comigo na rua.

— Obrigada... — respondi ao elogio com um sorriso amarelo. — Hey, o pessoal já está em frente ao estádio — mudo rápido de assunto quando avisto muitos membros da Big Blue.

Esperamos para atravessar a rua e logo estamos do outro lado. Steve Wood, membro fiel da torcida caminhou até nós. Ele não era tão fã do time quanto eu, mas odiava Dante Hurren na mesma intensidade. Ajeitou os óculos de aros retangulares pretos e passou a mão no cabelo grisalho antes de nos cumprimentar.

— Hey pessoal, os jogadores já estão lá dentro, chegaram mais cedo do que nós.

Era do nosso conhecimento que o time dos Giants se reunia no estádio após o fim da temporada, Randy gostava de promover esse encontro para deixá-los a par da próxima temporada.

— Sem problemas, vamos começar fazendo pressão através da imprensa. Você se lembra que queremos uma abordagem pacífica, certo? — Alerta, pois da última vez quase fomos escoltados pela polícia.

— Claro, só vamos pressionar o treinador.

Não demorou muito para que a imprensa aparecesse, pois já sabiam de antemão que íamos ao estádio, Steve soltou a notícia nas redes sociais e rapidamente tomou uma grande proporção. Só esperávamos que isso não assustasse o Hurren e ele não aparecesse.

Recusei a aparecer na entrevista com a imprensa, pois papai havia me

proibido, já Tom aproveitou a atenção e falou com a jornalista que estava me infernizando.

— Por que vocês querem a saída de Dante Hurron? — Ela questiona.

— Porque acreditamos que ele está sendo muito irresponsável nesse último ano, desde o Super Bowl de 2018 ele não é mais o mesmo.

— E quem vocês querem que o substitua?

— Queremos o Joshua Rodriguez.

— O Running Back?

— Sim, o desempenho dele é excelente.

Perdemos toda a manhã na frente do estádio, fizemos uma boa cena em frente às câmeras pedindo a cabeça do quarterback, já cansados, com fome e indispostos para gritar mais uma vez “*Fora Hurron*”, Randy McGraw decidiu aparecer na frente do estádio no meio de seguranças.

A imprensa ficou alvoroçada.

— Olá pessoal, eu quero pedir para que tenham calma.

— Queremos o Hurron fora — alguém puxa o coro.

— Randy, Randy, você vai ceder à pressão da torcida? — Um jornalista pergunta.

— Randy, é o fim do reinado do Hurron? — Outro pergunta.

— Dante é um bom quarterback, só está passando por uma fase difícil.

— Bebidas e mulheres são uma fase difícil? — Grito.

O treinador claramente ficou desconfortável.

— Conversei com ele, muitas coisas mudaram.

— Randy...

— Randy...

— Randy...

Continuaram o alvoroço com as perguntas, mas o treinador encerrou toda a confusão indo embora. Aos poucos os jogadores foram deixando o estádio,

e por fim, o mais esperado por nós, Dante Hurrón acompanhado do seu pai e empresário, Jordan Hurrón, saiu.

Ali estava ele se escondendo embaixo de um boné, não queria colocar a cara a tapa. Espera, aquele boné era conhecido, não era um simples boné, era o meu boné! Que descarado!

— Dante, Dante! — Gritaram os jornalistas, os seguranças impediam todos de se aproximar. Ele passou na minha frente, mas não olhou para mim e nem para mais ninguém, por um momento senti pena, não é fácil ser odiado por uma multidão. Será que estávamos pegando pesado?

Não. Não estávamos. Só de lembrar do momento em que ele disse que eu era uma piada, o rancor dentro de mim tomava conta de cada centímetro do meu corpo. O idiota era ainda debochado o suficiente para usar o meu boné! Relíquia de família, ah não, eu ia pegar esse boné de volta, nem que fosse à força. Não agora, se não os seguranças vão me barrar, mas em algum momento eu vou.

Aos poucos a multidão se dispersou, e antes de ir embora fui almoçar com Tom e Steve.

— Acho que nossa manifestação não funcionou — Steve fala depois de pegar seu cachorro-quente.

— É claro que não vai funcionar, mas o ponto principal nós já conseguimos, desestabilizamos o quarterback, o técnico deve ter dado uma prensa nele, se o Hurrón não tiver um bom desempenho na próxima temporada, com certeza será o fim dele nos Giants. — Argumento. — Destronar um rei não é fácil, não acontece de uma hora para outra. — Mordi o meu lanche que estava delicioso.

— Você tem razão.

— Uma pena não nos vemos mais agora que vai começar a OffSeason — o Goodwin suspira. A Offseason é as férias da NFL que duram sete meses.

Sim, sete meses sem meu precioso futebol, tempo que pretendo dedicar somente ao restaurante, esse ano eu ia agarrar o estágio como os jogadores agarram a bola.

— Tenho que dizer que foi muito divertido esse tempo que passamos promovendo o boicote ao Hurron — Steve confessa.

— Não vamos perder o contato. Venham jantar na Tasty House qualquer dia, a comida é excelente.

— Nós vamos — concordaram.

— E ah, não se esqueçam de dar uma boa gorjeta para mim.

Riram. Mal sabiam que eu não estava brincando.

Brindamos nossa despedida com refrigerante e voltamos para Nova York de metrô no meio da tarde.



Sáímos em todos os jornais, a nossa manifestação foi discutida por toda a semana nos canais esportivos e sensacionalistas. Muitos nos chamaram de desocupados, pois em plena segunda-feira de manhã estávamos em frente ao estádio badernando. Vamos lá, eu sou muito trabalhadora, Tom trabalhava como motorista da Uber, por isso tinha horários flexíveis, Steve tinha uma pequena empresa de seguros, logo não precisava cumprir horários como seus funcionários, e fora os outros membros da torcida, muitos tinham folga, alguns não precisavam cumprir horários, outros simplesmente estavam desempregados mesmo, mas isso não dava o direito da imprensa dizer que éramos desocupados.

— Você já deveria ter parado com isso — papai adverte enquanto assistíamos ao jornal.

— Faço isso pelos Giants.

— Você não precisa cuidar dos Giants, existe a NFL para isso.

— Eles estão cegos pelo pseudorrei.

— Mas que implicância é essa que você tomou pelo garoto de uma hora para outra?

Faço-me de ofendida.

— Implicância? Eu não tenho implicância com ele.

— Aconteceu alguma coisa na viagem? Ele te faltou com respeito?

— Imagina, papai, ele nem falou comigo — menti.

Olhou-me com desconfiança, aquela cara de que sabia que eu escondia algo, mas sabia também que eu não contaria.



Passei a semana trabalhando como louca no período da noite no restaurante, de manhã eu estudava por conta própria, a expectativa que eu tinha era entrar no estágio e conseguir pagar a *Institute of Culinary Education*, um dos melhores cursos de culinária do país.

No sábado fiquei em casa sem perspectivas de sair, meu melhor amigo estava com a namorada, papai e vovô estavam ocupados com a oficina e eu fiquei testando uma receita de cupcake de baunilha, no entanto, a massa acabou ficando pesada demais, mas não podia desperdiçá-los e levei alguns para a casa de Chase, papai precisava controlar o diabetes e vovô estava na dieta.

Encontrei Morgan, irmã mais velha do meu amigo, preparando um café, eu havia avisado de antemão que passaria em sua casa. A Morgan era tão bonita

quanto o Chase, os cabelos ruivos eram curtinhos na altura do queixo, uma franja curta acima da sobrancelha lhe dava um ar de modernidade. Minha amiga sempre foi popular por sua beleza, mas também era pela sua inteligência.

Chase possuía apenas Morgan como família. Por perderem os pais em um acidente de carro há cinco anos, os dois tiveram que se virar sozinhos. Morgan acabou conseguindo uma bolsa para estudar psicologia, recém-formada, ela começou recentemente a pós-graduação em terapia sexual.

Sentamo-nos para tomar o café da tarde enquanto conversávamos.

— O Chase saiu com a namorada, foi buscá-la no salão de beleza, sinceramente eu não sei por que eles ainda estão juntos. — A irmã cutuca o namoro.

— Eles se gostam, estão juntos desde o ensino médio.

— Não sei, acho que ela o mantém como refém. Sabe... — toma o café antes de continuar. — Eu jurava que vocês um dia iam acabar juntos.

— O quê? — Quase queimo a língua.

— Não se faça de desentendida, você já me confessou que teve uma quedinha por ele.

Ela me pegou. Sim, eu meio que já me interessei pelo meu melhor amigo, mas isso foi na pré-adolescência, tínhamos onze anos e ele era tão bonitinho, o cabelo ruivo, os olhos azuis e o fato dele ser a única pessoa com quem eu conseguia conversar na escola ajudou com a minha paixonite, sentimento que durou um tempo até ele ter seu primeiro beijo e me contar. Primeiro amor, primeira decepção, engoli esse sentimento que logo passou a não existir mais e aqui estamos nós, firmes e melhores amigos.

— Confesso, mas isso foi há muito tempo.

— Lembra quando você veio me contar que perdeu a virgindade? Eu dei uns cascudos no Chase e o coitado nem sabia o porquê.

Quando eu perdi a virgindade fiquei completamente em choque, não sabia para quem contar, todas as figuras presentes em minha vida eram masculinas, e não, eu não ia ligar para minha mãe. Acabei contando para Morgan, pois ela sempre foi muito aberta aos assuntos relacionados a sexo.

— Você achou que foi com ele, francamente.

— Teria sido melhor do que com o Kalel Combis, mas me diz, como você se deixou apaixonar por um babaca como ele?

— Ele era bonito e passávamos muito tempo juntos, pois eu era ajudante do time, o Kalel é o tipo de cara que toma a paixão como uma vitória, ele só queria me fazer de boba e conseguiu.

— E depois dele, não teve mais ninguém? — Ela pega o cupcake e o morde, esperei sua reação para saber se estava bom. — Nossa, isso está uma delícia, você recheou com um creme de morangos?

— Sim, mas achei a massa pesada.

— Está delicioso, e é isso que importa, no entanto, não mude de assunto, me conte, transou com outro cara?

— Ai, Morgan, você sabe que eu não tenho tempo para romances, minha vida é os Giants e a culinária.

— O quê? Faz dois anos! Você é praticamente uma virgem.

Enrubesci.

— Não sou virgem, lembro muito bem do meu hímen se rompendo, foi uma dor inesquecível.

— Doeu porque você não estava relaxada o suficiente.

— E quem vai relaxar em um banco apertado?

— Você tem razão, mas não acha que está na hora de tentar de novo? Não tem ninguém que te interesse?

— Homens bonitos estão em todos os lugares, mas sinceramente, tenho medo de me machucar de novo.

— Você não precisa se envolver, é sexo. Uma única experiência ainda te faz uma virgem. Não sente falta de uns amassos?

— Olha, eu tive alguns encontros nos últimos anos, mas parece que minha personalidade fanática por futebol os afugentou.

— É claro, você só sabe falar dos Giants. Me promete que no próximo encontro que tiver você não vai falar de futebol?

— Prometo, mas não há nenhum encontro eminente.

Ela fez aquela expressão de que estava aprontando.

— Bom, pois você terá, no dia dos namorados.

— O quê?

— Tenho um amigo da faculdade e eu mostrei sua foto para ele, ficou interessadíssimo.

— Morgan! — A adverti.

— Rosie, ele é bonito, gentil, tem olhos azuis, e faz crossfit. O que mais você quer?

— Eu não quero um encontro arranjado, isso é decadência demais.

— Não é não, se ele não for o amor da sua vida pelo menos vai te garantir um bom sexo.

O.k. Ela tem razão, ultimamente eu estou subindo pelas paredes, precisava de sexo, precisava saber como era estar com outra pessoa.

— Tudo bem, eu aceito, mas não pode ser no dia dos namorados, vou trabalhar e será um caos.

— Sem problemas, que dia você está disponível?

— Tenho folga na segunda.

— Ótimo, vou combinar com ele.

— Não pode me dar o contato e eu marco?

— Não! É um encontro às cegas, você só vai vê-lo no encontro.

— Está bem, está bem. Só me promete que não vai contar ao seu irmão



sobre esse encontro?

— Por que não?

— Porque ele vai ser contra, sempre fica preocupado comigo.

Olha-me desconfiada.

— Vocês dois... Não sei, deviam se assumir logo antes que se percam.

— Chega de falar da minha vida amorosa.

— Ah, lembrei de uma coisa, acho que você vai gostar!

Ela se levanta e volta depois com uma revista em mãos.

— Sabe aquele jogador que você vive falando mal? Ele saiu em uma matéria dessa revista sobre romances! — Me entrega a revista, comecei a folhear na mesma hora.

Na capa da revista “Calculated Love” estava Dante Hurrón de terno, segurando um buquê de rosas vermelhas e acima dele estava escrito “O Marido Ideal”. Ri, isso só podia ser brincadeira, como um mulherengo daquele calibre podia ser considerado um marido ideal? É uma piada.

Folheio a farsa até encontrar a matéria:

## **O Marido Ideal**

Estamos no mês dos namorados e nós, da revista *Calculated Love*, entramos em contato com o homem do momento: o quarterback dos Giants, Dante Hurrón. O bonitão abriu com exclusividade para nós que não está só à procura de uma namorada, mas sim de uma esposa! Sim Lovers, o Hurrón quer se casar!

É isso mesmo que você leu, o solteiro mais cobiçado de Nova York está à procura de uma esposa. A pergunta que não quer calar é: Quem será a sortuda? Não sabemos ainda quem, mas com certeza podemos afirmar que o quarterback é o marido ideal. Quer saber o porquê? Confira nossa lista:

### **Ele é gostoso**

Aqui na Calculated Love nós falamos a verdade sem pudores, Dante Hurron é gostoso. Que atire a primeira pedra quem não quer um maridão desse calibre.

### **Ele é gentil**

Quem não gosta de ser bem tratada? Principalmente pelo companheiro, e nós garantimos que ele é supergentil, tratou a equipe da revista com todo carinho, sempre foi amável com os fãs e com a família, imagina como ele será com a futura esposa?

### **Ele é batalhador**

Não é à toa que Dante é o homem do momento! Desde o colegial trabalhou duro no time da escola para conseguir ser contratado. Vindo de uma família que não possuía condições de custear a faculdade, ele conseguiu uma bolsa de estudos, com mérito e esforço próprio se tornou o rei da NFL.

### **Ele é charmoso**

Que ele é um galã todos sabemos, mas o charme de Hurron é além de sua beleza, seu rosto está em todos os comerciais e ele até mesmo já foi chamado para protagonizar um galã na tv. Charme Dante tem de sobra.

### **Ele é engraçado**

Fazemos questão de ter ao lado um homem que nos faça rir. E com certeza o Hurron tem esse charme, mal conseguimos concluir a entrevista, pois era impossível não rir de suas piadas, meninas, se procuram um homem engraçado, ele é realmente o ideal!

### **Ele é inteligente**

Não precisamos falar muito, Dante foi o aluno número 1 de sua escola e obteve excelentes notas na sua graduação.

### **Ele não tem uma ex-namorada**

Não, não é uma brincadeira, Dante nunca namorou, é sério, não feche a revista, o quarterback nunca esteve em um relacionamento sério. Apesar de

conhecer e ter saído com algumas mulheres, seu coração nunca foi roubado por alguém.

### **Ele é bom de cama**

Isso não podemos afirmar com toda a certeza (queríamos), mas ele garante que é bom de cama, quem se habilita a testar?

### **Ele promete ser fiel e leal**

Dante abriu para nós que vai ser leal e fiel à futura namorada. Isso só podemos confirmar no futuro.

### **Alto, moreno e sensual**

Precisa falar mais alguma coisa?

À medida que lia, arregalava os olhos e gargalhava.

Estou estarrecida. Não consegui acreditar em tudo que estava lendo, é sério isso? Que matéria mais ridícula é essa? O marido ideal? Estão de brincadeira!

— Morgan, isso é sério?

— Seríssimo, a Calculated Love é uma revista muito conceituada.

— De onde eles tiraram essas baboseiras? Quem é louca a ponto de acreditar nisso?

— Bom, pois há muitas, as meninas da minha sala estão louquinhas para ir ao próximo jogo dos Giants só para tentarem cruzar com ele.

— Elas são muito iludidas.

— Veja o twitter, a hashtag “o marido ideal” está em primeiro lugar.

Tive que conferir e tirar a prova que sim, *#omaridoideal* estava nos trendings. E a hashtag que levantamos *#foraHurron* já estava no limbo. O safado conseguiu mudar a imagem dele com apenas uma matéria inverossímil.

— Não se pode negar que ele é gostoso.

Dou de ombros.

— O Dante tirou toda a atenção da sua carreira e jogou para sua vida amorosa. Os jornais só vão falar disso agora.

— Muito esperto, mas logo todo mundo vai sacar que não passa de uma jogada de marketing.

— Seja o que for, parece que isso te afetou muito.

— O quê? Claro que não, eu não me importo com o que ele faz fora do campo. — Fico completamente ofendida.

— Está bem, vamos falar de algo que não seja sobre homens, esse cupcake está gostoso demais, me conta, como você preparou ele?

Sorri, Morgan sabia como mudar de assunto, falei de toda preparação e nesse processo me surgiu uma nova ideia para deixá-lo mais macio. Tivemos que interromper o nosso café da tarde quando me dei conta que já era tarde demais e que eu precisava ir para o restaurante.

Despeço-me da loura com a promessa que voltaria em breve com mais cupcakes.

Como um sonho não se realiza sozinho, respirei fundo e peguei o carro do meu pai, apesar de eu ter implorado por um carro, já que ele podia usar o do meu avô e transferir a sua caminhonete para mim, ele recusou com a desculpa que eu era imatura demais para ter um.

Assim que chego no trabalho visto meu uniforme e percebo uma grande movimentação, fui logo na cozinha conferir com Kaylee o que estava acontecendo.

— Ainda bem que você chegou — a morena se manifestou ao me ver.

— O que foi, por que está todo mundo correndo?

— Você não viu a mensagem no grupo do restaurante?

Tínhamos um grupo para nos comunicar, mas eu esqueci completamente de conferir as mensagens.

— Não, esqueci de checar.

— Bom, o sócio majoritário do restaurante vai vir aqui.

— O quê? Mas eu nem sabia que tinha sócio.

— Faz quatro anos que a Tasty House abriu e ele nunca apareceu, ninguém sabe quem é, só o Thomas e a Clare.

— Um sócio fantasma?

— Parece que o chefinho não queria que o restaurante tivesse fama por conta do sócio majoritário e sim pela comida, há boatos de que ele é famoso.

— É sério?

— Seríssimo.

Kaylee de repente fica rígida, mas na hora eu nem tive a esperteza de olhar para trás.

— Nossa, mas o Pearce é bem burro, por que não usar da fama do outro sócio, se fosse eu...

Minha amiga arregalou os olhos como se estivesse pedindo para eu parar de falar, mas foi tarde demais. Um frio percorreu a minha espinha quando me virei e vi o chef. Impecável com sua dólmã branca, os cabelos louros bem penteados, rosto liso e sem nenhuma barba, sério, levantou apenas uma sobrancelha quando inquiriu:

— O que faz na cozinha, Rosalie?

Sinto suor pingando de minhas costas.

Ora, eu estou fofocando idiota, não está vendo? É claro que eu não podia responder isso, mas senti vontade.

— Nada, chef, eu já estava indo para o salão. — Estava pronta para sair de fininho, quando ele me barrou.

— Ouça, preciso que você seja extremamente profissional hoje, teremos um convidado especial, mas isso você já sabe.

Dou um sorriso amarelo.

— Claro, chef, estou aqui para isso.

— Não quero você de papo com o Chase hoje, sei que são namorados, mas aqui não é ambiente para isso.

— Chef, ele não é meu namorado.

— Não? — Fez uma expressão confusa. — Não importa, só foque no trabalho, estamos entendidos?

— Sim! — Fiz um sinal de continência e saí correndo antes que fosse demitida.

Respirei aliviada no salão. Meu celular tocou avisando que chegou uma mensagem, dou uma olhada para ver se o chef não está atrás de mim e chequei a mensagem:

*“Estou muito atrasado, tem como você avisar a Clare?”* — Era Chase.

*“Claro. Mas vem correndo, hoje vai ter um cliente especial e aqui está uma loucura”.*

*“Obrigado, Boo, logo estou aí”.*

Guardei o celular e fiquei ao lado dos meus colegas garçons, Ashley Hawke e Martin Colman. Os dois exalavam seriedade, pois já sabiam desse tal cliente especial.

O uniforme dos meus colegas estava impecável, os rapazes vestiam uma calça social preta, sapato Oxford, camisa preta com detalhes em vinho. Já Ashley e eu trajávamos a mesma roupa, a diferença era que a calça era mais justa e o colarinho da camiseta tinha um laço. Todos também tinham um avental vinho na cintura.

— Hey, vocês sabem quem é esse cliente especial? — Tentei pegar alguma coisa.

— Não, só sei que nenhum de nós quer atendê-lo — Martin responde.

— Por que não?

— Já pensou se fizemos algo errado? Ele é o sócio, pode pedir nossa

cabeça rapidinho — foi Ashley que discorreu.

— Eu também estou fora. — Martin também se colocou fora de combate.

— Se é assim, eu que não vou atender esse cliente — quis me tirar dessa enrascada.

Os dois olharam para mim com os braços cruzados.

— Estamos aqui há mais tempo, então, decidimos que você vai atendê-lo.

Abri a boca para reclamar, mas logo vimos Clare vindo em nossa direção. Os cabelos castanhos dela estavam mais iluminados por conta das luzes recentes, e seus olhos extremamente azuis estavam iluminados pela bela maquiagem.

— Olá pessoal, como vocês já sabem hoje é um dia bem importante, teremos um convidado especial e por isso tudo tem que estar perfeito. — Ela checa nossas roupas e para em mim quando vê meu All Star preto, ele estava muito velho e sujo. Merda, onde eu estava com a cabeça quando calcei esse sapato? — É melhor você trocar de sapato, isso é inaceitável.

— Eu não tenho nada aqui...

— Você vai ter que se virar, peça para alguém trazer, mas não saia daqui, temos muito o que fazer — diz implacável. Perdi até o rumo depois desse tapa que ela me deu. — O que estão esperando para checarem as mesas? Quero tudo em ordem! — Ela manda e imediatamente todos se dispersam .

Aproveito o fato de ela ter ido conversar com o chef e vou para fora do restaurante. Ligo para Chase para ver se ele podia me salvar. Não podia ligar para meu pai, há séculos eu não comprava um sapato novo, e o Oxford que eu tinha estava sujo.

— *Pumpkin*, onde você está? — Pergunto quando ele atende.

— Vou sair agora do shopping, a Jass exagerou nas compras e não quis ir embora, ela está pagando a bolsa nova que comprou e logo vou deixá-la em casa e ir para o restaurante.

— Já que você está no shopping, me faz um favor?

— O quê?

— Me compra um sapato? Qualquer um, desde que seja apresentável, você sabe meu número, certo?

— Claro, eu compro.

— E não demore muito, aqui está um caos.

— Já estou indo.

Desligo a chamada e volto para o restaurante.

— Rosalie, onde está o Chase? — Clare questiona logo que me vê. Hoje ela está azeda demais.

— Ele já está chegando. — Minto.

— O.k., não fique parada, vá limpar as mesas.

Assinto e dou um sorriso falso.

Tivemos que limpar as mesas e organizá-las várias vezes até Clare acreditar que estava perfeito. Meia hora depois, com o restaurante abrindo as portas, Chase aparece com uma sacola em mãos. Respirei aliviada e fujo do olhar implacável da gerente, entrando com ele no vestiário.

— Ainda bem que você chegou, eu estava entrando em pânico — celebro pegando a sacola.

— Desculpa, a Jass ficou dizendo que nunca passo um tempo com ela e quando vi já estava preso em seu vício em compras.

— Tudo bem... — Perco a fala quando vejo o sapato que ele me trouxe. Era uma bota de camurça cano curto rosa. Isso mesmo, rosa! — Meu Deus, não acredito que você me trouxe isso.

— Desculpa, foi a primeira coisa que vi na loja de sapatos, só entrei, pedi para vendedora embrulhar e paguei.

— Uma bota rosa!

As calcei sem opção, ou era isso ou ser demitida por conta de um par de



sapatos.

— Desculpa, sei que sua cor favorita é azul, mas não é bom variar um pouco?

— Tudo bem, depois eu te pago, o.k.?

— É um presente.

— Não, eu vou te pagar — digo me levantando, me sentindo mais alta, eu nunca usava salto, muito menos uma bota de salto rosa. — Agora eu preciso correr, a Clare está insuportável, se ela me pegar de conversa com você, vai me estrangular.

Chase riu e eu fechei a porta do vestiário.

No salão, encontro com a gerente à minha procura.

— Aí está você — logo seus olhos notam minha bota. — Uau, boa troca. Agora vá trabalhar.

Fui atender um casal que havia acabado de cruzar a porta. A Tasty House ficava cheia logo que abria. Passou-se uma hora de serviço, e nada do sócio misterioso. Estava levando um pedido para a cozinha quando percebo o chef indo até a porta do restaurante. E neste momento noto quem havia chegado.

Meus olhos se arregalaram. Estarrecida, beirando ao pânico quando me dou conta de quem era.

Havia várias formas de denominá-lo, quarterback dos Giants, rei da NFL, egoman, *alto, moreno e sensual*, ou melhor, o mais novo título, o marido ideal. Lá estava ele, Dante Hurron, roubando toda a atenção do salão. Assim que vejo Thomas cumprimentá-lo e levá-lo até a mesa que reservamos para o tal cliente especial, me dou conta que ele era o sócio da Tasty House.

Fiquei em choque. É nesse momento que percebo que devo deixar o meu avental e ir embora. É claro que ele ia me demitir, eu fui a organizadora do boicote contra ele!

Dante se senta à mesa com a companhia do chef.

— Não fique no meio do salão, vá atender a mesa — Clare me cutuca.

— E-e-eu? — Balbucio.

— Você? Quem mais? Os outros estão ocupados. E nem pense em dar uma de fã louca. — Obviamente ela sabia da minha paixão pelos Giants.

Olhei cada um dos meus colegas, os danados estavam enrolando nas mesas para não ir atender os sócios. Engoli em seco, nunca senti minha garganta tão apertada, peguei os cardápios, pensando em uma estratégia para fugir, mas a Bauer ficou de olho em mim. Cada passo que eu dava era um caminho para a demissão iminente.

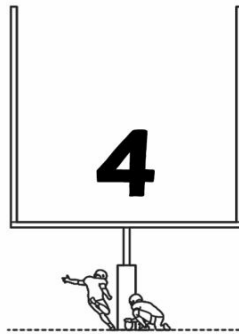
— O que deu em você para aparecer aqui? — Thomas dizia quando me aproximei, antes que Dante respondesse, com toda a cara de pau possível, fingindo superioridade, disse:

— Boa noite senhores, o que desejam?

O Hurron me encarou, piscou algumas vezes como se estivesse tentando sair de um transe, sua boca se entreabriu. A expressão de espanto em seu rosto beirava a ser cômico. Permaneci no lugar, com um sorriso cínico no rosto, fingindo estar tranquila quando na realidade o efeito dos seus olhos em mim me trazia arrepios involuntários, me lembrando da sensação de que um dia eu estive de forma acidental em seus braços.

Seus lábios finos se entreabrem quando ele pronuncia:

— Você?!



## A CINDERELA DE BOTAS **COR-DE ROSA**



## Capítulo 4

Tinha plena certeza que estava sem saída, sabia que era o meu último dia na Tasty House atendendo ninguém menos do que os donos, os maiores clientes da casa. É o meu fim, sei muito bem, mas não posso abaixar a cabeça e pedir para sair, por isso segui o ditado, já que eu estava na chuva, me molhei:

— Não entendi, senhor, você disse que me deseja? — O provoco. Sei que não é nada seguro provocá-lo, mas meu senso de humor resolveu falar mais alto.

O Hurron cerrou os punhos, Thomas estava nos olhando com total estranheza. Não só Dante estava com os olhos fulminantes, ele também ficou ao perceber a minha pergunta sarcástica.

— Perdoe, Dante, a nossa funcionária é um pouco brincalhona... Por acaso vocês já se conhecem? — O louro pergunta me dando um sermão com o olhar.

Permaneço com as mãos atrás das costas, fingindo estar muito plena.

— Essa arruaceira está tentando acabar com a minha carreira! — finalmente Hurron diz algo, parecia que ia se engasgar a qualquer momento com seu ódio.

— O quê? — O Pearce coça a cabeça.

— É ela, a líder da Big Blue, a louca que está fazendo a minha caveira para a torcida e todos os jornais.

Dou um sorrisinho sem graça, é, eu sou a arruaceira, mas que fique claro que esse sem-vergonha merece.

— É sério, Rosalie? — O Pearce se dirige a mim, esperando pela confirmação.

— Sim, eu sou fã dos Giants e isso todo mundo já sabe, por isso quero o

melhor para o time. — Respiro fundo. — Não quero me prolongar nisso, trabalho é trabalho, hobby é hobby. Vão querer uma bebida para começar, senhores? — Tento sair da força atropelando as palavras.

Dante respira fundo para não infartar.

— Pode nos dar um minuto? — A pergunta de Thomas soou mais como uma ordem.

Confirmei com a cabeça e lhes dou licença.

É isso, vou ter que voltar para a fila dos desempregados. Adeus oportunidade de estágio, adeus escola de culinária. Com a experiência zero que tenho, não vou conseguir entrar em uma cozinha tão fácil. Poxa, faltava tão pouco...

Estou parada um pouco longe deles e percebi que os olhos de gavião de Clare já me notaram, antes que ela venha me fiscalizar, Thomas chama a minha atenção. Meus passos são lentos, meu coração batia freneticamente, assim que estou de frente a eles, esperando a demissão, meu chefe pronunciou:

— Queremos duas cervejas, uma Brooklyn Lager para mim e uma Brooklyn IPA para meu amigo.

Fiquei em choque, mas consigo abrir a boca.

— Entendeu?

Limpo a garganta.

— Claro, já trago as cervejas.

Saio pisando em ovos. Caminho em direção à geladeira completamente dura. Se Dante Hurrón não pediu para me demitir, o que será que ele estava aprontando? Seja o que for, ser funcionária dele era pior que entrar na fila do desemprego.

Tremendo, pego os copos e as cervejas. No caminho até a mesa nunca me pareceu tão difícil equilibrar a bandeja. Sob os olhos dos sócios, procuro meu

abridor de garrafa no avental e o encontro com dificuldade, parecia que nada estava ao meu favor. Desastrada, acabo pegando sem querer no meio da Brooklyn Lager, e isso faz com que ela congele.

Aprendi na vida como garçonete que nunca se deve pegar uma cerveja pelo meio, e sim pelo gargalo ou pela parte de baixo, pois ela pode congelar por conta da temperatura da mão. Ou melhor explicando, aquele ensinamento de química de que as moléculas de uma substância reagem ao serem estimuladas por fatores como calor. Neste momento, a cerveja não reagiu muito bem ao calor das minhas mãos e por isso acabou passando de líquida para sólida.

Sem pânico. A demissão está dando longas voltas apenas para me torturar, eu sei o meu triste fim.

— Me desculpem, vou pegar outra — digo na mesma hora.

— Peça para a Clare verificar a temperatura da geladeira, pode estar muito baixa. É claro que isso não isenta o fato de que você não soube servir. — Thomas me descasca com suas palavras duras. O senhor *egoman* apenas observa, como uma cobra prestes a dar o bote.

Passei por Clare que estava quase me estrangulando e a alerto:

— O chef pediu para regular a temperatura da geladeira.

Ela me segue até a geladeira e me dá outra cutucada.

— Presta atenção no que você está fazendo ou pode ser sua última noite aqui.

Não me intimidei por ela, pois já havia uma cobra maior querendo me engolir. Caramba, *isso não soou muito bem*.

Vejo que Chase estava olhando preocupado para mim do outro lado do salão, por isso finjo um sorriso para tranquilizá-lo. Volto à mesa de tortura e sirvo as duas cervejas de forma correta.

— Os senhores querem pedir uma entrada ou uma porção?

— O que indica? — O Hurron dá um fim ao seu silêncio.

— Temos o... — O amigo dele começa a dizer, mas ele o corta.

— Quero que ela indique, preciso ver como está o nível dos garçons de nosso restaurante.

Touché.

Fui golpeada.

Engulo a saliva.

Compostura, Rosalie Blue, compostura. Você vai ser demitida, mas pelo menos vai sair de cabeça erguida!

— Temos a porção de dadinhos crunch, crunch, que são dadinhos de carne de porco crocante, acompanhado de um molho oriental. — Encho minha voz de confiança.

— O.k. Pode trazer essa porção — enuncia após analisar cada palavra minha.

Fiz o pedido para a cozinha e respirei o alívio por alguns minutos, até que sou chamada novamente para servir água para o reizinho. Depois voltei para o meu posto onde encontro o meu melhor amigo todo alarmado:

— Porra, quem diria que o sócio era o quarterback dos Giants?

— Estou lascada, você sabe que eu sou a líder a favor do boicote contra ele, não é?

— Merda, e agora?

— Eu quero menos papo e mais trabalho — A gerente surge pondo fim à nossa conversa.

Assim que o pedido está pronto, vou até a mesa e sirvo. Parecia muito bem feito, a fritura estava correta e o ponto da carne parecia bom.

— Os senhores já querem pedir o prato principal? — Questiono ao servir.

— Não.

Volto ao meu posto, Dante estava me enlouquecendo, me chamando várias

vezes, ao invés de pedir tudo de uma vez. Quando o talher é derrubado da mesa, voltei e lhe servi um novo. Quando o guardanapo de pano está sujo, ele me pediu outro, em outro momento pediu para trocar o copo, e em outro mais uma cerveja.

E quando finalmente ele vai pedir o prato principal, pergunta novamente:

— O que sugere?

— O peito de pato ou o filé mignon au poivre, com mil folhas de batata é uma ótima opção.

— Não gosto de pato e filé mignon é um pouco óbvio, qual a outra opção? Caralho, você não leu o cardápio?

Lembro que o digníssimo gostava de tomates, não sei como meu cérebro guardou essa informação, mas isso ia me ajudar.

— Temos o prime ribs angus com batatas soufflées e confit de tomate.

Ele levanta a sobrancelha quando pronuncio o confit de tomate, isso claramente o interessou.

— O.k. Vou querer esse prato.

— Qual o ponto que o senhor deseja?

— O ponto certo.

— Não entendi senhor, seria mal passado, bem passado, ou ao ponto?

— Eu quero o ponto certo, não entendeu? A cozinha deve saber qual.

Inspirei fundo e soltei o ar devagar.

— E para o senhor? — Pergunto a Thomas.

— Quero o pato au poivre.

— Mais alguma coisa, senhores? Já querem pedir a sobremesa para adiantar a cozinha? — jogo a indireta.

— Não. — Dante responde.

Deus, eu estava sendo testada, a minha paciência estava por um fio.

Enquanto o prato está sendo preparado, vou atender um casal, mas sou



barrada pela Bauer:

— Apenas sirva a mesa especial. Não quero que fiquem esperando.

Cabisbaixa, acato a ordem.

Tenho que ir algumas vezes na mesa, pelos motivos mais bobos possíveis, sabia que era um teste de paciência e que eu estava prestes a bombar.

Sirvo os pratos, e observo Dante avaliá-lo minuciosamente. Neste momento sinto alívio de não pertencer a cozinha. Ele corta a carne e eu fico aflita para ver o ponto dela. Assim que fiz o pedido, a sub-chef que recebeu as comandas, Alana, me questionou o ponto e por isso eu tive que dizer exatamente as palavras do nosso cliente exigente.

Ela me fuzilou com o olhar, provavelmente jogaria a culpa em mim se o ponto não estivesse do agrado do cliente. De imediato, quando ele corta a carne, percebi que estava ao ponto, se esse era o ponto que julgava correto, então, estávamos indo bem.

Afastei-me quando Dante me joga um olhar que dizia “*Você está aqui ainda?*”, deixo-os à vontade, louca para ter o poder de ouvir a distância. Novamente, quando sou chamada, vou até a mesa para verificar o pedido da sobremesa.

— E de sobremesa, o que desejam? Nós temos uma terrine de três chocolates...

— Não pedi sua sugestão — Hurron me corta. — Quero apenas um café.

Meu sangue ferveu. A minha vontade era de amassar a cara dele. Babaca!

Anotei o pedido e me dirigi ao outro carrasco:

— Também vou pular a sobremesa, traga dois cafés então.

Finalmente ao servir os cafés finalizo o serviço, é claro que não levei a conta. Derrotada vou até o banheiro chorar em posição fetal. O que não consegui, pois a sub-chef estava lavando as mãos quando entrei.

— E então? Você sabe se Dante Hurron gostou do serviço?

— Não sei, ele não esboçou nenhuma reação com os pratos.

— Merda. Espero que você não tenha feito nada de errado — resmunga antes de sair.

E por acaso apenas eu existo nesse restaurante? Tudo é culpa minha! Saio do banheiro alguns minutos depois bufando. Dou de cara com Hurrón à minha espera.

— Posso falar com você? Agora, a sós, vou até os fundos do restaurante, espere um pouco e depois vá.

Mil vezes ferrada.

Minhas mãos começaram a suar imediatamente.

Cogitei não o obedecer, e simplesmente pegar minhas coisas e ir embora logo de uma vez, mas aquela pontinha de curiosidade me fez ir até ele. Depois de pegar o meu casaco encontro o reizinho do lado de fora, pronto para acabar com meus sonhos.

— Olha que grande ironia, eu sou o seu chefe. — Diz com um sorriso no rosto.

— É mesmo? — Finjo indiferença.

— É, e é só eu estalar os dedos e você será demitida, a menos que...

— A menos quê?

— A menos que você pare de me difamar.

— Não aceito chantagens — o peitei.

— Não é uma chantagem, é uma ordem.

— Fora do restaurante você não pode mandar em mim.

Dante se aproxima me colocando contra a parede, trazendo de novo aquela sensação de embrulho no estômago. Ele me deixava um pouco nervosa, e eu não gosto disso. Minha respiração é densa, os pelos do meu corpo se arrepiam, não só pelo frio, mas pela sua aproximação.

— O.k. Então você está demitida.

— Foda-se. — Não abaixo a cabeça.

— Uau, que boca suja, devia usá-la de uma melhor forma. — Se aproxima do meu rosto, novamente com os joguinhos.

Encolho-me todinha, sabia que ele estava brincando, mas meu corpo não entendia que era apenas um jogo.

— Cala a boca.

— Por que está fazendo isso? Por que está tentando me boicotar?

— Porque eu só quero o melhor para os Giants.

— Eu sou o rei da NFL, o que pode ser melhor para os Giants?

— Um babaca mulherengo que não compareceu nos últimos treinos é o melhor para os Giants? Tem certeza disso? — Sustento o seu olhar, determinada.

Ele pareceu perder a confiança por alguns segundos, mas logo subiu à cabeça uma confiança que surgiu com algum pensamento.

Semicerrou as pálpebras.

— Está apaixonada por mim, é isso.

— O quê?

— Você está apaixonada por mim, é óbvio. Por isso está tentando chamar minha atenção, promovendo um boicote.

— Não estou apaixonada por você, idiota.

— Não precisa mentir.

— O sentimento que tenho por você é tão forte quanto a paixão, sabe como se chama? A-ver-são — falo pausadamente para que ele entendesse bem a palavra.

Vejo um desapontamento na linha de sua boca.

— Não entendeu? Aversão, antipatia, repulsa, precisa de mais sinônimos ou você entendeu?

— Sério? Aversão? Por acaso você sente aversão a isso? — De repente,

antes que eu pudesse me movimentar, Dante aproxima seus lábios, quase colando-os nos meus. O modo com que ele segura minha cintura não só me faz engolir em seco, como faz com que um fluxo de sangue deixasse minhas bochechas vermelhas.

Nossas respirações se chocam uma com a outra.

Ele ia me beijar? Isso só podia fazer parte da sua brincadeira. Desde que nos conhecemos ele me tratava como se eu fosse uma piada. Um beijo só inflamaria nosso conflito, só incendiaria algo que começou há um ano e que me aflora até hoje.

Não, não posso cair nessa armadilha.

Coração, por favor, não fique acelerado.

Cérebro, pense.

Mãos, parem de transpirar.

Olhos, parem de se perder nesse mar de dualidade dos olhos dele.

Boca, não se mova!

Nenhuma parte do meu corpo me ouviu, era tarde demais. O olhar dele penetra o meu, o calor do seu corpo era magnético. Inclinei-me, pronta para beijá-lo quando noto uma linha de expressão em seu rosto, um declínio. Ele não ia me beijar, era uma brincadeira. Antes que se afastasse para rir, eu movimento minha boca e mordo a dele.

Sim, eu mordi a boca de Dante para que ele ficasse esperto e nunca mais tentasse me sacanear.

Um som de dor irrompeu pelos seus lábios ao se afastar.

— Porra, sua louca, você mordeu minha boca?

Cruzo os braços.

— Mordi. E vou morder de novo se fizer outra gracinha.

Sua narina inflou de irritação.

Ele passou a mão pelo lábio e encontrou um pouquinho de sangue

escorrendo. Não morde com tanta força, era só um pouco de sangue, porém o estrago poderia ser maior se eu não estivesse tremendo quando o morde.

— Filha da mãe...

Expirou com força.

— Se não temos mais nada para conversar, vou terminar meu trabalho e ir embora para casa — estou prestes a entrar no restaurante quando vemos alguém se aproximando com uma câmera, a pessoa saiu de trás de um carro de repente.

Não estava perto o suficiente de nós para ouvir a conversa, mas era a distância perfeita para uma foto inapropriada.

— Dante, essa é sua namorada? — O fotógrafo interroga mais próximo.

— Não vou dar qualquer entrevista.

— Não preciso de entrevista, já tenho uma ótima foto.

Fiquei puta da vida ao ver o sorrisinho no rosto do sem-vergonha.

— Eu não autorizo foto nenhuma! — grito.

Ele estava prestes a tirar outra foto, quando fiz o que sempre faço em momentos de tensão: merda. Sem pensar, abaixo e tiro a bota rosa do pé esquerdo e a jogo nele.

— Garota, você é louca? — O paparazzo xinga após se esquivar da bota e a pegar no chão a seguir. Ele teve bons reflexos, é óbvio que teria, ele é um fotógrafo! Se eu tivesse pensado, não teria jogado a bota. Em momentos de raiva eu nunca penso.

— O que você está fazendo? — o Hurrón perguntou.

— Ignore-o e entra logo no restaurante — sussurro enquanto empurrava a porta da entrada dos fundos.

— Se quiserem a bota novamente, vão ter que vir no meu escritório e dar uma entrevista. — Gritou para que ouvíssemos e logo se afasta rapidamente, antes que eu jogasse a bota do pé direito nele.

Entramos juntos e afobados, fechando a porta a seguir.

— Não acredito que você jogou a bota nele! Essa revista vai me foder.

— Nem acertou, isso é para ele ficar esperto — me justifico.

Estava escuro e gelado no estoque, tão frio quanto estava fora do restaurante.

— Logo todos os jornais vão publicar essa tal foto, que merda — passa a mão pelo rosto. Se essa foto tiver sido tirada no momento que eu mordi a boca do Dante, eu me fodi, pois realmente ia parecer que nos beijamos.

Meu pai vai me matar.

A Big Blue vai me matar.

Meu melhor amigo vai me matar.

As fãs loucas em busca do marido ideal vão me matar.

A única certeza que tenho é que depois dessa foto já posso preparar meu enterro. Senti todo meu corpo se arrepiar com o frio do estoque, por isso, caminhei de volta para a porta que dava entrada ao salão.

— Você não vem? — Pergunto ao Hurrón que logo ia congelar.

— Você primeiro, não quero mais fofocas.

— O.k.

Passo pela porta para entrar no salão, fujo rapidamente para o vestiário, que no momento estava vazio, e calço o meu tênis. Poxa vida, por que eu tenho que ser tão imprudente? A bota era novinha.

Não demora segundos após eu calçar o tênis para Clare entrar no vestiário.

— O que aconteceu? Estou te procurando, temos um monte de mesas para atender! E por que você está calçando esse sapato horrendo de novo?

— Desculpa, Clare, mas eu estou morrendo de dor de barriga e a bota me deu calos, posso ir embora para casa?

Ela me olha de cima a baixo, analisando se realmente eu estava passando mal. Ao julgar pelos pingos de suor em minha testa, que foram causadas pela

tensão anterior, era possível afirmar que sim, eu estava passando mal de alguma forma.

— Está bem. Pode ficar aqui, mas não vá embora ainda, o sócio majoritário quer conversar com toda a equipe no fim do expediente.

Olhou-me severamente por alguns segundos antes de me deixar sozinha.

Respiro aliviada e limpo o suor da testa, depois coloco a bota no meu armário, sofrendo porque o outro par havia sido furtado. A minha vontade é de sair de fininho e ir embora, e faria isso se não estivesse sendo vigiada pela gerente. Passou-se mais um bom tempo de serviço até que Chase entrasse no vestiário para me chamar.

— Hey, você está bem?

— Estou, só tive uma dor de barriga — finjo uma expressão de dor.

— Mas está melhor?

— Estou sim.

— O que aconteceu com a bota?

— Estava machucando meu pé...

— Que pena... Desculpa por ter escolhido mal, mas agora você precisa vir até o salão, o chef convocou todo mundo.

Me levanto prontamente e sigo meu amigo até o salão. As portas já estavam fechadas e todos os membros da equipe do restaurante estavam reunidos. Logo surge Thomas e Dante para conversar conosco.

— Olá pessoal, antes de tudo quero me apresentar, sou Dante Hurren, sócio do restaurante. — O egoman se apresenta e muitas pessoas se derretem com sua fala. — Me desculpem por pegá-los de surpresa com minha visita, faz tempo que a casa abriu e eu nunca apareci...

— Dante sempre foi muito ocupado, por isso deixou a administração comigo — Thomas o defende.

— Quero parabenizá-los pela comida, estava excelente. E, também quero

anunciar que vou estar mais presente pelos próximos meses.

No chão.

Eu estou jogada e pisoteada.

Todos o aplaudiram, sei lá o porquê, mas fiz o mesmo para não ser a diferente.

— No entanto, o serviço... Acho que precisa melhorar um pouco mais... — Olha diretamente para mim. Filho da puta, mil vezes, filho da puta.

Todos me olharam acusadores.

— Vamos trabalhar nisso, por enquanto é só, desculpem por tomar o tempo de vocês, aposto que estão cansados e querem ir para casa.

Muitos negaram.

Falsos.

Assim que ele nos deixa ir embora, eu vou até o vestiário pegar minhas coisas e correr para casa. Chase me seguiu guardando suas coisas e saindo junto comigo do restaurante para pegarmos o carro.

Eu estava tremendo. Assim que entro na caminhonete começo a xingar.

— Filho da puta, reizinho de merda, quem ele pensa que é?! — Bato a mão no volante, o que acionou a buzina.

— Rosie, calma.

Minhas mãos tremiam, a raiva só se tornava mais forte.

— Você não está em condições de dirigir.

— Ah, eu estou!

Coloquei o cinto e dei partida no carro, meu amigo fez o mesmo com medo do que estava por vir.

— Você é uma ótima garçonete, sempre foi elogiada e sempre ganhou boas gorjetas, será que ele não está levando para o pessoal?

— É óbvio que está levando para o pessoal.

— Que merda... Será que o Hurrón vai te demitir?



— Sabe o que ele quer? Quer que eu peça demissão, e vai fazer de tudo para me irritar até lá.

— E o que você vai fazer?

— Vou medir forças com ele, vamos ver quem vai ceder primeiro.



Na manhã de domingo eu acordei com uma dor de cabeça terrível, o estresse da noite anterior me tirou dos eixos. Levantei da cama mal abrindo os olhos, passei pelo banheiro, escovei os dentes e lavei o rosto. Vou para a cozinha e já encontro meu pai.

— Bom dia, caiu da cama? — Eu não acordava cedo aos domingos.

— Tive dificuldades para dormir. — Pego a xícara que ele me oferece. — Vai trabalhar?

— Tenho que trabalhar em um carro que vou entregar hoje, mas só no período da manhã. Você prepara o almoço?

— Claro.

Deu-me um beijo na testa antes de sair pela porta.

Respirei fundo e me sentei para tomar café, chequei as redes sociais, não havia nada de comprometedor ainda. Será que paparazzis trabalham domingo?

Logo vovô se junta a mim. Preparo ovos mexidos com pouca gordura para ele e faço com manteiga para mim. Como-os com torrada, enquanto vovô tenta se manter em sua dieta com as frutas de acompanhamento.

— Vai caminhar no Central Park hoje? — Perguntei a ele.

— Vou, o Bill vem me buscar — responde. Bill era o melhor amigo dele, e todos os domingos eles caminhavam juntos.

— Você pode chamar o Bill para almoçar aqui depois da caminhada.

— Teremos costelinha?

— Vovô, o senhor sabe que não pode.

— Me dá um desconto, é domingo. — Ele fez uma carinha pidona,

enrugando a testa.

— Tudo bem... Teremos costelinha.

— Ótimo! — Dá um sorriso de orelha a orelha.

Logo fico sozinha quando ele vai caminhar, por isso vou até a sala e ligo a televisão. Estava assistindo um canal culinário quando meu celular começou a apitar, era Morgan:

*“Parece que o Marido Ideal já tem uma namorada...”*

Abaixo da mensagem estava um link.

Abro na hora, era o site da revista Stars, o jornalismo dessa revista era extremamente sujo. Logo que li o título da matéria, sinto meu estômago revirar:

### ***O quarterback dos Giants e a Cinderela de botas cor-de-rosa***

*Neste sábado, flagramos Dante Hurren, o quarterback dos Giants, frequentando o famoso restaurante Tasty House, localizado na Quinta Avenida. O rei da NFL informou recentemente que estava à procura de uma namorada e parece que já encontrou a garota.*

*Flagramos com exclusividade um momento íntimo dos dois, na porta dos fundos do restaurante. O que mais nos chocou foi que a escolhida é um tanto quanto esquentadinha, o nosso fotógrafo estava fazendo seu trabalho quando foi quase acertado em cheio com a bota cor-de-rosa que ela estava calçando.*

*A Stars já apurou a identidade da garota, vocês vão ficar chocados com essa revelação! Estamos loucamente à procura dela para uma entrevista. Ficamos com sua bota, Cinderela, se quiser de volta, venha buscar.*

*Fiquem ligados, amanhã sairão todas as fotos completas e a revelação de quem é a garota misteriosa na nossa revista. Não deixem de comprar!*

Abaixo da matéria estavam as fotos, era Dante e eu na foto, claramente quando ele ia beijar — *ou fingiu que faria isso*. Meu rosto foi tampado pelo

dele, logo não se podia me reconhecer. Também havia outra foto, a qual claramente se podia ver que era eu quando a revista revelasse a imagem sem o rosto borrado. A única coisa que denunciava minha identidade no momento eram as botas.

É isso. É o meu fim. Fim da minha credibilidade como torcedora, fim da minha carreira no restaurante, fim da aceitabilidade da minha pessoa como um ser humano normal, quem em sã consciência jogaria uma bota em um fotógrafo? Ninguém. É isso. É o fim de tudo que eu sou e construí.

A primeira coisa que faço após sair do estado catatônico, é responder Morgan, eu precisava de alguém para desabafar.

*“Você está ocupada? Pode passar aqui?”*

*“Posso, 1 minuto”*

E foi praticamente um minuto mesmo, já que nossas casas eram quase que a mesma por tamanha proximidade. Abri a porta e já joga a bomba:

— Morgan, a garota da botas cor-de-rosa sou eu!

A boca dela se abre em alarme. Dou espaço para que entre e processe minha frase.

— Mentira! Eu fiquei sabendo pelo Chase que o jogador é o sócio do restaurante e apareceu ontem, mas, Rosie! Você o pegou? Quer dizer, vocês se beijaram? Eu não estou acreditando! — Sua expressão passou de espanto para malícia.

— Não, a gente não se beijou, aquela foto é extremamente tendenciosa. Nós só conversamos.

— Conversaram? Não sabia que para conversar precisava tocar a língua um do outro.

— Nós não fizemos isso, ele estava me provocando, é um idiota.

— Você pode me contar, está com vergonha de admitir que ficou com ele?

— Eu estou falando a verdade, eu não fiquei com o Dante!

— Está bem, está bem...

— O que faço? Amanhã meu rosto vai aparecer com exclusividade naquela revista sensacionalista.

— Bom, só negue a quem perguntar, você é uma fã, estavam conversando e o ângulo da foto foi ruim, só diga isso.

— E quem vai acreditar?

— No primeiro momento? Ninguém, mas depois vão esquecer.

Solto o ar pela boca.

— É claro que o Dante vai negar tudo, então, acho que nem preciso me pronunciar.

— Não vai querer sua bota de volta?

—Jamais vou me prestar a esse papel. Eles querem exatamente isso, que eu apareça.

— E desde quando você tem essas botas? Nunca as vi.

Conto para minha amiga tudo que aconteceu na noite anterior, desde a razão para estar usando as botas até a mordida que dei na boca do Hurrón, e é claro que ela gargalhou nessa parte.

— Uau. Tem muito tesão entre vocês.

— O quê? Você quis dizer tensão, não é?

— Não. Tesão mesmo.

— Você está muito engraçadinha, Morgan.

— Vai me dizer que não tem tesão nele.

— Não.

— É sério que vai mentir para mim?

— Me recuso, me recuso a alimentar o ego de uma pessoa que se dirige a mim de forma destrutiva. Me recuso a dizer que tenho atração por ele.

— O.k. Você está certa, não tem que alimentar o ego desse cara, muita gente já faz isso.

— Só me promete que não vai contar para seu irmão.

— E eu preciso contar? Amanhã vai sair seu rosto em tudo quanto é tabloide.

— Merda... Pior que conhecendo o Chase, com certeza ele vai querer tirar satisfações com o jogador.

— Ele não tem que fazer nada, não é seu namorado. Meu irmão precisa entender que ele tem uma namorada e não duas.

— Ele me considera uma irmã, não uma namorada.

A ruiva estava exagerando, fazia um tempo que estava com essas indiretas.

— Não tenha tanta certeza disso.

— Morgan!

— Desculpa. Eu amo a amizade de vocês, mas meu irmão está diferente, ele gosta de você, mais do que como amiga, eu tenho certeza.

Balancei a cabeça. A ideia era boba demais, clichê demais. Meu melhor amigo não está apaixonado por mim, já passamos da fase de confundir sentimentos.

— Não gosta, somos amigos há muito tempo, se ele gostasse já teria dito, seu irmão sabe que somos bons amigos, nada mais.

— Está bem, lavo minhas mãos. Não digo mais nada.

A insistência dela com esse assunto estava ficando constrangedora, por isso tratei de mudar de assunto:

— Vocês querem almoçar aqui? Vou fazer costelinha.

— É claro que eu quero, vou mandar uma mensagem para o Chase.

Faço o almoço e minha amiga me ajuda arrumando a mesa. Com tudo pronto, meu avô, seu amigo, papai, Chase, Morgan e eu nos sentamos à mesa para apreciar a comida. Éramos uma grande família, mesmo sentindo muita falta da minha mãe, ainda tenho certeza de que fiz a escolha certa ao mudar

para Nova York com meu pai, principalmente em momentos como esse.

Depois do almoço passo a tarde toda vendo série com Chase e Morgan na casa deles e só vou embora quando lembro que tenho que trabalhar. Como eu trabalhava em domingos alternados, tinha que ir nesse, pois no outro folguei para ver o Super Bowl, assim como meu amigo que também folgou no domingo passado.

— Não esquece do encontro amanhã, mandarei mensagem com o local e todas as informações que precisa. — Sussurrou quando nos despedimos.

Eu mal me lembrava desse encontro e tinha minhas dúvidas se deveria ir.

No restaurante, tenho medo de me deparar com alguém que estivesse a par da fofoca da revista Stars, mas aparentemente ninguém sabia de nada, pois não comentaram. Não tivemos tempo para conversas, pois o restaurante estava lotado.

Também não tivemos surpresas com visitas inesperadas, embora meu coração saltasse do peito toda vez que a porta se abria. Não sei como meu emprego ainda está de pé, pois tenho a sensação de que vou ser escorraçada a qualquer momento.

Ao fim do expediente, despeço-me do meu amigo e cada um vai para sua casa.

Vou para o meu quarto após passar no quarto do vovô e do papai para dar boa noite. Tomo um banho e me deito em minha cama. Demoro para pegar no sono, passei o dia tentando desanuviar qualquer pensamento sobre as fofocas que circulariam sobre mim e sobre certa pessoa, mas quando coloco a cabeça no travesseiro recordo da noite anterior, lembro principalmente dos seus lábios. Toco os meus me perguntando qual seria a sensação de beijá-lo, e na mesma hora balanço a cabeça com a ideia idiota.

Suspiro me encolhendo, já sabendo que seria uma longa noite.



Segunda-feira o restaurante não abria e eu sempre dormia até mais tarde. Não havia nenhum protesto para participar, já que estávamos na off-season. No entanto, eu acordei cedo para ir à banca de revistas. Papai estava acordado fazendo o café e se assustou:

— Aonde você está indo? Não é mais um protesto, é? Eu já te proibi!

— Não, eu vou pegar o jornal.

— Desde quando você lê o jornal?

— Desde hoje.

Saio correndo antes que ele me fizesse mais perguntas. A banca ficava a apenas uma esquina de casa. Esbaforida, pergunto ao jornaleiro:

— Já saiu a edição de hoje da revista Stars?

— Não, querida, não chegou para nós ainda. Estão atrasados.

Fiquei mais calma.

— Tem previsão para quando chega?

— Até o meio-dia.

— Volto mais tarde... E ah, vou querer o jornal — lembro de pegar para enganar meu pai.

Dei uma olhada na seção de esportes logo que cheguei em casa:

*“Franchise Tag: Depois da ressaca do Super Bowl, os times terão do dia 15 de fevereiro até o dia 1 de março para etiquetar seu jogador mais importante”.*

A Franchise Tag nada mais era que um meio de segurar o jogador mais importante, apenas um jogador por time pode ser “etiquetado”, assim, é oferecido um bom contrato, um aumento expressivo no salário e o time ainda tinha o direito de negociar com o jogador de forma exclusiva.



Nos últimos anos, o Hurron vem sendo “etiquetado” pelos Giants, no entanto, esse ano, o nome do Joshua estava sendo considerado. Já que ele foi o melhor jogador na última liga. Seja o que for, espero que aconteça o melhor para o time.

— São tempos sombrios para os Giants — vovô diz depois que eu lhe passo o jornal.

— Espero que façam boas escolhas no Draft. — O Draft era o recrutamento que o time fazia escolhendo novos membros.

— O diretor do time e aquele treinador não andam fazendo boas escolhas.

— Concordo, está na hora de reestruturar o time. Começando pela troca do quarterback...

— O Hurron está indo mal, mas ele é um bom garoto, tenho certeza de que vai se reerguer.

— Sério, vovô? Vai defendê-lo?

— Ele é o melhor dessa geração, não posso negar.

— Pode ser que esteja na hora dele se aposentar.

— Oh não, ainda vamos ver muito dele, tenho certeza disso.

Balanço a cabeça a contragosto.

— Você tem uma consulta marcada para daqui uma hora, vamos nos apressar — lembro.

— Para que ir ao médico? Eu estou ótimo.

— Cuidar da sua saúde nunca é demais.

Ele revira os olhos. Vovô estava cansado de ir ao médico. Depois que descobrimos que ele era hipertenso, fazíamos de tudo para mantê-lo na dieta, entretanto, em alguns momentos, como foi no domingo, deixávamos que ele comesse o que quisesse. Não sabíamos se era o certo, mas nada fazia o senhor teimoso se abdicar desse prazer uma vez por semana.

— Não acredito que cheguei à idade da minha neta me acompanhar no

consultório médico — resmungava já dentro do carro.

— Pelo menos o senhor tem alguém para te acompanhar, muitos na sua idade foram abandonados pelos parentes.

Expeliu o ar pela boca, com força, em protesto.

— Sua avó já me deixou e eu nem precisei chegar à velhice.

Havia ressentimento na sua voz.

— Não fale assim...

— Espero que você não herde a má sorte dos Wicks's com o casamento.

— Que mau agouro, vovô.

— Estou falando sério, o primeiro casamento nunca dá certo, e nós não tentamos o segundo com medo de dar errado de novo. — Vovô teve uma namorada depois da minha avó, mas ele não quis se casar novamente e por isso ela o abandonou.

— Comigo vai ser diferente, sabe por quê?

— Sim?

— Porque eu não vou me casar.

Ele ri, não foi uma risada baixa, foi extremamente alta, caçoando da minha cara.

— Os que dizem que não, são os primeiros a dizerem sim.

Não dei ouvidos, no consultório médico ficamos contentes ao saber que os exames estavam dentro do normal, o que inspirou o vovô a tomar uma cerveja quando voltamos para casa. Era perto do meio-dia e eu fui novamente na banca de revistas. Na mesma hora o jornaleiro disse:

— Parece que não teremos a revista hoje.

Alívio.

O que será que aconteceu? Não deu tempo de produzir uma matéria sensacionalista barata ou alguém interveio? Seja o que for, estou extremamente agradecida. Ao voltar para casa notei que recebi uma

mensagem de Morgan informando o local do encontro.

*“E o nome dele, posso saber?”*

*“Não, mando apenas quando estiver no restaurante, ou corro o risco de você procurá-lo nas redes sociais”.*

*“Estou ficando preocupada, ele é tão feio assim?”.*

*“Não, nada disso, mas existe uma magia dos encontros às cegas, e a magia é ser às cegas, então se acalme.”*

Deus, ela estava ficando impossível ao tentar dar uma de cupido.

*“O.k. Estou com muito medo do que me aguarda”*

Respondeu com uma careta.

No fim do dia, depois de me preocupar muito com a possibilidade de a revista Stars estampar o meu rosto em uma matéria, começo a me arrumar para sair com o tal amigo da Morgan. Tomo um banho, lavo meus cabelos e os seco como de costume, depois me preocupo com o que vestir.

Procuro por algo diferente do meu habitual, era inverno, obviamente usaria um casaco, mas o tiraria no restaurante, talvez um vestido? Seria uma boa ideia se eu tivesse um vestido decente, mas não tinha. Merda. Não tenho nada! É melhor ser a velha Rosalie do que passar vergonha com uma roupa que minha mãe deu. Ela me presenteava com vestidos reveladores demais para meu gosto, na tentativa de me deixar mais mulherão – palavras dela.

Determinada a seguir o estilo clássico, separo uma calça jeans escura, uma blusa de mangas longas branca, cachecol azul, e um coturno velho.

O coturno era tão feio que parecia que eu ia para a guerra e não para um encontro, mas era tão confortável que não pensei duas vezes em usá-lo. Essa era a situação ideal para usar novamente minhas botas novas, no entanto, fiz a besteira de me livrar de uma delas. Vesti a roupa e acredito que estava bom ao me olhar no espelho. Depois me preocupo com meu rosto, adoraria ter a ajuda de Morgan para me maquiar, mas essa hora ela estava atendendo seus

pacientes.

Sempre que vou me maquiar, lembro do que meu pai sempre dizia: *Você é bonita naturalmente*. E é assim que desisto de me encher de maquiagem, não só pelo conselho, mas pela minha capacidade de me maquiar que não era inerente. Não digo que nunca tentei, mas passei uma vergonha tão gigantesca, quando fiz uma maquiagem completa no ensino médio, que não quero repetir essa proeza novamente.

Atento-me a passar apenas uma base hidratante e um protetor labial. Enrolo o cachecol no pescoço e calço as botas, dou uma boa olhada em mim, e me aprovo mentalmente. Pego meu casaco e minha bolsa antes de sair do quarto.

— Vai sair? — Papai pergunta quando estou passando pela sala.

— Vou, posso pegar o carro?

— Vai sair com o Chase?

— Com um amigo...

— Que amigo? — Seus olhos se viram para mim, me avaliando.

— Ora pai, um amigo.

— Que amigo, dona Rosalie?

Droga, não queria mentir, mas ele jamais me deixaria pegar o carro para sair com um desconhecido.

— Robert, deixe a menina — Vovô intervém saindo da cozinha. — Deve ser algum paquera...

Papai franze o cenho, nada feliz.

— Por favor, eu sou adulta, não uma criança...

— O.k. Esteja em casa à meia-noite.

— O quê? Por acaso eu sou a Cinderela?

— Não, mas é minha filha e eu vou te emprestar a carruagem até a meia-noite, se passar do horário vai ficar sem carro para trabalhar.

Faço uma careta.

— Tudo bem, volto até meia-noite.

E em um passe de mágicas, meu pai joga as chaves do carro para mim.

— Se divirta, querida — vovô diz.

— Mas não muito — papai alerta.

Fechei a porta de casa, entro no carro e vejo algumas mensagens antes de sair:

*“Boo, desculpa pelo sumiço, a Jass me sufocou o dia todo.”*

Era normal que Chase sumisse às segundas-feiras. Jasmine o queria somente para si. Depois de responder ao meu amigo, notei que havia uma mensagem de um número desconhecido, sem foto.

*“Preciso te encontrar...”*

Quem manda uma mensagem sem se identificar? Essa pessoa nem se deu ao trabalho de me adicionar aos contatos. Será que era o paparazzo da revista Stars? Provavelmente. Ignoro a mensagem e dirijo ao meu destino. O local eu não conhecia, pois era um Gastropub recém-inaugurado em Manhattan.

Ao chegar no Gastropub mando uma mensagem para Morgan, informando que havia chegado. Era sete da noite, exatamente no horário que marcamos. Dou uma boa olhada no local, era um ambiente um pouco escuro, pequeno, que tinha um ar aconchegante para encontros.

*“Mesa 12”*

Ela não me respondeu o nome dele e sim o número da mesa.

— Vou encontrar alguém na mesa doze — informo ao garçom me sentindo ridícula por deixar na cara que era um encontro arranjado.

— O.k.

Sinto meu coração indo parar na garganta. E se ele fosse muito feio? Ou se tivesse uma conversa muito ruim? Pior, e se ele falasse abertamente comigo sobre sexo? Afinal, ele era colega de Morgan na pós-graduação em

terapia sexual. Seja o que for, essa ideia de encontro às cegas me dava uma tremenda dor de estômago.

Sentei-me à mesa, deixei meu casaco de lado e peço uma vodca com cranberry para tentar relaxar. Pego o celular e vejo que o desconhecido mandou mais uma mensagem:

*“Preciso te ver, é urgente.”*

*“Quem é?”* — Respondo.

*“Não está vendo a foto?”*

*“Não, idiota, não estou vendo, senão, não perguntaria.”* — Estava sem paciência.

Demora alguns minutos para que meu celular voltasse a apitar, mas quando vibra, vi que a foto surgiu. Logo reconheci a pessoa, ele usava uma jaqueta do High School branca e azul, estava com as mãos no bolso e uma expressão de *“Sou foda”* no rosto.

Dante Hurrón.

*“O que você quer? E como conseguiu meu número?”* — Pergunto, indignada por vê-lo me procurar.

*“Sou seu chefe, já sei muita coisa sobre você. Precisamos nos encontrar, pessoalmente, hoje.”*

Droga, ele leu toda a minha ficha!

*“Estou ocupada”.*

*“Não está”*

*“É claro que estou”*

*“Ficar em casa vendo séries não é um compromisso”.*

*“Pois você está enganado, estou em um encontro”*

*“Não está”*

*“Vá a merda”*

Tomo minha vodca com cranberry de uma vez, o garçom até me olhou

assustado, pois havia acabado de me servir.

— Mais uma, por favor. — Peço em seguida.

Mais calma com o álcool, olho em volta à procura do tal homem, mas nem menção dele se aproximar. Verifico o celular muitas vezes, mando diversas mensagens para Morgan, que me acalmava dizendo que ele chegaria, até que se passou uma hora. Uma hora olhando ansiosa para cada rosto masculino que entrava no bar, uma hora sendo observada por pessoas que deviam estar pensando: *“Tadinha, levou um bolo”*.

Mando uma mensagem para a loura:

*“Ele não vai vir! Será que ele veio e quando viu minha cara desistiu?”*

Ela refutou a ideia:

*“Ele não faria isso, alguma coisa aconteceu...”*

*“Seja o que for, não vou esperar muito, estou me sentindo uma idiota aqui”*

De repente vejo um grupo conhecido entrar no pub, pessoas que não via há muito tempo, e não gostava de lembrar que um dia passaram pela minha vida. As três trajavam roupas de grife e balançavam seus cabelos super hidratados pelo ambiente até chegarem próximas à minha mesa. A primeira a me reconhecer foi Sue:

— Rosalie! Não acredito, quanto tempo! — Ela sempre foi gentil comigo. Logo as outras duas viraram os olhos para mim. As melhores amigas do ensino médio, líderes de torcida, as irmãs Sue e Susan Hayes e a líder do grupo, Alexia Evans.

Dei um sorriso torto, praguejando mentalmente a minha falta de sorte. A única coisa que eu não queria essa noite era reabrir as feridas do ensino médio, a única coisa que eu não queria era ver o anel de diamantes no dedo de Alexia, me lembrando que Kalel ia se casar com ela.

— Realmente, faz um bom tempo... — digo encabulada. Não sabia o que

fazer, como agir, o olhar de Alexia era de total desprezo, ela sempre se sentia melhor do que eu.

— Está esperando alguém? — Susan pergunta.

— Sim, estou...

— Seu amigo, Chase? — Alexia resolve abrir a boca.

— Não, outra pessoa.

— Um namorado? — Susan inquiriu.

Fiquei sem resposta.

— Parem de interrogá-la, meninas. Rosalie, quer se juntar a nós enquanto espera sua companhia? — Sue pergunta amavelmente.

— Não, obrigada, ele já está chegando.

O nó no meu estômago se recusou a desaparecer, volto a me sentar quando elas se acomodam na mesa ao meu lado. Se já não bastava um encontro às cegas, era um encontro com plateia.

Recebo mais uma mensagem de Morgan:

*“Desculpe, ele não vai poder ir, teve um problema familiar, me perdoe, de verdade.”*

Em outra situação eu perdoaria e iria embora, mas não quando havia quatro pessoas olhando em minha direção, as três ex-líderes de torcida e o garçom estavam loucos para descobrir quem eu tanto esperava.

*“Estou falando sério, precisamos conversar”* — Dante volta a insistir.

Não pensei direito, depois de três copos de vodca com cranberry e água para não passar mal, eu só queria esfregar na cara da Alexia que eu tinha alguém. O que era uma inverdade, eu estava mais solteirona do que nunca.

*“Estou no Gastropub Kiss Me Quick”*

Deus! Que merda de nome é esse? Só agora me dei conta que isso pareceu uma indireta. Kiss Me Quick, significava *beije-me logo*.

Ele mandou uma interrogação, e eu respondi com minha localização.



Mensagem visualizada. Não sabia se ele ia vir, mas paguei para ver, pois a vergonha de estar sozinha em um bar, em plena segunda-feira, eu já estava pagando.

O garçom me serviu com a quarta vodca e depois atendeu a mesa das garotas.

— Temos que discutir alguns detalhes do meu casamento, foi por isso que as chamei hoje. — Alexia começa a dizer alto o suficiente para que eu escutasse, ela balançava o cabelo tingido de vermelho toda animada. Quando o garçom passou por mim pedi para que aumentasse um pouco a música. Já era ruim o suficiente levar um bolo, ouvir os planos da Alexia era quase a morte.

Eu estava no fim do meu quarto copo de bebida, já pronta para assumir que levei o bolo de mais uma pessoa e, que não podia dirigir porque estava bêbada, quando vi alguém cruzar a porta do bar. Ele usava uma jaqueta branca e azul, a mesma da foto de seu perfil no WhatsApp, estava sério, e o que mais me chamou a atenção era que, novamente, ele usava o meu boné dos Giants. De alguma forma isso fez algo reverberar dentro de mim.

Engulo em seco tentando entender o porquê de ele usar algo que era meu. Como se o objeto fosse de alguma importância.

Levanto quando vejo as garotas o olharem. Estava escuro, o boné escondia um pouco do seu rosto, então não era provável que elas o reconhecessem, mas só o porte físico dele chamava a atenção de qualquer um.

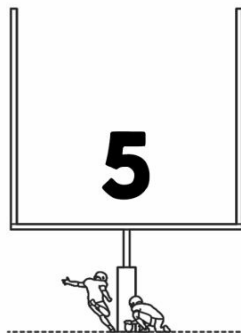
Dante levanta o olhar e me nota. Não foi só um olhar de reconhecimento, ele realmente me olha como se estivesse ansioso para me ver. Vejo algo em seus olhos, algo que provavelmente vejo por estar bêbada.

Eu não estava pensando muito, só queria causar inveja, por isso me aproximo dele pressurosamente, não teve como Dante protestar. Jogo-me nele em um abraço, me jogo no calor do seu corpo sem qualquer pudor, e

ainda por cima gosto dessa sensação.

Mais descarada, impossível, eu digo:

— *Querido...*



## UMA RESSACA CAÍDA DO CÉU



## Capítulo 5

Minha cabeça parecia que pesava uns vinte quilos a mais, as pálpebras dos meus olhos estavam ainda mais pesadas. Sinto meu cérebro latejando e meu estômago se remexendo. Meus braços se movem vagarosamente, tentando alcançar a minha cabeça, para tentar fazer aquele zumbido de dor parar, mas é em vão.

Sei que estou tentando boicotar as memórias da noite anterior, por isso me recuso a abrir os olhos para a realidade que estava à minha frente e que mais cedo ou mais tarde eu teria que encarar. Ouço meu celular tocando e não preciso nem olhar para saber que meu pai ligou repetidas vezes, pois, pela primeira vez na vida eu dormi fora de casa sem avisá-lo.

— Droga — resmungo abrindo os olhos e sentando-me na cama. Sinto uma dor entre meus olhos, sinto dor até em cada fio do meu cabelo. Desço o olhar para baixo e noto que estava sem minha camisa e sem a calça jeans, dormi somente de calcinha e sutiã, e droga, também sei o porquê.

Dou uma boa olhada à minha volta, vendo a decoração masculina pelo quarto, com tons de azul tão escuro que se assemelhavam ao preto. Havia indícios por todos os lados, denunciando a quem pertencia o quarto, como fotos e posters pessoais.

De repente, o rosto estampado nas fotos surge parado bem na porta do quarto, ele está vestido com uma bermuda de moletom e nada mais. O abdômen trincado e os seus braços desnudos eram um convite para um suspiro.

Sem pudor, ele se aproxima e se senta na cama ao meu lado. Meu coração bate forte, meu estômago se contrai, meu sangue pulsa nas veias e todos os pelos do meu corpo se arrepiam, não sei se estou tendo um colapso nervoso ou se a aproximação dele me causou tudo isso.

— A noite anterior foi bem agitada, não acha?

Solto um suspiro audível.

Ai Deus! Faça essa dor parar e faça com que tudo isso não passe de um sonho. Posso fingir que estou desmemoriada, mas a realidade é que eu lembro cada detalhe da noite anterior e de como eu fui parar na cama com o quarterback dos Giants, Dante Hurrón.

Tudo começou com a minha total imprudência, por que eu fui fingir que ele era meu namorado? Por quê? Bem, porque eu me recusei a admitir que Alexia estava melhor do que eu. Recapitulando, tudo começou quando eu disse:

— *Querido...*

Na hora me senti enjoada e extremamente ridícula. Joguei-me na boca do leão por livre e espontânea vontade, era óbvio que eu teria que me explicar ao Hurrón, e ele ia adorar saber que eu queria usá-lo, afinal, seu ego gigantesco seria massageado.

Munido de arrogância e impaciência ele se afastou de mim e me encarou franzindo o cenho.

— Vamos nos sentar — o puxei pelo braço antes que ele falasse qualquer coisa.

Assim que Dante se sentou, decidi por me sentar ao seu lado, meramente para que falássemos baixo o suficiente para que nenhuma das garotas nos ouvisse. Alexia ainda estava de olho em nós. Notei que ela murmurou algo no ouvido de Susan e voltou a nos olhar.

— Posso saber o que está acontecendo? — Meu falso namorado sussurrou entre dentes.

— Só preciso que me trate bem hoje — joguei a verdade.

— Por quê?

— Porque quero que pessoas que estão nesse restaurante vejam isso.

— Está me usando?

— Estou. — Sou sincera.

— É algum ex-namorado? — Ele percorreu os olhos pelo restaurante, pela iluminação, era difícil reconhecer rostos que não estavam próximos.

— Não, são só algumas ex-colegas do colegial.

— Eu devia prever, é claro que você não tem um ex-namorado.

Pisei em seu pé, foi algo involuntário, em momentos de raiva eu apenas faço o que me dá na cabeça.

Ele cerrou o queixo e me encarou puto da vida.

— Você tem a delicadeza de um rinoceronte, pode me fazer um favor e se sentar do outro lado da mesa? — Fuzilou-me com o olhar. Se nos olhassem de fora, iam acreditar que estávamos nos encarando como dois apaixonados, mas na realidade nos encarávamos com hostilidade mútua, e como nós nos olhamos por mais de seis segundos, era claro que logo nos mataríamos.

— Desculpa, me faz esse favor, só por meia-hora, depois vamos embora e fingimos que isso nunca aconteceu — tive que me desarmar.

— O.k. E em troca? — Crispou os lábios.

— O quê?

— O que ganho em troca?

Era óbvio que ele queria algo em troca, nós não éramos amigos para fazermos favores um ao outro de graça.

— O que você quer?

— Vou pedir depois.

— Você não pode pedir depois, não posso assinar o compromisso sem saber os termos.

— Ou é isso, ou vou embora sem fazer parte do seu teatrinho.

Mil vezes merda. Se ele fosse embora eu passaria mais vergonha do que passei ficando sozinha no pub.

— Aceito se não tiver nada a ver com a Big Blue.

— Fechado — ao invés de apertarmos as mãos, Dante apenas colocou seu braço em volta da minha cadeira.

— Mas o que você está fazendo?

— Quer que eu finja ser seu namorado, não é?

Droga. Eu não queria admitir, mas tive que dizer:

— Sim.

— Então, *querida*, aprecie da minha companhia.

Amaldiçoei minha capacidade de fazer besteira em segundos. Era difícil manter minha sanidade mental depois de quatro copos de vodca com cranberry. Apesar de pelo menos metade do drink ser basicamente suco, eu devo ter tomado um copo inteiro de vodca somando tudo.

Olhei para Dante, depois para meu boné e questioneei:

— Por que você usa o meu boné como se fosse algum tipo de amuleto?

— Eu gosto dele.

— Por quê?

— Não é da sua conta.

— O boné é meu, é lógico que é da minha conta.

— Corrigindo, o boné é meu, eu te salvei daqueles caras e estou fingindo ser seu namorado agora, então seja mais agradecida.

O olhei com raiva, mas sem argumentos não pude dizer nada. Logo o garçom veio até nós, pedi mais uma água e Dante pediu uma cerveja.

— Você não segue uma dieta? Atletas não podem beber. — alertei quando ficamos sozinhos novamente.

— É Offseason.

— E daí? Não existe uma pausa para uma vida saudável.

— Você é minha mãe, por acaso?

— Não, mas se eu fosse sua mãe, você seria mais educado.

Ele retirou o braço das minhas costas. Há uma tensão em seu maxilar. Nesse momento eu me lembro de que Dante não tinha mãe, quer dizer, ele teve, mas ela o abandonou quando criança, o deixando aos cuidados do pai. Não que eu fosse uma fã dele para saber de tudo sobre sua vida, mas era um fato que qualquer um sabia depois que ele lançou seu livro “*Como me tornei o Rei da NFL*” há dois anos. Ainda tenho dúvidas que tenha sido escrito por ele.

Eu li porque ganhei de presente do vovô. Só por isso.

Meu estômago roncou me lembrando que não jantei, mas eu não queria comer, pois isso demoraria muito e, em meia hora eu queria estar na minha casa, ou melhor, no drive thru do McDonald's.

— Por que você queria me ver? — Mudei logo a conversa.

— Por causa da matéria da revista Stars, consegui interceptar a distribuição das revistas que sairia hoje.

— Como conseguiu? — Pelo que eu sabia a imprensa era livre para publicar o que quisesse.

— Fiz um acordo com eles, prometi que daria uma entrevista exclusiva amanhã sobre minha vida pessoal se não revelassem seu rosto.

— É sério? Eles trocaram um furo exclusivo de um possível caso seu por uma entrevista?

— A Stars me procura há anos para uma entrevista, já a foto pode ser interpretada de várias formas. É mais lucro para eles me entrevistarem contando todos os fatos reais com exclusividade.

— E o que você vai dizer?

— Que tudo não passou de um mal-entendido.

— E se não acreditarem? Tem o pessoal do restaurante, vai que eles leram a matéria...

— Vamos ser sinceros, quem iria acreditar que eu estou namorando



alguém como você? — Soou cruel.

O que ele disse foi um soco no meu estômago. Desdenhando de mim como se eu não fosse ninguém.

— Vai se foder — enfrentei-o olhando nos olhos.

— O que eu quero é que se eles entrarem em contato com você, de alguma forma tentando me passar a perna, é que negue. — Ignorou minha fúria. — Melhor, não diga nada, se finja de muda.

— Pois é o que eu faria mesmo se você não pedisse, não quero esse mal-entendido.

— Não é o que parece, pois acabou de pedir para que eu finja ser seu namorado.

— É uma situação delicada.

— Me conte.

— Não é da sua conta.

— É para as garotas da mesa ao lado que você está fingindo?

— Como sabe?

— Elas não param de olhar para cá, e eu sei que não me reconheceram porque o ambiente é bem escuro.

— É, é para elas que estou fingindo. — Não tinha como negar, era visível.

— Amigas?

— Jamais.

— Inimigas então — analisa. — Alguma delas roubou seu namorado?

Ele acertou em cheio. Não respondi.

— É isso, qual delas? A ruiva? — Como ele notou que era a Alexia? Será que a achou atraente? Será que achou que ela era mais bonita que eu e por isso Kalel me trocou por ela? Essas perguntas só faziam as feridas do passado se reabrirem.

A realidade é que essas feridas ainda estavam em mim, eu as estanquei,

mas não as fechei para que se curassem.

— Está bancando o Sherlock Holmes, por acaso?

— Só quero saber para que meu teatro soe mais convincente.

— Não estou a fim de te contar nada sobre minha vida pessoal.

— Parece que toquei em uma ferida, você namorou muito tempo com ele?

— Dante não parava de me fazer perguntas, não por curiosidade, mas para me machucar.

— Não, e pare de me perguntar sobre minha vida — cerrei os dentes.

— Todos sabem da minha vida, então, para que você quer manter mistério sobre a sua?

— Não estou mantendo nenhum mistério, só quero que você não saiba.

— Ora, Rosie, sou seu namorado, me conte.

Ridículo. Ele definitivamente queria entrar no papel que lhe propus. Se é guerra que ele quer, é isso que vai ter. Assim que minha água chega, a bebo e lanço uma proposta ao Hurrón:

— Vamos fazer uma brincadeira.

— Que tipo de brincadeira? — Levantou a sobrancelha interessado.

— Mezcal.

— O quê?

— O mezcal é uma bebida caída do céu, bom, é isso que os mexicanos dizem.

— Eu sei o que é mezcal, mas o que tem a ver com essa tal brincadeira?

— Simples, você quer saber sobre a minha vida, e eu tenho minhas curiosidades sobre a sua, então, para cada pergunta, uma dose de mezcal.

— Quer me deixar bêbado?

— Eu não, tudo vai depender da sua curiosidade, se não quer saber nada, então não beba.

Analisou-me, depois olhou para as meninas e de novo para mim e quando

fez isso, se aproximou do meu rosto, tão próximo, quase que tocando minha bochecha.

— Fechado — sussurrou e voltou a se afastar. Sabia dos seus joguinhos perversos e por isso tentei manter a compostura. Chamei o garçom e pedi seis doses de mezcal para começar, que nos olhou como se quisesse dizer “*Coitados, vão se matar*”.

Senti-me muito mais sóbria com a água, e pronta para uma batalha, por isso, depois que chegaram as doses de mezcal decidi fazer as honras, mas falhei quando Dante tomou a dose de mim e a bebeu de uma vez.

— Primeira pergunta, por que está fingindo para aquele grupo de garotas que sou seu namorado?

— Porque a ruiva, Alexia, está noiva do cara que um dia eu fui apaixonada — disse a verdade, abrindo espaço para que ele confiasse em mim e me dissesse tudo que eu queria saber.

— Imaginei. E por que...

— Espera aí apressadinho, uma pergunta de cada vez — peguei uma dose e a bebi devagar, sentindo as nuances do sabor da bebida que era muito similar à tequila, mas com efeito mais devastador. Limpei a garganta e continuei: — Por que você está faltando aos treinos, chegando atrasado, acabando com sua carreira e consequentemente acabando com os Giants?

— Eu não estou acabando com os Giants, você nunca parou para pensar que é difícil ser eu?

— Sério? — Franzí o cenho. — Você, tendo essa vida privilegiada vem me dizer que é difícil ser Dante Hurren?

— Você não me conhece.

— Conheço o suficiente para dizer que sua vida de farras está sim acabando com sua carreira, por isso, só responda à pergunta, sem rodeios.

— O.k. Eu andei faltando aos treinos porque não tenho motivos mais para

jogar.

— Não tem motivos? E seus fãs? E os Giants?

— Eu tinha um motivo e ele não existe mais. — Algo nublou seus olhos, talvez uma lembrança, um sentimento ou alguém.

— E por que continuar no time, por que se prestar ao papel de fracasso?

— Há muito mais coisas envolvidas do que você pensa.

Senti-me frustrada, como ele podia dizer que não havia motivos? O amor pelo futebol já é um motivo mais do que plausível.

— Minha vez... — Pegou uma dose e a bebeu fazendo uma careta a seguir.

— Qual foi a última vez que transou?

Se eu estivesse bebendo algo teria cuspidido na cara dele naquele momento.

— Isso já é íntimo demais.

— Não estava nos termos que não poderia fazer perguntas íntimas.

— Não, mas...

— Vamos lá, Rosie... Sei que você quer se abrir pra mim — sua voz soou indecente, o que dava a entender uma dupla interpretação.

— Não sei por que isso é relevante, mas, foi há dois anos.

— Dois anos? — Ele fala alto demais e por isso tenho que arregalar meus olhos e alertá-lo que a mesa ao lado não podia ouvir nossa conversa. — Caralho, dois anos... — continuou a falar alto e por isso eu tenho que pisar em seu pé.

— Fala baixo, caramba!

— Tudo bem, dois anos é bastante tempo, você fez uma promessa por acaso?

— Não.

— Então você é frígida.

Não sei se foi o mezcal queimando no meu estômago que fez com que minha irritação subisse, mas na hora eu rebati:

— Eu vou te mostrar quem é frígida, seu imbecil — falei entre dentes para que ninguém nos ouvisse. Alexia nesse momento estava falando tão alto sobre seu casamento que não ia notar o quanto estávamos brigando.

— Uau, eu já te disse que não transo com fãs, mas como você realmente parece necessitada, posso abrir uma exceção.

— Eu não transaria com você nem que fosse o último homem do mundo.

— Mesmo?

— Tenho certeza disso.

— Mesmo? — Se aproximou segurando em minha cadeira, lábios próximos.

— Estou preparada para morder sua boca de novo e dessa vez vai doer pra valer.

Soltou uma gargalhada.

— Me desculpe cão raivoso, eu peguei no seu ponto fraco, não é? Sexo, parece que você tem um problema com isso.

— Não tenho nenhum problema, mas agora é minha vez — peguei a dose de mezcal, já me arrependendo porque ela bateu em meu estômago como uma bomba nuclear.

— Por que nunca namorou? — Já que ele estava fazendo perguntas extremamente pessoais, eu também podia fazer.

— Porque não vale a pena, mulheres têm sentimentos demais, exigem demais, eu não tenho essa capacidade de dividir a vida com ninguém.

— Você é um narcisista, não tem a capacidade de amar alguém porque está ocupado demais amando só a si mesmo.

— Pode ser — não negou —, minha última pergunta — disse pegando a sua terceira dose e a bebendo a seguir. — Você está inegavelmente atraída por mim, não está?

Ri. Como ele era presunçoso.

— Parece que você está louco para que eu massageie seu ego, dizendo, ah claro Dante, eu treparia com você em cima dessa mesa agora mesmo. Mas sinto te dizer que não, você é um sapo que nunca se transformaria em príncipe, então, não, eu não me sinto atraída por você.

— Uau, Pinóquio, seu nariz acabou de crescer.

Peguei a minha última dose, pronta para vomitar meu estômago para fora, quando fiz a última pergunta:

— Responda a verdade, por que você usa meu boné? — Aquilo estava me corroendo por dentro, a curiosidade, a sensação de que de alguma forma, ele estava com o boné porque o ligava a mim.

— A verdade? — Sua voz se tornou mais rouca, adotando um tom sexy. — A verdade é que eu uso esse boné porque é seu.

Fiquei sem palavras, meu coração batia forte, revelando que a atração que eu sentia por ele era irrefutável.

— Eu não consegui te tirar da cabeça, e sempre estou te irritando porque estou irrevogavelmente apaixonado por você. — Meu queixo caiu, senti que ele estava apertando meu coração com as mãos. De repente, sua expressão se ilumina, e ele cai em uma gargalhada cruel. — Desculpe, não pude deixar de fazer uma piada.

A raiva ferve em todo meu corpo, eu o esbofetearia nesse momento se não houvesse uma plateia tão grande ao nosso redor.

— Vai se foder, Dante — bebi a dose que foi matadora. Se meus sentidos estavam ruins, agora eu havia acabado de matar todos eles. Estava pronta para me levantar e deixar o babaca, mesmo que fosse para sair cambaleando, foda-se a Alexia, foda-se o Kalel, eu não ia passar nem mais um minuto ao lado desse imbecil. No entanto, quando meus pés estavam quase se movendo, notamos que um fotógrafo estava chegando à nossa mesa.

A imprensa aqui? Como?

A música parou e pouco depois o garçom estava ao nosso lado com o fotógrafo. Nesse momento a luz do local se torna rosada. Dante abaixou o boné tentando se esconder. Todos ao nosso redor nos olharam com curiosidade.

— Senhores, é a hora do beijo — o garçom disse.

— Beijo? Como assim? — Perguntei vagarosamente percebendo que eu estava com dificuldades de formular frases por conta da bebedeira.

— Estão vendo esse mural?

Vi que o mural era de várias fotos de casal se beijando, era o tema do restaurante, romance, por isso o nome: *Kiss Me Quick*.

— Sim, mas, por que nós? — minha voz está normal, mas eu sinto que estou falando baixo.

Dante ainda estava com a cabeça baixa, tentando manter sua identidade em segredo.

— Porque vocês estão na mesa doze. A mesa do beijo.

Eu vou matar a Morgan!

O silêncio no restaurante era desconfortável, todos estavam esperando por um beijo, como vou dizer que não? Que não ia beijar o homem que parecia ser meu namorado? Como vou dizer que eu não sabia que a mesa doze era a mesa do beijo?

De repente me dei conta de que era o momento perfeito para eu me vingar, me recordando de tudo que Dante já disse e que me deixou furiosa:

*“Você é a parte mais engraçada de uma piada”.*

*“...quem iria acreditar que eu estou namorando alguém como você?”*

*“...você é frígida”*

E é claro, o *gran finale*, o momento que ele brincou dizendo que tinha sentimentos por mim e depois riu na minha cara. Pois é, Hurron, ninguém acreditaria que eu sou sua namorada, mas, acho que vão acreditar depois

dessa noite.

Meu cérebro nesse momento era feito de puro mezcal, minhas pernas estão tremendo e não sei se sou capaz de dizer uma frase inteira que faça sentido.

Houve um coro de pessoas gritando e assobiando.

— Se beijem logo!

Minhas mãos ficaram úmidas, minha pulsação se acelerou.

— Dante... — chamei a atenção dele que imediatamente levantou a cabeça. Pulei em seu colo de frente para ele e envolvi meus braços em seu pescoço. Hurrón não teve tempo de reagir, nem de protestar e nem de me derrubar, fui mais rápida, arranquei o boné da sua cabeça e o beijei.

Sim, eu o beijei.

Jurei que nunca faria isso, que nunca cederia a essa tentação, mas não consegui manter a promessa. O orgulho soou mais alto, a vingança soou ensurdecadora, não fui capaz de ignorar. No primeiro momento, o choque dos nossos lábios me fez querer me afastar, eu não pude prever que todo meu corpo amoleceria com o toque.

Sabia que ele estava bêbado e com os sentidos bagunçados, e por isso reagiu entreabrindo os lábios, permitindo o beijo, e a partir daí, tudo aconteceu em câmera lenta, as pessoas aplaudiram, senti o flash da câmera, mas não consegui me afastar, porque Dante me beijou com tanta intensidade, com força, com vontade, como jamais fui beijada. Beijá-lo foi a coisa mais gostosa que já fiz na vida.

Meu corpo bradava pelo dele, sentindo-o quente. Sua mão está na minha cintura, pressionando-a de forma atrevida. Meu coração se apertou no peito, esmagado pelo beijo. Se eu não estivesse sentada em seu colo, teria amolecido as pernas e fraquejado. Senti emoções tão fortes que me golpeiam e me golpeiam repetidas vezes, me levando até o nocaute.

— Senhores, já temos a foto — o garçom disse. Eu estava ocupada



enfiando minha língua na garganta de Dante que não dei ouvidos. — Senhores, já temos a foto! — Falou mais alto. A luz rosa muda e tudo está claro quando abro meus olhos. O meu olhar se chocou com o de Dante e ali nos olhamos por mais de seis segundos, e não, nesse momento não queríamos nos matar, queríamos foder.

— Deem um quarto para eles — um idiota grita e isso nos afasta como se um raio tivesse acabado de nos atingir.

Se é possível atingir o tom de escarlate de vergonha, com certeza eu atingi. Limpei a garganta, não tive coragem de olhar para Dante e me levantei de cima dele. Ele tosse tentando esconder que também ficou envergonhado.

Foi questão de segundos para que notassem quem era ele.

— Porra, você é Dante Hurrón — o fotógrafo foi o primeiro a perceber.

A partir daí todos nos olharam, curiosos. Nesse momento vejo Alexia, e ela parecia que ia vomitar pela expressão feia que fez. Completamente chocada.

— É o rei da NFL.

— O quarterback dos Giants está aqui?

— Eu quero uma foto.

— Essa é a namorada dele?

— Ela é a Cinderela de botas cor-de-rosa?

Cada pessoa no restaurante falou uma coisa, começaram a tirar foto com seus smartphones sem qualquer autorização. Possesso, Dante pegou seu boné no chão e o colocou na cabeça. Me puxou pelas mãos e disse:

— Vamos sair daqui.

Puxei meu casaco da cadeira e minha bolsa rapidamente.

Passamos rápido pelo corredor, ele abriu a carteira e deixou no caixa mais dinheiro do que realmente consumimos, mas não quis nem ouvir a pessoa atrás do caixa, simplesmente ignorou e saiu porta afora com sua mão ainda

segurando a minha.

— Você está de carro? — Perguntou olhando para a avenida e soltando minha mão.

— Estou, mas, não vou dirigir.

— Eu vou dirigir.

— Mas você está bêbado...

— Estou melhor do que você. Anda... me dê as chaves. — Sua expressão era inflexível.

Não consegui brigar com ele, protestar, dizer que o carro era do meu pai e que se batêssemos e não morrêssemos, meu pai nos mataria, porque ainda sentia minhas pernas fracas. Tirei a chave da bolsa e a entreguei.

— Qual é o carro?

Aponto para a caminhonete do outro lado da rua.

— Essa velharia?

— Velharia não, relíquia — corrigi. Ele me ignorou e atravessou a rua, corri para alcançá-lo, ou era capaz dele me deixar e ir embora sozinho. Assim que entramos na caminhonete ele deu marcha e saiu cantando pneu. Por sorte não havia ninguém parado à nossa frente, ou teríamos batido o carro.

— Porra — praguejou.

Fiquei calada, a vingança é um prato que se come frio, mas nesse caso a vingança foi *bem quente*. Senti o mundo girar, meu estômago definitivamente não estava bom, eu devia ter comido algo, qualquer coisa, mas não, tomei quatro vodcas com cranberry e três doses de mezcal.

Eu vou morrer. Tenho certeza agora, é questão de tempo para eu desmaiar.

— Onde é sua casa? — Dante me perguntou, mas eu não consegui responder, era como se eu estivesse em outro mundo.

Respirei trêmula. A bile subiu para meu estômago, e me contraí para não vomitar.

— Você está passando mal?

Não respondi, precisava manter minha boca fechada. Percebendo que eu estava mal, Dante apenas se concentrou em dirigir. Em questão de minutos ele parou em frente a um prédio.

— Vamos descer.

Não sabia onde estávamos e nem queria saber, desci da caminhonete me sentindo aliviada pelo vento que bateu em meu rosto. Dante caminhou até o prédio luxuoso que estava à nossa frente e eu o segui.

Passamos pela recepção a caminho do elevador que já estava parado no térreo, calado, ele apertou o botão para o último andar. Mantive a cabeça baixa, tentando me situar na realidade. Dante teve que me puxar pelas mãos quando paramos na cobertura, pois eu não consegui me mover.

Ele desbloqueia a fechadura apenas com a digital.

— Você está bem? — Me perguntou quando entramos no apartamento.

— Banheiro? — É a única palavra que sou capaz de falar. Rápido, ele gesticulou mostrando que ficava à esquerda. Joguei meu casaco no chão. Mal tive tempo para notar o que estava à minha volta. A única coisa que percebi eram as janelas do apartamento que eram imensas, a vista de Nova York deveria ser perfeita. Não me ative a mais nada e só pude correr para o banheiro. Nauseada, deixo todo líquido que bebi nessa noite ir embora. Meu estômago se retorceu e o fundo da minha garganta ficou amargo. Quando senti que era capaz de me levantar, fui até a pia do banheiro e lavei minha boca.

Tudo estava girando e girando, por isso, não olhei nem para mim no espelho. Saí do banheiro e encontrei Dante sentado no sofá segurando as mãos uma na outra e apoiando o queixo nelas, pensativo.

— Nós estamos na sua casa? — Perguntei.

— Não, minha casa fica em Nova Jersey, esse é apenas meu refúgio.

— Ah... — Coloquei as mãos atrás das minhas costas, sem jeito.

— Você está bem?

— Acho que sim...

— Então pode me dizer que merda foi aquela que você fez?

— Pra falar a verdade, não estou tão bem... — sentei-me no sofá, fingindo estar pior do que realmente estava. Já que depois que vomitei, um pouco da sobriedade voltou.

Fechei os olhos, respirei fundo, meu peito subia e descia devagar. Dante se levantou do sofá e pouco depois ficou próximo de mim.

— Toma, é água — disse e eu abri os olhos pegando a água em seguida.

A água caiu em meu estômago como se fosse um cavalo de tróia, pois pensei que fosse inofensiva, mas fez o meu estômago se retorcer. Dou os goles devagar sabendo que precisava daquilo para melhorar.

— Sua camiseta está suja — a figura à minha frente disse. Abaixei o olhar e notei que era vômito. Droga, que nojo!

Entreguei o copo a ele e sem qualquer discricção retirei minha blusa. Sim, eu fiquei só de sutiã na frente dele, acontece que pelo tamanho dos meus seios, eu sabia que eles não iam causar nenhum frisson, e Deus, eu estou bêbada demais para me importar com o fato de que Dante os veria.

— Você quer uma camiseta?

— Não, está calor demais, parece que estou sufocada.

— Um café pra curar a bebedeira?

— Não. Meu estômago dói. O que tem para comer?

— Talvez eu tenha algo na geladeira. — disse e foi para a cozinha. Ele não deveria ter comida. O que estava pensando? Um apartamento exclusivo para trazer garotas não deveria ter nada além de bebidas alcoólicas.

Percebi o barulho do micro-ondas e em instantes Dante me chama:

— Está pronto.

Movo meu corpo lentamente até a cozinha e me sento na bancada. Ele me serve um prato de macarrão com queijo e depois abre a geladeira pegando uma garrafa de cerveja.

— Você já não bebeu demais? — Perguntei antes de dar uma garfada no macarrão.

— Estou puto, preciso esquecer de tanta coisa. — Ele estava falando, parece que o álcool o fazia exercitar as cordas vocais.

— Isso está muito gostoso — elogio após sentir os sabores do bacon com queijo. — Você comprou ou fez?

— Estava na geladeira, foi o que sobrou do meu jantar.

— Uau, de que restaurante é?

— Um que não lembro o nome.

Olhei para a pia e não vi nenhum recipiente plástico. Será que Dante havia feito o macarrão? Se foi, ele não parecia querer contar. A cada garfada senti meu estômago doer, mas tive que comer para tentar melhorar.

— Pode me responder uma coisa? — Perguntei a ele.

Arqueou as sobrancelhas esperando o questionamento. Não olhava diretamente para mim, parecia lutar para não olhar para meus seios.

— Por que não me deixou no restaurante ou em qualquer lugar para pegar um táxi?

— Eu não deixaria uma mulher sozinha e bêbada à mercê de qualquer estranho.

É uma atitude admirável de sua parte, pois mostrava que não pensava somente em si, mas não massageio seu ego o elogiando.

— Obrigada — murmurei ao terminar de comer, devolvendo o prato a ele.

— Posso te pedir mais um favor?

Ainda estou com o estômago doendo e me sentindo fora de órbita, mas

não tão mal quanto eu estava ao chegar no apartamento.

— O quê?

— Pode me levar para casa?

— Sim, deixa só eu conferir uma coisa.

Dante pegou o telefone e conversou com a portaria, questionando se havia jornalistas à espreita.

— Porra, bando de abutres. — Resmungou ao desligar o telefone. — Não dá para sair agora, vamos esperar, eles devem ir embora depois da meia-noite.

— Pensei que aqui era seu lugar secreto.

— Era até hoje, mas de alguma forma descobriram.

Minha cabeça voltou a girar e eu tive que me sentar no sofá de novo para que parasse. Esqueci as formalidades, e tirei os sapatos, me deitando no sofá em seguida. Dante não notou, já que estava olhando pela janela com a garrafa de cerveja nas mãos. Ele estava pensativo, visivelmente irritado.

Não consegui reunir todos os fatos da noite no meu pensamento, tudo estava bagunçado demais. Eu só estava me concentrando em não morrer esta noite.

— Você não quer mesmo uma camisa? — Se virou fitando o chão.

— O aquecedor não está muito forte? Vamos morrer cozidos desse jeito.

— Não está, é muito bem regulado.

Eu me sentia quente, como se estivesse com febre.

— Você pode se deitar na cama.

— Se eu me deitar, vou dormir.

— Eu te acordo.

Não precisou de mais nenhum argumento para que eu me movesse do sofá para a direção que ele me indicou, entrei no quarto e não acendi as luzes, sendo guiada apenas pela fresta da luz do corredor até a cama, caí na cama e

não acordei durante à noite. Em algum momento eu lembro-me de ter tirado a calça jeans que estava me apertando e em algum momento eu deixei o celular, que estava no meu bolso, no criado-mudo.

E foi assim que eu acabei dormindo fora de casa e cometendo um dos maiores deslizos da minha vida. A ressaca pela manhã veio forte, como também o pudor. Puxo as cobertas para me cobrir e digo a Dante:

— Eu não sou uma bêbada desmemoriada, sei que não transamos.

— É claro que você sabe, isso seria impossível.

— É mesmo? Pois você estava olhando para os meus seios até agora antes de eu cobri-los.

— Foi involuntário, qualquer homem olharia.

Pego meu celular e quase desmaio ao perceber o mar de notificações. A primeira coisa que faço é ligar para meu pai e tranquilizá-lo. Não dá dois toques e ele atende:

— Pai, sou eu...

— Rosalie Wicks, o que deu em você? Dormiu fora de casa sem me avisar!

— Desculpa pai, é que... — Não consigo reunir palavras para explicar, como vou dizer para meu pai que estava tão bêbada que não consegui ir para casa?

— Quando ia me dizer que está saindo com o quarterback dos Giants? Você nunca me escondeu nada, agora parece que não te conheço mais, o que eram aqueles protestos?

— Pai, como, como... — gaguejo — Como você sabe que estou com ele?

— Primeiro porque acordei com jornalistas em minha porta e segundo porque sua foto com esse sem-vergonha está naquele aplicativo — ele devia estar falando do *Facebook*.

Estou fodida. É claro que estou, e a culpa é toda minha porque não quis engolir meu orgulho ridículo.

— Desculpa, eu vou me explicar quando voltar para casa.

— Estou decepcionado. — Desliga.

Nesse momento Dante está olhando para seu celular e recebe uma ligação, ao atender, sai do cômodo. Abro o *WhatsApp* e começo a ver as mensagens, primeiro abro as da Morgan:

**Morgan:** *Caralho*, eu mal acreditei quando acordei essa manhã e te vi em todas as redes sociais, que beijo foi aquele? Não sabia que ia ver o Hurrón, como pôde não me contar?

**Morgan:** O vídeo está circulando em toda a internet, as hashtags *#DanRosie*, *#omaridoideal* *#cindereladebotas*, estão nos trending topics do Twitter. Vocês são um fenômeno.

Fico chocada, como o vídeo pode ter viralizado de um dia para o outro? E que hashtag era essa, “**DanRosie**”, como viramos um casal do dia para noite a ponto de termos a junção dos nossos nomes?

*Pumpkin* (Chase): Você sumiu.

*Pumpkin* (Chase): Boo, me responde, aconteceu alguma coisa?

Essas mensagens foram mandadas de madrugada. E pela manhã havia outra:

*Pumpkin* (Chase): Já fiquei sabendo o que aconteceu. Então a hostilidade que você fingia ter pelo jogador era mentira? Foi uma forma de se aproximar dele? Desde quando vocês estão juntos? É desde o ano passado? Rosie, eu não esperava isso de você, você sempre me contou tudo, sempre foi minha amiga e agora está se envolvendo com um cara que até ontem você disse que odiava...

Havia mais duas mensagens que foram apagadas.

Ele estava online e começou a digitar algo, mas apagou.



Primeiro respondo Morgan dizendo que explicaria tudo mais tarde, e depois respondo ao meu amigo que tudo não passava de um mal-entendido gigantesco. Ele visualizou na mesma hora, mas não respondeu, já sua irmã mandou uma figurinha animada.

Também havia mensagens do meu pai com o mesmo questionamento que me fez essa manhã, havia mensagem de pessoas que eu não tinha mais nenhum contato. E, meus colegas do restaurante também me mandaram mensagens.

É assim que se joga uma reputação na lama. Agora todo mundo vai achar que a paixão que eu tenho pelo futebol foi somente uma tática para agarrar um jogador. Massageio o ponto entre minhas sobrancelhas, sabendo que não tinha como desfazer esse mal-entendido porque havia, além de imagens, um vídeo. Um vídeo que não me atrevi a abrir porque morreria de vergonha.

Minha cabeça dói quando toco meus pés no chão. Visto a calça jeans e quando estou fechando o botão, Dante surge novamente se aproximando de mim.

— O que você queria com tudo isso?

— Eu? Nada.

— Você me beijou.

— Aquilo? Foi porque todo mundo estava incitando.

— Você tirou o meu boné deixando que todos soubessem quem eu era.

— Aquilo foi involuntário.

— Rebolar no meu pau foi involuntário?

— Eu não rebolei no seu pau.

— Já viu o vídeo?

Puta que pariu e todos os palavrões possíveis! Será que eu estava tão bêbada a ponto de não conseguir controlar o meu quadril?

— Eu...E...u... — Gaguejo.

— Se queria tanto foder comigo deveria ter dito. — Vejo duplo sentido em sua frase. Será que era foder no sentido de ferrá-lo, ou foder no sentido sexual?

Ele se moveu até o guarda-roupa e procurou por algo dentro dele.

— Te beijar foi repulsivo, foi como beijar um cacto.

— Então parece que você gosta muito de cactos — disse entregando-me uma camiseta branca sem estampas. Ele não me olha. Apenas me deixa sozinha.

É. Parece que eu gosto muito de cactos.

Coloco a camiseta determinada a ir embora o mais rápido possível. Vou até o banheiro e tento deixar o meu cabelo e meu rosto apresentáveis. Depois, passo pela sala e calço meus sapatos, a seguir, pego a chave do carro e minha bolsa. Dante para na minha frente com uma xícara na mão.

Nesse momento paro para analisar seu apartamento. Tudo era lindo e iluminado, mas a visão dele parada na minha frente, com aquela bermuda baixa mostrando ligeiramente a parte inferior do abdômen, que parece um alvo para algo mais excitante, era ainda mais bonito. Seu corpo e sua expressão tão crua quase me deixam sem ar.

Acontece que, eu não era inacessível ao charme dele, se eu pudesse tomar uma vacina anti-Hurron eu tomaria, mas não é possível. Qualquer pessoa diria que ele é atraente, ele não é aquele homem atraente que você diz: “Ah, ele é bonito”, e sim: “*Putá merda, ele é uma porra de um gostoso*”.

O que estou tentando admitir é que meu corpo gosta do corpo dele.

Instintivamente toco meus lábios, a lembrança do seu beijo se instalou em minha memória. Estar perto dele me faz sofrer mil impulsos contrários. Engulo a saliva, era hora de cortar relações ali mesmo.

Levanto-me do sofá e digo:

— O beijo de ontem foi um equívoco, foi algo que fiz porque estava

bêbada. Então desconsidere — ele olha para mim me ouvindo atentamente. — E... eu prometo que não vou dizer nada à imprensa sobre nós. Também vou me demitir do restaurante, sendo assim, não teremos mais nenhum contato.

Ele fica em silêncio.

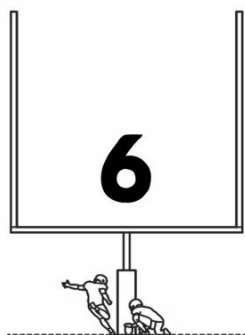
— Então é isso... — começo a me mover em direção à porta. — Adeus... — Seguro a maçaneta, eu esperava que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa, odeio estar esperançosa sem saber o que estava ansiando.

— Espere... — Dante finalmente diz algo, e eu viro a cabeça confusa. Deposita a xícara na mesinha central e vai até o quarto como se fosse pegar algo. Depois volta com as mãos atrás das costas e se aproxima de mim. Seu sorriso é sedutor. Sinto que ele está prestes a me sacanear, pois se ajoelha e mostra em suas mãos o outro par da minha bota rosa.

Ele vai brincar comigo, fazer uma de suas piadas e rir da minha cara. Mesmo tendo essa certeza, eu não consegui me mover.

— O quê...? — Sou incapaz de terminar a frase.

— *Cinderela*... — sua voz penetra em mim. — Quer ser minha namorada?



## **A NAMORADA DO QUARTERBACK**



## Capítulo 6

Fiz um barulho de desdém. Se ele pensava que me enganaria de novo, estava muito equivocado. Não dá para negar que meu coração trepidou e minhas mãos ficaram úmidas com seu pedido, mesmo assim, deixo a voz da razão agir.

— Eu não vou cair nos seus joguinhos, pode se levantar daí. — Cruzo os braços, indisposta.

Ele se levanta com um sorriso debochado, deixando a bota no chão.

— Não é assim que as mulheres gostariam de serem pedidas em namoro?

— Não, quer dizer, é — expiro com raiva —, mas não quando o pedido não passa de uma brincadeira sem graça.

— Não é uma brincadeira — diz sério, seus olhos encontram os meus. Ele sempre fazia isso, sempre me olhava nos olhos como se fosse algum tipo de teste, para ver se eu ia suportar olhar sem ficar envergonhada.

Abaixo e pego minha bota, apoiando-a debaixo do braço junto com minha bolsa.

— Como conseguiu? — Falo sobre o par de sapato que eu fiz questão de jogar no fotógrafo.

— Fui até a revista, como já te disse, e eles me devolveram de bom grado.

— Obrigada, agora eu tenho que ir, porque a nossa brincadeira tomou proporções enormes e eu vou ter que lidar não só com a mídia, mas também com minha família e a Big Blue.

Coloco a mão na maçaneta, irritada, ele me barra e coloca a mão em cima da minha. Meu coração acelerou, tive que tentar acalmar as batidas frenéticas.

— Eu não sou a droga de uma piada! Então se não parar de conversa fiada eu vou bater com essa bota na sua cabeça. — Solto a respiração de uma vez, demonstrando minha raiva. Ele me olha e solta sua mão da minha.

— Rosalie, eu...

— Não, não fale.

— Porra, dá para me escutar?

— Não. — Abro a porta e saio pisando duro pelo corredor, entretanto, ele não desiste e vem atrás de mim.

— Eu estou falando sério, Hurrón, estou armada e não vou hesitar em bater com essa bota em você — a levanto ainda olhando para frente, com certeza ia doer muito se eu batesse nele, o salto era duro o suficiente para isso.

Aperto o botão do elevador do lado esquerdo e do lado direito, entraria no que chegasse mais rápido. Para minha sorte, o elevador esquerdo se abriu e eu entrei e apertei para fechar, mas sem antes dar de cara com o Hurrón entrando com a camiseta no meio do corpo, vestindo-a. Ele estava me tirando do sério, se esforçando para acabar com meu equilíbrio mental.

A porta do elevador se fecha e eu aperto o botão para o térreo. Retiro a bota do braço e o ameaço:

— Eu sou louca, não se aproxime.

— O que você está fazendo?! — Segura meu pulso.

— Estou cansada das suas brincadeiras, só, por favor, me deixe em paz. — Estava exausta, não suportava mais ser enganada por ele e por meu corpo traíra que não conseguia controlar a atração que sentia pelo corpo dele.

— Você me deve uma.

— O quê?

— Você me deve um favor, lembra?

Ele tinha razão, eu devia um favor, e me sinto extremamente arrependida de ter pedido aquele favor. O favor que arruinou minha reputação.

— O que você quer? — dou-me por vencida.

— Quero que seja minha namorada. — Sua voz saiu calma.

Solto uma risada histérica, mostrando que não ia me vencer com aquele papo furado e todo seu charme.

— Ouça, isso não é uma piada, preciso de você, preciso que finja ser minha namorada — diz sério, o sorriso em meus lábios se desfez aos poucos.

Faço silêncio como resposta. O elevador para no térreo e eu ainda não sei o que dizer.

— Por quê? Por que quer que eu finja? — Pergunto saindo do elevador e ele me segue.

— A mídia inventou uma história mirabolante sobre nós, estamos no trending do Twitter, estamos na televisão, em jornais, revistas e, temos fãs, de alguma forma as pessoas compraram a ideia de que estou namorando uma fã, quer dizer, mais do que isso, uma anti-fã.

Meu queixo caiu.

Paro no hall e viro-me para ele.

— Isso não faz o menor sentido, como compraram essa história? Não foi você que disse que jamais acreditariam que você está namorando uma garota como eu? — Levanto uma sobrancelha com a pergunta.

— Você sabe muito bem o porquê.

A resposta vem como uma avalanche caindo direto no meu estômago, fazendo com que eu sentisse um frio na barriga.

— O vídeo... As milhares de fotos que tiraram no restaurante e um fato incontestável, eu dormi em seu apartamento.

— Sim...

— Olha, me desculpa por essa confusão, porém, eu não vou cair nos seus joguinhos, não vou jogar minha reputação na lama namorando um jogador de futebol, mesmo que seja de mentira. — Dou minha última resposta antes de virar o corpo em direção à saída.

Ele não desiste, encosta a mão em meu braço:

— O que você quer em troca? Dinheiro? Pois fama você já tem desde que me beijou.

— Eu só quero que volte a jogar para os Giants com a mesma garra que você tinha.

Ele não respondeu. É claro que não aceitaria, se dá por vencido e solta a mão do meu braço.

Saio do prédio passando pelos seguranças que me olham com curiosidade, avisto meu carro e em seguida sou atropelada por flashes e jornalistas. Tampe minha visão e corro direto para a caminhonete seguida por eles.

— Wicks, Wicks, pode nos falar sobre seu relacionamento com o Hurron?

— Vocês estão namorando?

— Nos diga, *DanRosie* é real?

Os paparazzi não param de perguntar batendo no meu carro. Não sei como sair dali, pego meu celular e noto que há uma mensagem de Tom Goodwin.

*“Rosie Blue, é verdade o que está saindo na mídia? Você está namorando o Hurron?”*

Oh, Deus.

— Hey, Hurron, pode nos responder umas perguntas?

— Estarei hoje no canal da revista Stars respondendo a todas as perguntas, agora me deixem passar — o ouço dizer, estou prestes a travar o carro, mas não faço, pois estou gostando de vê-lo implorar por mim.

Ao entrar no carro, ele se rende:

— Fechado.

— O quê?

— Fechado, só saia daqui, e depois conversamos.

Ligo o carro e acendo o farol alto, fazendo com que os jornalistas saiam da frente e nos deixem passar, acelero para finalmente nos livrarmos de todo aquele furdunço. Quando já estamos fora da vista dos paparazzi, ainda



sabendo que nos seguiriam, Dante começa a falar.

— Vou jogar mais uma temporada, vou levar os Giants para a final da Super Bowl.

— É sério?

— Sim.

— Por quê? Por que quer namorar comigo?

— A mídia te ama. As pessoas amam um casal que não existe, isso de um dia para a noite. Eu preciso de você, porque foi você que fez com que os meus fãs me odiassem. Preciso que mude essa percepção deles sobre mim.

— A opinião das pessoas importa tanto? Você me disse ontem que não tinha motivação para jogar.

— E não tenho.

— Então por que não desiste?

Suspira.

— Já te disse, há mais do que minha própria vontade no meio de tudo isso.

— Então, se eu aceitar ao seu pedido, você vai dar tudo de si no próximo campeonato?

— Sim.

— Mesmo não querendo mais jogar?

— Sim.

— Eu não entendo.

— Você não precisa entender, só quero que faça o papel da minha namorada.

Empertiguei-me.

A proposta era tentadora, é claro que era, primeiro porque ser a namorada de Dante mostraria para Kalel que eu estava muito bem, Alexia deve estar engasgada com sua inveja até agora. Segundo, porque os Giants teriam seu quarterback dando tudo de si, e, terceiro, ser a namorada do Hurrion era um

passa livre para torturá-lo.

— O.k. Eu aceito — falo como se não fosse grande coisa, ele anela demonstrando seu alívio —, mas com uma condição.

— O quê? — pergunta, sem paciência.

— Vai ter que pedir para meu pai e meu avô. — Paro no semáforo ao dizer.

Dante me olha e começa a rir.

— Está brincando, não está?

— Não estou.

— Você não é adulta?

— Sim, tenho vinte e um, quase vinte e dois — lembro do meu aniversário no próximo mês —, e é a primeira vez que minha família vai lidar com um namorado, mesmo que falso.

— E onde aprendeu a beber daquele jeito?

— Com o meu avô.

— Seu avô? Que exemplo hein.

— Não que meu avô me influencie a beber, mas ele adora mezcal. Tínhamos sempre uma garrafa em casa e ele me deixava beber depois que completei dezoito anos em ocasiões especiais.

— Com certeza a mídia vai enaltecer a nossa diferença de idade.

Dante não era tão mais velho que eu, só que ele tinha vinte e oito anos, ou seja, era uma diferença de idade significativa.

— Sempre dizem que pareço mais velha — dou de ombros.

— Não parece.

— Claro que pareço.

— Não. Você realmente parece uma adolescente.

— O casal mais badalado do mundo, Beyoncé e Jay-Z tem quase doze anos de diferença na idade.

— Você não é a Beyoncé.

— E você não é o Jay-Z.

Ficamos em silêncio. Faz alguns minutos que nos tornamos oficialmente namorados e já conseguimos discutir.

— Quanto tempo? Quanto tempo vai durar o nosso acordo? — Lembro de perguntar, queria saber quanto tempo duraria a tortura.

— Três meses é o suficiente.

— Tudo isso?

— Precisamos de tempo para mudar a opinião da torcida, quero que acreditem que estamos juntos de verdade.

— Oh... O rei da NFL, Dante Hurrón, precisando de mim, parece que o jogo virou, não é?

Não me respondeu, devia estar ocupado tentando engolir seu próprio orgulho que estava parado em sua garganta.

Sorri.

Parece que eu não sou mais a parte mais engraçada de uma piada, e sim ele, afinal, quem está indo me pedir em namoro para minha família?



Assim como a entrada no prédio do apartamento de Dante, a entrada da minha casa estava cheia de jornalistas. Não havia saída a não ser encarar mais uma enxurrada de flashes. Eu não estava com minha melhor aparência e isso já estava me irritando, tive que segurar meus xingamentos e entrar em casa com Dante me seguindo.

Na hora que entro em casa, dou de cara com três homens me esperando: Papai, vovô e Chase. Todos sentados no sofá, provavelmente confabulando

contra mim, a garotinha que eles sempre queriam proteger.

O que não esperavam é que eu fosse chegar em casa acompanhada. Dante está atrás de mim e dá um passo para o lado, se deixando ser visto. Não sei o que falar, todos estão nos olhando com expressões inflexíveis. Não havia jeito bom de me explicar, então eu apenas decidi jogar a notícia bem rápido:

— Papai, vovô e *Pumpkin*... — pensei que usar seu apelido fosse amolecer seu coração. — Esse é meu namorado, Dante Hurron.

Nessa hora vovô abre um sorriso e se levanta. Papai também se levanta, mas continua com sua expressão severa, já Chase não se move. Dante se aproxima deles e estende a mão, cumprimentando-os.

— É um prazer conhecê-los. — O moreno foi determinado.

— Meu rapaz, eu já te vi na televisão muitas vezes, mas pessoalmente você é bem mais bonito, hein? — Vovô não tinha problema algum em elogiar pessoas.

Dante deu um sorriso constrangido.

— O que significa isso? — Meu pai sussurrou para mim.

— Me desculpe aparecer de repente, mas tive que vir para consertar as coisas... — Hurron pronuncia. — Sua filha e eu estamos juntos, não foi algo planejado, simplesmente aconteceu.

— Estão juntos? — Papai levantou uma sobrancelha desconfiado.

— Sim, é muito recente.

— Recente? Até semana passada ela estava planejando um boicote contra você — papai soa acusador.

— Pai, por favor.

— Eu quero explicações, quero entender por que minha filha saiu de casa e não voltou ontem à noite, sabe o quanto fiquei preocupado com você? Consegue imaginar?

Nesse instante, Chase que não disse nada até o momento, se levanta e fica

ouvindo tudo próximo ao sofá.

— Perdi a noção do tempo, estava tarde e acabei dormindo... — respondo a verdade, ocultando o fato de que fiquei bêbada demais.

— Dormindo?

— É.

— Na casa dele?

— Sim...

Meu pai ficou vermelho de raiva, seu olhar rígido me fez estremecer.

— Ora, Robert, precisa de todo esse interrogatório? — o mais velho no recinto interferiu por mim, eu já estava toda dura, sem argumentos para responder meu pai.

— Precisa! Ela é minha filha, minha única filha que dormiu fora de casa e foi parar na cama de um jogador. — Sua raiva era fumegante. Nunca vi meu pai assim, não mesmo, nem quando eu fui viajar sem sua permissão.

Meu Deus.

— Papai, nós não... quer dizer... — que merda, como vou dizer que dormi na cama dele, mas não com ele?

— Me desculpe, senhor, a Rosie não estava se sentindo muito bem, por isso foi para minha casa. — Dante tomou partido, sem se abater com a ferocidade da expressão do meu pai.

— Espera que eu acredite?

— Não tenho por que mentir. — Os dois se encararam, meu pai tentando encontrar alguma verdade no olhar do Hurren e ele tentando não fraquejar. — Por isso eu vim aqui, para pedir aos senhores a permissão para namorá-la. — Ele estava tão *bem*, tão tranquilo, parecia que já tinha feito isso antes.

— Se dependesse de mim, permitiria — meu avô segurou minha mão ao pronunciar. A apertei com carinho, agradecida pela força que ele estava me dando.

— Pois é, pai, não depende — meu pai diz estragando a pontada de esperança que eu tive. Era um namoro falso, como eu podia estar tão ansiosa para que meu pai dissesse sim a essa mentira?

— Não. — A voz surgiu do fundo pegando a todos de surpresa. — Não — Chase se aproxima ficando ao lado do meu pai.

— Me desculpe, você é o irmão dela? — Dante pergunta. Era possível supor que meu amigo era meu irmão, pois ele soava protetor, embora de aparência somos completamente diferentes.

— Não, mas sou o melhor amigo dela.

— O.k., melhor amigo, essa é uma resposta que cabe a apenas ao pai dela. — O Hurron diz com os dentes cerrados.

— Filho, acalme-se — meu pai pede segurando o ombro de Chase —, a Rosalie já é maior de idade e se ela quer namorar, eu não posso dizer não.

Meus olhos brilharam com a resposta.

— Não está vendo que ele está brincando com ela? — O ruivo se enfureceu.

— *Pumpkin*, você não pode se meter nisso, eu jamais te disse para não namorar a Jasmine — interferi na briga, ele estava indo longe demais com sua proteção exagerada.

— É diferente, vocês se odiavam até esses dias, como resolveram namorar de uma hora para outra?

— O ódio e o amor são sentimentos fortes, para pular de um para o outro é preciso de apenas uma coisa... — vovô intercede. Todos estamos esperando pela resposta. — Um beijo.

O silêncio é constrangedor.

Meu avô estava certo, um beijo podia ser o caminho para o amor ou o caminho para o ódio. E é claro que estávamos no caminho da repulsa mútua.

Fiquei constrangida, porque todos ali viram que nos beijamos, não só eles

e sim todo o país. Não tinha como apagar aquele beijo, nunca, nem se eu quisesse, nem que ele quisesse, não só pelo vídeo, visto que o beijo se tatuou em minha boca. Estou sendo contraditória o tempo todo em relação a Dante, no entanto, é isso que ele faz comigo, me faz sofrer em contradição.

Papai limpa a garganta tentando esconder o desconforto:

— Vamos nos sentar.

Nós nos sentamos para amenizar o desconforto da situação. Vovô, Dante e eu, nessa ordem ficamos em um sofá, e no outro, de frente para nós estava Chase e meu pai, os interrogadores.

— Vão ter que seguir regras, a primeira é, jamais durma na casa dele de novo, Rosalie — papai olha para mim —, segunda, cuidado com a reputação da minha filha, essas revistas estão dizendo muita baboseira — depois olha para Dante — e terceiro, nunca mais quero ver fotos ou vídeos como aquele. — Foca seu olhar em nós dois.

— Sim, papai.

— Claro, senhor. Eu só tenho uma dúvida?

— Sim?

— Ela nunca vai poder dormir fora de casa? Mesmo que seja por conta de algum evento?

Essa pergunta me faz sentir calor, como se eu tivesse comido uma pimenta.

— Não, a menos que se case com ela.

Engasgo com minha própria saliva, o maxilar de Dante ficou tenso, ele não teve argumentos para refutar meu pai.

— Vocês querem um café? — Vovô pergunta se levantando e acabando com o clima estranho que se instalou.

— Obrigado, mas logo tenho que ir — Dante responde.

— Ora, rapaz, é só um café. — Ignora completamente a resposta e se

dirige até a cozinha, vou atrás para ajudá-lo, deixando meu falso namorado à mercê dos olhos protetores de Chase e meu pai.

— Precisa de ajuda, vovô? — Pergunto. Ele estava colocando pó na máquina quando cheguei.

— Você vai me contar o que é tudo isso, não vai?

— O quê? Eu já contei.

— Eu te conheço, tem algo por trás de tudo isso, não tem?

— Vovô... — Era difícil enganar a única pessoa que me lia tão bem.

— Quantas colheres de café você põe normalmente? — Pergunta mudando de assunto.

— Quatro.

Logo me dou conta que ele mudou o rumo da conversa porque Dante apareceu na porta da cozinha.

— Sinto muito, senhor, preciso ir, o meu carro chegou.

Vovô virou-se para ele com astúcia.

— Está bem, vai perder o melhor café que você poderia tomar na vida. Te vejo em breve, certo?

— Claro, foi um prazer conhecê-lo — Dante estende a mão e o mais velho a aperta com força. O sigo até a porta.

— Obrigado pela hospitalidade — disse passando pela sala, já devia ter se despedido previamente dos dois teimosos sentados no sofá. — Mais tarde conversamos.

— O.k. mas, tínhamos que conversar sobre esse acordo — sussurro a última palavra.

— Faremos isso em um local mais apropriado, agora vou embora antes que algum deles me mate.

Não pude deixar de rir.

— E ah, não sei se você sabe... — Se aproxima da minha orelha para



dizer. — Mas seu melhor amigo, *Pumpkin*, está apaixonado por você. — Ele pronuncia o apelido com hostilidade.

— Não está não! — retruquei, ele fecha a porta ignorando minha resposta.

Solto um gemido de lamentação. Agora eu tinha que me virar com os leões sozinha.

— Chase, acho que o avô da Rosalie precisa de ajuda, pode nos deixar a sós? — Meu pai pergunta assim que me aproximo, na mesma hora meu amigo se levanta e caminha até a cozinha. — Sente-se aqui... — Pede para que eu me sente ao seu lado e eu o obedeco. — Como foi que isso aconteceu? Você estava nos protestos para chamar a atenção dele? É apaixonada por esse garoto?

Não queria mentir, como também não queria dizer a verdade.

— Os protestos foram reais, não foram uma forma de chamar a atenção dele. — Começo com a verdade. — Só que nos encontramos na Tasty House, ele é um dos sócios, acabei descobrindo isso nesse final de semana. — Continuo sendo sincera. — Nós tivemos uma boa conversa e ele me chamou para sair, nos entendemos e, bom, Dante acabou se declarando para mim, dizendo que estava apaixonado desde que nos conhecemos no Super Bowl do ano passado. — Fechei com uma gigantesca mentira.

A figura ao meu lado apertou as sobrancelhas um pouco desacreditado.

— Sêrio?

— Poxa, papai, não está acreditando que um jogador hiperfamoso está apaixonado por sua filha?

— Sinceramente, é um pouco difícil de acreditar, — fiz uma careta ofendida — não que você seja pouco para ele, pois você é perfeita, mas isso me parece um conto de fadas.

— Um conto de fadas pode se tornar real.

— É... Talvez. E você gosta dele?

Não.

Nadinha.

Não mesmo.

Nem um pouco.

Não.

E todos os nãos possíveis.

— Gosto — desvio o olhar para não ser pega na mentira.

— Está bem — se levanta. — Agora seu velho pai vai trabalhar e tentar se livrar desse bando de desocupados — se referiu aos jornalistas.

— Pai... — Chamo-o quando está na porta.

— Sim?

— Ainda está decepcionado comigo? — Tenho que perguntar, suas palavras tinham doído demais em mim.

Ele abaixou o olhar, fixando-os nos pés.

— Eu não esperava as atitudes que você tomou ontem e por isso me decepcionei, mas você jamais será uma decepção, só quero que se cuide, pois eu te amo.

Aproximo-me dele e o abraço.

— Eu também te amo. — Afago suas costas.

— Agora preciso ir. — Abre a porta e os flashes voltam. — Vocês não têm o que fazer? Resmunga ao fechar a porta.

Ri aliviando a tensão que percorria meu corpo. Vou até a cozinha e encontro o café já pronto.

— Eu tenho que ver uma coisa no meu quarto — essa era a forma do vovô deixar Chase e eu sozinhos. Pego as xícaras e as coloco na pia servindo o café e entregando um copo ao meu amigo.

Sorvi o líquido me sentindo mais revigorada, embora ainda com dor de cabeça.

— Você pode me contar, pode me dizer que ele está te forçando... — Uma linha apareceu entre suas sobrancelhas.

— Chase, não há nada para dizer.

— Você o odiava até esses dias.

— Pois é, mas não o odeio mais.

— Eu te conheço, você não muda de opinião sobre as pessoas drasticamente de uma hora para outra.

Ele tinha razão, eu não mudava mesmo, nem por isso eu contaria a farsa. Jamais contaria a ele que esse namoro era de mentira, pois ele não me deixaria prosseguir.

— Eu mudei, ele é meu namorado, e eu gostaria que você respeitasse isso.

Seus olhos pousam na xícara em suas mãos, depois encontram algum ponto da cozinha e permanecem lá, mas sem focar.

— Eu nem te reconheço agora.

— Sabe que não tem o direito de dizer isso, que não tem o direito de interferir.

— Eu sou seu amigo.

— É, você é meu amigo, apenas meu amigo. Se não tem nada mais para dizer, acho que meu pai está te esperando na oficina — sou grosseira, e no mesmo instante me arrependo, só que eu sabia que se fraquejasse ele perceberia que eu estava escondendo algo.

O ruivo abaixa os olhos para os pés e deposita a xícara de café na pia. E quando olha para mim noto que seus olhos estavam molhados.

— Chase, o que foi que... — Ele não me deixa terminar a pergunta, apenas marcha para fora da cozinha e bate a porta da minha casa quando sai. Como um elefante pisando na minha cabeça eu tenho a descoberta que sim, meu melhor amigo estava apaixonado por mim.

Ele está, eu sei que está porque Chase raramente chora. Só o vi chorar

duas vezes, uma quando seus pais morreram, duas quando nossa amizade quase acabou por conta da Jasmine, visto que quando eles começaram a namorar, eu havia praticamente desistido de ser sua amiga porque a namorada estava sempre enciumada demais em relação a nós. Por isso decidi me afastar, no mesmo dia, Chase veio até a mim e chorou pedindo para que nossa amizade nunca terminasse.

A menos que as emoções fossem fortes demais, intensas a ponto de não caberem mais em seu peito, ele chorava. O que ele sentiu era além da raiva por Dante, além da decepção por minha causa, era algo forte e além da amizade, e eu recusei muito a admitir isso, mas todos os fatos estavam ali. O olhar dele para mim mudou, não era mais amizade, era paixão.

Deixo a xícara na pia e me abaixo abraçando meu corpo e apoiando a cabeça nos joelhos. Não é só minha cabeça que dói, não é só meu estômago, ainda tem o bendito aperto no peito. Senti-me culpada, como pude deixar que isso acontecesse?

— Rosie? — Vovô pronuncia meu nome, contudo, eu não tenho forças para me levantar. — Querida, o que foi? — O sinto se aproximar com dificuldades para abaixar, ele apenas acaricia meus cabelos.

— Ah vovô... O meu melhor amigo está apaixonado por mim. — Uma lágrima escorre pelo meu olho.

— Agora que você percebeu?

Droga, todo mundo sabia, menos eu.

— É... Agora que eu percebi.

— E por que está chorando?

— Porque vou perdê-lo.

— Levanta a cabeça, ele vai superar.

— Será? Ele está com tanta raiva de mim... — Levanto a cabeça e olho para cima.

— Eu gosto muito do Chase e da irmã dele, mas sinceramente, ele é um frouxo.

Foi impossível não gargalhar.

— Vovô! — o censurei.

— Ele é um frouxo, ora. Se esse garoto não teve a coragem de dizer que gosta de você até hoje, então ele não merece seu amor. Um homem tem que saber dizer que ama uma mulher, e se ele não diz, então ele não merece que ela o ame de volta.

Vovô era um homem tão sábio, isso me faz questionar o porquê da minha avó ter se separado dele. Eu nunca perguntei, uma vez que isso seria tocar em uma ferida, assim como nunca perguntei ao papai por que mamãe o deixou.

Seguro a mão da figura masculina que eu tinha tanto respeito, levanto e lhe dou um abraço e em seguida saboreamos um café juntos. Além de conselheiro, era um ótimo mentiroso, seu café não era nem de longe o melhor do mundo, e sim o mais aconchegante.



Como Morgan estava na sua pós-graduação durante o dia, não consegui falar com ela e desabafar sobre os recentes acontecimentos, prometi por mensagem que contaria tudo à noite. No meio da tarde recebo uma mensagem de Dante avisando que um carro me buscaria às três em ponto.

*“Posso saber o motivo?”* — Pergunto.

*“Esteja pronta, vou pedir para meu motorista te buscar.”* — É sucinto e depois manda a placa do carro para que eu fique atenta.

Aviso ao meu avô que preciso sair e mando uma mensagem ao meu pai que responde:

*“Não esqueça das regras”.*

Uma nova mensagem chega para mim, era da minha tia, Jenna, a que dava uma de vidente, contudo, não acertava sequer uma previsão:

*“Querida sobrinha, fiquei sabendo que está namorando pelos jornais, estou desapontada e histérica, devia ter me contado antes, como assim você está namorando aquele pedaço delicioso de homem? Lembra que eu li na borra de café que você iria se casar esse ano? Acho que esse é um bom candidato, não?”*

Ri. Meu Deus, minha tia não acertava uma mesmo, é claro que eu não ia me casar esse ano, ainda mais com Dante Hurren. Respondo a mensagem pedindo desculpas e dizendo que essa previsão seria uma que ela não ia acertar e que era melhor ler a borra do café pra mim de novo.

Saio de casa depois de tomar um banho vestindo calça jeans, uma blusa de moletom preta e tênis velhos nos pés. Não me ative a vestir algo mais elegante, pois imaginava que teríamos apenas uma conversa para colocar os

acentos necessários em nosso acordo.

O carro que estava me esperando é facilmente reconhecido não só pela placa, e sim por ser uma Mercedes, afinal, não se via uma Mercedes estacionada na vizinhança com frequência. Entro no carro pela porta de trás e cumprimento a pessoa que dirigia.

— Olá, boa tarde.

— Boa tarde, senhorita — o homem de meia-idade diz e logo acelera saindo da vaga.

Coloco o cinto de segurança, passo os dedos pelo banco e mordo os lábios. Como eu estava nervosa. E por que estava? É apenas um encontro formal para firmar um acordo, melhor, não é um encontro, é um negócio.

Ambos vamos sair felizes com isso, Dante vai conseguir o apoio dos fãs novamente e, eu vou conseguir com que ele volte a jogar como antes. Tudo em prol dos Giants, é apenas pelos Giants que estou fazendo isso.

O motorista me deixa no prédio e eu sigo até a recepção, me apresento e sou instruída a subir. Ainda me sinto aturdida quando paro de frente para o apartamento de Dante, penso em bater na porta, contudo, ainda estou digerindo a ideia de estar novamente a sós com ele.

A porta se abre me fazendo escapar da minha luta mental.

— Vai ficar aí a tarde toda? — Dante pergunta. Olho para ele e consigo não me perder em seu corpo, pois dessa vez ele estava vestido completamente com roupas informais. Seus cabelos estão molhados caindo pelo seu rosto, e por isso minha atenção acaba recaindo em sua face.

— Eu já ia bater — limpo a garganta.

— Você tem um vestido? — Inquire se sentando no sofá.

— Tenho... quer dizer, não é muito bom, porque me faz parecer uma criança — digo a verdade, foi um vestido que minha mãe me deu aos quinze anos todo florido. Eu não era muito de usar vestidos, eram desconfortáveis.

— Certo, vou pedir para resolverem isso — pega o celular e manda uma mensagem.

— Gosta de uma cor específica? Rosa? — Presumiu.

— Gosto de preto e azul — me sento no sofá o mais longe possível dele.

— O.k.

— O que está fazendo?

— Arrumando um vestido pra você, para hoje à noite.

— Não vai pedir minhas medidas? — Indago, eu não sabia exatamente minhas medidas e não tinha nem como ele saber.

— Não.

— Para onde vamos?

— Vamos fazer uma entrevista ao vivo para o canal da Stars.

— O quê?! Pensei que só você faria isso.

— Ia, mas acho melhor aproveitarmos e fazermos o anúncio oficial do nosso namoro.

— Já? Hoje? Eu não estou preparada.

— O quanto antes melhor, não foi seu pai que disse que não quer mais mal-entendidos com a imprensa?

— Sim...

— Sei muito bem o que a imprensa pode inventar do dia para noite, por isso vamos resolver logo isso.

— Tudo bem, eu tenho algumas regras.

Ele levanta o olhar do celular e se vira para prestar atenção no que eu tinha a dizer. Enquanto estava em casa fiz uma lista mental de regras que devíamos seguir para o meu próprio bem-estar.

Ele semicerrou as pálpebras, esperando minhas próximas palavras.

— Primeiro, nada de beijos.

Dante ri.



— Mesmo? Quem foi a pessoa que me beijou?

— Eu, mas isso foi feito em um momento de completa insanidade.

— Prossiga — ele estava se divertindo.

— Segundo, nada de toques, sei que parece com a regra número um, mas são toques no geral.

— Você é minha namorada, vou ter que te tocar.

Engulo em seco.

— Como?

— Toques normais, como pegar na sua mão, ou na sua cintura.

— Tudo bem, então, nada de toques em lugares íntimos.

— Depende do que você acha que seja íntimo.

— Caramba, toques sexuais, não pegue nos meus seios, nem lá embaixo, deu para entender?

O canto da sua boca se levantou numa expressão de diversão.

— Entendi, então, não sente em meu colo e não rebole no meu pau.

Ele ainda estava lembrando disso?

— Terceiro, me trate profissionalmente no restaurante.

— Espere, você ainda pensa em ficar no seu emprego?

— Sim, droga, não posso ir nessa tal entrevista, eu preciso trabalhar... —  
Dou-me conta rápido. Eu não ia jogar tudo para o alto somente por conta de um falso namoro.

— Não, você não precisa, eu sou seu chefe, lembra?

— Não importa quem você é, ainda preciso do meu emprego.

— Você não pretende ser garçonne para sempre, não é?

— Não, mas é o que tenho agora.

— O que quer do futuro, que profissão quer seguir? — Seu olhar é determinado. Tenho receio de dizer, receio de dizer meu sonho, pois isso era como ficar nua para ele. — Se você não consegue dizer em voz alta qual é

seu sonho, então não está apta a realizá-lo.

— Eu... Eu... — Tremulei apertando as mãos — eu quero ser chef de cozinha.

— Uma chef?

— Sim, eu quero ser uma chef — minha voz soou mais confiante.

— Bom, vai abrir uma vaga de estágio na Tasty House, considere-a sua.

Mal posso acreditar no que ele acabou de dizer, assim de graça, sem saber minhas qualificações, sem saber se eu tinha alguma coisa boa para mostrar.

Engulo a saliva com dificuldade.

— Isto é sério?

— Sim, vou só comunicar meu sócio, você pode começar na próxima semana.

— Por quê? Por que está me ajudando?

— Você vai ser a namorada do rei da NFL, não pode continuar sendo apenas uma garçonete.

É claro que essa ajuda era apenas por ele, não por mim. Mesmo assim, não posso ser orgulhosa e negar. Assumir a vaga do estágio era apenas um degrau que ele me ajudou a alcançar, e eu merecia, pois ralei naquele trabalho todos os dias, ansiando pela mudança de cargo.

Seria trapaça somente se ele me colocasse no lugar da Sous-chef. Uma vaga de estágio era mais do que suficiente para que eu mostrasse a minha paixão pela cozinha e, conseqüentemente, subisse de cargo aos poucos.

— Eu agradeço, apesar de você estar fazendo isso por conta da sua reputação.

— Acabaram as regras?

— Não, não acabaram. Quarta regra: não me convide para eventos noturnos se não for meu dia de folga, prezo pelo meu trabalho.

— Correto.

— Quinta regra, nada de sexo. Sei que se parece com a regra número dois, mas toques são toques e outra coisa é outra coisa...

— Está falando de penetração?

— É...

Ele ri.

— Não ria, é bem sério isso.

— Pois não parece.

— Sexta regra, jamais caçoe de mim na frente de outras pessoas, eu quero respeito.

— Hm...

— E a sétima, essa você não pode quebrar de jeito algum. — Quando pensei nessa regra não quis ser pretensiosa, apenas quis me proteger. — Jamais me diga que está apaixonado por mim.

Ele riu novamente. É claro que iria rir, mas não esmoreço, permaneço impassível.

— De todas as regras essa é a única que não será quebrada, Rosie Blue. — Dá um sorriso cínico.

— Que bom, então estamos de acordo? — Estendo a mão para ele que aperta a minha. Tenho uma sensação de triunfo.

— Certamente. — Solta as mãos após alguns segundos, o toque foi rápido, mas o suficiente para fazer meu corpo enrijecer. — Agora o carro está te esperando para te levar a um salão de beleza, conhece algum que te agrade ou...

— Conheço — não o deixo terminar a frase.

— Ótimo, o vestido vai estar aqui quando voltar. Tenho que voltar para minha casa em Nova Jersey para resolver algumas coisas, mas às seis da tarde estarei aqui para te buscar.

— Certo, e lembre-se de deixar o recibo.

— Recibo?

— Sim, eu tenho que te devolver o dinheiro que vai pagar por ele.

— Claro, vou mandar o recibo. — Não entendo o tom de deboche e ignoro completamente. Se tínhamos que conviver, metade das coisas que ele dizia eu devia ignorar.

Por fim, me joga um cartão, o cartão que dava livre acesso ao seu apartamento. Pego minha bolsa, saio do apartamento e desço pelo elevador. A caminho do salão de beleza, converso com o motorista, descubro que o nome dele é Phillippe e que está na família Hurron há anos.

— É a primeira vez que o vejo namorar — ele me confia.

— Não está acostumado a buscar e levar garotas para ele? — pergunto, mesmo sabendo que ele possa mentir.

— Não, isso nunca aconteceu, de verdade.

Sinto um alívio bobo.

Paramos em frente ao salão de beleza que eu nunca frequentei, contudo, conhecia muito bem. O salão da família Khalikur, Mademoiselle.

Não é que eu queria afrontar a namorada do meu amigo, porém, a lembrança dela me dizendo que eu não era o tipo de garota que devia frequentar salões de beleza me pegou na veia da raiva, por isso tive que fazer isso, tive que pisar naquele ambiente.

Assim que entro, noto que meu rosto e o de Hurron estavam estampados na televisão da recepção. Todos os canais de fofoca só falavam de nós, por isso, sou facilmente reconhecida pela recepcionista.

— Senhora Khalikur, vem aqui, por favor — pede eufórica.

A mãe da Jasmine surge de roupa preta — uniforme do salão —, seus cabelos castanhos estavam presos em um coque, ao me ver, abre um sorriso genuíno.

— O que podemos fazer por você hoje, senhorita?

— Preciso do serviço completo, cabelo, maquiagem e manicure.

— Ótimo, você veio ao lugar certo.

— Desculpe se não marquei horário, não tive tempo.

— Sem problemas, nós podemos te atender, venha por favor — a senhora me guia subindo as escadas até uma sala privada, a sala que somente era frequentada por noivas ou alguém muito especial.

Sento-me em frente ao espelho tendo que encarar as olheiras horrorosas debaixo dos meus olhos. Meus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo e minhas unhas horrendas. Havia muito trabalho pela frente.

— Quer um café? Chá? Água?

— Eu aceito um café.

— Já volto. — Ela fecha a porta me deixando sozinha na sala. O salão de beleza era muito bonito, isso se notava logo ao entrar, ambiente bem decorado, com cores brancas e douradas, espelhos por todo lado e aroma de beleza que envolvia o nariz.

Quando a porta se abre novamente, a senhora está com o café e algumas bolachinhas em uma bandeja, atrás dela surge um homem de cabelos pintados de rosa e olhar delineado, era provável que ele fosse o cabeleireiro do salão.

— Olá querida, quando me disseram que a namorada *do marido ideal* estava aqui, eu nem acreditei — ele brilhou os olhos ao dizer.

Nem eu acredito que estou aqui, por isso sorri, sem graça.

— Menos, Zac, vai assustar a garota.

— Está tudo bem. — Digo pegando a xícara de café.

— O que você quer fazer com o cabelo, querida? Um Chanel? Repicar as pontas? Talvez... Pintar?

— Não, pintar não — repudio na mesma hora. — Eu acho que quero apenas cortar um pouco e enrolar as pontas.

— Oh, só isso? Não quer cortar nem a franja?

— Não.

Zac murcha a expressão, a alegria do cabeleireiro era fazer mudanças radicais, só que eu não era a pessoa certa para isso.

— Tudo bem, vou pegar minhas ferramentas — sai pela porta. Aproveito o momento de paz para comer o biscoito, percebo o sabor característico de gengibre e canela assim que saboreio o primeiro biscoito, que era deveras delicioso.

A Khalikur está me olhando de canto como se quisesse me perguntar algo, entretanto, não pergunta, apenas diz:

— A manicure já vem, ela acabou de chegar.

Meneio a cabeça de acordo e volto a saborear o meu café. Logo Zac voltou com uma maleta e bem atrás dele uma figura de cabelos castanhos longos e compridos surge.

Seus olhos escuros perfeitamente delineados quase saltam quando notam minha presença.

— Rosalie? — Pergunta incrédula. — Você é a cliente especial? — A essa hora ela já sabia do boato do meu romance com Dante, mesmo assim, desacreditou que eu pudesse estar ali.

— Olá Jasmine, bom te ver — não sei como pude soar tão falsa. Não é que eu a odiava, pelo contrário, quem me odiava era ela.

— Vocês se conhecem? — A mãe dela pergunta.

— Ela é a tal amiga do meu namorado — a filha respondeu e se entreolharam, provavelmente deviam ter falado de mim antes, com certeza a mais nova não perdia seu tempo de destilar veneno sobre mim.

— Ah... Amiga do Chase é nossa amiga, você pode fazer a unha dela, querida? — Tiveram uma batalha de olhares rápida até que a mãe vence, pois Jasmine abre a porta e puxa o carrinho de esmaltes.

Eu é que não a quero fazendo minha unha, capaz de arrancar um dedo.

— Então vamos começar? — Zac questiona e eu confirmo com a cabeça.

As pontas do meu cabelo caíram no chão, o corte da minha franja ficou mais refinado — palavras do cabeleireiro — e eu nunca vi os fios dos meus cabelos tão hidratados. Entre uma picada ou outra com o alicate e olhares de desprezo, Jasmine finalizou as unhas pintando-as da cor nude rosado.

A maquiagem ficou por conta da senhora Khalikur, como eu não era muito expert no assunto, deixei por sua conta. Só pude olhar no espelho quando estava pronto. No momento em que me vi, não me senti o patinho feio que virou cisne, nem a Cinderela que passou pela mágica de sua fada madrinha, me senti na verdade igual à Rapunzel quando perdeu seus cabelos, *sem força*.

A minha pele ficou linda, eu parecia uma boneca Barbie, os cabelos ondulados e brilhantes caíam pelos meus ombros, o batom no tom vermelho com um fundo de ameixa só evidenciou meus lábios, deixando-os mais carnudos. Meus olhos ficaram mais vivos com as sombras em tons terrosos e os cílios bem curvados.

— Gostou? — A dona do salão ficou ansiosa ao fazer a pergunta.

— Eu... gostei, quer dizer, vocês fizeram um excelente trabalho.

— Você não se sente linda? — Zac pergunta.

— Eu...

Não tinha certeza do que dizer sobre mim. Papai e vovô sempre me dizem o quanto eu sou linda, Chase me chama de *Boo*, apelido para *Beautiful* —, embora sua namorada ache que *Boo* é algo relacionado a fantasmas, Morgan sempre está me lembrando que a minha beleza era notável, no entanto, eu ainda tenho dificuldades para enxergar, tenho dificuldades para ver depois de ter sido tão humilhada.

A confiança que eu tinha com minha aparência era tão fina quanto uma casca de cebola, por isso eu devia trabalhar nela.

Meus olhos baixaram para meu colo, encaro meus joelhos visualizando o

passado, lembrando do dia em que eu cheguei à escola toda maquiada, feliz porque Kalel havia dito que gostava de mim, animada porque achei que tivesse perdido a virgindade com o amor da minha vida. Naquele fatídico dia fui motivo de chacota, todos riram de mim porque exagerei no blush e no lápis de olho, e riram principalmente porque Alexia estava aos beijos com Kalel bem perto do meu armário.

Hoje eu sei que o problema não é comigo e sim com Kalel, que é uma pessoa completamente sem caráter. Ainda assim ao olhar no espelho, tenho dificuldades para enxergar a minha beleza.

— Você está bonita, Rosalie, precisa de confetes? — Jasmine se pronuncia e isso me pega totalmente de surpresa.

A mãe dela a censurou com o olhar, mas eu não liguei, não esperava ouvir um elogio de quem estava sempre me diminuindo para se sobressair perto do namorado.

— Não, Jass, não preciso de confetes, obrigada. — Levanto-me.

Agradei a todos pelo modo que me trataram e fui até a recepção pagar a conta.

— Não se preocupe, o seu motorista já pagou. — A recepcionista me avisa.

— Sério?

— Sim, há poucos minutos.

Fico chocada. Ao mesmo tempo que gostava de não pagar uma conta, odiava o fato de que o Hurren a estava pagando por mim. Isso parecia um favor, e trocas de favores com ele não eram nada boas. Foi por apenas um favor que eu me meti nessa enrascada de *namorada*.

— Tudo bem, então obrigada.

Despedi-me da recepcionista e a dona do salão se despediu pessoalmente de mim ao abrir a porta.



— Volte sempre.

Agradei a atenção e prometi a mim mesma que não voltaria, pois a filha dela entojada quase arrancou meu dedinho ao tirar minhas cutículas. Sei que o que fiz foi uma vingança infantil, porém, acho que mereço um dia de glória, não?

No carro pergunto a Phillipe:

— Ele te pediu para pagar a conta no salão?

— Sim, senhorita..., mas me parece que ficou incomodada. — Olha-me pelo retrovisor.

— Fiquei, não acho certo.

— Não se preocupe, o garoto gosta de presentear.

— Presentear as garotas com quem ele saiu?

— Não, ele é muito bom com todo mundo, funcionários, amigos. A casa que moro hoje com minha família foi ele quem deu. Além do fato de que ele doa para a caridade todos os anos.

— Sério? — Era difícil acreditar que alguém que só via seu próprio umbigo tivesse traços de filantropia.

— Sim, a senhorita deve conhecer o coração bom que ele tem. — Fico em silêncio, porque eu não conhecia Dante, só conhecia o que ele externou em todos os nossos encontros e a única coisa que vi nele foi puro egocentrismo.

Ao chegar no apartamento, não vejo Dante. Havia apenas uma caixa no sofá com meu nome escrito em cima e um recibo completamente riscado. Mordo o lábio, engulo um pouco do meu orgulho e abro o pacote.

O vestido que vejo, não é azul nem preto, ele é verde. Pego nele e o levanto para olhar, sinto a textura de seda, noto que é de alcinha, curto na frente e com babados que saíam da cintura até a coxa, já a parte de trás possuía uma cauda longa.

Era lindo, entretanto, eu não tinha certeza se iria caber. Antes de prová-lo,

ligo para meu pai para avisar que eu apareceria na televisão à noite.

— Pai?

— Rosalie, aconteceu algo?

— Não, eu só queria avisar que vou aparecer na televisão hoje à noite, quer dizer, dessa vez ao vivo.

— Não acho bom.

— Por quê?

— Podem te fazer perguntas ruins, perguntas para te encurralar.

— Não, o Dante vai estar comigo.

— Isso não me acalma nem um pouco.

— Então por que você não vai comigo? — Aperto os dedos com medo de sua resposta.

— Eu? Claro que não, não quero aparecer na TV.

— Se você não confia, por que não vem?

— Tudo bem, eu vou tentar confiar.

Ótimo, eu não queria meu pai me vigiando, mostrando que eu era uma garotinha indefesa, no entanto, tive que jogar para ver se ele ia confiar em mim ou não.

Desligamos e eu volto a atenção para o vestido. O vestido ficaria lindo em mim se eu conseguisse usar um sapato que não fosse tão horroroso quanto o que eu estava usando no momento. A realidade é que eu tenho um péssimo gosto para sapatos.

Ouçõ a campainha do apartamento e a portaria me avisa que havia uma entrega. Minhas preces foram atendidas quando vejo que havia mais duas caixas. Uma eu abri e me deparei com um casaco e a outra era um sapato prata com cristal e em formato de flores na fivela. Vejo que ele comprou o número certo, provavelmente deve ter notado porque viu pela minha bota.

Acho que agora todo mundo de Nova York sabia que número eu calçava, a

Stars deixou uma nota no Instagram informando o tamanho do calçado que eu usava como uma curiosidade. Além de um link para quem quisesse comprar a bota.

Um pensamento se passou pela minha cabeça e eu logo desanuviei, não foi o Hurren que escolheu tudo isso, com toda certeza ele pediu para algum empregado providenciar. Troco de roupa e calço os sapatos no quarto, havia um enorme espelho na parede do lado direito, e eu pude me ver inteira nele.

Ando pelo quarto como se estivesse em uma passarela, tentando me equilibrar no salto alto. paro no espelho e falo alto encorajando-me:

— Você pode fazer isso, você é Rosalie Blue, uma garota forte, decidida, que não abaixa a cabeça para ninguém!

Olho para baixo e acho que meus joelhos são magros demais.

— Não, Rosalie, seu joelhos não são magros demais. — Viro-me de costas e dou uma olhada no meu bumbum. — Olha o tamanho disso, você deve ficar orgulhosa!

Depois viro-me ajustando as alças que caíram dos meus ombros. O vestido abraçou meu corpo perfeitamente, como se alguém tivesse tirado minhas medidas antes de comprá-lo.

— Você é linda... — Falo baixo. — Você é linda... — Tento ter confiança ao enunciar as palavras. — Linda — adquiro mais confiança —, e não deixe que ninguém diga o contrário.

De repente ouço palmas e eu dou um pulo por conta do susto. Na porta do quarto estava o Hurren com um terno azul-marinho muito bem estruturado em seu corpo, evidenciando tudo que ele tinha de bom. Suas mãos paravam no bolso da calça, havia um sorriso maroto no rosto, ele devia estar se divertindo às minhas custas.

Ele mediu-me com o olhar antes de dizer:

— Parece que você gostou do espelho.

— Não tanto quanto você, não sou narcisista. Há tantas imagens suas na parede — era algo que eu havia notado pela manhã, havia fotos de Dante como jogador, fotos dele com amigos, fotos dele com um cachorro.

— É meu quarto, posso ter fotos minhas, não acha?

— Pois eu não tenho fotos minha coladas na parede do meu quarto, muito menos um pôster.

— É por isso que está tentando adquirir um pouco de autoconfiança no espelho. — Aproxima-se ficando atrás de mim no espelho. Suas mãos deslizam pelas minhas costas jogando meu cabelo para frente. Um arrepio percorre toda a minha espinha. — Olhe para você todos os dias, olhe de verdade, e um dia vai acabar se convencendo.

Fecho os olhos com força, quase perco o equilíbrio com a respiração dele em minha nuca. Ao abrir os olhos, enxergo a garota que um dia foi humilhada e se transformou em uma mulher, uma mulher que estava voltando a acreditar em si mesma.

— Por que você faz isso?

— Faço...?

— Você diz que eu não sou a mulher que todos esperavam que você namorasse e depois me diz para ter autoconfiança.

— Todos os dias aparece alguém dizendo que eu não sou bom, que eu não mereço os títulos que tenho. Que sou apenas movido por minha aparência. Se eu fraquejasse toda vez que ouvisse uma crítica já teria fugido para uma ilha deserta sem nenhum contato humano. As pessoas sempre vão te machucar com as críticas, por isso eu me blindei com minha segurança excessiva.

— Você se blindou com seu egocentrismo.

— É, eu tenho superego, mas não preciso ficar murmurando palavras vazias para o espelho. — A boca dele se contrai.

Foi cruel, eu tive que aceitar que ele tinha razão, por isso mudo de assunto

bruscamente:

— Se esqueceu da regra de não me tocar?

— Não toquei nos seus seios nem lá embaixo...

Não tive controle sob minhas bochechas, elas ficaram vermelhas na hora.

— Não se faça de bobo.

— Você está sem sutiã... — Analisa, perfurando minha vergonha. Sobe a alça do meu vestido, reentrando no meu íntimo. Revirando completamente a atração que eu sentia por ele.

— É o vestido, ele é para ser usado assim — engulo aquele sentimento esquisito e me afasto saindo da frente do espelho. — Foi você que escolheu?

— Não, contratei alguém para isso, alguém que vai te ajudar sempre a se vestir.

— Uma fada madrinha? — Brinquei.

— Uma Personal Stylist, e, por favor, nem tente dizer não, você terá muitos eventos para me acompanhar, precisa de alguém para te auxiliar.

— Não vou negar, na verdade é um alívio não precisar pensar no que vestir.

— Ótimo, então vamos?

— Sim, vamos, *namorado*.

Fez uma careta e eu me diverti com sua expressão.



Retocaram minha maquiagem nos bastidores e colocaram um microfone no meu busto. Depois fiquei aguardando em uma salinha com Dante o momento de nos chamarem. A apresentadora, Kisha Fallow, já havia anunciado que no próximo bloco nós apareceríamos, e por isso minhas mãos estavam transpirando tanto.

— Não sei se posso fazer isso. — Digo a Dante quando anunciam a nós que já poderíamos sair da sala.

— Você pode.

— Está quente aqui, não acha?

— Não está quente — ele pega minha mão me ajudando a levantar. — Você só precisa confirmar tudo que eu digo, apenas isso.

— Ai meu Deus — ao sairmos da sala nos deparamos com o estúdio de gravação, câmeras, luzes e uma plateia. Isso é perigoso, eu não devia ter aceitado, não devia mesmo!

— Primeiro eu vou entrar, depois você, está bem?

— Sozinha?

— Sozinha.

O programa volta ao ar.

É tarde demais para desistir.

— Voltamos com o programa *No Divã com as Estrelas*, e hoje temos uma entrevista exclusiva com o quarterback dos Giants e a sua garota misteriosa, que conhecemos recentemente sua identidade — a loira disse no centro do palco —, por favor, recebam com carinho o homem do momento, Dante Hurron.

Kisha o cumprimenta com um beijo na bochecha. A plateia em polvorosa o aplaude de pé.

— Você pode se sentar no divã — ela aponta o sofá vermelho que era um divã de verdade, já ela se senta em uma poltrona de frente para ele, como se fosse uma psicóloga pronta para avaliá-lo.

Encolhi-me nos bastidores como um gatinho amedrontado.

— É um prazer recebê-lo essa noite — ela faz um discurso puxando um pouco o saco de Dante até tocar em um assunto pessoal: — Sabemos que você não é muito de falar sobre sua família, mas como anda sua relação com

seu irmão?

Todo mundo fica em silêncio esperando pela resposta dele. Dante tinha um irmão mais velho que nunca aparecia na mídia, ele foi embora de casa logo depois que a mãe os abandonou, deixando-os para serem criados pelo pai. Como seu irmão, Luke, já era maior de idade, ele decidiu ir embora também.

Na sua biografia, Dante apenas o menciona como alguém que também o abandonou.

— Nós não nos falamos.

— Podemos saber o motivo?

— Não.

A apresentadora fica sem graça, mas volta à forma com outra pergunta:

— Você está namorando?

— Sim. — Dante confirma e a plateia vibra.

— Isso é incrível, realmente um conto de fadas, a garota que era sua fã se tornou sua namorada.

Corrigindo, *anti-fã*.

— Às vezes a vida pode nos surpreender. —Espanto-me com sua desenvoltura.

— Com certeza, o que o público de casa quer saber é sobre a ligação de vocês, descobrimos que sua namorada não é apenas a Cinderela de botas cor-de-rosa, é também a garota Corn's, correto?

— Sim, ela ganhou a promoção no ano passado.

A imagem da minha foto com Dante no dia do Super Bowl apareceu no telão.

— Então esse namoro já existe há algum tempo?

— Não, nós não tivemos contato depois desse dia.

Em seguida a imagem muda para minha face estampada no protesto que

fiz contra ele nesse ano. Oh Deus, eu devia ter fugido enquanto era tempo.

— Parece que ela não te esqueceu nesse meio tempo.

— Bom, isso foi um mal-entendido...

— Pode nos explicar?

— A Rosalie é fã dos Giants e acabou sendo influenciada por pessoas da torcida que queriam me difamar. — Ele distorceu os fatos.

— E qual a opinião dela agora?

— Mudou completamente.

As fotos nossas no fundo do restaurante apareceram e depois a foto da noite anterior nos beijando surgiu.

— Parece que ela mudou de opinião muito rápido, pode nos contar mais sobre isso? Melhor, vamos chamá-la até o palco. — Ela se levanta — Vamos receber Rosalie Wicks no palco — anuncia e alguém da produção me dá um toque para que eu suba ao palco.

Movo-me como se fosse um fantasma, não senti meus pés. Dante vem até a mim e segura minha mão para que eu não fraquejasse, a apresentadora me cumprimenta e me mede dos pés à cabeça.

Sento-me no divã sem abandonar a mão de Dante.

— Bem-vinda, é sua primeira vez na TV? — Kisha pergunta, confirmo que sim com a cabeça. — Não seja tímida, nós estamos no meio de amigos.

Mentirosa.

Dante me olha enviesado tentando transmitir alguma confiança.

— Rosalie, pode nos contar como mudou sua opinião sobre Dante?

— Nós conversamos e nos entendemos naquele dia no restaurante.... — Minha voz saiu mais baixa do que deveria.

— O que ela quer dizer é que, tivemos a coincidência de nos encontrarmos no restaurante e por isso conseguimos conversar e nos entender. Eu a chamei para sair e percebemos que tínhamos mais em comum do que pensávamos. —



Dante me salva de ter que melhorar minha resposta.

— Nós vimos o que vocês tinham em comum — a plateia dá risada com a malícia de Kisha. Ela tenta me alfinetar lembrando a todos que eu era garçõete e depois fala sobre minha família ressaltando que eu de fato era uma Cinderela moderna. Depois, volta a falar das fotos do restaurante, lembrando que eu joguei a bota no fotógrafo. — Parece que você é um pouco nervosinha...

— Eu só me exaltei um pouco.

Ela riu.

— Como se sente sabendo que muitas nova-iorquinas estão se inspirando em seu estilo? Conferimos que todas as botas cor-de-rosa do mesmo modelo que a sua foram vendidas hoje à tarde.

— Jamais imaginei que fosse ditar uma moda.

— É o que anseia para o futuro, ser uma influencer?

— Não, eu pretendo ser uma chef de cozinha — consigo enunciar cada palavra do meu sonho sem tripudiar.

— Que interessante, lugar para trabalhar não vai faltar.

Dou um sorriso sem graça.

— Dante, pode nos dizer por que decidiu namorar agora, por que escolheu Rosalie Wicks como sua namorada?

A mão dele enrijece na minha. Boa pergunta, estou ansiosa para ouvir a mentira que ele entonaria.

— Porque ela não tem só os olhos mais bonitos que já vi, mas também porque ela me olha nos olhos como ninguém nunca olhou.

Isso não é só o suficiente para que a plateia se derretesse, era também o bastante para que meu coração ficasse desconfortável em meu peito. Tento me enganar mais uma vez, ignorando aquele sentimento que se formava dentro de mim, acreditando que nós dois juntos éramos duas incógnitas numa

equação sem resposta e impossível de ser resolvida, contudo, bem no fundo, tenho o choque visceral de que ele me toca.

*Ele me toca.*

Eu o sinto em todas as partes do meu *eu*.



## SETE REGRAS



## Capítulo 7

Eu quis rir, mas não consegui. Todo fundo de sarcasmo que eu tinha se dissipou. O modo como ele me tocou com aquelas palavras tão falsas me deixou sem fala. Para me livrar daquela sensação apertada na garganta, a primeira coisa que faço é retirar a minha mão da dele sem alarde, depois, após engolir a saliva, desfaço a expressão tensa do meu rosto e finjo um sorriso.

— Uau, vocês ouviram isso? Parece que o coração do Hurron foi fisgado, quem diria! — Kisha olha direto para a câmera ao dizer. — Depois dessa declaração, vamos precisar de um intervalo para acalmar os ânimos, fiquem ligados, em breve voltaremos. — Ela finaliza e sua expressão de repente muda para uma carranca.

Nunca duvidei que a apresentadora era um poço de antipatia, ela forçava demais para parecer uma boa pessoa, é como dizem, nada forçado funciona, por isso era muito fácil notar que tudo não passava de extremo fingimento. Ela se levanta e some pelos bastidores. Enquanto estamos no intervalo nos oferecem água, aceito, minha garganta estava muito seca.

— O que foi isso? — consigo dizer após tomar um gole da água, Dante permanecia impassível, sorrindo para a plateia.

— Encenação — murmura perto do meu ouvido. — Eu sou bom nisso, sabe? Se eu não fosse jogador, poderia ser ator.

— Engraçado, você não me parece um bom ator.

— Por favor, acha mesmo que eu diria aquelas coisas sobre você? — Pergunta entredentes com um sorriso fingido no meio das suas palavras.

Desisto.

Poderia mandá-lo para o inferno, mas não mando, o respondo com meu silêncio.

Poucos minutos depois a apresentadora volta ao palco e continua com seu teatro. As perguntas sobre nosso relacionamento voltam e, depois o teor delas mudam para o profissional. Kisha logo pergunta a Dante se ele pretende continuar com os Giants.

— É minha pretensão.

— E se surgir uma nova proposta para outro time, você vai abandonar os Giants?

— Me desculpa, Kisha, eu não vim aqui para responder perguntas sobre minha carreira. No momento eu não posso falar nada, estamos no começo da Off-Season, ainda não começaram as contratações, por isso eu não tenho o que dizer.

Ela faz um barulho com a garganta.

— Oh, tudo bem. Então, agradecemos ao casal pela entrevista e, pessoal, os questionamentos estão respondidos — volta-se à câmera —, DanRosie é real, vamos acompanhar a vida desse recente casal e descobrir até quando vai durar esse conto de fadas, esperamos que seja para sempre. — Falsa! Fingida! É possível notar o sarcasmo em sua voz, obviamente ela não esperava que eu e Dante durássemos mais do que uma semana juntos.

A surpresa dela vai ser que, por ser um namoro falso, ia durar mais do que se fosse verdadeiro, já que se fosse de verdade, não teríamos durado nem até essa manhã.

— Senhoras e senhores, aplaudam o casal do momento, Dante Hurren e Rosalie Wicks — puxa o coro quando nos levantamos.

A despedida foi tão falsa quanto ela. Nos bastidores, consigo respirar com calma depois de me sentir tão nauseada. Meus pés doíam com o salto, mesmo tendo ficado pouco tempo de pé, saltos altos não eram para mim, embora eu tenha conseguido usá-los. Tenho medo de me ver na gravação do programa e notar que estava andando como se fosse uma pata.

Depois que tiraram o microfone de nós, finalmente pudemos ir embora. Dentro do carro ficamos em silêncio, ninguém queria falar dos constrangimentos que passamos perto de Phillipe, e mesmo que estivéssemos sozinhos, não conversaríamos.

Acontece que, depois da falsa declaração, as coisas ficaram estranhas.

“*Você vai pra sua casa depois do programa?*” — mensagem de Morgan.

“*Sim*” — respondo, ela visualiza na hora, mas não diz mais nada.

Vejo que há mensagens da minha mãe bem indignada porque ligou a televisão para assistir “*Falando com as Estrelas*” e me viu sem qualquer aviso prévio. Droga. Mamãe passava tanto tempo na cozinha que não deve ter visto qualquer notícia mais cedo, pois enquanto estava trabalhando se desligava de tudo.

Respondo a mensagem dizendo que ligaria para ela mais tarde para esclarecer tudo, porém, isso não a impediu de ficar chateada e culpar meu pai por nunca saber nada sobre mim. Ela adorava essas dramaticidades e adorava culpar meu pai por qualquer coisa.

Quando o carro estaciona na minha casa, Dante sai junto comigo.

— Quinta-feira, nosso próximo encontro.

— Dia dos namorados?

— Não, St Patrick's Day, por isso vista uma fantasia de duende para nosso encontro.

— Idiota.

— É claro que é dia dos namorados, então, esteja pronta sete e meia.

— Pensei que nosso namoro fosse falso, precisa de comemoração?

— Para nós, para os outros não.

— Hm. — Resmungo. Ele se aproxima de mim, ajeita o casaco em meus ombros, o observo segurando a respiração, sem cerimônia, dá um beijo em minha testa. Na hora meu corpo congela e se aquece seguidamente. — O que

foi isso?

— Nossa despedida.

— Eu disse nada de beijos! É a regra número um.

— Desculpe se te deixei muito afetada com um simples beijo na testa, mas sou seu namorado agora e, de alguma forma tenho que me despedir de você, há olhos em todos os lugares.

— Dante...

— Por acaso você quer um beijo na boca, por isso esse alarde?

— Não! Pode ir embora agora.

Ele dá meia volta com um sorriso ridículo nos lábios e entra no carro. Entro em casa mordendo a língua, literalmente, na tentativa de conter minha raiva. Tiro os sapatos e os carrego na mão direita. Encontro meu pai dormindo no sofá em frente à televisão, me aproximo e o acordo encostando os lábios em sua bochecha.

Em um sobressalto, seus olhos se abrem.

— Filha, que bom que chegou — diz aliviado.

— É melhor ir para a cama papai, sei que seu dia deve ter sido cheio.

— Eu vou — coloca sua mão na minha em um aconchego. — Descanse você também. — Levanta-se e caminha para seu quarto. Antes de ir para o meu quarto, passo no do vovô, bato na porta duas vezes e a abro quando ele dá permissão.

Já deitado na cama, ele está com um celular na mão. Não era muito bom com tecnologias, mas desde que lhe dei um celular, suas habilidades melhoraram muito.

— Já está em casa? — Pergunta tirando os olhos do celular.

— Sim...

Ele abaixa os óculos na altura do nariz e me vê de verdade.

— Você está linda, isso sempre foi, no entanto, hoje está especial.

— Obrigada, vovô, viu a entrevista?

— Eu vi, e que declaração hein? O rapaz parece gostar mesmo de você. — Até o meu avô tinha caído na lorota do Hurrôn.

Sorri mesmo em desagrado e me aproximo para dar um beijo de boa noite.

— Estou muito cansada, amanhã conversamos mais, tudo bem?

— Claro, minha querida. — Dou-lhe um beijo em cada bochecha e fecho a porta do quarto ao sair.

Sinto meu coração aquecido, muitos jovens saíam de casa assim que completavam dezoito anos, mas eu não, não quis morar sozinha em um apartamento sem afeto, sem os homens da minha vida, vovô e papai eram tudo para mim e pensar em deixá-los não estava em meus planos.

Abro a porta do quarto e jogo os sapatos no canto, acendo a luz e tenho quase um infarto ao ver Morgan deitada na minha cama.

— Nossa, eu estava quase dormindo — ela articula se sentando.

— Você quase me matou de susto! — Coloco a mão no coração.

— Desculpe, tive que entrar aqui de fininho, seu pai estava dormindo na sala quando entrei e tudo estava muito quieto, não quis incomodar.

— Como conseguiu entrar? — Pergunto me sentando ao seu lado.

— Seu avô abriu a porta pra mim.

— Esse danado não me contou.

— Capaz dele ter esquecido, sabe, seu avô anda meio esquecido ultimamente.

— É verdade.

Meu avô esquecia de coisas bobas com facilidade, como, por exemplo, onde deixou seu casaco que havia acabado de pendurar ou o que comeu no almoço. Bom, até então não era nada demais, eu mesma tinha esses esquecimentos.

— Agora eu quero que me conte tudo! Que vestido maravilhoso é esse?



Como tudo aconteceu? E o mais importante, você transou com ele? — Seus olhos brilharam de excitação.

Começo com obviamente o início de tudo. Desde a noite de bebedeiras, sem ocultar o encontro com Alexia, a brincadeira com mezcal, o beijo premente, a ressaca e o pedido de namoro maluco. Depois conversamos sobre a vergonha que passei pela manhã, tendo que me explicar para o vovô, papai e Chase. No fim, eu admiti a ela que sabia que seu irmão estava apaixonado por mim e, não deixei de contar que passei no salão da família Khalikur e fui tratada como rainha.

— Ai meu Deus! Você está protagonizando uma comédia romântica! Isso é incrível, posso te usar na minha tese para a pós-graduação?

— O quê? Para com isso. Não tem nada de sexual na nossa relação, é tudo estritamente profissional, como um contrato, um contrato que nunca foi escrito, mas que está todo em minha cabeça.

— Um contrato sexual? Danadinha, não sabia que gostava tanto de “Cinquenta tons de cinza”.

— Morgan!

— Tudo bem, desculpa, só que você não pode me impedir de pensar que vocês vão se apaixonar no meio dessa mentirinha aí.

— Por favor, não fale besteiras.

— Besteiras? Você adora mentir para si mesma. Sabe que meu irmão está com um humor terrível? Nem quis ver a Jass hoje. Pelo menos você finalmente admitiu que ele é apaixonado por você, mas acho que o bobão ainda não admitiu isso para si mesmo.

— Melhor assim, eu aposto que esse sentimento é apenas uma centelha que surgiu em nossa amizade, algo pequeno que o está confundindo, assim como me confundiu quando éramos muito jovens.

Ela ri sem pudores.

— Adoro suas justificativas, eu temo que seja bem mais que uma centelha, é um fogaréu, há chamas por todo lado.

Estremeço.

— Seja o que for, vai passar.

— Assim como vai passar a sua atração indiscutível pelo Hurren, correto?

— Exatamente — afirmo não acreditando em mim mesma.

— Sabe o meu amigo, aquele que eu ia te apresentar?

— Sim, o que me deu o bolo que resultou em toda essa situação.

— Ele queria que eu marcasse um novo encontro, ficou curioso em te conhecer, mas agora isso não vai ser mais possível, não é?

— Não, não tem como, porque estou namorando de mentira outra pessoa — dou ênfase na palavra mentira.

— Então, posso satisfazer sua curiosidade e mostrar a foto dele? — Morgan pega o celular e pouco depois me mostra a foto do perfil do tal amigo no Facebook.

No primeiro momento me atenho ao seu nome: Harrison Bauer.

*Ah meu Deus, será que ele era parente da Clare? Bauer não era um sobrenome comum.*

Depois noto seu rosto, pele clara, cabelo escuro, queixo robusto, olhos azuis tão límpidos que se assemelhavam aos olhos de um Husky Siberiano. Será que eu deveria compará-lo a um cachorro? Bom, Huskys são lindos, então é um belo elogio.

Reparo que seus olhos são muito parecidos com os de Clare, seria possível serem irmãos? Que pesadelo podia ter sido esse encontro, já que a gerente tem uma enorme antipatia por mim.

— Ele é lindo... — Avalio.

— Não tão bonito quanto o Hurren, é isso que está pensando, não é?

Limpo a garganta, era exatamente isso que me veio à mente, só não

admito e penso rápido:

— Eu ia dizer que ele é lindo e que eu tenho uma amiga que também é linda e que combinaria muito com ele.

— Sério, quem?

— Ela se chama Kaylee e trabalha com pâtisserie na Tasty House. — Fazia um tempo que a morena me confidenciava que estava à procura de um romance.

— Não quero te desanimar, mas alguém que trabalha com pâtisserie namorando um louco por Crossfit, que não come doces há anos, não combinaria muito, você não acha?

— Droga, ele também não combinaria comigo e você marcou nosso encontro.

— Era para você transar com o Harrison e não para enfiar doces na boca dele.

Minhas bochechas se incendeiam com a ideia de transar mesmo que só na imaginação, eu estava em um conflito sexual porque queria muito fazer isso, só que com uma pessoa que eu jurei que não ficaria.

*Sete regras.*

Regras que não pretendo quebrá-las.

— Não teria sido má ideia — admito.

— Safada, sabia que existia uma sedenta por sexo dentro de você. Parece que o Hurron aflorou seus desejos.

— Morgan...

— Não se reprima, não se deve reprimir desejos sexuais, isso vai te tornar uma mulher frustrada — agora era seu espírito de terapeuta sexual falando.

— O que você quer que eu diga?

— Só admita que quer dar para o bonitão lá.

— O.k., eu admito que ele é um puta de um gostoso e que se a

personalidade dele não fosse tão egocêntrica, que se ele não fosse cheio de piadinhas, e se não fosse um jogador de futebol, eu transaria com ele.

Ela bate palmas.

— O primeiro passo é a aceitação, que bom que chegamos nisso.

Reviro os olhos em desagrado.

— Obrigada pela sessão de terapia, no entanto, acho que devemos dormir agora.

— Está bem, mas depois vou querer esses sapatos emprestado — ela se levanta avaliando os saltos.

— Você nem usa saltos.

— Pois eu vou querer usar esses, quem não ia querer?

Solto uma risada baixa e caminho com ela até a sala onde nos despedimos. Volto para meu quarto, deixo o vestido pendurado e após vestir algo confortável, caio na cama, esquecendo-me completamente que havia prometido para minha mãe que ligaria para ela.

Acordo com o celular tocando às sete da manhã. Meu travesseiro estava todo manchado de maquiagem e o cabelo lindo e hidratado da noite anterior ficou todo emaranhado pela forma que eu dormi.

— Alô, mãe?

— Rosie, onde você está? Prometeu que ia me ligar ontem à noite.

— Desculpa — bocejei —, eu estou no meu quarto, estava muito cansada e peguei no sono.

— É assim que você trata sua própria mãe? Me negligenciando de sua vida?

— Mãe, por favor, você não precisa falar assim.

— Preciso. Eu não sei nada sobre você porque não me conta.

— Me desculpa, me desculpa. É que você está longe, nem sempre posso te atualizar sobre tudo.

— Isso não foi minha escolha.

— De certa forma foi... — Eu não queria tocar nessa ferida logo cedo, entretanto, foi involuntário.

Silêncio do outro lado da linha.

— Mãe, eu sinto sua falta, me perdoe se não te atualizo sobre minha vida, sei o quanto está ocupada com seu trabalho. — Tento consertar.

— Tudo bem, eu não te ligo há algum tempo, tenho minha parcela de culpa.

— Eu entendo...

A partir disso, conto para ela que estava namorando e invento como tudo aconteceu igual Dante falou no programa. Não me sinto bem mentindo para minha própria família, no entanto, é uma mentira que não os machuca, então, está tudo bem, não é?

— Uau, eu não esperava, quero conhecê-lo em breve.

Ela não ia conhecê-lo, nas férias de julho, época que eu a visitava, nosso *namoro* já terá acabado.

— Sim, com certeza.

Nos despedimos com a promessa que nos falaríamos com mais frequência, era uma mentira que contamos sempre. Minha mãe tem a vida dela, e eu tenho a minha. Apesar de nos amarmos, há uma ponte entre nós que quanto mais passos dávamos em direção uma a outra, mais balançava. Por isso sempre dávamos um passo para trás.

Deixo o telefone de lado na escrivaninha e volto a dormir, só acordo horas depois em um sobressalto com a seguinte notificação de Tom:

*“Rosalie Blue, nós queremos revogar a sua condição de líder da nossa torcida.”*

Pelo amor de Deus.

*“Goodwin, nunca houve uma votação para isso”.*

*“Pois agora tem”. — Responde-me na hora.*

Minha paciência está sendo testada desde cedo, eu amava a Big Blue e não deixaria ninguém mexer com meu título.

*“Tenho pelo menos a chance de me defender?”*

*“Sim, faremos uma audiência às duas horas em frente ao estádio dos Giants”*

*“Estarei lá”.*

Respiro fundo e vejo que já passa do meio-dia. Saio das cobertas com um ruído de frustração e entro direto no banheiro. Não avalio o meu estado no espelho, já sabia que a maquiagem estava borrada. Tomo um banho quente e aperto os olhos quando eles ardem por conta do rímel.

Nota mental: tirar a maquiagem antes de dormir.

Um pouco menos cansada e disposta a lutar pelo meu título, saio do banho e visto roupas confortáveis, deixo o cabelo secar naturalmente e vou até a cozinha. Estava sozinha, pois meu avô decidiu que estava bem de saúde e por isso podia ajudar meu pai na oficina. Preparo um café e preparo um sanduíche de geleia. Na maioria dos dias, não faço nada muito elaborado para o almoço, exceto o de domingo que era o dia que meu avô furava a dieta.

Depois de fazer um lanche, pego minha bolsa e faço o caminho da estação de metrô até o estádio dos Giants em Nova Jersey. No meio do caminho, me atenho a ver notícias pelo celular sobre mim mesma. Nunca na vida imaginei que isso pudesse acontecer, mas estava acontecendo.

Algumas coisas eram sobre a entrevista da noite passada, a hashtag DanRosie ainda estava em alta, muitos perguntavam aonde tinha a bota cor-de-rosa para comprar.

Nem tudo era elogios, algumas pessoas achavam que o nosso namoro não passava de marketing e outras me acusavam de que eu dei uma de anti-fã somente para chamar a atenção do Hurrón. Pior, algumas pessoas falaram

mal até dos meus seios que eram pequenos e alguns da minha testa. Acharam defeitos que até eu mesma não sabia que tinha.

Sempre soube que a fama tinha dessas coisas, não imaginava que isso me magoaria um pouquinho. Balanço a cabeça tentando esquecer o que havia lido e caminho até o estádio depois de sair do metrô.

De imediato, ao visualizar o meu destino, vejo uma pequena aglomeração, ao atravessar a rua reconheço Tom e Steve à frente de outros membros da torcida. Aproximo-me e logo eles me avistam.

— A traidora está se aproximando... — Steve diz. Os olhares são de desaprovação.

— Pessoal, eu vim em paz, só quero ter uma conversa sadia com todos vocês.

— Tudo bem, você pode falar antes que a votação comece.

Fico de frente para meus colegas.

— Eu sei que errei, agi por trás, apunhalei a Big Blue, mas não foi proposital.

— Trepar com o quarterback não foi proposital? — Uma garota acusa.

— Não precisa ofendê-la — Tom me defende, dou um sorriso de agradecimento a ele antes de continuar.

— A minha aproximação com Dante não foi proposital, vocês podem rir da minha cara o quanto for, contudo, é a verdade. — Suspiro. — A minha paixão pelos Giants existe desde que eu era uma criança, meus pais se conheceram no estádio, eu respirei a Big Blue nesses últimos anos. Se vocês acham que eu mereço sair fora da torcida apenas porque me apaixonei... — Quase engasgo com essa palavra — então tudo bem, eu saio.

Ficaram em silêncio, avaliando minha resposta.

— Podemos fazer a votação? — Steve pergunta e todos confirmam com a cabeça. — Quem acha que a Rosalie merece perder o título de líder, levante a

mão.

As mãos começaram a se levantar e eu me apavoro.

— Esperem! — peço quando vejo que mais da metade havia levantado a mão. — Se eu pedir para o Hurron conversar com vocês, explicar tudo que aconteceu nesse último ano, vocês me dão mais uma chance?

Entreolharam-se, as mãos abaixaram.

— Concordamos — Tom respondeu, Steve cedeu a contragosto.

Noto rapidamente que havia um fotógrafo à espreita e decido ir embora antes que mais notícias falsas circulassem pela mídia.

— Goodwin, eu te mando uma mensagem informando a data e o local, tudo bem?

Ele me confirma com a cabeça, vejo em seus olhos uma ânsia, como se ele tivesse cheio de perguntas para me fazer. Mas não faz. Despeço-me e caminho de volta para a estação de metrô. O fotógrafo tira mais algumas fotos minhas. Dou de ombros, acho que vou ter que me acostumar com meu rosto estampado todos os dias em alguma revista de fofoca.

*“Pode vir até o restaurante?”* — Era uma mensagem de Thomas Pearce, confirmo, dizendo que chegaria dentro de uma hora. Passo o caminho todo me perguntando o que meu chefe queria comigo? Será que ele ia declinar a proposta de Dante?

Assim que chego no restaurante — que estava fechado — Thomas abre a porta para mim, evidentemente me esperando.

— Olá, Chef Pearce, queria falar comigo? — Pergunto pendurando meu casaco.

Ele está com sua roupa de chef, dólmã branca, avental preto na cintura, por cima de uma calça de alfaiataria. Cabelos perfeitamente penteados e sorriso na face. Na cozinha, Thomas era conhecido pela sua rigidez, mas, fora dela, os conhecidos diziam que ele era muito brincalhão.



— Sim, o Dante te indicou para o cargo de estágio, o Andrew vai nos deixar no final de semana e eu quero saber se você tem habilidades suficientes para preencher a vaga.

Fiquei nervosa, eu seria testada agora? Sozinha, com ele?

— Claro, eu entendo.

— Então vamos começar?

— Sim...

Ai meu Deus, não. Já estou sentindo minha barriga doer.

O bendito do Hurren nem para me avisar?

Sigo Thomas até a cozinha, estava vazia, mas logo chegaria o pessoal para começar a preparação dos alimentos, como o *mise en place* e a preparação de caldos. A cozinha estava impecavelmente limpa, havia na bancada alguns legumes, verduras e hortaliças, além de um jogo de facas ao lado.

— Quero que faça algo simples, uma salada.

— Apenas uma salada? — Pergunto, porque parecia fácil demais.

— Sim, lembre-se que vou avaliar a higienização, já que será parte do seu trabalho, como também o corte, pois vai ficar responsável pelo *mise en place* e o molho, que se você se sair bem, vai passar a fazer daqui um tempo.

— Eu estou muito animada, chef — digo sem querer transparecer o meu nervosismo. Vou para a pia lavar as mãos e ele fica encostado na bancada de braços cruzados, me observando atentamente.

— Lembre-se que a cozinha é um lugar de seriedade.

— Estou seríssima Chef, muito séria — fecho a expressão.

Sinto que vou ter um ataque de pânico. Pelo amor de Deus, o que há com esses aquecedores? Tá quente, muito quente.

Respiro fundo.

Preciso lembrar do meu sonho, tenho que me recordar que isso é tudo que estou ansiando nos últimos tempos, uma oportunidade, apenas uma

oportunidade para mostrar que eu sou boa, porque se não der certo, eu não tenho um plano B.

Peguei os legumes e verduras e fiz a higienização necessária com toda a calma do mundo, depois, ao terminar, coloquei-as na bancada.

Olho para as facas, preciso escolher a certa. Thomas era traiçoeiro, colocou todas as facas ali para me testar, para ver se eu conseguia escolher a certa. Como eu já havia estudado muito, não tive problemas.

Escolho a faca com o cabo ergonômico, a lâmina era mais larga que a das outras, para assim, colocar mais peso em cada corte. Escolho fazer a clássica salada de repolho com um molho diferente do habitual, não ia usar maionese.

— Fiquei surpreso quando soube do seu namoro com meu amigo — o louro corta o silêncio.

— Por quê? Acha que um cara como ele não ia namorar alguém como eu?  
— Pergunto irritada e batendo com a faca na tábua de madeira.

— Na verdade — coloca a mão no queixo —, achava que uma garota como você não namoraria alguém como ele.

Desarmo-me.

— O que quer dizer?

— O Dante é bem difícil de lidar, parecia que você não gostava nenhum pouco dele, bom, pelo menos até sábado passado. — Parece que o chef não estava acreditando em nosso namoro.

— Opiniões podem mudar, não acha?

— Concordo. Me desculpe a interrupção, pode continuar o seu trabalho.

Relaxo os ombros e tento me concentrar novamente, mas ainda penso no que ele falou. Era um grande amigo de Dante, com certeza devia saber sobre o passado dele e os segredos que escondia.

Pico o repolho roxo e o branco finamente, depois divido os tomates cerejas ao meio e os reservo. Corto as cenouras e o pepino japonês à julienne.

Na hora de fazer o molho, reúno os ingredientes na bancada e faço uma boa emulsão com mostarda, mel, iogurte, azeite, vinagre branco, sal e pimenta do reino.

Depois monto o prato com a salada e o molho camada por camada. Os tomates ficaram como decoração. Limpo o prato sob os olhares atentos do Pearce e finalizo com um pouco mais de azeite. Expiro feliz por conseguir manter a calma.

Thomas pega os talheres e dá a primeira garfada em pé ao meu lado. Não diz nada e depois de mais duas garfadas me olha, seus olhos azuis profundos me encaram.

É isso, meu sonho acabou, ele está tentando arrumar um jeito de me dizer que eu não sirvo pra isso, por isso está tão calado. Meus cílios tremiam esperando sua avaliação. Nunca me senti testada como me sentia naquele momento.

— Você fez uma boa higienização das hortaliças, escolheu a faca correta, a precisão dos cortes foi perfeita. Foi previsível uma salada de repolho, mas adorei que inovou no molho, o agri-doce com a acidez no ponto certo foi incrível. Parabéns! — Abre um sorriso lindo. Na hora eu não soube o que fazer, um elogio de um chef, isso nunca me aconteceu antes, nunca tive essa oportunidade.

Explodindo de alegria, impetuosamente o abraço.

— Obrigada, chef, obrigada, você não vai se arrepender.

Ele não me repele e aperta minhas costas com um abraço caloroso.

— É um estágio, você vai ter que aprender muita coisa, mas está no caminho certo. — Elogia, seu hálito está na minha nuca.

— Thomas, eu... — sem cerimônias alguém adentra na cozinha, nos separamos bruscamente. Meu rosto corou porque alguém nos pegou em um momento estranho. E esse alguém era nada menos que a gerente, Clare. —

Pensei que estivesse sozinho — fica rígida.

— A Rosalie veio fazer um pequeno teste e passou, por isso cumprimente a nova estagiária da Tasty House — ele ignora completamente a situação conflituosa com um sorriso no rosto.

Clare se aproxima, o queixo trincado.

— Parabéns, Rosalie, espero que faça melhor o seu trabalho na cozinha do que fazia no salão — estende a mão e sem escolha, aperto-a.

Ela estava com ciúmes. Muitos ciúmes. Eu nunca fui uma má garçonete, só nunca fui a melhor porque tinha outras aspirações.

— Obrigada. — Engulo a minha vontade de retrucá-la.

— Vou inserir sua salada no cardápio de hoje. — Thomas se intromete na minha troca de olhares com a Clare.

— Sério? Isso é incrível!

Além do cardápio tradicional, tínhamos o menu do dia.

— Vai combinar muito com o prime rib.

— Não tenho palavras para agradecer.

— Não precisa agradecer, apenas volte para sua casa e continue estudando, espero você prontamente na terça para começar seu estágio. — Os olhos dele são calorosos, nunca pude me aproximar do chef, no entanto, agora pude perceber que ele é uma ótima pessoa.

Aperto as mãos de Thomas em agradecimento e saio da cozinha toda animada. Passo pela porta do restaurante como se estivesse flutuando. É isso. É meu sonho, e ele está acontecendo. Daqui pra frente eu só vou fazer o meu melhor para me tornar uma grande chef!



Em casa, passo o restante do dia estudando, eu tinha tanto livros de receitas e técnicas que já reli tantas vezes, mas que ainda precisavam ser memorizados. Só saio do meu quarto para o jantar.

No meio da noite, quando estou vendo um vídeo de um chef que admiro, recebo uma mensagem de Chase:

*“Está tarde, mas podemos conversar?”*

*“Podemos, eu vou aí.”*

Precisávamos conversar, eu só estava esperando o momento em que ele pediria isso. Saio de fininho de casa e em um pulo estou na casa dos meus vizinhos. Chase abre a porta antes que eu bata já vestido com seu pijama.

— A Morgan está dormindo, não podemos fazer muito barulho.

— Tudo bem... Você não conseguiu dormir? — Sento-me no sofá e ele se senta ao meu lado.

— Não. Estou preocupado com a faculdade, não tenho certeza se vou ser aceito.

— É claro que vai, você é incrivelmente inteligente!

Chase me envolveu em um abraço. Reconforto-o com um aperto no coração.

— Você é minha melhor amiga e eu não quero te perder, nunca. Me perdoa? — pede dentro do abraço.

— É claro que te perdoo, sempre vou te perdoar.

Ele deixa uma lágrima cair no meu braço. Somente uma e se afastou com um sorriso:

— Eu só quero te proteger, entende?

— Sim, eu entendo, mas por quê?

— Porque nós somos amigos — ele estranha a pergunta. —, você é como uma irmã para mim.

Fico confusa.

Será que me deixei influenciar pelos outros? Ele dizia com tanta certeza de que eu era uma irmã para ele que me fazia duvidar de que havia um sentimento além do fraternal.

— Você também é como um irmão para mim, — toco em seu nariz. — *Pumpkin.*

Sorrimos.

Vejo novamente algo em seu olhar, entretanto, como ele, minto para mim mesma que não há nada além do que ele externou. Comemos chocolate juntos e conversamos sobre faculdade e aspirações, sem tocarmos no assunto Jasmine ou Dante.

Volto para casa cansada e muito feliz por ter conseguido o emprego e ter ganhado meu amigo de volta. Durmo tão tarde que por isso passo a manhã do dia seguinte toda dormindo. Quando acordo, noto uma mensagem de Dante:

*“A Personal Stylist vai passar na sua casa.”*

*“Quando?”*

*“Em alguns minutos”*

*“O quê? Agora? Você devia ter me avisado antes!”*

Levanto-me correndo, primeiro lavo meu rosto, troco de roupa e penteio meu cabelo, deixando-os melhor do que estavam quando acordei.

A campainha da minha casa toca e eu vou atender, assim que abro a porta, a garota na minha frente se identifica:

— Boa tarde, sou Ruby Perkins, sua Personal Stylist. — Cumprimenta-me com um aperto de mão.

— Eu não pensei que fosse aparecer tão rápido. — Dou espaço e ela entra sem cerimônias.

— Hurron me contratou com urgência, então, vim assim que pude.

Ruby tinha cabelos pretos, compridos e perfeitamente hidratados, olhos grandes e escuros e pele negra. Havia uma maquiagem suave em sua face.

Vestia-se formalmente com um conjunto de alfaiataria roxo escuro. Ela devia ser irmã de Noah Perkins, o Cornerback do Giants, não só pelo nome tenho a constatação, mas por se parecerem fisicamente.

— Posso ver seu guarda-roupa? — Pergunta objetiva.

— Pode — me movimento até meu quarto e ela me segue.

Abro meu guarda roupa e ela examina peça por peça, calçado por calçado, e meu Deus, até as lingerie. Tudo que olhava negava com a cabeça, parecia odiar tudo que via e jogava algumas na minha cama. Estupefata, não consigo dizer nada.

— Temos que fazer compras.

— Eu não estava cogitando fazer compras.

— Não se preocupe, seu namorado me deu um cartão ilimitado.

Duas palavras preciosas: Cartão ilimitado.

Vejo o céu por alguns segundos e volto para a realidade lembrando que não deveria colecionar favores do Hurrón.

— Só um minuto — digo e começo a digitar no celular.

*“Que história é essa de cartão ilimitado? Não quero gastar o seu dinheiro fingindo ser quem eu não sou.”*

*“Se está tão ofendida, pode devolver as roupas depois do nosso prazo”.*

Foi a abertura que eu precisava para consentir com esse projeto de *Esquadrão da moda*. Já que eu devolveria as roupas, não passaria de um empréstimo.

*“Pois é o que farei”* — respondo e guardo o celular no bolso.

— Está bem, estou de acordo com as compras — comunico.

Ruby me olha dos pés à cabeça:

— Então vamos... — se movimenta para sair do quarto.

— Espera, é meio vergonhoso, mas eu acabei de acordar, posso fazer um lanche pelo menos?

— Claro. Eu fui paga para passar o dia todo com você, então, você pode comer tranquila. E depois podemos ir às compras.

Faço um sanduíche de rosbife e passo um café bem forte. Ofereço a Ruby que aceita apenas o café e se senta à mesa comigo. Ela parece um pouco reservada, para quebrar o gelo, pergunto:

— Você é irmã do Noah Perkins?

— Sou sim, a irmã mais velha.

— Que legal, ele é um bom Cornerback — minto, não que ele fosse ruim, só não estava muito bem, por isso ficava no banco muitas vezes.

— Ele se esforça muito.

Dou uma mordida no meu sanduíche e tenho a curiosidade de perguntar:

— Você conhece o Dante faz tempo?

— Ah faz um tempo, estudamos na mesma escola, ele, o Noah e eu.

— Sério? — Era interessante conhecer alguém que poderia saber do passado do Hurrón.

— Sim, os dois são amigos há muito tempo, apesar do Dante ter sido muito reservado no passado, acredita que ele e meu irmão quase se mataram em um jogo de futebol escolar?

— Sério?!

— Pois acredite, eu ajudava o treinador e fui separá-los.

— E você conseguiu?

— Claro, apesar de ser uma garota sempre pratiquei Muay Thai, ninguém acredita até hoje que segurei aqueles dois brutamontes.

— Uau, isso é incrível.

— Obrigada, bem, depois disso eles se entenderam e nunca mais brigaram. Seguiram para a mesma faculdade e eu fui fazer moda em Milão.

Ruby era a fusão da feminilidade e da força. Uma verdadeira mulher



poderosa, realmente quero ser igual a ela quando eu crescer.

— Meu Deus, agora me sinto envergonhada, não pratico lutas e muito menos entendo de moda.

— Não seja boba, você é admirável, vi algumas reportagens sobre você, as brigas com as torcidas rivais sem abaixar a cabeça para homem algum.

— Obrigada. — Mordo meu sanduíche, ela foi simpática, ser uma arruaceira era admirável?

Depois de comer, pego minha bolsa e saímos da minha casa.

Subir a Quinta Avenida, entrar nas lojas e sair com os braços cheios de sacolas nunca foi uma pretensão, mas foi exatamente o que fiz a tarde toda. Ruby foi muito segura no que estava fazendo, cada look que ela me dava para vestir cabia perfeitamente em meu corpo. Compramos desde vestidos de festas até looks simples para o dia a dia. Sapatos, sapatos e mais sapatos, e também bolsas. Sem contar as lingerie tão pequenas que eu não sabia ao certo se cabiam.

— Sem querer você acabou se tornando uma influencer, então vamos apostar em looks de impacto — Perkins diz.

— Eu não quero ser uma influencer.

— Querida, você já é.

— É difícil para mim sair do meu estilo de roupa confortável e cair no mundo da moda com saltos, roupas coloridas, decotes profundos, brilho... Tanta coisa. — Digo quando experimento o vestido que ia usar hoje à noite.

— Vou te falar uma coisa que você já deve saber. — Fala sentada na poltrona à minha frente. — Você é uma mulher muito bonita e isso não vai mudar, independente do estilo de roupa que use, mas, por que apenas ser bonita se você pode ter uma beleza exuberante?

— Exuberante?

— Sim. Roupas não pode mudar o que somos por dentro, mas pode

melhorar mil vezes o que temos do lado de fora.

— Exuberante... — Murmuro olhando para o espelho.

A minha autoconfiança aumenta gradativamente.

— Exuberante.

— Isso mesmo.

— Eu estou exuberante — sorrio.

Dentro de mim aquela parte feia que insiste em me colocar para baixo tenta mais uma vez me arruinar, só que eu não a ouço. *Exuberante, exuberante, exuberante*. Preencho-me com essas palavras me dando conta de que realmente me sinto bela.

De volta para casa, amontoio as sacolas no meu quarto. A cara do meu pai ao me ver com tanta coisa foi de total desagrado.

— Sempre que houver algum evento, eu vou mandar a roupa para você — Ruby disse antes de se despedir. — E lembre-se, você não vai perder sua força se quiser ficar mais feminina.

— Certo. — Dou um sorriso.

— Se precisar de ajuda, me mande mensagem. — Havíamos trocado nossos números mais cedo.

— Tudo bem, ótimo. Obrigada, Ruby, você me ajudou muito hoje.

— É o meu trabalho, querida.

Assim que ela sai pela porta, papai se volta para mim cheio de questionamentos:

— O que significa aquele tanto de sacolas que você levou para o seu quarto? E quem é aquela garota?

Não sabia o que responder primeiro, ambas as respostas não seriam bem recebidas.

— As sacolas são roupas.

Levanta a sobrancelha e cruza os braços sem paciência.

— As sacolas são presentes do Dante e aquela é minha Personal Stylist.

— O que diabos é uma Personal Stylist?

— Ela é paga para me ajudar a me vestir.

— Por acaso você não se vestiu todos esses anos sozinha?

— Sim, papai, contudo, agora é diferente.

— Por acaso você mudou de nome? Não é mais Rosalie Wicks?

— Não, não mudei de nome. Só adicionei um sobrenome a mais. É Rosalie Blue Wicks.

— Que seja. Por que precisa de uma personal sei-lá-o-que, se nunca precisou em toda sua vida?

Solto o ar com força. Era difícil argumentar, sorte que o vovô ouviu da cozinha e veio até nós.

— Robert, você prometeu ter paciência.

— Paciência? Esse cara apareceu ontem e já está mudando toda a cabeça da minha filha.

— Pelo amor de Deus, pai, são só roupas.

— Exatamente, filho, são só roupas que vão deixá-la ainda mais bonita — amo meu avô.

— Ela já é linda, não precisa de nenhuma roupa de grife.

— Você já pensou que a Rosalie quer isso? Por que privá-la?

— Porque não quero deixar minha filha ser enganada, acredita mesmo que esse namoro vai durar? — Meu pai encarou meu avô.

— Bom, se não durar, ela terá roupas muito bonitas.

Quase gargalho, mas seguro o riso.

Meu pai pragueja e diz por fim:

— Você a está mimando demais.

O sermão havia acabado, papai se fixa no programa esportivo e eu corro até a cozinha com meu avô. O abraço por trás, feliz da vida por tê-lo.

— Você é incrível, vovô.

— Confio em você, sabe o que está fazendo.

Engulo em seco me sentindo mal pelas mentiras.

— Vou para o meu quarto me arrumar.

— É dia dos namorados, hein? Sabe, chamei a mulher que passeia com os cachorros pequenos todo dia de manhã pra vir jantar aqui.

— Vovô! Não acredito, está paquerando?

— Não, é para o seu pai.

— Para o papai? Ele sabe?

— Sabe que eu convidei alguém, mas não sabe que eu a chamei para conhecer ele.

— Ai, meu Deus — abafa um grito. — O papai vai ficar muito bravo quando souber, porém, eu concordo que ele precisa mesmo conhecer alguém.

— É o que eu acho, mesmo os Wicks não tendo sorte com o casamento — lá vem ele com essa história de novo —, acho que ele precisa pelo menos namorar de novo.

Meu pai não virou um santo depois que se separou da minha mãe, ele saía com mulheres raramente, só que nunca nos apresentou ou chegou a namorar com uma delas seriamente. Eram apenas casos passageiros.

— Bom, espero que meu bolo de carne a agrade e que meu filho se esforce o mínimo para ser simpático.

— Eu também espero, vovô.

— Hey, se apresse, você tem um encontro hoje, não?

— Eu tenho e é melhor eu correr mesmo.

Deixo o celular carregando e tomo um banho, experimento o kit de shampoo e condicionador de mirtilo que Ruby me fez comprar, pois, de acordo com ela, era incrível, deixava os cabelos macios e bem cheirosos. Agradeço mentalmente a ela depois de secar o cabelo e notar que era

maravilhoso.

De frente ao espelho, penso na maquiagem. Agora eu tinha uma maleta incrível que era o sonho de qualquer garota, mas não sabia muito o que fazer com ela. Coloco um tutorial no *youtube* e tento segui-lo. Preparo a pele pausando o vídeo várias vezes, para minha maquiagem ficar igual a da blogueira.

Esforço-me para fazer o canto externo do olho e ainda mais para fazer um delineado, que não sai muito bom e por isso eu apenas passo um rímel. Ao passar o blush uso um tom mais amarronzado e passo apenas o suficiente para destacar minhas maçãs do rosto.

Na boca, opto por um batom matte vermelho vivo. Tive dificuldades para não borrar, por isso uso o cotonete para arrumar os cantos imperfeitos. Vejo no espelho que estava bom, não tão parecido com o da blogueira, entretanto, eu não iria passar vexame. Tiro uma foto e mando para Morgan:

*“Está bom?”*

*“Perfeita! Você melhorou muito nas maquiagens, hein?”* — Responde-me segundos depois.

*“Espero que sim. Não quero passar vergonha”*

*“Pois não vai”*

*“Eu até passaria aí, entretanto, também estou me arrumando para um encontro”.*

*“Me conta tudo depois”.*

*“Você também.”*

Volto a me arrumar, coloco o vestido por baixo até subir para os seios e fechá-lo. Dou uma olhada, acentuou muito bem minhas curvas, era preto com um plissado na saia que se abria na coxa, revelando uma parte mais curta na frente, no busto, o decote era profundo e chegando à altura abaixo dos seios. De alcinhas, ele era muito elegante e extremamente sexy.

Quando eu experimentei esse vestido, quase recusei levá-lo, pois jamais usei um decote tão grande, e como Ruby disse, não era vulgar, meus seios pequenos não estavam à mostra como ficariam se fossem maiores, dava apenas para ver a leve curva deles.

Calço os sapatos de salto alto pretos, balanço o cabelo, vejo como meu bumbum ficou empinado, mordo os lábios, encaro meus olhos defronte com meu eu externo. A única coisa que tenho para dizer a mim mesma é:

— Exuberante.

Abaixo o olhar para meus seios e me dou conta de que se passasse pela sala meu pai ia ter um infarto. Por isso, pego meu casaco preto novinho e me cubro, fechando-o. Se me sinto uma adolescente fazendo isso? Ah, me sinto, mas era melhor não cutucar o senhor Wicks.

Já era sete da noite, por isso pego minha bolsa e checo meu celular:

*“Estou em frente à sua casa.”*

Pontual.

Passo pela sala e como sempre papai dá uma de estraga-prazer:

— Não beba, não fume e chegue até meia-noite.

— O.k., papai. — Dou um beijo nele e passo rápido na cozinha para despedir-me do vovô.

— Se divirta —enrugou os olhos com um sorriso.

Saio de casa muito confiante quando me deparo com uma cena completamente inesperada. Dante estava parado na calçada em frente a uma Lamborghini prata, vestido de calça social preta, camisa branca ligeiramente aberta, blazer escuro, cabelos rebeldes que davam um toque charmoso e, o mais louco de tudo, ele segurava uma rosa azul na boca. Sim, na boca.

Pelo amor de Deus. Isso é um trocadilho com meu nome?

E o mais louco era que havia uma pessoa tirando foto dele.

Assim que sai da pose, retira a rosa da boca e olha, parou alguns segundos

em minhas pernas, mas logo olhou para meu rosto:

— Rosie Blue — com certeza é um trocadilho com meu nome —, o fotógrafo da Calculated Love vai nos seguir nesse encontro, tudo bem?

Era óbvio que esse encontro teria algo por trás que o beneficiasse na mídia.

Concordo com a cabeça e ele me cumprimenta com um beijo em minha mão, tudo fotografado é claro. Além disso, me entrega a rosa. Caminho até o outro lado do carro e Dante me segue e abre a porta para mim fazendo uma pose, o fotógrafo tira algumas fotos e depois o Hurron o dispensa. Ele vai para o carro dele, e nós entramos na Lamborghini.

— Isso é pra ser romântico?

— Só em frente às câmeras.

— Você é ridículo.

— Não quero lidar com seu temperamento terrível hoje, pode ser *boazinha*?

— Claro, *reizinho*, vou ser muito boazinha.

Eu posso ser *muito, muito boa*. Você vai adorar conhecer esse meu outro lado, Dante. Ele não notou meu tom sarcástico, pois apenas dirigiu rápido. Rápido. Rápido mesmo. Rápido até demais.

— Não estamos em uma pista de corrida — resmungo.

— O carro é muito potente, não tenho culpa.

Viro os olhos.

— Para onde vamos?

— Você vai ver.

Odiava surpresas tanto quanto odiava o ar de cinismo dele. Do Brooklyn fomos parar próximo ao rio Hudson. Descemos do carro e foi nesse momento que percebi que íamos ter um passeio de iate.

Meu coração acelera com o ambiente romântico, logo o acalmo, o bendito

adorava ser iludido.

— Um iate? — Pergunto estupefata.

Com as mãos no bolso e sorriso presunçoso, diz:

— Esperava menos?

— Um helicóptero, talvez? — Provoco.

Lembro na hora que ele odiava voar, descobri isso quando quase nos matamos dentro do avião ano passado.

— Você não tem medo de velejar, tem? — Muda a conversa.

— Não. Eu amo o mar, amo os rios, amo estar na água. Quando eu era pequena, papai me chamava de golfinho, pois só queria ficar na água.

— Golfinho?

— É, eles não são fofos?

Ignora-me.

Embarcamos juntos com o fotógrafo, fizemos pose para algumas fotos e fomos para a área interna, já que estava um pouco frio. Dante retira o blazer e entrega para o recepcionista e eu faço o mesmo.

Neste momento, os olhos dele vão direto para a enorme fenda em meu busto, passa pela cintura, depois pelas pernas, volta para o busto, sobe para meu rosto e depois começa tudo de novo.

Engulo a saliva com dificuldade, o olhar com certeza passou de seis segundos, o tempo que ele me olhou, se multiplicou, multiplicou e multiplicou de novo.

— Os senhores podem se sentar — o recepcionista diz perante nosso impasse.

Dante não fica constrangido, cerra o maxilar e caminha até a mesa redonda com duas cadeiras. Havia sobre ela uma toalha branca, uma vela e um ramo de flor em um vaso de cristal.

Tocava uma música no ambiente, *Can't help falling in love*, uma canção



que me agradava muito, seria muito romântico se tudo não passasse de fingimento.

O fotógrafo tira uma foto nossa sentados à mesa e volta para sua posição.

— É sério que o fotógrafo vai ficar conosco a noite inteira?

— Sim...

O barco se movimenta.

— Para onde estamos indo?

— Daqui vamos apenas parar próximo à estátua da liberdade.

— Ah... — passo a mão pelo meu pescoço tentando disfarçar o nervosismo.

Sinto-me cansada de pensar em quanto esse idiota na minha frente é bonito. Chega de adjetivá-lo. O serviço começa assim que o iate para. O garçom nos oferece champanhe, não aceito, pois não era minha bebida favorita.

Um pouco mais de fotos e nós finalmente podemos comer.

Os pratos foram servidos em um menu sequencial: caviar, lagosta, salmão e wagyu. O caviar eu dispensei, pois não me via comendo ovas de peixe.

— Se quiser ser uma chef, vai ter que abrir seu paladar. — Dante me cutuca.

— Não preciso comer de tudo para ser uma chef, muitos são vegetarianos e cozinham carne.

— Bom, se não souber o gosto, como vai harmonizar?

— Com o meu instinto.

— Instinto? — Ri.

— É... Instinto, nunca teve isso como quarterback? Sei que você planeja tudo um dia antes, mas, às vezes, apenas não usa seu instinto?

Ele bebe um gole de champanhe compenetrado na minha boca.

— Sim, só que você não pode se esquecer que o instinto pode ser falho.

Concordo a contragosto.

Aquele encontro estava sendo tão robótico, sorriamos para a câmera, fingíamos ser quem não éramos, quer dizer, pelo menos eu estava fingindo. Após a sobremesa que Dante dispensou, eu comi até a última garfada, nós fomos para o deck e tiramos nossa última foto da noite para a revista *Calculated Love*, com o fundo para a estátua da liberdade.

— Gostou do encontro, *namorada*? — Dante pergunta com aquele típico tom de sarcasmo quando estávamos prestes a atracar. Ali, no deck olhando para a vista incrível do skyline, sentindo o vento tão gelado, eu só pude dizer a verdade.

— Não, tudo isso foi irrisório, você quis impressionar pessoas, vender uma imagem que não existe. Sei que o intuito não era romance, mas isso foi ridículo.

Seu queixo cai.

— O quê? Estamos em um iate, como pode dizer que foi ruim?

— Não sou cega. É o meu primeiro dia dos namorados com alguém e eu sei que você não é meu namorado, contudo, isso aqui foi desagradável.

O barco para e eu estou prestes a descer quando Dante me barra.

— Quero todo mundo fora do navio, agora. — Avisa, todos param o que estão fazendo atônitos. — Não ouviram? Quero todo mundo fora incluindo o pessoal da cozinha e o piloto.

— O que você está fazendo?

Não me responde.

Aos poucos todos estão fora do barco, sobrando apenas nós. Fico em choque, Dante caminha para pilotar o iate. Seguro-me na hora para não cair. O que deu na cabeça dele? Pelo menos sabia como pilotar aquela coisa? Eu não quero protagonizar um remake do *Titanic*.

Quando já estamos longe do porto, ele para o barco e se senta no sofá, na

parte interna do iate. Aproximo-me dele furiosa. Projeto-me à sua frente imperiosamente.

— Que merda é essa?

— Já que foi tão desagradável, acho que devemos estender mais esse encontro. Aprecie da minha companhia.

— Para de ser idiota. Finja ser mais um pouco agradável, como fingiu a noite toda.

Ele me ignora. Já que íamos provocar um ao outro, decido ingerir um pouco de coragem, pego uma garrafa de champanhe que estava na mesa. Dou goles rápidos fazendo com que o álcool esquente o meu corpo.

— Me diga, Rosalie Blue, qual é o seu encontro perfeito? — Pergunta cínico quando me aproximo. Ele estava com aquele ar de superioridade que eu queria arrancar com os dentes.

— Eu não sei, eu só não esperava que fosse um circo — digo de maneira desdenhosa e isso o insulta na hora.

— Um circo?

Franze a testa e fixa os seus olhos em mim.

— Parecíamos dois idiotas fingindo algo que não somos para vender uma imagem ridícula.

— É o preço da fama. — Seu maxilar está tenso.

— Se é assim, eu não quero.

— Temos um acordo, lembra? Se você queria um conto de fadas, sinto muito, mas eu não sou seu namorado de verdade! — Levanta-se ficando face a face comigo.

— É claro que você não é meu namorado, eu não tenho um gosto tão ruim.

Sinto uma crescente irritação.

— Mesmo? Pois não é o que parece, você me beijou! O que foi aquele

beijo?

— Aquele beijo? — Continuo o atacando com meu olhar. — Que beijo? Não me lembro. — Encara-me com ceticismo. Expele o ar com raiva, inclinando-se ligeiramente pega a garrafa da minha mão e dá um gole. Depois, me olha.

— Não se faça de boba. — Ele está fervendo de raiva e isso me atrai ainda mais para a provocação.

Pego a garrafa da mão dele e dou mais um gole.

— Você por acaso ficou emocionado? Não consegue esquecer um beijo... Seu olhar foi implacável.

— Vou te dar algo para você não se esquecer. — Entrefecha os olhos. Tenho medo de que seja mais uma piada, mas não é.

Em um movimento, sua mão aperta minha cintura, aproximando nossos corpos. O vento ruge, meu coração acelera, ele inclina a cabeça e seus lábios se encostam nos meus. Nem sequer tento resistir. Meu corpo todo se inclina para o dele, a garrafa cai rolando pelo barco, derramando todo o líquido, meus olhos se fecham.

A razão não existe mais, foi ofuscada pelo calor.

Tento aplacar os meus hormônios, mas é em vão. Nada ali foi racional. O movimento de sua boca foi feroz, me beija forte, o beijo dele era tão impetuoso quanto ele. Abri mais a boca, recebendo cada respiração. Escorrega as mãos pelo meu rosto e enfia os dedos em meu cabelo.

O beijo dele é perverso.

Há maldade em seus lábios que se pressionam com tanta precisão e certeza.

Um gemido baixo me invade.

Ele escuta.

Isso o incita a continuar.

Isso me excita.

Sinto algo em meu íntimo, meus hormônios se afloram, acordando um desejo avassalador.

Pressiono meu corpo contra o dele querendo mais, contrariando minha mente que dizia que eu deveria parar. Recebo cada gota de seu gosto. Ele está sem controle. Tão sem controle quanto eu, sei porque sinto as batidas do seu coração tão fortes quanto as minhas.

A sensação que tive foi de estar em meio a um círculo em chamas. Não conseguimos sair dali, não conseguimos parar. As suas mãos não descem para meu corpo, continuam na minha nuca, pressionando meu cabelo, não com força e sim com firmeza.

Cada parte daquele beijo era real. Absorvi o sabor da sua boca querendo mais. Muito mais. O calor que senti destruiu completamente o fio de controle que eu tinha. Eu o beijaria o tempo todo, meu hobby poderia ser beijá-lo.

Eu o sinto. Minhas emoções são violentas. Sinto sua boca, seu cheiro, sua força, sinto-o. Quero sua pele, quero seu toque, quero-o. Tenho vontade de quebrar regras, de quebrar qualquer barreira que me impedia de ter mais um pouco do toque dele.

Sua mão de repente desce para meu pescoço, e vai um pouco mais.

Não protesto.

Desce.

Desce.

Desce.

Pega bem ali no centro da fenda e retira os dedos. Meu coração se aperta.

Sua boca se afasta da minha, sua respiração é a última coisa que engulo. Seu olhar é aguçado, vejo perversidade também em seus olhos, assim como senti em seu beijo. Sua cabeça se abaixa e o movimento a seguir quase me transforma em líquido.

Ele me beija.

Beija bem ali no meio da fenda entre meus seios.

São sete regras, mas agora não consigo me lembrar de nenhuma delas.

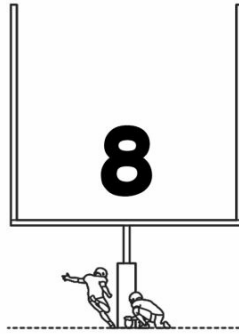
Dizem que há coisas que estão destinadas a acontecer, não importa o quanto você fuja delas. Ainda quero fugir, ainda quero não me perder naquele toque, ainda quero não cair no abismo da paixão.

Não consigo.

Tenho pena do meu suscetível coração.

Estou arruinada, porque o quero. Estou devastada, porque aquele beijo foi apagado e substituído por esse que acabou de se marcar em mim. Reluto, reluto e reluto com meus pensamentos e desisto. Tentar não gostar dos seus toques era como nadar e depois morrer na praia. Dizem que a raiva anda de mãos dadas com a paixão, bom, eu que estava de mãos dadas com uma acabei de dar a mão para a outra.

Posso chamar isso de uma paixão culminada pela raiva. Só não sei como vou me livrar dela. Não depois de um beijo como esse.



**FRAMBOESA**



## Capítulo 8

Sou feita de tremores. Não luto, deixo que os estímulos do meu corpo me guiem. Dante volta a tocar em meus lábios antes que eu contrariasse o toque tão íntimo. Suas mãos apertam cada vez mais minha cintura de forma atrevida.

Tenho que me preocupar em respirar porque acho que não estou fazendo isso. Meu coração bate em uma frequência tão rápida, toda a minha pele se aquece, sinto que estou pegando fogo com as mãos dele, com os lábios tão permissivos e lascivos.

Antes mesmo de pensar em ceder, eu já cedi. Cedi aos toques dos lábios, cedi aos toques de suas mãos. Ele não está pressionando só a minha cintura como também o meu coração. A sensação que tenho era que estava pronta para explodir com tanta adrenalina. Aos poucos os lábios dele se afastam, sofro, pois seu afastamento levou tudo de mim. O rosto ainda está perto do meu, os olhos desnudam tudo que sou e que um dia eu fui.

Uma angústia sobe em minha garganta, porque tenho certeza de que isso não passou de uma tola provocação para mostrar que possuía de alguma forma algum controle sobre nós. No fim das contas, eu sou uma grande mentirosa.

*Estou apaixonada por um cacto.*

*Gosto mesmo de cactos.*

*Cactos são legais.*

— Por que me beijou? — Murmuro dentro de sua respiração.

— Porque você quis. — Responde e se afasta de vez, bruscamente, me deixando ali com as pernas bambas.

Abro a boca, penso no que dizer, a fecho.

Qualquer resquício da minha vergonha na cara sumiu. Eu mesma disse que



jamais me envolveria com um jogador novamente e foi exatamente o que acabei de fazer. Envolvi-me nesse feitiço de novo. Pelo amor de Deus! Eu jurei que não beberia dessa água e agora eu só penso em me afogar nela.

Quem abre a boca agora é ele, que está em uma distância considerável, contudo, não para de me olhar.

— Sinto que tenho que te perguntar isso, então eu vou perguntar, pois você claramente disse que não queria antes, então, sei lá, preciso fazer essa pergunta, por mais idiota que possa parecer.

— Que pergunta?

— Você quer?

— O quê?

— Transar. Você quer transar? — Olha para mim quando pergunta, desvio os olhos rápido.

Ai meu Deus, não acredito que ele está perguntando isso em voz alta. É demais para mim, é demais ouvir isso dele.

— Seu pervertido. O que eu te falei sobre não me tocar? — Tento não parecer sem graça, mas estou, por isso pergunto voltando à razão.

— Você deixou, não se finja de boba. Só perguntei porque você parece que quer muito, sabe? Ficou roçando as pernas na minha. — Coça o queixo.

— Eu ia chutar seu saco para você se afastar.

— Somos adultos. Você pode dizer.

— Não tenho nada para dizer.

— Não? — Insiste.

Eu não ia dar o que ele queria, literalmente. Não ia admitir que fiquei muito tentada, mas que fazer isso seria me arruinar. Se eu já estava presa em uma incontrolável paixão por conta dos beijos, imagina se fizéssemos sexo? Com certeza a minha pobre imaginação em conjunto com meu iludido coração iam fantasiar nosso casamento e nossos filhos. E, eu sei muito bem

que Dante não quer nada comigo, além de sexo, pois claramente senti algo bem duro próximo a mim.

Duro.

Duro mesmo.

Droga, está calor de novo.

— Eu....

Não consigo responder. Apenas travo sem resposta.

Ele torce os lábios e dá as costas para mim se movendo para outra parte do iate. Recolho a garrafa de champanhe do chão tentando amenizar o caos. Coitados dos funcionários que foram expulsos, o que será que estão pensando?

Será que imaginam que nós estamos fazendo um *sexo selvagem*?

Oh não.

Temos que voltar agora!

— Bom... — Dante volta com uma garrafa de água nas mãos. — Fiquei sabendo que você se reuniu com a Big Blue. — Senta-se no sofá e toma a água direto pela garrafa.

— Como ficou sabendo? — Passo a mão no meu vestido arrumando o franzido. Desço dos saltos ficando descalça. O alívio que sinto é imediato.

— Nenhum passo que damos é ignorado pela mídia.

É claro. Havia um fotógrafo à espreita.

— Bom, eu me reuni com eles sim, os membros queriam retirar a minha liderança e eu fui me defender — me sento na outra extremidade do sofá.

— E deu certo? — Estava interessado, pois isso refletia claramente em sua imagem.

— Parcialmente — abaixo os olhos —, sabe, eu meio que negocie com eles.

— E o que negociou?

— Disse que ia promover um encontro com você e eles... — Levanto o olhar com um sorrisinho envergonhado. — Eles querem ouvir suas desculpas.

— O quê? Que desculpas?

— Ah, querem saber o que levou seu ótimo desempenho a um péssimo desempenho — digo como se fosse óbvio.

— Isso não tem nada a ver com ninguém — bate no sofá com o punho cerrado.

— Calma lá, ninguém tem culpa pelas suas oscilações de humor, então, você vai nesse encontro e vai explicar seja lá o que for para a Big Blue, eles merecem uma explicação, merecem que você pelo menos se esforce.

— Ninguém tem a ver com a minha vida.

— Os fãs pagam seu salário.

— A NFL paga meu salário.

— E o que move a NFL? Os fãs, *querido*. Você não quer levantar sua moral? Então comece falando com seus fãs.

Pragueja.

— Também quero um pouco — peço e ele me passa a garrafa.

Termino com o restante da água.

— Já reparei que você não é muito adepta às regras, não? Promoveu uma briga contra a torcida do Philadelphia Eagles, e até já foi presa.

— Pesquisou sobre minha vida?

— Não é preciso de muito esforço para saber o que você já aprontou.

— Eu não tenho medo de mostrar quem eu sou e nem de me privar das minhas vontades.

Expele o ar pelo nariz e ri.

— Você não se priva das suas vontades? — Aproxima-se.

— Não. — Sou firme ainda na resposta.

— Que garotinha mentirosa — ele diz próximo ao meu ouvido. Sua

respiração quente me causa arrepios nos pontos mais sensíveis do meu corpo.

— Não tem vontade que eu te toque? — Continua com a tortura, viro minha face para ele. Meus joelhos tremem. Todo meu corpo quer se impulsionar para agarrá-lo de jeito. Mas tenho medo. Tenho medo de perder meu coração.

Sua mão para no meu rosto.

Minha respiração acelera.

Seus olhos estão pedindo permissão.

Encaro-o em uma luta interna. Não é só uma luta entre a razão e a emoção, é uma luta contra um ego gigantesco. Era uma luta contra um homem que poderia me arruinar.

— Rosalie, você precisa me dizer — insiste sôfrego.

Não pondero outra resposta. Reúno toda minha sensatez que é quase inexistente e articulo com muita propriedade:

— Não. Eu não quero.

Ele se afasta na hora com um suspiro audível. Dante não tenta me convencer com palavras baratas, ele apenas aceita o meu não e se levanta.

— Quando se deitar hoje à noite, você vai se tocar... — Diz com voz rascante — e vai pensar em mim.

— Isso é uma ordem?

— Não, é apenas uma constatação.

Contei duas mentiras essa noite, a primeira é que eu não me privo das minhas vontades quando elas têm a ver com Dante e a outra é que eu não queria muito ter transado com ele. Eu disse não porque é o certo a fazer e espero me convencer disso em algum momento. O barco se move, Dante o pilota novamente até atracarmos à margem do rio.

Os coitados dos funcionários apareceram logo que descemos do barco. Ninguém falou nada, nós também não. Pego meu casaco e Dante liga para

seu motorista para nos buscar. Apesar do carro dele estar à disposição, não parecia prudente depois de termos bebido, mesmo que já tenhamos feito isso antes, a situação agora era outra, havia um desconforto entre nós. Não queríamos conversar, nem discutir.

No carro ficamos em silêncio, vejo Phillipe nos olhar algumas vezes. Não nos despedimos, ao parar o carro, saio e bato a porta. Entro em casa com a mão no coração, tentando conter as batidas, querendo conter a raiva que sentia por mim mesma e o furor incontrolável.

As luzes estavam apagadas, acendo e as apago até chegar ao meu quarto. Jogo os sapatos em um canto, penduro o casaco. Passo a mão pelo rosto. Retiro o vestido. Visto um pijama e me enfio debaixo das cobertas.

*“Quando se deitar hoje à noite, você vai se tocar... e vai pensar em mim.”*

Mordo os lábios.

*“Quando se deitar hoje à noite...”*

Uma mão escorrega até minha intimidade por baixo do pijama, a outra entra debaixo da minha blusa.

*...você vai se tocar...*

Arfo.

Um dedo se desliza para dentro de mim, toco meu ponto sensível. Estremeço. Minha mente se fixa nele, na sua respiração. Sinto que Dante está bem aqui, próximo à minha orelha pedindo para que eu me toque.

Me toque.

Como eu queria que ele me tocasse.

*... e vai pensar em mim.*

Louca.

*... e vai pensar em mim.*

Louca pelo toque dele. Louca pela sua boca, louca pelos seus dedos.

*... e vai pensar em mim.*

Arfo.

Intensifico os movimentos com o dedo do meio, a outra mão encontra o meu mamilo enrijecido, em um movimento circular ele se torna mais rijo. Sensível. Seguro um gemido que eu queria dar direto na boca de Dante.

Continuo.

*... e vai pensar em mim.*

Continuo.

*... e vai pensar em mim.*

Continuo.

*... e vai pensar em mim.*

É sufocante.

O cheiro dele ainda está impregnado em meu corpo. Tão forte, gostoso e masculino. O frescor da sua pele, as nuances do perfume. A fragrância está em minhas narinas. Quando meus dedos se deslizam para dentro do meu centro, eu o sinto ali. Sinto seu hálito quente em minha nuca e seu membro rijo pronto para entrar. Pedindo passagem.

É o que quero.

Vem, *entra em mim*, Dante.

Vem, me fode.

Fode.

Minhas bochechas queimam. Sinto o suor escorrer pela minha testa.

Murmuro o nome dele baixinho, tão baixo que engulo as palavras. Duas, três vezes.

Minha mente está toda fodida por ele, mas o meu corpo não.

Eu quero gritar, quero gritar, porra.

*... e vai pensar em mim.*

Paro os toques. Frustrada.

Passo a mão pela minha clavícula exposta, me aperto. Condeno-me. Estou presa em uma insuportável paixão e não consigo sair e muito menos quero fazer isso. Só sei que, por ora, eu só passo a guardar esse desejo em meu secreto íntimo, que no fim das contas, não era tão secreto.

Ele sabia.



Nem durante a semana e nem no final dela eu não tive contato com o Hurren, não tínhamos compromissos pendentes e eu aproveitei o restante da semana para estudar, já que logo na terça-feira começaria o meu trabalho como estagiária.

A matéria sobre nosso encontro no dia dos namorados saiu na *Calculated Love* e viralizou nas redes sociais. As *hashtags* relacionadas ao nosso relacionamento ainda estavam em alta e, por conta disso, preferi ficar em casa no final de semana do que ficar na mira dos paparazzi.

No grupo do restaurante Thomas nos perguntou se estávamos todos livres na segunda-feira, pois ele queria promover uma socialização da equipe. É claro que todos disseram estar disponíveis, porque pensamos que sairíamos para beber, só que, ele marcou o encontro para às sete horas da manhã no restaurante.

O que iríamos fazer? Tomar um café?

Descubro isso assim que chego quase atrasada junto com Chase, pegamos o metrô, pois meu pai precisava do carro e, meu amigo não conseguiu pegar o da sua irmã emprestado, ele ainda estava trabalhando para comprar o dele. Apesar de trabalhar na oficina pela manhã, trocou os horários para poder participar dessa tal socialização.

Logo que chegamos vimos que todos estavam à nossa espera, a equipe da cozinha: chef e sous-chef, Thomas e Alana Pearce. O primeiro e segundo cozinheiro, responsáveis pelos pratos principais e entrada, Jake Bolton e Lia Sanchez. O auxiliar deles, Travis McCabe, estava ao lado de Alana. A minha



melhor amiga dentro da cozinha, pâtisserie, Kaylee Dawson. Por fim, a pessoa que roubou minha vaga de plongeur no ano passado, Joyce Egan.

Na equipe dos garçons — que eu conhecia muito bem — apenas um rosto não reconheci, na hora penso que deve ser a nova garçonete. Ela estava ao lado de Ashley um pouco tímida, cabisbaixa. Ao lado esquerdo dela está a gerente e responsável pelo caixa, *insuportável*, Clare Bauer. Martin, também havia acabado de chegar e ficou ao nosso lado. E não menos importante, a pessoa que não deveria estar ali, Dante Hurren.

— Que bom que chegaram, só faltavam vocês — Thomas diz. Dante me olha com o canto do olho, mas não vira o corpo para mim. — Bom, posso dizer que reuni vocês hoje bem cedo para darmos um passeio.

— Um passeio? — Joyce pergunta.

— Isso, um passeio, só que antes quero apresentar a vocês a nossa nova estagiária na cozinha, vocês já a conhecem, é a Rosalie Wicks. — Todos me parabenizam, menos a Clare. Até mesmo Alana que gostava de fingir que eu não existia, me parabenizou. — E, a pessoa que vai substituí-la no salão, Eliza Young. — A garota parecia jovem e tinha uma aparência angelical.

Ela agradece e cora ao obter nossos olhares.

— Pessoal, espero que recebam as duas com carinho. — O chef continua — sei que nosso dia a dia é um caos, por isso, quero promover um dia de tranquilidade para todos nós, vocês sabem que queremos elevar o nível do restaurante e quem sabe, conseguirmos a tão sonhada estrela Michelin.

Vibramos. Conseguir uma estrela Michelin na cozinha é como um ator receber o Oscar, pois era uma das classificações mais importantes do mundo da gastronomia. E que, obviamente, não era nada fácil de se conseguir.

— Vamos conseguir, chef, não tenho dúvidas — Alana diz.

— Você é muito capaz — Clare puxa o saco da sua paixão platônica, ainda me pergunto quando ela vai dizer para ele que é completamente

apaixonada pelo seu amigo de infância.

— Hoje nós vamos visitar uma fazenda, a fazenda que Dante, Clare e eu frequentamos muito quando crianças, um lugar incrível que passou de geração em geração até chegar a mim.

— Nós vamos visitar uma fazenda? Por qual motivo? — Travis pergunta.

— Quero que vocês se reconectem com a terra, as coisas que cozinhamos não nascem em caixas, quero resgatar essa cozinha de raiz, afetiva e que está sendo esquecida. — Gosto das palavras dele.

— Até mesmo nós que não fazemos parte da cozinha podemos ajudar? — Chase pergunta.

— É claro. Vocês fazem parte de tudo, o que seria de nós sem vocês? Quero que saibam exatamente o que estão dizendo para os clientes quando indicarem um prato. Não apenas por indicar, mas para falarem com propriedade.

— Está bem... — Meu amigo diz receoso.

— Então, vocês estão comigo?

— Sim, chef! — dizemos todos juntos.

Fomos até Staten Island — onde era localizada a fazenda da família Pearce — dentro de uma van até o terminal e, para chegar à ilha, fomos de balsa. Dentro da balsa Staten Island Ferry, meu olhar cruzou algumas vezes com o de Dante, mas ele não me dirigiu a palavra. Era melhor assim, para parecermos profissionais, já que não queria ninguém achando que eu tive tratamento especial.

No caminho, fico ao lado de Chase, conversamos animadamente sobre a fazenda em Staten Island que visitamos na infância por conta de uma excursão da escola, quando Alana surgiu à nossa frente:

— Sabe, estagiária, você até que é bem esperta — pondera.

— Do que você está falando?

— Namorar o sócio do restaurante para conseguir um cargo na cozinha.

— Não vou discutir isso com você.

— Só quero deixar avisado que não vai ser fácil para você na cozinha, não importa de quem você seja namorada.

— Não preciso subir através dele, eu tenho o meu mérito e vou mostrar para todo mundo, inclusive para você.

— A Rosalie é uma cozinheira incrível — meu amigo me defende.

— Não estou falando com você, garçom, se ponha no seu lugar.

A mão de Chase formou-se em um punho, mas eu a segurei.

— Seu primo sabe que você desdenha dos seus colegas? — Inquiri e isso a desestabiliza.

— Estou de olho em vocês. — Ela fecha a expressão e recua saindo para puxar o saco do seu primo e do amigo dele. Os dois estavam conversando na outra ponta do translado.

— Você se controlou muito, nem parece aquela garota de sangue quente que foi parar na cadeia. — Chase avalia.

— Estou tentando ser responsável, quero trabalhar na cozinha, por isso tenho que me controlar.

— E você vai conseguir trabalhar com ela?

— Vou, a Alana é profissional assim como eu. — Acredito nisso, pois a Pearce sempre dava tudo de si na cozinha.

— Eu não confiaria muito nela, ao contrário do primo, não é nada humilde.

— Bom, você sabe que não levo desaforo para casa, então veremos.

Olha-me apreensivo, logo mudo o assunto para aliviar a tensão. Pouco tempo depois estamos na ilha. Um motorista estava nos esperando com uma van e logo nos amontoamos nela. Ao chegarmos na fazenda, fico encantada ao notar que é a mesma que Chase e eu visitamos quando éramos crianças.

— A Family Farm era a aberta a visitas há alguns anos — Thomas diz a nós como se tivesse lido meus pensamentos. —, Mas tivemos uma crise, tivemos que fechar as portas e quase perdemos a propriedade, por sorte, esse cara aqui — segura o ombro de Dante — me ajudou a reerguer.

Vejo que o amigo fica sem graça.

— Eu não fiz nada.

— Fez sim — vejo gratidão no olhar do loiro. — Bom, vocês estão com fome, não é?

— Muita — sou a primeira a responder.

— Então vamos entrar, a senhora Mary Griffin, trabalha há anos na Family Farm e faz o melhor queijo do mundo, vocês precisam provar.

— É realmente o melhor queijo do mundo, gente, eu tenho que concordar — Clare diz andando ao lado esquerdo de Thomas.

Caminhamos pela linda propriedade e entramos na casa que era gigantesca. O cheiro de café fresco me inebria imediatamente. Noto que a sala tinha móveis rústicos e a decoração era simplista, não me atendo muito a detalhes, pois meu estômago ronca. Logo fomos até a cozinha onde nos sentamos em uma enorme mesa.

Conhecemos de imediato Mary Griffin, uma linda senhora muito alegre que trabalhava na propriedade há muitos anos. Ela nos serviu um belo café da manhã enquanto contava sobre algumas coisas que o quarteto aprontava quando crianças.

— A família Hurron era muito amiga da família Pearce, bom, pelo menos as mães dos rapazes eram. — A senhora conta e eu paro de comer para prestar atenção. — Dante e o Thomas brigavam muito, pareciam rivais, mas, era uma competição amigável. Quando a família da Clare se mudou para trabalhar na fazenda, ela chegou toda tímida, tinha medo de conversar com os meninos, por isso sempre ficava na barra da minha saia e só teve coragem de

brincar com o Thomas quando o Dante não pôde mais vir.

Interessante. O que será que aconteceu? Vamos lá, Mary, me dê mais detalhes.

— Eu não era tão tímida, senhora Griffin. — Clare se defende.

— Era sim, Clare, você mudou muito depois que foi naquele retiro para levantar a autoconfiança. — Thomas entrega a amiga.

Então ela precisou de um coach para melhorar a timidez? Já havia ouvido falar sobre isso, entretanto, o que ela não tem mais de timidez adquiriu em arrogância.

— O.k. Admito que procurei ajuda.

— Acho que todos os três mudaram. Te vejo muito na televisão garoto, e agora parece que finalmente arranjou uma namorada... — Mary tinha um típico sotaque sulista, parecia muito com minha avó materna.

— Hm? — Dante fica sem graça.

— Não se finja de bobo, sabe, ela é linda e deve ser muito paciente. Vem aqui me dá um abraço, querida. — Os olhos dela encontraram os meus.

Engasgo com o café, e sem saída, me levanto e caminho para abraçar a senhora baixinha e fofa.

— Você é do Sul, Mary? — Pergunto.

— Sim, sou do Alabama.

— Que legal, também sou sulista, nasci em Memphis, no Tennessee — digo me afastando aos poucos, ainda de mãos dadas com ela.

— Sério? — Seus olhos brilharam — A sua sogra também era do Tennessee, ela nasceu lá, mas veio para cá muito nova.

Tenho um choque, era a primeira informação que eu tinha sobre a mãe do Dante. Parece que a senhora Griffin sabia de muita coisa.

Ouçó alguém pigarrear.

— Está muito gostoso esse café da manhã, mas trouxe vocês aqui para

trabalhar — Thomas corta o clima estranho. — Vou dividi-los em grupos ou duplas e nós vamos pegar ingredientes que usaremos no menu do dia, na Tasty House essa semana. — Lia e Jake, vocês podem colher as laranjas.

— Quando eu era pequeno quebrei o pé subindo em uma laranjeira — Jake diz.

— Deixa que eu faço esse trabalho — Lia se prontifica. — Você só fica lá embaixo pegando as laranjas. — O par dela assente, ele era um pouco preguiçoso, tenho minhas dúvidas se era um trauma de infância mesmo.

Logo Thomas designa tarefa a todos, até que sobra somente eu, Dante e Chase. *Isso não vai prestar.*

— Ruivo, acho que a Ashley e a Eliza vão precisar de ajuda com as abóboras, você pode ir com elas. Já o casal do momento — se vira para nós com um sorriso de deboche — podem colher as framboesas, é um trabalho delicado, hein, façam devagar.

— Eu sei muito bem que são delicadas, idiota — Dante o retruca.

— Então vamos ao trabalho! — O amigo o ignora.

Todos se dispersaram, até que nós sobramos.

— Por que está fazendo isso? Se envolvendo com o restaurante depois de tanto tempo? — Pergunto.

— Sou um dos donos, certo? Não preciso ter motivos. Anda, temos muito trabalho a fazer — se move saindo da cozinha.

Pegamos cestas para colher os frutos e caminhamos lado a lado sem conversarmos. Vejo meus colegas indo para lados opostos do nosso. Afastamo-nos dos demais gradativamente, até que chegamos à plantação de framboesas que estava coberta por um toldo, protegendo-as.

— Então você é meio sulista... — Tento puxar assunto entrando na plantação.

— Não quero falar sobre isso.

— São suas raízes...

— Não ligo para isso. Sou o que sou, não importa de onde vim.

— Oh, coitadinho, tem vergonha de dizer de onde é?

— Não use seu sotaque comigo.

— Não estou fazendo nada.

— Está e pare de ser engraçadinha — pega a framboesa com tanta força que a esmaga com as mãos.

— É para ser delicado, framboesas são delicadas, idiota, delicadas como uma mulher — pego uma mostrando a ele como colher.

— Eu sei tocar uma mulher.

— Se tocar uma mulher igual pegou nessa framboesa, então, está fazendo errado.

— Você conhece meu toque e acho que não estou fazendo errado.

Ele já estava levando para o lado pessoal. Para o lado que eu não conseguia esquecer durante à noite.

— Framboesa, estamos falando de framboesa — deixo claro.

Vejo que ele está sem jeito para limpar as mãos, pois estava usando uma calça jeans caríssima e uma camiseta azul-marinho também caríssima. Não preciso saber a marca para ter essa certeza. Aproximo-me dele e pego suas mãos e as limpo no avental que eu estava usando, fui mais esperta que o Hurren e peguei algo com Mary para não me sujar.

Hoje, especialmente, os músculos dos seus braços estavam gritando. Acho que na luz do dia tudo fica mais claro, mais bonito e, mais *gostoso*. Ele reage ao meu toque, pois seu músculo se tenciona. Solto suas mãos já limpas e cruzo o meu olhar com o dele por poucos segundos. Segundos perigosos. Segundos que me fazem anelar.

Afasto-me rápido e volto a colher framboesas. Uma por uma, com cuidado, Dante faz o mesmo começando pela esquerda e eu fico à direita. Em

silêncio, fazemos o nosso trabalho pouco a pouco. Embora minha língua coçasse para fazer mais perguntas a ele.

Sinto que havia algo em seu passado que o machucava, era nítido, afinal, ser abandonado por sua mãe e irmão não devia ser nada fácil. Só que ele não me contaria nada, Thomas também não, pois tenho certeza de que ele sabe de tudo. Já Mary, apesar de ter falado um pouco mais, podia não saber de toda a história, mas de partes dela com certeza sabia.

Seguro minha curiosidade e continuo trabalhando. Até que decido experimentar algumas framboesa para saber se estavam boas.

— Huum, estão deliciosas... — Avalio após comer algumas. — Não quer provar?

— Não.

— Ah, vamos lá, prove.

— Não gosto de frutas vermelhas.

— Você é todo cheio de frescuras, hein? Como pode não gostar?

— Apenas não gosto.

— Já provou? — Falo continuando o percurso.

— Já.

— Então provou errado. Você não gosta nem de morango?

— Não.

— Amora? Cranberry? Melancia?!

Não me respondeu.

— Vamos lá, prove de novo — apareço em sua frente, interceptando a sua colheita. Deixo minha cesta no chão e o encaro em súplica.

Ele pega uma framboesa e a leva em direção à sua boca. Estou cheia de expectativas, porque tenho certeza de que vai gostar, mas seu movimento muda e rapidamente sua mão está perto da minha boca.

— Abre a boca.



— Eu já comi.

— Quero que prove essa.

Abro a boca desconfiada desse gesto, como a framboesa sentindo o gosto suave e adocicado com um pouco de acidez.

— É boa, como todas as outras que eu comi.

— É?

— Sim.

— Então eu vou provar.

Suas mãos escorregam pelo meu rosto, seu toque me imobiliza, os dedos enroscam em meu cabelo quando me puxa para o beijo. Experimento seus lábios, sinto as investidas da sua língua, o toque macio e perspicaz. Penetra a fundo, seu gosto se mescla com o meu, me aprofundei em sua boca como se pudesse viver ali dentro dele. O beijei com raiva, paixão, impulso.

Sua outra mão se aperta em minha cintura, a minha blusa sobe ligeiramente, fazendo com que eu sinta o seu toque preciso, forte e decidido em minha pele. O desejo que sinto me golpeia de forma avassaladora. A intensidade dos nossos beijos era como um terremoto dentro do meu coração. Solto um gemido baixo, um ruído também sai da boca dele, mostrando que estava tão enfeitiçado quanto eu.

Absorvo seu sabor movendo minha língua tão rapidamente quanto a dele, seu corpo se aproxima mais do meu a ponto de eu conseguir sentir sua ereção. Minha intimidade também está dando indícios de que quer o próximo passo, mas *ainda* não posso.

Luto contra esse desejo, mesmo sem saber como fazer isso.

O beijo é bom, mais do que bom, é macio, quente, sagaz. Sinto na ponta da sua língua toda a luxúria que ele queria me proporcionar. E eu quero ceder, ali mesmo. Bem no meio das framboesas, porque com ele eu sou legível por minhas sensações.

E, eu sei. *Eu sei* que ele nutre um forte desejo por mim. Pois ele também se torna legível quando toca meus lábios. Afasto-me um pouco, só para ver os olhos dele e sua boca vermelha que há pouco foi tão pressionada pelos meus lábios.

Sinto-me um pouco mais sóbria, porque quando o beijo, é como se me entorpecesse com tantas emoções. Regida por euforia respiro fundo. Quero dizer algo, mas ele diz primeiro:

— Doce, azeda e espinhosa, a framboesa. Mas também pode ser você... — Vi um brilho em seu olhar que transcende seus olhos e entra em mim refletindo em todas as partes.

Abaixa-se, pega sua cesta e se vira caminhando em direção contrária.

— O que...

— Acho que já temos o suficiente, podemos voltar — corta as palavras que eu ainda não formei.

Pego minha cesta e o sigo cheia de euforia.

— Você acha que pode fazer isso? Me beijar quando quiser?

— Somos namorados — dá de ombros e continua a caminhar.

— Não, não somos namorados, eu te disse que são sete regras.

— Você não é de seguir regras, muito menos eu.

Ando mais rápido e me projeto à sua frente.

— Então quer dizer que está apaixonado por mim? — Coloco uma mão na cintura.

O canto da sua boca se eleva.

— Não.

— Então você segue regras, pelo menos algumas delas, então, me faz o favor de tentar seguir as outras.

— É o que você quer? — O ponto entre suas sobrancelhas se aperta.

— Sim, é o que eu quero. Apenas pare.

— Está bem, não vou te tocar... — Sua respiração emenda na próxima palavra — A menos que você peça.

— Fique tranquilo, eu não vou pedir — meu olhar é decisivo e definitivo.

Ele sabe que não vou mudar de ideia, não agora, por isso se desvia de mim e volta a andar. Não sabia se iria cumprir a promessa, mas o modo que sua expressão se fechou, pareceu que não estava nada feliz.



Nos reunimos perto do almoço em frente à propriedade com tudo que havíamos colhido. Thomas ficou à nossa frente com um sorriso genuíno no rosto, satisfeito com o trabalho que havíamos feito. Tínhamos colhido tanta coisa, tivemos aquele contato com a natureza que é essencial para valorizar o alimento.

— Obrigado a todos, sei que é o dia de folga e eu vou compensá-los por isso, não tenham dúvidas, mas estou agradecido por terem vindo.

É claro que todos nós dissemos que não foi nada demais, só que eu duvido que não tivesse alguém que estava um pouco indisposto.

— Equipe da cozinha, quero ideias, receitas. O que sugerem?

— Vamos colocar o menu do dia vegetariano algum dia dessa semana? Temos tantos legumes e vegetais frescos — Alana sugere.

— É uma boa, o que mais?

— Que tal diferentes texturas? Da entrada à sobremesa? Como usar cenoura em cada prato — Travis opina.

— Interessante, podemos amadurecer a ideia — o louro vai respondendo à medida que as opiniões surgem, até chegarmos ao cardápio de sábado, o dia mais movimentado.

— Podemos servir massa no sábado, feita com ovos caipiras e molho de

tomate fresco. O diferencial poderia ser o manjeriço dentro da massa que vai trazer um frescor. — Dou minha opinião.

— Muito simples — Alana diz ríspidamente.

— Acho uma boa ideia — Dante toma a voz, eu preferia que ele não tivesse tomado partido, pois isso só inflamaria a suposição da Pearce que só entrei na cozinha por causa dele. O que não é totalmente verdade.

— Concordo, é uma boa ideia. Recebemos vinhos direto da Itália do nosso fornecedor, vai casar muito bem com uma massa simples e bem-feita. — Animo-me por Thomas também aderir à ideia. — E a sobremesa?

— Uma pannacota de baunilha com um *couli* de frutas vermelhas — Kaylee toma a fala.

Thomas coça o queixo avaliando.

— Uma torta de *framboesa* — não consigo dizer a palavra sem as minhas bochechas corarem.

Thomas levanta a sobrancelha esperando que eu fale mais.

— Uma torta com massa sablée e uma boa geleia de framboesa, bem decorada, simples e que pode ser servida quente com sorvete de baunilha, caso o cliente prefira.

— Massa no prato principal e na entrada é um pouco demais, se fosse pelo menos uma massa folhada que é mais leve, mas a sablée não é uma boa ideia — Dante dá sua opinião novamente, como se ele fosse o especialista no assunto, o que me faz questionar, ele é um especialista? Se fosse, por que optou por outra carreira?

— Concordo, a ideia da torta é boa, contudo, não para esse menu — o chef dá a palavra final.

Continuamos a decidir o cardápio até o almoço ser servido. A comida de Mary, como pude notar no café da manhã, era incrível, comemos até passar do ponto de saciados para de estufados. Quis abrir minha calça jeans

imediatamente, mas me contive.

Estávamos tomando um café quando um assunto começou de repente:

— Eu vi a matéria da Calculated Love, O Marido Ideal, você pensa em se casar em breve, Dante? — Lia pergunta.

Olho para o Hurron que quase se engasga com o café extremamente quente.

— Não se pode confiar em matérias de revistas. Eles sempre aumentam demais — responde.

— Você já me disse que se casaria um dia, nem tudo é mentira. — Thomas o entrega.

— O quê? Não falei não! — Dante se defende.

— Você teve um amor platônico no passado, lembra? — Fico atenta. — A viu uma única vez, no mesmo dia me disse que se casaria com ela. — Thomas revela e vendo que falou demais olha para mim. — Desculpa, Rosalie.

Sinto aquela pontada de ciúme.

— Todos nós já tivemos um passado. — Digo fingindo não estar afetada, só que estou e muito.

— Não me lembro disso. — O falso marido ideal dá de ombros e termina seu último gole de café.

— Já tive inúmeras paixões platônicas — é a vez de Ashley falar e olhar em direção ao Martin.

— Eu também — o colega, razão do seu olhar apaixonado, interpõe dando aquela indireta para ela. Era claro que o interesse ali era mútuo.

Dou uma olhada na sala vendo meus colegas conversarem e percebo que a novata, Eliza Young, não tira os olhos de Chase que está ao meu lado. Ela estava conversando com a Joyce, mas o tempo todo olha para nós. Quando meu amigo olha para ela, por apenas poucos segundos, sua face enrubesce.

— Por que as pessoas estão sempre tão preocupadas com isso? — Chase inicia um assunto comigo.

— Com o quê? O amor?

— É, parece que tudo gira em torno de encontrar uma paixão.

— Não sei. Acho que somos programados para isso.

— Pode ser, mas se fosse programável deveria ser controlável.

— É verdade, a paixão não é controlável. Não é possível decidir, ah, só quero gostar dessa pessoa um pouquinho, simplesmente acontece e, quando você vê, gosta tanto que é impossível caber no peito aí... *bum*, vira amor.

Ele ri.

— *Bum*, vira amor. Simples assim?

— Não sei explicar, você acha que é possível definir a hora e lugar para o amor acontecer? Eu acho que não.

— Não, não acho que seja possível. Depois que acontece, você se pega pensando e descobre que aconteceu muito antes do que imaginava, antes mesmo que pudesse saber, o amor já é amor. — Sorri para mim, devolvo o sorriso.

O canto do meu olho nota que além de Eliza, Dante estava nos olhando. Ignoro-o.

Os olhos de Chase escurecem, olha pra baixo e suspira. Tira o celular do bolso, há chamadas perdidas de sua namorada. Levanta-se, sai para fora e provavelmente retorna a ligação de Jasmine. Não consigo entender a relação dos dois, será que ele a amava? Pois para ela, ele era apenas uma obsessão.

Balanço a cabeça convicta de que eu não deveria me intrometer nesse assunto. Vou até Eliza e converso com ela, descubro que tem vinte e um anos e que estava lutando para entrar em uma boa faculdade, queria cursar Direito e estava juntando todo o dinheiro possível para isso. Luto internamente com a vontade de dar uma de cupido com ela e meu amigo, pois sei que devo

respeitar a relação dele atual. Uma pontinha dentro de mim diz que os dois fariam um casal incrível.

Refuto meu espírito de *casamenteira* e continuo a conversar animadamente com meus colegas. Após o café, ajudamos a colocar todo o estoque da semana do restaurante no caminhão e nos despedimos da fazenda.

Abraço Mary querendo ficar e tomar mais um café com ela, suspiro sabendo que precisava ir embora. A fazenda me dava aquela sensação de aconchego, lembro vagamente do dia em que a visitei por conta da excursão da escola, eu tinha onze anos, Chase e eu brincamos como se não houvesse amanhã.

Imprudente como sempre fui, eu quase me afoguei no pequeno lago da propriedade porque bati a cabeça fazendo piruetas, fui salva pelo meu amigo em um ato extremamente heroico, é o que ele diz, pois não me lembro de nada. Até onde não sei como Chase, que sempre teve medo de água, pulou para me salvar. Fui parar no hospital, mas por sorte, não foi nada grave. Papai quase morreu de susto quando foi me ver no hospital, e eu quase apanhei dele quando voltei para casa no dia seguinte, contudo, fui salva pelo vovô que desde sempre me defendia.

Esse fato isolado não me inibiu com a água, porque eu realmente não consigo me recordar como aconteceu. Só sei que senti um baque na cabeça e acordei fora da água com o meu amigo parado à minha frente, crente que eu tinha morrido. Por sorte, isso não virou um trauma, hoje em dia consigo nadar sem problemas.

De volta ao restaurante, o pessoal da equipe conversou brevemente e aos poucos muitos se dispersam, Kaylee me convidou para um *Happy Hour* mais tarde, eu acabo negando por estar cansada, pois ainda queria voltar para minha casa para estudar e me preparar para o meu primeiro dia oficial como estagiária.

Não me despedi de Dante, pois logo que chegamos, Phillipe estava à sua espera, ele até me ofereceu uma carona, eu neguei, preferi ir embora com Chase para fazer, além de companhia para meu amigo, com que meus ânimos se acalmassem.

Quando já estou dentro de casa, deito-me na cama e *suspiro*. Tive que expelir todo aquele ar apaixonado e frustrado e coloco toda a minha atenção nos livros de culinária. Eu sei que esse sentimento ia passar porque já tive essa sensação de atração magnética por muitos homens bonitos, que se resultou em nada. No fundo, algo ali no meu coração dizia que não.

Espero que essa pequena *parte* esteja errada.



Ao decorrer da semana, a minha autoconfiança como estagiária foi aumentando. Consegui fazer um bom *mise en place* todos os dias, dei opiniões quando solicitada, recebi algumas farpas de Alana e fiquei aliviada por Clare não estar na cozinha, pois a figura dela era mil vezes pior que a da subchef.

No sábado, pude ajudar Thomas na preparação da massa com manjerição, era uma especialidade do meu pai, por isso eu tinha a receita decorada na cabeça. O molho foi feito por Lia, e a sobremesa foi muito bem preparada por Kaylee, que optou por fazer um strudel de frutas vermelhas com sorvete de baunilha, inspirados na ideia de Dante de usar massa folhada.

O *reizinho* não falou muito comigo, apesar de dividirmos o mesmo ambiente, ele ficava sempre na parte de cima do restaurante, no escritório.



Fiquei focada em trabalhar e não ter um pequeno aperto no coração toda vez que o via. Acho que estou me saindo muito bem.

O menu do dia foi extremamente elogiado pelos clientes, assim como o menu de toda a semana. Se continuássemos nesse ritmo, eu tinha certeza de que logo o restaurante ganharia sua primeira estrela *Michelin*.

No final da noite de sábado, após fecharmos o restaurante satisfeitos com o trabalho e com a recepção dos clientes, eu estava preparada para pegar um táxi, pois papai ficou com o carro e Jasmine foi buscar o Chase. Aliás, meu pai estava em um encontro com ninguém menos que a vizinha dos cachorros pequenos, não sei quem é ela ainda, mas o vovô estava colocando fé que iam engatar um namoro. Ela tinha cinco pinschers — ainda bem que o papai tinha seguro de vida.

Na porta do restaurante, eu estou quase pedindo um táxi quando, despretensiosamente, Dante sai do restaurante e se aproxima de mim:

— Quer uma carona? O Phillipe está quase chegando. — Coloca as mãos no bolso, fingindo que não era grande coisa, mas era. Tudo ficou muito estranho desde o *beijo de framboesa*.

Penso que não é uma má ideia pegar uma carona, mesmo que as coisas entre nós estivessem estranhas, porque não sou boba a ponto de rejeitar uma carona e pagar um táxi, prezo pelo meu dinheiro. Vejo o carro se aproximando mais rápido que minha resposta. Abro a porta do passageiro atrás quando o carro estaciona, respondendo à pergunta dele. Entro e cumprimento o motorista que parecia muito bem-humorado, mesmo trabalhando em pleno sábado à noite. Dante se senta ao meu lado com uma boa distância.

Nenhum de nós toca no que aconteceu no dia dos namorados e nem no que aconteceu na fazenda, até que quebrando o desconforto ele diz:

— Tenho um trabalho para fazer em Paris essa semana, vou tirar algumas

fotos e fazer uma entrevista para uma revista, além de um comercial. Enfim, são muitos trabalhos. Vou amanhã e volto na sexta-feira. — Fala sem tirar os olhos do celular.

Mordo a minha vontade de ir. É Paris! Quem não quer conhecer Paris?

— Você é jogador, ator ou modelo? — Mascaro minha frustração com uma pergunta sarcástica.

— Todos esses pagam muito bem, então... Sou o que me pagam.

Mexo a cabeça em desaprovação.

Inibidos pela presença de Phillipe, ficamos calados no caminho. Tenho vontade de perguntar que entrevista era essa que precisava que ele ficasse a semana toda em Paris. Só que não pergunto, porque sei que isso não me diz respeito.

Se tenho uma coisa que odeio mais do que a paixão é o ciúme. Ao mesmo tempo que estou lutando contra um, estou lutando contra o outro e isso me deixa cansada. Quando paramos na porta de casa, saio do carro e ele desce a seguir.

Como uma garotinha ingênua, coloco as mãos envolta do meu corpo e olho para ele esperando que aquele homem que gostava de fazer piadas comigo se transformasse em um príncipe e dissesse que eu era o seu *destino*. Pisco algumas vezes e volto a ter a malícia de que isso não iria acontecer.

— Posso? — Pergunta se inclinando, gesticulando que iria beijar minha testa.

Fecho os olhos quando meneio a cabeça afirmativamente. Seu beijo suave em minha pele foi tão intenso. Intenso demais.

O encontro de seus olhos com os meus, após esse gesto que foi tão ligeiro quanto um sopro, fez com que *aquela* parte de mim, a parte *contrária*, crescesse um pouco mais. Achava que havia deixado de acreditar em contos de amor há muito tempo, mas essa parte de mim provou o contrário.

Ele vai embora, me pego me apertando com meus braços, abraçando-me para enganar o meu corpo. Entro em casa e tento repetir a mesma coisa que fazia todos os dias. É difícil. Aplaco os sentimentos e refuto as palavras dele: *“Quando se deitar hoje à noite, você vai se tocar... e vai pensar em mim.”*

E falho miseravelmente.



No domingo, eu me diverti com Morgan e Chase preparando biscoitos para um lar de órfãos. Os irmãos faziam um trabalho voluntário em uma instituição, pois sabiam muito bem das dificuldades de não se ter uma família para apoiá-los.

Vovô foi conosco na segunda-feira para visitar as crianças, era a segunda vez que eu ia e tive a mesma sensação de quando fui a primeira vez, uma de que eu era abençoada por ter minha família e duas de que aquelas crianças tinham menos motivos para sorrir do que eu, mesmo assim sorriam de forma radiante.

No meio da semana, marco uma consulta com o médico do meu avô sem avisá-lo, os esquecimentos que ele tinha estavam ficando estranhos demais. Mas, papai dizia que era apenas algo normal da idade, ainda assim, não quis brincar com a saúde da pessoa que eu tanto amava.

Fugi muitas vezes de paparazzis que ficavam perguntando sobre meu namoro com Dante e o porquê de estarmos separados. Na mídia já se ouvia boatos de que nosso breve namoro não ia bem.

Era sexta-feira e eu abri o *Instagram* logo pela manhã. A primeira coisa que vejo é uma foto de Dante Hurreon ao lado de uma mulher muito magra, alta, loira e bonita. Ambos muito elegantes. Nesse momento eu começo a

acreditar que é possível sofrer um infarto aos vinte e um anos, por conta de ciúme.

Clico na imagem e leio a descrição:

“O quarterback está em Paris para o lançamento do perfume *élan* da marca *Angel*. Ele posou ontem à noite ao lado da supermodelo Florence Gaillard, seu par na campanha. Internautas estão se questionando: *Onde está a namorada do jogador, Rosalie Wicks?* Interrogado pela imprensa, Dante afirmou que sua amada está trabalhando arduamente, pois ela tem sua própria rotina. De acordo com ele, a relação, apesar de ser muito recente, goza de muita confiança...”.

*Confiança é o caralho.*

Sinto que estou mordendo o canto da minha bochecha e paro imediatamente com isso.

Estou tremendo de tanta raiva!

Passo o dedo para o lado e vejo mais fotos dele com essa supermodelo e me lembro que o seu espírito mulherengo jamais iria deixar passar uma mulher tão bonita. Solto o ar de frustração. Não sou a namorada dele *de verdade*, mas exijo o mínimo de respeito.

Era o dia que o sem-vergonha disse que voltaria para casa. Por isso, espero por uma mensagem dele, mesmo não querendo esperar. Em vez dele me mandar mensagem, quem mandou foi Tom:

*“E o encontro com o Hurron, está de pé? Steve sugeriu no domingo, na casa dele.”*

Ótimo, um motivo para mandar uma mensagem bem despretensiosa.

Mando uma mensagem para Dante questionando se ele poderia comparecer no encontro com a torcida. Ele me responde muito rápido com um *“Talvez eu consiga”*. Pensei que apenas estava se fazendo de difícil, por isso não declinei o encontro.

Passou-se a sexta-feira.... Nada de Dante.

Passou-se o sábado.... Nada do cafajeste.

Se ele podia se fazer de difícil, eu seria o outro lado que não estava nem aí, ou pelo menos estava tentando *parecer nem aí*.

No domingo, ponderei diversas vezes se devia desmarcar o encontro com os membros da torcida, mas não podia deixar a Big Blue na mão, eles confiavam em mim, pelo menos estavam tentando confiar novamente.

Steve, por sua casa ser muito grande e dispor de um extenso quintal, se ofereceu para que o encontro fosse em sua casa, longe dos jornalistas. Aceitei na hora e, por isso, logo no domingo pela manhã, eu estava em frente à sua casa.

Obviamente não era toda a torcida dos Giants que ia participar desse encontro e sim os membros da torcida organizada, os fanáticos, como eu. Não fui a primeira a chegar, boa parte dos integrantes mais assíduos da torcida estavam lá, incluído, Tom. A casa do Steve era gigante, havia piscina, área para churrasco, área de lazer com mesa de bilhar e outros jogos.

Ele ainda teve a ideia de servir um café da manhã, aproveito e como o máximo possível antes que o *egoman* chegue. O meu estômago fazia o favor de se revirar sempre que eu estava próxima dele, fazendo com que minha vontade de comer desaparecesse. Sei que estou ansiosa para vê-lo e isso me deixa com raiva de mim mesma.

— Hey, ele está vindo, não é? — Alice, uma das poucas garotas que fazia parte da torcida e que já me ofendeu, disse.

— Claro.

O café desce queimando quando engulo. Esqueço de esfriar tamanha a apreensão.

Com medo, mando uma mensagem para Dante:

“Onde você está, todos estão aqui te esperando”.

Ele visualiza.

Não responde.

*“Porra Dante, responde!”*

Ele não me responde. Insisto. Não responde, porém visualiza. Decido ligar, a raiva só se intensificava. *Caixa postal*. Espero mais um pouco, finjo sorrisos, só que no fim, todos se dão conta de que ele não viria, passo de mentirosa e ainda perco o meu título que conquistei nos últimos anos e que um dia foi do meu avô.

— Valeu, Rosalie, você já pode ir embora — Steve praticamente me expulsa da sua casa.

Tom me olha triste e os outros, incluindo Alice, me olham com desprezo.

Volto para casa derrotada, e finalmente recebo uma mensagem dele:

*“Estava ocupado.”*

Não guardo minha raiva, ligo para ele na mesma hora:

— O que foi? — Atende com a voz rouca parecia que tinha acabado de acordar.

— O que foi? — O imitei. — Você está achando que eu sou idiota? Nós tínhamos um compromisso hoje, eu fiquei sozinha tentando acalmar a torcida furiosa, e você me pergunta, *o que foi?*

— Eu estava ocupado.

— Ocupado com o quê? Você está de férias...

— Tive coisas para fazer.

— Onde você estava ontem à noite? — Sinto uma pontada de angústia. Tive medo de que ele tivesse saído com uma garota, com a tal Florence, fiquei sabendo que ela também veio para Nova York.

— Vai controlar os meus passos agora?

— Não — minha voz estava afetada —, só quero saber, porque se tiver saído com alguma garota eu não vou mais ser condizente com esse namoro

falso.

— Está com ciúmes? — Ele tosse quando tenta rir.

— Não, só não quero ser taxada como corna pela mídia...

Tentou rir mais uma vez, mas é aplacado pela tosse novamente.

— Você... Você está doente? — Havia um pouco de ceticismo em minha pergunta.

— É... Um pouco.

— E por que não me falou? Por que simplesmente não disse que estava doente? Eu desmarcaria.

— Você é difícil de convencer, duvido que acreditaria em mim.

— Eu não acreditaria, na realidade, pouco acredito que esteja doente. Isso é uma tática para se livrar do meu ataque de raiva?

— Venha e comprove você mesma.

— O quê?

— O Phillipe vai te buscar...

Desliga.

Não consigo nem negar, nem quero, pois preciso ver com meus próprios olhos, porque se ele não estivesse doente, ah, iria se ver comigo. Era hora do almoço e eu acabo deixando vovô e meu pai sozinhos, pois o motorista havia chegado. Despeço-me muito rápido deles, ignorando qualquer reclamação do meu pai.

— Olá senhorita.

— Boa tarde, Phillipe, pode me chamar de Rosie.

— É muita gentileza da sua parte, mas não devo — ele acelera o carro saindo da porta da minha casa.

— Não ligo para formalidades.

— Jordan Hurren é rigoroso quanto a isso, fique tranquila, não há nenhum problema para mim. — Cita o pai de Dante, uma pessoa que era uma

incógnita para mim, sabia que ele era empresário do filho, mas não era de aparecer na mídia.

A contragosto, desisto de tentar convencê-lo a me chamar pelo meu nome. A formalidade fazia com que eu me sentisse uma burguesa, e de burguesa não tenho nada. Saímos de Nova York e chegamos em New Jersey em pouco tempo, logo visualizo a mansão em que Dante morava.

Não era apenas uma casa, era *a casa*. Localizada em St. em Alpine, a grama poderia ser considerada a mais verde da cidade. Fico com medo de sair do carro ao me deparar com tamanha mansão, onde eu estava com a cabeça? Era óbvio que o senhor superego moraria em uma casa de cair o queixo, só que, depois de sair do Brooklyn, eu não estava preparada para tanta ostentação.

Desço do carro olhando a frente rústica feita de pedras escuras. Um empregado já estava na porta e a abriu para mim. Curvo os lábios em um sorriso sem graça. Em primeiro momento, tenho um choque de claridade, era tudo muito claro e limpo, mesclando-se o tom branco gelo com o cinza claro, um lustre gigantesco iluminava a entrada, havia portas para os corredores e uma escada em espiral linda, com um corrimão todo desenhado.

— O Senhor Hurrón pediu para que eu te levasse ao quarto dele — o homem grisalho diz. Sou guiada por ele subindo as escadas, até pararmos em frente a uma porta dupla de madeira. Ele dá dois toques na porta e um murmuro rouco afirma que posso entrar.

— Vou deixá-los a sós — ele pronuncia e me deixa ali na porta com a mão na maçaneta.

Agora que estou em frente à jaula do leão, me pergunto qual era o propósito de Dante ao me trazer para sua casa. Tenho várias teorias:

Uma, ele está realmente doente e debilitado, no entanto, não quer perder a oportunidade de me afrontar. Duas, não está doente e quer fazer piada com



minha cara. Terceira, ele me chamou aqui porque quer transar comigo de maneira bem sacana, da maneira que eu venho imaginando nessas últimas noites e que me culpo todo dia por imaginar.

Abro a porta e me deparo com ele na gigantesca cama coberto por um cobertor azul. O quarto tinha uma decoração minimalista, com objetos finos, mas nada pessoal como o que eu vi em seu apartamento.

Dante está sentado no meio da cama e logo noto que está um pouco mais pálido que o normal. E, isso me faz riscar as duas teorias da lista. *Droga*, quer dizer, espero que ele não esteja morrendo. Minha mente perversa não tinha muito controle.

— Então você está mesmo doente? — Pergunto a ele, parada próxima à cama.

— É...

Aproximo-me e coloco a mão em sua testa.

— Eu já usei um termômetro.

Sinto sua febre, ignorando-o.

— É médica, por acaso?

— Não, mas poderia ter sido, se meu amor pela culinária não fosse maior.

— Bom, já viu que estou doente — tosse de novo.

— Fica quieto, pelo menos um pouco. Você já tomou remédio para abaixar a febre?

— Não.

— E por que não?

— Não sou fã de remédios.

— Então vai esperar sua febre piorar até você convulsionar?

— Não é para tanto.

Pego o termômetro no criado-mudo e coloco embaixo do seu braço à força. Fico olhando-o com os braços cruzados, irritada com sua teimosia.

— Me trouxe aqui, por quê? — Pergunto.

— Para que visse com os próprios olhos que não fui ao encontro, pois não podia.

— E por acaso suas mãos não funcionam? Ou sua voz não sai? Podia muito bem ter mandando a porra de uma mensagem.

— Pensei que não te devesse explicações, afinal, não somos namorados de verdade.

— Foda-se, e não mexe o braço — ele quase derrubou o termômetro. — Você tinha um compromisso e deveria ter me dado alguma explicação. Não sou sua namorada, mas exijo o mínimo de respeito.

— O.k., você está se exaltando — o termômetro apita e eu o tiro antes de mandá-lo à merda, desisto de fazer isso ao checar o nível alto de sua febre.

— Vou chamar um médico.

— Não precisa, é só um resfriado.

— Você não quer um médico, não quer remédio, o que você quer?

— Você.

Travo minha expressão com incredulidade.

Ele tosse tentando gargalhar.

— Parece que você não está tão mal, consegue fazer piadas, então eu posso ir embora. — Giro os calcanhares.

— Espera, não vá, eu vou tomar o remédio.

— Ótimo, e onde está?

Sorrio vitoriosa.

— No meu armário tem uma caixa de remédios, abra a porta do meio, está na parte de cima.

Cedo ao pedido e caminho em direção ao closet que era tão grande quanto o quarto dele. Tudo era tão branco quanto o ambiente de um hospital. Puxo a porta de correr e me deparo com muitos casacos de inverno, olho para cima e

com as pontas dos pés pego uma caixa de remédios. Abro-a e pego um analgésico para a febre.

Tenho curiosidade de abrir tudo e ver o que ele tinha, entretanto, me seguro e volto para o quarto.

— Se você morrer, eu lavo minhas mãos — entrego o remédio para ele, que pega uma água no criado-mudo e toma.

— Não te darei esse prazer.

— E Paris, como foi? — Pergunto me sentando à beirada da cama.

— Foi o.k., tive muito trabalho.

— Festejou tanto que voltou doente?

— Foi trabalho, não diversão.

Ri em escárnio.

— Claro, muito trabalho, trabalho excessivo. Como você é trabalhador, trabalha até nas férias.

— O que foi? Quer dizer alguma coisa?

— Nada. Eu só quero que fique claro, muito, muito claro que eu não vou tolerar qualquer gracinha da sua parte, então guarde muito bem seu precioso dentro das calças.

— Meu precioso? Do que você está falando?

— De nada.

— Está com ciúmes.

— Não.

— Não confia em mim? — Ele se reconforta no travesseiro.

— Preciso responder?

Fecha os olhos inclinando o pescoço.

— Você pode ser boazinha? Estou doente.

Desfaço o bico dos lábios, sem querer acabo me compadecendo com o estado dele.

— Tudo bem, vou deixá-lo descansar — levanto-me.

— Não. Vem cá...

Aproximo-me dele que está com a mão estendida em minha direção.

— O que você quer?

Sua mão toca a minha.

— Deite-se aqui.

— Está louco?

— Posso estar alucinando um pouco.

Sento-me na cama depois estico os pés já sem o tênis e viro o rosto em sua direção.

Está vermelho, um pouco de suor escorreu por sua testa. Passo os dedos pelas linhas de sua sobrancelha. Inalo aquele momento ali com ele, sentindo o cheiro dos lençóis limpos, depois roço os dedos na barba que estava nascendo. Os olhos estão fechados.

Suspiro.

Como eu senti a falta dessa cara.

Doeu.

Doeu sentir raiva.

Doeu sentir ciúmes.

Sabendo que aquilo estava ficando pessoal demais, íntimo demais, viro-me de costas para ele e fecho os olhos tentando reduzir a infinidade de sensações que vinham com aquela mera aproximação.

Ele está quieto, ouço apenas sua respiração. Passa-se um bom tempo, eu fico ali sem saber o que fazer, não me levanto. Dante fala algo, murmura algo, contudo não consigo entender, está delirando.

Treme na cama, sei que não devo acordá-lo, por isso apenas fico ao seu lado, ouvindo seus murmúrios não identificáveis. Encosto-me em seu peito desnudo querendo acalmá-lo. Aos poucos ele volta a dormir tranquilamente,

em algum momento eu acabo dormindo de lado e acordo com a voz dele:

— Rosalie? — Sinto sua respiração em minha nuca.

— O quê? — Pergunto abrindo os olhos.

— Sua bunda está atrapalhando algumas coisas aqui embaixo — na hora percebo que minha bunda está quase tocando o pau dele.

Perversamente, sem querer, ou melhor, querendo muito, encosto-me um pouco mais.

— O que está fazendo?

— Nada.

Ele está duro.

Roço mais um pouco meu corpo no dele um tanto mais.

O quarto está quente, meu corpo está quente e o de Dante pegando fogo, não pela febre, mas porque eu o inflamei.

— Você me pediu para eu não te tocar — sua respiração ficou mais densa.

— Sim.

— Mudou de ideia?

Não respondo.

Continuo a me movimentar de lado, gostando tanto daquela sensação. Ele se inclinou mais e suas mãos param em meu quadril. O fato de eu estar usando uma calça leggings fazia com que o contato ficasse mais íntimo. Sua mão quer conhecer melhor o meu corpo, mas eu o barro quando vejo que ela quer subir pela minha barriga.

— Está me torturando?

— *Talvez.*

A minha pele está formigando, os batimentos cardíacos acelerados.

Só o fato de estar tão grudada no corpo dele, sem nem ao menos estarmos pelados, me causava um tremor rápido e involuntário. O desejo que surgiu entre nós era quase corporificável. A respiração de Dante está trêmula, quer

me tocar, não dou permissão.

Ele está me tocando, sem necessariamente precisar me tocar, porque me toca com seu desejo, atingindo com ímpeto meu coração.

— Aquele seu amigo... Você já teve algo com ele? — Pergunta ainda com o corpo colado ao meu.

— Você teve algo com a tal Florence? — Respondo com outra pergunta e me impulsiono mais para trás.

— Não...

— Hm...

— Agora responde a minha pergunta...

— Hm...

Ele solta um gemido.

— Cacete.

Rio gostando de torturá-lo.

— Me deixa te comer — pede.

— Você não está doente?

— É... mas meu pau não. — Aperta-se em mim.

Estamos ultrapassando todos os limites, infringindo regras e cruzando fronteiras que nem sabíamos quais eram. Sinto que quero ceder, porque aquela parte de mim quer dominar o meu todo. O meu corpo manda sinais para meu cérebro pedindo para que eu aceite.

— Quero comer *Framboesa* — sua frase faz os pelos da minha nuca se eriçarem.

Apesar de ser regida por minhas emoções, eu era uma pessoa extremamente rancorosa. Havia muitas coisas que ele fez e que ainda faz que me perfuram e magoam. Por isso, afasto-me com minha respiração tremulando.

Levanto devagar perdendo todo aquele calor. Coloco o tênis, ele está

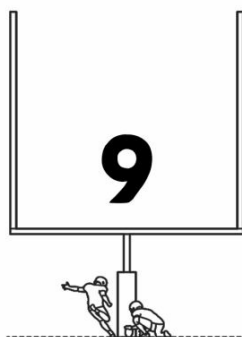
frustrado.

— Dante?

— Mudou de ideia? — Pergunta sentando-se, seu olhar é invasivo.

Com meu olhar fixo no dele, pronuncio:

— *Quando se deitar hoje à noite, você vai se tocar... e vai pensar em mim.*



**BEM-ME-QUER, MALMEQUER**





## Capítulo 9

Podem me julgar uma pessoa rancorosa, realmente sou, pois sempre guardo as coisas e me vingo se tiver a oportunidade. Desde que Dante me jogou esse “feitiço”, estava sendo difícil colocar a cabeça no travesseiro à noite e não pensar nele, no corpo dele e em tudo mais relacionado ao quarterback. Por isso, abro um sorriso de extrema satisfação ao ver seu queixo cair com minha provocação.

— Posso te perguntar uma coisa? — Estou com a mão na maçaneta pronta para ir embora, contudo, a voz dele me causa arrepios, por isso, viro-me para olhá-lo e ouvi-lo atentamente.

— Sim? — Pareço plena, mas estou ansiosa.

— Você esteve no estádio no último jogo do ano de 2014, que os Giants jogaram contra o Washington Redskins?

— Hm... — Solto a mão da maçaneta e reflito. É claro que eu estive nesse jogo, eu sempre dava um jeito de ir a um jogo que acontecia no MetLife Stadium. Naquela época eu tinha dezessete anos e papai me proibiu de ir ao jogo, como forma de castigo porque briguei com o treinador do colégio no último dia de aula. Mas, como eu nunca fui adepta a regras, compareci no jogo mesmo assim. Nesse dia eu estreei minha carteirinha falsa. Os Giants estavam em uma fase terrível. Dante, apesar de ter estreado como quarterback titular na temporada, não estava indo nada bem na sua estreia. Eu fui prestigiá-lo porque acreditava que ele tinha um grande futuro no time, algo dentro de mim sempre acreditou nele.

Acontece que vi meu pai com meu avô no jogo, nesse mesmo dia, e eu acabei me infiltrando na torcida adversária para não ser reconhecida por eles. Depois saí correndo feito louca, porque acabaram descobrindo que eu era da torcida adversária.

Eu menti quando disse que nunca fui fã de Dante, quer dizer, não que eu tenha sido fã, mas naquela temporada eu coloquei muita fé nele. Depois que os Giants venceram a partida contra os Redskins, em uma jogada de mestre feita pelo Hurron, a popularidade dele começou a crescer e nessa temporada ele estourou, para alguns anos depois se consagrar como “O Rei da NFL”.

— Não, eu não fui porque estava de castigo.

— Hm...

— Por quê?

— Curiosidade, foi o primeiro jogo que mostrei a todos que duvidaram de mim que eu era um bom quarterback.

— É mesmo? Não me lembro.

— Sério? Você adora se gabar de como é a fã número 1 dos Giants, não consegue mesmo se lembrar?

— Não. Nadinha. — Dizer que me infiltrei em uma torcida rival e fugi do castigo só para apoiá-lo iria deixar o ego dele brilhando e eu não faria isso.

Alguém bate na porta do quarto e eu me afasto dela. Ela se abre e uma figura imponente se revela. Ele era alto, trajava uma roupa *social chique*, seus cabelos e olhos eram castanhos e seu rosto sisudo. O reconheço facilmente. Com um olhar decidido ele me cumprimentou logo que me vê.

— Você deve ser Rosalie Wicks, eu sou o pai de Dante, Jordan Hurron — sua voz grossa me dá um pouco de medo. Estendo a mão para apertar a dele, ele a beija.

— É um prazer conhecê-lo, senhor. — Fico acuada.

— O prazer é todo meu — seu olhar é penetrante, puxo minha mão devagar para não parecer grosseira. — Sabe, pedi muito para esse garoto para me apresentá-la, você é a primeira namorada que meu filho traz para casa.

— Pai... — O modo como Dante pronuncia a palavra denuncia seu desconforto.

— Tudo bem, não quero atrapalhar. Eu só quis avisar que vou almoçar com o gerente dos Giants.

—Você não pode falar com ele sobre a *Franchise Tag*, etiquetaram o Joshua e está tudo bem, eu tenho meu lugar no time. — Dante se levanta e fica à frente do seu pai.

— Você é o melhor jogador que esses filhos da puta já viram e agora estão caidinhos por um running back que mal saiu das fraldas? — Jordan estava claramente furioso, na quinta-feira saiu a notícia que os Giants etiquetaram o Joshua, mudando a escolha que faziam todos os anos desde que Dante entrou como quarterback.

— Ele é só o running back, não um quarterback, ele não vai tirar a minha glória.

— Eu sei, mas isso é um mal sinal, parece que não estão dando a importância que você tem, preciso sondar o gerente, ainda mais perto do Draft.

O Draft era como um recrutamento, todo ano os trinta e dois times da NFL recrutam jogadores das universidades para os times. O Draft era um grande evento, como se fosse um “Oscar”, sempre ocorre em lugares grandiosos e reúne um gigantesco público. Acontecia entre março e abril e durava três dias, sendo o primeiro dia o mais importante e o mais assistido.

Era possível que no Draft os Giants recrutassem mais um quarterback, contudo, isso não tiraria o fato de que Dante era o quarterback titular, mas, se o novato fosse bom o suficiente, o título dele com certeza estaria em risco.

— Não acho que tem alguém que possa me substituir.

— Estou esperto com isso, tem um garoto que estão fazendo burburinho por ele no College, ouvi coisas por aí, mas acho que são apenas boatos, as pessoas falam demais.

Dante suspirou, ouço tudo calmamente, quem era esse tal garoto? Eu

acompanho somente a liga profissional, não estava a par do que acontecia no futebol universitário e nem queria saber pelo fato de que Kalel estava no College e, provavelmente, era um dos nomes cotados para entrar em algum dos times.

Acontece que, desde o ensino médio ele era mediano, nunca foi um grande quarterback, só que sabia se vender. E com a influência que o pai da Alexia tinha, com certeza ele se deu bem. O pai dela foi um jogador de futebol americano não muito bom, mesmo assim ele ainda colhia os louros dos anos de glória.

Lembro-me que Alexia se sentia a pessoa mais importante do colégio, nossa escola não era de elite, nada disso, era um colégio mediano que eu e Chase conseguimos ingressar por meio de bolsa de estudo. O pai dela estudou nesse colégio e fez questão que sua filha mimada também estudasse.

Limpo a garganta e tento sair do fogo cruzado:

— Desculpe, eu tenho que ir.

— Não fique envergonhada com a minha presença, eu já estava de saída — o pai dele se desculpa olhando para mim.

— Eu já estava indo embora quando o senhor chegou.

— Eu te acompanho então, me permite? — Jordan pergunta. Fico desconcertada, só que não posso dizer não.

Dante não diz nada, apenas observa.

— Claro — é a minha resposta, a única possível para não parecer indelicada. — Nos vemos depois... — Digo a Dante e ele confirma que sim com a cabeça.

Saímos do quarto e descemos as escadas quando me deparo com um cachorro vindo até nós, um empregado havia acabado de soltá-lo da coleira. Era um Golden Retriever de pelo dourado muito bonito, mas parecia velhinho.

Abaixo-me para acariciá-lo, logo notando que era macho, ele fica todo feliz.

— Oi garotão — reconheço que ele era o cachorro que estava na foto com Dante, na parede do quarto de seu apartamento.

— Esse é o Bowie, cachorro do Dante, está bem velhinho.

— Bowie, por causa do David Bowie? O Dante é fã?

— A mãe dele era.

Sinto que toquei na ferida e mudo logo de assunto.

— Quantos anos ele tem?

— Nove anos.

— Ohhh que fofura. — O Bowie lambe meu rosto e eu o acaricio, depois me levanto quando percebo que estou tempo demais agachada. Amava animais, mas papai nunca quis me dar um, pois dizia que eu não conseguia nem cuidar de mim mesma, ainda mais de um bichinho.

— Jimmy, leve o Bowie para o quarto do Dante — Jordan pede para o empregado que pega o cachorrão no colo.

— Ele está bem de saúde? — Caminhamos até a entrada da casa.

— Ah ele não pode subir as escadas, estamos poupando a coluna dele. De resto, está bem, só está velhinho.

Suspiro.

Paramos na entrada e o pai de Dante se dirige a Phillipe, que está em frente ao carro.

— Leve a senhorita para onde ela desejar.

— Sim, senhor — responde o motorista.

— Foi um prazer conhecê-lo, senhor — digo querendo pôr um fim ao constrangimento.

— Espero te ver mais vezes, senhorita — seu olhar é intimidador, entro no carro e solto o ar que eu estava prendendo. Logo estou longe da propriedade,

mesmo assim, meu estômago ainda está dando cambalhotas.

— O senhor Hurrón é um pouco intimidador, não é? — Phillipe lê meus pensamentos ao articular.

— É exatamente o que eu estava pensando.

— Ele é um general, é como um cão que ladra, mas não morde.

— Foi o que me pareceu. Ele comanda a casa a pulso firme, não?

— Você é bem observadora.

— Phillipe, você sabe algo sobre a esposa dele?

— Não, senhorita, é uma incógnita para todos nós.

Fico frustrada. Eu queria tanto saber o que aconteceu, o que motivou uma mãe e esposa a abandonar o marido e os filhos? E, mais, por que o irmão de Dante também foi embora? Na autobiografia — que tenho que enfatizar que li porque foi o vovô que me deu — Dante cita que seu pai tentou ser jogador de futebol americano na adolescência, mas que fraturou o joelho e não pôde mais seguir esse sonho. Era o clichê do pai que projeta o sonho no filho.

Jordan desistiu da breve carreira esportiva e herdou a empresa do pai, que acabou falindo nas mãos dele muito rápido, o enchendo de dívidas. Foi por conta disso que Dante batalhou para conseguir uma bolsa para jogar no College, pois seu pai teve todos os bens congelados. Depois que o filho se tornou esse grande astro, todas suas pendências foram liquidadas e agora ele colhia a glória de ser o empresário do rei da NFL.

O livro era cheio de clichês sobre “*querer é poder*” e da relação de cumplicidade de pai e filho, que tornou o sonho possível. Ainda mantenho minhas dúvidas que o livro tenha sido escrito pelo Hurrón mais novo, parecia apenas um produto pronto, recheado de frases piegas, sendo que a única participação dele foi colocar seu nome.

Assim que Phillipe me deixa em casa vou conversar com Morgan e esfriar um pouco a cabeça antes de ir trabalhar. À noite a correria é tanta que mal

tenho tempo para respirar, a Tasty House sempre teve muitos clientes, porém, agora pela fama do Dante, estava ainda mais lotada, o restaurante não era de grande porte, não tínhamos como acomodar todo mundo, por isso a fila de espera era gigante.

Trabalhamos como loucos, como eu era praticamente a *“faz-tudo”*, tive que me desdobrar para fazer todas minhas atribuições e além delas. Mas no fim, tive minha recompensa de deitar a cabeça no travesseiro e ter a sensação de trabalho cumprido.

Prestes a pegar no sono, minha cabeça começa a bolar mil teorias sobre a família Hurron e mais, fico refletindo: Será que ele está pensando em mim? Isso parece ridículo, eu queria muito que Dante sofresse por não ter o meu toque, como eu sofri muitas noites pensando no toque dele.

*“... você vai se tocar... e vai pensar em mim.”*

Sorrio.

Definitivamente, ele vai se tocar e pensar em mim, só eu sei como ele ficou duro.

Só eu sei e senti.



Quase tive um infarto quando vi o comercial do perfume Élan. Era um vídeo curtíssimo, como todo comercial de perfume, na primeira cena aparece Florence Gaillard ao som de *La Vie En Rose*, com um vestido vermelho decotadíssimo e com uma fenda maravilhosa na perna. Ela está correndo até a torre Eiffel como se estivesse bem atrasada, a modelo sobe a torre e encontra Dante, lindíssimo, com um terno preto perfeitamente ajustado no corpo dele, ele está com as mãos no bolso e sorri de uma forma muito encantadora quando a vê. Os dois se aproximam, se abraçam sensualmente e bem próximo ao ouvido dela ele abre a boca quase em um suspiro e diz de uma forma, muito, muito sexy: *Je t'aime, mon amour, marry me?* (Eu te amo, meu amor, casa comigo?)

E no final, a frase de efeito:

*Élan, o ímpeto do amor. Para Ele e para Ela.*

Ouvir as palavras de Dante para essa mulher me deixou quase morta, é claro que eu sabia que era apenas atuação para o comercial, mas, meu Deus, ele fala que a ama de forma tão arrebatadora que é impossível não tremer.

Eu teria esquecido esse comercial se não fosse um detalhe: O que a Florence estava fazendo em Nova York? E melhor, o que ela estava fazendo jantando sozinha na Tasty House em plena sexta-feira? Quando a vi eu pensei que Dante a havia convidado, mas ele não desceu do escritório para recebê-la. O reizinho já estava recuperado e havia voltado a aparecer no restaurante na quinta-feira.

Fiquei atenta na cozinha, sempre auxiliando os chefs quando necessário, até que Kaylee comenta comigo:

— Por que a Florence Gaillard está aqui?



— Eu não sei — digo como se não fosse grande coisa, contudo, também estou muito curiosa.

— Eu vi o comercial, foi quente hein, aliás, quero muito esse perfume.

— Pois eu não achei nada demais, ela é uma péssima atriz, não acha?

— Ela não falou nada no comercial.

Dou de ombros.

— Não falou, mas as caretas dela foram horríveis — recolho os pratos que o garçom deixou na bancada.

— Tudo bem, é normal sentir ciúmes, se eu estivesse no seu lugar estaria arrancando meus cabelos.

Droga, era tão claro assim o meu ciúme?

— Hey, vocês duas! Aqui não é local de fofoca, vamos ao trabalho — Alana nos chama a atenção. Ela quase sempre estava no comando da cozinha, pois Thomas ficava muitas vezes no salão. — Atenção aos pedidos, mesa 2, um linguini com frutos do mar.... — Era a mesa da Florence.

Trabalho com sangue nos olhos, até que Ashley entra para pegar o pedido da Florence e me diz:

— Você é muito evoluída sentimentalmente já que não liga de seu namorado estar perto de uma supermodelo.

— O quê?

— O Dante, ele se sentou com a Gaillard no salão, os clientes foram à loucura, está todo mundo querendo tirar fotos com os dois.

Eu vou matá-lo, tenho certeza de que vou matá-lo. A única coisa que eu pedi para esse filho da mãe era que me respeitasse. Agora ele vem e me afronta dessa forma? Tento respirar fundo e esquecer, ainda assim, não consigo. Assim que o expediente acabar nós vamos ter uma séria conversa ou está tudo acabado, seja lá o que for isso que estamos fazendo.

Nenhum outro pedido de prato da mesa 2 chega, talvez tenha sido apenas

uma breve conversa, seja o que for, estava claro que ela queria algo com ele, já que se prestou ao papel de vir sozinha ao restaurante que, por incrível coincidência, era o restaurante de Dante.

Ao fim do expediente, não estou mais calma, estou na verdade determinada a tirar o couro de certo jogador.

— Hey pessoal, bebida por conta da casa, vocês merecem — Thomas diz depois que terminamos de arrumar tudo. — Dante vai fazer uns drinks para nós, ele é muito bom nisso.

Todos vibraram e fomos para o salão e ficamos ao redor do recente bar. Já tínhamos uma excelente carta de cervejas e vinhos e agora também possuíamos bons drinks — foi ideia do Dante. Logo no sábado seria inaugurado o novo bar da Tasty House, Thomas já havia contratado o Barman.

Sento-me em frente ao balcão e Thomas se senta ao meu lado.

— Dia difícil hoje, não? — Pergunta-me.

— Demais, o restaurante estava muito cheio.

— Isso é bom, mas sei que é cansativo. Depois que aquela supermodelo apareceu foi um alvoroço, todo mundo querendo tirar foto com ela e com o Dante, já falei para ele não descer no salão de surpresa. — Olho com o canto do olho para ver se o motivo do assunto não estava nos ouvindo e volto a prestar atenção em Thomas, quando vejo que ele estava ocupado fazendo um *Bloodmary* do outro lado do balcão.

— Ele é um exibido.

— Vocês são bem diferentes, como água e vinho.

— Sim, somos bem diferentes e eu prefiro ser o vinho.

O chef ri.

— Isso não é necessariamente ruim.

— Não é. — Tento não falar demais, ou isso entregaria nosso

relacionamento fake. — Thomas, eu tenho uma curiosidade...

— Diga...

— O Dante falou alguma coisa da tal garota que ele se casaria?

— Ah... Você não deve se preocupar com isso, foi apenas uma brincadeira da parte dele.

— Eu só estou curiosa.

— Tudo bem, ele me disse que não a viu direito, só que a achou muito corajosa e que era o tipo de garota que ele se casaria.

Antes que ele fale mais algo, Dante se aproxima.

— E vocês, o que vão querer?

— Tequila, me acompanha, chef? — Olho para Thomas que arregala os olhos no primeiro momento e depois sorri.

— Com certeza.

Dante aperta os olhos e pega a tequila embaixo do balcão. Pega os dois copos de dose, enche as bordas com sal, corta um limão em quatro, e serve a tequila.

— Não quero ser responsável pela garota de vinte anos que bebe — articula quando termina.

— Corrigindo, vinte e um, quase vinte e dois. Faço aniversário mês que vem.

— Então, vamos brindar ao seu aniversário — Thomas levanta a sua dose e eu levanto a minha, brindamos. Sorrio para ele, ignorando a presença do meu falso namorado.

Bebemos e volto a constatar que mezcal era mais mortífero que tequila, ambos tinham um efeito avassalador. Aceito mais uma dose e Clare chega para nos acompanhar, é claro que ela não iria deixar o melhor amigo conversando comigo sozinho, a gerente desenvolveu um ciúmes dele comigo e nada tirava isso da cabeça dela.

Assim que bebe uma dose, as bochechas dela ficam vermelhas.

— Vai com calma, você não está acostumada com essas coisas — Thomas a adverte.

— Eu estou muito bem, quero outra, Dante!

Adorei ver o reizinho nos servindo, por isso também aceito mais uma, mas ele me para.

— Calma, você quer estar viva até o seu aniversário, não? — Olha-me dentro nos olhos.

Resmungo.

— O.k. E, Dante... — Chamo-o quando se vira de costas. — Precisamos conversar.

— Está bem, vou terminar isso aqui e conversamos.

Aos poucos as pessoas foram embora, Chase já havia ido, pois dormiria na casa da namorada. Alana também já, porque reclamou que estava com dor de cabeça. O restante da turma da cozinha também já havia ido. Assim que a turma dos garçons vai embora, Thomas se levanta do banco e fala:

— Está na minha hora, Dante, você pode fechar o restaurante?

— Claro.

— Clare, você vem comigo?

— Sim — ela se levanta rápido e um pouco zonza e se escora no amigo.

Thomas se despede e leva Clare embora, os dois formavam um casal muito bonito, porém, acho que o loiro era muito tapado por não perceber o quanto sua amiga o amava. Ela praticamente admirava ele descaradamente o tempo todo e soltava tantas indiretas, fico me questionando o porquê de ela ainda não ter se declarado.

Assim que fecham a porta, ficamos sozinhos. Dante está com as mãos escoradas no balcão, pronto para me ouvir.

— O que você quer conversar? — Apoia os cotovelos no balcão.

— Você não acha muita cara de pau da sua parte trazer a sua amiguinha para jantar aqui?

— Amiguinha? Está falando da Florence? — Olha-me com estranheza.

— E de quem mais seria?

Solta uma boa gargalhada e sai de trás do balão.

— Eu não a convidei, Rosie, ela apenas apareceu aqui — articula enquanto se aproximava.

— Não importa, está achando que eu sou uma palhaça? Você se sentou com ela, fez com que todos do restaurante levantassem suspeitas. — Apoio-me no banco, em pé, acusando-o.

— Ela me pediu, pediu ao garçom que me chamasse, queria que eu recusasse? A Florence é uma colega de trabalho. — Seu sorriso desaparece.

— Ela foi uma colega de um trabalho, não é mais, então por que precisa encontrá-la?

Coloca a mão no queixo, depois a aponta para mim como se tivesse pegado um criminoso.

— Está com ciúmes.

— Ciúmes? — Faço-me de boba, fingindo um sorriso que teve que sair do meu fundo de sarcasmo. — Eu só não quero ser feita de boba pela imprensa, ou você acha que já não está levantando rumores? Esse comercial saiu hoje e está todo mundo comentando sobre vocês. Além disso, você ficou uma semana na França, sabe-se lá fazendo o quê. Se eu fosse uma jornalista de fofoca já ia fazer uma matéria sobre isso.

— Eu estava trabalhando, nada além do profissional.

— E por que diabos ela está aqui então? Para continuar o casinho de vocês? — Continuo atacando, liberando minha raiva.

— Casinho? Não temos nenhum casinho, e ela deve estar aqui por conta de um trabalho. — Ele está persistindo em parecer confiável.

— Não confio em você.

— Não existe traição se nosso namoro não é real.

Quero pular no pescoço dele e esganá-lo.

— Eu sei que não é real, mas a traição será real se a mídia souber.

— Estou falando sério, eu não fiquei com a Florence. — Aproxima-se.

— Também estou falando sério, Dante, se eu souber de alguma coisa, isso aqui está acabado. — Dou um passo para ficarmos face a face e minha ameaça soar mais convincente.

— Você não pode, nós temos um acordo.

— Um acordo que não existe, não está em papel nenhum, cumpra sua parte que eu cumpro a minha.

— Está bem — levanta as mãos rendido.

Balanço a cabeça soltando um grunhido de irritação. Afasto-me quando noto que ele está perto, perto demais. Perto o suficiente para que eu queira arrancar aquele sorriso presunçoso da boca dele com um beijo.

— Quer o último drink da noite? — Volta para trás do balcão.

— O.k. — Sento-me no banco, ainda contrariada, inflamada pelo ciúmes.

— O que vai querer?

— Me surpreenda, *barman*.

Dante dá as costas para mim e faz tudo em segredo, só consigo vê-lo mexendo a coqueteleira.

— Acho que você pode seguir a carreira de barman se não der mais certo o futebol.

— Engraçadinha — coloca o canudo no copo e me entrega a bebida pronta. — Um drink sem álcool para a senhorita.

— Sem álcool? — Protesto.

— Experimente antes de reclamar.

Sinto o gosto da amora e do suco de limão, era docinho e refrescante.

— Hm... É gostoso...

Ele dá um sorriso de vitória.

— O que vai fazer em seu aniversário?

— Como todo aniversário, saio para almoçar com o vovô e o papai e depois à noite, saio com meus amigos, mas no meio disso, planejo fazer uma tatuagem.

— Uma tatuagem?

— É, para marcar essa data, é a primeira que vou fazer e pensei muito nisso antes de decidir.

— O que vai fazer?

— Não posso te contar, é surpresa.

Comprime os lábios.

— Vai tatuar meu nome?

O olho com incredulidade.

— Está mesmo perguntando isso? Eu jamais tatuaria seu nome.

— Wow, pensei que tatuaria o nome do cara que você é fã.

— Eu não sou sua fã, sou fã dos Giants.

Quero ignorar a reação física que tenho quando ele se apoia na bancada e sua íris encontra a minha.

— Dá na mesma, pois eu sou o que move os Giants.

— Errado. Os Giants podem sobreviver sem você.

— É mesmo? Olha quem fala isso, a garota que me implorou para eu dar o meu melhor no time.

— Porque eu sei que você é capaz, idiota!

— Tudo bem, não precisa se exaltar.

Olho para ele e pergunto:

— Por que você não tem uma tatuagem? Jogadores são praticamente gibis.

— Como sabe que eu não tenho nenhuma? Pode estar muito bem

escondida.

— Eu te vi nu — recordo-o. Lembro-me de cada músculo e do detalhe especial. — A menos que tenha feito depois... Então você não tem nenhuma.

— Parece que você tem uma boa memória fotográfica ou pensou muito nisso.

— Opção número um. — Na verdade era um híbrido da opção um e dois. Eu fotografei o corpo dele com meus olhos e pensei muito nisso, repetidas vezes, por isso consigo visualizá-lo nu sempre que quero.

Ele ri.

— Boa tentativa, mas acho que é a opção número dois.

Tentando não transparecer a verdade, repito a pergunta:

— Por que você não tem uma tatuagem?

— Porque nunca pensei em algo com um significado forte o suficiente que me instigasse a tatuar.

— Às vezes as pessoas fazem tatuagens simplesmente por fazer.

— Não vou tatuar em minha pele algo que não tenha significado, é para sempre.

— Você pode apagar se não gostar.

— O que foi um dia marcado em minha pele, sempre ficará marcado, mesmo que eu apague. — Dá um gole em sua bebida e coça o queixo.

Era como o beijo dele, não precisou ser marcado em tinta para estar bem aqui entre as curvas dos meus seios. Encosto a mão onde está a marca invisível e estremeço. Bebo em silêncio, ele me observa em silêncio.

Deixo meu copo na bancada e me levanto.

— Você não pode ir embora de carro, pois bebeu mais do que deveria.

— Eu não vim de carro hoje, vim de metrô.

— Então espere, eu pedi para o Phillipe vir me buscar, ele deve estar a caminho, te dou uma carona.



— Coitado do Phillipe, já é madrugada.

— É trabalho, se eu não usar o serviço dele, não tem por que eu ter um motorista.

— Tudo bem, você me convenceu — ou eu ia embora com ele ou pegaria um táxi, e nas condições que estou é melhor ir embora com Dante.

— Ele já deve estar chegando — pega os copos e os coloca debaixo do balcão.

— Uma curiosidade, você escreveu seu livro? — É minha chance de perguntar.

— Não — balança a cabeça. — Meu pai contratou alguém e eu só coloquei meu nome.

— É o que eu imaginei.

— Leu meu livro e depois diz que não é minha fã... — Pondera.

— Eu só folheei, sabe, não li.

Levanto-me tão exausta que poderia dormir ali mesmo no chão do restaurante. Dante volta a se aproximar de mim e sai detrás do balcão todo presunçoso.

— Admita que é minha fã.

— Só posso admitir que o seu francês é péssimo — cruzo os braços com sua repentina aproximação.

Levanta as sobrancelhas.

— Péssimo? Aposto que adoraria que eu pronunciasse aquelas palavras em seu ouvido.

— O quê? Jamais.

— Vamos lá, Rosie. — Coloca as mãos atrás das costas e aproxima seu rosto do meu. — *Je t'aime* — pronuncia cada sílaba no meu ouvido, sinto cada pelo do meu corpo se eriçar, até mesmo em lugares que eu não tinha pelos visíveis —, *mon amour...*

— Para com isso — o paro me afastando e quase caio ao tropeçar no banco. Ele me segura pela cintura.

Segura-me com tanta propriedade que eu quero morar ali, naqueles braços. O olhar dele é como fogo queimando minha pele. Quero que ele pronuncie a frase final, quero que ele diga tudo de novo. Quero que ele diga para mim que tudo era real.

O seu toque me repele e me atrai ao mesmo tempo, porque quero ter o controle de me afastar, mas não me afasto.

*Tum-tum-tum.*

O coração bate como um bobo.

*Bem-me-quer, malmequer.* Será que no fundo daquele olhar escondia os verdadeiros sentimentos que Dante tem por mim?

Retiro mentalmente a primeira pétala: *Bem-me-quer.*

— Admita.... — Sua boca está tão próxima ao meu ouvido, arrepiando os pelos dos lugares que eu nem sequer tinha.

— Nem sob tortura.

— Mesmo? — Desce a boca até meu pescoço, não encosta, só sinto seu hálito quente ali.

— Mesmo.

Solta as mãos da minha cintura, não encarou o desafio, porque eu o barrei de me tocar da última vez, está tão próximo que ainda respiro a sua próxima expiração. Não posso dizer que foi o efeito do álcool que regeu meu próximo ato, e sim o efeito da testosterona que ele exalava.

Eu o agarro.

Busco seus lábios com vontade, controlada pelo desejo que palpitava dentro de mim. O toque abrupto foi o suficiente para que ele reagisse e me tocasse da forma que ele sabia me tocar. O desejo corroía nossa carne, tento tomar tudo dele, tudo que posso. Seus lábios macios, sua boca cada vez mais

convidativa. A língua que se movia com o convite explícito: *Transa comigo*.

As mãos não só brincam com minha cintura, como exploram a minha barriga, subindo pela camiseta, apertando-me. Quero que ele aperte mais, com mais força, porque mesmo quando me toca, ainda quero mais. A pressão dos seus dedos indo e voltando me fazem arfar.

Dante me empurra, me prensando no balcão e pressionando o corpo ao meu. Afasta-se só um pouco, suas pupilas contra as minhas dilatadas.

— Onde fará a tatuagem?

— Está curioso?

— Posso descobrir...

Move-se para trás de mim e puxando-me cola no meu corpo, a respiração está no meu pescoço, joga meus cabelos de lado e beija um pouco abaixo da nuca, fazendo-me estremecer:

— Aqui?

— Não...

A boca dele se move e beija agora o ponto da nuca.

Nego com a cabeça.

Suas mãos se movem pelas minhas costas com a mesma pergunta e eu ainda nego. Passo a amar o som que sai da garganta dele de satisfação, ao perceber que ainda podia tentar mais. Vira meu corpo e coloca as duas mãos no meu rosto para me beijar com fervor. As mãos passam pelos meus cabelos, sua boca quente se aprofundando na minha aquece todo meu corpo.

Sua boca se afasta um pouco, me olha. Busco ar.

Não falo. Ele não fala. Já sabíamos o que fazer. Suas mãos tão decididas agarram minha cintura e me levantam, me colocando em cima do balcão. Depois, se encaixa em minhas pernas e me puxa mais para seu encontro. Suas mãos sobem minha camiseta até perto dos meus seios.

— Que tal aqui? — Beija próximo ao meu umbigo.

Nego.

Sobe mais um pouco.

Beija.

Continuo negando.

Estou excitada, tão excitada que posso transar ali mesmo.

Sua boca chega a se aproximar de um seio, ainda estou com a camiseta. Suas mãos puxam meu sutiã um pouco. Só para que meu mamilo aparecesse. Ele está rijo sob a camiseta.

— Aqui... — Murmura e suga, através do pano.

Arquejo.

O desejo era como uma dor.

— Não?

Solto um gemido em negação.

Vai para o outro seio e o suga.

— Acho que aqui também não....

Sobe e volta a me beijar com ganância. Suas mãos enredaram meus cabelos e seus lábios sugaram os meus bem devagar. Saboreando cada segundo daquele momento, sem urgência, só sentindo cada gota da sensação de euforia.

Pulso de vontade. Pulso me inclinando mais para ele, impulsionando-me para o clandestino que morava no meu coração. Dante tem certeza do que está fazendo porque em nenhum momento sibilou que iria parar.

E eu deixo porque é o que eu quero, porque, por mais que ele negue, eu sinto que me quer na ponta de sua língua. É o gosto da paixão, o sentimento que tremula e reflete em nós. Pedaco por pedaco daqueles sentimentos que eu não tinha conhecimento de que estavam em mim e se juntaram. Eu o beijo como se estivesse quase perdendo-o.

O gemido que invade a boca dele entra no âmbito do meu íntimo, aticando

ainda mais minha libido. Qualquer controle que talvez eu tivesse, não existia mais. Agarro-o, puxo sua camisa, ele ajuda tirando-a da cabeça e voltando a me beijar, suas mãos pressionam minhas coxas, eu aperto seu abdômen. Meu Deus como era forte... Duro.

Minha cabeça passa a fantasiar outra coisa que era dura.

Dói a pulsação que vem da minha parte sensível.

Desço a mão. Os lábios dele se tornam mais eufóricos conforme o movimento da minha mão ia mais para baixo. Até que cheguei ali, na barra do jeans. Sua boca se afasta, ele está surpreso. Continuo, o olho de forma tão imoral que meu olhar poderia ser censurado para maiores de dezoito.

Com as duas mãos abro o botão. Minha mão para no zíper quando levanto o olhar e o vejo. Seu maxilar está tenso. Silêncio. Ele engole a saliva. Meu corpo treme. Continuo devagar. Consigo ver claramente o volume, o volume do seu desejo por mim que era palpável, apertável e chupável.

Droga.

O motorista buzina tão forte que quase caio do outro lado do balcão.

Dante aperta os olhos frustrado.

Acordo do transe sexual e arrumo toda bagunça exterior, pois a interior já não era mais possível. Com a calça fechada, blusa arrumada e sutiã no lugar pegamos os casacos, Dante apaga as luzes e fechamos o restaurante. Ambos estamos sem jeito, mas ainda assim, ele diz:

— Quer tomar um café?

— Um café? — Que pergunta mais aleatória é essa.

Limpa a garganta.

— É, um café lá no meu apartamento...

O sem-vergonha está querendo me levar para seu local de promiscuidade! Quantas mulheres já não estiveram ali? Será que o lençol estava limpo? Em pensar que já dormi ali...

— Estou cansada...

— Hm...

Entramos no carro, não falamos até chegarmos em minha casa. Dante me acompanha como o habitual.

— Gostei do Bowie, seu cachorro... — Digo sem jeito.

Dante sorri.

— Aquele velhote é incrível.

Meus lábios se curvam em um sorriso e ele beija o topo da minha testa.

De novo dói. Seu toque me trazia saudade. Sinto-me enclausurada, presa entre os sentimentos de aflição, desejo e ciúmes.

Fecho a porta de casa, mais uma vez pensando que meu coração era um idiota.



Era sábado e Morgan apareceu em casa à tarde para comermos os cookies que eu havia acabado de fazer. Assim que abro a porta vejo sua expressão bem preocupada. Nos sentamos à mesa e eu estava colocando os leites nos copos quando a vejo mexer no celular puta da vida.

— O que aconteceu?

— Abriu o site da revista Calculated Love hoje?

— Ah não, estou tentando me desintoxicar dessas coisas.

— É melhor abrir.

Deixo a caixa de leite de lado e pego o celular. Entro no site da revista e de cara vejo a manchete:

*“Triângulo amoroso à vista! Paris não é mais a cidade do amor e sim do desamor”*

*O Comercial do perfume Élan incendiou as redes sociais nessa sexta-feira, os fãs amaram ver Dante Hurron sendo muito romântico com o seu par na campanha, a supermodelo, Florence Gaillard. O quarterback sempre participou de muitas campanhas, entretanto, é a primeira vez que o vemos tão entregue a um papel. O botão de repeat está automático aqui na revista para a cena em que ele pronuncia: Je t'aime, mon amour, marry me?*

*Sim. Sim. Sim.*

*Queremos dizer sim. Mas há apenas duas mulheres concorrendo à vaga de esposa. Florence Gaillard foi clicada ontem no restaurante Tasty House, onde Dante é socio-proprietário, temos vários clicks dos dois juntos.*

Estou segurando a respiração de tanta raiva. Aperto o celular ao ver as fotos dos dois sorrindo juntos. Continuo a ler:

*A namorada do jogador, Rosalie Wicks anda um pouco afastada da mídia,*

*o que levanta os rumores, será que eles se separaram? Será que Florence Gaillard é o pivô dessa separação? A Calculated Love está de olho. A única coisa que queremos saber é: Quem realmente vai fisgar de vez o coração do marido ideal e tirá-lo do mercado?*

Solto o celular na mesa completamente abismada. Eu sabia que iriam fantasiar uma traição por conta do comercial, agora tenho a certeza, por isso estou mais puta da vida com a constatação de que havia algo ali, algo que Dante podia estar escondendo.

Merda.

Eu preciso parar. Preciso parar.

Não sou a namorada dele, não posso explodir de ciúme.

— Tudo bem? — Minha amiga pergunta, minha respiração carregada de raiva era audível.

— Sim, claro. São só fofocas infundadas. — Pego um cookie e enfio-o quase inteiro na boca.

— Me desculpe, mas eu tenho que falar. O que essa garota está fazendo aqui? Ela não é modelo na França? Deve ter milhões de trabalhos para fazer por lá.

— Eu não sei — tenho dificuldade de engolir e pego o leite e o tomo antes de continuar —, talvez ela tenha alguma campanha em Nova York como Dante teve lá...

— Não acha que ela veio atrás do seu namorado?

Tusso.

— E o que eu posso fazer? Se ele quiser ficar com ela, eu vou fazer o quê? Não posso agir como louca, nós não somos namorados.

— Há claramente algo entre vocês. — Morgan analisa.

— Tem... Eu sei que tem. Mas não é forte o suficiente, porque se fosse, ele iria realmente me pedir em namoro.



— Você quer?

— Me sinto presa em uma dualidade. Do sim e do não. Do céu e do inferno. Ele testa meus limites, às vezes eu só quero que isso acabe, e às vezes eu quero que nunca termine.

— Uau... Você vai conseguir suportar essa paixão até o fim desse contrato imaginário que vocês criaram?

— As sete regras que eu inventei simplesmente evaporam quando estou perto dele, então, eu só estou esperando o momento que ele vai falar algo que vai partir meu coração. Aí vou esquecê-lo.

*“Punchiline, talvez você seja a parte mais engraçada de uma piada.”*

Lembro-me. Ele já fez isso.

— Saia disso antes.

— Se eu pudesse. — Minha voz sai como um suspiro.

Balanço a cabeça tentando tirar os pensamentos ruins da minha cabeça.

— Vamos mudar de assunto? Me fale sobre a pós-graduação... Está gostando?

— Muito! Mas está sendo cansativo ir para a faculdade e trabalhar. Tento colocar a cabeça no lugar para atender da melhor forma meus pacientes. Hoje estou muito feliz porque dei alta para um ontem... — Conta animadamente e assim passamos a tarde conversando sobre a vida e o futuro.

Fui para o restaurante mais cedo como de costume para preparar o *mise-en-place*.

A noite começa cheia de pedidos, foco nos meus afazeres mesmo com a voz estridente de Alana nos meus ouvidos. Fico sabendo que tem muitos repórteres fora do restaurante querendo falar comigo e com Dante, isso enfurece tanto o chef como a subchef. Clare passa pela cozinha e murmura algo no ouvido do Thomas, noto o olhar enviesado dela para mim e vai para o salão acompanhada do louro.

— Mesa cinco, salmão com peras... — Alana canta um pedido. Estou ocupada ajudando Kaylee quando ela vem até a mim: — Quero que sirva o pedido da mesa cinco.

— O quê? Como assim? Eu não sou mais garçonete.

— Te solicitaram no salão, apenas vá lá e sirva.

— Eu não posso sair da cozinha.

— Eu estou no comando da cozinha e você vai servir a mesa cinco. — Ela está ameaçando-me com sua voz.

Engulo meu orgulho. Enfurecida pego o prato e dirijo-me ao salão. Meus olhos estão cobertos por fúria que mal vejo as coisas à minha frente, até que a pessoa na mesa cinco levanta o olhar para mim.

Cabelos louros perfeitos, rosto magro e delicado. Ela sorri. Um sorriso que valia milhões. Ela era conhecida como uma supermodelo, mas eu a conheço por “*A garota que devia estar a fim do meu namorado*”.

Que audácia! A sem-vergonha solicitou minha presença no salão? Qual era o intuito? Não quero saber ou era capaz de enfiar o prato na cara dela.

Engulo em seco e entrego a comida sem esboçar nenhuma expressão.

— Espere — Florence pede.

— Sim?

— Você é a namorada do Dante, não é? Queria muito te conhecer... — Diz com a voz doce.

Para mim é um desprazer conhecê-la pessoalmente, tem tantos restaurantes em Nova York, por que justo a Tasty House pela segunda vez na semana?

— Sim... Eu preciso ir, há muito trabalho na cozinha.

— Sente-se comigo, por favor.

— Não posso. — Olho ao redor, nem a gerente, nem o chef estavam no salão.

— Por favor, só por um minuto. — O inglês dela era muito bom, mas ainda tinha aquele sotaque francês.

Encontro o olhar do meu amigo cheio de estranheza, ele murmura algo e aponta para a cozinha. Devia estar pedindo para eu voltar, não volto. Sento-me e escuto o que a loura quer comigo. Ela parecia tão determinada e se me chamou é porque tinha algo para me falar. Não nego que não estou curiosa.

A expressão dela ainda continua com um sorriso falso:

— Só queria te dizer que foi muito, muito agradável a semana que passei com seu namorado em Paris, quero te agradecer por cedê-lo por esse tempo.

Enfureço-me, ainda assim, me controlo, pois estou no meu local de trabalho.

— É mesmo?

— É... Não sentiu ciúmes?

— Eu não sou proprietária do meu namorado, foi apenas um trabalho.

— Sabe... Tivemos que refilmar a cena que Dante me abraçou porque ele estava excitado. Você acha isso profissional?

Abro a boca para falar, contudo, tenho dificuldade de engolir o que ela havia acabado de dizer.

— O que você está fazendo aqui? Veio atrás dele?

— Desculpa, mas nós tivemos uma química...

— Se você veio aqui para procurá-lo é sinal de que está desesperada. Ele não te quis, não é? Por isso está querendo me afetar. — Cruzo os braços.

Ela ri.

— Por favor, olha para mim e olha para você. Acha mesmo que ele não me quis?

Aquela pequena parte de mim que ainda sofria de baixa autoestima disse: “*É claro que ele a quis*”. Dante era um mulherengo, por isso ele estava indo tão mal no time, por conta das noitadas, das modelos e da vida desenfreada.

Mas a outra parte de mim que foi tocada por ele na noite anterior sabia que Dante me queria. E que se Florence estava aqui querendo me atacar de toda forma é porque foi sim rejeitada por ele. Isto era ridículo, ridícula a forma que uma mulher tão bonita quanto ela estava se sujeitando.

— Acho. — Levanto-me.

Isso a fez abrir os olhos enfurecida.

— Quem você pensa que é?

— Sou Rosalie Wicks, aspirante à chef de cozinha, uma mulher muito bonita e inteligente e... Bom, namorada de Dante Hurren, mas isso é só um mero detalhe...

Sinto aquela sensação de triunfo.

A garota está furiosa, seus olhos denunciavam a raiva, por isso ela pega seu copo e derruba nela mesma.

Fico em choque.

— Sua louca! Por que jogou água em mim? — Grita. Nesse momento todo mundo olha para nós, clientes, garçons, e principalmente Thomas, Clare e Dante, que haviam acabado de voltar a pisar no salão.

Porra.

— Eu não fiz nada, está maluca?

Depois disso foi só flashes, um alvoroço, houve desculpas pessoais de Thomas e Dante. Tentei me defender, ninguém me ouviu, ficaram acudindo a modelo invejosa. Olhares furiosos foram dirigidos a mim. Acabei indo para o vestiário sob gritos de Clare. Nunca me senti tão humilhada na vida.

Mais tarde, Clare e Thomas vieram no vestiário falar comigo:

— O que aconteceu, explique. — O chef pede e eu conto cada detalhe. Alana é chamada para confirmar que me mandou ir ao salão, mas ela nega.

— Eu não pedi, ela simplesmente soube que a Florence estava no salão, pegou o prato e foi entregar pessoalmente...

Meu Deus, que cobra!

— É mentira, ela me pediu! A Joyce está de prova!

Joyce nega me ajudar quando é chamada, simplesmente porque é uma covarde e tinha medo da Alana. Kaylee, que também estava próxima, acabou me defendendo e afirmando que a subchef me pediu para ir ao salão.

— Eu sou da família, vai acreditar nela e na amiga? — Alana coloca Thomas na parede.

Ele suspira.

— Ela foi tomada por ciúmes, não está claro? — A frase de Clare é o fósforo sendo aceso e jogado na fogueira para me queimar.

O chef suspira e abaixa o olhar.

— Infelizmente, vou ter que te suspender.

— Me sus...pen...der? — Perco a voz.

— Sim, até apurarmos os fatos.

— Chef, acredite, a Alana não gosta de mim desde que eu era apenas uma garçonete, Joyce é uma medrosa e a Florence uma mentirosa.

— Então todo mundo está mentindo, menos você e sua amiga? — Os olhos azuis dele me confrontam.

— É... — Soa tão idiota quando confirmo.

— Sinto muito, é minha decisão final.

Triunfante, Alana me olha com desprezo e deixa o local, assim como Thomas, Clare e Joyce. Kaylee se senta ao meu lado para me confortar. Sinto uma lágrima descer pelo meu olho e seguro o máximo possível as outras.

— Está todo mundo querendo me derrubar.

— Não chore, é uma suspensão, você não foi demitida ainda.

— Não importa, todo mundo tirou foto, vai sair na imprensa amanhã que Rosalie Wicks é uma namorada louca.

— Você jogou mesmo água nela? Não estou te julgando, eu faria isso.

— Claro que não, eu prezo pelo meu trabalho.

— Então a supermodelo é uma supermentirosa. — Ela consegue arrancar uma risada baixa de mim.

— Onde... — Não sei se consigo terminar a frase, pois estou com medo da resposta. — Onde está o Dante?

Kaylee murcha a expressão.

— Eu... Eu o vi sair com a Florence do restaurante.

Errei feio ao apostar que Dante não a quis, porque parece que ele acabou de fazer uma escolha ao acompanhá-la, em vez de vir aqui ver como eu estava. Parece que eu sou mesmo uma piada, porque a parte mais engraçada é que eu acreditei que ele sentia algo por mim.

Mais uma lágrima cai solitária.

A segunda pétala cai: *Malmequer*.



Fui para casa, Chase tentou me consolar, mas preferi ficar sozinha. Tranco-me no quarto esperando que me deixassem em paz. Vovô já estava dormindo e meu pai não ia dormir em casa, parece que o namoro engatou com a vizinha.

Olho meu celular cheio de mensagens e me deparo com uma em particular:

*“Estou em frente à sua casa, vamos conversar.”*

Era Dante.

*“Vá embora”*

*“Fala comigo... O que aconteceu?”*

Não respondo.

*“Rosalie Wicks...”*

*“Rosalie...”*

*“Rosie Blue..., por favor.”*

*“O que fiz de errado?”*

Essa era a gota d’água que fez transbordar a minha raiva, o que ele fez de errado?

O que ele fez de errado?

Levanto da cama expelindo o ar com raiva. De pijamas, abro a porta e encontro Dante parado.

— Vamos conversar, no carro! — Piso duro no chão e entro no carro dele. O Hurrón vem atrás de mim e se senta no banco do motorista. Tenho que respirar várias vezes para conseguir adquirir o fôlego necessário para dizer tudo que estava entalado na minha garganta.

— Por que foi tão impulsiva? Por que jogou água na Florence?

— Eu não fiz nada, aquela garota que surtou..., mas eu não estou aqui para me defender, acredite no que quiser....

— Rosalie...

— Eu não quero mais. Chega desse namoro falso, chega. Eu te disse que não ia tolerar uma traição... — Ele faz menção de dizer algo, eu o calo. — Não. Me deixa falar... Você foi atrás dela, você me deixou para ser humilhada no restaurante.

— Eu não te deixei, eu só pedi para ela ir embora e me deixar em paz.

— Não acredito.

— É sério.

— Sabe o que ela me disse? Que você ficou tão excitado nas gravações que tiveram que refilmar.

— Merda.

— Então é verdade? — Aquela parte de mim ainda queria acreditar que não.

Ele solta o ar irritado.

— Não é o que você está pensando... A Florence pegou no meu pau no meio da gravação sem meu consentimento.

— Não acredito.

— Você não é minha namorada de verdade, por que está tão brava?... — Diz com o maxilar tenso.

Está aí. Eu sabia que ia acontecer, sabia que ele ia me magoar. Era disso que eu precisava para esquecer aquele sentimento.

— Nunca concordei tanto com você, eu não sou sua namorada, por que não me deixa em paz?

— Nós temos um acordo.

Com as mãos finjo rasgar um contrato imaginário e jogá-lo no colo de Dante.



— Faça bom proveito com isso.

Deixo-o mortificado.

Estou com tanta raiva, tanta amargura que não olho para trás.

Não deito a cabeça no travesseiro em paz, mesmo estando cansada não consigo dormir. Estou canalizando toda a raiva que tenho para camuflar o sentimento de coração partido. Mas o que mais me dói é a humilhação que me fizeram passar no restaurante, fui tratada como uma ninguém. Era meu sonho que uma hora estava em minhas mãos e não está mais. Estou decepcionada porque não era o que eu esperava, não esperava que pessoas como a Alana me puxassem o tapete. As lágrimas caem na minha bochecha, me transformando em uma confusão de sentimentos.

Um soluço irrompe do meu peito junto com a promessa de que eu não vou desistir, porque sei que sou boa. Sei que não importa o quanto tentem me derrubar, eu vou me levantar.



Saiu em todas as revistas e veículos de notícias o embate que eu tive com a Florence. Houve muitos rumores, mas a modelo, nem eu e muito menos Dante demos entrevistas. Ela foi embora para Paris logo no domingo. Quando fui procurada pela mídia eu não contei que não estava mais namorando Dante, e ele também não contou, mesmo assim, os rumores eram muito fortes, pois não nos víamos mais.

Na última semana a Stars publicou uma matéria sobre nós:

*#DanRosie, é o fim do conto de fadas?*

*Desde o incidente no restaurante Tasty House, onde Dante Hurron é sócio-proprietário, os rumores que o casal DanRosie se separou estão cada vez mais fortes. É possível que Florence Gaillard seja pivô da separação, no entanto, ela também não foi mais vista com ele.*

*O sócio do restaurante, Thomas Pearce, foi procurado pela Stars e afirmou que Rosalie Wicks não foi demitida e que está apenas tomando um tempo para ela. Parece que a Cinderela não quer mais nenhum contato com a mídia ou com o jogador dos Giants.*

*Os fãs estão chateados com o possível rompimento do casal, o namoro relâmpago durou apenas um mês. Mas ainda não podemos afirmar a separação com certeza, pois nenhum deles negou. Esperamos que seja apenas uma fase ruim, e que o **casal Blue** volte e nos comprove que contos de fadas podem ser reais.*

A notícia não era fake, eu fui convidada a voltar para o restaurante por Thomas pessoalmente, só que eu não aceitei. Primeiro porque era um contato direto com o Hurron, segundo porque eu não ia me sujeitar a ser subordinada de Clare e Alana novamente.

Já faz três semanas que saí do restaurante e não sabia exatamente o que fazer, não quero voltar para a Tasty House, também não quero entrar em outro restaurante. Parece que eu peguei meu sonho com as mãos e percebi que não era como eu imaginava. Não que eu não queira mais ser uma chef, quero muito, porém, trabalhar na cozinha de um restaurante que cheira a egos para mim não dá.

Dante não tentou contato comigo durante esse tempo, parecia que estava com o ego ferido, ele não deveria ser o tipo de pessoa que tentava o perdão várias vezes. Autossuficiente como era, não esperava que viesse atrás de mim.

O inverno tinha terminado e entramos na primavera, o meu aniversário acontecia nessa estação e, por sorte, esse ano caiu no sábado. O dia perfeito para comemorar com meus amigos e família. Logo cedo eu recebi a ligação da minha mãe e dos meus avós. Até minha avó paterna me ligou, fiquei tão feliz, porque era difícil vê-la, já que ela e algumas amigas alugaram um trailer e viajavam por todo o país aproveitando a aposentadoria.

Vovô e papai trouxeram café da manhã no meu quarto. Eu ainda estava preocupada com o Wicks mais velho, porque ele se recusou a ir à consulta que eu marquei, não desisti de levá-lo, mas o pegarei desprevenido assim que possível, assim ele não terá como correr.

Chase e Morgan vieram me surpreender com um bolo depois do café da manhã, nos deliciamos com o recheio cremoso de chocolate e lembramos do passado e cada momento que passamos juntos, até que caímos no momento que eu me afoguei no passado.

— *Pumpkin*, admita que não foi você que me salvou — brinco, ele tinha tanto medo de água, naquela época eu achei o ato tão heroico que nem me toquei que podia ser mentira, mas agora que andei pensando nisso, achava que não foi meu amigo que me salvou.

— Conte, Chase, sabemos que não foi você — a irmã dele zoa.

Limpo as mãos no pijama e me apoio nelas, levantando a sobrancelha para meu amigo, esperando que ele dissesse logo a verdade.

— Tudo bem — ele suspira. — Não fui eu, o.k.?

— Não acredito que me enganou todo esse tempo! — Faço-me de ofendida. — Eu fiz o seu lanche da escola o ano inteiro para você em forma de agradecimento!

— Sabia que era um covarde — Morgan o alfinetou.

— Desculpe, eu quis muito te salvar, só que travei. Não consegui nem me mover de tanto medo. Fiquei sem fala, por sorte, uma mulher estava passando por nós e pulou para te salvar.

— Uma mulher, que mulher? — Indago curiosa.

— Não sei quem era, devia ser alguém que trabalhava lá... — Dá de ombros. — Só sei que ela foi embora antes que o socorro chegasse.

— Bom, então eu devo minha vida a essa mulher, que bom que ela estava lá.

— Sim, em minha defesa, ela pediu para que eu não contasse que te salvou.

— Por quê?

— Não sei.

— Você lembra como ela era?

— Não... Eu estava em pânico lembra? Quase desmaiei.

— Irmãozinho, você é um frouxo! — Morgan bagunça a cabeleira dele.

Rimos.

Passamos a manhã conversando, planejamos comemorar meu aniversário no domingo, já que Chase iria trabalhar à noite. Almoçamos em um restaurante próximo e depois Chase e meu pai foram trabalhar.

Quando já estou em casa a campainha toca, abro e vejo que era um

entregador:

— Rosalie Wicks?

— Sim?

— Uma encomenda para você.

Recebo-a e assino.

Sem remetente, apenas abro uma caixa mediana e vejo o conteúdo. Estranho. Vejo uma caixa de cereal de imediato.

— Vovô, isso é uma brincadeira sua? — Pergunto a ele que está sentado no sofá.

— Claro que não, depois do ano passado, não quero nem ver cereal.

Se não era ele, devia ser meu pai me zoando. Logo ele ia voltar do trabalho e rir da minha cara. Mas não era só a caixa de cereal, ao tirá-la da caixa vejo uma lousa escrita com giz: 0 X 0.

Mas o que era isso?

Zero a zero...

Não pode ser. Será que era o que eu estava pensando?

Tiro a lousa e vejo mais uma coisa: Uma garrafa de mezcal.

Agora tenho certeza de quem era o remetente. O que ele estava querendo?

— Mezcal? Que presente excelente, pessoa de bom gosto essa, hein — vovô elogiou. Ele não sabia que Dante e eu “terminamos”, nem o papai, porque eu não contei, mas eles desconfiavam, como todo mundo.

Tento ignorar aquele sentimento excluído e sento-me no sofá para assistir algo com o vovô. Perco a concentração quando a campainha toca novamente, anunciando mais um entregador. Assino e recebo uma caixa de *framboesa*.

*Bem-me-quer*.

Se eu tinha qualquer dúvida, agora tenho certeza de que quem mandou foi Dante. Resmungo em silêncio. Ele acha mesmo que isso é um pedido de desculpas? Não aceito. Meu celular apita e eu recebo uma mensagem:

*“Podemos conversar?”*

Era ele.

*“Não posso, tenho compromisso.”*

Não era mentira, eu ia sair de casa para ir até o estúdio de tatuagem. Levanto-me do sofá e saio de casa para pegar o metrô, assim que coloco o pé na calçada vejo Dante do outro lado da rua, parado em frente ao seu carro todo sem jeito.

Quando me vê, seus olhos se arregalam em reconhecimento. Ignoro e começo a andar, ele me segue.

— Eu só quero um minuto...

Paro e viro-me:

— Contando, um minuto — olho para meu relógio e o programo.

Anelou e se defende:

— Esquece o que aconteceu, só vamos continuar.

— Continuar com?

— Com o nosso namoro falso...

— Hm...*Falso*.

— É...

Solto o ar pela boca.

— Dante, você sente algo por mim? — Não pergunto com expectativas, eu só quero saber. De alguma forma tudo que ele me mandou mostravam que os momentos que passamos juntos também tinham um significado para ele.

Ao contrário do que ele fazia sempre, nesse reencontro não me olhava nos olhos.

— Sinto o quê?

— Não dá para conversar com você — balanço a cabeça.

— Tudo bem, eu admito.

Meu coração tremulou. *Maldito*. Coração, nós fizemos uma promessa,

lembra?

— Admite?

— Eu admito que *tenho atração por você*. É isso.

*Malmequer.*

— Idiota.

— Não sou hipócrita.

— Mais alguma coisa?

— Prometemos três meses. Por que terminar antes?

— Porque eu cansei de brincar com você.

— Isto não é uma brincadeira. Nós temos interesses em jogo, você quer que eu volte a jogar como antes e eu quero que a mídia pare de me pintar como um mulherengo.

— Continue pagando a Calculated Love para te chamar de marido ideal, talvez funcione — caçoo.

— Estou falando sério. — Sua narina infla de irritação.

Penso. Eu não vou mais cair na conversa dele, mesmo que eu tenha passado as últimas semanas com o coração partido. Mas, aquela ponta de rancor me dizia para voltar com ele e quebrar seu coração como ele quebrou o meu. Só que era uma coisa idiota, Dante não é apaixonado por mim ou *era*?

— Seu tempo acabou.

Dou as costas.

— Onde está indo?

— Não é da sua conta, mas eu vou em um estúdio de tatuagem.

— Espere, eu te dou uma carona.

— Não precisa, vou de metrô.

— Então eu vou de metrô com você.

Droga.

Se ele realmente me segue, a mídia e todas as pessoas na estação de metrô

teriam um colapso. O rei da NFL andando de metrô não era algo normal. E como eu não queria chamar mais ainda os holofotes para mim, decido aceitar.

— Eu aceito a carona, só fique calado.

Mudo o rumo e dou meia volta com ele. Dante honrou a promessa de ficar calado e logo estávamos no estúdio de tatuagem. Eu já havia aprovado o desenho antes e reservei um horário com Jesse, uma excelente tatuadora, amiga de Morgan.

Assim que ela abre a porta para nos receber, se espanta com Dante, que apesar dos meus protestos, me seguiu.

— Rosalie, não sabia que viria com seu namorado! Que honra o receber, quer fazer uma tatuagem também? — Pergunta alegre.

— Não, obrigado. Só vim acompanhar a Rosalie.

— Tudo bem, então vamos lá.

Sento-me na cadeira apreensiva, Dante fica do meu lado apenas observando. Primeiro Jesse faz o desenho sem marcá-lo permanentemente para que eu aprove e depois com o meu o.k. começa a marcar o contorno em minha pele. Decidi fazer no antebraço, ardeu um pouco, mas era uma dor suportável. Ela pinta o desenho, tudo de uma forma bem calma, com maestria. Aplica por último o filme protetor na tatuagem e me dá muitas orientações.

Saímos do estúdio no fim da tarde e para nossa surpresa, ou melhor, devíamos ter previsto, havia muitos paparazzis fora nos esperando. Novamente, não respondemos a nenhuma pergunta. Era isso que Dante queria fazer vindo atrás de mim, ele queria que a mídia voltasse a acreditar que estávamos juntos.

Entramos no carro e ele pergunta:

— Qual o significado dessa tatuagem?

Eu havia tatuado ondas do oceano em formato de coração na parte de trás



do meu antebraço.

— Eu amo o oceano, mas não fiz só por isso, e sim porque poucas coisas são tão fortes como as ondas do oceano, um dia eu quero ser tão forte como uma onda.

— Interessante. — Ele olha para mim e depois para a tatuagem.

— Pode me levar para casa?

— Posso, mas... janta comigo essa noite.

— Dante...

— Não custa nada.

— O que você pretende?

— Vamos conversar, a sós.

Aceito. Não porque tenho esperanças, e sim porque queria saber até onde ele iria nessa tentativa barata de me conquistar.

— Onde?

— No meu apartamento.

— No seu apartamento? Está brincando?

— É onde teremos privacidade, prometo que vou me comportar.

Não acredito nele, mas dou-me por vencida, porque odiava estar sob olhares curiosos, principalmente agora que os paparazzis corriam atrás de nós feito loucos. Dante me deixa em casa e eu me assusto ao ser recepcionada por cinco pinschers.

— Desculpe, eles são impulsivos. — A dona surge, nossa vizinha, Pamela Ávilla, mais conhecida como a mulher que meu pai ainda não assumiu como namorada.

Eu a conhecia de vista, sempre a via passeando com os cachorros, soube pelo vovô que Pamela tinha uns quarenta anos, era latina e divorciada. Sem filhos, trabalhava como advogada e, obviamente, amava pinschers.

— Sem problemas, eles são uns fofos — abaixo para acariciá-los.

— Qual o nome deles?

— Homer, Bart, Marge, Lisa e Maggie — aponta para cada um, para que eu pudesse distingui-los. — Como pôde perceber, eu sou fã de *Os Simpsons*.

— Que demais! O papai também gosta.

Levanto-me do chão e Pamela vem me cumprimentar.

— Fico tão feliz em finalmente conhecê-la, sou Pamela Ávilla, amiga do seu pai... — Então eles ainda se definem como amigos?

— Ouvi falar muito de você.

— Sério? — Há esperança em seu olhar. — Soube que é seu aniversário, parabéns! — Abraça-me.

— Obrigada, também queria conhecê-la. — Papai desce as escadas quando desfazemos o abraço. Ele está um pouco envergonhado, vejo por suas bochechas vermelhas.

— Rosalie... Você conheceu minha amiga, Pam? — Pergunta.

— Sim, eu estava mesmo querendo uma madrasta — os dois ficam desconfortáveis com minha indireta.

— Nós não... — Meu pai está pronto para inventar uma desculpa qualquer.

— Eu vou sair hoje à noite, tudo bem?

— Para onde e com quem?

— Eu vou sair com o Dante. — Omito o fato de que vou no apartamento dele. Na cabeça do meu pai eu sou uma virgem inocente, embora ele saiba muito bem que eu não sou virgem. O dia que contei para ele que havia perdido a virgindade foi, digamos que, mais do que constrangedor.

— Você não tinha terminado com ele?

— Estávamos dando um tempo.

— Dando um tempo? Que diabos é isso?

— A nova geração faz isso o tempo todo, é como uma pausa no namoro — Pamela explica.

— É isso mesmo, eu vou subir porque tenho que me arrumar.

Não dou tempo para que meu pai interceda e logo subo as escadas, mas antes de ir ao meu quarto, bato na porta do vovô.

— Oi, eu estava pensando em você, olha o que eu achei no meio da minha bagunça. — Vovô diz, ele está sentado na cama com algumas fotos no colo, me sento ao lado dele e dou uma olhada nas fotos. Uma era de seu casamento, outra era do casamento do papai, havia uma foto do vovô me segurando na maternidade, outras anos depois em que me mudei pra Nova York e estava no estádio com eles, muitas lembranças nossas.

— Lembra desse boné? — Apontou para uma foto.

— Lembro, relíquia da família.

— É... Você usava em todos os lugares.

*Não uso mais porque certo alguém roubou de mim.*

— Por que está tão nostálgico, vovô?

— Estou ficando muito velho, por isso estou em uma fase que minha memória não está muito boa, porém, as lembranças ainda estão muito vivas.

Aperto a mão dele.

— Você está ótimo, pare com isso, ainda tem muito para viver.

— Eu só quero cultivar mais lembranças. Contanto que eu veja minha neta construindo seus sonhos, nada mais importa.

— Você vai ver isso e muito mais.

— Um dia vou guardar aqui nesse amontoado de fotos a sua foto com seu próprio negócio, também vou guardar a foto do seu casamento e, se ainda estiver aqui, a foto do meu bisneto.

— Vovô, não é você que não acredita em casamentos?

— Não que eu não acredite, mas nós não tivemos sorte, eu, seu pai, minha mãe...

— Estou com medo dessa maldição.

— Não é uma maldição, eu só espero que um dia você mude essa sorte.

— Bom, eu acho que não vou me casar.

— Por quê?

— Porque pessoas são decepcionantes. Um dia eu acho que vou olhar para meu marido e pensar, meu Deus, por que eu me casei com esse idiota?

Vovô soltou uma gargalhada.

— Acho que foi exatamente o que sua vó pensou.

— Você não é um idiota.

— Eu sei dos meus pecados. Enfim, não importa se você não vai se casar, a sua vida será incrível com alguém ou sozinha.

Eu o abraço e sorrimos um para o outro.

— Vamos no médico? Talvez você precise melhorar sua dieta, dizem que peixe é excelente para a memória. — Reflito. — É isso! A partir de amanhã só comeremos peixe!

Ele assente sorrindo.

— Vai desculpar o garoto?

— O quê?

— Eu vi os presentes. E posso apostar que são dele. — Sempre esperto.

— Ah... — Faltam-me palavras porque não posso negar e nem quero dizer que sim.

— Eu sei que vocês brigaram, só que não é da minha conta o porquê.

— Vou sair com ele mais tarde e ouvir as desculpas.

— Então você já o perdoou.

— Não, eu só quero ouvir as desculpas.

— Se está disposta a ouvir, é porque perdoou. — Encurrala-me, sempre me lia tão bem.

Levanto-me e suspiro.

— Vai jogar cartas com seu grupo hoje à noite?

— Eu ia desmarcar para ficar com você, mas já que tem compromisso, vou sim.

— Então o papai vai ficar com a casa só para ele e a Pamela, hein.

— O seu pai é um pouco devagar, mesmo assim, ele está gostando dela.

— Eu espero que ele seja feliz.

— Eu também — sua boca se curva em um sorriso. Capturo essa imagem e guardo ali, nas minhas lembranças.



Estou com as mãos na barra do meu vestido, na frente da porta do apartamento do Hurrón, gostando do fato de que o vestido era feito de estrelas. A parte do busto era coberto com renda e embaixo havia estrelas com transparência igual na barra do vestido, ele era de um azul tão escuro que se assemelhava ao preto. Sei que eu deveria ter devolvido essas roupas e vou fazer isso depois de hoje, já que planejo dar um ponto final definitivo em tudo isso. Mas, enquanto não, tive que usar esse vestido que era incrível.

Phillipe me deixou na porta do prédio e estou até agora pensando se os paparazzis não tiraram foto das minhas partes íntimas porque eu abri a perna um pouco demais na hora que saí do carro. De qualquer forma, vou acabar descobrindo em breve.

Fecho os olhos, respiro fundo e quando estou quase batendo na porta do apartamento, ela se abre:

— Você tem medo de bater na porta, por acaso? — Dante fala e perde o sarcasmo quando me olha.

Isso mesmo. Olhe.

Droga, ele também está lindo com calça de moletom azul escuro e camisa branca. Bom, ele ficaria bonito com qualquer roupa, os músculos do seu corpo faziam o trabalho de serem bonitos por si só.

— Você está usando uma camisola? — Pergunta esquecendo que deveria me deixar entrar.

— Isso não é uma camisola, é um vestido lindíssimo de seda.

— *Hm...* — Coça a cabeça. — É difícil entender a moda das mulheres — finalmente me dá espaço para entrar.

De imediato sinto um cheiro muito bom.

— Você está cozinhando?

— Não, só estou requentando uma comida do restaurante.

— E o que é?

— Uma massa com camarão, você come camarão, certo?

— Sim, eu como.

Ele vai até o fogão e o vejo colocar a massa cozida na frigideira com o molho de camarão.

— Cozinhou a massa agora? — Encosto-me na bancada observando que estava tudo bem limpo, então ele não devia ter cozinhado mesmo.

— É, eu só peguei o molho no restaurante.

Depois de envolver a massa no molho ele pega dois pratos e coloca na bancada, em seguida pega dois copos e uma garrafa de suco de *blueberry*.

— Hey, sem vinho? — Protesto.

— Acho que devemos estar bem sóbrios para conversarmos.

Ele tem razão, só bastava uma gota de álcool para que eu perdesse minha dignidade. Primeiro, comemos antes de qualquer coisa. Eu já comi o molho de camarão do restaurante e tive a certeza de que não era de lá que Dante pegou, porque, apesar do molho da Tasty House ser muito bom, esse era melhor, um pouco mais picante e com um toque adocicado.

Quando terminamos, depois que eu comi até o último fio de massa, nos sentamos no sofá, um pouco distantes, ainda próximos, estávamos de volta à mesma situação em que fizemos o nosso acordo.

— Então, por que me chamou até aqui? — Cruzo as pernas, ele olha. — Deixe-me adivinhar, para limpar sua reputação? Porque agora ninguém acredita que Dante Hurron é um homem fiel? E você quer ser um bom menino, não?

— Se eu negar, mentirei. O namoro era bom para minha imagem, a mídia adora um conto de fadas, os fãs então... Vão ao delírio.

— É o que eu imaginei.

— Mas... Não é só por isso que acho que devemos continuar.

— Estou ansiosa para saber mais um dos seus motivos egoístas.

Comprimo os lábios.

— Porque eu gosto de você.

*Bem-me-quer.*

— O quê? — Balbucio, sinto um arrepio percorrer minha espinha e chegar até os dedos dos meus pés.

— Não do jeito que você está pensando, eu não sou um cara que se apaixona... — Aproxima-se e encosta a mão na minha coxa. — Eu gosto disso, de te tocar... — Seus olhos estão fixos nos meus.

O jeito que ele me olha tão decidido era como se ele pudesse mudar as estrelas de lugar com a própria mão, acontece que, pelo menos as estrelas do meu vestido ele pode mover. Porque ele definitivamente está movendo a barra estrelada um pouco mais para cima.

— Gosta como gostou de tocar a Florence?

Ainda guardo esse rancor.

Balança a cabeça.

— Eu já te expliquei.

— É? Então explique de uma forma que eu entenda, porque não faz sentido para mim que uma supermodelo apareça atrás de você se não rolou nada de especial. — Coloco a mão em cima da dele e a tiro.

— Você não faz ideia de como sou assediado.

— Oh, desculpe, oitava maravilha do universo.

— Pare de ser sarcástica.

— Eu sou fluente em sarcasmo, então, fica difícil.

— Não são só as mulheres que são vistas como objeto sexual, a Florence não é a primeira que aperta meu pau do nada, tem gente que aperta minha



bunda também, bom, tem muitas mulheres que pegam em mim sem meu consentimento.

Faz sentido, eu também queria apertar algumas coisas dele.

— Certo, então, ela apenas te apertou e você muito respeitoso com nosso namoro falso disse o quê?

— Eu apenas ignorei, achei que era apenas um flerte, só depois que ela apareceu no restaurante que eu me toquei que estava dando realmente em cima de mim.

— Oh, e então, em vez de você ignorá-la, simplesmente se senta com ela? Melhor, no dia que eu precisava de você, você me deixa sendo humilhada e vai atrás dela?!

— Porra, eu preciso manter as aparências, entende? Não posso facilmente escorraçar uma pessoa que foi minha companheira de trabalho do meu restaurante. Eu conversei com ela nesse dia, pedi para não voltar. E ela não voltou.

— Então você não ficou com ela?

Fez pressão em sua têmpora e solta o ar para dizer:

— Não.

Quero acreditar, mas ao mesmo tempo não quero. Porque sinto que se eu acreditar que ele não ficou com a Florence vou alimentar meu imaginário com as teorias de que Dante gosta de mim, de uma forma própria que ele deve ter de gostar, pois, ele não diz, nem expressa. É bem possível que eu esteja vivendo uma paixão unilateral, mesmo assim, ainda creio em algum sentimento da parte dele, por mais microscópico que seja.

Não é só atração.

— O que você quer comigo? — Inquiri. Não estou com expectativas, embora saiba que a resposta possa ter um conteúdo sexual.

— Quero continuar com o nosso contrato, três meses, embora falte apenas

mais um mês. E, talvez, possamos nos beneficiar, ambos.

Levanto uma sobrancelha esperando que termine, ele espera que eu adivinhe.

— Nos beneficiar com?

— Sexo, bom, sexo sem compromisso, quer dizer, sexo em um falso compromisso.

Sinto um tremor. É involuntário o sentimento de paixão que só toma mais força.

— Sexo? Acha que isso dá certo? Nós vamos transar uma vez e depois terminar esse namoro ridículo?

— Você está errada, nós não vamos transar uma só vez. — Seu polegar aperta meu joelho e os seus olhos estão cheios de malícia. Aquela pontada sexual vem bem em meu íntimo. *Porra*. Engulo a saliva com dificuldade. — Nós vamos transar muito até ambos estarmos satisfeitos, eu vou te fazer gozar primeiro só com meus dedos, depois com minha língua e... depois... com meu pau. — Ele fala bem próximo à minha orelha.

Minha respiração está acelerada porque as mãos dele começaram a se mover saindo do meu joelho e encontrando a barra do meu vestido. Sinto-me envolvida por emoções calcinantes.

Sua boca se move da minha orelha para minha boca, ele a chupa e mordisca meu lábio inferior. Só consigo pensar em quantas vezes Dante pode ter se tocado pensando em mim e se poderia se equiparar à quantidade de vezes que me toquei pensando nele. Seguro a mão que está quase chegando à minha sensibilidade e o olho firmemente. Sinto tanta vontade de beijá-lo, mordê-lo, foder, que me movo direto para o colo dele. Tomando seus lábios com tanta imoralidade quanto suas últimas palavras.

Sua mão se move até minha nuca, segurando todo meu cabelo, enquanto seu beijo tornava-se mais voraz. Estou quase sem respirar porque estou

perdida na boca dele. É tão gostoso, macio, quente, minha língua explora a boca dele, invadindo cada centímetro à procura de mais prazer.

Os meus quadris se movem arquejando contra o pau dele. Provocando. Gosto do barulho que a garganta dele faz. Suas mãos agora se movem de volta para meu vestido, querendo arrancar cada estrela. Eu seguro sua mão, ainda não tendo certeza se quero que ele me toque ali, porque isso seria como entregar meu coração e esperar que ele o devolvesse sangrando.

— Deixe-me te tocar...

Aperto os olhos, o desejo cada vez mais crescente que se tornou fome, tamanha a intensidade. Onde está meu coração? Parece que Dante o pegou.

— Eu quero ver seus seios, quero tocar e chupar. — A mão volta a subir e agarra uma alça do meu vestido que cai sem o mínimo de esforço, depois desce a outra e sem sutiã, sou exposta.

Ele os olha com tanto desejo que um arfar sai de sua boca. Não há cerimônia, simplesmente me toca com a boca, beijando toda a minha clavícula, deixando as marcas do seu beijo em todo lugar que passa. Esvaeço com seu toque. A ponta da língua molhada passa por um mamilo e depois passa para o outro. Sofro, era apenas uma mísera amostra do que podia fazer comigo.

— Dante... — Inclino-me quando sua boca toma o seio com uma sucção precisa. A sua mão encontra o outro seio e fricciona o mamilo com o polegar e o indicador, assim, bem devagar em uma velocidade quase torturante. O desejo está fluindo pela sua boca que entra e pulsa dentro de mim.

Ele sabe me tocar, é tão íntimo e se adentra em mim, como se poesia pulsasse em suas veias e o fluxo sanguíneo chegasse até a ponta dos seus dedos, o modo que ele me toca possuía a métrica perfeita.

Encontro seus olhos quando ele volta a me beijar ainda com mais vontade e se separando, bem pouco, só para conseguir falar, encosta seu nariz no meu

e diz:

— Fica nua para mim, seja minha — seu pedido é feito de puro desejo.

*Seja minha.*

Solto a respiração.

Não posso ser dele porque ainda não sou minha. Não posso fazer isso, não posso ficar com Dante porque tenho certeza de que isso não vai acabar bem. Não posso ser tão burra e cair nessa, todo ambiente que ele criou, o pedido de desculpas, fez até mesmo um jantar para mim, tudo isso foi planejado friamente.

— Tenho uma condição...

— Sim? — Para transar comigo vejo que ele seria capaz de mover céus e terras, mas com certeza há uma coisa que ele não faria.

— Se quiser transar, vai ter que se casar comigo. — Movo minhas pernas para sair daquele casulo sexual.

— O quê?! Você é religiosa por acaso? — Ele está tão vermelho que tenho pena das partes debaixo que provavelmente estariam roxas.

— Não. Também não sou virgem, antes que pergunte... Só tenho o direito de fazer o que quero quando quero. — Arrumo a alça do vestido.

— Então você me ama? — Há um peso em sua pergunta, ele não consegue nem se mover.

— Oh não, por favor, não seja tão presunçoso. — Nego muito rápido antes que ele mesmo se respondesse. — Eu só estou colocando essa condição porque sei que ela é impossível de acontecer.

— Muito bom o seu joguinho, só que não vou cair nessa. Acha que estou apaixonado? Pois eu não estou. Jamais vou te pedir em casamento.

*Malmequer.*

— Eu não quero que me peça em casamento. Oh, por favor, você acha que é o marido ideal, mas não é!

— Alguém te traumatizou, por isso não quer transar? — Ele me lê.

— Não quero mais falar sobre isso. — Minha boca está seca. — O Phillippe pode me levar para casa?

— Ele pode... — Suspira e pega o celular do bolso apertado. Estou em pé, meio desajeitada, pensando em uma forma de esfriar a cabeça e o corpo. — O motorista está lá embaixo, eu não o dispensei.

— Tudo bem, quando devemos marcar o encontro com a torcida?

— Do que está falando? — Levanta-se e coloca as mãos no bolso.

— O nosso contrato está valendo de novo, as regras voltam, e principalmente entra de novo em vigor o acordo de que você vai dar o seu melhor para os Giants.

Abre a boca para me contrariar, porém, desiste.

— É isso, ou adeus namoro falso, o que me diz?

— Está bem... Mais um mês...

— E quando terminamos?

Dante coloca a mão no queixo:

— Depois do Draft, a imprensa vai estar tão empolgada com as escolhas dos times que não vai dar muita importância para o nosso término.

— Ótimo. — Estendo a mão para ele. — De acordo?

— De acordo. — A aperta com firmeza.

— Espere... Tenho algo para você. — Pronuncia quando estou prestes a deixar seu apartamento. Espero ele ir até seu quarto e voltar com uma caixa de veludo preta em suas mãos. No mesmo instante penso que é uma joia, tão clichê quanto seria um presente de um cara muito rico. — Seu presente de aniversário. — Estende a caixa e a abre mostrando o conteúdo.

Não era exatamente o que eu esperava, não era uma joia comum porque carregava um significado: Um colar dourado com um pingente de *cacto*.

— *Te beijar foi repulsivo, foi como beijar um cacto.*

— *Então parece que você gosta muito de cactos.*

Não acredito que ele está brincando com isso.

— Posso colocar em você?

Assinto com aquele aperto no peito. Dante deixa a caixa de lado e se projeta atrás de mim, primeiro sua mão tira o cabelo das minhas costas, depois seus dedos pressionam meu colo quando ele coloca o colar e fecha-o. O ar que ele solta em minha nuca me faz anelar.

Afasta-se.

— Está me provocando? — Pergunto segurando o pingente e olhando para ele, era tão delicado e bonito.

— Está se sentindo provocada? — Há um sorriso em sua presunção.

Estou em dúvida do que pensar sobre aquele gesto, não sei se isso foi uma provocação ou um gesto de carinho.

— Não vou cair nos seus jogos, Hurrón.

— Será que já não caiu?

— Vá para o inferno.

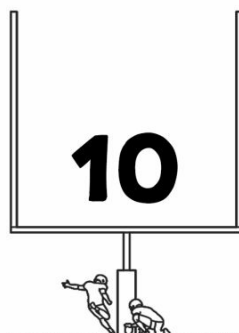
— Você vai estar lá?

Como ondas quebrando sobre o rochedo, o encontro dos nossos olhos é como um embate. Nenhum dos dois quer perder, nenhum dos dois que sair dessa sem ser o vencedor.

*Bem-me-quer, malmequer.*

A última pétala cai indecisa.

Dante é um mistério como a cor dos seus olhos, que mudam de acordo com a incidência da luz do sol. Não consigo lê-los, não consigo dizer se é sim ou não. Porque nem ele mesmo sabe.



**EXTRAORDINÁRIO**



## Capítulo 10

Um mês se passou desde meu encontro com Dante em seu apartamento. Naquele dia eu fui para casa trançando as pernas, mesmo não tendo bebido uma gota de álcool eu me senti zozza depois do que quase fizemos, apesar disso, também saí orgulhosa de mim mesma por não ter caído na conversa barata do Hurren.

*... Fica nua para mim, seja minha....*

Só de pensar nas suas palavras me sobe um calor tão grande, incontrolável. Estar perto dele é como sofrer uma tortura bem lenta. Quando estamos juntos eu fico reparando na forma que sorri e que nem sempre é de forma presunçosa, às vezes é tão involuntário, e eu me engano um pouquinho pensando que sorriu porque seus olhos encontraram os meus. Contudo, só um pouco, porque logo lembro de suas piadas.

Os seus trejeitos acho que já decorei. Às vezes o cheiro de Dante invade minhas narinas sem eu estar perto dele. E quando me abraça em alguns momentos, porque precisa de uma foto para a mídia, eu penso que estou sufocando de paixão. Peço baixinho para que meu coração se acalme e finjo que não quero morar ali. O sentimento não passa. Dia após dia eu conto, ansiosa para que essa farsa acabe para o meu próprio bem.

Como minha vida não gira em torno do quarterback, Thomas voltou a me pedir para que eu voltasse ao restaurante. Não queria voltar sem provar que disse a verdade, por isso questionei se não era possível ver pelas câmeras do restaurante o que Florence aprontou. Apesar de ela estar em uma mesa de canto, quase privativa, ainda era possível ver pela câmera seus movimentos.

O chef disse que sondaria com Clare, já que ela cuidava de tudo, inclusive das câmeras. Acontece que, justamente nesse dia, a gerente informou que a câmera próxima à mesa estava quebrada. É claro que estava quebrada, ela



jamais iria deixar que eu voltasse ao restaurante porque seu ciúme louco não deixa.

Desempregada, eu ainda penso em uma forma de ter o meu próprio negócio, mesmo sem um centavo para isso. Não quis pedir ajuda para Dante, de forma alguma eu ia deixar que me ajudasse financeiramente e me cobrasse por isso posteriormente. Ele também pediu para que eu voltasse para a Tasty House, permaneci inflexível, me desvincular do restaurante também era um jeito de me desvincular dele, nosso relacionamento tinha que terminar no Draft, ou eu não sei o que seria de mim, pois não sou feita de aço.

A mídia voltou a noticiar nosso namoro falso logo no dia seguinte ao meu aniversário. A Calculated Love lançou no início do mês de abril uma edição focada somente no nosso relacionamento, já a Stars recheou o site e a revista com fotos dos nossos encontros que aconteceram de forma premeditada.

Saímos para jantar algumas vezes e chegamos a ir ao shopping, mas isso não deu muito certo porque os paparazzis e fãs quase nos pisotearam, foi uma confusão. No fim das contas, estamos conseguindo levar esse namoro da maneira mais falsa possível, desde que eu joguei um balde de água fria em Dante com o assunto casamento, nós não nos tocamos mais de maneira tão íntima.

O encontro com a torcida foi menos desagradável do que eu esperava. Aconteceu no centro de treinamento dos Giants e muitas perguntas dos torcedores foram respondidas. *De uma forma não muito sincera*, Dante disse que estava sendo difícil para ele manter o foco, pois teve um problema no joelho que a mídia não noticiou, isso foi o suficiente para que muitos se compadecessem. Ainda deixou claro que estava muito bem e que na próxima temporada voltaria a jogar como antes. Não sei se todos acreditaram, mesmo assim, foi o primeiro passo para que a torcida voltasse a aclamá-lo.

Um dia depois a notícia se espalhou pelos jornais com a manchete

“Quarterback dos Giants passou por problemas no joelho na última temporada”. Não sei como a assessoria de Dante lidou com tudo isso, mas eles deram um jeito, já que a fama dele só melhorava.

Levei meu avô ao médico há alguns dias, finalmente o teimoso aceitou uma consulta com um neurologista. No dia ele estava ansioso ao meu lado, esperando ser chamado, como se tivesse algum mau pressentimento. Tudo foi bem difícil e foi um prelúdio para nos dizer que tínhamos que nos preparar e ser fortes.

O hospital estava frio, nós estávamos quietos e quase pulamos da cadeira quando o doutor, Elliot Harper, o chamou:

— Charlie Wicks...

Entramos no consultório e o médico fez algumas perguntas, apenas para sondar o motivo de estarmos ali.

— O senhor já teve algum trauma na cabeça? — Harper era um doutor muito conceituado na área neurológica, nós o encontramos através de Pamela que o conheceu na universidade.

— Não.

Ele continua a fazer perguntas e eu fiquei pensando onde ele queria chegar. O vovô tem dificuldades com a memória no meio do processo e eu fico irritada por não saber onde o médico queria chegar, já que ele faz uma pergunta muito boba:

— Que dia é hoje?

— Droga, nunca fui muito bom com datas. É abril, não é? Ou já estamos em maio?

— Sim vovô, é abril — respondi sem querer. — Desculpe — falei para o médico.

Continuou as perguntas e depois mostrou algumas imagens bem óbvias para identificar coisas e objetos, parecia que para meu avô, algumas coisas

não eram tão óbvias. Depois o doutor pediu para que falasse da família e após um percurso rápido sobre o passado, solicitou que o vovô repetisse o que pediu para ser lembrado.

— Você me pediu para lembrar algo? — Senti meu coração doer quando escutei meu avô dizer isso.

— Sim, vovô, ele pediu. Não se lembra? — Pergunto olhando assustada para ele.

— Não — me olhou com estranheza.

— Isso não faz sentido, você acabou de falar onde seus pais moravam, conseguiu lembrar até o endereço, como não se lembra de algo que foi dito agora? — Estava em pânico.

— Acalme-se, senhorita, não podemos forçá-lo.

— Mas é normal, não é, doutor? Que na idade do vovô se tenha alguns esquecimentos?

— Depende, vamos analisar isso com calma.

Ao meu lado, vovô estava olhando para as mãos, preso em algum pensamento, ou talvez uma lembrança, quando questiona em um tom muito calmo:

— Eu tenho câncer?

— Não pense nisso, senhor Charlie, não temos nada concreto. A única coisa que posso pedir a vocês dois agora é calma enquanto esperamos o resultado dos exames que vou pedir. — O médico anota algumas coisas antes de continuar. — O senhor se exercita?

— Sim, umas três vezes por semana saio para caminhar.

— Ótimo, quero que continue fazendo isso acompanhado de alguém, mas sem mudar o seu trajeto e que se mantenha muito hidratado.

— Tudo bem, mas eu quero saber, o que acha que eu tenho? É Alzheimer? — Ele perguntou, disse a maldita palavra que eu não quis cogitar nem pensar

por medo.

— Vamos esperar os exames.

— Vamos esperar, vovô, não seja pessimista. — Dou um tapinha no ombro dele tentando não parecer que estou devastada.

— Eu vejo vocês daqui alguns dias com os resultados. — Levantamo-nos e apertamos as mãos.

O resultado chegou mais rápido do que esperávamos, irrompendo nossas vidas com um enorme medo. Foi na segunda pela manhã, do dia vinte e cinco de março, acho que minha memória jamais vai esquecer desse dia.

*Alzheimer.*

Vovô ficou em silêncio com a notícia. Apertamos as mãos do médico, sem esperança. Caminhava pelo corredor sentindo meus pés flutuarem, porque eu não estava ali. Estava presente na lembrança do dia que ele me falava de suas memórias. As coisas que meu avô mais estimava eram suas cicatrizes emocionais, sua história vívida, o amontoado de fotos e os relatos que às vezes eram modificados para seu benefício. Tudo que ele amou, tudo que ama estava por um fio. Um fio que se dissiparia com a doença.

E agora, mesmo em negação, estou sentindo, como ele também está sentindo, que tudo que um dia Charles Wicks foi, está se perdendo dentro de sua cabeça. Entramos no carro, eu quis dizer algo, não disse. Dirigi. Sofri em uma angústia forte, me perguntando, indagando, perdida entre porquês e porquês.

Quero acreditar que não é verdade, quero acreditar que os resultados estavam errados, mas há um tempo sinto que meu avô está se desligando. Na semana passada ele parou no corredor e não soube dizer o que queria fazer, voltou para o quarto, depois saiu e finalmente foi ao banheiro. Morgan já notou, Chase também, eu estive em negação, mas agora vejo claramente.

Em casa sigo meu avô até o quarto, ele me pede para ficar sozinho. Vou

para a sala, sento-me no sofá, passo a mão no rosto e me sinto perdida. Tudo que pensei que estava concreto se desmoronou. A única coisa na minha vida que era firme ainda era minha família. Meu avô. Nós tínhamos uma cumplicidade tão forte, tão viva, que só de pensar que um dia ele pode olhar para mim e não me reconhecer, dói.

Pouco depois, o grisalhinho aparece, está com um sorriso no rosto, um sorriso que parece ter sido costurado pelo esforço que ele estava fazendo para mantê-lo na face. Coloca as almofadas no canto e se senta ao meu lado.

— Por que está triste? — Levanto a cabeça, encontro seus olhos castanhos claros, as rugas se formando em volta do seu olhar.

Sorrio em meio à dor.

— Não estou triste. — É difícil pronunciar essas palavras sem que elas pareçam tão falsas.

— Não se preocupe, talvez seja um conforto não ter tanto o que pensar.

— Pare com isso, senhor Wicks — sou severa em minha fala.

— Com o quê?

— Você está desistindo, tem tratamento... — Tento buscar alguma coisa para nos agarrarmos.

— Mas não tem cura.

Seu único argumento refuta qualquer um que eu possa ter.

— Pode não ter cura, só que eu tenho esperança — aperto os lábios, as lágrimas querem se formar, eu as seguro porque não quero que vovô as veja.

— Há coisas que eu sinto, e eu sinto que estou me perdendo aos poucos.

— Por favor... Não diz isso.

— Já leu Funes, o memorioso? — Mudou a conversa, ele nunca deixava que as coisas ficassem tristes demais.

— Não.

— Conheci um argentino que era fã de Jorge Luis Borges e ele me fez ler

esse livro.

— Sério? — Vovô e suas histórias, ele tinha tantas e eu amava ouvi-las.

— Sim, bom, o argentino era um filho da puta, mas o conto é muito bom.

— Tira-me um sorriso em meio à descrença. — Irineu Funes é o protagonista da história que, depois que sofreu um acidente, sua memória se tornou extraordinária.

— Um super-herói das lembranças?

— Não exatamente. Funes era capaz de recordar os mínimos detalhes de qualquer coisa ou acontecimento, desde o mais perceptível ao mais ínfimo traço. Viver, para ele, era recordar. Tudo lembrava, tudo sabia.

— Queria ser igual ao Funes então, não consigo guardar receitas com tanta facilidade.

— Não pense assim. A super memória no conto é retratada como uma maldição, pois Funes não conseguia dormir e, pior, não conseguia pensar, porque estava perdido na sua memória, catalogando todos os seus pensamentos. O personagem se sente imobilizado pela memória ao ponto de ser incapaz de pensar e agir, por isso ele acaba se tornando um prisioneiro dos fatos passados, que para ele eram tão vívidos quanto o presente.

— Pensando por esse lado... Talvez não seja tão bom uma super memória. — Quero entender onde o vovô quer chegar.

— É aí onde quero chegar, o esquecimento é condicional para a memória. Para Funes não há passado, porque tudo está presente em sua memória. É importante recordar, mas também é importante esquecer.

— Não se deve esquecer de tudo.

— Eu sei, sei que tudo que eu já fui e sou será esquecido por mim, eu não tenho uma super memória, na verdade, ela está falhando, estou me desconectando aos poucos, esquecendo. Eu me recordei, recordei e recordei de tantas coisas, coisas que me machucaram e me levaram para o passado.

Entendo o que ele quer dizer, eu nunca soube por que se separou da minha avó, ela nunca contou, nem ele, mas era algo que o machucava, pois a vida dele nunca mais mudou. Continuou no mesmo bairro, mesma casa, não se casou de novo, trabalhou em uma oficina a vida toda e agora que se aposentou, ajudava meu pai quando podia no trabalho dele. Acontece que, Charles Wicks, ou apenas vovô Charlie, simplesmente viu o tempo passar, não viveu porque estava preso em uma memória do passado. Memória a qual eu nunca soube qual era.

— Minha vida estagnou desde o momento em que sua avó foi embora, estou preso nessas lembranças e agora chegou o momento que devo esquecê-las, porque eu não vivo mais por causa delas. Sou incapaz de pensar, sou incapaz de agir.

— Vovô... Você ainda ama a vovó?

Ele fica quieto.

Desconecta-se.

— Não me lembro. — Sou incapaz de dizer se ele estava mentindo ou falando a verdade.

— Se fosse possível classificar as memórias e só esquecer as ruins... — Aperto sua mão.

— O pior é que temos mais tendência de esquecer as boas. Para que serve a memória? Se não para lembrar e *esquecer*.

Uma lágrima cai, porque eu também sou incapaz de não me sentir desolada...

— Não fique triste, eu quero ver o seu futuro, só que talvez eu não seja capaz.

— Você vai ver, vovô, é claro que vai ver.

— Não sei, talvez meu corpo esteja presente, mas o meu eu, não.

— Há métodos para se ter uma condição de vida melhor, e a doença às

vezes não progride tão rápido. Vamos esperar, está bem? — Repito o que o médico nos disse.

— Sim... — Afirma, não por ter esperanças e sim para me dar esperanças.

Eu o abraço e choro como uma criança, inconsolável. Mesmo um pouco perdido, tentando catalogar suas lembranças, vovô afaga meus cabelos e diz:

— Eu tive muita sorte de ter uma neta como você. — Com os olhos molhados vejo os dele marejados.

— Não, vovô, eu que tenho sorte de ter você. — Ele segura suas lágrimas e sorri levemente. — Sua memória pode não ser extraordinária, mas você é extraordinário.

Abraço-o forte.

— Agora chega de chorar, vou fazer aquele café. — Sei que ele está tentando ser forte e quero que seja forte. Por isso concordo. Temos que parar de chorar.

Levanto-me e o sigo até a cozinha.

— Como vamos contar para o papai?

— Deixa que eu conto. — Ele procura pelo pote de café e não o encontra.

— Mesmo?

— Sim, só me ajude a achar esse bendito pote de café, eu não lembro onde eu o guardei essa manhã.

Ele está estressado, cansado, mesmo assim, com todo carinho eu mostro que guardou sem querer o pote na geladeira. Nós rimos. Vovô chorou. Agarrou o pote de café e chorou. Seguro as lágrimas e tento ser forte, mas meus olhos ardem.

— Por que está chorando, vovô?

— Porque eu gosto muito de café.

Nós rimos de novo, um riso choroso.

As lágrimas secaram sozinhas, cada partícula de dor causada pela notícia



ainda estava presente, contudo, o que poderíamos fazer se não continuar a viver? A memória dessa tarde se fixou em mim. Fiz bolo de chocolate, nós comemos. Conversamos, rimos muito, choramos muito.

No final do dia deixo meu pai e meu avô sozinhos para conversar, foi um pedido que eu acatei, iria para a casa dos vizinhos, fechei a porta de casa quando notei um carro se aproximar e estacionar:

— Phillipe? — Aproximo-me do carro. Eu não me lembrava de ter marcado nada com Dante. Droga. Não até o momento. Nós tínhamos marcado de jantar juntos.

— A senhorita já está pronta?

— Oh, desculpe, pode dizer para o Dante que eu não vou?

— Algum problema?

— Não. Eu só estou cansada.

— Tudo bem, eu o aviso.

— Obrigada.

Assim que ele parte, eu desisto de ir até os vizinhos e me sento na escada, estou tão perdida, em um buraco negro, que não consigo nem sair de onde estou. Meu celular toca algumas vezes, vejo que era meu falso namorado. Não atendo. Se eu atendesse teria que inventar alguma desculpa e, sinceramente, não estava com cabeça para isso.

Não sei quanto tempo se passou, no entanto, foi tempo suficiente para que Dante se deslocasse de onde quer que ele estivesse para a porta da minha casa. Dessa vez, ele estava com o próprio carro, sem Phillipe. Vejo-o vestido de maneira formal e com um toque despretensioso.

Olho para o rosto dele e gravo suas feições de novo, porque todas as vezes em que o vejo nunca é igual. Meu coração sempre muda a frequência de suas batidas.

No último mês, Dante tem sido bem condescendente com as minhas

exigências, por isso está sendo tão fácil me manter longe de suas mãos. Estar longe de seu toque e ao mesmo tempo perto estava sendo uma tortura, apesar de ser bom conhecê-lo sem tocá-lo, aos poucos ele abriu um pouco mais de sua vida para mim. Nós conversávamos em nossos encontros, muito, mesmo assim o meu falso namorado não me contou nada sobre sua mãe ou irmão.

Falávamos dos jogos, dos Giants e de alguns anseios para o futuro, Dante planejava passar a parte dele do restaurante para o nome de Thomas, embora ele quisesse ter feito isso antes e o amigo foi contra. Para o Hurrón, o restaurante já era inteiramente do melhor amigo, só faltava formalizar.

Levanto o olhar para ele quando para em frente à escada.

— Me deu bolo para ficar olhando a vizinhança? — Pergunta.

Dou de ombros.

— Tínhamos fotógrafos nos esperando, podia ter me avisado antes — coloca as mãos no bolso da calça e levanta a sobrancelha, esperando qualquer tipo de reação minha.

— Desculpe.

Tenciona o maxilar.

— Tem algo errado?

A porta de casa se abre e meu pai desce as escadas.

— Tudo bem, pai? — Inquiro, seus olhos estão cinzentos.

— Sim, eu vou... Caminhar. — Responde-me e logo após cumprimenta Dante e nos deixa a sós.

Levanto-me limpando minha calça atrás.

— O que aconteceu? Você e seu pai estão estranhos.

— É um problema familiar, você não é meu namorado, não devia se preocupar.

— Pensei que tivéssemos superado isso.

— Superado o quê?

— Você é minha namorada, quer dizer, é até o fim da semana.

— Não sou, isso não é real, se fosse, muitas coisas seriam diferentes...

— Tipo o quê? — Semicerra as pálpebras.

A porta se abre de novo revelando meu avô. Ele está com os olhos muito perdidos e por um momento pareceu desconectado:

— O que foi, vovô?

Não responde, parece que esqueceu o que iria fazer, por isso o ajudo:

— Está procurando o papai? Ele foi caminhar.

Parece que algo volta a se acender dentro dele e sorri:

— Ah, olá Dante, vocês vão sair hoje à noite?

— Sim.

— Não — retruco.

— Bom, se não vão sair, entre e tome uma dose de mezcal comigo, garoto. Ganhamos uma garrafa mês passado e eu ainda não abri — cutuca Dante, parece que esqueceu que foi o próprio convidado quem deu esse presente.

— Obrigado pelo convite, mas...

— Não me diga que não aguenta?

— É claro que eu aguento.

— Então venha.

— Vovô...

— Não me censure, prometo que não vou te fazer passar vergonha. Mentira, eu vou sim. — Dá uma risadinha abafada.

Não gosto disso, não gosto de Dante tão inserido em minha vida, porque quando ele tiver que sair, vai ser mais doloroso do que eu estou imaginando. Entramos em casa, observo eles conversarem sobre as possíveis contratações do Draft, pego os copos, vovô serve as doses. Brindamos sem nenhum motivo exato sentados à mesa.

A bebida desce queimando e eu observo a visita indesejada fazer uma

careta.

— Vai se acostumando, garoto, se quiser entrar para família vai ter que entender que os Wicks não são fracos.

— Estou vendo de onde a Rosalie puxou esse jeito durão...

— Esse jeito durão ela não puxou de mim, é do pai dela, ele saiu correndo daqui porque tem medo de chorar.

Somos acertados em cheio por essas palavras. Dante me olha apertando as sobrancelhas, tentando encontrar em minhas feições alguma resposta.

— Vovô...

— Vou pedir comida chinesa, vocês querem?

— Oh... O Dante tem que ir embora, mas eu quero.

— Na verdade, eu não tenho que ir embora, também quero comida chinesa — me afronta.

— Que ótimo — vovô vai até o telefone e faz um pedido gigante. Depois volta com um sorriso na face e começa a falar de futebol novamente com Dante, eu apenas observo a conversa, querendo que esse dia termine logo para eu ir até meu quarto chorar sozinha.

Eles conversam, tomam mais uma dose de mezcal e eu digo:

— Não beba muito, vovô. — Quero cuidar da saúde dele, mesmo que não me desse ouvidos.

— Estou bem.

Meu pai não chega, mando mensagem e ele diz que vai dormir fora. Por quê? Por que tinha que ser um covarde o tempo todo? Será que ele não podia vir e encarar essa situação? Eu o amava, mas era muito claro que era um medroso.

— O papai vai dormir fora — aviso.

— Dormir fora? — Meu avô pergunta.

— Sim, acho que vai ficar na casa da namorada.

— Namorada?

— Pamela, a vizinha dos pinschers, lembra? — Ele não esboça reação. — A Pam... Ela nos indicou o doutor Elliot Harper, seu neurologista. — Dou o máximo de estímulos para que ele se lembre.

— Oh... — Confirma com a cabeça.

A campainha toca e eu vou pegar a comida, Dante vem atrás de mim e resolve me interceder na hora de pagar.

— Pare com isso, você está na minha casa, não precisa bancar o pagante.

— Eu vou comer também, então posso contribuir — entrega uma nota para o entregador que era mais do que suficiente. Reviro os olhos. Levo a comida até a cozinha e desembalo enquanto vovô pega os talheres.

Nós comemos. Eles não estão desconfortáveis, eu estou desconfortável. Quando o vovô serve mais uma dose de mezcal eu o intercepto e bebo a dose dele.

— Chega, por favor...

— Tudo bem... Hum... Dante, você quer um cupcake?

— Não sou muito de doces.

— Ah, mas desse você vai gostar. — O meu maior fã pega os cupcakes que fiz ontem à tarde e os coloca na mesa.

— Qual você quer? — Mostra dois a Dante.

— Me parecem iguais.

— Escolhe, vamos ver se você tem sorte.

O meu *namorado* me olha desconfiado e pega o cupcake da mão esquerda do vovô. Ele morde o bolinho e nós dois o olhamos com expectativa.

— Recheio de framboesa — constata e mostra a parte mordida com o recheio vermelhinho.

— Sortudo! Toda vez eu como os de blueberry. — Vovô morde um e mostra a ele o recheio azul.

Isso arranca uma risada da minha parte.

— Não entendi, qual é a parte engraçada? — Dante pergunta.

— É apenas uma brincadeira minha. Sabe aquele jogo, bem-me-quer, malmequer? O cupcake com recheio de framboesa é bem-me-quer, já o de blueberry é malmequer. Eu fiz para as crianças da instituição que meus amigos são voluntários.

Penso que o Hurrón vai rir, só que ele não ri, parece pensativo.

— Eu gostei. Você tem boas ideias, o recheio é muito bom e a massa é tão macia.

— Minha neta é incrível na cozinha.

— Parece que sim, senhor.

— Me chame de Charlie ou vovô, não de senhor, eu sou velho, todavia, prefiro não ser lembrado disso.

Nós rimos.

— Tudo bem, Charlie. Bom, parece que até os cupcakes estão dizendo que sua neta gosta muito de mim — dá uma piscadela e eu quero mordê-lo por ser tão presunçoso e porque ele está charmoso demais.

— Você está certo, nunca a vi tão apaixonada, mas você também está apaixonado, não é? Vocês dois juntos exalam paixão. — Deus, alguém pare meu avô, ele está fora de si.

Eu ruborizei, e Dante — que normalmente era pálido — ficou com as feições mais vermelhinhas. Será que ele finalmente se decidiu sobre o que sentia? Pego um cupcake e o mordo. O gosto de framboesa é inconfundível. *Bem-me-quer*.

A questão é que o universo quer me fazer de trouxa.

— Já pensou em comercializar isso? — Sou tirada do devaneio pela voz do Hurrón.

— Ah, não saberia nem por onde começar.

— Que tal vendendo pela vizinhança? Sua mãe começou assim com os bolos dela. — Vovô diz.

— Não sei... Será?

— Não vai saber se não tentar.

— Eu posso te ajudar, já pensou em ter seu próprio negócio? — Dante me pergunta e era tudo que eu queria e não queria ao mesmo tempo.

— Eu quero ter meu próprio negócio, só que ainda não sei como começar...

— Você abriria uma confeitaria ou um restaurante?

— Talvez um Sports Bar, sabe? Onde os clientes possam ver os jogos e se deliciarem com a comida.

— Teria que ser inovador, há muitos Sports Bar. — Noto um brilho novo em seus olhos.

— Eu fui em um na semana passada com o Bill. — Vovô comenta.

— Semana passada? Faz semanas que você foi com ele...

— É mesmo? Era um bar excelente.

Suspiro.

— A conversa está ótima, mas acho que devemos todos dormir, não? — Indago. Quero mandar Dante embora logo.

— Vocês podem dormir juntos, aqui, se quiserem — estou chocada com a modernidade do senhor Wicks.

— O quê?! Claro que não, isso não é necessário — rejeito a ideia na mesma hora.

Dante engole em seco.

— Qual o problema? Ou se quiser, pode ir dormir na casa dele, vocês são jovens, têm que aproveitar a vida, precisam usufruir de cada momento que tem e terão juntos. — Ele está nostálgico, não quero contrariá-lo, entretanto, de forma alguma eu ia aceitar sua sugestão.

— Posso mesmo dormir aqui? — Dante pergunta. O que ele estava querendo? Tirar-me mais do sério? Pois estou a um passo de esganá-lo.

— É claro que pode.

— Tudo bem, então eu fico. — Que cara de pau! O fuzilo com o olhar, pedindo para que pare de dizer o que não deve, mas ele apenas coloca a mão no bolso.

Vovô se levanta da cadeira e diz:

— Vou me deitar, minhas costas estão me matando, durmam bem e... Comportem-se. — Seu tom era de ironia na última palavra.

Assim que ficamos sozinhos na cozinha eu me viro para o reizinho e pergunto:

— O que você pensa que está fazendo?

— Nada... Onde é seu quarto? — Caminha para fora da cozinha e eu o sigo.

— Não é da sua conta.

— Vou procurar.

— Se eu te mostrar meu quarto para satisfazer essa sua curiosidade bizarra, você vai embora?

— Fechado. — Não acredito em suas palavras, passo a andar à sua frente, subimos as escadas e caminhamos até chegarmos ao fim do corredor onde era localizado meu quarto. Abro a porta e entro seguida dele.

Primeiro Dante observa meu armário branco com um espelho no meio, depois a cama arrumada e coberta por uma colcha azul. Seus olhos percorrem a minha estante de livros e passam a olhar o tapete marrom no chão. Caminha e encontra fotos na parede em um mural.

Tenho muitas fotos no estádio, fotos com jogadores, com meus pais, vovô, com Chase e com Morgan.

— Então não tem nenhuma foto minha aqui? — Pergunta incrédulo.



— O que você esperava? Que tivesse um pôster gigantesco com seu rosto no meu quarto?

— É... Era de se esperar da fã número um dos Giants. — Continua a analisar as fotos até que se depara com uma que faz seu punho se fechar. — Espera, você tem uma foto com o Joshua?! — Uma veia em sua testa fica saliente.

— Tenho, tirei ano passado.

— E tem um monte de foto com aquele seu amigo que é apaixonado por você?

— Nós nos conhecemos há anos, então... temos muitas fotos juntos sim. Bufou.

— E nenhuma foto comigo?

— Não.

— Nem no seu diário?

— Eu não tenho diário.

— E no seu celular? — Sua voz soa mais rouca à medida que as perguntas continuam cada vez mais invasivas.

— Qual é o seu problema? — Cruzo os braços. — Nós temos inúmeras fotos juntos. É só digitar DanRosie no Google.

— Mas não há nenhuma em seu quarto, pensei que tivesse mais consideração com o rei da NFL. — Há confusão em seu rosto.

— Desculpe, só que eu já te disse que eu não sou sua fã. — Seguro meu olhar no dele.

— É mesmo?

— É...

Dante deixa as fotos e se senta na minha cama, retirando os sapatos com os pés.

— O que está fazendo?

— Estou cansado, quero dormir.

— Vai mesmo fazer isso?

— Vou.

Expiro o ar com força, decidida a ignorar sua presença.

Tiro o tênis e coloco-os em um canto. Abro meu armário e pego um pijama, deixo-o na cama e entro no banheiro. Ligo o chuveiro e respiro fundo em frente ao espelho, o dia já havia sido duro o bastante, e eu estou tão emocionalmente instável que ter Dante perto de mim não era uma boa coisa.

Tiro a roupa e coloco uma toalha no cabelo para não molhar, entro no box gostando da água quentinha que me afofava tão bem. Demoro. Fico muito tempo embaixo d'água, torcendo para que o Hurren tivesse cansado e fosse embora. No entanto, quando saio do banheiro enrolada com a toalha, ele ainda está na minha cama. Sem camisa e muito confortável, deitado do lado direito da minha cama.

Droga, eu não devia ter comprado uma cama tão espaçosa. Se é dormir comigo que ele quer, então o.k. Vou deixá-lo dormir comigo.

— Pode se virar? Tenho que trocar de roupa.

Dante se vira de lado e eu visto meu pijama muito rápido, depois volto para o banheiro, escovo os dentes e volto para o quarto.

— Tem escova de dente no meu banheiro se quiser usar.

— A sua?

— Não, né. Não vamos dividir uma escova de dentes, é nojento. Deixei em cima da pia, é nova. — Eu sempre tinha escovas de dente a mais, pois a trocava com frequência desde que fiquei traumatizada com um documentário sobre germes. Dante se levanta e vai até o banheiro, pouco depois volta e se deita, mas sem entrar embaixo da coberta.

— Eu vou dar boa noite para meu avô. Você ainda pode pular a janela e dar o fora daqui, se quiser.

Ele puxa a coberta e se cobre em resposta. Mexo a cabeça em desaprovação. Vou até o quarto do vovô e bato duas vezes antes de ele permitir que eu entrasse.

— Eu já estava quase dormindo.

— Desculpe, não ia conseguir dormir sem ver como você está.

— Eu estou bem, não se preocupe. — Ajeita o travesseiro.

— Por que deixou o Dante dormir aqui?

— Porque você precisa dele hoje.

— Não preciso, quem precisa de alguém é você... Não quero que fique sozinho.

— Não preciso que minha neta seja minha babá... Anda, vá dormir, amanhã eu ainda vou estar aqui.

É o que me conforta. Ele ainda vai estar *aqui*.

— Boa noite, vovô... — Beijo sua testa.

— Boa noite. — Fecha os olhos cansado e eu apago a luz ao sair.

Volto para o quarto, Dante está no celular, mas logo o coloca de lado quando me vê. Deito-me e apago a luz, ficamos no total escuro.

— O que aconteceu com você e sua família hoje? — Pergunta.

— Você não queria dormir comigo? Então vamos dormir.

— Quero conversar e isso parecia impossível se eu não ficasse aqui.

— Por que quer saber?

Fica em silêncio tentando achar alguma desculpa no vazio do escuro.

— Porque eu nunca vi seus olhos tão perdidos.

— Problemas acontecem, a vida não é perfeita. — Encolho-me no lado direito da cama.

— Seu avô está doente?

— Está... — Encolho-me ainda mais.

Silêncio.

— Sinto muito.

— É Alzheimer. — As palavras saem da minha boca sem eu permitir, a realidade era que eu estava sufocada com isso.

— Eu não sei o que dizer, seu avô me parecia tão bem, sempre o vi tão ativo e falante..., No entanto, no jantar, estive um pouco perdido em algumas conversas.

— É...

— Vocês precisam de ajuda? De um médico? Posso indicar muitos.

— Nós vamos dar um jeito.

— Não seja orgulhosa.

— Não sou.

Mais um silêncio.

— Quer que eu vá embora?

— Não.

— Posso? — Sinto-o mais perto até que sua mão encosta em meu ombro.

— Sim.

E me abraça por trás. Abraça-me muito forte. Tremo ao reprimir as lágrimas, mas é em vão. Não quero que ele veja que estou chorando, pois estou. Permaneço na mesma posição. Meu peito dói. É difícil de respirar.

— Vai ficar tudo bem... — Sussurra próximo ao meu ouvido. Quero acreditar que sim, é difícil. Parece que minha vida passou da felicidade para a infelicidade em questão de pouco tempo.

Mesmo não estando bem, meu avô conseguiu ser tão sábio. Ter Dante ali comigo era como se ele segurasse meu coração e o envolvesse com carinho. Afeto. *Com amor*. Viro-me para ele e aceito seu abraço. Retribuo. E então as coisas ficam diferentes.... Deslizo a mão pelo seu peito e sinto seu coração bater forte como o meu, talvez até na mesma frequência. Algo dentro de mim se mexe, aquela parte errática que estava descansando. E meu coração, que

até então estava envolvido por ele, passou a ser apertado. Sinto-o como se estivesse gritando, pedindo por socorro, pedindo para que Dante pare de apertá-lo. Mas eu não me afasto porque a sensação de estar em seus braços é como um ciclo vicioso, quanto mais eu tenho, mais eu quero.

Estou sem defesas.

Uma respiração minha escapa, ele a pega. Está escuro, ainda assim, consigo colocar os lábios na bochecha dele. Minhas lágrimas frias contra a sua face quente.

— Não chore. — Pede-me em um sibilo. Sua boca se move e beija cada lágrima que começa a cair.

Quero perguntar por que se importa, por que está ali e ele me responde com a pressão que suas mãos fazem em minhas costas. Eu nunca senti ninguém como o senti naquele momento. Eu nunca experimentei tanto sentimento em um abraço.

— Desculpe...

— Pelo quê?

— Você sabe.

Eu sei. Será que suas desculpas eram por tudo ou por nada?

Fechos os olhos. Aspiro seu cheiro.

— O que aconteceu com sua mãe? — Pergunto, ele tirou algo de mim e eu queria tirar algo dele. Sinto-o se reter em nosso abraço.

— Ela foi embora, não tem mistérios.

— E nunca te contatou?

— Só uma vez...

— E?

— Nada. Ela marcou um encontro e não apareceu, a realidade é que minha mãe me esqueceu por livre e espontânea vontade.

Sinto um aperto no coração ao ouvir suas palavras de angústia. Pensar em

ser esquecida pelo vovô partia meu coração, Dante foi esquecido por sua mãe, isso me faz pensar no quanto ele sofre ainda por isso.

— E seu irmão?

Sinto sua respiração densa.

— Ele é um bastardo.

Quero entender a expressão que usou, sei que isso é querer saber demais. Era difícil tirar algo dele, mas eu estava progredindo. Faltava pouco para o nosso fim e mesmo não sabendo muito sobre o seu passado, conheço cada vez mais o Dante do presente.

Gosto dele.

E acho que ele gosta de mim.

Só que o primeiro a dizer é o primeiro a entregar o coração sem perspectivas de retorno e navegar nas águas desconhecidas do amor sem colete salva-vidas. Apaixonar-se era cair em queda livre e amar era não encontrar o chão.

Afastamo-nos um pouco, mesmo assim, ainda sinto seu braço em minha cintura.

— Você já amou alguém? Como um homem ama uma mulher?

— Não.

— Você já? — Há uma ânsia por resposta em sua pergunta.

— Um dia eu pensei que sim.

— É o noivo daquela garota?

— É...

— Vocês foram namorados?

— Nós ficamos um tempo juntos, mas não fomos namorados.

— O que ele fez com você? — Sinto sua mão em meu queixo. Era mais fácil me abrir quando eu não via seus olhos.

— Me tratou como uma piada.

— Um babaca.

— Não diferente de você.

*Silêncio.*

— Ele foi o último cara que você transou?

— Qual foi a última garota com quem você transou? — Respondo-o com uma pergunta.

— Faz um tempo...

— Quanto tempo?

— No que isso é relevante?

— No que é relevante saber qual foi o último cara que eu transei?

— Porque ele parece te afetar, porque depois dele você está com medo de fazer sexo. Ele te machucou?

— Não fisicamente.

— Foi ruim?

— Não foi ruim, mas não foi bom.

— Você gozou?

— Não.

— Você já gozou com alguém?

*De forma indireta. Com você, penso.*

— Somente sozinha.

— Porra.

Estremeço, sentindo suas expectativas em minha pele.

— Posso te tocar?

— Pode — falo baixo porque tenho vergonha do que estou dizendo, contudo, ele não tem vergonha, porque logo puxa todo meu corpo para si, apertando, sentindo-o. Suas mãos acariciam meus ombros, seus dedos fazem promessas em minha pele. Inspiro com sofreguidão. Se ele me dissesse que queria tornar esse namoro real eu aceitaria nesse momento, aceitaria, o

beijaria e moraria em seus braços.

Não diz. Apenas me toca fazendo marcas tão profundas que entram em mim e se espalham de tal forma que eu jamais as acharia se procurasse. Sua próxima respiração é tomada pela minha, colidindo nossos lábios, seu beijo assume uma postura quase possessiva, as mãos estão ora em minha cintura, ora em meu quadril.

Sua língua acaricia a minha e mergulha dentro da minha boca. É tão quente e tão gostoso o beijo, tanto quanto a proximidade de nossos corpos. Seus lábios me envolvem e me alucinam como uma droga. É viciante. Minhas mãos estão nele, apertando suas costas, puxando-o mais para mim, pedindo mais daquele beijo, pedindo que suas mãos tão lascivas me invadissem mais.

E ele faz. Como faz.

Sua mão passa pela minha barriga fazendo formigar ali. Depois sobe e encontra a curva dos meus seios, e é o momento em que devo ceder ou dizer para parar. Eu gemo baixo, muito baixo quando ele se afasta, depois me toma de novo chocando sua boca na minha em um beijo frenético, que termina com uma mordida em meu lábio.

Inclino-me para ele em uma permissão não oral, meu coração martela em meu peito, doido para encontrar com o coração dele. Sinto que é o ápice das sensações quando Dante toca em cada seio, acariciando ora um mamilo, ora outro.

Estou indo ladeira abaixo, caindo sem perspectivas de encontrar o chão.

O formigamento que sinto com seu toque é só o prenúncio do que podia acontecer se continuássemos. O arfar de sua boca denunciando sua excitação é como algo gritante, informando que estávamos passando de todos os limites. Não paramos, porque estamos inebriados demais. As ondas do meu corpo que colidem com suas ondas são furiosas. Há fúria no nosso beijo, há



fúria em nossos toques.

Ele me rouba um beijo e eu o roubo de volta, e continuamos nos roubando, continuamos nos tocando para queimar cada partícula de desejo que são como fênix e renascem dentro de nós e se multiplicam. É pouco o que estamos fazendo para extinguir esse desejo, precisamos de mais.

Preciso dele dentro de mim, preciso dele me preenchendo, porque só assim vou conseguir parar de pensar nisso.

— Não posso... — Afasta-se aos poucos deixando minha boca fria. — Não aqui, não do jeito que você está. — Suas palavras são como um tapa na minha cara, ou melhor, no meu coração.

Afastamo-nos como se um relâmpago tivesse anunciado que tínhamos ido longe demais. Dante tem razão, eu não estou bem. Não podemos fazer isso, não aqui, não agora.

*Silêncio.*

— Você está bem? — Pergunta após longos minutos no vazio.

— Estou.

Sinto que vou chorar de novo, porque estou perdida no mesmo vazio que ele.

Aproxima-se. Envolve seus braços em mim de novo. Comprimo os lábios. Fechos os olhos. Respiramos. Habitamos nos nossos sentimentos. O que sentimos nesse instante não pode ser expresso entre aspas, nem em itálico, o que sentimos devia ser escrito através de letras garrafais em negrito.

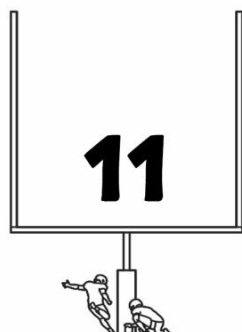
Não vou dizer o que é, porque tenho medo das palavras caírem dos meus lábios e morrerem nos dele.

Eu senti.

Ele sentiu.

Seu suspiro preenche meu coração.

Fecho os olhos e encosto-me em seu peito até adormecer.



## A NOIVA DO QUARTERBACK



## Capítulo 11

Acordo no dia seguinte com duas batidas na porta. Sinto minha cabeça doer como se eu estivesse acordando de um terrível porre. A minha sanidade volta muito rápido, fico me perguntando o que aconteceu com ela na noite anterior. Tenho um sobressalto pensando que podia ser meu pai batendo na porta, mas a voz do vovô é inconfundível:

— Venham tomar café.

Dante ainda está abraçado a mim, estou de costas para ele, a nossa proximidade é tão grande que eu consigo sentir algo, precisamente, algo duro. Oh, céus. Os homens acordam excitados. Certo. *Aja naturalmente, Rosalie.*

Tiro sua mão da minha cintura para conseguir me afastar sem acordá-lo e me movo ligeiramente da cama. Ouço um resmungo, o meu companheiro de cama acorda.

— Bom dia, *namorada*.

Ele faz uma brincadeira porque sei que não quer falar sobre a noite anterior. Dante era assim, ria para afastar os sentimentos, ria para afastar a dor, ria para me afastar.

— Bancando o engraçadinho logo cedo?

Viro-me e vejo seu sorrisinho que preenche o meu.

— Se levante logo daí, está abusando demais da minha boa vontade.

— Não ganho nem um beijo?

— Vai ganhar um tapa se continuar com seus joguinhos. — Alguém me dá um tapa na cara? Porque estou com um sorriso gigante demais.

Levantou-se e meus olhos param automaticamente naquele volume. Foi involuntário. Uma onda de calor me invade, engulo em seco reprimindo. *Preciso ser forte, preciso ser forte.* Aperto os olhos e levanto a

cabeça:

— O que estava olhando?

— Nada...

— Seus olhos te denunciaram... — Aproxima-se.

— Você quer que eu faça o quê? Está bem explícito.

— Gostou?

— Não sei, não vi direito.

— Então olha de novo.

Abaixo os olhos, a ereção mais do que evidente na sua calça, pedindo só por um olhar, ou melhor, um toque. Seus olhos mudam, está ansioso.

— Deve ter melhores por aí...

Não sei mesmo se havia melhores por aí, porque o dele, meu Deus, não tenho nem palavras para expressar e nem quero descrever para não cair nessa tentação. Acontece que nós estamos em um jogo perto do fim e eu queria ser a pessoa que daria a cartada final.

Solta o ar pelo nariz, irritado e se afasta. Vou até o banheiro e depois ele usa quando saio. Deve ter dado um jeito na ereção porque está tudo de volta ao normal quando sai. Vamos até a cozinha, esse era o momento que eu poderia enxotar Dante de casa, mas vovô tinha feito um belo café da manhã com panquecas — massa que fiz no dia anterior — e café fresco, era sinal de que estava animado.

Sinto-me envergonhada quando vovô dá aquele bom dia nos olhando com expectativa. Pego o café e acabo servindo automaticamente para todos nós, coloco torradas no meu prato e pergunto para Dante se ele quer, nega, pede só as panquecas.

— Framboesa ou blueberry? — Pergunto.

— Framboesa.

Coloco a fruta em seu prato, vovô começa a comer ovos mexidos. Dante

passa geleia na minha torrada quando digo que quero e coloca duas colheres de açúcar no meu café, era como eu gostava. Nós começamos a comer quando o mais velho da mesa de repente começa a rir.

— O que foi? — Paramos para olhá-lo com espanto.

— Vocês dois... Parecem casados.

Deixo a torrada cair no prato.

— Tem uma sintonia muito forte entre vocês. — Joga na mesa essa vergonha e volta a comer seus ovos calmamente, como se nada tivesse acontecido, e eu fico feito boba tentando encontrar as frutas derretidas na geleia da minha torrada para não olhar para Dante.

Só ouço o barulho dos talheres da parte dele. Vovô lê o jornal e começa a comentar algumas notícias até que finalmente essa tortura matutina termina quando a visita indesejada resolve ir embora:

— Obrigado pela hospitalidade, Charlie.

— Volte sempre que quiser.

Acompanho Dante até a porta:

— Nunca mais faça isso, o.k.? — Falo baixo para que só ele escute.

— O Phillipe vem te buscar às onze da manhã na quinta-feira. — Ignora-me e eu anelo ao fechar a porta.

Pego meu celular e mando uma mensagem para meu pai:

*“Onde você está? Acha bonito deixar seu próprio pai sozinho quando ele mais precisava de você?”*

— Vou caminhar, não se preocupe, o Bill vai junto. — Vovô avisa calçando o tênis de caminhada.

— Tudo bem, você vem almoçar?

— Vou comer um sanduíche depois, não se preocupe comigo.

— O.k. Se cuide — Há um medo em minha voz, ele precisa sair, é claro, ainda assim estou receosa.

Arrumo a cozinha e quando finalmente estou sozinha, pego meu celular e ligo para minha avó. Sei que se o vovô souber o que estou fazendo ele vai ficar muito bravo, mas é mais forte que eu, porque sei que tem algo inacabado entre os dois que precisava ser resolvido.

— Vovó... — Digo quando ela atende.

— Olá, meu amor, aconteceu alguma coisa? Você raramente liga para mim...

— Não aconteceu nada — minto. — Eu só queria saber, quando volta para Nova York?

— Acho que daqui uns três meses...

— Hm...

— O que foi? Está precisando de mim?

Droga, como vou dizer a ela para voltar? Voltar pelo seu ex-marido?

— Precisamos de você...

— Sério? Por quê? O que aconteceu?

— Ow. Nada aconteceu..., Só queria que voltasse, sinto saudades e...

— Estou ficando preocupada, Rosie?

Não posso dizer que meu avô está doente, não é meu direito contar. Não quero que minha avó volte por pena, mas preciso que ela volte, preciso que eles conversem. Não consigo pensar em nada, só em uma coisa, uma coisa que a faria voltar com toda a certeza:

— Porque o papai vai se casar, de novo.

Do outro lado da linha há um grito de felicidade.

— Eu não acredito! Eu nem sabia que Robert tinha namorada...

— Pois é... O papai é tão discreto...

— Oh, então eu preciso conhecê-la, volto em uma semana, tudo bem?

— Claro, obrigada, vovó.

— Eu não poderia estar mais feliz e ainda vou conhecer seu namorado! —

Vibrou. Suspiro o ar da mentira. Eu não posso estar mais arrependida, que mentira mais descarada! Meu pai com certeza vai me matar, entretanto, ele não tem moral nenhuma, eu estava tentando fazer algo, ele, por outro lado, fugiu como um covarde.

Lembro depois de ligar para minha tia Jenna, ela era filha da irmã da minha avó, porém, sempre esteve muito presente na vida do vovô, pois o considerava como um pai — já que não pôde conhecer o seu —, tanto que morou um tempo conosco, pois seu trabalho como cartomante teve suas fases ruins e ela não conseguiu pagar o aluguel. Peço para que venha em casa assim que possível e ela na mesma hora decide que virá no final da tarde.

Eu dei a notícia a ela com meu pai ouvindo tudo da cozinha, já Jenna, que sempre foi muito para frente, alegre e divertida, esmoreceu com a notícia, mesmo assim, ofereceu-se para ficar em casa e cuidar do vovô quando precisasse, ele negou, é claro, mas ela apertou, insistiu e ouviu um sim dele no fim das contas.

Fiquei aliviada, seria muito bom ter mais alguém para lidar com toda essa avalanche. Ainda tivemos um tempo sozinhas para que ela “lesse o meu futuro” na borra do café.

— Oh... Estou vendo aqui... Um laço, um laço muito forte prendendo você a alguém... — Seus olhos se arregalam.

— Certo, é meu laço com o vovô. — Adivinho.

— Ah não... É um laço de paixão.

— Tia, por favor, não começa com essa história.

— Isso me parece casamento à vista.

Gargalho.

— É melhor você ler para o papai, ele é bem capaz que case logo. — Papai novamente tinha saído, ele não queria ficar em casa e encarar que seu pai estava doente. Não engoli essa história, não conseguimos conversar, mas

assim que eu voltasse do Draft nós teríamos uma boa conversa.

— Oh tia, pare com isso.

— Estou falando sério, quero ser madrinha, hein? Fui eu que te ensinei a usar absorvente, fui eu que lidei com suas crises de choro na TPM e que te ensinei a se defender de predadores sexuais.... — Ai meu Deus, ela estava falando mesmo de tudo isso? Como eu morava em uma casa habitada por dois homens e mamãe estava há quilômetros de distância, foi minha tia que lidou com todas as minhas crises femininas.

— Prometo que se um dia eu casar você será dama de honra, está bem?

— Ótimo, espero conhecer um bonitão, sabe o técnico dos Giants? Acho ele uma delícia... — Não era a primeira vez que ela falava de Randy, sempre teve uma enorme queda por ele.

— E o que suas previsões dizem sobre você e ele?

— Que nós vamos nos conhecer em breve, é claro. — Isso não foi uma previsão, foi uma tremenda indireta para que eu arrume um jeito de apresentá-lo.

Senti-me muito leve conversando com ela e antes de ir embora, Jenna me prometeu que voltaria na próxima semana para passar um tempo conosco. Ela morava na Filadélfia há alguns anos, desde que teve um casamento relâmpago e se separou em poucos meses, pelo menos, não saiu perdendo, pôde ficar com o apartamento.

O trabalho como vidente a sustentava, embora suas previsões sempre sejam no mínimo duvidosas, acho que ultimamente ela só anda errando feio. A menos que me surja um noivo de repente, um noivo real, é impossível que eu case esse ano.





Era quinta feira, e Dante e eu estávamos a caminho de Nashville, no Tennessee, para o Draft da NFL. Minha mãe me ligou mais cedo e disse que queria minha presença e a de Dante no sábado em sua casa. Não neguei, porque sair de Nashville e ir para Memphis não era nenhum sacrifício. No entanto, ela não sabia que Dante não iria, pois planejávamos o nosso término logo na coletiva de imprensa que aconteceria na sexta-feira.

Ao lado de Dante no avião, só consigo me recordar do momento em que nos conhecemos. Não diferente, ele estava sentado retesado, olhos fechados e braços cruzados. Quando a aeromoça se aproxima e pergunta o que queríamos beber, eu logo brinco:

— Eu acho que vou querer champanhe — Dante abre os olhos. — Melhor, Coca-Cola.

— E para o senhor?

— Nada.

— Nada mesmo? Nem uma água?

— Não. Estou bem.

A aeromoça ainda está parada o desnudando com o olhar.

— Quero gelo no meu refrigerante — tiro-a da hipnose.

— Ah... Eu já trago. — Move-se finalmente e eu resmungo sem querer.

Pego meu celular para ver as horas, mas Dante pega na minha mão, barrando-me.

— Você nunca aprende?

— Desculpe, você tem tanto medo assim de morrer?

— Você não tem?

— Todo mundo tem, só que acidentes aéreos acontecem com muito menos frequência que acidentes de carro e você usa o carro quase todo dia.

— É, mas aí eu estou no chão e não no ar. Para mim, isso aqui... Não rola.

— Você toma calmantes para voar?

— Não.

— É por isso que fica tão ranzinza.

— Hm. — Fecha os olhos novamente.

— É tedioso ficar sentada ao seu lado, no ano passado eu tive um voo muito agradável ao lado do Joshua...

— É mesmo? — Continua com os olhos fechados.

— Sim, ele é uma pessoa muito, muito, muito agradável — solto um longo suspiro para irritá-lo.

— Então namore com ele.

— Não é má ideia.

Dante abre os olhos e me encara com o maxilar duro. Passamos vários segundos nos olhando até que a aeromoça volta para servir meu refrigerante e eu passo a comer alguns snacks. Finalmente nosso voo aterrissa e nós tivemos certa dificuldade de entrar no carro alugado porque havia muitos fãs querendo tirar foto. Por sorte, ou melhor, por segurança, Dante sempre tinha uma equipe preparada para lidar com isso.

Tiramos muitas fotos até ficarmos exaustos e conseguirmos entrar no carro.

— É tão bom voltar ao Tennessee — suspiro quando saímos do aeroporto.

— Já estive aqui algumas vezes, o frango apimentado de Nashville é muito bom.

— Não é melhor que o churrasco assado lentamente de Memphis.

— Não tive a oportunidade de experimentar.

— E as músicas? Aqui tem de tudo, gêneros que fazem qualquer um dançar, como blues, bluegrass, country, rock 'n' roll...

— Eu sei... Cresci ouvindo blues — na mesma hora me lembro de sua mãe que era do Tennessee também.

— Gosto de blues, rock 'n' roll e de country, Memphis respira Elvis Presley, minha mãe é muito fã.

— Não tanto quanto a minha era, posso apostar... — De repente as coisas ficam estranhas de novo porque sua expressão se fecha.

— Tem algo melhor que tudo isso no Tennessee... — Faço suspense, ele abre a expressão esperando que eu completasse minha frase. — Uísque Jack Daniel's envelhecido em barris de carvalho. — Nós rimos aliviando a tensão.

No saguão do hotel luxuoso eu espero Dante fazer o check-in sentada até que vejo duas pessoas passando por nós, estão abraçados. Meu coração tem um sobressalto, pois o casal se parecia muito com Alexia e Kalel. Será que era possível que fossem eles? Sabia que havia possibilidade de vê-los no Draft, pois Kalel tinha uma chance de ser contratado pelos times, já que estava no College, só que, tinha tantos hotéis, por que justo esse?

Ah não. Isso só pode ser mentira, talvez nem sejam eles, eu só posso estar pirando.

— Vamos? — Dante pergunta com um cartão em mãos.

— Cadê o meu?

— O quê?

— O cartão para eu entrar no meu quarto.

— Seu quarto? Nosso quarto.

— Eu não vou dormir com você.

— É só uma noite.

Uma noite.

A bendita noite.

Não posso fazer isso comigo de novo, não posso dormir com ele, não sozinhos, não em um quarto de hotel.

— Me recuso.

— Então você dorme no chão.

— Você dorme no chão.

— Podemos discutir isso a tarde toda, mas temos muito o que fazer. —

A porta do elevador se abre e em pouco tempo eu já estou observando o quarto luxuoso. A cama era enorme, se fosse necessário, podíamos dormir cada um de um lado e nunca nos tocaríamos. Ainda me lembro da noite em que quase me perdi em Dante. Nós não falamos sobre o que aconteceu, não toquei no assunto e ele muito menos. Espero que essa lembrança apenas viva em nosso pensamento e nunca reviva em nossos lábios.

As malas já haviam sido levadas previamente para o quarto e eu tiro o vestido que usaria dando uma olhada nele, pensando se era a escolha certa. Dante vai até o banheiro tomar banho e eu pego meu celular para responder uma mensagem de Chase:

*“Hey Boo, sinto muito sua falta no trabalho, sinto sua falta em casa, não te vejo mais com tanta frequência, sinto sua falta o tempo todo. Quero conversar com você a sós, quando podemos nos encontrar?”*

Perco longos minutos pensando no que responder e pensando no que ele queria conversar comigo. Ainda estou me enganando querendo que seus sentimentos por mim não sejam apenas uma confusão entre amizade e amor.

*“Estou no Tennessee, lembra que eu te disse que viria para o Draft? Só vou ver o primeiro dia, também vou visitar a minha mãe enquanto estou aqui, estarei de volta domingo. Então... Pode ser no domingo?”*

*“Sim.”*

Sua mensagem é sucinta, porém, sei que há muito mais por trás do que disse. Dante sai do banho enrolado na toalha sem o mínimo de pudor, o que me desconcerta e quase me faz desequilibrar e cair da cama.

Sua toalha cai quando abaixa para pegar uma boxer na sua mala. Engulo em seco porque não é todo dia que eu vejo sua bunda. Deus. Do. Céu. Que

visão, que provocação. Acho que se eu sobreviver a isso essa noite, posso ser canonizada.

Fujo para o banheiro fingindo que não vi nada e passo um bom tempo acalmando as batidas do meu coração e de outra coisa... Após o banho, pego o vestido e o sapato para o evento e parto logo para o salão de beleza. Seria minha última aparição memorável na mídia e eu tinha que estar na minha melhor forma. Ansiosa e apreensiva, sabia que os Giants iriam fazer as melhores escolhas, mas não era isso que me preocupava, e sim Dante e a noite que passaríamos juntos.

Saio do salão com o cabelo impecável, ao contrário do que eu sempre usava, ele estava com ondas perfeitas e com um brilho extremo. Nos olhos, foi feito um lindo delineado, sem muito destaque na sombra, pois na boca foi feito um belo contorno e preenchimento dos meus lábios com batom vermelho, tudo para combinar com meu vestido da mesma cor. Ele poderia parecer simples se não delineasse tão bem as minhas curvas.

O carro que o reizinho alugou me pega em frente ao salão, assim que entro no carro dou de cara com ele elegante e informal ao mesmo tempo. Camisa azul-marinho, calça um pouco mais escura que a camisa e na mão era possível ver seus anéis de campeão da NFL. Os três que ele ganhou nas ligas passadas.

— Está ostentando hoje, hein? — Pergunto depois de me sentar.

Ele está me olhando perdido em meu corpo.

— Preciso mostrar quem é o campeão.

— Metido.

— Eu posso — dá de ombros.

É, o safado podia se achar, pois não era à toa que havia ganhado o título de rei.

Não conversamos, na verdade não nos falamos porque havia uma tensão

muito grande. Uma tensão sexual.

Chegamos ao hotel gigantesco que seria a sede do Draft. Havia um letreiro enorme em frente ao hotel anunciando o evento. Tinha muitas pessoas na rua, Nashville estava indo à loucura com o evento. Dante e eu, rodeados de seguranças, descemos do carro e posamos para as fotos, e logo somos guiados para o interior do hotel.

Estávamos ali apenas como expectadores, Dante já estava com seu lugar no time consolidado, só que ele também já passou por isso, um dia foi um universitário clamando para ser escolhido no Draft. É engraçado como eu o acompanhei desde o começo, não que eu soubesse quem era, mas eu assisti ao Draft no dia em que foi escolhido, os Giants não estavam indo bem e ele foi a primeira escolha da rodada. Nesse dia, o vovô e o papai fizeram festa porque acreditavam que o novo quarterback era a salvação do time. E ele foi, mesmo que no começo tenha sido difícil.

Observamos as coisas acontecerem enquanto estávamos sentados, diversos jogadores veteranos compareceram ao Draft, havia muitos jornalistas esportivos, personalidades famosas, fãs e ex-jogadores.

Logo noto um ex-jogador vindo nos cumprimentar, ele foi um running back dos Giants há muito tempo, eu não o conhecia, entretanto, conhecia sua filha, Alexia Evans.

— Dener Evans, é um prazer revê-lo — Dante se levanta para cumprimentá-lo.

— O prazer é o meu, não é todo dia que se encontra o rei da NFL. — Que grande puxa-saco.

Meu estômago está se revirando porque quem está vindo atrás dele não é só sua filha megera, como também Kalel Combis.

Sinto meu coração despencar até meu estômago e se reverberar.

Pensei que esse momento não chegaria, quer dizer, eu os vi algumas vezes

depois do que fizeram comigo, afinal, tive que terminar o High School, mesmo assim, jamais imaginei encontrá-los nessa situação. Kalel não é mais o mesmo, está muito mais forte, os cabelos castanhos escuros estão mais curtos, seus olhos claros transmitiam confiança. O maxilar robusto é invadido por um sorriso cínico quando me vê.

— Quero que conheça minha filha, Alexia e seu namorado, Kalel Combis — Dener apresenta-os, o casal sorri para Dante, mas noto que estão tensos, pois parecem robôs.

O quarterback olha levemente para mim, como se tivesse reconhecido a Alexia. Na verdade, ele reconheceu, vejo pelo modo que aperta a mão de Kalel, firme, firme até demais.

— É um prazer conhecê-los. — O atual rei cumprimenta. — Também quero apresentar minha namorada. — Sua mão está firme em meu ombro — Rosalie Wicks.

— Que bom revê-la, Rosalie — Alexia diz, eu não movo minha mão e nem meu corpo.

— Vocês já se conhecem? — O pai dela pergunta.

— Claro, nós estudamos juntas. A Rosalie era bolsista na escola. — Fez questão de enfatizar que eu era bolsista, Chase também era, isso só mostrava que éramos inteligentes.

— Rosie... É bom te ver. — Kalel diz, estou tentando ignorá-lo, porque se eu pensar muito é capaz de dar um chute no saco dele. Eu deixei de gostar desse idiota há muito tempo, entretanto, sua presença ainda trazia o pior de mim.

Sinto que vou vomitar. Não consigo dizer nada. Não sei nada da minha boca. Eles ficam ali esperando algo de mim, mas não há nada que eu possa dizer que não soe como um xingamento. Faz muito tempo que as coisas aconteceram e eu sei que tinha que superar, no entanto, vê-los me dava nojo.

Encontro a mão de Dante e a aperto.

— O evento já vai começar, nos vemos depois — Dener termina com o constrangimento e os dois sem-vergonhas seguem-no para o local que ficariam sentados.

Finalmente consigo respirar, parecia que o ar havia sido sugado pela boca enorme da Alexia. Sento-me e passo a mão pela minha têmpora fechando os olhos.

— Então é esse cara o seu ex? — Dante fala no meu ouvido. — Foi ele que te tratou como uma piada?

— Não quero falar sobre isso.

Ficamos em silêncio para a abertura do Draft. Era para ser um evento divertido e com muitas teorias, agora tudo estava pesado demais. Tento focar no que estava sendo dito. As escolhas dos jogadores começam pelo time que teve o pior desempenho até chegar no melhor da última temporada, ou seja, os piores times tinham uma excelente vantagem.

De repente sinto alguém se aproximando e se sentando ao lugar vago ao meu lado.

— Hey, que honra me sentar ao lado da fã número um dos Giants... — Era Joshua que sorri me reconhecendo, fazia um ano que eu não o via.

Sinto que corei, pois ele me deixa sem graça.

— Hey... A honra é minha de me sentar ao lado do melhor jogador da temporada.

Dante nos olha perdendo o foco.

— Quero escutar. — Censura-nos.

— Começando com Cardinals... — O comissário da NFL, Oscar Fletcher, mais conhecido como quem manda na *porra toda*, inicia o primeiro Round.

— Como você aguenta esse cara? — Joshua sussurra em meu ouvido e eu seguro um riso, ele conseguiu me deixar mais leve.



O primeiro time faz uma ótima jogada com sua escolha, sucessivamente vejo que os outros bolaram boas estratégias, há muitas vibrações com as escolhas até que chega a vez dos Giants.

— Aposto que vão escolher um linebacker — Joshua aponta.

— Estou com você — digo a ele.

Dante não diz nada, parece muito irritado.

— Como a sexta escolha do Draft, o New York Giants escolhe Kaleb Combs, quarterback da universidade de Nova York. — Oscar anuncia.

Eu estou para morrer! Desde quando se fazia a escolha de um quarterback na primeira rodada? Ainda mais sendo Kaleb! Ele não era um jogador tão bom quanto pintavam. Era uma verdadeira fraude. Tê-lo no time me faz pensar seriamente em desistir de torcer para os Giants, algo que nunca se passou pela minha cabeça, mas que agora soou como um alarme.

— Você sabia que ele ia ser contratado? — Pergunto a Dante.

— Sim, meu pai soube hoje à tarde. Isso é apenas um capricho do Dener, que o diretor em seu péssimo estado mental aceitou.

— Isso é ridículo! Tínhamos que focar na defesa!

— Por essa eu não esperava — o running back se pronuncia.

— Não se preocupe, esse cara não vai passar no Training Camp — a voz de Dante está pesada, sua mão fica em meu joelho, como se estivesse me reivindicando.

O Training Camp é um acampamento de treinamento onde os calouros são colocados à prova. Os jogadores são treinados e testados para saber se eram bons ou não. Ser selecionado no Draft não era uma certeza de estar no time, contudo, no geral, era *quase* uma certeza.

O que o diretor dos Giants queria com essa contratação? Com certeza não era mudar o quarterback titular, afinal, mesmo que Dante tenha ido mal, ainda tínhamos outros jogadores reservas. A torcida acreditava que o Joshua

daria um excelente quarterback, mas ele estava muito bem na posição em que jogava, então ele também era carta fora do baralho.

Fico tão sem chão que mal consigo comentar as próximas escolhas dos times. O modo como Kalel foi presunçoso ao subir no palco e o modo como ele olhou diretamente para mim quando disse que queria agradecer a garota que o motivou a jogar. Não é possível, ele estava falando de mim? Porque eu lembro muito bem do momento em que ele me agradeceu no passado por eu tê-lo motivado, mesmo depois do treinador do nosso time dizer que ele nunca seria contratado por um time como quarterback.

Bom, foi por isso que eu briguei com o treinador do High School no passado.

No final do Draft há uma coletiva de imprensa louca e pronta para ouvir Kalel.

— Vocês vêm para uma festa que vai ter no hotel Gran Inn? — Era o hotel que estávamos hospedados, e pelo visto Joshua e o casal do enjoo também estavam.

— Não sei, acho que sim — respondo, Dante tinha saído para conversar com o Oscar Fletcher e nós ficamos a sós.

— Bom, espero que sim, se não, me passa seu número... — Ele olha dentro dos meus olhos cheio de expectativa. Seu sorriso é tão doce.

— Meu número?

— Sim, seria uma honra ter o número da fã número um dos Giants...

Sorrio que nem boba. Joshua despertava esse sentimento de grandeza em mim, me fazia sentir importante.

— Tudo bem... — Pego seu celular e anoto o meu número, quando estou devolvendo, o Hurrón se aproxima de nós.

— Vamos? — Pergunta e eu me levanto e despeço-me de Joshua. — Você... Você estava passando seu número para aquele cara? — Dante

pergunta próximo à minha orelha.

— Sim, qual o problema? Ele é meu amigo.

— Seu amigo?

— É, meu amigo.

Seu maxilar está cerrado, os olhos um pouco perdidos. A imprensa toda ao redor de Kalel faz com que até seus três anéis de campeão sejam ofuscados.

— Hey, Dante, queremos uma palavrinha sobre a nova contratação dos Giants — uma repórter nos nota e a partir daí, vários correm para nos parar.

— Acredito nas escolhas do nosso gerente — responde.

— Você já sabia que Kalel seria contratado? — Um repórter pergunta.

— Sim, não foi uma surpresa.

— Se sente ameaçado?

— Não.

— Você acha que Kalel Combis é um bom quarterback?

— O Training Camping vai provar se ele é.

— E o seu namoro como está? — Uma repórter muda o teor da conversa e todos os olhos param em mim.

Dante me aperta contra ele e me olha por um segundo, como se procurasse uma permissão. Mas permissão para o quê?

— Temos uma notícia...

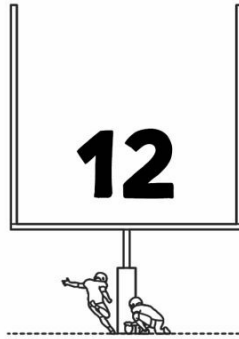
As câmeras estão focadas em nós, há uma expectativa muito alta. Será que ele diria agora que decidimos terminar de forma amigável? E que estávamos no evento como apenas bons amigos? Era o que combinamos de falar na coletiva do dia seguinte.

Continua olhando para mim, seu polegar roça meu queixo, tira uma mexa do meu cabelo que estava próxima aos meus olhos. Os sentimentos que eu tinha por ele cresciam como claras em neve e eu tenho a certeza de que acabei de ser atingida por uma avalanche de açúcar quando me tocou. Será

que iria me beijar? Ou me matar com toda aquela expectativa.

Dante sorri com malícia e se volta para a mídia quando diz:

— Rosalie e eu estamos noivos.



**PETRIFICUS TOTALUS**



## Capítulo 12

Sinto que fui atingida pelo feitiço *Petrificus Totalus*, pois meu corpo está petrificado, não consigo me mover, nem falar, só respiro e mexo os olhos, arregalando-os em total descrença. É isso mesmo que eu ouvi ou estou surda? Dante acabou de dizer que estamos noivos?

A mídia foi à loucura, muitas fotos, flashes, perguntas, eu estava ficando zozona, mesmo assim, não me mexo. Só consigo sair do lugar quando a varinha invisível de Dante me lança o contrafeitiço, ao apertar minhas costas e ele murmurar:

— Vamos sair daqui...

— Noivos? Como isso aconteceu? — Uma repórter pergunta.

— Podem nos contar mais sobre esse noivado? — Outro a atropela.

— Quando será o casamento? Hurron, como fez a proposta? — A loira que estava próxima a Dante emenda uma pergunta na outra.

— Wicks, você está grávida? — A jornalista próxima a mim questiona.

Dante segura firme minha mão e me puxa para que eu o siga. Minha boca está muito, muito seca, não consigo dizer nada, movo minhas pernas como se elas pesassem muito mais do que pesavam. Por dentro, estou pensando em como vou matar o Hurron, contudo, por fora pareço tão plena, como se verdadeiramente soubesse do pedido. Passamos com dificuldade pelos fotógrafos e tivemos que ser socorridos pelos seguranças na saída.

Entramos no carro após muito esforço e muito alvoroço. Mal consegui ver quem estava na minha volta, como por exemplo o casal odioso. Sei muito bem que eles ouviram o pronunciamento desse noivado *talvez* fake, e se eu não estivesse tão petrificada gostaria de ter visto a cara dos dois.

Com o sangue fervendo, pergunto:

— O que foi isso? — Viro-me para Dante, ficamos defronte, ele parecia

tão calmo, como se não tivesse jogado uma bomba e fugido às pressas.

Ele olha para o motorista que não era Phillipe, obviamente e finge:

— Os jornalistas estão terríveis hoje, não, minha *framboesa*?

*Minha framboesa*? Ah então ele ia fazer um teatrinho? Pois acho que dois podem fazer esse trabalho.

— Terríveis, mas não tanto quanto você, meu *limãozinho*.

Levanta as sobrancelhas incrédulo por conta do novo apelido.

— Limãozinho? — Cerra os dentes ao falar.

— É a fruta que eu menos gosto. — Sussurro.

— Aposto que você não vai fazer cara feia se chupar o limão — na hora que diz isso meu instinto é olhar para aquele lugar, seus olhos me acompanham.

— Para de ser ridículo.

— Então não comece.

— Quem começou foi você... — Estou com os dentes cerrados, assim como ele, porque não quero que o motorista entenda nossa conversa. No entanto, a vontade que tenho é de gritar e apertar as bolas de Dante, não para seu prazer, e sim para torturá-lo.

Cruzo os braços no meu corpo para não colocar as mãos no pescoço desse sem-vergonha mentiroso e midiático. Não demora para chegarmos ao hotel que nos hospedamos, pois ele era muito próximo àquele que estava sediando o Draft. Assim que descemos do carro, estou pronta para uma conversa, ou guerra, se fosse necessário, mas acabamos encontrando o técnico dos Giants, Randy, logo no Hall.

— Aí estão vocês, o casal do momento. — Cumprimenta-nos. — Vocês vêm para a festa? Foi organizada pelo Dener para comemorar a contratação do novo membro do nosso time.

Então a festa seria dada pelo Evans? Parece que sou a única pessoa que

não sabia dessa contratação.

— Nós vamos. — Dante revela. Sem querer, melhor, querendo, piso no pé dele com meu salto. — Porra! Você está pisando no meu pé. — Resmunga.

— Desculpa, não vi. — Dou um sorriso falso.

— Já começou a festa há poucos minutos, o anfitrião já deve estar chegando, então vejo vocês lá, certo? — Dá uma piscadela. Randy sabia que Dante não estava nada feliz com a contratação do novo quarterback e estava forçando essa aproximação.

Nem sob o meu cadáver eu quero ver o Kalel em toda sua glória, ao lado de sua noiva narcisista e falsa.

— Eu não vou — anuncio caminhando até o elevador. Aperto os botões com pressa, Dante vem logo atrás de mim. — Eu não vou nessa festa ridícula — friso —, não vou compactuar com esse noivado e não vou ficar mais um minuto aqui.

— O que você vai fazer?

— Vou pegar minhas coisas, alugar um carro e ir para Memphis.

— Espera, vamos conversar — encosta no meu braço. Havia muitos olhos em nós, e eu com certeza faria um escândalo se não existissem tantas coisas envolvidas.

Droga de elevador que não desce logo! A demora é tempo suficiente para que o casal do High School, Ken e Barbie, se aproximem. Estão nos seguindo? Eu nem os vi chegar.

O elevador se abre e todos nós entramos. O clima é pior do que o ar da Sibéria. Kalel está abraçando Alexia por trás e instintivamente acabo aproximando-me de Dante e apertando sua mão.

— Oh, parabéns pelo noivado, vocês formam um casal incrível. — A Barbie ruiva é a primeira a falar. É sério mesmo que ela está dirigindo a palavra para mim?



— Obrigada, Alexia. — Consigo responder com total rispidez.

— Obrigado — Dante responde —, parabéns pela contratação, Kalel. — Os dois que agora eram do mesmo time, mas que poderiam ser classificados como rivais, se cumprimentam.

— Vocês vão na festa, não é? Vamos descer daqui a pouco. — O jogador novato pergunta.

Queria dizer não, queria mesmo. Poderia negar e mandá-los à merda e ir para a casa da minha mãe e sair desse ambiente tóxico, no entanto, o orgulho falou mais alto, a vontade de parecer bem em frente a eles me atropelou e por isso eu respondo:

— É claro que vamos.

Sorrisos falsos.

Alexia e Kalel saem do elevador e a porta se fecha.

— Mudou de ideia? — O Hurron pergunta com a sobrelance erguida.

— Eu ainda estou puta da vida com você, que merda foi essa? Explique, rápido.

Ele aperta os lábios.

A porta do elevador se abre de novo e nós saímos, logo que entramos no quarto eu joo os saltos de lado para descansar um pouco os pés e ouvi-lo. Sinto-me baixa perto dele quando paro para encará-lo de frente.

— Eu surtei, tudo bem?

— Continue explicando...

— A mídia toda estava em cima do Combis e eu quis chamar de volta a atenção para nós, é isso.

— Uau, que motivo nobre. Parabéns, Dante — bato palma.

— O que queria que eu fizesse?

— Nada, apenas nada. Nós não combinamos que no Draft seria o nosso término? Agora você me vem com isso? Noivos? — Meu tom de voz sobe

muito ao fazer o questionamento. — Como vamos sair dessa?

Suspiro, ele não tem uma resposta. Sento-me na borda da cama e vejo meu celular apitando horrores dentro da bolsa. A minha família deve estar louca. Papai vai me matar. Vovô deve estar sorrindo e logo vai jogar na minha cara que sabia que “eu ia acabar me casando com o Hurrón”. Jenna terá um surto porque vai achar que acertou uma previsão e meus amigos, com toda certeza, devem estar putos porque não foram avisados. E minha mãe deve estar brava e feliz ao mesmo tempo, primeiro, obviamente, por saber através da mídia sobre o noivado de sua única filha e o segundo porque ela adora a ideia de eu namorar Dante, mesmo sem conhecê-lo.

Não preciso ler nenhuma das mensagens e nem checar as ligações para saber que eu estava ferrada.

— Podemos só prorrogar nosso contrato...

— Prorrogar? Essa droga de contrato nem existe.

Ele passa as mãos pelos cabelos, porque com certeza se deu conta da burrada que fez.

— Você fez isso só por causa da mídia? — Não que eu esteja com esperanças, não é isso, mas essa atitude dele devia ter algo a mais por trás.

O Hurrón fica em silêncio por um momento, como se estivesse analisando seus motivos ou até mesmo escutando a voz por trás dos sentimentos que ele devia ter por mim. Não sabia quão forte eram esses sentimentos e o porquê de eles brincarem de esconde-esconde o tempo todo, no entanto, eu sei, sei que há algo. E espero que ele diga as palavras que estão gastas, mas que não foram ditas.

Aproxima-se, abaixa-se, eu posso sentir as batidas do meu coração em todo canto. Fica de joelhos à minha frente. Engulo a saliva que se formou em minha boca, pensando que meu destino poderia mudar em poucos segundos.

— Rosie, você... — Começa, as palavras não se formam direito, porque

ele está perdido em meus olhos.

Meu coração está quase entrando em um colapso, e idiota como sempre, ele fala: “*Ai meu Deus! Ele vai me pedir em casamento, de verdade!*” E grita, vibra, dá cambalhotas e pulsa o sangue para as veias com total excitação.

Tadinho do meu coração, ele não sabe o que faz, é um completo idiota, rendido pelas mãos de Dante. E acho que meus olhos também acabaram de ser capturados, porque não conseguiam se desviar dos olhos dele.

— Você... — Recomeça com mais coragem em sua voz. — Você pode, por favor, ser minha falsa noiva?

Minhas expectativas acabaram de morrer. É sério que eu estava esperando um pedido de casamento de verdade? Onde estava com a cabeça? Eu nem ao menos cogitava me casar. Porém, só de pensar que esse pedido pudesse sair da boca de Dante, todo o meu ser pensou em aceitar.

— Falsa noiva? — Balbucio.

— Só por enquanto, só até acabarem as férias e a temporada começar.

— Por que eu faria isso? — Tento mascarar minha frustração com a pergunta.

— Porque você acabou de usar esse falso noivado ao seu favor no elevador, parece que quis sair por cima daquela garota, como fez quando fingiu que eu era seu namorado.

— Não é um motivo forte o suficiente.

— E porque você gosta de mim... — Há um sorriso pretensioso em seus lábios.

— Não gosto. — Agora sou eu que escondo meus sentimentos.

Dante fecha os olhos por um segundo e se levanta.

— E o que quer fazer? Não pode me desmentir.

— Claro que posso, Britney Spears se casou em um dia e vinte e quatro horas depois percebeu o erro e pediu divórcio, posso muito bem ter noivado

em um dia e não estar mais noiva no outro. É isso. Desmentiremos amanhã naquela coletiva de imprensa.

— Porra, me escuta...

— Sem mais. — Começo a calçar as sandálias desconfortáveis novamente e vou até o banheiro, enrolo porque não quero sair logo. Seguro um pouco as lágrimas porque minhas expectativas acabaram machucando meu coração. Respiro fundo. Olho para o espelho, encaro meus olhos amedrontados, não sei se consigo fingir que não gosto de Dante, não sei se consigo sair e fingir que não odeio Kalel e Alexia pelo que fizeram comigo.

Respiro mais uma vez pegando todo ar de coragem que posso. Digo baixinho palavras de incentivo para mim mesma. Sei quem eu sou e sei o quão forte posso ser. Abaixo minha face, encaro a pia de mármore. E depois levanto o rosto, passo a mão na minha clavícula e sinto o metal do colar nos meus dedos.

O colar de cacto que tinha tanto significado, mas que agora só me soava como uma lembrança de que Dante não sabia falar sobre seus sentimentos e isso estava me cansando. Não posso, não consigo mais fazer isso. Não posso aceitar esse noivado falso porque mentiras não confortam, elas só escondem um buraco pequeno, que descoberto está muito maior do que quando começou.

Suturo um sorriso no rosto, inspiro e expiro trazendo as lágrimas para dentro e saio do banheiro como se estivesse muito bem com toda aquela situação.

— Vamos? — Questiono.

Dante confirma com a cabeça e saímos do quarto. Entramos e saímos do elevador calados, caminhamos até o salão de festas e entramos de mãos dadas. Minha mão formigava na dele porque o contato me parecia íntimo demais, quase insuportável.

Deparamo-nos com uma festa cheia de personalidades famosas no mundo do futebol americano e, mesmo assim, todos pararam para nos olhar, como se fôssemos a maior atração da festa, muito maior do que os anfitriões que já estavam presentes.

— Nós queremos propor um brinde — Dener fala para conseguir atenção dos convidados. — À contratação do meu genro, Kalel Combis, nova estrela dos Giants. — Levanta a taça com champanhe.

Um garçom passa por nós e oferece a bebida. Aceito o champanhe e minha companhia também. Logo nos aproximamos do técnico novamente e ele e Dante voltam a conversar. Consigo avistar uma figura conhecida, Carrie Salisbury, que sorri para mim.

— Vou conversar com a Carrie — digo e os deixo sozinhos.

— Que bom te ver, Rosalie, está tão linda — me cumprimenta.

— Obrigada, não esperava te ver aqui...

— Como relação pública dos Giants eu participo de alguns eventos como esse.

— Fico feliz, eu já estava ficando sem jeito por não conhecer ninguém.

— Querida, aqui você é o centro das atenções, todo mundo quer conhecer você. Venha comigo, vou apresentá-la.

— Ah não, por favor. — O garçom passa e eu pego um canapé com ele.

— Podemos só ficar aqui e comer essas comidas no mínimo estranhas?

Ela ri e se dá por vencida quando pega um bloodmary e um canapé.

— Que tal irmos lá fora? O tempo está agradável e com certeza vamos fugir desse monte de abutres que estão loucos para tirar algo de você. — Aceito na mesma hora, pego um refrigerante e a acompanho para o lado de fora.

Nós conversamos e nos divertimos sentadas em um banco até que uma figura surge e se aproxima:

— Posso falar com você? — Pergunta-me.

Era Kalel, ele estava com as mãos no bolso, parecia sem jeito, piscou os olhos azuis algumas vezes e até respirou fundo, pressuponho que estava com medo da minha resposta. Não tenho o que pensar, não quero falar com ele nem hoje e nem nunca.

— Não. — Sou curta e grossa.

— Por favor...

Carrie pigarreia e se levanta.

— Vou deixar vocês conversarem.

Quero pedir para ela não ir, mas só ia trazer mais desconforto.

— Não importa o que você tem para dizer, eu simplesmente não ligo.

— Levanto-me para sair dali e deixá-lo.

— Um minuto, só um minuto.

Respiro raivosa.

— Fale rápido.

Há muito tempo eu ansiei por esse momento, aspirei por suas desculpas, quis que ele dissesse que tudo não passou de um erro, porém esse momento nunca aconteceu. Porque, para Kalel, não foi um erro, ele não se sentia mal pelo que fez comigo, porque se sentisse, já teria pedido desculpas no passado.

Abaixa o olhar e tem um suspiro trêmulo em seus lábios até que consegue dizer:

— Sinto muito pelo que Alexia e eu fizemos no passado...

As palavras não repercutem em mim.

Pisco uma vez.

— É tarde demais para qualquer desculpa, e sei que não está fazendo por mim e sim por você, só para não se sentir culpado, porque se realmente — encaro-o sem medo do que estou dizendo — e, verdadeiramente você se sentisse mal por mim teria me pedido desculpas há muito tempo.

— Você não entende, eu fiz o que tinha que ser feito para chegar onde eu estou.

— Não me importa.

Amaldiçoei essa conversa, odiei ela com todas as minhas forças.

— Me escuta... — Sinto cheiro de uísque em seu hálito por tão perto que estava.

— Escutar o quê? Nada do que você disser vai mudar o passado. — Meu sangue fervendo em ira à medida que ele soava cada vez mais íntimo.

— Você... Você... Porra, quando eu te vi, que inferno — ele é incapaz de formar uma frase com coerência. Pisca e respira forte mais uma vez para continuar. — Você está linda, e te ver essa noite só me faz pensar naquela noite, a noite que te tive em meus braços.

— Cala a boca.

— Rosie...

— Cala a boca. Você não tem o direito de relembrar isso. — Começo a andar, mas sinto sua mão grande no meu braço. Ele não me solta mesmo com meu esforço. Viro-me na mesma hora e sem pensar, ou melhor, pensando muito bem, transfiro um tapa na cara dele.

Furioso, me encara, suas narinas se dilatando. Ele não quer soltar meu braço de forma alguma.

— Eu vou te chutar — falo entredentes, há fúria em meus olhos e a ameaça era muito verdadeira, por isso, aos poucos sua mão se afrouxou e eu puxo meu braço, livrando-me finalmente de seu toque.

— O que está acontecendo aqui?! — Dante surge escancarando a porta.

Kalel passa a mão no rosto e sem dizer nada passa por Dante batendo o ombro nele propositalmente. Tremendo de raiva, também entro no salão sendo seguida por Dante que se aproxima, pressurosamente e, me pergunta sem rodeios:

— Por que você estava sozinha com aquele cara?

— Estava lá fora respirando um pouco e ele surgiu.

— E... Posso saber qual era a conversa?

— É da sua conta?

— É... — O cara de pau ainda tem a coragem de me responder.

— Não é.

— Ainda gosta dele?

— Não te interessa. — Sim eu estava jogando com ele, porque ele jogou comigo com esse falso noivado.

— Só me diz... — Aperta os olhos, pressiona a palma da mão em meu ombro para que eu olhasse para ele, não olho.

— Quando você for sincero sobre alguma coisa, eu vou dizer, enquanto não, lide com isso.

— Dante, podemos ter uma palavrinha? — Mais um dos puxa-sacos do Hurron o procura e eu aproveito a oportunidade para sair de perto dele e ir ao encontro da mesa que estava cheia de comida, no entanto, ninguém chegava perto. Como rápido para aplacar minha raiva e aceito tudo que os garçons oferecem.

Sinto que vou ter uma indigestão assim que Alexia se aproxima, quando eu estava pronta para agarrar um palitinho com frutas.

— Você ainda não tem um anel, Rosalie?

Não quero respondê-la para não descer ao seu nível baixíssimo. Só que a Evans está ansiosa pela resposta, levantando aqueles olhos de gavião pronta para me atacar com tudo que tinha.

— Não tivemos tempo de escolher um anel, Alexia, estávamos ocupados nos amando, em vez de nos preocuparmos em mostrar para o mundo um mísero anel que não tem significado algum além do material. — Mal respiro ao falar.



— Eu entendo, você até ontem era uma gata borralheira, e de repente virou uma Cinderela. Acho que por isso ainda não assimilou esse mundo em que nós vivemos. — Sinto-me enjoada não só com suas palavras, mas também com tudo que comi.

Eu quero voar no pescoço dela, porém me controlo e respiro de forma densa. Deixo a comida de lado e encaro-a de frente.

— Falou muito bem, e eu não quero viver nesse mundo onde pessoas se relacionam apenas por aparência. Pensa bem, *querida*, seu noivo te ama mesmo ou está com você apenas pela influência do seu pai?

Eu desço o nível da conversa lá embaixo, assim como ela, porque, sinceramente, não tenho pena de Alexia Evans.

Isso a deixou consternada. Vejo seu olho direito piscar em descrença.

— Ainda não superou o fato de o Kalel ter escolhido a mim e não a você?  
— O nível da conversa desceu mais ainda, abaixo de zero.

— Desculpa, mas quem é Kalel mesmo? Para mim ele está morto e enterrado, por que você não pula na cova junto com ele e me deixa em paz?

— Finalizo o golpe.

Penso que a Evans não tem nada a dizer e por isso viro as costas, no entanto, querendo sair por cima, ela diz:

— Nós é que vamos enterrar você e aquele quarterback.

Ignoro. Se ela pensava que um jogador como seu noivo podia enterrar o legado de Dante, estava muito enganada. Eu, como fã número um dos Giants, não ia deixar o time ser manchado por um quarterback-marionete como aquele boneco mal feito do Ken.

Massageio o ponto entre meus olhos e decido que está na hora de ir para o quarto, não só por estar com dor de cabeça e por ter passado por inúmeras irritações, mas também porque eu estava com o estômago terrivelmente revirado.

Retiro o salto me esgueirando pelo salão para sair sem ser notada, quando esbarro no ridículo do Kalel, que tem a audácia de me parar e falar comigo novamente:

— Você está bem? Está pálida?

— Só me deixa em paz... — Que merda, além de tudo eu estou tão enjoada, acontece que não comi quase nada o dia todo, só durante o voo, e agora devorei tudo de uma vez.

— Rosie?

Sinto meu estômago se contrair e o brutamontes segurando-me não me ajuda em nada. Abaixo o rosto e sem querer apenas vomitei nos pés dele.

— Mas que merda?!

É um desastre junto com a avalanche de comida. Ele se afasta tão rápido quanto o impulso que tive. Foram segundos para que todos nos olhassem e ainda por cima tirassem fotos, Dante corre até a mim e me tira daquela situação vergonhosa.

Sinto-me tão mal que nem sei como o Hurrón conseguiu me levar até o quarto. Entro no banheiro e meu companheiro de quarto me segue.

— Sai daqui... — Peço, ele não saiu. Vem até a mim, segura meu cabelo e, sem conseguir protestar, meu estômago se contrai novamente fazendo aquele amargor subir na minha boca. Mais um pouco de desastre e vergonha até eu sentir que meu estômago não tinha mais o que sofrer. Abaixo a tampa do vaso e Dante me segura até a cintura e eu vou até a pia limpar meu rosto.

— Por que bebeu tanto?

— Não bebi, eu tomei só uma taça de champanhe — respondo depois de enxaguar a boca.

Tento tirar a blusa, meus sentidos não estão muito bons.

Dante suspira e lentamente, tentando não se sujar e me sujar, ele tira meu vestido, deixando-me somente de lingerie.

— Não estou bêbada, eu só comi coisas que me fizeram mal, aliás, a comida era horrível, não acha?

— É verdade... — Admite. — Você vai ficar bem? — Pergunta quando está prestes a me deixar sozinha no banheiro.

— É claro que vou ou você vai entrar no box comigo?

— Você precisa que eu entre? — O tom dele não parece provocativo e sim preocupado. Minhas bochechas queimam porque estou quase nua, mas ainda pego o que me resta de dignidade para responder:

— Não.

Dante entende o recado e me deixa sozinha fechando a porta.

Tiro a lingerie sentindo meu coração martelando forte no peito e meu corpo sem vontade de responder os comandos do meu cérebro. Devagar, movo-me para o box e ajusto a temperatura da água para enfim abrir o chuveiro e deixar a água lavar a minha vergonha.

A única certeza que tenho nesse momento é que não tenho estômago — literalmente — para lidar com tudo isso. Depois de muito refletir no chuveiro, decido-me que era hora de sair de uma vez desse enlace que o Hurron fez em mim para o meu próprio bem.

Saio do banheiro enrolada na toalha, Dante estava sentado na cama e logo vai até o frigobar e pega uma água, entregando-a para mim. Bebo em goles grandes e deixo a garrafa de lado para procurar o pijama em minha mala.

— Você melhorou?

— Sim.

— Quer conversar?

— Não.

Vira-se, ficando de costas, quando pego meu pijama e o coloco na cama. Deixo a toalha cair e me visto. Pego a toalha no chão e murmuro para Dante que havia acabado de me vestir.

— Eu vou arrumar o banheiro... — Acabei sujando tudo porque minha mira não é muito boa.

— Não precisa arrumar o banheiro, tem outro que podemos usar e amanhã alguém vem limpar tudo — me censura. Não estou acostumada com quarto de hotel com dois banheiros. Só que não estávamos em um simples hotel e nem em um simples quarto, era uma suíte muito luxuosa.

Escovo meu dentes e me deito na cama. O Hurren já estava trocado e pronto para dormir. Apaga as luzes. Não falamos. Estamos afastados o suficiente porque a cama permitia isso. Fecho os olhos e depois de me perder entre muitos pensamentos eu durmo.

No meio da noite sinto uma mão em mim:

— Rosie? — Dante diz rouco.

— O que foi?

— Você estava respirando mal...

— Estou bem, não vou morrer no meio da noite.

Há um suspiro de sua parte. Sinto seu rosto próximo ao meu e guiado pela pouca iluminação das cortinas mal fechadas, ele aproxima sua boca da minha testa e a beija. Não diz nada. Afasta-se e volta a ficar recluso do seu lado da cama, volto a dormir, minhas pálpebras estavam pesadas demais.

Acordo no dia seguinte fazendo uma nova promessa: Se ninguém está comendo em uma festa é porque a comida não está boa, então eu também não devo comer. Sento-me na cama e ouço o barulho do chuveiro, Dante estava tomando banho logo cedo. Pego meu celular e vejo que já se passam das dez da manhã e quase tenho um infarto ao ver o número de mensagens e ligações perdidas.

Respondo primeiro a mensagem de ameaça do meu pai:

*“Rosalie Wicks, que história é essa de noivado? Me responde logo ou eu vou até o Tennessee te buscar.”*

Digo na mensagem que não é nada do que ele está pensando, que não passa de um equívoco. Depois respondo Morgan que estava eufórica:

“NOIVA???? COMO ASSIM NOIVA??? MEU DEUS, ME CONTA TUDO”

“Espera, que negócio é esse da mídia falar que você está grávida? Você não está, certo? Afinal, vocês não transaram, ou transaram? Pois transem. Mas usem camisinha, seja consciente.”

Merda de mídia oportunista. Morgan continuou as mensagens ao longo da noite:

“Kalel nos Giants? Que merda é essa?”

“Me respondeee, eu preciso saber, estou quase pegando um voo até o Tennessee para saber tudo”.

“Ah, DanRosie está de novo no trendings tops do Twitter”.

E por último ela me mandou vários links do Facebook e Instagram onde perfis de fofoca compartilharam a foto em que eu vomitava no pé do Kalel, a imagem não era de muita qualidade, pois o ambiente era escuro. Leio a legenda de uma foto e sinto que meu estômago iria colar nas minhas costelas:

“DanRosie é mais do que real, ontem à noite Dante *Delícia* Hurrón contou à mídia que ele e a nossa Cinderela moderna estão noivos após apenas três meses de namoro. Depois de jogarem essa bomba, o casal foi curtir uma festa privada em um dos hotéis mais luxuosos de Nashville, a festa seria em comemoração ao novo contratado dos Giants. Quem é ele? Não estamos muito interessados em saber. O que nos interessa é, Rosalie Wicks passou mal na festa e em um click, um tanto quanto constrangedor, vimos que a rainha dos Giants passou mal. O que levanta os rumores, Rosalie está grávida? Teremos um bebê campeão a caminho?”

Meu Deus.

Que pesadelo.

A minha vida só está caindo ladeira abaixo.

Coloco minha cabeça no travesseiro apertando-o para segurar meu grito.

— Você não está tentando se matar, está? — Dante aparece bem nesse momento de desespero.

— Não. — Tiro a cabeça do travesseiro e o vejo apenas de toalha. Alguém bate na porta do quarto e o reizinho a abre quando é anunciado o serviço de quarto. Cubro-me completamente para não ser vista pela pessoa que ia entrar e depois que sai eu tiro o cobertor do meu corpo.

— Está com vergonha do quê?

— Não viu as notícias? Estão achando que você me pediu em casamento porque supostamente estou grávida.

— Eu vi as notícias...

Movo-me da cama para o banheiro e saio pronta para tomar café da manhã, Dante já está sentado e serve água para mim quando me aproximo. Sento-me à mesa e decido que vou comer algo saudável.

— Você viu as notícias e o quê? Não liga?

— Só há uma maneira de resolver esse mal-entendido.

— Então me diga como porque eu já estou surtando com tudo isso.

Dante termina de colocar o café em sua xícara e olha para mim:

— Vamos fazer um filho. — Ele não fala isso em um tom irônico, foi sério, sua voz não titubeou.

Estou com o garfo na mão para comer minha fruta, mas sinto que devo enfiar na mão dele depois dessa ousadia. Apesar de tom sério, eu apenas finjo que foi uma de suas piadas, como sempre, e digo:

— É impossível falar com você, está sempre brincando.

Gargalha, ele era um bobo da corte que não está interessado em fazer os outros rirem e sim a si mesmo.

— É apenas um rumor que ficou mais forte porque você passou mal

ontem. E ainda vomitou nos pés do Combis, preciso te agradecer por isso. —  
Dá um gole em seu café.

— Engraçadinho. Para você é fácil lidar com tudo isso, meu nome é o que  
fica sujo nessa história toda.

— Sujo por quê? Você é, segundo a mídia, a noiva do Rei da NFL, e está  
grávida de um bebê campeão.

— Bebê campeão? Então você de fato leu as notícias e parece que se  
divertiu com as suposições.

— Não que eu tenha me divertido, mas, os fãs são criativos.

— Sinceramente, parece que você está gostando de tudo isso. Por acaso  
está acreditando na sua própria mentira? — Deixo o garfo cair no prato.

Pigarreia e me responde esquivando-se como sempre:

— O quê? Não. — Balança a cabeça e bebe um gole do seu café. — Vou  
pedir para minha assessoria soltar uma nota para a imprensa negando esses  
boatos de gravidez.

— Ótimo e sobre o noivado?

— Quer mesmo terminar com isso?

— Sim, eu quero. Já chega dessa palhaçada.

— O.k. — Deixa sua xícara e se levanta.

— Aonde você vai?

— Vou tomar café em outro lugar.

— Dante? Qual é o seu problema?

— Sabe qual é o meu problema? Você. — Não tenho tempo para retrucá-  
lo, pois logo me deixa no quarto sozinha, batendo fortemente a porta ao sair.

Solto o ar pela boca em um suspiro, não entendendo o que havia acabado  
de acontecer. Ouço meu celular tocando e atendo a chamada da minha mãe.

— Que história é essa de gravidez? — Ela está histérica.

— Calma, mamãe, é só um mal-entendido.

— Mal-entendido?

— Sim, a imprensa inventa muito.

— Hum... Sei... Quero te ver logo, sei reconhecer uma grávida de longe...

— Ai meu Deus, sério que não vai confiar em mim?

— Muito sério, você não me conta mais nada. Que história é essa de noivado? Eu como sua mãe deveria ter sido comunicada.

— Oh, mamãe, posso te explicar tudo quando chegar aí hoje à tarde?

— Pode, mas olha, o seu noivo vem, não é? Sua avó está pensando em fazer um jantar para ele, acordou cedo e foi colher milho para servir com o assado de tiras. — Fecho meus olhos e aperto minha têmpora.

— Eu acho que ele não vai poder ir... — Dói em mim dizer isso porque as duas estavam tão entusiasmadas.

— Por quê? A sua vó está realmente muito animada, se ele não vier isso partirá o coração dela — toca no meu ponto fraco. Com certeza mamãe estava exagerando.

— Porque Dante e eu não estamos noivos foi só... — Não consigo concluir meu raciocínio, como posso dizer que tudo não passou de uma mentira?

— Não estão noivos? Rosalie, não minta para sua mãe. Por acaso está com vergonha de nós? Por isso não quer trazê-lo? Se for, não precisa inventar mentiras.

Droga. Mamãe sempre levava para o lado pessoal, e minha relação com ela já não era das melhores. Tínhamos combinado de melhorar nossa relação, contudo, se eu não levar Dante para Memphis esse final de semana é capaz dela não falar comigo por um bom tempo.

— Não é nada disso...

— Então traga-o, estamos esperando. — Dito isso desligou.

Estou cada vez mais enrolada nesse namoro-noivado de mentira e não faço ideia de como sair dele. A única forma de fazer minha mãe acreditar nesse



término é informando nosso fim na coletiva de imprensa, definitivamente espero que Dante cumpra sua palavra de acabar com isso.

Termino de tomar o café da manhã e depois tomo um banho, arrumo minha mala e saio um pouco do quarto para que a camareira possa arrumá-lo. Logo ao entrar no elevador acabo encontrando com Joshua.

— Hey... — Me cumprimenta.

— Hey... Não te vi ontem na festa — comento.

— Acabei me demorando no hotel pós o Draft e encontrei alguns colegas, saímos para comer e eu desisti de ir. — Perde alguns minutos olhando para minha boca. — Bom, quero te parabenizar pelo noivado e pelo — olha para minha barriga. — Hum... Você está grávida?

— Oh... Não, eu não estou grávida, esses rumores não passam de um mal-entendido.

Ele solta uma respiração audível.

— Ah, a imprensa gosta de inventar muitas coisas.

— Sim...

Estou claustrofóbica dentro do elevador ao lado dele porque sinto seu desconforto de longe.

— Então... Para quando é o casamento?

— Não temos nada definido ainda.

— Se eu fosse o Hurren, me casaria com você o quanto antes.

— O quê? Por quê?

A porta se abre no térreo e ele diz antes de sair:

— Nunca se sabe, alguém pode querer roubá-la dele.

Ai. Meu. Deus. Do. Céu.

Saio do elevador quase tropeçando, completamente envergonhada. Isso foi uma indireta? Seu olho direito pisca para mim confirmando que sim, foi uma indireta, ou melhor, direta. Desde quando Joshua se interessa por mim?

Balanço a cabeça afastando o pensamento. Deve ser apenas uma brincadeira dele. *Espero*.

— Preciso ir, tenho um evento logo cedo, mas nos vemos, certo?

— Sim... — Balbucio.

Dante está vindo em minha direção, parece desconfortável, pois fechou sua expressão logo que viu Joshua, pelo que eu sabia a relação dos dois era até que amigável. No entanto, não foi o que me pareceu nesse momento.

— A coletiva com a imprensa será às duas da tarde. Posso confirmar nossa presença?

Estou pensando se devo confirmar ou não e prorrogar esse noivado falso só por mais um dia. Apenas, e somente para não frustrar minha família quando, de repente, uma louca corre na direção de Dante e o abraça, tenho a sensação de que a conheço.

— Dante! Quanto tempo eu não te vejo.

Ele a afasta muito rápido, ainda bem que fez isso porque senão, tenho a sensação de que eu mesma a puxaria. Olho para o rosto dela magro, os cabelos loiros, o bronzeado artificial horroroso.

— Bryana, o que faz aqui? — O Hurron pergunta.

Oh... Bryana. Porra. É a garota que foi buscá-lo no hotel um dia antes do Super Bowl do ano passado. Realmente, o que ela está fazendo aqui?

— Eu vim com algumas amigas para assistir o Draft. — Claro que ela veio sem pretensões, se hospedou justo no mesmo hotel que nós apenas por uma incrível coincidência. Isso não me cheirava nada bem. — E pensei que a gente pudesse se encontrar... Naquela noite você me deixou sozinha depois que uma louca... — Ela olha para mim me notando pela primeira vez, ou tinha fingido que não me viu. Não sei se me reconheceu, pois nos vimos uma única vez, porém, tenho certeza de que ela viu minhas fotos com Dante circulando por aí.

Cruzo os braços e olho para o reizinho esperando que ele resolva muito rápido essa situação.

— Desculpe, querida, mas ele já tem planos comigo que sou a noiva dele.  
— Aproximo-me de Dante e envolvo meus braços ao seu redor.

Ela fica muito, muito vermelha.

— Oh... Tudo bem. Então... Eu... vou... indo. — Mal consegue concluir a frase. Vejo-a se afastar, pensando: *Isso mesmo, vaza daqui, o Dante é meu noivo*. E depois penso que estou sendo ridícula, porque ele não é meu noivo coisa nenhuma.

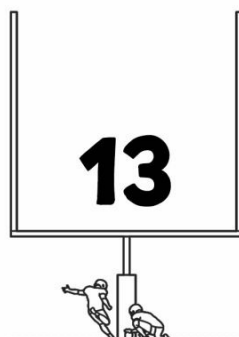
Ainda estou com a mão no peito do reizinho quando ouço-o limpar a garganta para chamar minha atenção:

— Então você parece de acordo com o noivado.

— Não é como você está pensando, eu ainda não estou de acordo — afasto-me. — Eu só preciso que posterguemos mais um dia porque minha família quer muito te conhecer.

Um sorriso cheio de presunção surge em seus lábios:

— Estou ansioso para conhecer minha sogra. — Envolve seu braço em meu ombro e eu balanço a cabeça em desaprovação, mas por dentro meu coração está martelando forte contra meu peito, porque eu gostei do que ele disse e porque agora eu fiquei sabendo que ele não saiu com Bryana naquela noite. A parte errática dentro de mim deu um gritinho e eu respiro fundo acalmando-a, porque não importa se ele não saiu com ela, alguma coisa aconteceu para o quarterback ter voltado no hotel só no dia seguinte.



## A PARTE MAIS ENGRAÇADA



Cancelamos a nossa participação na coletiva de imprensa e alugamos um carro para ir à Memphis. No caminho nós falamos um pouco sobre o Tennessee e, eu consegui tirar mais uma informação de Dante sobre sua mãe, descobri que ela nasceu e cresceu em Knoxville. Também contei sobre o casamento da minha mãe e um pouco sobre meu padrasto, George e seu filho, Christian.

No caminho deixamos o som ligado e alternamos os estilos entre country, blues e rock. Embora Dante gostasse mais de rock, ouvir blues parecia satisfatório para ele, pois um sorriso surgia em seus lábios quando o gênero começava a tocar. Só que quando toca Heroes, do David Bowie, algo mais forte pulsa nele. E canta o seguinte trecho:

— *I, I will be King. And you, you will be Queen...* (Eu, eu serei rei. E você, você será rainha...)

Sorri e cantei com ele o refrão que era a única parte que eu sabia:

— *We can be heroes... We can be heroes...* (Nós podemos ser heróis, nós podemos ser heróis).

— Então você é fã do Bowie? — Pergunto ao fim da música.

— Não era, mas passei a ser — já sei o porquê — e, eu cheguei a conhecê-lo, temos uma foto juntos, se olhar em minhas redes sociais. O cara era foda.

— Ah... Eu não te sigo.

— O quê? Você não me segue?

— Desculpe... — Não o sigo, porém, como seu perfil era aberto eu via tudo. Só não ia admitir.

Solta o ar pelas narinas irritado e não diz nada.

Paramos em um posto assim que chegamos a Memphis, enquanto Dante abastecia o carro eu entrei na loja de conveniência para comprar uma água e ir ao banheiro. Quando volto, noto que o Hurrón estava aturdido, como se tivesse visto um fantasma.

— O que foi? — Aperto as sobrancelhas uma na outra.

— Eu... Eu sei lá..., uma mulher acabou de abastecer e... — gagueja — eu podia jurar que era minha mãe.

— Sua... Sua mãe? — Até eu titubeei.

— É... Minha mãe... — Entra no carro e coloca o cinto.

— Conseguiu ver a placa?

— Não. Não vi nada, nem tive tempo para isso, ela foi embora muito rápido. — Está pensativo, nem consegue sair do lugar.

— O que sua mãe estaria fazendo aqui, em Memphis?

— Se ela fosse se esconder em algum lugar, provavelmente seria aqui, porque Memphis é a cidade do Elvis Presley e ela o amava...

— Podemos perguntar na conveniência ou tentar seguir ela, sabe em que direção seguiu?

— Deixa isso para lá...

— Como deixar? É sua mãe! E por uma incrível coincidência ela pode estar aqui.

— Não. Só esquece isso, está bem? — Sai do posto de gasolina e segue o GPS.

— Não seja um covarde... — Falo baixo, mas com certeza ele ouve, pois me retruca:

— Você não me conhece.

Fico calada, de fato não o conheço, pois ele não permitia que o conhecesse, era como se tivesse medo que eu enxergasse por trás da face de campeão uma figura completamente derrotada.

Estacionamos o carro em frente à casa da minha mãe, atenta, ela abriu a porta e saiu correndo para me abraçar. E sem pudor algum também abraçou Dante e o chamou de genro. O constrangimento não parou por aí, pois minha vó também veio nos abraçar e dizer que estava ansiosa para ser bisavó. Perguntei de imediato pelo meu avô, e fiquei sabendo que ele estava trabalhando, pois era caminhoneiro e vivia na estrada boa parte do tempo. Fico triste, pois por conta disso nunca conseguimos ser muito próximos.

— George e Christian estão na oficina, mas chegam em breve para o jantar — minha mãe anuncia. Não que eu estivesse com saudades deles, se possível, nem gostaria de vê-los. — Sentem-se, por favor, sem cerimônias aqui em casa, somos muito simples.

Ela estava toda boba, pois imaginava que Dante vivia cercado de luxo. A casa da minha mãe não poderia ser comparada com a dele, mesmo assim, era uma bela casa, ela ganhava muito bem com suas encomendas e George era dono da oficina mecânica mais famosa da cidade. Depois que se separou do meu pai, mamãe casou-se com o arqui-inimigo dele e construíram uma casa do lado da propriedade dos meus avós. Apegada aos pais, ela nunca quis morar muito longe.

Sento-me no sofá grande e alaranjado e observo que está tudo muito limpo e arrumado, minha mãe sempre foi muito organizada, mas hoje ela limpou

cada minúcia. Se eu não trouxesse Dante com certeza ia ficar puta comigo.

Vovó e mamãe estão paradas à nossa frente, olhando-nos com extrema curiosidade.

— Senhora Simmons, onde é o banheiro? — Dante pergunta, ele estava um pouco constrangido sentado no sofá. Tenho asco de ouvir minha mãe ser chamada pelo sobrenome que não fosse o do meu pai.

— Não me chame de senhora, por favor, pode me chamar de Moira, o banheiro é no corredor, virando à esquerda — o guia. O Hurrón agradece chamando-a pelo nome e se levanta caminhando até o banheiro.

— Uau, ele é muito mais bonito pessoalmente — vovó comenta.

— Vovó!

— Eu tenho olhos, não estou morta. — Deu de ombros.

Gargalho junto com minha mãe que está a todo tempo me analisando, simplesmente porque quer ver com os próprios olhos se não estou grávida. Depois que Dante volta elas começam a fazer um questionário sobre as intenções dele comigo e, principalmente, a data do casamento que elas já queriam se planejar para estarem presentes. Obviamente, ele disse que não sabia quando e que elas seriam as primeiras a serem comunicadas sobre isso.

Mais tarde, os Simmons chegam e nós nos reunimos à mesa para o jantar. George puxou muito o saco de Dante, embora não fosse fã dos Giants, tinha uma grande admiração por ele. Já Christian chegou com uma expressão de poucos amigos e não fez muita questão de socializar. Fiquei sabendo pela minha mãe que ele estava paquerando a filha da vizinha, e até então, não obteve muito sucesso. Não que ele fosse feio, era magro, olhos verdes emoldurados por um óculos arredondado e cabelos escuros. Só que conhecendo a Gwen dos verões passados, ela era interessada mais em homens musculosos e endinheirados.

— A Rosalie frequenta os jogos dos Giants desde criança, jamais

imaginávamos que ela ia acabar namorando a estrela do time — mamãe começou a sessão vergonha alheia.

— É verdade, tia, minha irmãzinha é muito surpreendente — Christian diz, e não sei se odeio ele chamando minha mãe de tia ou se odeio mais ele me chamando de irmãzinha. Acho que odeio tudo na mesma intensidade, porém não tanto o fato que ele acabou de me chamar de surpreendente, não como um elogio, mas como uma acusação.

A realidade era que eu e o Simmons mais novo não nos dávamos bem desde criança, sempre que eu os visitava nas férias a atenção da mamãe era toda para mim. Era um mês onde eu era mimada de todas as formas para compensar a distância e, isso criou um ciúmes tão grande nele que até hoje nós não conseguimos ter uma conversa decente sem trocar farpas.

— E a faculdade, Christian, como está? — Mudo o rumo da conversa.

— Muito bem, me formo no final do ano — diz com a boca cheia de orgulho. O parabenizo para mostrar mais maturidade do que ele.

— E você, Rosalie, pretende fazer faculdade? — George pergunta.

— Tenho meus projetos... — Droga, acho que errei ao mudar o rumo da conversa.

— Casar e ter filhos é o seu projeto? — Meu padrasto acabou de me dar um tapa com essa pergunta.

Mordo os lábios e finco o garfo no milho pronta para retrucá-lo, mas pensando em uma forma educada para não magoar minha mãe, eu acabo sendo defendida:

— A Rosie tem um talento incrível na cozinha, tudo que toca se torna especial, ela não vai só casar e ter filhos comigo, como também vai ser dona de um dos melhores restaurantes de Nova York. — Dante responde e isso me acerta em cheio, pois não sei onde está o limiar da verdade e mentira.

— Um restaurante? Vocês vão abrir um restaurante? — Minha mãe



pergunta.

— Sim, nós ainda estamos trabalhando nessa ideia.

— Isso é incrível! — Vovó vibra.

— Sim... É incrível... — Digo olhando para Dante e querendo entender onde ele queria chegar inventando tantas mentiras. Só que não descubro nada, pois seu olhar está muito enigmático. Após o jantar, aceitamos ir com minha família até o Country Rockin Blues, um clube de música e dança.

Assim que chegamos tivemos que lidar com muitas pessoas tirando foto, tanto minha quanto de Dante. Muitos me conheciam e me cumprimentaram, a filha da vizinha, garota que o Christian era interessado, Gwennifer Murroy, veio falar comigo e tirar foto com Dante e sondar como eu consegui fisgar um jogador de futebol, pois ela também queria. Aproveitei que estávamos sozinhas enquanto vovó tentava puxar meu falso noivo para dançar e eu respondi:

— Não foi premeditado como todo mundo pensa que foi.

— Sério? Agora me arrependo de não ter ido a nenhum jogo de futebol. — A morena cruzou os braços.

— Gwen, sinceramente, por que você não começa a reparar um pouco ao seu redor? Há coisas que não enxergamos porque estamos preocupados demais com o nosso eu.

— O que quer dizer? Não há ninguém nessa cidade que me interessa.

— Sério? E o Christian?

— Não me leve a mal, seu irmão é legal, mas não é um jogador de futebol.

Suspiro e vejo que o motivo da nossa conversa está nos olhando e coça o nariz em total desconforto. Dou uma olhada aos redores e a luz piscando não ofusca o fato de que há uma garota bem tímida olhando para o Chris. Não sei se fui pega por um extremo ato de bondade ou se queria fazer as pazes com ele de vez, no entanto, caminho em sua direção e suspiro antes de falar:

— Você pode não gostar do que eu vou dizer, mas a Gwen não gosta de você. — Ele faz uma careta e está pronto para me retrucar, entretanto eu continuo a falar antes de ser interrompida. — No entanto, tem uma garota, ali, do lado esquerdo do salão que parece interessada em você e, se você abrir um pouco os olhos vai perceber que viver uma paixão unilateral não é legal. Abra os olhos e veja, sempre tem alguém que vai gostar de você, sem impor condições, sem existir barreiras...

— Por que está sendo legal comigo?

— Porque estou cansada de você não ser legal comigo. Eu vou dançar, e você vai ficar aí babando por quem não te quer ou vai dar a volta por cima?

Solta o ar pela boca, e morde o lábio antes de dizer:

— Obrigado, você tem razão.

— Sim, eu tenho razão, obrigada e de nada. Se quiser, pode admitir que sou a melhor em tudo.

— Ah, por favor, não é não.

— Quando brincávamos de pega-pega, quem sempre corria e se salvava?

— Você...

— E no esconde-esconde? Quem era a melhor se escondendo, huh? Demoravam horas para me achar.

— Você.

— E nas corridas que apostávamos?

— O.k. O.k. Você sempre foi melhor nisso tudo, está satisfeita?

— Muito satisfeita.

— Só que em uma coisa você nunca foi boa — se move até a pista de dança e eu o sigo.

— Está jogando sujo, Simmons. — Ele faz um passo no ritmo do country e eu não consigo segui-lo.

— Vamos lá, irmãzinha, é só seguir os passos.

Dançamos e realmente eu era péssima nisso, ainda assim, me diverti tanto que isso era mero detalhe. Ao término da música, Chris sorri para mim e aproveita minha dica e vai conversar com a garota que estava interessada nele. Aproximo-me da minha avó e de Dante e ela me entrega meu falso noivo para a próxima dança.

— Você parece que se divertiu com seu irmão — Dante diz colando seu corpo no meu para dançar ao ritmo mais lento que se iniciava, era *Can't Help Falling In Love* do Elvis Presley. Meu coração martela no peito, encantado pela música e pelo toque. O toque de Dante em mim era como polvilhar açúcar em bolo quente, o açúcar derrete, eu me derreto.

— É, nós temos os nossos problemas, mas ele não é tão ruim quanto parece.

— Essa música... — Seu rosto está muito colado no meu, então é possível ouvi-lo facilmente. — Era a música dos meus pais. No vídeo de casamento deles, minha mãe canta ela depois dos votos.

— Então eles eram muito apaixonados.

— Eram, até não serem mais.

— O que aconteceu?

— Se distanciaram, deixaram de se amar, apenas conviviam.

— Por quê?

— Porque o amor tem um tempo de vida, eu acho.

— Talvez você esteja certo, o casamento dos meus pais não deu certo, nem o dos meus avós paternos, entre outros casamentos que já vi falirem. E essas pessoas eram apaixonadas umas pelas outras quando se casaram, então por que não deu certo?

— Não sei... — Apertou minhas costas. — Talvez nenhum desses homens tenha sido o marido ideal.

— O quê?

— Era o que minha mãe dizia sobre meu pai, que ele não era o marido ideal.... — De repente Dante se afasta e começa a se mover muito rápido em direção ao bar. Ele parece assustado, ansioso, como se novamente tivesse visto um fantasma. Será que viu sua mãe? Vou atrás dele. Há uma figura feminina com um vestido azul e cabelos longos e castanhos segurando uma bebida de costas para nós. — Mãe? — Ele encosta no ombro da mulher e ela olha direto para ele. Seria ela Caroline Hurren e estava escondida aqui em Memphis?

A expressão de Dante muda de surpresa para decepção.

— Desculpe — diz para a mulher e se afasta. Ando junto com ele para longe dali, saindo direto pela porta de saída que chegava ao estacionamento. Sentimos a brisa do vento em nossa face. O tempo não está bom, parecia que ia chover a qualquer momento. Vejo-o engolir a saliva com dificuldade antes de falar. — Estou entrando em paranóia de novo, teve uma época que eu via minha mãe em todos os lugares e agora isso está acontecendo novamente.

— Não se martirize, porque pode ser que um dia ela realmente volte.

— Não tenho motivos para acreditar nisso.

— Acredite no amor que ela tinha por você, acredite no amor. — Sinto pingos de chuva esporádicos em minha cabeça, não me movo, estou tão firme quanto ele.

— E desde quando o amor tem me dado razões para acreditar nele? — Seus sentimentos estão escondidos embaixo de muito rancor.

— Ele dá... — Eu dou razões. Engulo esse pensamento. — Um dia você descobrirá o amor de outra forma e você conhecerá todas as razões. — Meu coração dói sendo apertado pelas razões que eu queria dar, mas não dou porque não parece disposto a receber.

Um casal passa por nós e entra no carro correndo para fugir da chuva. Olhamos para a saída e notamos que mais ninguém sai e continuamos a

conversa. Olho direto nos olhos de Dante e seguro sua mão, as lágrimas estão em meus olhos, as lágrimas também estão em seus olhos.

— Se até o amor de uma mãe é capaz de abandonar, imagine o amor de uma mulher para com um homem. — Uma lágrima escorre dos seus olhos e cai até seu queixo e é aí que começa a minha, como uma continuação, estamos ligados pela dor causada pelo amor. — Essa merda de amor não passa de uma piada — sua voz soa brusca, tão brusca quanto as gotas de chuva que começam a virar um chuveiro.

Esmoreço.

— Está chovendo — falo o óbvio porque não tenho argumentos. Na realidade, tenho, só que estou guardando-os no fundo do meu orgulho.

— Não quero voltar lá... Não estou no clima.

— Eu também não.

— Vamos entrar no carro e esperar minha família — caminho até o carro dele e me segure. Entramos no carro que estava no fim do estacionamento, sentamo-nos no banco de trás, fechamos as portas e respiramos o ar um do outro.

O silêncio é alto, o pensamento fala, a boca não.

A chuva se intensifica, sinto que não está chovendo apenas fora, também está chovendo dentro de mim. Passamos um tempo olhando um para o outro.

Dante aproxima e envolve seus braços em mim, fico confusa com o que está acontecendo, sua boca diz algo e seu corpo faz exatamente o contrário. Abraça-me forte fazendo com que as batidas do nosso coração se ritmassem igual. Sua boca fria busca a minha e a encontra com tanta facilidade, me abro para ele porque ainda quero algo, mesmo que não fosse sua confissão amorosa. Deslizo minha língua pela sua boca e encontro a sua tão voraz, estou tomando tudo dele e quero que tome tudo de mim. Não tenho paz enquanto não fizer isso. Sinto seu corpo bradando pelo meu tanto quanto o

meu brada pelo dele.

Aperto seus ombros, suas costas, amasso sua camisa em minhas mãos, meus olhos estão fechados porque os meus sentidos estão focados somente naquele contato. O gosto dos sentimentos que tomo de sua boca me inebria e me faz perder o controle que nem tenho.

Não sei o que estamos fazendo. É puro desespero. Nosso desejo é como dinamite, a qualquer momento poderia explodir. A boca dele agora está quente como a minha, tudo está quente. Os vidros começavam a ficar embaçados.

— Sete regras... — Murmura nos meus lábios. — Não posso beijá-la. — E me beija forte, chupa minha língua, sua mão pousa em minha clavícula e fica lá, enquanto a boca faz todo o trabalho. Dante está praticamente em cima de mim, estou preenchida por ele. — Segunda regra — afasta sua boca brevemente da minha —, não posso tocá-la, nem aqui... — Sua mão roça muito leve nos meus seios, o arfar da minha boca e meu olhar suplicante o faz pressionar mais os dedos.

— Por favor...

— O quê? — Quer que eu peça e eu vou pedir porque dei um foda-se para a razão há algum tempo.

— Me toca...

— Assim? — Pergunta preenchendo sua mão com meu seio esquerdo.

Mordo os lábios em confirmação.

Sua outra mão desliza até a barra da minha saia e passa pela parte interna da minha coxa, é tão suave e arrepiante.

— E aqui? — A pressão que seus dedos fazem lá embaixo me faz soltar um ruído afirmativo. — Vamos pular as outras regras, porque a quinta me interessa muito. Nada de sexo? — Sua mão se enterra dentro da minha calcinha e seus dedos frios arrepiam todo meu corpo.

— Faça o que tem que fazer — olho-o decidida, pois quero preenchê-lo com meu corpo, com meu desejo, tudo para nunca mais ver aquela dor em seu olhar. E ele acata meu pedido com muita facilidade. Senta-se no banco reto e me coloca em seu colo, envolvo-o com minhas pernas, a saia sobe. Não tenho mais pudor, já que sou incapaz de conter a paixão latente em minha carne.

Nenhum de nós estava preocupado com a causa-efeito dessas ações.

Sua boca se move para minha orelha e sua língua pressiona obscenidades. As suas mãos são muito rápidas, passeiam pelas minhas coxas e vão direto para minha bunda. Espalma a mão, me aperta, me inclino nele, gosto da pressão, peço baixinho por mais, *aperta mais*, provavelmente faz marcas. Dante não está movido só pelo seu prazer, mas também pelo meu.

Minhas mãos também trabalham indo ao encontro da barra de sua camisa e puxando-a devagar, ele me ajuda e levanta os braços, retiro a peça e jogo-a de lado. As suas mãos voltam a tocar meu corpo, e eu toco o dele, os dedos delineiam cada músculo, não é suficiente, por isso uso a boca, primeiro beijo seus lábios tão macios, depois desço pelo seu queixo robusto, está liso, pois ele fez a barba hoje. Gosto de sentir sua pele.

Abro os lábios e chupo seu pescoço. Pressiono o quadril em sua pélvis. Há um ruído prazeroso vindo dele. O calor que sinto em todo meu corpo passa a se tornar mais crescente na minha intimidade, que pulsa enquanto eu deslizo meus lábios pelo seu peitoral.

Mal respiro.

Seu desejo está me rasgando, destruindo as minhas defesas, está forte em tantos lugares. Preenchendo todas as minhas reentrâncias com a sua vontade. Minha pele queima em brasa. Sinto febre do seu toque, quero mais. A violência dessa correlação entre desejo e fome é tão forte que me inebria.

Relampejou lá fora e trovejou em mim.

Ele sobe minha camiseta, mas não a tira, puxa o sutiã para baixo e seus dedos não me acariciam, fazem melhor, a boca macia e quente encontra um mamilo, suga, depois parte para o outro deslizando a língua. Arfo e pulso rebolando o quadril nele, tentando aplacar as ondas de calor que vinham do meu sexo e que estavam cada vez mais fortes.

Dante trata meus seios como se fossem os mais bonitos que já viu em toda vida, sua boca quente é tão meticulosa. Há chama em seus olhos queimando por eles. Inclino-me e entrego tudo, era tão gostosa a forma que sua língua se movia e acariciava com tanto êxtase os meus seios.

As mãos apenas trabalham em pressionar minha bunda com vontade, enquanto a boca ora mordiscava, ora chupava prazerosamente. Até que ele tira mais de mim quando sua mão decide que quer passear em outro lugar. Corre pela minha virilha e chega à zona de perigo. Fricciona. Ofego. Ouço sirenes imaginárias. Alerta de perigo. Seu dedo me preenche tão fácil. Pendo a cabeça para trás. Movimenta-se. Tortura-me.

Estou quente, molhada e entregue. Dante gosta disso, gosta dos meus murmúrios baixinhos. Quer que eu peça pelo pau dele. Quer que eu implore pela sua boca e que postule pelo seu amor.

Os movimentos lentos e precisos me fazem ofegar tantas vezes e eu retomo o fôlego pegando-o direto de sua boca.

— Porra... — Pragueja tentando controlar sua excitação. Quando seus dedos saem de mim eu volto a pressionar-me fortemente nele. Rebolando, movendo-me, suplicando para ser preenchida por algo mais intenso que seus dedos.

Beijo-o. Tremo. Arfo. Descontrolo-me. As ondas de sentimentos que eu envio para ele e que são mandadas de volta são ainda mais intensas, isso arrepia até a minha alma. Peço na carícia de minha língua:

*Então diga a verdade, diga o que sente e as coisas vão terminar na cama*



*que é o único lugar que vamos conseguir nos entender de vez.*

Não digo, estava implícito.

— Sétima regra... — Digo em um sussurro. Estou esperando ele dizer que está pronto para quebrá-la e dizer que está apaixonado por mim.

Expectativas. Anseios, desejo, dor, amor. Sentimentos todos densos e prontos para serem diluídos em uma única frase. Entretanto ele se afasta. Afasta-se. Afasta. E me rasga com as seguintes palavras:

— Sou eu que não posso mais fazer isso.

Dante não está ouvindo as ondas de sentimentos que transmiti, está ouvindo a dor. Meu coração nunca aprende, ele apanha, apanha e mesmo assim está todo pulsante por ele.

— Então não minta mais. Me diz o que tem para dizer e nós vamos resolver isso — minha respiração ainda está nele, ainda estou em seu colo. Ainda tento.

Lança-me um olhar confuso.

— Me pede para te foder, mas não me pede para...

Ele não tem coragem para terminar a frase, só que eu tenho a firmeza de completá-la:

— Para me amar? É isso?

Recua em um grunhido.

— Fala... Fala porra — digo entredentes, estou furiosa. Olho para ele, que abaixa a cabeça fechando os olhos.

— É... — Sua voz sai e atinge meu estômago como um soco. Eu mereço a verdade, eu sei o que sente, eu vi em seus olhos, mas ele ainda insiste em mentir, em esconder os sentimentos. — Desculpa.

Separo-me muito rápido. Está tudo embaçado, minha visão, os vidros do carro. Abro a porta para respirar porque estou sufocando com o bolo que se formou em minha garganta. Saio do carro. A chuva me atinge. Dante também

sai.

Solução. Não estou mais tremendo pelos toques que aconteceram, e sim por raiva.

— Some daqui. — Meus lábios ondulam com essas palavras. Os cabelos molhados colando em seu rosto traziam um novo visual, que me acertou em cheio perante à nova beleza que vi nele.

— Eu não posso ir embora agora... O que sua família vai pensar?

— Não importa. Vá embora, vá embora! — Começo a empurrá-lo de volta para o seu carro. Não posso mais engolir esses sentimentos porque estou sendo engolida por eles.

— As coisas não precisam terminar assim.

Por um erro ínfimo nada será como antes.

— Precisa, porque eu posso perdoar todos os seus erros, mas jamais vou perdoar sua covardia. — Fecho os olhos com força e os abro revelando a decepção.

Seus lábios ondulam formando palavras que não vão ser ditas.

— É isso? Adeus? — Assume um tom hesitante. Não ia pedir para que ficasse, ainda quero manter meu orgulho.

— É. — Meu punho está fechado no seu peito e eu sinto seu coração aferível martelando freneticamente, suplicante. O que Dante sentia por mim era tácito. Contudo eu queria que fosse corporificado através de palavras, não importava se fossem desajeitadas.

Não sinto que a chuva está escorrendo pelo meu corpo e ensopando-o, na realidade, emoções tão violentas me dominam que estar molhada pela chuva parecia meramente ficcional. Não sinto.

Não consigo reprimir, muito menos esconder os sentimentos. Já chega, não dá mais. Sua mão segura meu punho e a retira devagar do seu peito.

— Você está certa... Eu sou um covarde. — Diz, ele era tão

autoindulgente.

Entra no carro e antes de fechar a porta ouço um ruído sair de sua boca sufocado. Por fim, me deixa ali. Sozinha. E terminamos desse jeito que também não era um término de verdade e nem de mentira. Nosso relacionamento era apenas uma bolha de sabão, bastou um toque de amor para desaparecer.

Parece que estou usando um espartilho apertado que me impossibilita de respirar, porque minha respiração está extremamente dificultosa. Abro a boca, puxo o ar pela garganta fazendo um barulho gutural. Engulo as gotas de chuva, engulo as gotas de amor.

Estou quase perdendo o equilíbrio, mas me mantenho em pé, meu orgulho ainda ficou comigo, no entanto, não tenho nada para fazer com ele. Meu peito dói. Não há arco-íris depois da chuva. Descubro naquele momento que meu coração é a parte mais engraçada dessa piada chamada amor.



Voltei para casa no domingo depois do almoço, tive que trazer de volta minha bagagem e a de Dante, embora tenha pensado em jogá-la no rio em vários momentos. Inventei para minha família que ele teve um compromisso de repente e foi obrigado a correr de volta para Nova York. Não sei se acreditaram, talvez sim, pois ainda estavam com a ilusão de que haveria um casamento em breve. Não desmenti, não tive coragem o suficiente, entretanto pretendo fazer isso em breve, assim que eu conseguir sair dessa lama em que ele me deixou.

A primeira coisa que faço ao chegar é dar um beijo no meu avô e desmentir o noivado. Digo que é apenas loucura da mídia e ele não acredita muito, porque está tão feliz, sinto-o radiante com essa notícia.

Já papai está furioso, ele já havia me bombardeado com mensagens o dia todo, e eu tive que justificar o que aconteceu várias vezes, além de afirmar que não estava grávida. Só que não faço isso por muito tempo porque estou desolada. Meu peito quer transbordar em lágrimas, só que ainda estou sendo forte por mim mesma.

Morgan aparece em casa muito rápido, logo após eu avisar que vovô saiu com o Bill e meu pai foi na casa da namorada. Tínhamos que ficar a sós para que eu pudesse contar toda a verdade sobre o pedido de noivado e todas as outras coisas que se sucederam após isso. Foi desastre atrás de desastre.

— Vocês precisam foder. — É o que ela diz no fim de tudo que eu contei.

— O quê? Pensei que você teria uma super análise sobre tudo, afinal, quem é a psicóloga aqui? — Pego Coca-Cola na geladeira, estava precisando de açúcar e volto a me sentar no sofá ao lado da minha amiga, depois de lhe entregar uma lata do refrigerante.

— Mas estou aqui como sua amiga, e estou vendo o tesão reprimido. Vocês podem resolver isso sobre amor depois que transarem.

— Não quero cometer os mesmos erros que cometi com o Kalel.

— Você não vai cometer os mesmos erros, o Dante não é aquele idiota, é completamente diferente dele, aliás.

— Sim, eles são completamente diferentes. Só que eu estou apaixonada, Morgan, irrevogavelmente apaixonada, e esse meu eu romântico não me deixa transar sem ter a certeza de que estou com os pés no chão.

— Tudo bem, então, espere. Ele vai vir atrás de você.

— Será? A mala dele está comigo...

Meu espírito rancoroso entra em alerta quando fico encarando a mala de Dante, óbvio que não vou abrir e picotar tudo que estava ali dentro, só penso que devo devolvê-la sem demonstrar sentimento. Chamo um entregador e peço para que leve a mala no endereço do Hurron, porque nós duas entramos no consenso de que a mala não pode ser uma desculpa para ele vir até mim.

Passa-se um tempo em que eu ainda estou conversando com Morgan até que a campainha de casa toca. Abro e vejo o entregador com a mala e ele me dá um recado:

— A pessoa pediu que a entrega seja feita pessoalmente.

— Leve e deixe-a lá no portão.

— Não posso fazer isso, senhora, é uma área residencial recheada de seguranças, se eu deixar essa mala lá vão me prender.

— Tente entregar novamente, por favor. — Entrego mais um dinheiro a ele e volto para meu quarto.

Morgan e eu já havíamos esgotado as latas de refrigerante da geladeira e comido vários chocolates. Tivemos que nos despedir, pois ela tinha um encontro com Jake, um dos cozinheiros da Tasty House.

Mais um tempo se passa e a mala retorna.

— A pessoa pediu de novo que a senhorita devolva pessoalmente.

— Tudo bem, eu fico com isso. — Puxo a mala e vejo o entregador ir embora sem entender o que estava acontecendo.

Dante estava me afrontando e por isso eu apenas deixo a mala fora de casa e fecho a porta. Será que devo jogá-la no lixo? Talvez se eu deixar fora alguém vai acabar levando embora... Espero um tempo, me sento no sofá, mordo as unhas. Passam-se só uns minutos.

Abro a porta, ainda vejo a mala. Raivosa, pego a chave do carro e saio, jogo a mala atrás da caminhonete e dirijo em total fúria até Nova Jersey. Não tenho dificuldades em passar pela segurança, certo alguém deve ter avisado sobre mim.

Entro na área residencial e estaciono o carro. Dante está fora de casa, já que foi avisado sobre minha chegada. Caminho com passos pesados até a caçamba e subo nela, pego a mala e jogo-a no chão.

— É isso que você queria?! Entrega personalizada?

— Você parece nervosa. — Constata o óbvio. Olho para ele, me permito olhar, em suas mãos há uma garrafa de uísque quase cheia, está vestido formalmente e parecia que tinha algum compromisso, mas os cabelos estão bagunçados, as olheiras embaixo dos olhos, a camisa para fora da calça e meio desabotoada. Um terremoto parecia ter passado por ele.

— Meu Deus, o que há com você? Está bêbado?

— Não, nem comecei a beber ainda.

— Onde estão os empregados?

— Dispensei.

— E o seu pai?

— Deve estar puxando o saco de alguém por aí.

Desço da caçamba e respiro fundo.

— Eu só quero terminar logo com isso, peça para a sua assessoria lançar

uma nota confirmando nosso término.

— Não posso. — Dante começa a caminhar e eu o sigo.

— É claro que você pode. — Contornamos a casa até chegar à área da piscina que é luxo puro. Tem até um chafariz no meio dela, não me atenho a detalhes, pois minha indignação não deixa. — Eu não estou pedindo, estou mandando. — Falo firme. Dante se vira para mim e começa a rir, gargalhar e eu fico feito uma idiota olhando-o, esperando pela parte engraçada que só ele sabia qual era.

— Qual é a graça, Dante?

— Sou eu. Não está vendo? Sou eu... — Ri pelas narinas, debochando de si mesmo até perder o fôlego. — Eu sou a parte mais engraçada dessa piada chamada amor.

— O quê?

— Pensei que pudesse seguir com isso, mas não posso. — Contrai a mandíbula. Anda de um lado para o outro, agitado com tantas palavras não ditas que o sufocavam. — Você está escrita em mim — se aproxima —, em minha carne. Não posso me afastar. — Coloca sua mão em meu rosto, derrubando a garrafa que rola quase caindo dentro da piscina e só não quebra porque a altura era baixa.

— Fale de forma que eu entenda. — Grito com meus olhos que não deixam os dele nem por um segundo.

— Você... porra... você está em mim, como uma tatuagem, nada tinha se fixado em minha pele antes de você — diz entredentes. Não era uma declaração, era como se ele tivesse arrancado furiosamente essas palavras de dentro do seu coração com as mãos.

— O que aconteceu? Tomou o chá da verdade? — Seguro sua mão retirando-a do meu rosto vagarosamente.

— Eu não fui embora quando me pediu, esperei no carro no fim da rua,

quis voltar, fiz e refiz o caminho até a casa da sua mãe algumas vezes, até perceber que podia ser tarde demais. — O último raio solar do dia ilumina seu rosto e eu poderia dizer que ele nunca esteve tão bonito se não estivesse com tanta raiva.

— Tarde demais para?

— Para te pedir para perdoar os meus erros, porque eu não quero mais ser um covarde.

— Eu não sou uma idiota. Não posso mais insistir nisso que temos, que não é de verdade, nem de mentira.

— Você está errada, nunca foi de mentira... — Revela uma verdade que estava escondida embaixo de tantos nós. Nós que ele fez para se proteger.

De repente somos interrompidos por uma figura imponente masculina, ele se aproxima como um ladrão e coloca o pé em cima da garrafa de uísque. Dante parece em estado catatônico ao ver o pai dele.

— Onde estão os empregados?

Não respondemos, nem havíamos percebido ele chegar.

— Quem trouxe isso para cá? — Questiona, seus olhos são acusadores para mim. Seu filho vira para ele e confirma ser o autor desse crime.

As marcas de expressão se intensificam no rosto do Hurron mais velho, ele abaixa e pega a garrafa. Uma veia salta para fora do seu pescoço quando joga a garrafa com toda força no chão e pronuncia as seguintes palavras:

— O que você estava pensando, Dante? Quer seguir os passos da sua mãe e ser um maldito bêbado?! Limpe essa merda. — Caminha para longe e nos deixa a sós.

Estou em choque, mal consigo me mover. Abro a boca e a fecho em seguida. E então, o dia vira noite. Escurece pouco, só que eu sinto que estava completamente obscuro. Sinto-me às cegas com o que acabara de acontecer.

— O quê... O que foi isso? — Pergunto, porém, Dante não responde,



abaixa-se no chão em frente aos cacos. Vejo lágrimas em seus olhos, o que Jordan acabou de dizer era pesado demais. Caroline Hurreon era ou foi uma alcoólatra?

Não me responde e de repente soca os cacos de vidro com a mão esquerda e depois com a direita, tentando de alguma forma aplacar a raiva e a dor dentro de si. Grito pedindo para que pare, mas ele soca mais uma vez, os cacos machucando-o fortemente. Caio de joelhos no chão, pedindo para que pare de novo e novamente. Lágrimas caem em minha face porque sua dor me machuca.

Geme de dor, um ruído de profunda angústia.

— Por favor, pare. — Grito, em um sussurro. Seguro suas mãos nas minhas, não as solto.

— Ele não tem o direito de falar sobre isso, não tem o direito de falar sobre ela. — Seu rosto está muito vermelho, tem muita amargura dentro de si, o sangue pulsa por suas veias salientes, a adrenalina produzida pela raiva é alta.

— Eu sei... eu sei... Por favor, não faz isso com você.

— Por quê? Você já desistiu de mim.

— Porque me machuca, porque eu realmente te sinto, aqui — coloco suas mãos em meu peito. — E vou engolir todo meu orgulho para dizer que estou apaixonada por você.

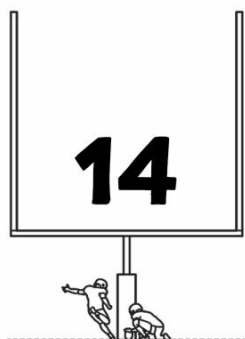
No esconde-esconde de sentimentos eu não sou a melhor. Chega de esconder, de omitir, mentir, porque o amor é verdade.

Dante olha para mim. Sua face molhada. Vejo lágrimas com um sorriso. Ele está completamente fora de si. Os acontecimentos que se sucederam o fizeram chegar a uma dolorosa catarse. Jamais poderíamos catar todos os cacos em que esse instante se transformou.

Com nossas mãos unidas, ele me olha com tanta verdade e diz as seguintes

palavras:

— Como uma chama você queima tudo que há de ruim em mim e, feito fênix, o que renasce se torna bom... — Sorri em meio à dor, os olhos inundados de lágrimas. — Casa comigo, de verdade.



## AQUELE BEIJO



## Capítulo 14

Meu coração bate muito, muito depressa, os sentimentos gritam e se chocam com a força dos sentimentos de Dante. E no fim, aquela pequena parte, errática, inflou, brilhou, transcendeu por todo o meu ser e se tornou ele. O olho com as pupilas dilatadas, meus olhos brilham nos dele, os seus estão a luzir e se refletem nos meus.

Não o sinto mais como um clandestino no meu coração, pois o que vejo em sua verdade é a coisa mais bonita que já vi. Floresço com suas palavras e floresço em seu coração. Mesmo assim, sinto minha boca muito seca. A garganta quase se fecha, não tenho palavras. Não consigo responder à pergunta.

A sensação que tenho é que estou mergulhando a cabeça em um balde d'água, prendo a respiração, mantenho os olhos abertos, a água me faz ver tudo mais claramente. Estávamos apaixonados, clamando um pelo outro, pedindo por toques, implorando por amor. E é exatamente o que estou disposta a dar.

Apesar de tudo, sinto que estou tempo demais imersa nessa água porque não consigo ver uma resposta para a pergunta que não soasse loucura. Quero dizer sim, minha boca abre para aceitá-lo de corpo e alma, mas quando um soluço irrompe de seus lábios, percebo que estamos indo longe demais. Não podemos meter os pés pelas mãos e mergulhar todo o corpo em um casamento e nos asfixiarmos.

Ouçó o barulho de um carro sair da garagem com muita velocidade, deveria ser Jordan saindo, pois era o único que estava ali, fora nós.

— Precisamos cuidar das suas mãos... — Abaixo o olhar e analiso o estrago que Dante fez consigo mesmo.

— Não... Eu estou bem...

— Não está.

— Você não tem uma resposta, não é?

— Mesmo que eu tivesse — anelo —, não ia dizer agora, você não está bem emocionalmente, nem fisicamente. — Olhamos diretamente para a pupila um do outro, que se dilatam. — Por favor, vamos para o hospital?

Fecha os olhos, está fechado em sua mágoa. Liberta suas mãos da minha e se levanta, olha para mim e aperta os seus lábios guardando palavras para si.

— Não se preocupe comigo — dá as costas. Levanto-me e encaro sua camisa, minhas mãos não têm medo de deslizar ao seu redor e abraçá-lo por trás, aperto minhas mãos nele e amasso sua camisa. Encosto a cabeça em seu corpo. Sinto-o enrijecido no começo, mas aos poucos sua postura se tornou mais leve e as coisas ruins que estavam expostas aos poucos desapareceram.

— Vamos começar com isso? — Digo, acariciando seu corpo, apertando seu abdômen, sentindo seu cheiro e respirando sua força.

— Sim... — Consente. Vira-se para mim e eu o recebo com meu corpo calando suas reticências com meus lábios. O nosso beijo é tão doce, somos regidos pela calma, levados por uma maré baixa. Sinto cada nuance do seu gosto e a ponta da sua língua entrega todas as suas declarações não ditas.

Separamo-nos lentamente, com um pequeno toque dos lábios no fim. Dante aceita minhas palavras e aceita que eu não tenho uma resposta — ainda. Não vou perguntá-lo sobre a acusação que seu pai acabou de fazer sobre sua mãe, não tenho esse direito. Em vez disso, me disponho a limpar os cacos de vidro e cuidar de suas mãos.

Quando estou terminando de colocar tudo no lixo com a ajuda de uma luva, ouvimos latidos e, logo vemos Bowie. Ele se aproxima de Dante e o cheira querendo lambe-las suas feridas.

— Desculpe senhor, o Bowie não quis ficar muito tempo passeando. — Diz um dos empregados que eu vi da última vez.

— Tudo bem, Jimmy... — Dante responde. — BowBow, você precisa se exercitar, é um preguiçoso — dá um beijo na cabeça dele que reage querendo pular em seu colo. Aproximo-me e faço um carinho no Golden, era tão fofo e amável.

— Aconteceu algo, senhor? Precisa de ajuda? — Jimmy pergunta.

— Foi só um acidente. Não se preocupe.

Entro com Dante em sua casa para ajudá-lo com seus ferimentos, pois ele precisava limpar as feridas antes de tudo.

— Não precisa fazer nada, eu me viro sozinho.

— Precisamos lavar esse ferimento. — Empurro-o até o banheiro e ele lava a mão com água e sabão. Não reclama em nenhum momento que está com dor. — Não dói?

— Um pouco. — Seca as mãos e eu ajudo-o a colocar uma gaze. — Desculpe, eu acabei te sujando com meu sangue... Quer uma camisa emprestada?

— Sim, por favor, se eu chegar em casa assim, vai gerar milhares de perguntas... Posso tomar um banho aqui, antes? — Peço, estava um pouco suja com seu sangue, mas também com cheiro de uísque.

— Claro.

Engulo em seco com o modo que seus olhos me olham, como se tirassem minhas roupas somente por imaginar que eu estaria nua em seu banheiro. Quase peço para que pare de imaginar e me veja nua ao vivo e em cores.

Não faz sinal de que vai ficar. Solta um suspiro entreabrindo os lábios e sai do banheiro encostando a porta. Não a fecho. Retiro a roupa vagorosamente. Estou nua e sinto muito frio bem lá...embaixo. Preciso de Dante. Necessito dele preenchendo minha pele com seus toques. Não dá mais para esperar. Ainda estou parada em frente à porta sem saber como chegar até ele. Sinto que pode não ser um bom momento, não depois de tudo que

aconteceu.

Entro no box e ligo o chuveiro. A água quente percorre meu corpo e eu deslizo a mão por ele me limpando, quando ouço a voz do dono da casa.

— Posso entrar? Deixei algo aí...

Minha respiração acelera. Não quero ter mais pudores. Quero me permitir.

— Sim...

E ele entra. Um pouco cabisbaixo, como se tivesse receio de me olhar e eu o censurar.

— Dante. Pode olhar. — Digo. Estou molhada e nua de todas as formas para ele. Abro a porta do box, sem medo, porque o homem à minha frente está me olhando com tanto desejo, como se quisesse ser a água que desliza pela minha pele. — Vem... — Minha voz adquire uma firmeza, a certeza de que o queria aqui e agora.

E ele vem. E como vem. Retira sua roupa muito rápido e entra completamente nu no box comigo. O olho da cabeça aos pés. Estou salivando. Socorro. Estou mesmo salivando. Tenho dúvida de onde devo tocar primeiro. Seus músculos abdominais, seu peito, bunda, coxa. Tudo é um conjunto tão forte, duro, delicioso.

Meu Deus.

Eu quero muito tudo isso.

— Cuidado com suas mãos... — Sussurro quando agarra forte minha cintura, me ignora, porque tudo que ele não quer agora é se preocupar com isso.

— Porra... — Corre as mãos pelo meu corpo, querendo explorar minhas curvas o máximo possível. Deslizo o polegar pela sua mandíbula e dou um beijo gostoso em sua boca. Sugo sua língua conforme a pressão que suas mãos faziam ora em meu quadril, ora em minha bunda.

Afasto-me levemente deixando a água cair nas costas.

— Me diz... O que você veio buscar no banheiro? — Pergunto olhando-o de forma ardil.

— Você... Nua, esperando ser fodida por mim.

Um sorriso sacana surge em meus lábios e eu corro as mãos pelo seu abdômen até chegar lá embaixo. Arfa deixando escapar um ruído grave de sua garganta. Sorrio vitoriosa percebendo que um simples toque meu destrói completamente suas defesas, em contrapartida, ele me aperta no box entrando mais na água.

Enfia a mão na minha nuca envolvendo meus cabelos entre seus dedos, a outra mão ainda está envolvida no meu quadril. Seu corpo pressiona o meu, esmagando meus seios contra o seu peitoral.

Tudo nele é duro e um convite explícito para sexo.

Algo ainda mais duro está me pressionando, sinto-o na minha barriga. Sua língua brinca com minha orelha — o que causa arrepios por todo o meu corpo. Quando rio por deleite, ele passa a beijar meu pescoço e, logo após me dá o seu olhar mais devasso, desce até o centro entre os seios.

Entregue, completamente extasiada pelo conjunto de sensações, maior do que desejo, é uma flama que arde incontrolavelmente. Toco seu pau, e a percepção de tocá-lo é muito melhor do que apenas vê-lo. Sinto-o pulsar em minha mão e meu corpo recebe as vibrações eróticas. Tremo inebriada de desejo.

Dante pega minhas duas mãos e as coloca na parede, imobilizando-me. Dizendo claramente que o momento era apenas meu. Meu deleite.

A pulsação no meu íntimo só cresce. Ele volta a me beijar na boca e aperta meus seios com suas duas mãos, esfrega os mamilos com os dedos. Ainda está com a gaze, mas isso não o impede de fazer movimentos precisos. Sei que suas mãos estão doendo, entretanto ele ignora completamente a dor, porque sente a necessidade de me dar prazer.



Estou inundada, em vários sentidos.

Os murmúrios que estão saindo da minha boca são incontrolláveis. Estou sendo barulhenta e Dante adora isso. A cada gemido, mais suas mãos se apertam em minha carne.

A ansiedade de transar logo com ele está se revirando no meu estômago. Não quero nada entre nós, nem mesmo a água que se deslizava pelos nossos corpos, porque quero queimar no corpo dele e ser aplacada somente por suas mãos.

— Vamos para a cama — peço e volto a beijá-lo com fervor, mostrando que estávamos apenas começando. É difícil nos afastarmos, tenho que reunir toda a minha força de vontade para ir contra meus estímulos e desligar o chuveiro. Quando faço isso, Dante apenas pega uma toalha para se secar e entrega uma para mim. Mas não deixa eu me secar.

Encosta seus lábios em minha orelha, a morde levemente. Um risinho foge da minha boca. Envolve suas mãos em minha bunda, apertando. O desejo que temos um pelo outro é uma vontade que não cessa.

— Posso fazer isso para sempre.

Eu rio novamente.

Ouvimos um barulho de repente e nos afastamos. Será que era Jimmy? Ou Bowie que conseguiu subir as escadas? Dante coloca o dedo em meus lábios para que eu fique quieta e envolve a toalha em sua cintura. Abre a porta e sai primeiro.

Aperto a toalha em meus cabelos quando ouço o Hurrón dizer com a voz grave:

— Porra! O que você está fazendo aqui?!

Arregalo os olhos e espio pela porta do banheiro. Tomo um susto ao ver um homem de terno sentado na cama. Ele estava com as pernas cruzadas, o terno escuro trazia-lhe um ar sombrio. O cabelo era bem cortado, como se ele

estivesse indo para o exército e os olhos eram castanhos escuros. Sua boca fina se abre quando diz:

— Olá, irmãozinho.

Meu Deus! É mais um membro da família Hurron?

— O que você está fazendo aqui? Quem te deixou entrar? Sai da porra desse quarto, agora! — Dante atropela as palavras cerrando os dentes, a fúria em brasa.

— Calma... Eu só vim te parabenizar pelo seu casamento. — Ele fala como se fosse simples aparecer tão de repente e em meio a um momento tão íntimo.

Estou ouvindo tudo escondida no banheiro, completamente apreensiva sobre o rumo que isso poderia tomar.

— Quem te deixou entrar?

— O seu empregado, coitado, é novo, não é? Ele não sabia que eu era proibido de entrar aqui.

— Vá para o inferno, Luke.

Eu não conseguia acreditar que o irmão de Dante estava ali, no quarto dele. E, meu Deus, há quanto tempo ele estava sentado ouvindo tudo?

— Quem está no inferno é você, vivendo até hoje com o seu pai. — Luke se levanta ficando face a face com o irmão.

— Nosso pai.

— Ele não é o meu pai! — Sua mandíbula ficou tensa.

— Continue negando a sua família e sendo um merda. Agora vá embora daqui! — Dante não quer conversa. Seja o que for que aconteceu entre os dois, não seria agora que iria se resolver.

— Calma, pensei que fosse me apresentar a sua noiva, ela estava com você no banheiro, hm? Hey... você pode aparecer se quiser — ele está falando comigo, porra, ele está falando comigo. O irmão de Dante, o cara que

sempre tive curiosidade de entender por que há tanto tempo se manteve afastado da família.

Respiro mal. Quero sair e apaziguar a cena de tensão, só que não posso sair e aparecer de toalha. Isso seria pior do que vergonha. O ódio cresce dentro de Dante, noto pelas suas mãos tremendo, apertando os punhos.

Não respondo. Espio quando ouço um barulho, pelo ângulo que eles estavam eu consegui ver a briga. Dante tentou golpear o irmão, mas não conseguiu, Luke, apesar de ser mais magro, tinha uma força maior, pois se sobrepujou e segurou o irmão mais novo prensando-o na parede.

— Acha que pode me vencer? — Luke é tão cruel, por que ele estava fazendo isso?

Estou pronta para correr e acabar com essa briga, foda-se se estava de toalha. Apesar das mãos machucadas, Dante consegue se desvencilhar do irmão e inverter as posições:

— Acha que pode me vencer? — Repete a fala de Luke enfrentando-o. — Você pensa que pode vir aqui e me tratar como um merda, como sempre me tratou, mas quem é o campeão nessa porra sou eu! Eu! Então vai se foder. — Afrouxa as mãos que seguravam a camisa do irmão mais velho.

Um sorriso fantasmagórico surge nos lábios de Luke.

— Pensei que pudéssemos ter uma conversa... — Afasta-se de Dante muito depressa.

— Eu te procurei há um ano, mofei à noite toda em frente à sua casa, pensando que pudéssemos ter uma conversa, mas você não abriu a porta.

— Porque você é um idiota monopolizado pelo Jordan. — As acusações são amargas e feitas de puro ressentimento.

— Eu sei quem nosso pai é e não importa, ele é responsável por quem eu sou hoje.

— É claro, você é o favorito. — É notável a mágoa do irmão que se sentia

um bastardo.

— Não era até você ir embora.

— Cala a boca!

— Vai dizer que eu estou mentindo? O papai ficava o tempo todo com você te treinando para ser um jogador enquanto eu sempre fiquei com a mamãe na cozinha. — Dante relembra. O passado estava sendo jogado na cara deles e na minha cara.

— E quando ele percebeu que eu era um fracasso, desistiu de mim. — Ouço a respiração nervosa do Hurron renegado.

— Você nunca teve força para ser um campeão. — Dante não está preocupado em medir as suas palavras.

— E você? Você é um campeão? Passou a vida toda tentando chamar a atenção da mamãe para que ela voltasse. E ela nunca apareceu. Depois de todo esse tempo, nunca se passou pela sua cabeça que ela está morta?

— O quê?

— É, irmãozinho, a mamãe está morta. — Suas palavras são como punho que acertam diretamente o estômago de seu irmão mais novo.

Putá merda. O que foi isso?

Sou uma mera espectadora, vejo tudo escondida de boca aberta. Demora para que Dante processe a informação. Será que seu irmão sabia mais sobre o mistério que envolvia o desaparecimento de sua mãe do que ele? Meu coração dói só de pensar que Caroline Hurron possa estar morta.

— Porra... Ela não está. Não está. Não está morta, imbecil! — O corpo tremia em fúria.

— Quem garante que não? Já faz mais de dez anos.

— Ela tentou se comunicar comigo uma vez...

— E você acha mesmo que era ela? Caia na real, Dante.

— Vá embora daqui. Eu não quero ouvir mais nada — vocifera, ouço uma

batida, talvez na porta, ou na parede, não consigo ver tudo pela fresta.

— Eu vou embora, mas espero um convite de casamento... Aliás, também tenho uma notícia, querido irmão — há muito sarcasmo em seu tom de voz —, você vai ser tio... — Dito isso ouço a porta batendo. Saio do banheiro na hora vendo Dante parado. As palavras da visita inesperada o deixaram em estado catatônico. Não sei o que fazer, nem qual palavra devo selecionar para pronunciar primeiro.

— O Luke vai ser pai... — Ele é o primeiro a articular algo, só que não parecia que estava dizendo isso para mim, e sim para si mesmo. Passa a mão pelos cabelos molhados, respira fundo. Penso que vai sair do quarto e ir atrás do irmão para se resolverem, seja o que for que aconteceu entre eles, não devia se perdurar por tanto tempo.

Sinto que Dante quer participar da vida do irmão, e, de acordo com que ouvi, tentou fazer isso no passado. Talvez essa aparição de Luke seja um prelúdio para uma reconciliação entre eles. Mesmo que tenha sido tão inóspita essa visita.

— Ele não é filho do seu pai? — Investigo. Não consigo calar esse questionamento, simplesmente saíu.

— Ele não considera, nossa mãe se casou grávida e, ela teve um relacionamento antes do meu pai. Pelas contas, Luke podia ser filho desse outro homem, mas meu pai nunca quis fazer o exame de DNA.

— Então, qual é o problema? Seu irmão se parece tanto com seu pai...

— Sim...O nosso pai sempre o tratou com mais rigidez, e Luke pensa que é por isso, por talvez ser um filho bastardo.

— É tão fácil de resolver isso...

— Sim..., Só que há tantas questões mais profundas envolvidas...

Suspiro sem argumentos.

— Me desculpa, por toda essa bagunça... por eu ser essa bagunça.

— Não se culpe, são questões fortes demais. Eu não estou aqui para te julgar. — Envolver minhas mãos ao seu redor. Levanto-me na ponta dos pés para alcançar sua cabeça, ele abaixa, tocamos as testas uma na outra.

Respiro.

Ele respira.

Sorrio, e seus lábios se curvam num leve sorriso completando a curva dos meus.

As águas que pingavam dos nossos corpos se fundiram, seria incapaz de descobrirmos de onde elas pingaram, e é exatamente o que aconteceu com nossos sentimentos que se liquefazem, mesclando-se, era impossível de distinguirmos quem sentia mais ali, se era eu, ou ele.

Afastamo-nos aos poucos, a pele arde.

— Tudo bem?

Dante suspira, sem uma boa resposta.

— Vou refazer a minha pergunta... Melhor, vou afirmar, tudo vai ficar bem. — Digo, coloco a mão em seu rosto, sinto a firmeza do queixo, a textura de sua pele. E penso: gosto tanto, tanto. Mais do que do mar, mais do que de azul, ou talvez ele seja a personificação do azul que eu amo.



Fui embora para casa depois de trocar de roupa. Estou com uma camisa de Dante no meu corpo e sentir o cheiro dele só me faz ficar mais embebedada de amor. Mesmo querendo fazer sexo, soube que não era o momento, não ali, onde poderíamos ser interrompidos novamente por seu pai, ou até mesmo por Luke.

As emoções estavam à flor da pele e era melhor nos acalmarmos e nos vermos quando tudo estiver menos denso. Assim que coloco os pés dentro de

casa, sou recepcionada por minha tia, Jenna.

— Onde você estava, mocinha? — Ela pergunta de imediato. Penso que vou levar uma bronca, abro a boca para responder, mas logo emenda sua pergunta: — Espero que com seu noivo... tomou até banho... hum... — Nota meu cabelo molhado —, estava transando?

— Tia! — Censuro-a.

— Não tenha pudores comigo, você sabe que eu entendo muito bem essa nova geração. Muito sexo envolvido, não é? — Ela diz como se fosse a coisa mais o.k. do mundo. Jenna nunca teve vergonha de falar sobre sexo comigo. Socorro, alguém precisa pará-la. — Conte-me mais sobre isso, fofinha...

Um rubor sobe pela minha face. Fujo. Caminho até a geladeira para pegar água e ela me segue toda curiosa.

— O papai e o vovô ainda não chegaram?

— Não, cheguei e tive que usar a chave reserva que vocês escondem bem mal.

Gesticulo perguntando se ela também quer água, aceita.

— Não sabia que viria hoje, senão, eu teria ficado para recebê-la. — Fecho a porta da geladeira e pego dois copos e coloco na mesa. Sentamo-nos.

— Resolvi me adiantar, ainda mais com a notícia do seu casamento... — Seus olhos brilham, porque, pela primeira vez, uma previsão dela poderia se concretizar, ou não. — Me conta tudo, como foi o pedido? Cadê o anel? — Pega minha mão e nota que não há nenhum anel ali. Uma linha de desapontamento surge de imediato em seu rosto.

— Eu ainda não tenho um anel...

— Entendo, ele deve ter pedido por um impulso de paixão, não?

Realmente ela estava certa. O primeiro pedido foi um impulso midiático e o segundo foi verdadeiramente um impulso de paixão. Só de pensar, devaneio para aquele momento e me vejo suspirando, depois, volto a pensar em Jordan

e em Luke e me encho de preocupação.

— O que foi? Está preocupada com algo? Quer que eu leia as cartas para você? — Jenna me lê fácil.

— Eu não sei...

— Tem algo te afligindo... Está preocupada em deixar o seu avô para se casar? — Ela toca em um ponto que eu ainda não havia questionado, e pensar nisso pela primeira vez me dói.

— Não exatamente, isso também me preocupa, mas, tem muitas coisas envolvidas, eu nem sei se quero me casar.

— Como assim não quer se casar? Você sabe, é claro que sabe. No fundo sempre sabemos. Veja por mim, me casei com meu ex-marido tendo a certeza de que estava fazendo merda. E estava certa. Então, me diz, o que você sente? — Ela joga os cabelos loiros e compridos de lado e me encara atentamente com seus olhos castanhos.

— Sinceramente? No auge dos sentimentos que tenho com certeza eu me casaria com Dante. Mas há muito mais envolvido nessa equação, nós nos conhecemos muito pouco.

— E quem disse que todo mundo se casa conhecendo tudo sobre o outro? — Adquire um tom de voz sério para dar conselho. — Tenho uma amiga que demorou dez anos para se casar com seu namorado, após um ano se separaram porque nesse tempo todo de namoro, ela nunca o conheceu de verdade. Existem exceções para tudo. Eu, como sua tia, uma mulher mais velha, deveria te dizer para esperar um pouco e conhecê-lo mais. No entanto, como uma eterna sonhadora, eu prefiro ouvir a voz do coração.

— Meu coração é um bobo.

— De todas nós.

— Então, o que devo fazer?

— Você vai descobrir, sozinha.



Tomo um gole de água e nós passamos a conversar sobre outras coisas para tirar o foco de mim e Dante ou eu ia acabar pirando. Meu celular apita e logo me lembro que devia ter falado com Chase, já que marcamos de conversar hoje à noite.

“*Boo, esquece o nosso encontro, vou sair com a Jess.*”

Franzo a testa achando muito esquisito sua atitude. Antes parecia tão urgente, agora já não era mais importante? Desde que comecei esse *namoro-falso-verdadeiro* com Dante, as coisas entre mim e meu amigo andavam muito estranhas. Parece que não nos entendemos mais.

Lamento deixando o celular de lado.

Pedimos uma pizza e logo vovô chega para nos fazer companhia. E com isso sou bombardeada pelos dois em relação a esse casamento que não era falso, nem verdadeiro. Ainda era uma incógnita para mim.

— Tudo bem? — Vovô pergunta quando vê que eu estou enrolando para comer meu segundo pedaço de pizza. Normalmente eu já teria devorado mais de três pedaços.

— Sim, eu só estou cansada. Esse final de semana foi um turbilhão de sentimentos.

— Por quê?

— O pedido de casamento.

— Sabia que ia acontecer logo, vocês estão muito apaixonados.

— Sim... — É incrível como consigo confirmar isso sem me esquivar.

— A paixão pede urgência.

— Esse casamento para nós é um erro? — Questiono atenta ao que ele pode me dizer.

— Não disse isso.

— Então, qual é sua opinião? — Preciso que vovô fale algo, me dê um norte. Porque não consigo tomar essa decisão pensando que todo mundo vai

julgá-la como errônea.

— Vou ficar muito feliz de ver seu casamento enquanto ainda estou são, mas também vou ficar muito feliz se você decidir que não é o momento certo e esperar. O que importa para mim é você. — Um sorriso surge em seus lábios. — Minha neta, você sabe o que quer e tenho certeza de que fará uma boa escolha.

— Obrigada, vovô.

Sinto-me um pouco frustrada, é claro que meu avô não diria o que eu devia fazer, obviamente sei que não devo levar a opinião das outras pessoas em conta. Só que era difícil colocar a razão no campo quando o coração já é declarado o campeão.



A segunda-feira veio rápida trazendo o pior de mim, a insônia. Demorei para dormir e passei a madrugada toda pensando no que fazer da minha vida, não só em relação ao pedido de casamento, mas como um todo.

Precisava voltar a trabalhar, ou pelo menos me especializar na área. Logo de manhã pulo da cama e decido visitar o Institute of Culinary. Sempre quis fazer um curso de gastronomia nessa escola, e mesmo sem dinheiro para bancar, talvez fosse possível fazer um parcelamento.

Saio de casa decidida e muito confiante. No entanto, no meio do caminho, passo por diversos impedimentos. No metrô acabei me tornando a atração principal, todo mundo queria tirar foto comigo. Questionavam-me sobre Dante, o noivado, tudo. Depois, quando consigo sair, sou barrada novamente na rua por garotas que queriam muito saber onde eu comprei o vestido que usei no Draft. Imploraram-me para que eu postasse no meu Instagram o meu dia-a-dia, tudo que visto, como, bebo, enfim, toda a minha vida. Meu Instagram ainda era privado e eu jamais pensei em torná-lo público até então.

E é aí que um brilho se acende na minha cabeça. Preciso fazer uma limonada com esses limões. Se me transformar em uma digital influencer me traria dinheiro para pagar o curso que eu queria, por que não usufruir dessa fama que me pegou? Porém, logo me vem à cabeça que teria seus males, como uma enxurrada de haters direto no meu perfil.

Passo no instituto de culinária e fico sabendo que as novas turmas abririam em julho e recebo um papel informando o valor e as condições de pagamento. Obviamente eu não tinha dinheiro no momento para pagar. Apesar disso, acabei descobrindo que haveria um exame de seleção para um estágio — não remunerado — para trabalhar três meses com o chef mais famoso de Nova

York, Antoine Carbonet, em seu restaurante estrelado. Na mesma hora fiz minha inscrição, apesar de saber que minhas chances eram pequenas demais. Todos os novatos na cozinha queriam esse estágio.

Recebo uma mensagem de Thomas quando estou saindo do instituto, não era ele que eu esperava que me procurasse e sim seu amigo. No entanto, sabia que Dante podia não estar em um bom momento, por isso, não me afeto por ele ter visualizado e não respondido minha mensagem de bom dia.

Primeiro Thomas me pergunta se estou acordada e se já tomei café da manhã, e depois manda a seguinte mensagem:

*“Podemos nos encontrar? Banana Café é uma boa opção? Dizem que o waffles deles é excelente”*

Respondo que sim e por sorte estou perto do café que combinamos. Chego primeiro que ele, obviamente e, espero um tempo pela sua companhia, o que não demora muito. Tamborilo os dedos na mesa e olho o cardápio algumas vezes, estou curiosa do porquê do meu ex-chefe me procurar tão cedo.

— Hey, futura senhora Hurron... — Cumprimenta-me.

— Hey, brincalhão logo cedo.

— Todo mundo só fala sobre isso — se sentou à minha frente.

— É... Eu sei... — Ajeito uma mecha do cabelo atrás da orelha, tentando aliviar o desconforto de alguma forma.

— Já escolheu algo do cardápio?

— Sim, tudo parece muito gostoso.

— E é, o waffles de banana parece incrível.

Chamamos a garçonete e fazemos logo o pedido. Nós dois acabamos pedindo a mesma coisa, waffles de banana e café.

— Então, estou curiosa, por que me chamou aqui? — Já joga a pergunta, não sou de me conter quando a curiosidade me corrói.

— Você tem talento, já te disse muitas vezes, não é?

— Sim, e fico muito feliz por isso — sorrio sem jeito —, eu não sei lidar com elogios, então, vamos pular essa parte? — Tento parar de encarar a mesa e olhar para os olhos azuis que estavam com o foco todo em mim.

— Bom, tenho uma proposta para você.

— Voltar para a Tasty House? — Adianto-me.

— Não... Eu entendi que você não quer voltar, embora ache um erro, você tinha muito a agregar e muito a aprender na cozinha. Mas a minha proposta é outra. — Analisa-me com os olhos. — Eu vou fazer mais um curso em Paris de gastronomia e, tenho um conhecido nessa escola que pode me ajudar a te colocar lá dentro também. E então, o que me diz, topa ir a Paris comigo?

— O quê? — Fui pega completamente de surpresa. Jamais imaginei tal proposta.

— Desculpe, sei que você e o Dante têm planos de se casar, mas é o seu sonho, não é? Talvez o casamento possa ser postergado.

Estou sem fala. Era exatamente o que eu queria, era tudo que implorei para que acontecesse antes de colocar a cabeça no travesseiro. E, o que me desesperei para que acontecesse hoje pela manhã. A proposta veio quando pedi por uma luz no fim do túnel.

— Eu... Eu... Não sei o que dizer.

— Não quero que me leve a mal, não quero furar o olho do meu melhor amigo. Só que eu sei reconhecer um talento, e você é um.

No mesmo instante me lembro de Clare e de como ela ia se sentir quando soubesse dessa proposta, ainda por cima, se eu a aceitasse.

— Posso te perguntar uma coisa?

Confirma com a cabeça.

— Nunca pensou em levar a Clare com você?

— Ela não cozinha.

— Sim, mas como acompanhante.

— Ela é a gerente do restaurante, precisa cuidar de tudo quando estou fora.

— O.k. Mas, você nunca pensou nela mais do que como gerente ou amiga? — Sou direta porque se nenhum dos dois se mexia, eu ia puxar esse navio.

— Não.

E o navio mal saiu do porto e já bateu no iceberg do seu não.

— Oh... — Ele é tão direto nas respostas, não tem um talvez, ou, “preciso pensar nisso”, é simplesmente não.

— Você quer me perguntar se eu sei que minha melhor amiga é apaixonada por mim, é isso? — Indaga sagaz. Meu queixo foi parar no chão.

— É... Pensei que você não soubesse.

Achei que ele era tapado em relação a Clare, todo mundo achava. Entretanto, parece que Thomas sabia há muito tempo, mesmo assim mantinha sua melhor amiga perto dele. Isso parecia tortura.

— Eu sei.

— E? — Estou ansiosa pela resposta, talvez ele só tenha receio de se declarar.

— Não posso corresponder.

O navio começou a afundar.

Sei que não é da minha conta, mesmo assim, pergunto:

— Por quê?

— Não sou o cara certo para ela.

Putz, e a minha tentativa de cupido naufragou de vez.

— Então por que não diz à Clare? Parece que de alguma forma você alimenta as esperanças dela. Isso é cruel.

— Ela sabe. Nós já tivemos essa conversa.

Estou extasiada. Sei que estou sendo invasiva, mas a minha curiosidade é

imensa.

— Você é gay?

Gargalha.

— Não. A minha amizade com a Clare é uma das coisas mais importantes que tenho na vida. Não posso estragar essa relação que temos namorando com ela.

— Mas um namoro também é uma amizade. Vocês podem dar certo, eu sinto isso. — Mesmo ela sendo uma megera, creio que o casal tinha uma boa química.

— Desculpe. Eu prefiro não falar mais sobre isso.

— Tudo bem.

Damos um tempo nos assuntos complicados e degustamos os waffles e o café delicioso que chegou à mesa. Até que Thomas toca em outro assunto:

— Dante te disse que ele vai passar todo o restaurante para o meu nome?

— Sim, ele disse, pois você manteve o restaurante sozinho.

— Foi...Ainda assim, praticamente todo o investimento foi dele, não vou deixar que transfira tudo para mim como ele quer. Vou devolver todo o investimento que o Dante teve com a Tasty House. É o certo a fazer.

— Ele não vai aceitar...

— Pode ser que não, mas não terá escolha. O que é certo, é certo.

Concordo com Thomas e penso que se um dia Dante me ajudasse a abrir um restaurante, com certeza eu faria o mesmo. Pego meu celular e dou uma olhada no Instagram. Noto que além dos perfis feitos para falar sobre eu e Dante, havia alguns perfis fakes com meu nome, com mais seguidores que o meu verdadeiro, afinal, o meu era privado. Por que as pessoas gostariam de saber sobre minha vida? Nunca pensei que fizesse coisas tão interessantes para chegar a esse ponto.

Não tenho muitas fotos, nada constrangedor e isso me faz pender para o

lado de deixá-lo público. Vou até o perfil de Dante e aperto o botão para segui-lo. Estou oficialmente rendida pelo Hurren e segui-lo no Instagram era uma grande prova disso, afinal de contas, nunca quis que soubesse do lado fã que eu tinha por ele. Fingir que nunca me importei com sua figura era uma forma de me defender, porque, a realidade era que eu sempre me importei muito.

Rendi-me, cancelei minhas defesas. E, parece que ele também se rendeu, pois me seguiu de volta imediatamente e respondeu minha mensagem:

*“Finalmente.”*

Sorrio.

É. Finalmente.



Era maravilhoso minha tia conosco, ela dava conta de tudo, de todas as crises. Fazia-nos rir, orientava o vovô e ainda planejava ter uma conversa séria com meu pai. Jenna, para não deixar de trabalhar, passou a fazer suas consultas em casa. Aparecia o tempo todo clientes de diversos lugares. Eu acompanhava tudo dos bastidores, tentando entender as coisas que ela fazia.

Quinta-feira, acompanho meu avô no médico para que minha tia pudesse trabalhar, além de que, eu só me sentia tranquila se fosse pessoalmente entender as etapas do seu tratamento. Sinto-me menos angustiada do que quando recebemos a notícia, pois sabia que não tínhamos para onde correr.

Vovô estava com raiva depois da consulta, não parecia satisfeito. O médico nos receitou um medicamento que, no auge da sua irritabilidade, Charlie Wicks dispensou.

— Você não pode dispensar o tratamento, vovô. — Advirto enquanto dirigia de volta para casa.



— Claro que posso, doentes terminais dispensam tratamento, por que eu não? Vi na internet que o máximo de tempo de vida que eu tenho é sete anos, acha mesmo que vou perder meu tempo com tratamentos ilusórios? — Estava de braços cruzados, completamente fechado em si mesmo.

— Você não devia se importar com coisas que estão na internet. Nem tudo é verdade. Além disso, o tratamento é para melhorar a qualidade de vida, não é uma ilusão.

— Não confio.

— Vovô...

Ele não responde minha súplica. O médico já havia me alertado sobre as variações de humor que poderão ocorrer, por isso não forço mais a conversa. Mesmo assim, estou pronta para mover o que for preciso para fazê-lo mudar de ideia, assim que se acalmasse. Vovô vai para seu quarto quando chegamos em casa e eu vou para a cozinha conversar com minha tia.

— Não tem clientes agora? — Inquiro colocando uma água no fogo para fazer café.

— Não, recebi minha última cliente faz uns dez minutos. Agora vou descansar um pouco. E você, não vai sair com seu namorado? Está trancada aqui a semana toda, só estudando.

— Preciso estudar, quero ser uma chef.

— E eu tenho certeza de que vai ser, é muito dedicada, fofinha.

— Obrigada, só me falta dinheiro para pagar o curso que tanto quero. — Não menciono o curso em Paris. Era algo que eu não queria externar para ninguém até eu tomar uma decisão coerente.

— Queria te ajudar, mas mal pago minhas contas.

— Eu vou dar um jeito.

— Talento não falta. E o restaurante que você trabalhava, a Tasty House?

— Tive uns desentendimentos.

— O seu namorado não é sócio-proprietário?

— É... Ou era... Ele me disse que vai abrir mão da sociedade e transferir a parte dele para o outro sócio.

— Uau. Por quê?

— Ele só ajudou investindo na Tasty House, o restaurante trouxe muito lucro, ou seja, o suficiente para que o sócio minoritário pague tudo que lhe deve.

— Muito nobre da parte desse sócio.

— Sim... — Falo cabisbaixa.

— Você está muito pra baixo... O que aconteceu?

— Eu não sei... Tem o vovô que está sendo contra o tratamento, também tem o Dante que me confunde, uma hora ele me faz uma declaração que é capaz de derreter todo o gelo do Everest, e depois praticamente some...

— Não se preocupe com seu avô, ele ainda está assimilando tudo. Mas, sobre o quarterback, você falou com ele?

— Mandeí um *emoji* ontem à noite, mesmo assim não obtive resposta.

— Ah por favor, querida, você acha mesmo que uma relação sobrevive à base de conversas por celular? Na minha época era simples, tudo se resolvia pessoalmente, se quer vê-lo, por que não vai até ele?

— Ir até ele?

— Sim, nós mulheres também devemos ter atitudes.

— É... talvez...

Tomo um café com Jenna e depois levo uma xícara para o quarto do vovô. Bato na porta, ele não responde, a abro. Está deitado de ladinho, penso que está dormindo, mas antes que eu retorne para o corredor, ele diz:

— Estou acordado.

— Vovô... — Deixo a xícara no criado-mudo. Ele se levanta e se senta na cama.

Seus olhos estão tão claros, límpidos.

— Não vou mudar de ideia. — Corta-me e pega a xícara de café. Toma um gole, o observo. — Seu café lembra o da sua avó. — Sorrio, realmente, eu seguia as mesmas medidas da minha avó na hora de preparar o café, era como eu gostava.

— Não posso te forçar, mas saiba que te quero bem...

— Temos que ser realistas... er... — Olha para mim, sei que me reconhece, ainda assim não consegue dizer meu nome.

Espero. Olha-me como se houvesse dentro dele uma linha telefônica que tinha acabado de se desconectar no meio da frase.

— Rosie...

— Sim... Sim... A flor mais bonita que já vi. — Sorri.

— Você precisa descansar, está virando a noite, eu vejo seu quarto com a luz acesa de madrugada — advirto.

— Minha neta está me vigiando?

— Isso mesmo, senhor, você precisa de uma boa noite de sono.

— Vou tentar.

— E nada de ficar pesquisando sobre a doença na internet.

— Sim, senhora.

— Promete que vai pensar no tratamento?

— Prometo. Por você.

— Não, por você. — Pego no seu nariz.

— O que está fazendo?

— Você fazia isso comigo, apertava meu nariz sempre que eu era teimosa.

— Oh! — Exclama e ri com gosto quando solto seu nariz. Indo de um extremo ao outro, da tristeza para a alegria. Rio com ele, absorvendo sua alegria e ele absorve a minha. — Você sabia que a cerejeira fica pouco tempo florida?

— Sério? — Pergunto.

— Sim, as suas flores representam a fragilidade da vida... Dura pouco. —  
Olha-me com extrema verdade.

— A vida pode durar pouco, mas é tão intensa.

— É... O tempo passa rápido, temos que aproveitar o máximo possível.  
Então, por isso, só viva.

— Tem uma coisa que nunca é passageira... O amor. O amor sempre vai  
florescer.

— Você está certa. — Fecha os olhos se recostando no travesseiro. —  
Sábias palavras...

— Aprendi com o melhor.

A curva de um sorriso surge em seus lábios. Pego a xícara e despeço-me:

— Não se esqueça, vovô.

— Jamais me esquecerei.

No instante que o ouço pronunciar as palavras eu tomo a decisão que em  
hipótese alguma vou a Paris para estudar. Sim, era uma grande oportunidade,  
mas eu não posso ir embora agora e nem quero perder cada momento que  
posso ter com meu avô e com todas as pessoas que amo.

A vida é frágil.

Vou ficar e lutar pela vaga de estágio, pela escola de culinária. Vou ficar.  
Por amor... e todas as entrelinhas.

Apago as luzes, fecho a porta e vou até a cozinha. Coloco a xícara na pia e  
pego meu celular. Movida pelas minhas próprias palavras, mando uma  
mensagem para Dante:

“Onde você está?”

“No MetLife Stadium” — responde poucos minutos depois.

“Está treinando?”

“Sim”

“Mas não está perto da temporada...”

“Gosto de vir aqui quando não tem ninguém, me ajuda a pensar, treinar e focar nos meus objetivos...”

“Entendo.”

Está claro que Dante quer ficar sozinho, por isso não falo mais nada. Contudo, poucos minutos depois recebo uma mensagem dele:

“Quer conhecer o estádio por outro ângulo?”

Eu conhecia o estádio como torcedora, não com a visão que Dante deveria ter.

Respondo que sim mais rápido do que deveria.

“Venha, tenho muita coisa pra te mostrar...”

Senti uma malícia na mensagem, mas não tenho certeza se são os meus sentidos sexuais que estão aguçados ou havia realmente um teor malicioso. Vou direto ao meu guarda-roupa procurar algo para vestir. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo, visto um top e uma regata branca por cima. Também coloco uma calça legging e calço um tênis.

Olho várias vezes no espelho, pensando se estava bom. Brigo comigo mesma por ser tão insegura. Saio do quarto brigada com meu reflexo e minha tia, como uma injeção de autoestima, diz:

— Uau, que corpão, saudades dos meus vinte e poucos anos...

— Ah tia, você não pode dizer nada... Está maravilhosa. — Todo mundo ficava embasbacado ao descobrir que minha tia estava no auge dos seus cinquenta e poucos anos.

— O tempo passa rápido — suspira.

Parece que estamos todos nostálgicos.

Dirijo até o MetLife Stadium com o carro da minha tia que ela gentilmente emprestou. Paro em frente ao estádio e mando uma mensagem para Dante, para que eu consiga entrar. Passo fácil pela segurança depois que minha

entrada é liberada. Entro no estádio, vejo tudo tão vazio, não era comum para mim, sempre vi o estádio lotado de pessoas, o telão iluminando, vozes ecoando, jogadores prontos para o embate. Mas, o único jogador que estava em campo era Dante. Nu.

Quer dizer, não totalmente nu. Nu da cintura para cima. Os peitorais expostos, suados. Meu Deus.

A parte debaixo coberta apenas por um short que deixava muita coisa livre.

— Não tem ninguém além de você aqui?

— Não, pelo menos por uma hora. — Noto que suas mãos ainda estão enfaixadas.

— Tudo bem com suas mãos?

— Excelentes.

— E qual a graça de treinar sozinho?

— Posso me desafiar. Sou eu contra mim mesmo.

— Posso jogar com você?

— Sério?

— Sim.

— Eu te derrubaria em segundos e isso poderia te machucar.

— Eu sou boa com corridas.

— Podemos fazer diferente... — Caminha até a bola deixada no meio do campo e eu vou atrás dele. — Vou deixar você com uma boa folga... Vou te entregar a bola, e deixo você correr. Se chegar a End Zone, sem que eu te intercepte, você ganhou.

— Feito. — Aperto sua mão e pego a bola.

Olhamos um para o outro nos desafiando. Assim que Dante dá o sinal eu começo a correr com a bola na mão. Não o sinto correr atrás de mim e penso que estou indo muito bem, mas em poucos segundos sua mão encosta em

minha cintura.

Corro o máximo que posso, e sou interceptada por sua mão novamente que segura minha cintura e aperta meu corpo no seu.

— Isso é injusto, você já está aquecido, há quanto tempo está aqui? — Indago irritada, mal conseguindo falar de tão eufórica.

— Duas horas.

— O quê? Duas horas? Você quer se matar? — Indago arrumando minha roupa após me soltar. Sua testa pingava de suor. E cada músculo do seu corpo se sobressaía brilhando. Engulo em seco e volto a olhar para sua face.

— Isso me mantém com a cabeça no lugar — responde.

— Posso tentar de novo?

Dá de ombros.

— Aquecimento primeiro, huh? Dê uma volta no estádio.

— Ah não, isso vai me cansar muito, que tal fazermos algo parados?

Ele ri alto.

— É sério, senão eu vou ficar sem fôlego.

— O.k. O.k. Vou mostrar e quero que faça igual.

— Certo, capitão.

Ele pega a bola e se deita no chão de barriga para baixo, em prancha, com o apoio das pernas estendidas e dos braços, começa a trocar a bola de mão, pulando para o lado direito, depois para o lado esquerdo, conforme trocava a bola de mão.

— Isso parece fácil — digo.

— Ótimo... — Faz mais algumas vezes para se exhibir e depois se levanta para que eu reproduza seus movimentos.

— Quero velocidade e agilidade!

Abaixo e fico na posição de prancha e assim que pulo para mudar a bola de braço sinto que não vou conseguir, fraquejo flexionando o braço.

— Força! Coloca esses braços para trabalhar!! — Dante se agacha ao meu lado para me motivar ou me matar.

— Se você ficar zumbindo no meu ouvido eu não vou conseguir. — Estendo os braços na grama, minhas mãos ficam vermelhas, as bochechas ficam vermelhas, e impulsiva como sempre, tento mais uma vez, pois não sou de desistir.

Mais uma vez. Fraquejo.

Mais uma vez. Consigo.

Pulo, mudo de braços algumas vezes, o suor escorrendo pela minha face, os braços pedindo por socorro, mas eu não desisti. Faço dez. Descanso. Faço mais dez. E paro quando sinto que atingi meu limite. Levanto-me eufórica, completamente sem fôlego.

— Uau. É assim que eu gosto de ver.

— É? — Estou próxima a ele, meu peito subindo e descendo, Dante respira fundo perto de mim, nossos peitos se encostam.

— Tão vermelhinha... minha framboesa.

Enrugo o nariz. Sinto que ele quer me beijar e eu também quero, mas o espírito competitivo fala mais alto. Seus olhos selvagens são a injeção de adrenalina que eu precisava. Abaixo, pego a bola e começo a correr em direção à End Zone. Pego-o tão desprevenido que demora para que processe e comece a correr atrás de mim.

Tarde demais. Estou longe o suficiente dos seus braços tão... fortes.

Chego à linha final e jogo a bola no chão com força.

— Quem é a campeã? Hein? — Olho em direção ao perdedor que está parado, encarando-me com extrema surpresa. Estou tão cansada, respiro fundo, deito-me na grama de barriga para cima, ali mesmo, em cima da End Zone. Dante se aproxima e se deita ao meu lado.

— Eu te deixei vencer.



— Mentiroso, você ficou tão embasbacado com meus movimentos que nem conseguiu sair do lugar.

— Você tem essa fome de vencer... — Aponta um traço marcante em mim.

— Você também.

Suspiramos de maneira audível, olhando um para o outro.

— Do que mais você tem fome? — Ele pergunta.

— De você. — Sou direta, tão direta que o pego de surpresa novamente.

Meu coração batia tão forte e em todo o lugar, sinto-o na ponta dos meus dedos. Em um movimento rápido toco o abdômen de Dante com ele, meu coração. Pulso. Pulso. Pulso. Seus olhos me desvendam. Em um movimento fácil, nossos lábios se chocam. As mãos se encontram, a ponta dos meus dedos toca nos dele. A fúria da paixão entra em campo.

A energia selvagem e quente nos faz rolar pelo gramado. Não paramos. Suas mãos passeiam por todo meu corpo, minhas mãos vivenciam a experiência de tocar cada parte do dele. Não é suficiente, nunca é suficiente. Dante só entra no jogo para vencer e eu também.

Seu espaço ocupa o meu, eu ocupo o espaço dele. Movo-me e fico por cima. Vai ser do jeito que eu quero. Imobilizo suas mãos colocando-as para cima e as seguro com as minhas. Movimento o quadril rebolando.

Os lábios dele ficam tensos. Um gemido escapa da sua garganta tão fácil.

— O que está fazendo? — Pergunta.

Abaixo e encosto a boca em sua orelha:

— Você foi capaz de esquecer isso? — Indago e beijo-o forte, lembrando *aquele beijo*.

— E você, foi capaz de esquecer isso?

Dante se inclina para frente e coloca a mão entre meus seios. Puxa a camisa para baixo e deposita um beijo bem ali. No centro.

Arquejo. Os mamilos se enrijecem e a onda ardente se espalha e lateja.

Dante coloca a mão nos meus quadris e aperta subindo até a cintura. Sinto-o crescer embaixo de mim. A adrenalina estava tão alta que eu seria capaz de transar ali mesmo com ele, para que essa dor tão latente pulsasse e o envolvesse.

Seus olhos me devoram e eu abaixo para acalmar a dor que afligia meus lábios por sua ausência. Aperto seus lábios, meus seios batem e roçam em sua pele, incorporando nossos suores, calor. Queimamos o desejo um no outro. Dante se move e volta a ficar por cima. Chupa minha língua, desce pelo meu pescoço, envolve os seios com suas mãos e murmura:

— Não podemos fazer isso aqui — mal tem fôlego para falar.

— Não, não podemos.

Mas não paramos.

Puxa fácil o top, e sua boca se move, respira, o hálito quente me provoca arrepios bem na coluna. Quase morro, envolve a boca no meu mamilo e chupa tão gostoso. Tremo. O movimento de rodear e friccionar a língua de uma forma tão dura me faz perder toda a razão.

A boca se move para o outro seio, cinge o mamilo retesado com sua língua. Mordi os lábios com tanta força. Quero me conter. Não consigo. Minha mão passa pela sua nuca e aperta os cabelos. Instigo-o a continuar.

Não pare.

Porra.

Não pare.

O ardor que sinto é uma tortura inebriante.

De repente ele para.

— Dante... — Sibilo.

Em um movimento muito rápido cobre meus seios com o top e desliza para meu lado.

— Ouvi um barulho — explica.

Direciono meu olhar para a entrada do estádio e consigo ouvir vozes. Passos. E logo vejo Randy e mais uma pessoa que eu não esperava ver tão cedo. Olho irritada para as figuras que estavam se aproximando e arrumo a camiseta, antes de apoiar os braços e me levantar. Dante faz o mesmo.

A figura ao lado do grisalho sorri em minha direção, avaliando a roupa que eu vestia. Morde os lábios. Cafajeste.

— O que faz aqui, treinador? — Dante pergunta rápido.

— O Kalel me pediu para conhecer o estádio...

— Sei que estamos longe da temporada, só que sempre foi um sonho pisar aqui, como jogador. — O intruso sorri, não era para ele estar aqui, não era para entrar no time, não era nem para ele existir.

— Cuidado, não sonhe tão alto, você ainda é um reserva. — O Hurron enfatiza que dificilmente Kalel pisaria em campo se dependesse dele.

— Eu aceito meu posto, e tenho muita paciência. — Responde com o queixo erguido. Claramente pronto para um embate.

— Vamos acalmar os ânimos, rapazes e, ... Olá senhorita... — O treinador me nota.

Cumprimento-o, mas não cumprimento o novo contratado.

— Eu estava mexendo nas minhas coisas e achei uma foto nossa, Rosie.  
— Sim, ele estava falando comigo com uma intimidade gritante.

— Oh, vocês se conheciam? — Randy pergunta e Dante apenas observa em total desconforto.

— Sim... Estudamos juntos, ela foi minha namorada. — Cínico.

— Cala a boca, eu nunca fui sua namorada.

— Não? Tem certeza? Pois eu lembro de muitas situações que... bom... são coisas que namorados fazem. — E foi então que a merda se sucedeu, pois bastou que as últimas palavras saíssem de sua boca para Dante agir de forma

intimorata e ameaçá-lo. Em um ataque, segura a camisa de Kalel com força e com os dentes cerrados, denunciando sua fúria com os olhos, diz face a face:

— Se falar da Rosie desse jeito de novo, você tá fodido.

— É mesmo, o que você vai fazer?

— Rapazes, rapazes... O que é isso? Parem, agora! — O treinador se intromete e aos poucos a mão de Dante afrouxa na camisa do Combis.

— Vamos sair daqui — puxo Dante pela mão. Não quero e nem vou discutir com Kalel, ele não merecia meu aborrecimento, muito menos o de seu colega de time, afinal, depois de tudo que se sucedeu no domingo, a cabeça do Hurron deveria estar um redemoinho de vento, ele não tem condições de pensar ou agir de forma que não seja impulsiva.

Respiramos fundo quando já estamos longe daquele ambiente tempestuoso. Entramos no carro da minha tia, já que Dante não teve tempo para chamar o Phillipe.

— É sério isso? — Dante pergunta sobre o estofado do banco ser inteiro de estampa de oncinhas.

— Minha tia tem um gosto diferenciado.

Suspira e coloca o cinto.

— Para onde vamos? — Estou muito curiosa.

— Meu apartamento.

Ligo o carro e sigo em linha reta, coração batendo forte, sofrendo por tudo que aconteceu. Penso que estamos indo para o apartamento dele para com certeza terminar o que começamos infinitas vezes.

Não falamos sobre o que aconteceu no estádio, mas nossas respirações aceleradas denunciavam o nosso pensamento. Quando estamos perto de chegar em seu apartamento, Dante recebe uma ligação e um pouco depois desliga, falando:

— Tenho um compromisso hoje à noite...

— Ah... — Esmoreço.

— Me desculpa.

— Tudo bem...

— Não, não está tudo bem, preciso parar de trabalhar, nem estando de férias me deixam em paz.

— Para onde você vai?

— Tenho uma entrevista em um canal esportivo. Meu pai já confirmou minha presença, preciso comentar sobre as contratações do Draft.

— Entendo.

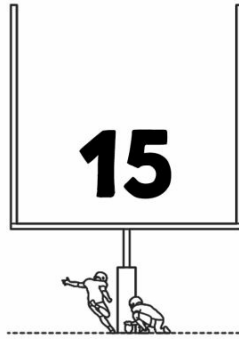
Ficamos calados até chegarmos em frente ao seu prédio.

— Reserva o final de semana para nós... — Pede.

Expectativas foram criadas.

— O.k...

Ele tira o cinto e me beija, não nos lábios, mas no meio da minha testa, como sempre fazia nas despedidas do nosso falso namoro. Massageio a têmpora depois que saiu, completamente extasiada. Sei que tenho muito que pensar e, principalmente, preciso deixar a depilação em dia.



**BLUEBERRY**



## Capítulo 15

Na sexta-feira, estou navegando e conferindo algumas notícias logo pela manhã quando uma bomba praticamente explode na minha cara. Na publicação está uma foto minha, de Dante e de Kalel. E na legenda, escrito: “Possível triângulo amoroso no mundo do futebol.”

Começo a ler muito rápido a notícia que havia sido postada há poucos minutos:

“É com exclusividade que o TagCelebrities traz uma notícia chocante envolvendo o casal do momento: DanRosie. Uma fonte, que não podemos revelar o nome, nos informou que estudou com Rosalie Wicks no colegial, e revelou que a garota Corn’s teve um relacionamento fervoroso no colegial com Kalel Combis, o novo contratado do New York Giants. E, pasmem! Temos uma foto comprovando esse namoro, revelaremos com exclusividade às 14 horas em uma live. Não percam! Será que uma possível rivalidade fora dos campos vai se iniciar entre Dante Hurren e Kalel Combis? Não sabemos, mas adorariíamos estar na pele da Cinderela de botas-cor-de-rosa...”

Nem termino de ler as especulações. Que foto era essa? Se me lembro bem, eu só tenho uma foto com Kalel e essa foto ele tirou, aliás, deveria ser a tal foto que o idiota mencionou. Jamais imaginaria que essa foto ainda estava com ele, e que de alguma forma foi parar nas mãos da mídia. O Combis tirou essa foto no dia que fiquei com ele até tarde no treino, pois o técnico havia ameaçado tirá-lo do time se não melhorasse seu desempenho.

Agora fico me indagando como essa foto vazou e quem foi a pessoa que acabou soltando isso para os sites de fofoca. Eu suspeitava que esse passado ia acabar aparecendo, mesmo que, eu não tenha namorado oficialmente o Kalel. Ainda assim, não consigo processar bem essa notícia.

Pulo da cama e vou até o banheiro, passo um tempo tentando colocar os

pensamentos no lugar. Até que decido fazer o café da manhã para todos. Quando chego próximo à cozinha, noto que é tarde para isso, pois o café já estava na mesa, minha tia já havia preparado tudo. Papai não está em casa, mas noto que havia acabado de tomar seu café, pois sua xícara estava na pia. Vovô está sentado e lendo seu jornal como costumeiro.

— Oi fofinha... Finalmente saiu do quarto. Esqueci de te dar um recado, ligaram aqui ontem te procurando, parece que era um tal representante da Corn's.

— Representante da Corn's? — Indago desconfiada. Será que vou ganhar um prêmio por ter sido a maior consumidora de cereal no último ano?

— É... Você não atendeu o celular e ligaram aqui, deixaram o número caso você queira retornar. — Jenna responde.

Ligo imediatamente para o número informado. E assim que atendem, me apresento e ouço tudo que o representante tem para dizer de forma atenta. Quando desligo o telefone ainda estou de boca aberta.

— O que foi? Vão te processar por ter acabado com o estoque deles? — Vovô pergunta sarcástico.

— Não... É que... — Sento-me na cadeira sem fala. — Eles querem que eu seja a nova garota propaganda da marca.

— O quê? Querida, isso é incrível — minha tia arregala os olhos e aperta meus ombros.

— Uau... Sempre achei que você tinha jeito para isso. — Vovô sorri.

— É... Eles querem fazer um comercial comigo... E querem que eu faça posts patrocinados no Instagram, desde que eu o torne público.

— E por que não faz isso? Agora? — Jenna inquires.

— Porque a internet toda já sabe sobre minha vida, eu não sei se quero ser uma influencer, eu não sou uma influência nem para mim mesma...

— Você já está na mídia, querida. E pode usar isso ao seu favor, se quiser.



Não faça nada se não for o que você quer e, acima de tudo, aguarde as consequências de cabeça erguida. — Meu avô me dá um norte e eu respiro mais aliviada. Coloco o café na xícara e mordo uma torrada perdida em pensamentos. A campainha toca, minha tia atende e logo surge meu amigo.

— Hey, Boo.

— Pumpkin! — Levanto da cadeira e o abraço. — Senti sua falta, faz tempo que não te vejo.

— A correria do restaurante está acabando com minha sanidade... Sentimos sua falta lá.

— Entendo, é difícil, ainda mais agora que o movimento cresceu exponencialmente... — Chase me olha, seu olhar é triste. — Mas se sente, tome café conosco. — Rende-se ao meu pedido e aceita o café com um pouco de leite, como costumeiro.

— Você não vai mesmo voltar?

— Não... A cozinha da Tasty House não é para mim. E sinto que ainda tenho muito a aprender, quero fazer o curso no instituto de culinária antes de voltar a trabalhar na cozinha.

— Hum... Espero que consiga.

— E você e a Jasmine, como estão?

— Do mesmo jeito, você sabe, temos os nossos problemas.

Eles tinham problemas há muito tempo e não sei como até hoje sobreviviam como casal. Vovô se levanta da cadeira e minha tia avisa:

— Vou levar o Charlie para fazer um exame...

— Oh, pode deixar que eu levo — tinha me esquecido da consulta do vovô.

— Fique tranquila, tome seu café, converse com seu amigo, é apenas um exame comum. — Jenna sabia de todo o rolo que envolvia nossa amizade.

— Me contem tudo depois, por favor.

— O.k. — Pisca pra mim. Sinto que vovô está um pouco perdido nos pensamentos porque não fala nada. Olha um tempo para o quadro em formato de pera que tinha na cozinha e só se move quando minha tia o observa e diz: — Vamos?

— Para onde? — Ele interroga.

E ela explica tudo tão pacientemente, eu sorrio, tão feliz porque a tinha em nossas vidas. Quando estamos sozinhos, Chase parece que tomou chá da verdade, ou melhor, o café da verdade.

— Esse seu noivado é um erro. — Suas mãos em cima da mesa formam um punho. — Esse namoro é um erro. Dante Hurron é a porra de um erro.

— O quê? — Estou abobalhada, não esperava que ele cuspsse essas palavras tão tardiamente, não depois de ter engolido tudo sem falar nada.

— Por que está fazendo isso? Por que está se enganando de novo? Ele vai te machucar... — Uma veia salta do seu pescoço.

— Pare.

Não quero discutir, não vou discutir.

— Me escuta...

— Pare. Você não tem esse direito — me levanto da cadeira, passo a mão pelos cabelos tirando-os da minha testa. Caminho até a sala, pronta para mandá-lo ir embora.

— Eu sou seu amigo... Vi o quanto sofreu com aquele babaca... E agora você decide se envolver de novo com outro jogador?! Prometi a mim mesmo que não ia me intrometer, mas agora isso está indo longe demais. Rosalie, — seus olhos estão vermelhos, implora por minha atenção chamando pelo meu nome. — Você não vê que ele vai partir seu coração?

Respirações nervosas, fito o chão. Fecho os olhos por um instante. Abro-os, e pronuncio palavras guardadas, expondo-as:

— Sei que amar tem um preço e um peso. E eu estou pronta para pagar e

carregar. E você? Alguma vez se permitiu a pagar o preço do amor ou sempre o achou muito pesado para carregar? — Pergunto e sei que ele terá dificuldades de responder. — Você é meu melhor amigo, mas eu não posso aceitar sua opinião.

— Então eu não tenho o que fazer aqui...

— Nossa amizade é importante para mim, então, por favor, fica e nunca mais toque nesse assunto.

— Você, você — enfatiza — é muito importante para mim.

— Então... Então vamos ficar bem, por favor? — Aproximo-me e o abraço. Aos poucos seus braços envolvem os meus e eu afago seus cabelos.

— Não posso... — Afasta-se rápido, como se tivesse recebido uma carga de energia negativa que o impedia de me abraçar. — Não posso. — E sai muito rápido da minha casa batendo a porta em seguida.

Estou perdendo meu melhor amigo para sua covardia, e sinto que mais cedo ou mais tarde teremos a pior conversa que já tivemos em toda a vida.

Meu celular toca e eu vejo uma mensagem de Dante:

“Posso te buscar em meia hora?”

Não sei o que ele queria, só planejávamos nos encontrar no sábado, já que teria outro bate-papo esportivo na TV à noite. Como eu não havia marcado nenhum compromisso respondo que sim.

“Leve uma bagagem...” — A sua mensagem me deixa curiosa sobre nosso destino. Íamos viajar? Ou passar o final de semana em seu apartamento? Preciso de explicações rápidas, mas ele não me daria por mensagem.

Coloco algumas roupas na mala sem saber exatamente o que colocar. Mando uma mensagem para minha tia e meu pai avisando que ia sair com Dante. Papai me responde muito rápido:

“Que história é essa? Vai dormir fora de novo?”

“Vou, como você dorme fora toda noite” — sim, eu respondi isso e estou

levemente arrependida, desde que meu pai começou a namorar, ele esqueceu completamente que tinha uma família. Robert era assim, impulsivo, mergulhava de cabeça em um relacionamento e esquecia de sua própria vida.

“Você não vai...” — Responde e me liga, mas eu não atendo. Tomo um banho rápido e me arrumo antes de pegar minhas coisas e fechar a porta de casa. O tempo foi perfeito, pois Dante estacionou seu carro em frente à minha casa no mesmo instante.

Entro no seu carro, um que eu não tinha visto ainda, era uma BMW.

Cumprimento-o de forma exageradamente tímida, pois ele está sério demais. Meu sexto sentido aponta que viu as notícias que estavam bombando na internet. O Twitter estava em euforia e levantou a hashtag: “DanteXKalel”.

Dante está dirigindo e eu não sei o que está pensando, se de alguma forma a foto minha com Kalel o afetou ou se ainda está se sentindo mal pelo encontro que teve com seu irmão e todas as coisas que foram jogadas em sua cara nesse dia. Não ouvimos a voz um do outro, só ouvimos música. Saímos de Nova York e chegamos em Nova Jersey, em vez de seguirmos o caminho para sua casa, adotamos o caminho contrário.

Entramos em uma propriedade que eu nem sabia da existência, era privada e ficava em frente à praia. Saímos do carro e de imediato ouço o barulho do mar, o cheiro limpo da vegetação, a propriedade era simples, uma casa pequena de teto azul, como o oceano.

— O que é esse lugar?

— Um refúgio para o silêncio.

— Pensei que o refúgio fosse seu apartamento.

— Também, mas aqui... Aqui é diferente, é quando eu preciso me ausentar de qualquer tecnologia, aqui é para quando as coisas ficam difíceis demais de suportar.

— Uau... Sempre quis ter uma casa na praia... — Ainda mais uma praia particular. Caminhamos em direção à praia, tiro meus sapatos no caminho e deixo meus pés tocarem a areia. Mexo os dedinhos gostando da sensação tão crua. Respiro. Olho para Dante, ele está olhando para frente, direto para o mar.

Tão limpo. Tão azul. Tão ele. E tudo que vejo é azul, o céu, o mar, Dante.

— Trouxe biquíni?

— Claro que não, você não especificou para onde iríamos.

Dá um sorrisinho sacana tão leve que eu capto muito rápido a mensagem.

— Seu safado! Eu não vou nadar pelada — bato em seu ombro.

— Então nade de roupa. — Dito isso, começa a retirar os sapatos com a ajuda dos pés e desabotoa a camisa ao mesmo tempo, no fim, apenas uma peça o cobria, sua boxer.

Anda em direção ao mar e eu apenas o observo com um rubor bobo no rosto.

— Você não vem? — Questiona se virando e andando de costas para o mar.

Solto uma respiração forte antes de puxar o vestido para cima e ficar somente de lingerie. Deixo o calçado na areia e começo a caminhar em sua direção. Devagar. Muito devagar. Para sua tortura. E fico feliz por estar usando uma calcinha de renda e de já ter feito a depilação.

Aperto os lábios quando nos encontramos na maré. A água está um pouco gelada e isso arrepia fácil todos os pelos do meu corpo. Os olhos de Dante estão cheios de enigmas, mas se mostram claros pela luz do sol. Encosto minha mão na sua e o guio até que sentimos a água acima de nossa cintura.

O barulho das ondas quebrando, a luz do sol refletindo na superfície da água do mar diluem completamente o sentimento de tensão que senti há pouco tempo.

— Você viu as notícias? — Sondo.

— Vi.

— E não quer falar sobre elas?

— Não. Não importa.

— E suas mãos? Como estão? — Noto que não estão mais enfaixadas, mas havia marcas de corte.

— Está tudo bem, não sinto dor. — Não acredito nele, só que prefiro não o interrogar mais sobre isso.

— O que viemos fazer aqui?

— Não vê?

Eu vejo. Pelo menos do meu ponto de vista, o objetivo é senti-lo em cada molécula do meu corpo.

— Temos que provar quem é o melhor nadador. — Provoca-me e se aprofunda em um mergulho no mar.

— Não brinca comigo, Hurron... — Não querendo ficar para trás, o sigo e mergulho em seguida. É tão bom. Quando estou dentro do mar é como se eu entrasse em sintonia com meu próprio corpo.

Encontro-o debaixo d'água e nadamos em paralelo até subirmos à superfície e nos encontrarmos face a face. Sorrimos. Voltamos a nadar e topamos novamente na parte rasa do mar, onde conseguíamos ficar em pé.

— Você nada muito bem, é mais rápida do que eu — comenta, os cabelos grudados em sua face, ele passa a mão colocando-os para trás.

— Finalmente você admitiu que sou melhor que você em algo — inflo meu ego.

— Admito e, admito outra coisa — aproxima-se, contorna minha cintura com suas mãos e eu envolvo as minhas em seu pescoço.

— O quê?

— Que você está linda assim... — Coloca flores na porta do meu coração.

— Toda molhada... — E tinge as flores de vermelho. Seu nariz toca o meu, fecho os olhos, respiro tomando seu ar e sua boca. Beijamo-nos de forma tão lenta e abrasadora. Os movimentos de subida e descida do nível do mar eram lentos e possuíam sua força, assim como o colidir dos nossos lábios.

Tocamo-nos, sorrimos, refletimos um no outro e só saímos do mar para apreciar a praia vazia. Deitamo-nos na areia, estava quente. Tapo o sol com a mão em cima da cabeça, Dante está ao meu lado e não fala nada.

— Recebi uma proposta... — Viro-me para olhá-lo e ele faz o mesmo.

— Qual?

— Ser garota propaganda da Corn's, isso tem algo a ver com você? — Pergunto para saber se de alguma forma ele estava envolvido.

— Não, claro que não. Apesar de já ter feito propaganda para a marca. Mas, uau, isso é incrível... Você vai aceitar?

— Não sei ainda. Isso seria me tornar uma figura pública.

— Você já é uma figura pública, mesmo que não queira. Não quero te influenciar, é uma decisão sua. Mas, se precisar de ajuda, posso pedir para minha assessoria te ajudar com a negociação.

— Seria uma boa... Vou pensar sobre isso.

— Pense, só que não pense agora. Vamos só aproveitar o momento, hoje.

— *Carpe diem?*

— É... *Carpe diem.*

Sinto o sol em meu corpo secando a água do mar, olho para Dante e sinto que viver o momento é a melhor escolha que podemos fazer agora.



Mais tarde entramos na casa que era muito simples, contudo, estava muito limpa e pouco decorada. Comemos um sanduíche no almoço e depois voltamos à praia, passamos um bom tempo conversando, sobre minhas aspirações, um pouco sobre nós, mas sem entrarmos no assunto casamento, ele estava respeitando meu tempo.

No final da tarde entramos de volta na casa para tomar um banho. Previamente, Dante acabou fazendo compras, porque tinha comida para todo o final de semana. Pego suco de laranja para tomar após o banho e fico pensando em que momento daremos o próximo *passo*... Sei que temos o maior tempo do mundo, só que a realidade é que eu não conseguia parar de pensar nisso.

Minha mente está carregada de sexo. Recebo uma mensagem de Morgan enquanto Dante ainda está no banho:

“Onde você está?”

“Com o Dante, na casa de praia dele”

Morgan manda um áudio gritando em seguida, não consigo entender nada do que ela fala, além de berros.

“O.k. Estou mais calma, finalmente vocês vão transar”.

“Não, vamos ficar aqui e assistir Netflix”.

“Não zoa com a minha cara, sei muito bem o que significa assistir Netflix, é código pra sexo, meu amor”.

“Nem sempre...”

“Dessa vez é. Por favor, se divirta, pega esse homem, transa muito e depois casa se o negócio for bom.”



Morro de rir. Desde que contei para ela sobre o pedido de casamento, a única coisa que minha amiga colocou em pauta, era que eu deveria fazer um teste sexual antes de aceitar. De acordo com ela, casamentos não são eternos, então, casar o quanto antes não é uma má ideia. Pois, se der errado, não se perdeu tanto tempo.

“Pode deixar, temos muito o que conversar, quero saber sobre o Jake”. — Morgan esteve tão ocupada essa semana que mal pudemos conversar.

“Não tem o que falar, ele é um idiota. Deixa pra lá, tenho que ir, vou atender meu último paciente do dia”.

Fico confusa, ela parecia tão animada, diria até mesmo que apaixonada, no entanto, minha amiga não era de se entregar tão fácil a um relacionamento.

— O que você quer comer? — Dante pergunta aparecendo na cozinha, já vestido com uma bermuda de moletom e camiseta preta.

— Não sei... Você vai cozinhar? — Jogo a pergunta porque eu sabia que ele escondia esse lado cozinheiro.

— Não cozinho...

— Cozinha sim, admita. Aquele macarrão com queijo que comi na sua casa foi você quem fez, não é? — Ergo a sobrancelha.

— Tudo bem... Admito.

— E por que esconde que sabe cozinhar tão bem?

— Isso é algo sobre meu passado que eu tive que deixar de lado.

— Por conta do futebol?

— É... Eu quase desisti do futebol para cursar gastronomia.

— E desistiu pelo seu pai?

— Não só por ele. Há muita coisa envolvida quando você decide optar ou desistir do seu sonho. O futebol me fez ser quem eu sou hoje e sou um vencedor.

— Entendo. Não é fácil, até hoje estou na luta.

— Você vai conseguir, tenho certeza. — Suspira e abre a geladeira, pega um pacote de blueberry e coloca no congelador. — Você gosta de mexilhões?

— Gosto. Você vai cozinhar para mim?

— Sim... — Responde, e vejo um rubor surgir em seu rosto.

— Uau. Dante Hurrón, o rei da NFL vai cozinhar para mim?

— Vou e pare já com isso.

Sorrio, me contendo, sento-me atrás da bancada e passo a observar todo o seu desenvolvimento na cozinha. Primeiro Dante enche uma panela alta com água e a coloca no fogo.

— Gosta de pimenta? — Pergunta.

— Muito, pode colocar — respondo e ele pega a pimenta chilli e a corta retirando as sementes. — E qual era o plano b se eu não gostasse de mexilhões?

— Pescar um peixe.

Gargalho.

— Mentira.

— Tem outras coisas na geladeira que podiam ser feitas, mas apostei que você gostasse.

— Boa aposta.

Um sorriso convencido surge em seus lábios enquanto picava o alho, depois coloca tudo em uma panela com azeite e refoga. Pega os mexilhões que, pelo que vejo já estão previamente limpos, e os coloca na panela junto com o refogado, abre a geladeira e pega uma garrafa, não identifico no primeiro momento qual é a bebida, deveria ser um vinho. Depois que ele coloca a bebida na panela e tampa, eu pergunto:

— O que é isso?

— Xerez.

— Xerez? Por que não um vinho comum?

— Porque ele é mais fortificado, combina com mexilhão.

— Posso tomar? — Ele confirma com a cabeça, pega uma taça e me entrega servindo a bebida a seguir.

Tomo o primeiro gole e digo:

— É seco e um pouco salgado.

— Esse é do tipo manzanilla, mas tem outros tipos que são mais doces.

Sinto a garganta queimando e tomo mais um gole para comprovar que não era a minha bebida favorita. Dante coloca o linguini para cozinhar quando a água já está fervendo e finaliza o preparo misturando o macarrão com o mexilhão. É tão rápido e preciso o modo que ele cozinha que eu fico embasbacada admirando.

Serve dois pratos e os coloca na bancada. Pega uma garrafa de suco e coloca também na bancada antes de se sentar. Pego o garfo e experimento o macarrão. O preparo era tão simples, porém, o prato era rico em sabores.

— É delicioso. — Elogio e ele se empertiga todo sem graça.

— Não é nada demais.

— É bom, muito bom — repito e dou mais uma garfada.

Terminamos de comer e eu coloco os pratos na pia enquanto Dante vai para a próxima etapa e faz uma sobremesa em pouquíssimo tempo. Ele simplesmente bateu creme de leite com a fruta congelada e adoçou. Depois colocou o creme em uma taça de sobremesa e blueberry fresco por cima. Estou com os braços apoiados no balcão enquanto via toda a preparação.

— Sorvete de blueberry? Parece que você gosta da fruta.

— Não tanto quanto de framboesa. — É claro que ele está me provocando.

— Dante?!

— O que foi? — Cínico.

Entrega-me a taça e eu dou a primeira colherada.

— Delicioso e refrescante.

— É uma boa combinação, não acha?

— Perfeito.

Blueberry não tem mais gosto de malmequer, como era nos meus cupcakes, com certeza o malmequer não existe mais. É bem-me-quer ou bem-me-quer, bem-me-quer *mesmo*. Blueberry agora para mim significa, bem-me-quer-me-foder.

— Não quer? — Ofereço a sobremesa com a colher.

— Só se for direto da sua boca. — Aproxima-se e cerca as suas mãos em minha cintura. Foi tão fácil para ele me erguer e colocar em cima do balcão. Fico zonza. Encaixa-se entre minhas pernas e beija minha boca. Sugando o creme que ficou em meus lábios. Sinto-me uma bagunça, uma bagunça quente.

O formigamento em meus lábios passou por todo o meu corpo e chegou bem no meu ponto frágil. O desejo era tão forte que me causava calafrios. A forma que suas mãos estão decididas me fazem derreter como o sorvete.

Há uma exigência aguda em seus toques que não param, só se intensificam. Pega-me forte. As mãos passeiam pelas minhas coxas embaixo do vestido e chegam até minha bunda. Agarra com tesão. Quando seus lábios se afastam, dou uma colherada no doce e coloco na boca dele.

Deixo a taça de lado e limpo o canto dos seus lábios com minha língua. Os dedos passeiam pelo seu abdômen. Inspiro e deslizo a língua dentro de sua boca. Explode dentro de mim a necessidade de ter mais dele. Mais do que sua língua dentro da minha boca.

Tomo fôlego, preciso falar algo:

— Eu... — Sua língua não para de acariciar minha pele. — Eu só fiz isso uma vez... Então... — Mordo a boca.

Ele para de me tocar e olha para mim, engole em seco. Os olhos perdidos.

— Não se sente pronta? Podemos parar, agora mesmo.

— Não, eu estou pronta. — Queria dizer mais, minha cabeça ficava martelando o fato da minha falta de experiência chocar com sua total experiência. — Eu só... me sinto meio idiota porque você é mil vezes mais experiente do que eu.

— Mil vezes? — Encara-me com ceticismo.

— Você entendeu. Você é um jogador de futebol, por favor... — Nem sei quantas mulheres passaram pela sua cama e nem quero saber, isso me deixa inflamando de ciúme.

— É, eu sou um jogador de futebol, mas nem tudo é como você pensa. — Aproximou-se do meu pescoço e inspirou meu cheiro. Coloca as duas mãos nas minhas bochechas e beija minha boca devagar. Suspiro quando nos separamos.

Sua mão desce até as minhas e entrelaçando a esquerda na minha, leva-a até seu peito.

— Nada se compara.

Sinto as batidas do seu coração, e as batidas do meu no pulso. Como a lua e o sol influenciam as marés, nós influenciávamos as batidas do coração um do outro que ritmavam iguais. Entrego-me, completamente, sem medo.

Dante desce as mãos e acaricia minhas coxas, ora indo e vindo até a minha bunda. Solto um gemido em sua boca e ele mordisca meu lábio inferior antes de um barulho sexual sair de sua garganta. Envolver minhas pernas nele e apoiando minha bunda com as mãos, se move me tirando da bancada. Não conseguimos chegar até o quarto ainda, pois eu me soltei dele e o presei na parede, tiro sua camisa jogando-a no chão, para conseguir sentir a textura e quentura do seu corpo no meu. Quero sentir tudo, os peitorais, bíceps e deltoides. Amo cada centímetro que consigo tocar.

Os seus lábios vão parar no meu pescoço sugando e provavelmente deixando marcas que eu queria que estivessem ali. Porque o que está dentro

de nós é tão intenso que precisa ser marcado em nosso corpo, fomos engolidos por um desejo mordacíssimo.

As minhas unhas passam por toda a extensão do seu abdômen, e ele volta a esmagar os meus lábios. O beijo com pressão, quase sem fôlego. Estremeço de prazer, envolvida novamente com sua língua. Movemo-nos ainda colados pelas nossas bocas, até que paramos no meio do corredor em frente a um espelho.

— O que foi? — Pergunto a ele que para os toques.

— Quero que veja você nua.

— Eu me vejo nua todos os dias.

— Pois eu acho que você vê, mas não enxerga. — Começa a subir meu vestido e o retira, me deixa somente de lingerie. Vira-me de frente para o espelho e pega por trás. Segurando meus seios com as mãos e enfiando-as por baixo do sutiã.

— Hmmm... Dante... — Arfo.

— Não feche os olhos.

Mantenho-os abertos contra minha vontade, vendo minha figura no espelho ficando avermelhada com cada toque que ele dá em minha pele. Olhos me encaram. Sou eu, é claro que sou eu, mesmo assim, sinto que estou olhando para uma garota diferente, uma garota sacana. Surpreendo-me com os barulhos altos que saem da minha garganta, não há sequer um pouco de pudor.

Dante desafivela o sutiã e joga em um canto antes de voltar a tocar em meus seios. Sinto sua rigidez em minha bunda, e arfo quando delineia os mamilos com as pontas dos dedos. Encaro-me. Mordo a boca.

Meus seios eram muito sensíveis ao toque, ainda mais toques tão decididos quanto os dele. É tão bom. Bom de verdade, bom de um jeito que me faz pedir mais e alucinar. Todas as minhas terminações nervosas reagem

ao toque de sua mão esquerda, que foi parar dentro da minha calcinha.

— Veja suas bochechas ficando vermelhinhas...

— Dante... — Gemo com sua outra mão apertando meus seios.

— Será que encontrei o ponto certo? — Pergunta deslizando a ponta dos dedos. Penso que ainda não. — Ainda não... — Lê meu pensamento e quando seu dedo encontra o meu clitóris uma respiração entrecortada escapa da minha garganta. — É... Parece que encontrei. — Ele sorri. Um sorriso que poderia arrancar um orgasmo de mim com facilidade. Continua a tocar friccionando o dedo em movimentos de vai e vem, ora circulares.

Uma onda gostosa me percorre. E mais ondas vêm, tremulantes. O movimento se intensifica. Agarro seus cabelos, tremo tanto que mal consigo ficar em pé. É uma tortura forte e extasiante. O prazer que me atinge é tão intenso que chega a ser doloroso.

— Isso é tortura — reclamo. — Mas não pare. — Incito-o a continuar. E ele continua rodeando meu mamilo com os dedos e estimulando o clitóris com muita precisão. Minha respiração é rápida e eu continuo com os olhos abertos, vendo a mim mesma se deleitando de prazer.

E eu só consigo pensar que o meu reflexo não está sendo julgado por mim, como muitas vezes já foi. Estou gostando de me ver, estou gostando da figura à minha frente que não tinha pudores, que tinha curvas, e que os seios pequenos eram a coisa mais sexy em mim. Minha mão vai parar no outro seio que não estava sendo estimulado, e eu mesma me acaricio.

Dante encontra o lóbulo da minha orelha e o mordisca, causando um frisson em mim.

— Posso te chupar?

Em um gemido respondo sua pergunta.

Dante vem à minha frente e se abaixa, ficando de joelhos.

— E as regras de não te tocar? — Provoca-me descendo a calcinha pelas

minhas pernas.

— Pare com isso.

— Não sei se você quer...

— Perdi as contas de quantas vezes eu gozei, murmurando teu nome e tendo que morder minha boca para me silenciar. — Ele joga a calcinha de lado, abaixado, olhando para mim com os olhos em chamas — Então sim, eu quero, muito. Chupa logo. — Mando, e ele gosta disso, porque sua boca primeiro dá um beijo na parte externa do meu sexo e depois entra em minha carne, encontrando fácil o clitóris e com a ponta da língua circulou tão devagar... Umedecendo satisfatoriamente com sua saliva.

Meu Deus.

Estou alucinada.

Aperto seus cabelos em minha mão, em seguida espasmos involuntários me fazem tremular. Sua língua trabalha de forma sensual, sem pressa, me delicio deixando todos os gemidos que preendi escaparem. Os movimentos se tornam mais rápidos e mais rápidos. E para meu tormento, ele suga, e beija.

Não consigo me controlar.

Grito.

Arfo tantas vezes.

Perco o ar.

Estou quase dobrando os joelhos, mas ele ainda me mantém em pé.

Ofego.

Porra.

Pendo a cabeça para trás e Dante chupa com força e enfia um dedo dentro de mim, arrematando um orgasmo muito rápido com os toques simultâneos. Meus olhos fecham, parece que vou desmontar, ele me segura. Sinto o desejo disparando em todas as partes do meu corpo. Estou mole, muito mole. Convulsionando em prazer, solto um gemido extasiante e abro os olhos.



E sim. Eu me vejo. E enxergo. E penso que nunca me vi tão bonita. Não era só pelo orgasmo que deixou pontinhas vermelhas no meu corpo e rosto, e sim por me ver de forma tão crua. Nua. As nuances do meu corpo e um orgasmo que chegava a ser cruel — de tão bom — finalmente me fizeram ver que eu sou *foda*.

Com o dedo, Dante me penetra mais uma vez e mais uma, até sair de dentro de mim. Estou completamente melada, e ele adora isso. Sobe até minha boca e a beija. Abraça todo o meu corpo que ainda estava muito sensível.

Afastamo-nos para olhar um para o outro.

Eu rio. Ele ri.

Uma risada tão gostosa quanto o orgasmo.

— Gostosa — aperta minha bunda. — Vamos pra cama — sua voz é exigente. Meu Deus do céu. Não sei se consigo sobreviver a mais ondas de prazer. Eu estou quase fora de órbita, mesmo assim, o sigo, porque a ânsia de senti-lo me preencher é ainda mais forte.

No quarto, eu mal olho para as paredes brancas. Só enxergo a cama. Deito-me e Dante vem muito fácil até a mim, apoiando seus braços no colchão e tocando seus músculos nos meus seios. Beija-me lento, amando rápido.

Os lábios descem pelo meu queixo e passam a vagar pelo meu pescoço. A língua acaricia minha pele com impudor. Chupando calorosamente e vagorosamente. Inclino meu quadril para frente, e sinto seu pau, mesmo coberto, e me extasio com os músculos grossos de suas pernas pressionadas nas minhas.

Levei minhas mãos até os seus deltoides, passando pela extensão dos seus braços, os músculos tão rijos, me delicio com suas ondas, enquanto ele passa a descer a língua habilidosa até os meus seios. Beija e suga cada um deles,

puxando o mamilo com a boca só para torturar-me. A pressão que ele faz nos mamilos enviam nuances de prazer até meu sexo, fazendo com que eu arqueje novamente o quadril.

Ah, Deus.

Estou tão molhada, quente. Estremecimentos percorriam da cabeça aos pés. Os dedos percorrem a minha barriga, descendo até o ponto de prazer. Está tão sensível que só dele esfregar o dedo de forma circular, um lampejo de prazer aperta o meio das minhas pernas.

— Tira tudo. — Peço. Não quero que haja sequer algo que nos impedisse de sentir a combustão da nossa pele se tocando. Dante tira a bermuda junto com a boxer e se deita ao meu lado. Permito-me olhar cada detalhe do seu pau. Grosso na medida certa, viril, a glande rosada, cútis fina e deslizante, completamente esticada. Uma veia começa saliente na base até chegar perto do prepúcio, quase sumindo. Eu não sei se ele é o marido ideal, mas com certeza, tem o pau ideal.

Engulo a saliva que se acumulou em minha boca.

Movimento-me e começo a beijar cada centímetro do seu abdômen e barriga, os beijos febris, frementes e trêmulos. Retorno à boca para puxar os lábios entre os meus, apoiando-me em seu abdômen retesado.

Respira forte.

Dante pega minha mão e a coloca em sua extensão. Sinto-o tão duro e melado. Sua respiração se torna ruidosa à medida que eu movimentava a mão. Os lábios dele estão entreabertos. Sangue subiu-me ao rosto.

Mordo os lábios. Ele está quente, o barulho de sua garganta é um pedido por mim. Olha-me pelo canto dos olhos. Cedo fácil. Porque o quero fácil. Aperto mais a mão em sua carne, melando toda a extensão com seu próprio fluido. Ouço-o se entregar completamente ao meu toque pelos barulhos primais que sua garganta emite. Quando estou pensando se devo colocar na

boca, me para, me puxando de volta para si com um beijo.

— Preciso te foder... Agora... Você quer? — Pergunta, seus olhos ansiosos.

*Perverta-me.*

Respondo confirmando com a cabeça e brinco com a língua em sua boca. Dante pega um preservativo na escrivaninha. Com facilidade, abre e o desenrola até a base do pênis, se certificando de puxar todo o ar. Meu corpo quente sente o frio da crueldade de sua ausência, mas rapidamente, ele se projeta em cima de mim. Nossos olhos se encontram e nossos corações colidem.

Abro minhas pernas para que ele se encaixe. Os braços estendidos trabalham para que o seu peso não recaia totalmente sobre meu corpo. Experimento só a cabecinha do seu pau esfregando no meu sexo. Torturando. Sinto que a veia na minha testa vai explodir se eu não o tiver logo dentro de mim.

— Coloca tudo — imploro.

— Tem certeza? — Ele pergunta com medo de me machucar, no entanto, a ânsia em seus olhos denota o quanto quer entrar por completo.

— Tenho...

— Me pede para parar se...

— Dante... Olha para mim. Eu quero tudo, agora.

Ele acata meu pedido que mais soou como uma ordem e investe entrando vagarosamente. Minha boca se abre sentindo a pressão. E dói. É claro que dói, eu sabia que doeria, mas eu havia absorvido muito prazer anteriormente e, meus fluidos corporais ajudaram tanto na penetração, que a dor não atrapalha a sensação de tê-lo dentro de mim. Quase vejo estrelas e o aceito ainda mais. O clarão de desejo é intenso.

Dante recua, e, em seguida, deliberadamente, vai mais fundo. Olho para

ele e me sinto zozza, assim como sua expressão denuncia que está tão embriagado pelas sensações quanto eu. Penetra mais uma vez, e recua. Movimentos lentos e precisos. É vagaroso e torturante, assim como o desejo que tenho por ele, que invade cada fibra do meu corpo.

Abaixa e beija minha boca, gemendo deliciosamente nos meus lábios. Inclino os quadris recebendo-o. O recuo é lento, leve, só para voltar a me penetrar, ir e vir de forma curta e prazerosa.

— Ahh... — A chama quente em meu íntimo inflama. A paixão infiltrada em cada músculo dos nossos corpos, até mesmo no que não era concreto, como nossas sombras. Os olhos deles estavam se fechando, unindo as sobrancelhas, rendendo-se pelo prazer.

— Porra... — Sua voz sai mais grave do que comumente. Está se controlando, quase perdendo o controle.

Não aplaco meus gemidos que são contínuos, me aperto nele sentindo aquela dor ir embora aos poucos pela ajuda da lubrificação. Recebo-o por completo agarrando sua bunda. Aceitando as investidas que estavam ficando cada vez mais rápidas. Seu corpo brilhava de suor.

Ele não tem mais controle, murmura coisas sem sentido, estocando com uma vontade absurda, obstinado a me dar um prazer fácil e constante. Comprimos os lábios, a respiração cada vez mais ofegante. Sinto que Dante vai perder o controle de vez, mas, retoma a respiração e se abaixa voltando a abrir os olhos. Cerco minhas mãos envolta do seu pescoço para recebê-lo de forma mais lenta. Meus seios esmagados pelo seu peitoral, os mamilos cada vez mais duros roçaram nele, me arrepiando.

E ele passa a penetrar curto, de uma forma muito, muito gostosa. Mordo minha boca, fecho os olhos, inclino o quadril, meus músculos internos se apertam em seu pau, os fluidos mais densos. Sinto seus lábios na minha boca, me beija com a língua e eu aceito ser fodida por ela.

Apanho a respiração dele, incorporando-a na minha. Engolimos o ar com dificuldade, o respiro é alto. Estamos alucinados, a necessidade que nossos corpos tinham de se encontrar era visceral, intrínseco em nossa pele.

Preenche-me. Trêmulo. Trêmula. Meu coração está batendo na minha barriga. Estávamos em uma corrida conjunta, pelados em campo, revezando a bola para percorrer todas as jardas. Nossos olhos se encontram, um sorriso sacana surge em nossos lábios. Há fúria em nossas expressões.

A face de Dante se contrai e ele treme em cima de mim, sinto-o pulsante. Aperta-me forte, seu prazer brutal ressoa em mim. Abraço-o quando pende em meu corpo. Meu suor mescla com seu suor. As respirações fortes colidiram-se.

Dante tomba para o lado. Olhamos um para o outro. E rimos.

Rimos de uma maneira tão gostosa, limpa. Esse momento foi gravado em nossas memórias de maneira indelével, o tempo jamais será capaz de corroer essa lembrança.

Na partida da paixão, nós finalmente chegamos à End Zone. E é nesse momento que eu já tenho uma resposta ao seu pedido. Mas ainda não digo, mesmo que a resposta esteja em todas as minhas reentrâncias. Só vivo.



O dia seguinte foi tão bom quanto o primeiro dia, ignoramos todas as redes sociais e curtimos a praia, o mar, a casa e nossas companhias, de todas as formas possíveis. Conversamos, muito, apesar de não entrarmos em assuntos que podiam trazer feridas passadas, passamos a entender um pouco mais um sobre o outro. É claro que, no meio da tarde eu liguei para minha tia para saber como estava o vovô, por azar, ele estava perto e me xingou pela preocupação exagerada.

No final da tarde, quase anoitecendo, nós pegamos um cobertor e estendemos na varanda, pegamos algumas frutas e colocamos em um prato. Deitamos lado a lado para conversar e aspirar novos ares. Passamos vários segundos nos olhando, ele está sem camisa. É difícil não pensar em outra coisa além de sexo. Estamos o dia todo prontos para transar em qualquer lugar. Por isso, começo um assunto para aliviar a tensão sexual:

— Me inscrevi para o estágio do Antoine Carbonet.

— Não sabia que ele abriu inscrições, já faz um tempo que o chef não treina estagiários. Mas é uma excelente oportunidade.

— Você o conhece? — Pegou uma uva.

— Muito pouco, já fui ao restaurante do Antoine, é incrível.

— Não tive esse privilégio, mas eu tenho o livro de receitas dele. — Sinto uma brisa em minha pele. O trespasar do mar.

— Você vai conseguir.

— Eu quero conseguir. Quero que o vovô sinta orgulho de mim.

— Ele já sente muito orgulho, Charlie é um grande homem e ele te admira muito.

— Eu tenho sorte de tê-lo. A minha família é incrível... — Digo e na mesma hora acho que estou me gabando. — Não que eu esteja me gabando, eu sei que, hm... Deixa pra lá. — Corrijo-me e erro corrigindo.

— Relaxa, não estamos em um campo minado. A minha família é o meu pai, e eu também tenho sorte de tê-lo, apesar de tudo que nos aconteceu.

— Você conversou com ele?

— Sim... Bebidas alcoólicas são proibidas em casa, foi culpa minha.

— Entendo...

— Eu já volto, tenho que pegar algo — entra na casa e volta um pouco depois com uma garrafa em mãos e um copo de dose. A garrafa era pequena, linda, toda vermelha rubi com o rótulo dourado. — Licor de framboesa, trouxe direto da França.

— Uau, parece interessante — digo aceitando o copo de dose que ele enche com o licor.

O vermelho rubi do licor era perfeito. O cheiro doce com aroma de framboesa e notas de mel era delicioso. Bebo um gole, de imediato sinto o sabor doce tão característico do mel. O teor alcoólico mal é percebido pela minha língua.

— É muito gostoso — digo após alguns goles.

— Sabia que ia gostar. — Deixa a garrafa de lado e eu tomo o último gole antes de colocar o copo no chão.

— Pensou em mim quando comprou?

— Está ficando egocêntrica.

— Apreendi com o melhor. — Ele pega uma framboesa e coloca na minha boca. — Você não está comendo nada, é injusto colocar tudo na minha boca — reclamo depois de mastigar.

— Já disse, não gosto de frutas vermelhas... A menos que...

— A menos que?

— A menos que ela esteja em seu corpo. — Responde cheio de segundas, terceiras intenções, e todas que forem cabíveis.

Ele me dá um beijo lento e percorre os dedos pelo meio dos meus seios ainda cobertos pelo tecido da camiseta.

— O que pretende? — Pergunto incitando-o.

Dante responde erguendo minha camiseta para cima, eu estava sem sutiã e isso foi o suficiente para eu ver uma excitação crescendo em sua bermuda. Ele pega uma framboesa e coloca ali, no centro dos meus seios, depois pega outra e coloca acima do umbigo e uma mais embaixo.

E traçando essa linha, ele começa por cima, desliza a língua primeiro no seio esquerdo, esticando-o duro entre os lábios. Focou sua atenção em cada um, me fazendo ir ao delírio e o formigamento de prazer se distribuir por todo meu corpo até chegar na parte mais sensível.

— Deliciosos. — Sussurra entre os seios.

Come uma framboesa.

— Está gostoso? — Pergunto.

— Você não tem ideia.

Beija-me de novo, salivo quando perco seu toque. Desce novamente pelo meu corpo com beijos lentos do pescoço até a próxima framboesa. Sinto um pouco de cócegas e rio quando ele pega a próxima framboesa.

Suas mãos estão no meu quadril, perto da barra do meu short. E quando ele agarra a última e perigosa framboesa, puxa o short pelo quadril até descê-lo pelas minhas pernas. Todo meu corpo reage arrepiando, minha calcinha ficando molhada, as bochechas se enrubescendo, e a boca arfando.

Sua mão se enfia na minha calcinha sentindo o quão estou molhada. Olha para mim, com a acusação sacana de que eu estava muito pronta para tê-lo mais uma vez. Volto a beijá-lo com força, e ele continua a me tocar passando a ficar por cima, afundando-me em gemidos.



Enfio as mãos em seus cabelos, passo pelo seu pescoço, ombros, abdômen, aperto suas costas, até chegar em sua bunda que era tão deliciosa. Dante acaricia meus mamilos com as pontas dos dedos, deliberadamente e deliciosamente. Ele sabia que tinha encontrado o meu ponto fraco e estava abusando disso. Os movimentos circulares não param. Deliro. Meu corpo age em tremores.

Cerro os dentes tentando me controlar, mesmo assim, sou feita de puros gemidos. Não demora muito para que ambos estejamos nus. E, precavido, Dante retira uma camisinha e a coloca de maneira rápida.

— De ladinho — diz em meu pescoço. Faço o que pede deitando-me em seu braço e sinto sua ereção na minha bunda para que aos poucos ele comece a introduzir seu pau dentro de mim. Suas mãos agarram-se em meus seios, apertando-os com fervura.

Move-se lento, para frente e para trás quando está completamente dentro, envolvido pelo prazer. Estou tão molhada que o barulho dos nossos sexos se chocando é audível. Dante mela os dedos com sua saliva e desce até chegar no meu íntimo e tocar o clitóris. A posição é tão prazerosa, pois estou sendo tocada em todos os pontos principais de prazer.

Tremo. Penetra. Recua. Esfrega os dedos. Respiro quase sem fôlego.

Ofego. Ele passa a gemer tão gostoso que o estímulo para meu orgasmo se torna cada vez maior. A penetração ganha velocidade. A respiração dele no meu pescoço, os gemidos se reverberando em mim.

— Porra. — Ele pragueja.

Sinto faíscas se espalhando.

Ah.

Ah.

Ahh meu.

Meu.

Deus.

O que é isso?

Continua os movimentos. Precisos. Intensos. Arrebatadores.

Não nos preocupamos com o barulho que ecoava por toda a praia, que repercutia chocando com a força das ondas.

Sinto-me mole. É tão. Tão. Tão delicioso. Tremo com força me contorcendo sem qualquer controle sobre meu corpo. Sou apenas uma marionete do prazer. Os espasmos são intensos. É como se todo meu corpo estivesse em completa sintonia, dos pés à cabeça.

Dante continua os movimentos voltando a ritmá-los com mais calma, continuando a estimular-me. Estou fraca, e ainda me rendo a mais esse prazer. Até que sinto os tremores dele não só em sua respiração, mas em seu corpo. Sua garganta emite um som primal, e ele pulsa no meu sexo.

Continuamos abraçados. Extasiados.

— Isso foi tão azul... — Comento.

— O quê? Azul?

— É. Azul. Azul é perfeito pra mim.

— O.k. Pra mim também foi... azul.

Rimos.

Tomba para o lado e entra na casa para descartar o preservativo e depois volta vestindo-se. Coloco a camiseta e a calcinha.

— Vamos até o mar? — Peço.

— Agora?

— É... — Peço e ele cede ao meu pedido.

Caminhamos juntos até a borda do mar, sentimos a areia molhada em nossos pés. O sorriso se espalhando em nossas faces. A fúria do que sentimos um pelo outro pode denotar que até as estrelas podem ser tangíveis.

Começo a checar mentalmente toda aquela lista infame do marido ideal:

*Ele é gostoso.* Puta merda. Muito gostoso.

*Ele é gentil.* Tão gentil que sinto meu coração derreter quando estamos juntos.

*Ele é batalhador.* Ao conhecer sua história tão a fundo, posso confirmar isso com todas as letras.

*Ele é charmoso.* Charmoso é pouco, tenho muitos adjetivos para ele.

*Ele é engraçado.* Sim, ele é engraçado quando percebe que piada só é boa quando todos riem.

*Ele é inteligente.* Nenhuma conversa com Dante é banal, gosto de como pensa.

*Ele não tem uma ex-namorada.* Isso é um bônus mais do que especial. Ser a única é uma massagem no meu ego.

*Ele é bom de cama.* Sem palavras.

*Ele promete ser fiel e leal.* Eu também.

*Alto, moreno e sensual.* Não preciso falar nada mais.

Nenhum desses requisitos são questionáveis, mas o que realmente me move a aceitar o pedido de casamento é muito mais simples e se chama. Amor. Ou azul. Ambos possuem quatro letras, ambos para mim são a visão mais bela que existe.

Olhamo-nos.

Aperto sua mão na minha.

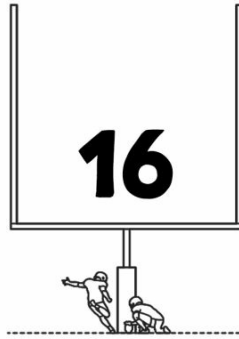
Tudo é azul.

Dante é o Azul do mar que mora em mim.

— Eu aceito. — Digo, o mar sendo a força motriz das minhas palavras.

Seus olhos se arregalam, entende o que estou dizendo. E me beija, me abraça. E me apaixona. Furiosamente, tempestuosamente. Nós vamos nos casar, na força da onda furiosa da paixão, e eu aceito todas as consequências desse ímpeto.





**AZUL**



## Capítulo 16

Passar um tempo sozinha com Dante foi essencial para que nos conectássemos não só com nossos corpos, mas com nossas almas. Relembro do nosso primeiro encontro e da explosão das nossas personalidades tempestivas e penso em tudo que senti até chegarmos onde estamos.

Reflito em como descobri o amor, o azul em meio a todo o caos em torno do Hurrón. Há coisas que não sei sobre ele ainda, há coisas que quero saber sobre ele. E há coisas que ele não sabe que eu sei sobre ele. Descobri em seus olhos, na sua respiração, em sua pele. Nas palavras ditas, nas palavras não ditas. Entrelinhas. *Entre os poros.*

O processo que me fez chegar até aqui, que me fez aceitar a parceria com a Corn's, o caminho que percorri para tornar minha vida pública e pisar no restaurante de maior prestígio da cidade de Nova York não foi fácil. No entanto, eu sei que sou muito capaz de realizar todos os meus sonhos.

É claro que senti aquela pontada de medo, e estou sentindo essa pontada cada vez mais forte, porque a seleção para o estágio com Carbonet estava prestes a acontecer. Pela primeira vez estou pisando no restaurante de Antoine, que é uma referência gastronômica para a região e estou amando e odiando essa experiência ao mesmo tempo. Minhas mãos não param de tremer e isso porque eu ainda estou na recepção. Só quero que acabe logo, e, meu Deus, onde eu estava com a cabeça? Entendo muito pouco de cozinha mediterrânea, que é o foco do restaurante.

Enquanto sou guiada até a cozinha, observo toda a decoração do local. Igual a fachada, o ambiente era minimalista, em tons brancos e pretos e detalhes em vermelho, o piso preto do chão era laminado e trazia muita sofisticação ao ambiente.

Respiro fundo e aguardo, junto com muitos candidatos, era a terceira

seleção do dia, mesmo assim, ainda tinha bastante gente. Fico quieta, analiso meus concorrentes. Havia muitos jovens, outros mais maduros. Poucos falavam, estavam tão focados quanto eu.

Uma senhora de cabelos pretos adentra ao salão e se apresenta como Giovana Carbonet. Séria, ela começa a explicar o processo de seleção do estágio e eu a ouço atentamente. No primeiro momento ela elimina alguns candidatos apenas por chegarem um ou dois minutos atrasados. Depois, enquanto ela explica, elimina mais candidatos que se dispersaram e, no fim, quando sobra apenas vinte, somos guiados a uma bancada e é pedido para que descasquemos uma cebola, um de cada vez.

Alguns são eliminados nessa etapa, faço o possível para não errar e não pingar suor. As próximas etapas são simples como a primeira, quebrar ovos, cortar legumes, saber reconhecer ervas e temperos, para que no fim, apenas cinco pessoas fiquem no ambiente. Eu, duas garotas e dois garotos. E é nesse momento que Antoine Carbonet surge no ambiente.

Antoine era um senhor de baixa estatura, cabelos grisalhos e um pequeno cavanhaque. Muito sério, ele apenas nos cumprimentou com a cabeça, deixando para que a mulher explique a última etapa da seleção.

— A última etapa é mais simples do que vocês imaginam, é apenas uma conversa com Antoine — Giovana diz e isso me deixa um pouco mais confortável. O meu medo era ter que fazer um prato e o chef provar. E o pesadelo era ele dizer que minha comida era horrível. Acho que eu não ia conseguir superar esse trauma.

Em ordem alfabética o primeiro candidato é chamado e ele se apresenta em frente ao Carbonet, desta forma nada sutil.

— A pergunta é muito simples, por que você quer ser um cozinheiro? — O chef pergunta e eu começo a pensar na minha resposta em vez de prestar atenção no que o outro candidato estava dizendo. Inspiro. Fecho os olhos.

Estou focada no meu próprio eu. Crio uma bolha que só estoura quando meu nome é chamado à frente.

— E você, senhorita, me diga, por que quer ser uma cozinheira? — Do jeito que ele se expressa, parece que consegue enxergar lá no fundo da minha alma se sou ou não uma amante da gastronomia.

— Eu não quero vir com frases prontas, mas, tem uma frase que Mark Twain disse que é muito forte pra mim. — Aperto os dedos na palma da minha mão e continuo: — Os dois dias mais importantes da sua vida são: *o dia em que você nasceu, e o dia em que você descobre o porquê*. Quando eu descobri que nasci para isso, para aquecer não só o estômago, mas também o coração das pessoas com a minha comida, foi o segundo dia mais importante da minha vida. Eu sou cozinheira, eu respiro a gastronomia. É o que sou, é o que serei.

Vejo um meio sorriso nos lábios surgir no rosto da figura à minha frente, mas logo a expressão dele se torna neutra novamente.

— Vocês estão dispensados. Até o final da semana teremos uma decisão. Das três seleções apenas um candidato de cada uma será selecionado. Obrigada pela presença — Giovana finaliza e eu quase desmaio depois de tanta tensão. Pego meu celular e checo algumas mensagens e tenho um susto ao abrir o Instagram e me deparar com a quantidade de seguidores que só aumentava exponencialmente.

Fico chocada por de fato minha vida parecer tão importante para as pessoas. Elogios brotam nas minhas fotos, bem como críticas desacreditando que Dante pudesse ter um relacionamento sério comigo, outros me acusavam de não ser bonita o suficiente, ou de usar Photoshop nas fotos. E é claro, muitas pessoas indagavam se eu estava grávida e a data do casamento — um ponto que ainda não foi definido. A foto minha com Kalel causou o burburinho que eu esperava, mesmo que a foto não tivesse nada revelador,



era uma foto nossa, juntos, e isso foi o suficiente para as redes sociais compartilharem e suporem milhares de coisas sobre nós.

Tento não me abalar com nada disso, porque as pessoas acreditam naquilo que convém a elas. A fama de perseguidora de jogadores não é nada boa, mas não posso viver em decorrência disso, porque as pessoas não me conhecem, eu me conheço e é exatamente isso que importa

Decido mudar o foco da foto com Kalel e posto uma foto minha com Dante, foto que tiramos juntos na praia. Uma selfie, juntos, cabelos bagunçados, sorriso no rosto. E escrevo na legenda: Azul. São poucos minutos para que Dante curta a foto e comente: Azul.

E são poucos minutos para que a foto se torne viral.

Volto para casa de táxi, já era fim de tarde e eu combinei de fazer o jantar em casa. Minha avó me ligou mais cedo e informou que chegaria essa semana na cidade, ela resolveu vir logo quando descobriu que quem ia se casar era eu e não o papai. Isso só me faz pensar que o carma é forte.

Chego em casa e só encontro meu pai sentado no sofá tomando uma cerveja.

— Como foi? — Ele pergunta.

— Tudo bem, amanhã saberei se fui selecionada. — Falo calmamente, embora por dentro eu estivesse completamente aflita sabendo que esse estágio era o primeiro passo para minha carreira decolar.

— Você vai passar, é um talento, querida.

Sorrio. Tem muitas coisas que quero dizer para ele, tanto quanto ele tem para dizer para mim, por isso, sento-me ao seu lado no sofá e começo:

— O que está acontecendo com você, papai? — Nós estávamos tendo uma relação difícil desde que Dante e Pamela surgiram em nossas vidas.

— Estou trabalhando muito, só isso.

— Não é só isso. Do que está fugindo? Da doença do vovô? Do medo de

me perder?

Suspira. Dá um gole na cerveja. Demora para formular uma frase que significasse o que ele estava de uma forma sentindo.

— De tudo um pouco, e estou tentando com todas as minhas forças fazer o meu relacionamento com a Pam dar certo, mas no meio disso, acabei deixando vocês de lado.

— Você fez isso uma vez, lembra? Foi embora de Nova York para morar com a mamãe e abandonou tudo por ela. E agora vai fazer isso de novo? Eu não estou condenando seu relacionamento, eu quero que dê certo, de verdade, mas nós estamos aqui também. E nós precisamos de você. O seu pai, principalmente, precisa de você.

— Desculpe.

— Não. Não é para pedir desculpas, porque nós não fazemos isso, nós colocamos o pé no chão e resolvemos os problemas, não é? — Pronuncio exatamente o que ele sempre pregou em nossa casa.

— É, é isso, essa é minha campeã. — Sorri. Aperto sua mão, nos olhamos, sinto em seus toques e vejo em seus olhos que ele pretende se esforçar. — Rosalie...

— Hum?

— Você tem certeza de que quer se casar?

— Por favor, papai... — Não quero entrar nessa discussão.

— Calma, eu não vou te obrigar a desistir. Eu só quero que pense.

— Eu já pensei.

— Então pensa mais um pouco.

— Tudo bem... — Eu tinha que ceder, porque ele também estava cedendo, embora eu tenha acabado de mentir, porque eu não pretendo pensar mais. Eu sou o tipo de pessoa que vai até o fim, mesmo que esteja errada.

Meu celular vibra com uma mensagem do Hurrón e eu a confiro:

“Posso ir aí hoje à noite? Quero falar com sua família”.

“Então você vai me pedir em casamento para eles?”

“É”.

Ele só responde isso e eu não sei se rio ou se fico maravilhada, pois Dante está verdadeiramente se esforçando para fazer nosso relacionamento acontecer. Informo para meu pai que é imprescindível sua presença em casa à noite e passo o restante do dia arrumando a casa e depois vou fazer compras para preparar um jantar. Tento não transparecer meu nervosismo, contudo enquanto estou cozinhando acabo colocando sal para caramelizar as cebolas, em vez do açúcar, e eu faço isso três vezes.

— Adoro cebolas salgadas — vovô me zoa aproximando-se do fogão.

— Não ria da minha desgraça.

— Quem vem hoje à noite?

— Meu namorado... Noivo... — Corrijo. — Futuro marido.

— Uau, então vão oficializar?

— Sim...

— E já escolheram a data?

— Não decidimos ainda, eu fico pensando que não quero sair de casa, ao mesmo tempo que quero me casar, não quero te deixar, vovô. Talvez a gente postergue o casamento por um ano ou um pouco mais.

— Mas você não vai me deixar, estamos juntos, sempre.

— Você vai fazer o tratamento?

— Só se você parar com esse medo de sair de casa.

— Eu me preocupo com você.

— Pois não se preocupe, eu estou bem, veja, estou lembrando que comi um sanduíche no almoço.

— Engraçadinho — desligo o fogo quando finalmente consigo caramelizar as cebolas. — Responde a minha pergunta, por favor.

— O.k. Eu vou fazer o tratamento. Satisfeita?

— Muito satisfeita — beijo sua bochecha e com sua ajuda arrumamos a mesa. Enquanto isso, minha tia ficou na sala conversando com meu pai, não consegui ouvir muito o conteúdo da conversa, mas ouvi meu nome, o de Dante, do vovô e da Pam envolvido.

A campainha toca quando coloco a travessa no forno. Respiro fundo e corro para atender. Abro a porta e lá está ele, o rei da NFL todo sem jeito, com as mãos no bolso da calça social cinza escuro, uma ansiedade visível em seu rosto e um milhão de coisas em seus olhos. E puta merda, como ele está bonito. Um formigamento começa no meu estômago e desencadeia por todo meu corpo quando, em um simples gesto, ele beija o topo da minha cabeça.

Dante levanta a mão e mostra uma garrafa:

— Trouxe mezcal.

Sorrio, ele definitivamente entrou para a família.

Dou espaço para que ele entre e cumprimente minha família. Papai o cumprimentou apertando fortemente sua mão, olhando-o nos olhos, já Jenna deu um abraço apertado e um beijão em sua bochecha e ainda complementou:

— Sou sua fã e do técnico. — É claro que ela iria citar Randy, ele era quase sua obsessão. Depois de cumprimentar o vovô, Dante entrega a garrafa de mezcal para ele.

— Já me conquistou, pode levar minha neta.

— Vovô! — Censuro.

— Como ficou sabendo que gosto de mezcal?

— Sua neta me contou e nós compartilhamos de uma garrafa em um jantar aqui... Se lembra?

— Oh... — Tenta buscar em sua memória, mas não encontra.

— Que jantar foi esse? — Papai pergunta e eu me lembro que ele não ficou sabendo que Dante dormiu em casa.

— Você não sabe porque vive na casa da Pam. — Entro na conversa e isso o desarma, fazendo com que pigarreie e comece a caminhar até a cozinha.

— Vamos jantar. — Muda rápido o assunto para não me confrontar. Todos se dispõem na mesa e eu pego as bebidas antes de tirar a travessa do forno.

— Então, o que está fazendo para o jantar? — Minha tia pergunta para trazer algum assunto ao ambiente que raramente era tão silencioso.

— Macarrão com queijo. É simples, eu desenvolvi uma receita que creio ser muito boa — respondo e sirvo uma travessa fumegante à mesa. — Podem se servir. — Anuncio. Todos se entreolham até que vovô resolve ser o primeiro a se servir e sucessivamente todos se serviram, inclusive eu mesma que tentava não aparentar nervosismo.

Todos comem em silêncio até Dante, que estava ao meu lado, se pronunciar:

— Uau, está muito bom, melhor que o meu, aliás.

— Obrigada, eu quis testar algo novo na receita — digo e ele sorri para mim.

— Tem um adocicado muito bom. Cebola caramelizada? — Adivinha fácil.

— Sim, acho a combinação de cebola caramelizada com queijo um belo casamento.

— É um belo casamento, igual ao de vocês dois — vovô diz e depois dá mais uma garfada no macarrão.

— Concordo com o Charlie, isso — minha tia aponta para o macarrão com o garfo — e vocês — aponta para nós. — São perfeitos juntos.

Fico feliz de vê-los nos apoiando tanto, mas não me sinto confortável com a carranca que meu pai faz.

Dante coloca sua mão em cima da minha na mesa e diz:

— Eu queria aproveitar esse momento e oficializar o pedido de casamento.  
— Toma fôlego e continua a falar. — Rosalie e eu queremos nos casar e, seria muito importante para nós se vocês estivessem de acordo. — Olhamos um para o outro e depois para as pessoas à nossa volta.

— Eu já concordei antes de vocês se apaixonarem — minha tia é a primeira a se manifestar, porque, realmente, ela previu esse acontecimento.

— Não poderia concordar mais! Temos que brindar com mezcal — vovô se levanta e procura pela garrafa no armário e não encontra. — Juro que comprei mezcal esses dias, não temos mais? — Pergunta.

Ele acabou de esquecer que Dante trouxe mezcal e que ele deixou a garrafa em algum canto da sala, pois não trouxe para a cozinha. Levanto-me e bem rápido vou até a sala e pego o mezcal deixado em cima da mesinha central e volto.

— Veja, vovô, estava na sala — digo, e isolo completamente o fato de ele ter esquecido, não havia necessidade de confundi-lo.

— Quando vocês pretendem se casar? — Meu pai se manifesta.

— Nós não definimos uma data ainda — respondo rápido.

— Por que vocês não namoram apenas? Pra quê se casar agora? — Droga, ele realmente estava fazendo isso.

— E por que não agora? — Não deixo Dante responder, pois esse embate é meu.

— Vocês têm a vida toda pela frente.

— Por isso mesmo, temos a vida toda pela frente. E eu quero me casar, por que não posso seguir a minha vontade?

— É ele? Ele é o cara que você quer pra sua vida?

— É. Eu não vou mudar de ideia. Pai, você está de acordo, sim ou não?  
— Continuamos com o embate de olhares. Ambos de personalidade extremamente forte. Para meu pai sempre foi difícil lidar comigo, porque o

que eu queria, eu fazia. Foi assim para deixar Memphis e vir morar com ele, foi assim na escola, e principalmente na escolha de não cursar uma faculdade.

No fim das contas, eu sempre assumi as consequências dos meus atos e, papai acabava cedendo a eles.

Ele mexe a cabeça negativamente, contrariando sua boca que pronuncia:

— O.k.

Dante me olha confuso, não entendendo se meu pai estava de acordo ou não, mas eu aperto seus ombros confirmando que estava tudo bem.

— Vamos brindar? — Vovô propõe e sorrio para ele. Ergo a taça, todos fazem o mesmo. — Ao amor — é dito simples pela figura do mais velho à mesa, nós brindamos com um sorriso no rosto e tanta confiança, e amor. Afinal, é o que realmente importa.

Brindamos com mezcal selando o que não poderia mais ser mudado. É como diz a expressão em latim *In vino veritas*, no vinho está a verdade. Ou melhor, *In mezcal veritas*.



No fim da semana tenho uma das melhores notícias que eu poderia receber, fui aprovada para o estágio com Antoine e começaria logo na próxima semana. Em êxtase dou a notícia para minha família e meus amigos que vibram tanto quanto eu. Marco um jantar com Dante para contar pessoalmente para ele e para definirmos de uma vez a data do nosso casamento.

Era tanta coisa boa acontecendo de uma vez em minha vida que tenho aquela súbita sensação de que está tudo bom demais. E isso me dá medo, tanto medo que provoca um calafrio na barriga. Balanço a cabeça imediatamente afastando os pensamentos ruins e coloco um sorriso no rosto.

Passo a manhã na casa de Morgan, aproveito que ela não tinha aula e conto sobre tudo que estava acontecendo. É claro que, mesmo sem data definida, chamo-a para ser a minha dama de honra. A única pessoa perfeita para esse papel. Nós duas ficamos pensando no que publicar em minhas redes sociais, já que a foto minha com Dante estava sendo curtida, comentada e compartilhada de uma forma louca. Eu nunca tinha visto isso antes.

— Vocês são como a realeza, todos querem saber de vocês, e principalmente, todos querem ver esse acontecimento acontecer. Vai ser mais visto que o casamento do príncipe William e Kate.

— Não exagera.

— Não estou exagerando... Olha pra mim, esse vai ser o casamento.

Tenho medo das suas palavras, porque podem ser para o lado bom ou para o lado ruim. Afinal, tínhamos atenção demais para nós. E pessoas demais sendo contra nosso casamento.

Quando volto para casa, tomo um susto ao me deparar com a figura da minha avó, pois ela não me avisou que chegaria na sexta-feira. Ela estava com apenas uma mala ao seu lado e parecia que havia acabado de chegar, pois estava em pé falando com minha tia.

— Vovó Cathy — corro para abraçá-la.

— Oh, querida, que saudades — ela me aperta. Estava tão linda, os cabelos pintados de loiro claríssimos, vovó já era grisalha, mas não abria mão dessa vaidade, estava com uma maquiagem leve, um colar de pérolas no pescoço, que ela nunca abandonava, e vestia roupas casuais, como de costume.

— Você está tão linda. — Elogio-a.

— Olha quem fala, a mais bonita das Wicks. — Afastamo-nos um pouco segurando as mãos e nos olhamos.

— Quanto tempo vai ficar?



— Oh, eu só passei aqui primeiro para te ver, contudo vou ficar em um hotel no final de semana. Há algo errado aqui... — Vovó fareja. — Por que você está aqui, Jenna? Perdeu a casa?

Minha tia e eu nos entreolhamos sem saber como contar sobre a doença do vovô.

— Conversamos sobre isso depois, Catherine. Temos coisas mais importantes para discutir, como o casamento da sua única neta. — Jenna joga a bola pra mim.

— Bem lembrado, quero saber de tudo. Como assim você vai se casar e não seu pai? — Estreita os olhos. As rugas se intensificam.

— Vamos nos sentar, vovó, e eu já lhe conto tudo — sabia que iria ser uma longa tarde, por sorte, vovô estava na casa do Bill vendo um jogo de Baseball e papai estava no trabalho. Encurto um pouco a história e omito muitas partes e isso é suficiente para que ela fique muito feliz.

— Uau! Estou muito feliz por você, meu amor. Mesmo que seja tão inesperado. Mas, me diga, já marcaram a data? Eu acabei não renovando meu contrato de aluguel porque estou pensando em mudar daqui, viajei tanto, conheci tantos lugares e sinto que aqui não é mais meu lugar.

Fico em choque. O meu plano de trazer a vovó iria completamente por água abaixo se ela se mudasse.

— Se mudar? Para onde? Quando?

— Próximo mês, vou para o Missouri.

— Missouri.... — Estou sem fala. Que merda. — Mas é tão longe, por que tão rápido? Fica aqui conosco até meu casamento. — Preciso que ela fique, preciso que converse com seu ex-marido. Não que eu tenha esperança de que eles voltem, contudo, sei que há algo mal resolvido.

— Isso é impossível, não posso conviver com o Charlie mais. Ainda mais se o casamento for daqui um ou dois anos.

— Não será daqui um ou dois anos... Vai ser daqui três meses. — Eu simplesmente decidi a data do casamento por um impulso maior e por uma causa muito grande.

— Três meses? Já? Meu amor, você está grávida? — Analisa-me da cabeça aos pés.

— Não vovó... Não estou grávida. Só quero muito que fique aqui nesses três meses me ajudando com o casamento, isso seria muito, muito importante para mim.

— Posso ficar em um apartamento.

— Vai ficar muito caro para a senhora, ainda mais para conseguir algo tão de repente.

— Fica, Cathy. Você e o Charlie não são crianças, podem muito bem conviver. — Jenna cutuca a ferida.

— Vou pensar..., Mas vou pensar por você, querida — dá um tapinha carinhoso em minha mão. — Quero distância do velhote.

— Não fala assim...

— E onde ele está? Na casa do Bill? — Acerta em cheio. — Esses dois não mudam nunca, o dia inteiro na frente da televisão.

— É... só que o vovô merece esse descanso, ele trabalhou muito e agora que está aposentado, tem que aproveitar.

— Sempre defendendo o Charlie, tudo bem, eu entendo, você sempre foi um grude com ele e seu pai.

— Cathy... Tenha paciência, ainda mais agora...

Meneia a cabeça para o lado esquerdo, curiosa.

— Agora...?

— Com meu casamento — não quero falar sobre a doença.

— Tudo bem, e que fique muito claro que vou ficar só por você — aperta minhas bochechas.

Ofereço um café e biscoitos que assei no dia anterior para ela, enquanto continuávamos conversando. Jenna e minha avó tinham uma relação complicada, as duas eram tia e sobrinha, entretanto vovó sempre criticava muito as escolhas amorosas da minha tia. Então, vez ou outra, rolava farpas na conversa.

No fim da tarde, quando estávamos sentadas no sofá, vovô chegou antes de meu pai. A presença da minha avó foi notada muito rápido por ele, que a olha tão surpreso e ao mesmo tempo muito curioso.

— Catherine... — Diz o nome dela aproximando-se.

Vovó se apoia no sofá para se levantar.

— Charlie.... — Ela abaixa o olhar, como se não quisesse encontrar os olhos dele.

— O que faz aqui?

— Vim para ver minha neta e para participar da vida dela e do casamento.

— Agora você quer participar da vida dela? Nunca se preocupou. — Ele está na defensiva.

— Eu sempre me preocupei, mas diferente de você, eu não estagnei minha vida.

— Ei, vocês, não briguem, por favor. — Levanto-me para apartar a briga.

— Quanto tempo vai ficar? Um, dois dias? Espero que seja breve — a fúria do vovô despertou, o encontro dos dois era sempre tão carregado. Havia muito amor por parte dele e muito ressentimento da parte dela. É visível que tinham questões pendentes.

— Vou ficar até o casamento da Rosalie, três meses.

Penso que vovô vai cair duro no chão, ele não caiu, mas se engasga com a saliva.

— Três meses? — Assusta-se.

— Isso mesmo. Vai ter que me suportar, *querido*.

— Parem já com essa discussão boba, vocês dois parecem dois adolescentes. — Jenna se intromete.

— Vou para meu quarto. — O mais velho sai do recinto bufando.

Suspiro. Converso com minha tia para ver se estava tudo bem em ela dividir o quarto com minha avó e ela aceita, mesmo sabendo que teria que suportar os intrometimentos da senhora.

À noite, encontro Dante em seu apartamento. Logo que o vejo, sinto-o um pouco tenso, contudo, desanuvia qualquer pensamento quando me mira da cabeça aos pés. O jeito que ele me olha só me faz pensar no momento em que passamos juntos na praia, descobrindo da melhor forma possível o corpo um do outro.

Um sorriso surge no canto da sua boca ao me analisar. Parece que ele gosta do meu vestido curto e da forma que meus cabelos estão despretensiosamente caídos do lado direito do meu ombro, porque logo que a porta se fecha, ele passa a acariciar o ombro esquerdo desnudo. Brinca com a fina alça do vestido. Beija-me. Abraça. Aspira meu cheiro e eu aspiro o dele.

Adoro o fato de que ele usa branco constantemente. Como a camiseta que está usando no momento. O modo despretensioso de vestir moletom e ficar mais gostoso do que nunca. Adoro o fato de que seu cheiro é tão único que se impregna na minha roupa e que eu jamais vou confundi-lo com qualquer outro cheiro.

As sensações singulares que se iniciam quando nos beijamos, nos tocamos e nos respiramos me faz perder qualquer medo e anseio e me faz acreditar que o que nos reserva no futuro é algo tão singular quanto essas sensações.

Caminhamos agarrados até o sofá e nos afundamos entre beijos que começam tão carinhosos e vão se tornando lascivos à medida que nossos toques se tornam mais profundos. Temos dificuldades para nos afastarmos para que Dante possa preparar o jantar.

— Vamos pedir uma pizza — anuncio entre beijos.

— Pizza?

— É... Porque quero suas mãos ocupadas pressionando cada parte do meu corpo. — Olho-o para inflamar seu prazer.

Um sorriso sacana confirma a sua vontade e depois de uma ligação as roupas automaticamente vão parar no chão, porque melhor que Dante com camiseta branca é Dante sem camisa. E mais uma vez me vejo completamente rendida e apaixonada.

Mais tarde, com pizza e Coca-Cola, nós conversamos sobre tudo, conhecendo um pouco mais um sobre o outro e sobre nós como casal. Logo que conto a ele sobre o estágio com Antoine, vejo-o explodir de alegria, parecia mais feliz do que eu pela minha conquista.

— São só três meses? — Questiona.

— Sim e começo na semana que vem.

— Bom, em três meses minhas férias estarão próximas de terminar.

— E como você se sente sobre o futebol?

— Eu estive perdido por um tempo e ainda me sinto um pouco fora de órbita sobre meu futuro no campo, mas vou fazer o que for possível para levar os Giants para o Super Bowl do próximo ano.

— Você pensa em desistir?

— Não.

— Mas já pensou, não é?

— Muitas vezes.

— Por que você começou a jogar? E por que continuou até hoje?

— Por tudo, não só porque meu pai sempre sonhou, e sim porque eu sempre tive o desejo de ser um campeão. Só que eu tive um péssimo desempenho nesse último ano porque achei que o futebol não me fazia feliz.

— Se não te faz feliz, por que vai continuar?

— Porque campeões não desistem. Eu sou um Giant, nós somos gigantes, nós lutamos.

— Você me disse que tinha um motivo que o fazia jogar, qual era?

— Minha mãe. Ela era fã dos Giants e eu sempre acreditei que se entrasse para esse time ela ia aparecer. Mas é claro que ela não apareceu. Continuei me esforçando, porque achei que isso não era suficiente para trazê-la de volta. Quando me consagrei o rei da NFL eu percebi que não adiantava o quanto eu me esforçasse, ela não ia mais voltar.

— E agora, quais são seus motivos para continuar?

— Os fãs, o time e, principalmente, uma pessoa que me fez enxergar além de mim mesmo, você, a minha campeã.

— E futura esposa — brinco. — Aceita se casar comigo em julho? — Olho-o seriamente. Juntei o útil ao agradável, queria que minha avó ficasse em casa esses três meses e, não era uma má ideia casar-se tão rápido, afinal, tenho certeza de que não mudarei de ideia.

— Julho? Deste ano?

— É. Por que não?

— Por mim tudo bem. Como vamos preparar tudo?

— Daremos um jeito.

— Por que a pressa?

— Porque te quero.

— Eu também te quero como minha esposa o quanto antes. Porque tenho medo de que você veja que isso pode ser um erro e fuja de mim. Porque te ver de noiva deve ser a coisa mais linda do mundo, e porque eu sou o marido ideal.

Gargalhamos e Dante se levanta e volta pouco depois com algo em suas mãos. Ajoelha-se à minha frente, mordo os lábios. Abre a pequena caixa revelando um anel que me faz suspirar. Era um solitário de ouro branco com

um diamante azul profundo e redondo. Em volta dele havia cristais rodeando a pedra.

— Desculpe se fiz o pedido de forma errada, eu sou todo errado. — Pega minha mão. — Mas finja que esse é o pedido oficial.

— Jamais, eu amo o pedido real.

— Só finje, um pouquinho. — Sussurra, me olha nos olhos, respira fundo e engole em seco.

— O.k...

Passa os dedos pelo cabelo e continua a segurar o anel na minha frente:

— Rosie Blue, quer ser minha rainha?

Abro um sorriso largo. Dante é lindo. O anel é perfeito e singular. E faz com que eu me sinta a própria realeza quando meu futuro marido coloca o anel em meu dedo.

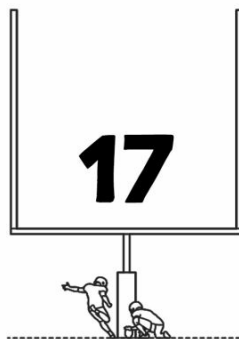
— Quando vi esse anel eu só pensei em você.

Sorrio e coloco a mão no rosto.

— Meu Deus, é lindo demais! — Fico abobalhada olhando a beleza do anel.

— Quero que se lembre do meu amor. Como você diz... Azul.

— Azul é perfeito.



**QUASE**  
**UMA NOIVA EM FUGA**

---





## Capítulo 17

### *Três meses depois*

É a última prova do vestido e eu estou com medo de olhar minha figura no espelho. O casamento está tão próximo que agora o sinto tangível o suficiente para poder surtar. Respiro fundo, estou com os olhos fechados, Morgan e Ruby Perkins estão junto comigo, finalmente consegui escolher o vestido, dos cinco que estive em dúvida, cada um tinha sua peculiaridade, mas quando visto esse que está em meu corpo me sinto eu, me sinto uma verdadeira noiva.

Abro os olhos. O vestido abraça meu corpo, ele é radiante porque eu me sinto radiante. Minhas amigas também o amaram, vejo pelos sorrisos sinceros. Morgan e Ruby se expressam seguidamente:

— Perfeita.

— Uma verdadeira rainha.

— Não é muito ousado? — Pergunto.

— Não! — Disseram juntas.

— Será que devíamos ter planejado um jantar de ensaio? Dante acha uma bobagem, mas agora, pensando bem, tem muita coisa que devíamos ter ensaiado. — Desço do pedestal aflita.

— Fique calma, vai ser interessante ver as coisas acontecendo sem um planejamento — Ruby responde.

— Interessante é uma palavra sinônima de desastre por acaso? — Questiono.

— Ai, ai, ai, não vai surtar agora. Vocês que planejaram esse casamento em um prazo curtíssimo — Morgan abre o fecho do meu vestido nas costas.

— Tudo bem, vou ficar calma, eu sei que o casamento é daqui a dois dias e que a imprensa está maluca com isso e que todo mundo só fala do meu

vestido, porém eu só quero que esse momento passe. — Ajudam-me a tirar o vestido uma de cada lado.

— O que foi? Está pensando em desistir? — Ruby analisa.

— Não, claro que não.

— E o local? Vocês não contaram pra ninguém ainda, onde vai ser? — Já fazia semanas que Morgan me importunava com isso.

— Secret local — respondo segurando um riso.

— Ah, por favor, me diz, vai ser na casa do Dante? — Ela não se dá por vencida.

— Não.

— No estádio dos Giants? — Ruby lança sua aposta.

— Oh não, apesar de termos pensado, no entanto o estádio seria trazer mais holofotes do que já temos.

— E quando seremos avisados do local? — Minha amiga não aguenta mais o suspense.

— Amanhã, na véspera. Perdoem-nos, mas precisamos manter segredo.

Não eram só elas que estavam curiosas, as redes sociais só especulavam isso. Estávamos tentando levar o planejamento do casamento da maneira mais cuidadosa possível, entretanto vez ou outra alguma coisa escapava na mídia.

Em casa as coisas estavam um pouco diferentes, se é que essa palavra é uma boa para definir tudo que estava acontecendo. Vovó descobriu sobre a doença do vovó logo na primeira semana que ficou em casa, ela não soube por ele, nem por ninguém, acabou descobrindo sozinha. No entanto, até o momento ela não teve uma conversa com seu ex-marido sobre isso. Ambos estavam se tratando até que cordialmente, mentira, mais do que cordialmente, pareciam que voltaram ao passado, pois vovó faz café da manhã todo dia pra ele, ela sabe que ele ama o café dela.

Já vovô, apesar dos esquecimentos repentinos, parece tão bem, está falando, vai em todas as consultas e faz a barba direto. E sei muito bem o porquê, sua ex-mulher não era amante dos barbados.

Jenna conseguiu um ótimo público na vizinhança e trabalhava o dia todo em casa. Já meu pai continuava o mesmo, porém, passava cada vez menos tempo na casa de sua namorada. Esses dias eu cheguei a perguntar se estava tudo bem com eles, mas ele não quis falar sobre isso.

Mamãe, Christian, George e meus avós maternos já estavam hospedados em um hotel em Nova York, chegaram há poucos dias. Estou aflita, preocupada de ver o encontro deles com meu pai no dia do casamento. George e meu pai eram inimigos mortais e, desde que nos mudamos, os dois nunca mais se viram.

O estágio com Carbonet Antoine terminou há dois dias e foi a melhor experiência que já tive na cozinha, passei por dias difíceis de muito aprendizado, muitos esporros, e dedicação total. Foram momentos exaustivos que mal tive tempo para minha família e noivo. E no fim, valeu tanto a pena que me sinto outra pessoa, mais focada, estudiosa, renovada, pronta para decolar com a minha carreira. Vou me inscrever no curso na Institute of Culinary para continuar meus estudos e quando terminar me dedicarei totalmente em trabalhar em um bom restaurante.

O comercial que fiz para a Corn's foi um verdadeiro sucesso, tanto nas redes sociais quanto na televisão. Tanto que o contrato ainda está em vigor para que eu continue divulgando o produto nas minhas redes sociais. A brincadeira de que cem caixas de cereal me fizeram conhecer o meu noivo viralizou e estão todos ansiosos para a próxima promoção da marca.

Mesmo depois de ter recusado a proposta de Thomas de voltar ao restaurante e de ir a Paris, tenho certeza de que conseguirei algo que seja bom para mim. O loiro partirá logo na segunda-feira depois do casamento e Alana

e Clare ficarão responsáveis pela Tasty House, espero que não sirvam venenos para os clientes.

Falei com Kaylee e ela está bem preocupada com isso, por este motivo está procurando emprego em outros restaurantes. Se eu fosse ela, sairia correndo antes de ser engolida pelas duas. Que aliás, vão estar no meu casamento, se dependesse só de mim, jamais as convidaria.

Mais difícil do que decidir o local para o casamento foi definir aonde iríamos morar. Dante tinha seu apartamento em Nova York e tinha sua casa em New Jersey. Ambos eram cômodos para mim que queria ficar próxima da casa da minha família. No entanto, eu queria ficar no apartamento porque não me sentiria confortável vivendo em uma casa recheada de empregados e formalidades.

Só que para Dante, apesar de ter seu apartamento e sua casa na praia como refúgio, ele tinha sérias dificuldades de pensar em deixar seu pai e Bowie sozinhos. Então eu cedi, mas não para sempre, ficaríamos o primeiro ano de casado em sua casa e depois nos mudaríamos para nossa própria casa — local que ainda não definimos onde vai ser.

Dante e eu combinamos de nos ver apenas no dia do casamento, por isso, na véspera nós apenas nos comunicamos por mensagem:

“Vai ter despedida de solteiro?” — Pergunto.

“Ah, os caras fecharam um bar para hoje à noite, e você?”

Droga. Eu não planejei nada, nem por isso vou ficar por baixo:

“Vou me reunir com as meninas, sabe, festejar, beber champanhe...”

“Você não gosta de champanhe”.

Me pegou.

“Mas terá Coca-Cola”.

“Uma pena que na minha festa não terá framboesa...”

Um rubor sobe pelo meu pescoço até chegar nas bochechas, ele sabia

como me atçar, sabia como me fazer ficar ansiosa para vê-lo e, principalmente, ansiosa para nossa lua de mel. Caio na minha cama pensativa quando o telefone toca com uma notificação:

“Ei, dá um pulo aqui na minha casa às sete? Preciso de ajuda com o vestido de madrinha”. — Era Morgan. Respondo que sim e me levanto da cama para tomar um banho. A escolha das madrinhas foi fácil, afinal, eu não tinha tantas amigas, Morgan, — como a principal dama de honra —, Kaylee, Ruby e Jenna foram minhas escolhas. Ruby porque ela foi a minha fada madrinha e nós nos aproximamos muito nesses últimos meses, em que ela me ajudou com várias escolhas do casamento. A Perkins era incrível e eu a queria não só como Stylist, mas como amiga.

Quando passo pela sala para ir até a casa de Morgan, vovô me chama:

— Ei, vem aqui um pouco. — Caminho até ele já preocupada.

— Sim, vovô? Eu estava indo até a casa da Morgan, precisa de mim?

— Onde está sua tia e sua avó?

Reparo que eu não as via desde à tarde.

— Não faço ideia, acho que saíram, vou ligar para elas — pego o celular.

— Não precisa. Eu quero falar com você a sós.

— Aconteceu algo? — Olho-o preocupada sentando-me ao seu lado.

— Não, não. Pare de se preocupar comigo, por favor.

— O.k. Eu vou tentar...

— Você vai seguir aquela tradição? *Something old, something new, something borrowed, something blue*. Ouvi você comentando com sua tia.

A tradição de algum objeto antigo, novo, algo emprestado e de cor azul era seguido por muitas noivas para trazer sorte ao casamento. E, meu Deus, eu precisava de muita sorte para ser a primeira dos Wicks a dar certo no casamento.

— Vou, só que estou tendo dificuldades de conseguir um objeto antigo,

mamãe quer que eu use o véu dela, mas eu não queria usar véu.

— Pois eu tenho algo para você — me dá um sorrisinho de quem escondia algo e pegou do seu lado uma caixa de veludo preta. Abre-a e revela um conteúdo delicado. Era uma pulseira de pérolas unida por uma folha prateada. — Era da minha mãe.

— Sério, vovô? Eu nunca soube dessa pulseira....

— Bom, ela ganhou do pai dela no dia em que se casou e ela me deu para que eu desse para minha futura esposa e que isso passasse de geração em geração.

— Você nunca a deu para a vovó?

— Ela me devolveu quando nos separamos.

— Oh... não acredito que vovó fez isso, não se devolve presentes.

— É... — Seus olhos se perdem. — Mas que bom que pude me lembrar disso, que bom que vou estar com você amanhã ainda e com a mente sã.

Os esquecimentos do vovô, apesar do tratamento, estavam cada vez mais frequentes, era comum que ele visse sua ex-esposa andando pela casa e acreditasse que ainda estava casado com ela. E foi em um desses esquecimentos que minha avó entendeu que ele estava com Alzheimer e que os esquecimentos frequentes não era uma brincadeira boba da parte dele.

Abraço-o dando a única coisa que ele não vai esquecer: o meu amor.

— Agora vai, é sua despedida de solteira, não?

— O quê? Ah não, não planejei nada.

— Eu acho que alguém planejou...droga. Era pra ser segredo — dá um tapinha na cabeça. — Finja que eu não falei nada, hein? — Pisca para mim.

Parece que contaram para o vovô de uma surpresa da qual eu não estava sabendo, elas só não contavam que ele iria se lembrar.

— O.k. Não sei de nada — coloco o dedo do indicador na boca mostrando que eu estava de acordo. Antes de sair de casa lembro de mandar a

localização do casamento para os meus convidados no grupo que formei no WhatsApp. Feito, eu fecho a porta de casa e em um pulo já estou na porta da vizinha. A porta se abre quando toco a campainha e Morgan aparece com uma tiara de diabinha na cabeça.

— Mas o que é isso? — Nem dá tempo de indagar, pois logo que ela dá espaço para que eu entre, vejo que planejaram realmente uma despedida de solteira para mim. Jenna, Vovó Cathy, minha mãe, Kaylee, Ashley e Ruby estavam todas com a mesma tiara. Havia várias garrafas de vinho, champanhe, tequila e Coca-Cola na mesa. E atrás delas uma faixa enorme escrita: “Despedida de solteira”.

— Surpresa! — Gritaram e é claro que finjo espanto, porque eu estou verdadeiramente com medo do que elas planejaram para essa noite.

— Uau! Então vocês planejaram uma despedida de solteira?

— É... Bom, não temos dinheiro para fechar um bar, e não podemos sair para um clube porque você é uma personalidade da mídia, então tivemos que improvisar aqui na minha casa — Morgan diz.

Sorrio, porque estava muito feliz por tê-las em minha vida.

— Vamos começar! — Jenna pega uma garrafa de tequila e começa a servir as doses. Cumprimento todo mundo antes de pegar o meu copo para brindarmos. Bebemos, comemoramos e fizemos uma brincadeira, até que vovó decide ir após uma hora, ela parecia preocupada com o vovô, só não disse nada. Minha mãe não demorou muito para ir embora, pois estava com dor de cabeça. Dor de cabeça que tem nome e sobrenome e se chama Robert Wicks. Ela estava estranha desde o almoço que teve em casa. Papai e Pam estavam juntos e aparentemente minha mãe não gostou nada do que viu.

Então logo que elas vão embora, as meninas ficaram muito mais à vontade e as brincadeiras ficaram cada vez mais terríveis, como a brincadeira que Jenna iniciou sobre posições sexuais, quem já fez a posição que ela ditasse

deveria beber um shot. Fiquei bem atrás das garotas nesse quesito, o que me faz anotar mentalmente que preciso transar muito com Dante. E isso é o suficiente para que um calor comece lá embaixo.

Estou com saudades dele, do corpo, do calor, dos beijos, do cheiro. De tudo. Mal posso esperar para estarmos juntos completamente.

— Vocês viram que aquela modelo, a Florence Gaillard está grávida? — Ashley diz de repente e isso me tira do meu devaneio.

— O quê? — Viro a cabeça em direção a ela para entender o assunto. Tenho ódio profundo da Florence pelo que ela fez comigo no restaurante e só de ouvir o nome dela já me sinto fora de mim.

— É o que estão noticiando, parece que são cinco meses...

— Cinco meses? — Kaylee pergunta.

— É... Ou quase seis, grávidas contam por semanas, né? É contado a partir da data da última menstruação. Como ela é muito magra a barriga só começou a aparecer agora e ela acabou contando hoje à noite na televisão que está grávida.

Engulo em seco.

Cinco meses...

Tento fazer uma cronologia mental de quando ela estreou aquela campanha com Dante e bingo...Casa muito bem as datas.

— E sabem quem é o pai? — Questiono.

Ashley aperta os lábios, Morgan me olha aflita e abre a boca para falar:

— As revistas de fofoca estão especulando que é o Dante.

Meu coração martelou forte no peito, respiro fundo algumas vezes antes de dizer:

— Isso é ridículo, eles nunca tiveram nada.

— E se for verdade eu corto as bolas dele — Jenna me defende.

— O filho deve ser do ex-namorado dela, gente, a Florence terminou com



ele há poucos dias antes de iniciar aquele comercial com o Hurron — Kaylee diz, ela era muito antenada no mundo das celebridades.

— É claro que não é do Dante — tremo ao falar. Não, não era. Confio no que ele me disse, confio que não tenha ficado com Florence naquela viagem. Mesmo assim, mesmo acreditando nele, ainda respiro mal por conta das especulações que surgiram nas vésperas do nosso casamento.

— Como ela escondeu uma gravidez por tanto tempo? — Minha tia questiona.

— Kylie Jenner escondeu a gravidez dela por nove meses — Kaylee dá de ombros.

— Se ela se segurou por tanto tempo deveria ter se guardado até os nove meses como a Kylie Jenner — Morgan se pronuncia.

— Tenho certeza de que ela só disse agora, justamente hoje para atrapalhar meu casamento — digo apertando os dedos na palma da mão.

— Estou com você — Ashley aponta.

Todas começam a falar de repente e eu acabo me perdendo em meus pensamentos. Tento me abster. Não bebo. Quero ficar sóbria porque estou com muita raiva. Respiro fundo, lembro de tudo que Dante e eu passamos até chegar onde chegamos. Recordo-me dos últimos meses que tivemos juntos, que foram incríveis e de extrema cumplicidade. Nós iríamos nos casar e não tinha como existir segredos entre nós. Ou teria?

Quando me deito para dormir, tenho sérias dificuldades de pegar no sono, toda a tensão pré-casamento e essa notícia sobre a gravidez da Florence estava me deixando fora de mim. Quero mandar uma mensagem para Dante, para aliviar a angústia que estou sentindo, mas desisto pensando que ele deveria estar curtindo com seus amigos ainda. Fecho os olhos. Tento esvaziar a mente e estou quase conseguindo quando ouço duas batidas na minha porta:

— Entre — digo pensando que deveria ser minha tia. Acendo a luz e dou

de cara com a razão da minha insônia. — Dante? — Sento-me na cama na mesma hora. Ele está vestindo um conjunto moletom verde escuro e não me parece bêbado.

Aproxima-se e se senta na minha cama sem dizer nenhuma palavra.

Apaga as luzes.

— O que faz aqui? Nós prometemos nos ver só amanhã.

— Eu sei... — Tira os sapatos com a ajuda dos pés e começa a deslizar para dentro da coberta. Sinto sua mão na minha cintura tão quente. Suspiro.

— Como entrou?

— Mandeí mensagem para sua tia e ela me ajudou a entrar sem ser notado.

— Puxa-me para baixo para que eu fique bem próxima do seu corpo.

— Por que veio?

— Porque te quero. — Copia a minha frase.

— Como foi a despedida de solteiro?

— Nada demais. Os caras são legais..., mas... — Suspira na minha orelha e mordisca. — Eu passei a noite toda pensando em você.

— Hurron... — Censuro quando sua mão se desliza até meu seio.

Meu corpo está queimando de saudades. Essas últimas semanas foram tão tensas com o fim do estágio, com o trabalho incansável, no qual eu me dedicava cem por cento do dia e da noite, que estava impossível de termos momentos como esse.

A única coisa que nós queremos nos permitir nesse momento é expressar da única forma que nós conseguimos: Amando-nos em cada minúcia dos nossos toques. Seu corpo se entrelaça no meu. As coxas pressionam as minhas, respiro em sua face, puxando seu cheiro pelas narinas.

É tão... tão bom. Que o próximo respirar é lento. Só quero aspirar um pouco mais. Dante beija cada parte do meu rosto até chegar aos meus lábios. E me beija de uma forma tão doce, como se estivesse contando uma poesia

com sua língua.

Está escuro, mas é como se eu estivesse em frente ao sol.

Ele dedilha os dedos no meu corpo. Toca os pontos sensíveis com tanta maestria e sentimento. Respiro fundo muitas vezes, incapaz de ter qualquer controle sobre minhas terminações nervosas. Reajo com espasmos de prazer que começam lentos e se intensificam com o ritmo dos toques.

— Não podemos fazer isso aqui — sussurro. Estávamos indo longe, ainda mais quando a ponta dos seus dedos fricciona meus mamilos com tanta provocação.

— Eu sei... — Continua cada vez mais lento até que suas mãos descem para minha cintura e voltam a se espalmar pelas minhas costas.

Passa os dedos pela minha pele como se estivesse escrevendo uma frase.

— Contínuo, constante e imutável. — Sussurra em minha orelha.

— O quê? — Indago virando-me para encontrar sua face.

— O que eu sinto por você.

E volta a me beijar, me deleito com seu gosto embebedando-me com sua boca. Dante Hurrón ressignifica os conceitos que tenho sobre amor. É mais, muito mais do que um dia eu pude imaginar.



Tenho dificuldades para acordar no dia seguinte, estou com dor de cabeça, porém não estou de ressaca porque meu estômago está ótimo e roncando de fome. Olho para o lado esperando encontrar Dante, mas não o vejo. Parece que ele já foi. Ou é isso ou eu sonhei com a noite anterior. Então eu finalmente pulo da cama e vou avaliar meu estado físico e psicológico na frente do espelho. Meu celular toca quando estou escovando os dentes e

verifico uma mensagem:

*“Bom dia, futura esposa.”*

Deixo a escova cair da boca porque não consigo segurar um sorriso.

*“Bom dia, futuro marido. Lembrou de mandar o local do casamento para todos os convidados?”*

*“Sim, todos avisados da minha parte, e da sua?”*

*“Sim.”*

Você passou aqui ontem à noite, não é? — Digito, mas acabo deixando o celular de lado quando ouço minha tia gritar:

— Rosalie, vem logo tomar café.

Lavo o rosto e saio para tomar café com minha família que estavam especialmente animados. Sento-me ao lado do vovô e noto que minha avó se sentou do lado esquerdo dele. Parece que os dois andam se aproximando muito.

— Já ligaram essa manhã informando que os cupcakes estão prontos e embalados, só falta buscar. — Jenna me informa.

— Ótimo, vou pedir para buscá-los. — Os cupcakes eram lembrancinhas para o casamento. Pessoalmente fiquei a cargo, pois pedi para uma padaria utilizar minha receita para os cupcakes do amor: Bem-me-quer e malmequer, respectivamente recheio de framboesa e blueberry.

Mando uma mensagem rápida para a cerimonialista, quem logo confirma que mandará alguém buscar as lembrancinhas. Tomo o café e me preparo para sair e ter meu dia de noiva. Todo mundo me convenceu a ir até esse spa e com muito custo eu aceitei. A realidade é que eu não ia conseguir relaxar, mesmo assim, vou a contragosto.

Como muito pouco no almoço e às duas da tarde vou até a Family Farm, que é o local que escolhemos para nos casarmos. Estávamos em dúvida entre ela e a praia privativa de Dante, no entanto o local era pequeno para

comportar todo mundo. Há dois meses, quando fomos à fazenda a convite de Thomas, passeamos pela propriedade e nos deparamos ao fundo com uma cachoeira tão linda, que caía em cascata até chegar aos rochedos. Assim que vi, tive a sensação de que era o local perfeito para fazermos nossa cerimônia. O caminho estava tortuoso por conta de estar cheio de mato. No entanto, foi facilmente decidido que seria limpo e, após a limpeza, o local ficou perfeito.

Com Ruby vou até a cachoeira verificar como ficou organizado o espaço. Quase perco o fôlego ao ver que ficou exatamente como imaginei, o caminho de flores até o altar imaginário, as cadeiras adornadas com flores brancas e azuis, o barulho da água caindo, o cheiro de natureza. Tudo tão perfeito que fazia ansiar ainda mais pelo momento.

— Tudo de acordo? — Hilary, a cerimonialista aparece logo atrás de nós perguntando.

— Tudo certo.

— Então, está na hora de você se arrumar. O cabeleireiro, a manicure, todos te esperam lá dentro — a morena estava uma pilha de nervos, Hilary era muito eficiente, porém extremamente nervosa. Sorrio para ela e caminho com Ruby de volta para a propriedade. Não consigo me ater muito à decoração que estava se encaminhando em frente à propriedade, vejo que estavam terminando de montar as correntes de luzes acima do palco de madeira, que já foi colocado previamente no dia anterior. As mesas já estavam com os arranjos de flores, a louça ainda estava sendo montada.

Entro na propriedade e cumprimento Mary Griffin, que estava correndo como todo mundo. Ela ficou incumbida da preparação do jantar, contudo, é claro que havia muitas pessoas a ajudando com isso. Sou guiada por Ruby até um quarto e mal consigo respirar com tanta gente que veio até a mim. Ela logo me deixa para se arrumar. Sento-me em frente ao espelho e deixo que comecem os trabalhos. Quando terminam e só falta o vestido me sinto

completamente eufórica.

A maquiagem estava impecável. Minha pele parecia de uma boneca, mas não de uma forma artificial, e sim como se ela fosse perfeita desta forma sempre. As bochechas levemente rosadas, os olhos destacados com delineado perfeito e um lindo esfumado muito leve, para não atrapalhar a harmonia, com a pálpebra levemente rosada. E para completar o olhar, a sobrancelha estava devidamente destacada e bem-feita. Na boca, o batom rosado caiu tão perfeitamente, parecia que era completamente natural.

Os cabelos eu quis deixá-los soltos e com leves ondas. Sinto-me tão bonita nesse momento que tenho vontade de gritar.

Alguém bate na porta e eu deixo que entre, pois já estava sozinha:

— Querida... — Era minha mãe, vindo correndo me abraçar e ela faz isso delicadamente para não atrapalhar meu penteado.

— Mamãe...

— Você está tão linda, perfeita.

— Eu ainda não coloquei o vestido.

— Nem precisa de vestido. Ah, meu amor, eu estou tão feliz — uma lágrima escorre pelo seu rosto perfeitamente maquiado.

— Mamãe — seguramos a mão uma da outra. — Não está chateada porque eu não vou usar o véu? — Pergunto.

— Oh não, eu tenho que admitir que o véu é horrível — ela começa a rir e eu caio na gargalhada junto com ela.

— Me promete que vai falar com o papai? — Pergunto quando cessamos o riso.

— Falar sobre?

— Tudo e qualquer coisa, vocês precisam se entender de uma vez por todas.

— Tudo bem, mas você sabe como ele é difícil.

— Eu sei, você também é.

— Não é à toa que tivemos uma filha com uma personalidade tão forte, não?

— Exatamente.

— Bom, eu vou te deixar porque tem mais gente querendo entrar. Te espero na cerimônia. — Despede-se dando um beijo no ar. E logo que ela sai, antes que feche a porta, Morgan aparece junto com Ruby.

Assim como minha mãe, as duas estavam muito emocionadas, eu não sei o que casamento faz com as pessoas que nos deixavam tão assim. Parece que é uma transição de si mesmo para outra pessoa, embora você não mude nada.

As minhas madrinhas estavam vestidas com um vestido acima do joelho, a cor era de um azul claro quase acinzentado e era coberto por um tule em um tom mais claro. A parte do busto era rendada e cada uma escolheu seu formato de decote, Morgan escolheu um decote ombro a ombro e Ruby um decote em formato de coração e pouco profundo. Na cintura, uma fita da mesma cor deixava o vestido ainda mais delicado.

— Como prometido, eu trouxe algo para te emprestar — Morgan pega uma caixa no bolso. Para seguir a tradição, eu precisava de algo emprestado e na mesma hora minha amiga se ofereceu. A caixa preta revela um brinco prateado em formato de gota muito delicado. — Era da minha mãe e eu não consigo pensar em alguém mais importante para mim e para o Chase para usá-lo.

— Eu estou sem palavras... Você tem certeza? Não quer ser a primeira a usar?

— Não. Você é a nossa melhor amiga e amamos você. — Abraça-a imediatamente. — E sem chorar, por favor.

— E o Chase, onde está? Ele vem, certo? — Pergunto com medo. Eu o convidei para o casamento e quis que ele integrasse a turma de padrinhos, ele

não aceitou, porém confirmou que viria.

— Ele já está aqui. Quer te ver, mas antes, você precisa terminar de se arrumar. — Minha amiga avisa e Ruby começa a tirar o vestido do manequim. Aos poucos e com muita calma e delicadeza eu entro no vestido e os últimos detalhes são acertados, calço o sapato, coloco os brincos, ajeito o cabelo e finalmente estou pronta.

Olho-me no espelho me sentindo tão linda e extremamente com sorte. A tradição seria seguida à risca e a má sorte dos Wicks completamente afastada. Objeto antigo: A pulseira da minha bisavó. Algo novo: Meu vestido. Algo Emprestado: O brinco da mãe dos meus melhores amigos. E algo na cor azul: o meu sapato.

O vestido está ainda mais perfeito do que na última prova. Ele é tão romântico, mas ao mesmo tempo assume uma ousadia com alças finas e decote profundo em formato de coração, que chega no meio da minha cintura. A cor do vestido não é de um extremo branco, a renda florida cobria o fundo que assumia um tom nude muito claro. A cintura ficou bem marcada e uma saia longa e levemente estufada caía com perfeição ao longo do meu corpo. Quis que meu colo se destacasse, por isso coloco apenas o colar delicado de cacto.

Sinto-me como se tivesse sido tocada pela varinha de uma fada madrinha. Só que eu não sou uma Cinderela que vai voltar aos trapos depois da meia-noite. O sapato azul não é de cristal e de forma alguma vou perdê-lo no meio do caminho, porque de forma alguma eu vou fugir. Porque depois da meia-noite eu vou continuar a mesma. Depois da meia-noite eu vou me olhar no espelho e ainda vou me achar incrível.

Minhas madrinhas me deixam sozinha para que Chase entre. Só que quem entra não é ele, e sim Joshua:

— Desculpa entrar do nada, mas eu furei a fila para falar com você



rapidinho. — Anuncia o running back. Ele era um dos padrinhos de Dante em conjunto com Thomas, Noah e Randy. Estranhei o fato do meu noivo convidá-lo, já que a relação entre eles era bem conturbada.

Ele estava vestido com uma calça social azul ciano escura, camisa branca e suspensório da cor da calça. A gravata borboleta em um tom mais claro estava um pouco torta, no entanto, não sou eu que irei avisar, pois a aproximação dele nos últimos meses anda muito suspeita.

— Você está tão bonita, o que só me faz pensar em pegar um cavalo e roubar a noiva.

— O que você quer? — Entro na defensiva cruzando os braços.

— Só vim perguntar uma coisa, algo simples. — Aperta seus olhos olhando na minha direção. Ele não está próximo do meu corpo, aliás, está mais perto da porta do que de mim.

— Pode dizer. — Não hesito.

— Só quero saber se você tem certeza se escolheu o jogador certo para ser seu futuro marido. — Franzo a sobrancelha, apertando-as. Abro a boca, sacando que Joshua não está só me cantando, ele está definitivamente me colocando contra a parede.

— Por acaso o que você está fazendo é um ataque contra o Dante? — Sou firme na minha pergunta, porque não consigo ver ou sentir nenhum sentimento da parte dele. No começo acreditei que era um flerte bobo, entretanto agora tenho a certeza de que é um ataque.

— Não. Eu não preciso disso.

— Mesmo?

— É só uma pergunta para a fã número um dos Giants.

— Que não merece nem ser respondida.

— Touché. Gosto da sua intensidade, já te falei isso, não? — Arqueia a sobrancelha esquerda.

— Aonde quer chegar?

— A lugar algum. Ou melhor, quero ir embora desse casamento te levando no meu cavalo.

— Pois você vai embora desse casamento sozinho e a pé, porque o cavalo vai te derrubar.

Ele gargalha.

— Também gosto do seu humor.

— E eu adoro a ideia de te ver fora daqui. Pode sair. — Não aumento meu tom de voz, contudo, estou muito decidida a não ouvir mais nenhuma mentira do jogador.

Ele levanta as mãos como se tivesse sido rendido e dá meia-volta para sair. Dou as costas e a porta bate. Não tenho descanso porque logo surge meu pai. E ele está lindo. O terno escuro perfeitamente alinhado e o cabelo e a barba bem-feita o deixava até mais novo.

Não fala nada. Só me olha e caminha para me dar um abraço apertado.

— Desculpe, não quero estragar seu vestido — diz se afastando.

— Papai... Estou feliz por estar aqui e por não ter implicado mais com o Dante — digo sorrindo com confiança para ele.

— Você sabe o que acho disso, não é? — Franze a sobrancelha.

— Sim, eu sei. — Não esmoreço.

— Você está linda, sempre foi linda, minha *big blue*.

Ele me faz sorrir de novo lembrando os velhos tempos de pai e filha, indo para o jogo dos Giants. Isso só me deixa emotiva, foram momentos tão bons e estar afastada dele nesses últimos meses está me machucando.

— Amo você, papai — abraço-o novamente. Seguro a forte emoção que chegou com a enxurrada de lembranças.

— Eu vou te deixar... Tem alguém que está ansioso pra te ver. — Fico apreensiva, quantas pessoas estavam nessa fila para entrar no quarto? Meu

pai sai e não entra ninguém. Será que Chase desistiu? Sento-me tentando controlar todas as emoções. Penso que estou livre para me acalmar, mas logo recebo mais uma visita que bate duas vezes na porta.

— Entre — digo levantando-me.

A cabeleira ruiva, os olhos significativos e as sardas mais maravilhosas do mundo são peculiares de uma só pessoa. Chase.

Meu amigo estava um pouco sem jeito, entrou fitando o chão. Estava bem vestido, trajava um terno preto e até colocou gravata, coisa que ele odiava. Assim que levanta a cabeça, perde longos segundos me olhando. O desconforto surge em ambos, ele coloca a mão no bolso e eu me aproximo:

— *Pumpkin*, que bom que veio... — Quero abraçá-lo, no entanto não faço isso porque sua expressão está muito estranha. — Onde está a Jasmine? — Pergunto sobre ela porque fazia um tempo que não a via com ele.

— Nós terminamos há algumas semanas.

— Sinto muito.

— Quero te dizer algo, mas não diz nada até que eu termine, tudo bem? — Seus lábios inferiores tremem, prontos para dizerem palavras que estão guardadas há muito tempo. Sei que vai doer tanto para mim quanto para ele, mesmo assim, não posso pará-lo.

— O.k. — Murmuro. Encontro seus olhos. O brilho da sinceridade que reluzem deles me faz anelar.

— Boo. *Beautiful*. Acho que esse apelido sempre fez jus a você, não só agora. Sempre. — Ele estende a mão para mim e eu a pego. — Eu estou aqui para pagar o preço do amor. Pode ser muito tarde para eu dizer tudo que está guardado. Mas. — Puxa o ar pela boca. Está tão decidido, de uma forma que eu nunca vi antes. — Eu te amo. É... — Continua com o olhar fixo. Aperta minha mão. — Eu te amo. Eu te amo. — Fala mais alto como se eu não tivesse escutado antes, estava tão preso dentro dele que pronunciar essas

palavras é como uma libertação do seu coração, preso nas teias do seu silêncio. — Amo. Amo você. Amo amar você.

— Por favor... — Seguro as lágrimas. Estou deslizando minha mão para soltar da dele, porém Chase a segura como uma súplica.

— Não. Ouça. Esse casamento é uma loucura. E não estou dizendo isso porque te quero como minha, mas porque está na cara que ele vai te machucar e trair sua confiança. Ele não te ama como eu. — Uma lágrima rola pela sua face, traçando um caminho até seu queixo, tão lenta e dolorosa.

— Não é justo você fazer isso comigo. O que te dá o direito de vir aqui faltando pouco para a cerimônia e me pedir para desistir? — Solto sua mão de uma vez.

— Eu não tenho esse direito. Eu sei que não tenho. — Passa a mão pelo cabelo transtornado.

— Não tem mesmo. Você está errado. Você teve todas as chances do mundo, e o que você fez? Nada. Absolutamente nada. E agora a única coisa que eu posso te dar é minha amizade e meu amor, só que não do jeito que você imagina.

— Assumo minha culpa e assumo meu amor. Então... — Há urgência em sua voz que assumiu um tom agudo. Aproxima-se de mim, sinto que quer me abraçar, talvez fazer as pazes e eu aceito sua aproximação. É um erro. Porque não é um abraço de reconciliação, é um abraço quente, moldado pela paixão. Suas mãos vão parar no meu rosto.

— Não faz isso — peço.

— Por favor... — Sua boca está muito próxima da minha. Seu cheiro é familiar, eu gosto. Sempre gostei porque me traz a sensação de aconchego. Só que não é como se eu o desejasse, é como se o sangue que corre nas minhas veias e nas dele fossem o mesmo. O nosso elo é forte, no entanto, o que sinceramente reverbera em mim e me faz encher o peito é Dante.

— Não. — Viro meu rosto afastando-o e desvencilhando-me dos seus braços.

A expressão de Chase muda completamente, é severa. Ele está cheio de ódio, acho que de si mesmo, ressentimento. Não olha pra mim. Não foca. Aperta os lábios. Ele chora. Estou me segurando para não cair em lágrimas como ele. É o nosso fim que já aconteceu há mais tempo do que eu mesma sei.

— Porra. — Pragueja, a dor e a raiva lado a lado em velocidade máxima. Caminha até a porta. Não digo nada, nem sei o que dizer que não possa soar ridículo. — É melhor dizermos adeus.

— É isso que você quer? — Pergunto. Não dou um passo sequer.

— É. Eu espero que... — Aguardo pelas suas palavras falsas. As felicitações que ele não quer que se concretize. — Eu espero que você consiga juntar os cacos do seu coração, porque eu sei que o Hurron vai te machucar. — Coloca a mão na maçaneta da porta e a abre.

— Uau, e você ainda diz que me ama? — A negatividade de suas palavras faz minhas pernas tremerem.

— Você prefere a verdade sempre, não é? — Enfia a mão no bolso da calça.

Confirmo com a cabeça.

— Adeus. — Sua voz sai como um sibilo, quase sem som. Estremeço. Não espera que eu me despeça e simplesmente fecha a porta, deixando-me à deriva. Sento-me na cadeira tentando arrumar a minha bagunça interna. Não consigo, estou abalada, com medo e só quero ver Dante. Por isso ignoro completamente a tradição de ver o noivo só no altar. Olho pela janela e vejo os convidados chegando e em um impulso saio do quarto. Sei que meu noivo estaria no fim do corredor e eu só quero vê-lo. Porque sei que quando eu o vejo, todo medo vai embora.

Os casamentos sempre acontecem no fim das histórias de amor, como se o casamento fosse a concretização do amor. E é. Mas a história que não contam e simplesmente é pulado para um epílogo de anos depois, é o que de fato aconteceu depois que se casaram. O amor continuou a existir? O que fez o casamento dar certo ou o que fez o casamento dar errado? Por que ninguém fala dos casamentos que não deram certo?

Eu estou prestes a descobrir o que acontece depois do sim.

Não tem ninguém no meu caminho, o que facilita minha chegada até a porta do quarto que está meio fechada. Estou pronta para abri-la e surpreender meu futuro marido quando ouço a voz de Jordan:

— Cancela essa merda agora! — Sua voz me causa arrepios tenebrosos. Eu não o vi nesses últimos meses e a terrível impressão que ele deixou, da última vez em que nos vimos, ainda me causa pesadelos.

— Você não manda em mim. — A voz de Dante está tão dura quanto a do pai.

— Não? Fui eu que comecei isso. Porra. Fui eu quem te mandou começar esse relacionamento falso, tá lembrado?

Meu coração se fragmenta.

Congelo. Não sei se ouvi direito porque parece que um tornado acabou de passar por mim. Minhas mãos tremem e suam frio.

— Foi... — Meu noivo confirma. Pisco algumas vezes. Todas as declarações dele, todos os pedidos queimam ateados pelo fogo da mentira.

— Eu tive a ideia de trazê-la para o nosso lado. E você fez muito bem o seu papel de apaixonado. Mas agora está na hora de acabar com essa farsa.

O golpe vai direto para meu peito. Sinto que estou sufocando. Tenho tanta dificuldade para respirar pelo nariz que tenho que abrir a boca. As pernas vacilam, me mantenho em pé para não desmoronar.

— Chega! Você não vai estragar meu casamento. — Dante vocifera.

— Eu não vou fazer nada. Quem vai é você. Vai lá dizer pra ela que você foi manipulado por mim e que só a usou como estepe para crescer na mídia.

Não consigo mais ouvir, me dói tanto, como se cada palavra fosse um soco. Reúno a saia do meu vestido com as mãos e segurando-a eu corro, corro muito rápido para que não consigam me ver. Com a raiva nublando meus pensamentos. Tomada pela fúria eu puxo o colar de cacto do meu pescoço e o jogo no chão, livrando-me completamente dele. Perco uma parte do meu coração no caminho. Corro sem saber para onde ir, estava sem saída, qualquer lugar que eu fosse teria alguém. Ao ver uma saída para fora da casa, eu apenas coloco os pés para fora sentindo uma vertigem muito forte. Sinto o aroma da natureza que traz ar de volta aos meus pulmões.

Meus ombros tremem. Seguro todas as lágrimas que estão prontas para vir como uma avalanche. A barreira para segurá-las ainda se mantém firme, mas não sei por quanto tempo é capaz de segurar.

A sensação que tenho é que levei uma pancada na cabeça, que me deixa tão enjoada, que tenho a sensação de que vou vomitar. Não sei o que estou fazendo, nem o que vou fazer. Eu sabia que no começo Dante iniciou o relacionamento falso comigo por um impulso midiático, mas em todas as vezes que nos tocamos eu senti exatamente o contrário.

O que realmente está me machucando é o fato dele ter me escondido que tudo foi armado em conjunto com seu pai. E me faz questionar o que mais ele omitiu e mentiu. Como... Como a semana que ele passou em Paris com a Florence.

*AimeuDeus. AimeuDeus. AimeuDeus.*

Esse vestido parece apertado demais. Tá difícil de respirar. Seguro a barriga contraindo o corpo e quando levanto a cabeça dou de cara com meu avô.

— Vovô! O que faz aqui? Deveria estar com os convidados.

— Oh, Rosie. Filha, você vai se casar?

— Está perdido?

— É...

— Por que te deixaram sozinho? — Estava óbvio que ele se dispersou e acabou esquecendo que estava no meu casamento.

— Hãn?

Ele ainda está muito confuso, mas logo abre um sorriso largo:

— Você vai se casar! — Vibra como se tivesse acabado de descobrir. E me abraça muito forte, quase me tirando do chão.

— Cuidado, você vai se machucar. — Advirto. Ele me solta vagarosamente e vejo aquele brilho lindo no seu olhar tão vivaz. Já fazia um tempo que não via. — Sou eu quem vai te levar ao altar? — Pergunta, pelo menos disso ele acabou se lembrando.

— Você e o papai — digo.

— Mal posso esperar. Querida, vou assumir meu posto — retoma a consciência e eu quero pará-lo e dizer que estou em dúvida. Que não sei o que fazer, se me caso ou se protagonizo a refilmagem de *noiva em fuga*.

Só que não quero estragar a felicidade dele, ainda mais quando seus olhos se mostram tão vivos. Continuo parada até que os gritos das minhas madrinhas me fazem voltar à Terra. Morgan, Kaylee, Ruby e Jenna correm até mim.

— Rosalie, o que foi? Você está estranha, parece que vai vomitar — minha tia diz.

Ela está certa, ou eu vou vomitar ou vou matar alguém. Talvez as duas coisas.

Estamos na frente da propriedade e não vejo mais ninguém.

— Para variar a noiva está atrasada, já se passa das cinco — Kaylee avisa.

— Foda-se. Deixa que ele espere.



— O que aconteceu com você?

— Vamos acabar logo com isso. — Anuncio movendo-me, pisando duro com elas correndo atrás de mim. Estou com os nervos esgotados e só consigo ouvir meu coração martelando no peito, completamente sufocado.

Não consigo andar rápido na grama com o sapato alto, por isso eu acabo os abandonando no meio do caminho.

— Rosalie! Seu sapato — Morgan grita atrás de mim.

— Foda-se o sapato — digo.

Quando chego no local da cerimônia, de longe avisto meu pai e vovô parados próximos a escada, afinal, o combinado era que eu sairia pelo fundo da propriedade para chegar na cerimônia. Só que eu não fiz isso, porque obviamente não estou pensando. E então, todos os convidados que estão sentados se viram para mim, pois as minhas madrinhas não param de gritar pelo meu nome.

E é nesse momento que não só vejo o meu noivo parado no altar, com a expressão de que alguma coisa estava errada, como também vi dois penetras: Kalel e Alexia. Puta merda. Como eles entraram? Como? E o que querem com isso? Então, sem qualquer aviso prévio, uma música começa a tocar. A música que escolhi para minha entrada.

As madrinhas me olham, eu olho para elas, todas de olhos arregalados. Morgan com meu sapato em mãos. Olho para meu pai e meu avô, ambos ansiosos. Procuro pela saída. E acontece que não tem uma saída, como um cavalo me esperando. A única forma de fugir é pulando na cachoeira e, não, não penso em fazer isso.

Caminho até o vovô e o meu pai:

— Cadê seus sapatos? — Papai pergunta.

— Eu não vou pôr os sapatos — respondo. Porque é simples, eu ainda estou pensando em como fugir dessa cerimônia.

Jenna entrega meu buquê com uma enorme indagação no rosto. Indico com a cabeça para que as madrinhas fossem até o altar que é o lugar delas, cada uma leva o seu buquê que se parecia muito com o meu, todos eram lírios brancos, a diferença era que o meu o fundo dos lírios era azul. E, sem saída, elas acabam seguindo a minha ordem. Morgan deixa meu sapato na escada e eu deixo o vestido cair sob meus pés e dou o braço para ambos os homens da minha família.

Está tudo errado. E todo mundo sabe que tem algo errado, estou atrasada, as madrinhas entraram fora de ordem, e o jeito que entrei demonstra esse caos. Tenho vontade de parar tudo, no entanto, não faço a mínima ideia de como fazer isso.

E então, caminho em direção ao altar, em direção à cachoeira.

Sei que pelo menos essa memória *perdida* vou dar para meu avô. Ele vai esquecer, eu sei. Mas só de saber do quão feliz ele está agora eu já me sinto satisfeita.

A música continua tocando e eu tenho raiva dela porque está me deixando triste.

Merda.

O que é isso? Uma lágrima.

Não.

Não olhe para o Dante.

Rosalie! Não olhe para o Dante.

É exatamente o que eu faço, olho para ele.

Olha-me profundamente. Embasbacado. O terno azul escuro como o mar o deixa ainda mais bonito. Ele não está sorrindo. Está muito fixo em mim, sua mandíbula também está muito tensa, e meus passos lentos só o deixam mais nervoso, apertando os punhos.

Sou um misto de lágrimas e tremores.

Olho para as pessoas, amigos de Dante, poucos amigos meus. Mamãe está chorando. George está fixo olhando para meu pai e Christian sorri me encorajando. Meus avós maternos estão lindos juntos, de braços dados. Estão filmando. Deus, estão filmando. Eu sei que iriam filmar, mas a constatação de que estão filmando nesse momento de puro caos me deixa desesperada. Olho para as madrinhas, nervosas como eu, depois olho para os padrinhos, Joshua pisca pra mim. Thomas dá um sorriso muito grande. Randy e Noah também sorriem de forma simpática. Vejo bem no canto, em pé, quase como um penetra, Luke Hurrón. Procuro por Chase e é claro que não o encontro.

E então nós paramos de caminhar porque já estou ao lado do meu noivo. Papai me dá um beijo na testa e vovô também. Vejo os olhinhos dele cheio de lágrimas e eu perco ainda mais minha postura.

Meu noivo me olha. Estamos de frente para o celebrante. Um dos mais conhecidos de Nova York. Dante se vira para mim e beija-me na testa. Olho para sua mão esquerda e vejo o colar de cacto quebrado nela. E olhando nos seus olhos percebo que ele sente que eu sei de alguma coisa. Só que ele não diz nada, é claro que não diz nada.

Suas mãos simplesmente param no meu rosto, retirando algumas lágrimas com o polegar. E me beija, ignorando completamente a ordem das coisas. Que no fim, não seguiu ordem alguma.

O celebrante começa com as boas vindas explicando o motivo de estarmos ali, que é óbvio, porém que deve ser dito. Depois, começa a falar sobre Dante e eu. Exatamente como combinamos. Olho para as águas caindo, isolando o som da voz que muito diz, mas nada diz.

Respiro.

A presença de Dante faz com que o nó que estava na minha garganta fique cada vez mais apertado. Eu quero gritar. E então, o celebrante nos pede para ficarmos de frente um para o outro, porque, agora é a hora da decisão.

— Dante Hurrón, você aceita Rosalie Wicks como sua legítima esposa...

Perco o som, estou completamente perdida em um vazio.

Eu queria poder desamar. Nunca o ter amado. Porque deixar de amar ainda nos faz carregar as marcas do amor. Só assim eu teria coragem o suficiente para olhar para trás e correr como uma noiva em fuga.

— Rosie Blue... — A voz do Hurrón clama por mim, me lança um olhar muito confuso. Eu o olho. Meus olhos caem sobre seus lábios. A boca que tanto amo. Estou com raiva, muita raiva. Uma fúria tão forte que nem consigo ouvir o celebrante pedindo pela minha decisão.

Então ele repete:

— Rosalie Wicks, você aceita Dante Hurrón...

Perco o som novamente. Olho para trás. Está todo mundo focado em mim. Olho novamente para meu noivo. Sua postura se esvaece, tenta procurar em mim aquele brilho, o brilho do amor. Que continua comigo, porque é impossível para mim deixar de carregar as marcas desse amor.

Engulo em seco. Inspiro com sofreguidão.

Dou um passo para trás.

Dante arregala os olhos. E puxa o fôlego para dizer:

— Contínuo, constante e imutável.

Contraio os lábios. Aperto o buquê em minhas mãos.

Silêncio.

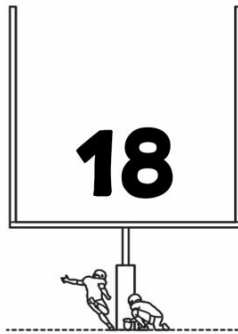
Os únicos barulhos são do farfalhar das árvores e dos pássaros cantando.

Permito me perder em seus olhos, e mesmo sem querer, mesmo procurando uma forma de fuga, vejo verdade. Desmorono.

As minhas próximas palavras são mais que um voto de confiança. Eu quero descobrir a verdade sobre nós. Quero saber tudo sobre a família Hurrón. E como eu prometi a mim mesma, vou aceitar todas as consequências da minha decisão:

— Eu aceito.

Mas isso não quer dizer que eu o perdoei, só quer dizer que vou até o fim, mesmo que isso signifique perder a última parte do meu coração.



**QUEM É O CAMPEÃO?**



## Capítulo 18 - Dante

14 de Dezembro de 2014

Filho da puta.

Quantas vezes eu vou ter que ver os jogos passados para que o Randy aceite minhas estratégias para o próximo jogo?

*“Você não vai comer, você não vai dormir e não vai sair da porra do seu quarto até pensar em um estratégia decente, Hurron.”* — Essa foi sua ameaça e o desgraçado ainda por cima está atrasado para discutir essas estratégias comigo.

Enquanto esperava pela chegada do técnico no estádio, desenhei as estratégias na lousa, pensando no melhor ataque contra o Washington Redskins. Sabia que havia muita coisa em jogo, era o último jogo do ano, como também um jogo no MetLife Stadium. Os holofotes estavam em nós, jogaríamos em casa, a Big Blue estava cobrando fortemente um melhor jogo da minha parte, o time me cobrava, todos estavam de olho em mim.

A realidade era que eu precisava de um destaque no jogo, precisávamos vencer, porque, se não, no fim da temporada é capaz de me colocarem no banco. A maioria dos jornais esportivos estavam apostando que era um erro dos Giants me colocar como titular.

Esfreguei as mãos e olhei mais uma vez para o quadro. Há dias estou quebrando a cabeça com essa droga de estratégia e já desisti de tentar mudá-la. É isso, não tem o que fazer. É tudo ou nada.

A merda é que meu pai está enchendo minha cabeça todos os dias com isso, não tenho paz em qualquer lugar que eu esteja. Eu o entendo. Desde que eu era criança o sonho do meu pai era que um dos filhos dele se tornasse um grande jogador de futebol americano. Ele tentou de todas as formas fazer com que meu irmão se tornasse um jogador, parecia que nada mais existia para ele

além da vontade de fazer com que um dos seus filhos se tornasse um campeão.

Só que meu irmão não foi feito para isso. Meu pai acabou desistindo quando percebeu que Luke não tinha o que era preciso para ser um jogador. Ele era mediano, entrou para o time da escola, mas sempre ficou no banco. Quando a seleção para a faculdade começou, ele nem ao menos chegou perto de ser cogitado para uma bolsa de estudos.

A atenção do meu pai acabou voltada totalmente para mim quando ele notou que eu tinha o dom para o esporte, no momento eu estava sendo cobaia do meu irmão durante um treino. A partir desse dia meu pai projetou o seu sonho em mim.

Minha mãe dizia que Luke tinha o dom para os números e que um dia as reais habilidades dele seriam conhecidas pelo meu pai. Entretanto isso nunca aconteceu. Eu sou um ferrado. Minha família é ferrada.

Quando eu tinha doze anos minha mãe decidiu ir embora de casa por livre e espontânea vontade. Já fazia semanas que ela estava estranha, recebia telefonemas e atendia às escondidas. Saía sozinha e bebia excessivamente. Meu pai estava indo à beira da falência com sua empresa e meu irmão havia decidido que ia estudar fora do país para se livrar completamente da nossa família. Eu não o julgo, porque se eu estivesse em seu lugar faria o mesmo.

Os Hurrans. Quem via de fora acreditava que éramos a família perfeita. Meu pai, herdeiro da empresa de seguros, fundada pelo meu bisavô, estava indo à falência. A dívida que ele tinha no banco congelou todos os nossos bens, a única coisa que tínhamos era a casa que estava no nome da minha mãe.

No dia em que acordei e não vi minha mãe, eu tive a certeza de que havia algo errado. Desci para tomar o café da manhã e encontrei meu pai segurando uma carta. Ele estava com a mão no rosto, absorto em pensamentos. Cheguei



perto dele, chamei muitas vezes. Nada.

Fui para o quarto procurar pela minha mãe e não a encontrei, depois fui até o quarto do Luke. Ele estava ouvindo uma música muito alta e não me deixou entrar. Então, eu voltei para o meu quarto e notei que havia uma carta para mim na escrivaninha, o conteúdo dela me assombra até os dias de hoje:

*Meu amado filho,*

*Sei que você não vai entender o que está acontecendo. Mas peço que seja forte. Hoje eu não vou estar com você preparando o café da manhã na cozinha. Nem vou estar nos próximos dias. Não que você precise de mim para isso, seus ovos mexidos são melhores que os meus.*

*Na verdade, você não precisa de mim para nada. É tão forte e tão decidido. E eu o amo. Você e o Luke são a melhor parte de mim. Não vou pedir para que não me odeie, não tenho esse direito, no entanto, eu não tive forças para me despedir. Sinto muito, estou indo embora.*

*Dante, há coisas na vida, amor e casamento, que são muitos difíceis de entender. Estou sufocada, perdida. E preciso me encontrar, preciso de um tempo longe para encontrar forças e ser uma melhor mãe. Mas eu vou voltar. Tenha certeza de que eu vou voltar.*

*Lembre-se sempre:*

*We can be heroes...*

*Nós Podemos ser heróis.*

*Mamãe.*

No dia seguinte foi a vez do Luke nos abandonar. Ele não deixou uma carta, nem nada. Só disse para mim:

— Continue vivendo essa vida miserável ao lado do seu pai e tente ser um

campeão, eu vou embora.

Desde que meu pai acabou mudando sua atenção do filho mais velho para o mais novo, as coisas entre nós estavam ficando ruins. Ele era meu irmão, contudo sempre o senti de forma muito dura em relação a mim. A ideia de que Jordan possa não ser seu pai sempre o assombrou. Era por isso que ele tentou agradar nosso pai de todas as formas, mas falhou miseravelmente.

Luke foi estudar matemática na University of Bordeaux, na França. E ficou por lá durante anos, só ouvi notícias sobre ele recentemente. Soube que voltou e está morando em Nova York e abriu um escritório de contabilidade na Wall Street. Meu irmão não me procurou e eu também não o procurei, éramos agora completos desconhecidos e se dependesse de mim continuaria assim.

Minha mãe nunca honrou a promessa de voltar. Quando eu estava prestes a entrar no College e sofria na dúvida se deveria cursar gastronomia ou seguir a carreira no futebol, recebi um sinal dela através de Mary Griffin, governanta da fazenda dos Pearce's. Ela me informou que minha mãe entrou em contato por telefone e queria me encontrar. Marcamos em um café, contudo ela nunca apareceu. Esperei um tempo, tempo o suficiente para perceber que ela não viria.

Entrei em contato com a senhora Griffin e ela também não soube me dizer o que aconteceu. Depois disso, nunca mais ouvi falar em minha mãe. Caroline Hurron se tornou um fantasma. Algo dentro de mim sempre acreditou que se eu me tornasse famoso, um herói, ela retornaria.

A única pessoa que me deu forças e que me ajudou a me tornar quem eu sou hoje é meu pai. Devo a ele. Porque no fim, ele foi a única pessoa que não me abandonou e lutou ao meu lado para que eu entrasse no New York Giants, time que tanto ele quanto minha mãe eram fãs.

Deixei completamente de lado a ideia de desistir do futebol por conta

disso.

— Desculpe o atraso, peguei um trânsito — Randy aparece tirando-me completamente do poço do meu passado.

— Tudo bem.

— E como estão as estratégias para o jogo? Vejo que progrediu — diz olhando o meu desenho no quadro.

— Pensei de uma forma mais simples do que estava pensando. A minha estratégia ofensiva é usar a formação Power T, sei que é uma estratégia antiga, ainda assim podemos surpreender o time adversário. Vou ficar atrás do Center e os corredores serão posicionados atrás de mim. Isso permitirá que o nosso corredor surpreenda a defesa dos Redskins — explico rapidamente a jogada que Randy devia conhecer muito bem.

— Não faz sentido pra mim usar a Power T se temos uma versão mais moderna que é a I — coça o queixo.

— Você está certo, é pouco utilizada nos dias de hoje, só que eu sei que pode funcionar, ainda mais porque eu a modifiquei nesse ponto... Os corredores não ficarão cinco jardas atrás de mim e sim quatro — aponto no quadro. — Tento explicar novamente e utilizo novos argumentos ilustrando com o quadro.

— Uma jarda, essa é sua modificação? Está maluco?

— Porra. Confie em mim. — Suplico. Eu sabia que estava arriscando tudo, mas a mudança de uma jarda estava martelando em minha cabeça. Se essa jogada desse certo iríamos confundir completamente a defesa e entraríamos em vantagem logo no primeiro tempo de jogo.

— O.k. Você tem ciência de que se perdermos hoje, você está arruinado? O gerente está furioso com você e está pensando em te colocar no banco, no próximo ano. Sabe disso, não é? Seu pai andou rondando ele.

— Eu sei. — Falo com os dentes cerrados. Estava foda, impossível de

lidar com tanta crítica. Os holofotes estavam em mim como sempre sonhei, mas não era bom como imaginava.

Continuamos a conversar e discutir todas as estratégias até o momento de começar o treinamento. Os outros jogadores chegavam aos poucos e eu fui para o aquecimento já vestido com o uniforme. Conforme o tempo passava e o suor escorria pelo meu rosto eu me indagava cada vez mais se Randy tinha razão. Uma derrota e eu estava acabado.



— Puta merda, eu acabei de ver as Cheerleaders dos Redskins. — Noah Perkins, o cornerback e um amigo antigo atrapalha minha meditação antes do jogo. Estávamos no vestiário e ainda faltava muito para o jogo começar, no entanto, eu gostava desse tempo sozinho para colocar todos os meus pensamentos no lugar.

Suspiro antes de falar:

— E?

— E elas são gostosas pra caralho.

— Hm.

— Cara, você é gay? Eu acabei de falar que elas são gostosas, gostosas pra caralho, entendeu? — Enfatiza como se eu estivesse surdo e não tivesse ouvido a primeira vez que ele falou. — Uma merda os Giants não terem líderes de torcida.

— Ainda bem que não temos, porque você seria um que ia ficar babando em vez de se concentrar no jogo.

— Ei... Depois do jogo eu e alguns caras vamos em uma boate, tá a fim?

— Não.

— Tudo bem, eu entendi. Você é gay. Olha cara, que fique claro que eu não tenho nada contra... — Levanto-me e deixo-o falando sozinho. Eu não tinha paz com esse tagarela perto de mim, por isso acabei colocando o capuz de moletom na cabeça e resolvi dar uma volta para espairecer um pouco. Saí do estádio e noto um aglomerado de pessoas, fãs dos Giants. Estavam todos em uma roda discutindo e eu me aproximei sorrateiramente só para ouvir o que causava tanto alvoroço.

— Sabe o que eu acho? Que todos vocês estão errados! — Era a voz de uma garota no meio de tanta gente. — Eu sei que o Hurron está vacilando feio, mas eu acredito que ele ainda vai honrar o nosso time, Big Blue, deem uma chance.

— Queremos o Hurron fora — fizeram um coro.

Fico de cabeça abaixada para que ninguém me reconheça.

— Calem a boca! Vocês nem sabem o que querem, prestem atenção, vocês vão gritar o nome dele hoje no estádio.

Gargalharam.

— Eu estou falando sério, seus idiotas, gritem o nome dele hoje.

— Pirralha, fica quieta.

— Ei, eu não sou pirralha. — Consigo vê-la de costas. Ela estava usando um moletom preto e estava com um boné que cobria todo o seu cabelo, quando ela se vira em minha direção, um cabeçudo acaba tapando minha visão. — Confiem em mim, sei do que estou falando. Eu analisei os jogos anteriores, eu sei do que o Hurron precisa, e ele precisa de confiança. Ele precisa de nós. Dos fãs. E nós vamos dar isso a ele. Quem tá comigo? — Pergunta. Poucos gritam de volta. — Porra, eu disse, quem tá comigo?! Big Blue! — Os ruídos se tornam mais favorecidos quando ela grita cada vez mais, até que todos concordam com ela. — É disso que eu tô falando! — Vamos combinar o grito, o.k.? — Continua.

Afasto-me aos poucos. Estou sendo ridículo, primeiro por ouvir a conversa da torcida, e segundo por estar sorrindo por conta das palavras da garota. Volto para dentro do estádio e me concentro de volta ao jogo.

No vestiário encontro com meus colegas visivelmente estressados. Nós levamos uma surra no último jogo, ainda assim, se ganhássemos hoje, o campeonato não estaria perdido. Visto o equipamento em silêncio, minha cabeça ficava cada vez mais cheia. Não vou surtar, porque a voz daquela garota, a única que acreditava em mim em meio a tantos haters, me fez crescer de uma forma, tenho vontade de vencer ainda mais, não só por tudo que estava envolvido nessa equação, mas também para não decepcioná-la.

E quando piso no campo, quando os Giants são chamados, eu dei o primeiro passo da vitória. O barulho é alto, a gritaria tão alta quanto minha adrenalina.

— Formação — grito para minha equipe, para ditar as estratégias do jogo.  
— Dispensar — digo ao final. — Vamos vencer, somos os Gigantes de Nova York, porra! — Grito o encorajamento e todos gritam junto comigo.

Em campo, os Redskins escolhem na moeda cara e nós ficamos com coroa.

— Deu coroa — é anunciado. — Giants vai receber.

O kicker do time adversário entra em campo para chutar a bola. Em posição, coração batendo, eu grito:

— Preparar... Hut!

Quando estou em campo a fúria que tenho dentro de mim é completamente exposta, não é só vontade de vencer, é a vontade de mostrar quem eu sou. Nos dois primeiros quartos de jogo nós fazemos um jogo truncado, saímos da programação porque o adversário parece ter estudado muito bem o nosso tipo de jogo. A minha estratégia dá certo no primeiro momento, surpreendemos o adversário, porém eu preciso fazer mais, mais do

que pensar, preciso agir.

No intervalo é difícil respirar porque minha barriga dói, aperto os lábios segurando um grito de dor. Não posso parar agora, não posso fraquejar, porque os heróis são feitos das cinzas à glória. Heróis não desistem nunca.

Ao voltarmos em campo, temos que desempatar o jogo e permanecer à frente até o último quarto. O running back está marcado pela defesa e por isso fica difícil para ele correr o primeiro down. E, suscetivelmente, falhamos nas quatro tentativas, com isso a bola acaba voltando para o adversário.

— Vamos lá, defesa — rosno, a defesa não deixa que o outro time avance muito. O que nos faz terminar o terceiro quarto ainda empatados.

O treinador pede tempo e nos reunimos.

— Você está bem, Hurron? — Randy pergunta.

— Estou — digo, mas por fora deve parecer que a qualquer momento vou vomitar.

Decidimos rápido as estratégias para o último quarto antes de dispersar.

O placar de 13 X 13 estava me fazendo suar frio.

Está na hora de defendermos, então eu grito:

— 1, 2, 3, atacar!

A adrenalina forte, meu peito subindo e descendo, meu olho tentando acompanhar cada jogada. Até que ouço a torcida gritar, começou baixo, mas foi tomando uma proporção gigante:

— Hurron campeão! Hurron campeão! Hurron campeão!

E eles não pararam.

Não até a próxima jogada.

— Hut! — Estou com a bola novamente, e o esperado é que eu lance, no entanto, não faço isso, eu começo a correr com a bola na mão, desviando-me de tudo e de todos. Corro, como nunca corri em toda a minha vida.

Eu posso vencer. Posso ser um campeão.

Eu vou ser um campeão!

30 jardas... O suor escorre pelo meu rosto. Os meus colegas estão gritando que sou louco.

20 jardas... Não sei se consigo respirar. A torcida está gritando por mim, me dando apoio.

10 jardas... Falta pouco, falta pouco. Minha respiração está tão acelerada que sinto que meu peito pode explodir. Não desisto, nunca vou desistir!

A frequência cardíaca pode atingir o nível máximo de 220 batimentos por minuto. Pela minha idade, nesta corrida eu devo mantê-la entre 100 e 170. Jamais saberei qual nível atingi, mas sinto que ao cravar a bola no chão meu coração quase explodiu.

Touchdown!

Vocifero. Grito tudo que sentia internamente. Grito a minha força.

— Hurron! Hurron! Hurron! — O coro da torcida é uníssono.

Olho para eles, sei que jamais vou encontrar a garota que foi o pontapé de tudo, mesmo assim ainda fico agradecido. Olho para toda a torcida e vejo que há uma bagunça na arquibancada da torcida dos Redskins, parecia que estavam correndo atrás de alguém.

Ignoro completamente porque esse momento é o momento da minha vida. E de alguma forma, alguém que eu não conheço faz parte totalmente dela.

Sorrio.

Vitorioso.

O jogo continua, marcamos um ponto extra e seguramos o jogo com a formação vitoriosa, apenas para segurar o placar e gastar os minutos finais.

Fim de jogo.

Washington Redskins 13 New York Giants 20

Vencemos.

Porra, vencemos.



O que eu sinto é mais do que uma sensação de triunfo, é como se eu estivesse travado uma batalha com todos que duvidaram de mim e não acreditam que um dia eu seria capaz. Como o treinador, a torcida, a crítica, meu próprio irmão e eu mesmo.

Mas.

Uma pessoa.

Uma garota.

Ela acreditou em mim e fez com que eu acreditasse que sim, podemos ser heróis. Heróis de si mesmo.

Caio no campo ajoelhado e sinto como se um filme passasse pela minha cabeça. Desde o momento em que decidi me tornar jogador até agora.

— Mãe... — Murmuro baixo com as mãos soterradas no gramado. Uma dor dilacerante que não pude distinguir se era física ou emocional me fez curvar o corpo. — Essa vitória é pra você... Volta pra casa, eu prometo... — Peço quase perdendo a voz que foi esmagada aos poucos pelas lágrimas. — Eu prometo que te perdoo. — Minha garganta dói, meu corpo inteiro dói. — Então volta... Volta. — As palavras mal saem. Sinto que meu coração está soterrado no peito, mesmo assim, eu me levanto.

Sou aclamado.

Respiro a vitória.

Olho para o estádio, as luzes ofuscam a visão que eu gostaria de ter. Meus colegas pulam em mim, os que jamais acreditaram na minha luta estão agora me louvando. Então eu sorrio, sorrio porque é o que os campeões fazem. Sorrio porque é a única coisa que posso fazer para afastar a dor.



No final do jogo a única coisa que quero é encontrar essa garota. Era difícil encontrá-la no meio de tanta gente, a torcida era gigante. Então eu espero. Dou algumas entrevistas, tomo banho no vestiário, sou bajulado, rejeito convites para o pós-jogo e consigo me livrar de todos. Sabia que sempre após o jogo a torcida organizada ficava um pouco mais para discutir sobre o jogo e é nesse momento que eu intercepto um garoto que estava saindo do banheiro e obviamente era da torcida.

Ele me reconhece na mesma hora. Peço para que não grite de imediato.

— Eu preciso que você me faça um favor, tudo bem? — Pergunto a ele.

— Sou Tom Goodwin, senhor, um dos maiores fãs dos Giants, em que posso ser útil? — Ele levanta a sobrancelha grossa.

— Tinha uma garota hoje mais cedo no meio de vocês...

— Hm? Não temos muitas garotas no grupo...

— Eu sei... Ela era bem enérgica.

— Ohhh... Acho que sei de quem você está falando... — Coloca a mão no queixo.

— Eu queria poder entrar em contato com ela. — Passo a mão pelos cabelos, estava desconfortável por parecer tão interessado em uma garota que eu nem mesmo vi o rosto.

— Oh... Ela fez algo de errado? — Junta as sobrancelhas.

— Eu só quero falar com ela.

A expressão do rosto dele muda, estava muito desconfiado.

— Só pode ser a Cheryl Elsdon. Creio que não será possível entrar em contato, ela... ela vai se mudar, sabe? A Cheryl veio ao último jogo hoje, o pai dela foi transferido do emprego para a Inglaterra.

— Oh... Mesmo?

— Sim, senhor, então ela não virá mais a nenhum jogo.

Droga.

— E como ela é? — Eu só queria uma imagem para associar.

— Pele clara, olhos escuros, cabelos coloridos e longos, meio alaranjados... Ela tem dezesseis anos... — Coloca a mão no queixo. — E às vezes parece bem má. — O que será que ele quis dizer com isso?

Realmente a garota era uma pirralha. Onde eu estou com a cabeça?

— Entendo... Bom, muito obrigado pela sua ajuda, Tate.

— É Tom, Tom Goodwin... — Ele me corrige sem jeito. — Sem problemas. Você foi um monstro no jogo hoje.

Agradeço.

Um aperto no peito surge. Parece que jamais vou ter a oportunidade de agradecê-la. Vou embora e quando estou dentro do carro recebo uma ligação do meu melhor amigo, Thomas. Já fazia um bom tempo que não nos víamos, mas a amizade de infância permanecia intacta.

— Porra cara, eu vi o jogo na TV — ele grita. Afasto um pouco o telefone do ouvido para não ficar surdo. — Você fez história, todos os jornais estão falando de você. Caralho, o que aconteceu pra você sair correndo com a bola? Foi planejado?

— Simplesmente aconteceu.

— Pensei que meus olhos fossem saltar quando vi você fazendo essa jogada arriscada. Você nunca foi de se arriscar assim.

— Eu sei, mesmo assim temos que correr riscos pra vencer.

— Você está certo, eu quero abrir meu restaurante e estou pensando em pegar um empréstimo.

— Talvez isso seja arriscado demais.

— Eu sei, mas é um sonho.

Suspiro.

A família Pearce não estava indo muito bem financeiramente e para Thomas abrir um restaurante sem qualquer apoio financeiro seria difícil.

— Você vai conseguir, eu tenho certeza.

— O que aconteceu com você? Está tão positivo hoje.

— É... Estou. — Sorrio involuntariamente. — Sabe, hoje eu vi uma garota e pela primeira vez eu pensei que pudesse gostar de alguém.

— O quê? Está falando sério? Ela é bonita?

— Eu não sei. Só penso que... Se eu a ver novamente... — Faço uma pausa. — Eu me casaria com ela.

Thomas grita do outro lado da linha.

— O quê?! Quem é essa garota? Ela é bonita? Onde você a viu?

— Sem perguntas.

— Você nunca se interessou por ninguém, então me diz logo, quem é?

— Ela é da torcida...

— Seu safado, uma líder de torcida?

— Não. Ela é uma fã...

— Uma fã??!

— É... O nome dela é Cherryl Elsdon.

— Oh, está esperando o quê? Vai atrás dela.

— Não vou... É tarde demais.

— Cara... Você se apaixonou?

— Não... Eu só, só queria vê-la novamente um dia.

— E se casar com ela?

— Esqueça o que eu te disse, foi uma brincadeira.

— Ah Hurrón, você está ferrado comigo agora que sei esse segredo.

— Cala a boca.

— Dante.... — Continua a me importunar e eu simplesmente decido desligar o telefone na cara dele.

Idiota.

Apaixonado? Eu? Jamais. Eu nem vi o rosto dela. Isso é impossível.

Depois desse dia eu prometi a mim mesmo que não ia mais olhar para a torcida da forma que olhei. Foi um erro pensar na garota. Era um erro pensar em me envolver com uma fã.



### *Dias atuais...*

Eu nunca mais vi aquela garota. Nunca me esqueci de suas palavras, mas jamais conseguiria lembrar como era o tom da sua voz. Ela foi a precursora de tudo, por conta dela eu me blindei contra tudo e contra todos, eu passei a acreditar mais em mim, eu passei a me aceitar e bater no peito que sou um campeão.

Ela não é a garota que eu me casaria um dia, porque outra garota apareceu no caminho. Ao contrário dela, essa garota é uma anti-fã, porém se diz líder da Big Blue. Então uma fã dos Giants é automaticamente minha fã, certo?

O nome dela é Rosalie Wicks, ou capitã como eu a chamei quando a conheci, ou Rosie Blue, e às vezes, minha framboesa. Depois dela essa fruta vermelha acabou tomando um novo significado na minha vida. Framboesa quer dizer... bom, tudo que ela é. Doce, porém um pouco azeda. Linda. Mas é preciso cuidado para chegar até ela, porque as folhas podem causar coceira.

Tudo começou entre nós no Super Bowl LII, eu estava passando por momentos complicados.

Estava próximo da data em que minha mãe foi embora e eu já tinha

perdido a esperança de que um dia ela voltaria. A atenção da mídia estava toda em mim, todos queriam ver o Rei da NFL sendo mais uma vez campeão.

Só que havia um fato que poucos sabiam e estava acabando com meu psicológico. Nos treinos tive uma lesão no joelho, lesão que escondi da mídia e de todos. Tive que faltar treinos e acabei não sendo o titular nos amistosos. Nesse ano a mídia capturou muitas fotos minhas saindo à noite, acreditavam que eu estava tendo noitadas com diferentes mulheres, afinal, era o que sempre faziam, eu não podia conversar com uma mulher que já era cogitado que eu estava namorando.

A realidade era que à noite eu estava me tratando para melhorar da lesão e voltar ao campo o mais rápido possível. Tudo eu fiz às escondidas. Um dia antes do jogo eu marquei um encontro com uma garota chamada Bryana, ela era uma amiga do Noah e ele de alguma forma me convenceu a sair com ela, ele achava que eu precisava desestressar.

O encontro não deu certo, ela era chata e, eu acabei deixando-a sozinha. Passei o resto da noite bebendo sozinho em um quarto de hotel.

Rosalie Wicks me odiava nessa época, e acreditava que os Giants não precisavam de mim. E, por conta disso, eu decidi que queria irritá-la de todas as formas. Por isso a tratei como a parte mais engraçada de uma piada. Porque ela me tratou assim, como uma piada sem ao menos me conhecer, sem saber pelo que eu estava passando.

A minha popularidade cresceu depois do jogo contra os Redskins e no ano seguinte os Giants foram campeões do Super Bowl. Fomos campeões três vezes seguidas, três anéis de campeão, recordes quebrados, aclamação mundial, e tudo isso, pra quê? Se nada me fazia feliz?

Não importa quantas vezes eu fui campeão e nem quantos recordes quebrei, porque quando perdi uma única vez, quando eu não fiz o papel de quarterback que todo mundo queria que eu fizesse, todos me massacraram.

Nenhuma vitória foi lembrada por conta de uma derrota.

Naquele ano acabei me transformando em quem eu não era, saía para baladas, conheci mulheres que jamais vou me lembrar os nomes, bebi mais do que deveria e senti que deveria desistir da carreira de uma vez por todas. Os Giants acabaram sofrendo com o meu descanso e por isso mal chegamos perto de disputar o Super Bowl no ano seguinte.

Só que de alguma forma, depois que meu caminho se cruzou novamente com Rosalie, aquela força dentro de mim se acendeu novamente. Eu senti que poderia juntar todos os cacos e retornar a ser quem eu verdadeiramente sou.

E agora... Agora meu coração parece estar atingindo o nível máximo de batimentos por minuto. Consigo ouvir meu sangue fluindo em minhas veias, meus olhos estão fixos em somente uma coisa. Uma pessoa. Uma garota. Rosalie.

Dizer ou pensar que ela está linda é ridículo, porque não tenho palavras para expressar. Só a frequência cardíaca do meu coração diz que meus olhos nunca presenciaram tanta beleza.

Tum, tum, tum, tum, tum.

Aperto em minhas mãos o colar que um dia eu dei a ela e que agora está quebrado. Fixo em seu rosto e noto que, mesmo lutando pelo contrário, ela chora. Isso atinge meu peito com tanta força que me imobiliza.

Acho que sei exatamente por que ela está assim.

Eu errei.

Errei porque nosso namoro falso foi motivado pelo meu pai e eu não tive coragem o suficiente para contar isso para ela. Quando meu pai notou que um namoro com uma fã renderia tópico para a mídia e reacenderia minha popularidade, ele me ligou no dia seguinte que o vídeo do nosso beijo se popularizou.

Sem querer acabei preso nessa teia de mentiras tecida por ele, mas não

jogo minha culpa para escanteio, porque fui condizente com a mentira. Meu pai acreditava que Rosalie não sabia que o namoro era falso, ele me pediu para não contar a ela e seduzi-la, porém, eu a conhecia o suficiente para saber que não cairia nesse jogo, desta forma eu optei pela verdade, o meu erro, no fim das contas, foi omitir.

Tenho certeza agora que ela ouviu minha conversa com meu pai. Porque eu ouvi barulho de salto alto quando estava conversando com meu pai e acabei encontrando o colar no meio do caminho. Não tive certeza na hora se Rosalie ouviu a conversa, tive medo. Mesmo assim, ainda fui até o altar esperançoso de que ela viria. Agora que ela está aqui caminhando até mim, consigo ver em seus olhos a desconfiança. O medo cresce dentro do peito porque a incerteza está em sua face, minha respiração segue o ritmo dos seus passos, acompanhando, suplicando:

Não desista. Perdoe-me. Escute-me.

Ela chega ao altar, ainda estou prendendo o ar nervoso.

Quero trazê-la de volta para nós, quero capturar seus olhos e ser o sol para trazer brilho a eles. Deslizo as mãos em seu rosto, limpo cada lágrima que descia como cachoeira. Beijo-a quase sem fôlego. É frio.

Tão frio como nunca senti.

Desespero-me, talvez eu a tenha perdido quando o colar de cacto se rompeu.

Afastamo-nos.

A cerimônia inicia e eu mal escuto, estou apenas contando os minutos para acabar e eu poder falar com ela. A pergunta mais importante é feita. Pensei que isso nunca aconteceria comigo, estou realmente com medo de ser abandonado no altar.

Porque, bom, nunca pensei que fosse me casar. Ser abandonado menos ainda.



Rosalie parece petrificada, não responde. Aperto os lábios, a sensação de angústia é pior do que tortura. Ela ainda não responde quando a pergunta é feita novamente, e pior, dá um passo para trás.

Meus olhos se arregalam em desespero, procuro um fôlego, procuro palavras.

Procuro o amor dela e o encontro dentro de mim.

— Contínuo, constante e imutável. — Pronuncio alto para que o som das palavras penetre em seu coração.

Minha face suplica.

Um suor escorre pela minha testa.

Meus nervos estão entrando em pânico ao vê-la agir de maneira tão fleumática. Está calma, muito calma. Havia conseguido controlar suas emoções e isso só me faz pensar que não é possível adivinhar quais são seus próximos passos.

Finalmente seus olhos encaram os meus. Os lábios se entreabrem aos poucos e ela diz:

— Eu aceito.

O pássaro dentro do meu coração está louco para sair, tenho que libertá-lo. Ele quer cantar, quer ser livre. Quer ser o que ele sempre teve vergonha de ser. Esse pássaro quer mostrar a todos que ele é o amor. O amor que um dia pensei que não fosse mais capaz de sentir. O amor que um dia eu enjalei, por estar assustado, por acreditar que o amor abandona. Entretanto não abandona. Porque o sinônimo do amor está me encarando e dizendo sim a nós.

O suspiro está parado em minha boca. Ainda não estou aliviado, porque ainda precisamos ter uma conversa, mesmo assim, permito-me soltar o ar preso na garganta e dissipá-lo pelos meus lábios, o que me permite sorrir para minha esposa.

Ela afrouxa os lábios apertados e quando somos declarados casados oficialmente, eu a beijo impacientemente. Ainda sinto os lábios frios. Insisto. O calor se propaga até sua boca, a beijo forte como se estivesse buscando fôlego. Ela ainda não permite.

Nossos convidados gritam e vibram e o alívio é quase imediato.

Separamo-nos aos poucos e, pegando em sua mão caminhamos no meio dos nossos convidados sendo ovacionados por eles. Aos poucos todos os convidados passam a nos cumprimentar, depois, sem saída, ainda temos que posar para as fotos. Finalmente, depois de anunciada a nossa entrada, sentamo-nos à mesa junto com os convidados. Antes de começar a festa eu sussurro no ouvido de Rosalie se podíamos ir para dentro da casa para conversarmos, mas ela nega.

Sei que não posso consertar essa bagunça de uma vez, no entanto, não queria que nosso casamento fosse lembrado com um clima tão hostil entre nós. Percorro os olhos pelo local e não encontro meu pai na mesa onde ele deveria estar. Era de imaginar que ele iria embora, já que eu mesmo o mandei depois de falar tanta merda e tentar me manipular mais uma vez.

A Maid of Honor, Morgan, e o Best Man, Thomas, respectivamente melhor amiga de Rosalie e meu melhor amigo, fazem o discurso deles contando como nós nos conhecemos. A história que se iniciou no Super Bowl e que se concretizou um ano depois quando nos reencontramos na Tasty House.

As gargalhadas encheram o local. Em seguida o jantar é servido e eu o vejo como uma excelente oportunidade para falar com Rosalie:

— Podemos conversar? É rápido.

— Não agora. Estou com fome.

— Você entendeu tudo errado.

— Dante, agora não, por favor. — Ela retira minha mão do seu ombro e

sorri em direção ao seu avô.

Respeito seu pedido e decido não tocar em nenhum assunto que possa machucar até ficarmos sozinhos. Mal consigo tocar no jantar e não melhora muito quando temos que ir até o centro do palco para a primeira dança de casados. Uma música que ela amava I'll Be — que tivemos que ensaiar muitas vezes — se inicia.

Demos as mãos, eu a aconcheguei no calor dos meus braços, a sinto relutante, apesar de não esboçar qualquer gesto negativo.

— Eu queria saber quem você é. — Rosalie diz e continua a dançar lentamente no ritmo da música.

— Você me conhece.

— Não. Não conheço.

— O que quer dizer?

— Eu não sei se você sempre esteve me enganando, ou se tudo que tivemos é real.

Estou pronto para minha defesa quando vejo o pai de Rosalie se aproximar. Era a hora dele dançar com ela, como também eu deveria dançar com sua mãe. Cedo sufocando as palavras e tento não transparecer a Moira o quão abalado estou.

Nós conversamos, me esforço para não parecer perdido, porém é o que transparece na maior parte do tempo.

— Estou te enchendo o saco com meus assuntos, não é? Desculpe, você deve estar com a cabeça cheia. — Ela se desculpa ao término da música.

— Não se desculpe, eu só estou um pouco cansado.

Vejo Rosalie aproximando-se com seu pai:

— Mamãe, concede uma dança para o papai? Acho que vocês precisam conversar — ela intima. Os seus pais ficam sem jeito, mas aceitam o pedido da filha. Não só porque havia muitos olhos em nós, e sim porque havia um

clima muito estranho entre eles, como se fossem recém-separados.

Minha esposa volta a dançar comigo, só não diz nada.

— Onde está seu pai? — Pergunta-me no meio da música.

— Eu não sei.

— Não? — Sua voz está áspera e seu corpo, apesar de próximo ao meu, parece congelante.

— Por que está duvidando de mim?

Novamente somos interrompidos quando ninguém menos que meu irmão resolve se aproximar. O arrependimento já sobe pela minha garganta por tê-lo convidado. Foi um voto de confiança que eu dei após muita insistência pela parte da Rosalie. Munido de desconfiança, pergunto:

— O que você quer?

— Quero dançar com sua esposa. Cunhada, você quer dançar comigo?

— Não. — Cerro a mandíbula.

— A pergunta foi para mim. — Rosalie dá o braço para Luke deixando-me completamente desconcertado.

Fico no meio da pista observando-os, pronto para parar com essa brincadeira a qualquer segundo, quando sinto de repente uma mão em meu braço. Viro-me e vejo uma pessoa que eu não convidei para meu casamento e que poderia causar muita confusão:

— Florence, o que faz aqui?

— Parabéns pelo casamento, Dante. — A francesa parecia a mesma de sempre, nariz em pé, sorriso presunçoso, olhos mentirosos, e um detalhe que já foi noticiado pela mídia e estava atrapalhando minha reputação:

Ela está grávida.

Custei a acreditar que era verdade, porque a garota gostava de chamar a atenção da mídia por maneiras mais sórdidas possíveis. No entanto, a barriga por baixo do vestido preto trazia a verdade.

— Eu perguntei o que faz aqui. — Mantenho a voz firme.

Ela envolve seu braço no meu sem cerimônia e eu o puxo de volta:

— Estamos no meio da pista de dança, por que não dança comigo e eu te respondo?

Olho em direção ao meu irmão e Rosalie e ela na mesma hora nota Florence comigo, no entanto, continua a dançar. Muitos olhavam em nossa direção e com medo do que a garota pudesse fazer, aceito dançar com ela, para fingir que tudo estava amigável.

— Então, pode me dizer o que faz aqui?

— Não sou uma penetra, vim de acompanhante. É uma pena que eu não pude acompanhar a cerimônia, meu voo atrasou.

— Até parece que você sente muito.

— Por que está me tratando com tanta raiva? Somos colegas, fizemos uma campanha juntos, temos fã-clubes. São os DanFlor, uns fofos.

— Cala a boca, nós nunca fomos amigos.

— Ah não? Acho que você vai ter que me suportar porque agora eu vou estar cada vez mais presente em sua vida.

— Do que está falando?

— Eu carrego um Hurrón na minha barriga.

Afasto-me abruptamente dela. Perco o ar. Como. Como. Como era possível? Nós nunca tivemos nada. Descarada. Estava tentando me desestabilizar e poderia a qualquer momento inventar uma mentira para Rosalie. E do jeito que ela está, é muito capaz de acreditar. Afasto-me rápido da mentirosa e nesse momento Luke se aproxima com minha esposa:

— Vejo que está familiarizado com minha garota. — Meu irmão diz e eu fico ainda mais perdido nessa trama. — A Florence é a mãe do meu filho. — Revela.

Rosalie e eu nos olhamos na mesma hora, ambos perdidos nos

acontecimentos. Como eles se conheceram? Isso não era possível, parece uma brincadeira de muito, muito mal gosto.

— Vocês... Vocês se conhecem? — Pergunto.

— De certa forma acabamos nos conhecendo. — A modelo responde. Os dois se entreolham. Isso é demais para minha cabeça. Afasto-me deles rapidamente saindo do palco. O garçom passa e eu pego um uísque e afrouxo a gravata.

De todas as merdas que meu irmão já fez, essa é a pior. De todas as coisas que ele já fez para me atingir essa é com certeza a mais revoltante.

Bastardo, desgraçado.

Bato o punho na mesa para controlar minha irritação. Olho para o palco, Florence e Luke já haviam saído e conversavam em um canto, mas Rosalie permaneceu e estava dançando com o filho da puta do Joshua.

Eu o convidei como padrinho do meu casamento apenas para fingir boas relações, seguindo o ditado, mantenha seus amigos perto e seus inimigos mais perto ainda. Sabia que o running back queria ofuscar a minha carreira, como também estava de olho na Rosalie, pois queria me derrubar de qualquer maneira.

Sento-me em um banco apenas observando, já que jamais iria interromper. Ela sabia o que estava fazendo e eu estava dando um voto de confiança. Esvazio o copo e pego mais um, logo Thomas percebe que eu estava sozinho e vem até mim.

— Pensei que fosse ciumento — se senta ao meu lado.

— O Joshua está fazendo isso para me provocar, mas eu não vou cair na armadilha dele. — Aperto um punho e bebo mais um gole da bebida que desce rasgando minha garganta.

— Eu não teria essa paciência.

Continuo a olhar fixamente para os dois e noto que o jogador está

sussurrando algo no ouvido dela, isso é suficiente para que eu levante do banco.

Confio nela. Nele não.

— Está na hora de mudar as músicas, quero algo bem, bem agitado — digo e caminho até o DJ. É exatamente o que falo para ele. Depois volto até Thomas e peço: — Me faz um favor? Tira o Joshua dali, inventa algo.

A minha estratégia era não dar uma de marido ciumento, quero fingir que está tudo bem. De repente Charlie aproxima-se e eu começo a conversar com ele, falamos sobre eu pertencer agora a família Wicks e sobre futebol. Ele parecia bem, estava animado, apesar de ter alguns lapsos de memória no meio da conversa.

Vejo que Rosalie agora está sentada e conversava com Thomas e Morgan animadamente. Próximos a eles estava Alana e Clare, espero que elas tenham deixado a implicância de lado, já que vieram no casamento. Logo Catherine vem até nós e eu acabo deixando-a conversando com seu ex-marido quando começam a falar sobre o passado.

Pego mais uma bebida e algo para comer. Ao meu lado, Clare está pegando um petisco e me parabeniza:

— Parabéns pelo seu casamento, Dante. Eu pensei que ele ia acabar não acontecendo, já que a Rosalie recebeu um convite tão importante. — Ela coloca uma mecha do cabelo atrás da orelha. Paro o que estou fazendo na mesma hora e indago:

— Que convite?

— Oh... Ela não te contou?

— O que ela não me contou, Clare? Fale logo. — Eu já estava perdendo a paciência.

— Bom, o Thomas a convidou para ir a Paris com ele. Isso já foi há algum tempo, mas, fico me perguntando — coloca a mão no queixo. — Por que ela

guardou esse segredo?

Meus olhos vão parar direto na mesa em que os dois estavam conversando. Nenhum deles me contou sobre essa proposta, nem o meu melhor amigo, nem a minha esposa. Será que ele quis roubá-la de mim? Desde quando ele tinha algum interesse por ela?

Quatro palavras. Uma ação.

Eu vou matar ele.

Na mesma hora caminho até a mesa, sem sequer pensar nos holofotes.

— Quero falar com você. Agora. — Intimo-o.

— Pode ser daqui a pouco? Nós estávamos falando sobre uma... — o corto puxando-o pela gola da camisa.

— Eu disse agora.

Não me importo com o olhar de reprovação de Rosalie e nem do que poderiam pensar, eu apenas puxo o traidor até um local que possamos conversar:

— Posso saber por que você convidou a Rosie para ir a Paris?

Minha mão se forma em um soco. Tenho vontade de dar uma surra nele.

— Eu... Eu... Eu não a convidei. Ela se convidou, e eu acabei dizendo que era impossível. — Não consigo acreditar que possa ser verdade, no entanto, eu o conhecia praticamente a vida toda. Não havia motivo para mentir para mim.

— Porra, se você estiver mentindo pra mim...

— Não estou. Eu sou seu melhor amigo, lembra?

— Ela é a minha esposa! Por que ela iria querer ir embora?

— Nunca chegou a pensar que ela está com você apenas por fama? Talvez tenha batido o arrependimento, só que eu disse não. Claro que eu diria não. Eu honro a nossa amizade. — Sua voz não oscila em nenhum momento.

Dou um passo para trás, recuando. Não quero ouvir mais nada.



— Dante... — me chama várias vezes, mas o deixo falando sozinho.

O amor não abandona...

Mas ela ia me abandonar.

Vejo Kalel e sua noiva sentados à mesa próximos aos outros jogadores e me recordo muito bem que não os convidei. Será que Rosalie os convidou, com que intuito? Ela queria que eles estivessem presentes para quê? Essa história está ficando cada vez pior.

Pisco algumas vezes atordoado.

Não penso muito, é o meu casamento e eu não quero esse filho da puta aqui. Chamo a segurança e caminho junto com os dois brutamontes até o casal:

— Penetras não são bem-vindos na festa — aviso.

— Não somos penetras, sou seu colega de time — o desgraçado tem a cara de pau de responder.

— Você não vai sair? Eu tenho um recado pra você, ou sai por bem ou sai por mal.

Os seguranças aproximam-se.

— Você é um covarde Hurron, precisava chamar a segurança?

— Não estou a fim de sujar meus punhos com um merda como você.

— Você está se achando muito, não é? Mas O.k. Eu vou acabar com você em campo. — Levanta-se. — Vamos Alexia. — A garota o segue como um cachorrinho, fico pensando que ele deveria manipulá-la de uma maneira muito sórdida.

— Vem pra cima, você vai cair. — Bato no peito ameaçando-o.

— É o que veremos. — Os olhos dele são sombrios e raivosos, contudo, eu não estava nenhum pouco com medo.

Dou as costas e é a hora de a noiva jogar o buquê e eu apenas observo bebendo. Quem acaba pegando é sua melhor amiga. Os padrinhos me puxam

para beber e eu perco todas as oportunidades de falar com Rosalie no meio da festa.

As horas passam, as pessoas vão indo embora. Até que finalmente sobra apenas poucas pessoas e alguns empregados para arrumar a bagunça. Por isso, aproveito a oportunidade e puxo Rosalie para o fundo da casa, onde o local da cerimônia já havia sido desmontado.

Ela solta minha mão assim que paramos em frente à cachoeira.

— Só me diz uma coisa — peço.

— E eu preciso que me diga muitas...

— Você ia fugir? — Pergunto mesmo tendo a resposta.

— Sim, eu pensei em fugir. — Responde e isso me atinge forte como se ela tivesse acabado de acertar meu peito com um milhão de socos. Saber que ela ia me abandonar pela sua própria boca fez o vulcão em meu peito entrar em erupção. Tomo o ar pela boca, meus olhos ardiam, meu estômago queimava. Dou mais um passo em sua direção. A decepção palpita em meu peito. — Mas eu quis dar um voto de confiança.

— Um voto de confiança? Olha quem fala, quando você ia me contar sobre ir com Thomas a Paris?

— Eu achei que não valia a pena, eu jamais cogitei a proposta.

— A história que ouvi não é essa.

— O quê? Foi seu amigo que me convidou.

— Não é o que ele diz.

— Então vamos até ele agora, esclarecer essa história, eu não tenho nada a esconder. — Seu rosto ficou vermelho conforme sua irritação se intensificava.

— Não vamos fazer cena agora, ele já foi embora.

— Esqueça os flashes, viva a vida real.

— Qual é o seu problema? O que aconteceu? Por que está agindo assim

comigo?

— Eu ouvi sua conversa com seu pai.

Inspiro.

Expiro.

Dou mais um passo, perto. Tão perto que senti as batidas do seu coração martelando em seu peito e por osmose, o meu seguiu o mesmo ritmo.

— Você sempre soube que o namoro foi uma mentira no começo e daí se foi ideia do meu pai?

— Você finge estar apaixonado por mim? — Responde-me com outra pergunta.

— Acha mesmo que tudo o que eu disse pra você é mentira? Pelo amor de Deus, Rosie! O que você vê? Olha pra mim, o que você vê?

Ela engole em seco.

Seu coração grita.

— Eu quero saber tudo sobre você, então me fala, se não falar, eu nunca vou saber. — Sua voz está embargada.

— O que você quer tanto saber? Eu sou um ferrado.

— Eu sinto que tem coisas que você nunca me disse. Parece que o que sente por mim não é forte o suficiente para me contar os seus segredos.

— Meu amor por você é maior do que você pensa.

— Mas parece menor quando age.

Sinto como se tivéssemos rodeados por inúmeros espelhos fantásticos. Expondo-nos. Fazendo-nos encarar nossos próprios *eu's* que revelavam os sentimentos de uma forma nua e crua. Quem somos? Quem fomos? Quem seremos? Todos ali. Face a face.

Afasto-me.

Começo a tirar a roupa com agilidade.

— O que está fazendo?

Ignoro.

Fico somente com a boxer e corro até a cachoeira.

— Está maluco?!

Pulo sem receios.

A água fria atinge meu corpo quente que responde com espasmos.

— Dante! Que merda, está escuro, e se tiver algum bicho?

— Estou correndo o risco — respondo e entro embaixo da cachoeira sentindo a torrente forte da água em minha cabeça. Fecho os olhos. Comprimo os lábios, deixo que a correnteza flua pelo meu corpo e me traga alguma clemência.

O meu melhor amigo me traiu ou a minha esposa?

Abro os olhos.

Rosalie está parada à minha frente, o vestido caído em seus pés. Ela está sem sutiã, só com uma calcinha branca. Inspiro com sofreguidão, devo pará-la, alguém poderia nos ver, só que não faço isso, permaneço imóvel.

Entra na água e seu corpo todo se contrai com o frio. Aproxima-se. Hipnotiza-me. Seu corpo se esgueira até mim. Nossos peitos encostam-se. Ofego. Esmaço. Só a água está no meio dos nossos lábios.

— O que sente pela Florence?

— Nada. Jamais senti.

— O.k. Sua vez.

Ela estava se abrindo para mim e queria que eu fizesse o mesmo. Os dois tínhamos que estar dispostos a confiar.

— A proposta foi feita pelo Thomas ou você se ofereceu?

— Foi ele que fez.

— O.k. — Tenho dificuldades de engolir a falta de caráter de quem há poucas horas disse ser meu melhor amigo.

Os seus olhos me encaram curiosos:

— Desde quando você gosta de mim?

Essa era uma pergunta muito difícil de responder. Porque, pra falar a verdade, eu já havia dito. Só que ela não percebeu.

— *Responda a verdade, por que você usa meu boné?*

— *A verdade? A verdade é que eu uso esse boné porque é seu.*

— *Eu não consegui te tirar da cabeça, e sempre estou te irritando porque estou irrevogavelmente apaixonado por você. Desculpe, não pude deixar de fazer uma piada.*

Não era uma piada. Naquela época eu não sabia lidar com esses sentimentos. Jamais quis dar o braço a torcer, jamais quis que ela notasse que eu sentia algo por ela, porque desde o começo Rosalie me desprezou dizendo que nunca foi minha fã. Que me beijar era como beijar um cacto e que eu jamais deveria dizer que estava apaixonado por ela.

Quando roubei seu boné, foi um ato involuntário para irritá-la, porém em um segundo momento eu não devolvi porque eu queria ter algo dela. Só que, ao mesmo tempo, quis mantê-la afastada, pois senti medo da faísca que surgia entre nós.

— *Eu podia realizar o seu desejo..., Mas eu não saio com fãs... Ainda mais alguém como você, que é uma piada...*

Passou-se um ano sem nos vermos. E aquele sentimento adormeceu, como pensei que adormeceria, acreditei que era banal. No entanto, quando vejo nos jornais que Rosalie estava fazendo protestos contra mim. Isso foi o suficiente para que minha fúria entrasse em ação. Por isso passei a usar o boné, queria que ela ficasse intrigada, queria que fosse a primeira a me procurar. Mas, ela armou um boicote contra mim e isso feriu meu ego mais do que tudo. Por conta disso aceitei a proposta do meu pai de um namoro falso, porque eu queria fazê-la se apaixonar por mim e admitir que nunca foi uma anti-fã.

No meio disso, jurei que revogaria aos sentimentos. Eu lutei. Lutei contra

os sentimentos que eu tinha por ela. Em vão. Estava preso em um jogo de esconde-esconde junto com Rosalie. Quando um demonstrava sentimento, o outro tentava esconder. Por um momento acreditei que o que sentia era apenas desejo reprimido e por isso insisti que fizéssemos sexo.

Engano.

Estar com Rosalie era como receber o ar de volta aos pulmões que estavam lutando há tanto tempo para respirar. Estar com ela me fez sentir que não existia uma parte ruim dentro de mim. O que sinto sempre foi amor, mesmo antes que eu soubesse. É contínuo, pois não tem fim. Constante, porque nunca para. Imutável, afinal, jamais mudará.

Beijo sua boca deixando-a sem resposta, porque ainda não sou capaz de dizer isso a ela. Aceita-me aos poucos. Estava chateada ainda, ainda assim, beija-me mesmo sem a resposta. Mal respiro quando nos separamos por conta da água que quase nos afogou.

— Minha vez — digo.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Respondo se você me disser quando começou a gostar de mim. — Eu já havia feito essa pergunta antes, mas ela se negou a responder.

— O.k. Eu não digo e você não diz. Pode fazer sua pergunta.

— Quem é o campeão?

Ela gargalha.

— Eu.

Faço cócegas nela torturando-a. Ela mexe o nariz irritada e responde novamente:

— Tudo bem, tudo bem. Você. Você é o campeão. — Seus olhos estão brilhando novamente.

Sorrio satisfeito.

De repente, abro a boca estupefato ao notar que tem alguém nos olhando.

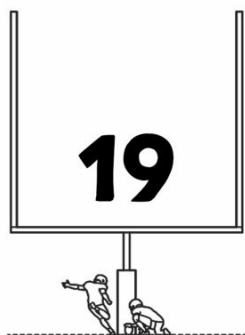
Rosalie tampa os seios com as mãos. Tenho dificuldades para reconhecer a figura em meio à luz. Mesmo assim, os batimentos cardíacos do meu peito parecem atingir a frequência máxima.

Ela...

É ela. Meu Deus.

A sensação que tenho é que todas as minhas entranhas estivessem se retorcendo. A minha voz sai em total descrença:

— Mãe?!



## VOTOS E PROMESSAS





## Capítulo 19

Estou tão petrificada quanto Dante. Tenho dificuldades de reconhecer a figura à nossa frente, ainda mais porque ela se virou de costas perante o flagrante. A expressão incrédula do meu marido e a imobilidade súbita perante o choque me faz acreditar que ele está certo.

Deus.

Não é possível que a minha sogra tenha aparecido, melhor, não é possível que seja ela, agora, nessa situação.

Eu estou quase nua agarrada ao filho dela quase nu. Bela maneira de causar uma boa impressão. Ela dá passos à frente, parece incerta do que fazer assim como nós que ainda não saímos da água. Sem dizer nada, os passos se tornam maiores.

— Está fugindo de novo? — Dante se move se dirigindo a figura que parece disposta a fugir. — Mãe!? — Clama por ela novamente. — Olha pra mim! Porra, olha pra mim. — Sua voz grave se intensifica à medida que ela não responde e muito menos se move.

A respiração alta de Dante denota sua fúria, continuou a andar e sair da água. Os pés molhados batem no chão, não para. Está determinado, irritado e cansado. Precisava de respostas tanto quanto precisava da próxima inspiração.

Quando está próximo da figura que poderia ser sua mãe, ele a segura pelo braço. A mulher se vira. A franja cobriu um pouco seus olhos escuros. Definitivamente pelos traços e características físicas já era fácil identificar que sim, ela era Caroline Hurron.

Estou segurando meus seios, tentando de alguma forma tapá-los enquanto a água da cachoeira percorria minha espinha. Movo-me, caminho até a borda e consigo sair colocando o vestido na minha frente para tampar a nudez.

Os lábios de Dante se apertam ao ver a mãe nitidamente.

— Fi...Fi... Filho... — A voz dela falha ao encostar a mão no ombro dele que recua imediatamente perante o toque abrupto.

Engulo a saliva que desce de forma dura, como as próximas palavras de Dante:

— Sabe de uma coisa? Pode ir embora.

— O... O q-quê? — Caroline gagueja.

— Vai embora. Covarde. Covarde. Covarde! — Suas palavras são tão ácidas quanto limão. — Está achando que sou idiota? Agora... Agora tudo faz sentido. Eu achei que estivesse louco. Louco! — Sua voz está rouca. Passa a mão pela face e balança a cabeça em descrença. — Mas você me seguia, você esteve no Tennessee em março, certo? Você. Presta atenção, se você não vai ter a coragem de olhar na minha cara e dizer que porra aconteceu... — Abaixa os olhos, captura uma golfada de ar e dá a cartada final: — Então vai embora.

Os olhos dela estão penetrados em seu filho, como se quisesse fotografar cada traço dele. Eles estavam tão perto, mas tão longe.

— Eu não vou embora, nunca mais. — Caroline diz inesperadamente. — Vamos conversar, lá dentro. — Move o olhar para mim, não diz nada, só expressa um sorriso lento e nos deixa.

Corro até Dante que se agachou no chão. Encosto as mãos em seus ombros enquanto ouço seu respirar bruto. Não digo nada, ele não quer que eu diga, nem eu quero dizer alguma coisa. A realidade era essa, sua mãe finalmente apareceu, e não se sabe o que aconteceu com ela e nem por que ficou tanto tempo desaparecida. Mas, o que sabemos é uma coisa só: Enfim poderemos catar os cacos do coração de Dante e restaurá-lo. Seja o que for, a verdade sempre cura.

Agora todos nós estamos sentados no sofá e Mary acabou de servir um

chá. Caroline está no sofá à nossa frente. Dante e eu estamos lado a lado. Sem querer me vejo analisando a ex-senhora Hurron. Ela está usando um vestido preto de corte reto, é magra, rosto fino, pele clara e cabelos castanhos. A versão feminina dos seus filhos, eu diria. No entanto, os olhos não eram como os de Dante, eram escuros, o que me faz perguntar de quem ele herdou os olhos.

— Como você está? Está bem? Vive bem? — Ela pergunta ansiosa para seu filho.

— Me diga você que me perseguia por aí como uma stalker. — Dante continua ácido.

Em resposta, sua mãe limpa a garganta e me cumprimenta:

— Você é Rosalie Wicks, certo? É um prazer conhecê-la.

— O prazer é meu, senhora — digo um pouco travada, estou em um campo de batalha e qualquer movimento errado pode resultar em uma tremenda explosão.

— Então, o que está esperando? Existe uma justificativa plausível para o seu desaparecimento? — O Hurron está impaciente.

— Podemos conversar a sós? — Pede, estou pronta para me levantar, mas Dante segura minha mão.

— Ela fica, não temos segredos, e a Mary também pode ficar, ela parece saber de tudo já, não? — Inquire já sabendo a verdade.

A senhora Griffin confirma com a cabeça, e por isso, a antiga desaparecida começa a falar:

— Não espero que você entenda, porque eu não tenho uma boa desculpa, nunca tive. — Ela é objetiva em suas palavras e não deixa de o encarar um minuto sequer. — É por isso que demorei tanto para ter coragem e aparecer pra você. O Luke disse que você não entenderia, por isso...

— Espera, espera aí... O Luke sabia que você, que você estava viva? —

Dante vacila nas palavras que demonstravam seu choque.

Isso está ficando cada vez pior. Permaneço como espectadora assim como a senhora Griffin.

— Sabia, quer dizer, ele soube recentemente, eu fui até ele, entende? — A situação só piorava, ao meu lado, o maior interessado nos fatos acabou de apertar os punhos e balbuciar:

— Aquele, aquele bastardo sabia que você estava viva e não me contou nada?!

— Dante, calma, me deixa explicar. — Caroline se movimenta no sofá.

Estou lutando para não interferir, de verdade, mas o meu instinto é rápido, por isso seguro a mão de Dante e o olho para que de alguma forma consiga acalmá-lo. Ele não quer olhar para mim, não o forço. Sua boca se abre e vocifera:

— Pois fale! Fale tudo que você não disse. Droga, eu estou tão cansado disso, não aguento mais tanta mentira e tanta manipulação. Seja o que for, fale, fale logo.

A mulher à nossa frente suspira e olha para Mary antes de dizer:

— Eu não tenho uma explicação que seja perdoável. Eu fui embora na tentativa de me encontrar, eu não era boa para vocês, era tão infeliz... O meu casamento com seu pai era difícil. No começo eu pensei que o amasse, de verdade, mas o fantasma do meu passado me provou o contrário. — Não vacila, mesmo que suas palavras sejam tão cruas. — Por isso eu abandonei seu pai, porque ele não me daria uma separação do jeito tradicional, e, eu, eu.... — Gagueja buscando os olhos do seu filho. — Ia te levar... Ia mesmo. O Luke já era maior de idade, conversei com ele antes de ir embora, e ele nos rejeitou, disse que iria para a França e não se importava conosco. — Ela estava com dificuldades de explicar, mas ainda continua: — Eu ia voltar e te buscar. Só que eu não pude levá-lo quando o vi com seu pai. Quando o vi

treinando com ele, você queria tanto ser notado, queria tanto que seu pai o visse como um campeão. Então eu decidi percorrer a minha jornada sozinha, porque se te levasse, só te faria sofrer.

— Vai fazer quinze anos que você foi embora. E agora você aparece? Por que agora? Por quê?

— Eu tive um problema com bebida, porque eu tentava afagar a minha dor com o álcool... Sei que você não enxergava isso, era uma criança. Só que eu não tinha nada para te oferecer. Mas agora eu estou bem, você está bem então...

— Para onde você foi? — Dante a interrompe.

— Por um tempo eu fiquei aqui na fazenda, Mary me ajudou. — Olha-a e continua a seguir: — Os Pearce's nunca souberam de nada porque eu fiquei escondida. — Cita os pais de Thomas. Os dois não administravam mais a fazenda e estavam curtindo umas longas férias de aposentadoria. — Depois fui embora para o Tennessee e lá eu encontrei uma pessoa — meus olhos se arregalam na mesma hora. — Uma pessoa que fez parte da minha vida.

— O quê? Quem? — Seu filho faz a pergunta que eu também queria saber.

Será que ela foi embora com o amante? O suposto pai de Luke? Não tem como essa situação ficar pior. Caroline vacila por um momento, mas o Hurron a pressiona com o olhar, o que faz com que ela aos poucos abra os lábios e responda:

— David Hurron.

É claro que eu não faço a mínima ideia de quem seja. Mas Dante parece saber quem é, o desapontamento de seu rosto indica reconhecimento para logo indagar:

— O David? Eu sei que ele é um parente distante da família, só que eu mal o conheci, ele não morreu em um acidente de carro?

— Não... Era o que seu pai queria que pensássemos, mas ele não morreu, só foi obrigado a forjar a própria morte.

— C-como? Como assim?

— O David... Ele... — Faz uma careta tentando disfarçar o choro. — Ele e eu tivemos uma história antes de me casar com seu pai. Só que acabamos nos separando por mentiras do Jordan. Ele sempre quis me aprisionar, sempre me quis só para ele.

— Cala a boca. — Dante se levanta, sabia que ele não ia aguentar por muito tempo. Estava farto e tudo que sua mãe estava contando não ajudava a acalmá-lo. A verdade antes de curar, perfura muito a cicatriz.

— Filho?!

— Você está só falando merda, agora quer colocar toda a culpa no meu pai? Eu sei que ele não é um santo, mas você, você ficou todos esses anos morando com outro homem? Você nos trocou por ele? Pelo seu amante?!

— Nada é do jeito que você está pintando. Nós fomos obrigados a ficar separados por um longo tempo. Durante cinco anos eu vivi com seu pai, acreditando que o David estava morto. Quando por conta própria eu descobri que ele estava vivo. Ele foi forçado a se esconder por conta do seu pai, Jordan o subornou. — Caroline falava desesperada, o choque tomou conta do ambiente.

— O subornou? De que forma? — Pela primeira vez eu me meto na conversa e na hora me arrependo porque eu não deveria interferir.

— O David tinha dívidas..., empréstimos. Empréstimos com quem não devia e Jordan disse que pagaria todas as dívidas se ele sumisse.

— Então você o tornou seu amante às escondidas por mais sete anos e depois fugiu com ele, é isso? — Dante questiona com raiva.

— Não. Não... Eu tinha o Luke pequeno, tinha uma vida, não ia ter a coragem de esconder um amante. Por isso, nós decidimos nunca mais nos

ver. Eu lutei para manter meu casamento, mas a partir daí vivi infeliz. Encontrar com o David no Tennessee não foi planejado, só que o destino quis que nos reencontrássemos.

— Não quero mais ouvir isso. — Dante se aproxima de mim e pega minha mão. — Vamos sair daqui. — Diz mirando-me rápido.

Caroline também se levanta e se desespera jogando todas as palavras que podiam não ser bonitas, contudo, que pareciam verdadeiras:

— Sabíamos que não teríamos paz, sabíamos que seu pai não me daria o divórcio fácil, e que eu jamais conseguiria sua guarda com base no meu histórico. Então, decidimos nos esconder. Começar uma nova vida... — Dante aperta minha mão e se move, entretanto Caroline continua na tentativa de fazê-lo olhar de novo para ela. — Eu... Eu te mandei muitas cartas. Mas creio que nenhuma delas chegou em suas mãos.

— O que você quer? Quer virar o jogo para seu lado? Você foi embora com um cara que há anos foi considerado morto. Você traiu o meu pai, traiu a nossa família. O que quer agora? Redenção? A porra de uma redenção? — Meu marido solta minha mão para encarar sua mãe face a face, a figura dela está atordoada.

— Não fala assim de mim. Eu ainda sou sua mãe!

— Agora você está se lembrando disso?

— Eu te contatei, lembra? Quando você fez dezoito anos? Quando finalmente você podia deixar seu pai.

— Marcou um encontro e não apareceu.

— Eu tive um contratempo... Eu fui para o café te encontrar, mas você já havia ido embora...

— Já sei. Você veio porque quer dinheiro, não é? O seu amante se meteu em outra enrascada? Por isso veio até aqui? — As perguntas cirúrgicas não param. Elas acertavam como bisturi a pele de Caroline.

Uma lágrima escorre do rosto dela enquanto dizia:

— Vamos conversar outro dia. Desculpa, desculpa, eu estou errada em aparecer assim, bem no dia do seu casamento... Não era para ser desse jeito, eu juro que não era..., eu vou deixar vocês em paz, vou embora, mas eu não vou fugir, está bem?

— Pode ficar, acho que está bem acolhida aqui — Dante direciona seu olhar para Mary. — Eu vou embora. — Não há clemência. Eu mesma não sei se estivesse em seu lugar saberia lidar e perdoar.

Então, depois que conseguimos trocar de roupa e pegar as malas, partimos dali. Eu dirigi até o apartamento de Dante em Nova York. Deixei que o silêncio nos dominasse no caminho, não queria mexer com os seus sentimentos tão já.

Ao chegarmos no apartamento, Dante apenas foi para o quarto, o segui. Foi tirando as roupas e, despido, ele caminha até o banheiro. Ouço o barulho do chuveiro, a porta está aberta. Penso em deixá-lo sozinho com seus próprios pensamentos, dar o espaço que ele precisava. Só que a voz do meu coração fala mais alto, soando pior que um despertador. Por isso eu também tiro a roupa e caminho até o banheiro. A porta está aberta, eu entro.

Meu marido está com a cabeça baixa enquanto a água escorria pelo seu pescoço. Está de costas para mim, abro a porta do box e, vagorosamente, deslizo minhas mãos pelo seu peito nu, abraçando-o por trás.

E nós ficamos assim por um tempo até que ele se pronuncia:

— Desculpe.

— Pelo quê?

— Por tudo. — Suspira. Seu peito subindo e descendo, sinto-o através de minhas mãos. Sei que está chorando, embora suas lágrimas tenham sido mascaradas pela água do chuveiro.

— Não tem pelo que pedir desculpas. Está tudo bem. — Digo e ele



imediatamente se vira para mim. Passo a abraçá-lo de frente e ele desmorona em meu peito. Não chora. Tenta de alguma forma apartar sua dor, escondendo-a em seu peito. Vejo-o como um misto de alívio, frustração, medo e desconfiança.

Ficamos um tempo assim até que o alívio toma conta de sua expressão.

— Eu não queria que fosse assim... A nossa lua de mel. — Desliga o chuveiro ao dizer.

— Pare com isso. O que importa é estarmos juntos. Não precisamos viajar agora. Nós podemos cancelar a lua de mel, você precisa colocar a cabeça no lugar e se entender com sua família.

— Já está tudo reservado, nós íamos para a Itália, você sempre quis conhecer, não é? — Diz e coloca as mãos em minha cintura.

— Sim, mas, acho que você não está em condições de se divertir comigo e eu respeito isso. Não quero que se sinta sufocado. Não importa aonde vamos estar, você sabe o que importa, certo? — Pergunto colocando as mãos em seu rosto, conectando nossos olhos. Suas mãos se fecham em meu corpo para me abraçar.

— É. — Solta a respiração devagar em meu pescoço.

— Nós podemos postergar para a outra semana e fazer nossa lua de mel do nosso jeito aqui. O que acha?

— De que jeito?

— Não precisamos ir muito longe, dá para nos divertirmos em Nova York.

— Vão nos reconhecer e nos perseguir. — Suas mãos passeiam pelo meu corpo. — Você sabe que é difícil pensar desse jeito.

— Eu tenho várias ideias — ignoro a parte lasciva dele que despertou.

— O.k., vou confiar em você. — Beija primeiro minha testa e em seguida minha boca. As coisas ficam boas a partir disso, suas mãos querem estar em todos os lugares, como as minhas. Ainda estou abarrotada de emoções, o

casamento foi como dar uma volta na maior montanha russa do mundo. Meu estômago está revirado, mesmo assim, sentir o calor de Dante faz com que as coisas se acalmem.

Há algumas coisas que estão martelando em minha cabeça, como o que Thomas me disse quando interrompeu minha dança com Joshua. Dança que fui obrigada a aceitar e ouvir do running back que eu era muito esperta, já que identifiquei muito rápido que o interesse dele não era em mim e sim em irritar Dante. Os dois tinham uma rivalidade que nem sei por que começou, mas tinha um motivo: Ser dono dos holofotes.

Tem lugar para todo mundo no Hall da fama, no entanto há quem discorde disso.

— É melhor descansarmos por hoje, não acha? — Pergunto a Dante que, embora esteja mostrando seu desejo eminente, parecia desconectado com o momento.

— Sim... Sim. — Diz em pausas.

Deixo-o tomando banho sozinho e me movo para o quarto com a toalha no corpo. Sento-me na beirada da cama e digito uma mensagem para Thomas. Apago. Não sei o que dizer depois do que ele me disse no casamento:

— *Jordan me disse que o namoro de vocês era falso... Isso me faz perguntar se você realmente está se casando com o Dante por amor. Me diz, você gosta dele de verdade? Ou isso faz parte de um plano pra ficar com o dinheiro dele?*

*É claro que eu neguei e me defendi:*

— *É melhor você conversar com seu amigo, não tenho nada para esconder e nem ele... Espera. — Imediatamente pensei na proposta que ele me fez há alguns meses e que me pareceu estranha. — Me convidar para ir a Paris foi uma armadilha?*

— *Foi, precisava te testar. Jordan disse claramente que você era uma*

*golpista e está com Dante apenas por dinheiro e fama. Então, um convite para ir a Paris podia provar realmente se você o descartaria fácil.*

*— E você mudou de ideia?*

*— Ainda não. Eu vi o Chase e o Joshua entrando no seu quarto antes da cerimônia, e ainda teve aquela história com a Florence no restaurante.*

*— Eu posso explicar tudo isso. — Disse, mas nesse momento Morgan se aproximou.*

*— Vou ficar de olho em você — Thomas deu o seu aviso.*

*— Devia ficar de olho na Clare — dei o meu aviso.*

No fim das contas, após essa conversa ele não falou mais comigo sobre isso, no entanto, falou com Dante e tentou colocá-lo contra mim. Parece que Jordan usou Thomas ao seu favor, já que sozinho não possuía argumentos suficientes para convencer o filho a desistir de ficar comigo.

Sei que o Pearce era só uma marionete no meio dessa trama e que ele só estava tentando proteger Dante, mesmo assim, não posso deixar que ele invente mentiras sobre mim, por isso volto a digitar:

*“Sei que está com dificuldades de reconhecer quem é sincero, mas tenho certeza de que vai descobrir mais cedo ou mais tarde. Espero que não demore muito, pois o Dante está puto com você, e você sabe mais do que ninguém o quanto ele precisa de amigos de verdade perto dele. Então, esfria a cabeça e pensa se está sendo justo comigo. Avalie as câmeras de segurança do restaurante você mesmo, vai notar que as pessoas que você confia não são quem você pensa.”.*

Não demora muito para que veja a mensagem, mesmo assim, não me responde. Deixo o celular de lado, em algum momento ele veria a verdade.

Meu marido sai do banheiro e está fingindo um sorriso pra mim, queria mostrar que estava tudo bem, mesmo não estando. Por isso eu o abraço de novo, beijo todo seu rosto e quando estamos prontos para dormir, seguramos

a mão um do outro e conversamos:

— Seu pai contou para o Thomas sobre nosso namoro falso. E por isso ele acredita que de alguma forma eu esteja enganando você. — Conto, uma veia salta de sua testa, consigo ver seu rosto, pois a luz do abajur nos iluminava.

— Meu pai está fora de controle. Já que ele não pode controlar nem minha mãe e nem meu irmão, ele quer fazer isso comigo. — Diz com pesar, sem saber como parar essa situação.

— Ele não gosta de mim? — Tenho que perguntar porque se ele planejou o relacionamento falso, que problema ele tinha com o verdadeiro?

— Não é que ele não goste de você, acontece que ele não gosta de nada que ele não tenha escolhido para mim. Ele esperava que eu me casasse com uma celebridade ou algo assim.

— Não sei se me sinto ofendida por isso.

— Por favor, não se sinta.

— E o que pretende fazer em relação a ele?

— Por enquanto? Quero fingir que minha família não existe. E também quero fingir que meu melhor amigo não é tão tapado. Ele tentou me fazer ir contra você.

— Ele está confuso, mas o Thomas sempre o defendeu, mesmo quando você praticamente esqueceu que ele existia. Lembra a primeira vez que você apareceu no restaurante? Há quanto tempo não o via?

— Já fazia um ano ou mais.

— E ele te defendeu por estar longe mesmo sendo sócio, nunca quis usar sua fama para atrair clientes e ainda te devolveu recentemente o dinheiro que foi investido no restaurante.

— É... Ele fez isso, mas você quer mesmo defendê-lo? O Thomas cogitou que você estava comigo apenas por fama. — Ele diminui o tom na última palavra, na tentativa de não soar como uma acusação.

— Eu sei, ele me confrontou no casamento.

— Vou matar esse filho da puta.

— Se acalme, ele vai perceber sozinho que está errado. — Coloco a mão em seu peito.

Não que eu quisesse defender o Thomas, e sim defender a amizade dos dois. Dante passa a mão pelo rosto e, pensativo, perde o foco do seu olhar.

— Ei, com a confusão da cerimônia, nós acabamos não dizendo nossos votos. — Entro em um assunto diferente para que ele desfoque dos problemas.

— É verdade, mas eu te disse, não é? Três palavras.

— Contínuo. Constante. Imutável. — Lembro-me de cada palavra e consigo ouvir o som delas em minha mente, emitidas pela voz dele. — É bonito, eu gosto. Mas pode parar de se gabar.

— E então? Falta você dizer o seu. — Coloca-me contra a parede.

— O.k., O.k. Você me pegou. — Aperto sua mão. Não é que eu não tivesse um voto, na verdade eu escrevi e reescrevi muitas vezes. Só que não parecia bom o suficiente.

— Será que vou ter que torturá-la? — Suas mãos passeiam pelos meus braços prontos para fazerem cócegas.

— Não. Não, por favor, eu vou dizer. — Ele sabia que eu era sensível, mesmo assim adorava me fazer cócegas para conseguir algo.

— Estou esperando — está pronto para fazer qualquer movimento brusco.

— Dante Hurron... — Começo como se realmente tivéssemos voltado para o momento da cerimônia. — Eu juro que eu sempre estarei ao teu lado, eu darei qualquer coisa e todas as coisas e sempre me importarei, em meio à fraqueza e à força, felicidade e tristeza. No melhor, no pior, eu te amarei a cada batida do meu coração.

— Isso está me lembrando uma música. — Coça o queixo.

— Sim... É *From This Moment On*, da Shania Twain. — Entrego o improviso.

— Não vale, quero ouvir os seus próprios votos.

— Mas o que posso dizer se a música diz tudo?

— Rosie Blue... — Seus dedos passeiam pela minha barriga me fazendo cócegas. — Eu quero ouvir seus votos.

Gargalho e tento recuar.

— Vai ficar na curiosidade.

— Veja bem, eu tenho dedos e vou usá-los. — Continua me ameaçando e acaba rindo junto comigo.

— Pois os use — meu tom é malicioso. E a provocação é como uma ordem, porque ele para as cócegas, aproxima seus lábios dos meus e me beija tão deliciosamente. Sinto o gosto de amor. Retribuo-o tão forte, incansável, beijo-o fervorosamente e tentando roubar a sua dor com meus próprios lábios.

De repente sinto as minhas bochechas molhadas e lágrimas salgadas invadem minha boca. Dante está chorando. Não me afasto, continuo a beijá-lo, dando tudo que eu podia, todo meu corpo o abraça. Meu coração se abre completamente para recebê-lo e cuidar de sua dor.

— Desculpa — murmura em meus lábios.

— Não peça. Eu te aceito do jeito que você é. — Falo roçando em seus lábios.

Esses são os meus votos.



No dia seguinte coloco meu plano em ação. Não importa se não íamos viajar, o que precisamos nesse momento era ficarmos juntos e nada mais. Não tínhamos nada para comer no apartamento, por isso, chamo Dante para tomar café no Brooklyn, no Doctor Coffee, o café que serve o melhor café da manhã do mundo e que faria qualquer um que estivesse para baixo sorrir.

Tenho dificuldades de convencê-lo a vir comigo, pois ele tinha medo de atrair a atenção da mídia. Mesmo assim, acaba cedendo quando pela milésima vez eu disse que era o melhor café da manhã da vida. Vestimo-nos de maneira discreta, coloquei uma calça legging e uma camiseta e cobri meu cabelo com um boné. Dante vestiu um calça e uma camiseta slim fit, também colocou um boné, o meu boné que ele até hoje não fez questão de devolver e nem dizer por que está com ele.

— Não vamos usar o carro hoje — o barro quando vejo que está chamando Phillipe pelo celular.

— E como vamos até o Brooklyn? Posso saber?

— Metrô.

— Metrô?! — Olha-me com descrença. — Está falando sério?

— Muito sério, querido.

— O que está planejando? Isso é um tipo de intervenção para que eu veja o lado bom da vida? — Há um belo tom de sarcasmo em sua pergunta.

— Chame do que quiser — dou de ombros —, eu quero apenas que você se sinta uma pessoa normal hoje e não o rei da NFL.

— Pessoas normais também usam táxi, Uber ou qualquer aplicativo de carona, ou melhor, também dirigem o próprio carro, que tal? — Tenta me convencer, mas estou irredutível, passei a noite toda planejando mentalmente o nosso dia e não ia mudar nada do planejado.

— O fácil não tem graça. Não tenha medo, vamos nos aventurar hoje no mundo dos nova-iorquinos. E você disse que iria confiar em mim — aponto o

dedo para ele acusando-o de não honrar suas palavras.

— Tudo bem, só não me faça ir até a Times Square. — Levanta as mãos em rendição.

— Não está na minha rota, não sou tão previsível — defendo-me riscando mentalmente o passeio na Times Square no meio da noite. — Então vamos? — Digo caminhando até a porta e abrindo-a a seguir. Mesmo desconfiado, Dante me segue.

Não foi fácil para ele se habituar ao metrô, pois era um horário de pico e estava tão cheio que me arrependo na mesma hora de não ter pegado pelo menos um táxi. Dante se apoia próximo à porta e eu fico de frente para ele, apoiando-me em seu corpo.

Estávamos quase chegando ao nosso destino quando eu começo a prestar a atenção em uma conversa:

— Vocês viram o site da Calculated Love? — Um grupo de meninas conversava animadamente nos bancos ao nosso lado. — O Casamento DanRosie foi incrível. — Meu Deus. Estão falando de nós. A Calculated Love exclusivamente tirou muitas fotos do nosso casamento. Encosto mais a cabeça no peito de Dante e ele automaticamente abaixa a sua para que sua face ficasse menos visível.

— Eu disse que era uma péssima ideia — ele sussurra pra mim.

— Ohhh, eu vi, incrível como essa garota conseguiu pegar o solteiro mais cobiçado de todos os tempos — outra delas opina, reconheço pelo tom diferente de voz. Não me atrevo a olhar em direção a elas, pois qualquer movimento brusco poderia fazer com que fôssemos pegos.

— A Rosalie Wicks é linda e carismática, e o comercial da Corn's com ela está incrível — mais uma diz e involuntariamente eu sorrio.

— Você é tão puxa-saco, Melanie, que criou uma conta no Twitter só pra defender ela. Eu a acho bem comum — era a voz de um garoto.



— Criei mesmo, e o DRBlue está bombando.

— Não acredito que o marido ideal finalmente se casou, pensei que eu ia ter minha chance. — Não consigo identificar quem disse, porque a voz soou como um lamentável sussurro.

— Não viaja, Lily, pessoas como ele são praticamente inalcançáveis, acha que ele pegaria metrô como nós? Um encontro com ele seria impossível — Melanie diz, e eu aperto a camisa de Dante na mesma hora.

O metrô finalmente para e tentando não ser esmagados, descemos. Meu marido cobiçado me olha irritado quando conseguimos sair na rua. Tivemos que correr como loucos assim que descemos do metrô e sinto que estou fora de forma, pois já suei com o trajeto.

— Desculpa, acho que o metrô na volta está fora de cogitação, né? — Encolho-me, é claro que ele não precisava me responder, sabia sua resposta. O café não ficava muito longe da estação e logo paramos na fila para pedir nosso café da manhã.

— Metrô lotado e fila para o café da manhã... — Resmunga.

— Pare de reclamar — censuro e pego meu celular, a primeira coisa que faço é seguir o perfil DRBlue. Sorrio quando vejo a quantidade de seguidores e as postagens fofas sobre Dante e eu.

— O que está fazendo? — O sem-vergonha olha a tela do meu celular.

— Nada. — Guardo meu celular no bolso, o sorriso zombeteiro dele me faz cutucá-lo com o cotovelo.

— Do que está rindo?

— Nada. — Imita-me. Acabamos rindo juntos e isso nos trouxe um alívio para a manhã de segunda-feira. Depois de fazermos nossos pedidos nos sentamos para saborear.

— Você pretende me matar com tanto açúcar? — Reclama do café gelado que eu pedi com muito chocolate.

— Açúcar e felicidade andam lado a lado, pelo menos você vai morrer feliz — digo dando uma garfada no meu omelete com fatias finas de bacon. Vejo pela sua expressão que havia gostado muito do café da manhã, mesmo que não diga.

Aproveitamos o momento de leveza e o fato de que a correria no café fazia com que ninguém nos notasse e conversamos sobre o Training Camp que começaria no dia vinte e sete de julho e que duraria quatro semanas. Para minha tristeza, Dante ficaria esse tempo longe de mim já que dormiria no Quest Diagnostics Training Center. Também decidimos ficar no apartamento enquanto os problemas com sua família não fossem resolvidos. Só precisávamos pedir para que as minhas outras malas, que foram encaminhadas para sua casa em Nova Jersey, fossem para o apartamento em Manhattan.

Dante ainda não estava muito decidido se queria se acertar com sua família, sua vontade no momento era de renegar todos, no entanto, me mantenho apoiando-o a resolver de uma vez por todas os problemas, com a única maneira possível de responder: conversando.

Passamos uma manhã agradável no Central Park e custou para que eu o convencesse a andar de bicicleta comigo, com muita insistência eu consegui. E depois de um almoço saudável, para compensar o café da manhã, já que Dante era um atleta, tivemos que dar uma corridinha quando fomos reconhecidos no meio da rua. No fim das contas, o meu planejamento não foi muito bom. Pelo menos conseguimos passar despercebidos no mercado, quando optamos passar pelo caixa automático.

E depois de uma foto com o motorista do Uber subimos novamente para o apartamento, no fim da tarde.

— New York, New York... — Dante canta a música do Frank Sinatra quando estamos arrumando as compras. Ele estava sendo bem sarcástico.

— Não precisa me zoar. — Bate o leve arrependimento de ter desistido da lua de mel.

— Ainda podemos ir para a Itália.

Não quero forçá-lo a se resolver com sua família, mas sabia que a viagem não seria como queríamos por conta das circunstâncias.

— O.k. Bonitão, vou deixar você fazer do seu jeito, o que planeja?

— Não, quero terminar o dia do seu jeito, então, o que você planeja para essa noite? — Joga a bola de volta para mim.

— Que tal cozinhar juntos? — Levanto uma sobrancelha ansiosa para que ele também se animasse.

— Ótimo. O que quer fazer?

— Bom, podemos começar pelo doce. Que tal uma Key Lime Pie? A melhor torta de limão que você comerá em sua vida.

— Uau, está ficando pretensiosa, Rosalie Blue.

— Aprendi com o melhor. — Pego os ingredientes e coloco-os na bancada assim como os utensílios que queria usar. Por sorte, Dante tinha muitos, já que sabia cozinhar muito bem.

— Quatro tipos de limão? — Pergunta notando que eu mudei ligeiramente a receita original.

— Exato. Doce, ácido, suculento e marcante. — Aponto para cada um deles de acordo com sua característica. — Os quatro juntos são a união perfeita.

— Boa ideia, então, no que posso te ajudar? — Pergunta e eu deixo-o preparando o recheio enquanto faço a massa. Nosso trabalho é rápido e preciso, sincronizávamos na cozinha tão bem como chef e subchef. Eu sou a chef, claro.

Finalizada a sobremesa e colocando-a para gelar, preparamos o caldo para um risoto de camarão e deixamos pré-pronto o cozimento do arroz, assim

como grelhamos os camarões. E antes de comer, tomamos um banho para desfrutarmos do jantar.

Era a nossa lua de mel e eu quis colocar uma lingerie nada inocente por baixo do vestido simples de algodão. Pronta, volto para a cozinha e finalizo o prato principal, terminando o cozimento do arroz e finalizo com o camarão, queijo e manteiga. Dante já havia arrumado a mesa e aberto um vinho branco para nós. Por vários momentos eu o peguei pensativo, mas não invado seus pensamentos.

Foi muito bom o jantar não só pela comida, como também porque era o nosso momento como casados. Quanto mais penso sobre isso, mais parece irreal que nós realmente nos casamos. Principalmente por conta de termos tantas pessoas próximas contra nós.

Comuniquei-me com minha tia essa manhã para saber como estavam as coisas em casa e monitorar a saúde do vovô e, nisso, fiquei sabendo que minha mãe e meu pai tiveram uma boa discussão, para variar. Por conta disso, Pam e ele não estão se falando, parece que rolou um ciúme. Seja o que for que aconteceu, minha mãe já pegou um voo de volta para Memphis.

Na hora da sobremesa cortei uma fatia de torta para que comêssemos juntos e finalizei com chantili na mesma hora.

— Eu sei que você não gosta de doces e por isso vou deixar você experimentar o meu pedaço de torta. — Aproximo-me dele tentando convencê-lo.

— Está bem — aceita e eu coloco o pedaço em sua frente.

— Que tal se sentar aqui, comigo? — Pergunta.

Movo-me para puxar uma cadeira, mas Dante pega minha mão e me puxa.

— No meu colo.

— O que... — Já fico toda derretida. Ele me envolve em seus braços fortes e encosta seu rosto em minha face. Aspiro o cheiro de loção pós-barba do seu

rosto e passo a mão em seus cabelos. Beija minha testa e em seguida a ponta do meu nariz. Olha-me tão profundo, hipnotizando-me e me fazendo entrar nas profundezas do seu mar.

Remexo-me em seu colo e engulo a saliva ansiosa para o próximo passo, só que ele não faz, apenas desliza sua mão até o talher para pegar um pedaço de torta. O sem-vergonha adora brincar comigo. Mordo o lábio e espero que coloque o primeiro pedaço em sua boca e, novamente, ele não faz o esperado, acaba direcionando o garfo em minha direção.

— Você primeiro. — Diz, abro a boca e antes que eu consiga abocanhar, direciona de volta o garfo para ele.

— Ei! — Bato em seu ombro.

Ignora-me e mastiga de um jeito tão bom, saboreando cada mastigada. O jeito que ele come tão bem, se deliciando, só me faz ter pensamentos maliciosos, imaginando outra coisa que ele comia muito bem. Coloca o garfo na mesa e me olha novamente:

— Doce, ácido, suculento e marcante. — Repete minhas palavras. — Incrível. — Sua mão está na minha clavícula e não para de descer lentamente até chegar ao meu decote.

Sorrio.

— Você precisa me deixar provar também — digo quando sinto que as suas intenções eram devorar outra coisa. Pego o garfo e corto um pedaço para mim, e antes que ele ultrapasse a barreira do tecido para chegar à minha pele, provo a torta.

O sabor estava perfeito como eu imaginava, a massa crocante, as nuances de sabor do recheio, a suavidade do chantili. A combinação era extremamente saborosa.

Um gemido escapa da minha boca não pela combustão de sabor, mas pelo dedo de Dante que acabou de alcançar meu mamilo, e quando direciono meu

olhar para ele, sou capturada pela sua boca ávida pela minha. A pulsação quente começa em seus lábios e passa pelos meus, essa corrente forte chega em todos os pontos sensíveis do meu corpo.

Os meus mamilos ficam duros e a calcinha molhada. Sinto sua ereção crescendo aos poucos em sua calça, apertando-o, apertando-me.

Quero levá-lo para o quarto, contudo quando nos levantamos não conseguimos nos mover tão longe, o suficiente que conseguimos é chegar até o sofá da sala. Ele caiu primeiro no estofado e eu subo no seu corpo.

Beijo-o no pescoço sentindo seu apalpar em minha bunda, que estava exposta pelo vestido que acabou de subir. Rebolo em seu quadril quando se inclina para sugar meus lábios inferiores. Recuo, o provocando. Os seus dedos passam pelo meu pescoço e estacionam em minha nuca para puxar minha boca de volta para ele.

Seu calor captura meu corpo e me faz refém de seu beijo. Como um beijo poderia ser tão bom? Desde o momento em que nossos lábios se tocaram eu tive a certeza de que nenhum beijo poderia ser comparado ao dele. Era devastador como seu toque, seu gosto e seus movimentos faziam com que nossos corpos se conectassem. Luto para manter o gemido na boca, mas ele saiu como um fugitivo. O controle passa a ser de Dante e ele muda de posição comigo, subindo em meu corpo. O magnetismo de seus olhos mostra que ele adorava estar no controle.

De todas as coisas que se põem em dúvida na minha vida, a única certeza que tenho é que todo meu coração sempre vai pertencer a ele. A sensação que tenho é que se existe destino, eu estava destinada a amar esse homem.

Contorço-me embaixo do seu corpo quando ele encontra meu mamilo e com a ponta dos dedos o incita com movimentos ora circulares, ora friccionando.

Seu corpo está tão firme sobre o meu. Arrependo-me na hora de ter

colocado uma lingerie, deveria não ter colocado nada. Nos separamos um pouco, apenas para que eu possa retirar o vestido e ele a camisa. Quando faço isso, vejo seus olhos flamejantes passar por toda a extensão do meu corpo. Era incansável o desejo que tínhamos um pelo outro, porque do mesmo modo que ele me olhou, eu o olhei.

Não é só o corpo, não é só a pele, tudo que ele é me excita.

Voltamos a nos beijar com a mesma fome, as mãos de Dante rodeiam meu tórax e abre o fecho do sutiã, mas não o puxa e tira de uma vez, e sim, como tortura, aos poucos desliza a peça. Arrepio-me toda ansiando para ficar nua.

E quando meus seios são expostos, anseio pelo calor e umidade de sua boca. Olha-me e eu o olho, apertando os lábios, desejosa. Dante começa com beijos perversos no meio dos meus seios, depois passa a rodear eles com a língua, para enfim sugar um mamilo de forma tão firme.

O formigamento começa e se dissipa em um gemido com a umidade de sua saliva. Grunhi muitas vezes rendendo-me a esse prazer quase torturante, quando o formigamento passa a atingir o outro mamilo, ele vem e o suga, dando uma atenção especial. Alterna entre mordiscadas em minha pele e suas mãos continuam o trabalho de passearem em cada canto do meu prazer.

Bunda, coxas, virilha... Até chegar lá.

Arfo.

Tremo uma vez, está ficando quente.

Quero sentir sua ereção, quero que esteja dentro de mim rápido. Dante desce os beijos até meu umbigo e seus dedos rodeiam a borda da minha calcinha, pronto para tirá-la.

Inclino-me e seguro a borda da sua calça.

— Tira, mas tira rápido.

— Está apressada, senhora Hurron?

— Você não imagina o quanto. — Olho-o com lascívia. E, rapidamente,

ambos estamos nus. Não foi preciso buscar a camisinha no quarto, porque Dante já estava com uma no bolso. Parece que ele não estava a fim só de comer o jantar. — Quero assim, de lado — digo me colocando na posição e deitando a cabeça em seu braço. Instintivamente, ele coloca as mãos em meus seios, apertando-os.

— Seu pedido é uma ordem — diz encostando sua ereção em mim. Penetra devagar, curtindo tanto a sensação quanto eu. A euforia do prazer se intensifica com os movimentos que se desenvolvem vagarosamente. Não há pressa.

Uma mão se solta do meu seio e ele molha dois dedos com a língua para logo depois esfregá-los em meu clitóris.

— Ah... Dante. — Chamar pelo seu nome o instiga a gemer junto comigo. Seu corpo forte e todo aquele amontoado de músculos faziam minha mente deliberar mais e mais pensamentos libidinosos.

Tremo sob seu toque. Tremo sentindo minha carne se abrir ainda mais para recebê-lo. Todos os meus sentidos ficam aguçados e em alerta. As nossas respirações a cada instante ficam mais pesadas.

Dante fode comigo do jeito que eu gostaria de ser fodida, sempre que eu o sentia dentro de mim era de uma maneira muito decidida, como se nossa pele não aguentasse muito tempo ficar longe uma da outra. Os movimentos continuam incessantes, nos transformamos em gemidos ininterruptos.

Continua a penetrar e esfregar o clitóris sem perder o ritmo, e mais uma vez um espasmo surge. Um palpitar arfava meu peito. Fico mais e mais úmida, sentindo o calor gostoso prestes a se espalhar. Choraminguei em meio aos gemidos até que a sensação de estar quase tocando o céu toma todo o meu corpo. Um suspiro tão profundo se desliza pela minha boca.

Estou desfalecendo em seus braços. A próxima estocada é tão profunda e tão gostosa que o sinto pulsante dentro de mim. Seus ruídos de prazer



denunciavam que havia chegado ao clímax. Mesmo assim, continuamos grudados um no outro.

É tão boa a sensação que até dói pensar em nos separarmos nesse instante. Aperto seus braços ao meu redor sabendo que era só isso que precisávamos. Dante se levanta para descartar o preservativo e depois volta ainda nu. Ainda estou no sofá e ele volta a se deitar comigo, abraçando-me mais ainda. Viro meu corpo para olhá-lo e dou de encontro com um muro no fundo dos seus olhos. Está pensativo, a única coisa que posso fazer é confortá-lo com meus braços.

— Você me faz bem — ele sussurra. — Mal posso esperar para ter uma família com você.

— Filhos? — Questiono, não estava esperando por essa agora.

— Sim, mas só quando estiver pronta.

Sorrio. Seus olhos são gentis, as bochechas estão coradas, sinto no fundo do meu coração que uma família com ele é tudo que eu mais quero e na hora certa esse momento chegará. Mal posso esperar para ter uma família com o meu *marido ideal*.



No dia seguinte, Dante sai cedo para um encontro com sua mãe. Mesmo que ele tenha me convidado para ir, sabia que esse momento era todo deles e não meu. Por isso fico no apartamento arrumando as coisas, pensando em como íamos ficar por ali durante um ano.

Não podíamos trazer o Bowie para ficar conosco já que o prédio não permitia animais e era necessário um cuidado especial para ele, já que era

idoso. Havia muitas coisas de Dante no armário e eu precisava arrumar um espaço para mim.

Ainda não havíamos comprado uma casa, pois planejávamos fazer isso com calma, já que Dante planejava construir uma casa do zero, no entanto, pelo decorrer dos fatos, teríamos que ver isso em breve.

Quando estou terminando de tomar café, recebo uma mensagem de Thomas:

*“Preciso conversar com você e o Dante, podem me encontrar no restaurante hoje à tarde?”*

*“Você não foi para Paris?” Pergunto.*

*“Não, preciso resolver umas coisas antes.”*

*“O.K. Vou ver com ele.”.*

*“Por favor.”*

Fico me perguntando o que ele queria conosco, espero que não seja outra armação e que tenha caído na real.

Depois de terminar meu café da manhã, resolvo visitar minha família, já havia notificado eles que tive que postergar a viagem. Ficaram preocupados, mas dei um jeito de tranquilizá-los. Assim que estou em frente à porta da minha casa, vejo Jake sair da casa da minha melhor amiga, me escondo para que ele não veja que eu o peguei em flagrante e, quando ele saiu com seu carro corro para a porta de Morgan. Toco a campainha e ela abre ainda de pijama.

— Esqueceu alguma... — Ela estava bocejando e se espanta ao me ver. — Rosalie?!

— Eu sei muito bem quem a senhorita esperava encontrar, quero que me conte tudo — me enfio para dentro de sua casa.

— Não é para você estar em lua de mel? Por acaso abandonou seu marido? — Questiona intrigada.

— Não, nada disso. Vou te explicar tudo — me sento no sofá e logo me lembro que poderia encontrar alguém que está muito puto comigo. — O Chase está aqui?

— Não, ele não dormiu em casa.

— Mas ele está bem?

— Está, liguei para a Jass.

Deus, é sério que ele teve a coragem de procurar a ex-namorada?

— Eles ainda estão juntos?

— Não faço ideia, cansei de ser babá do meu irmão. Então, ele que se vire — dá de ombros, ela parecia muito relaxada. Sei muito bem o que a deixou relaxada. Mais cedo tive essa sessão de terapia.

— Hmm... você está bem diferente.

— Quer café? — Ela caminha até a cozinha e eu a sigo. Morgan pega o bule da cafeteira e serve duas xícaras antes mesmo que eu responda, ela me conhece muito bem para saber que não recuso café.

— Vai me contar sobre o Jake? Pensei que odiasse ele. — Investigo aceitando a xícara de café. Ela e o cozinheiro da Tasty House haviam trocado muitas farpas nos encontros que tiveram.

— Bom, eu ainda odeio. Ele me irrita mais do que tudo, mas fode tão bem que... bom, acho que posso suportar sua personalidade.

— O quê?! — Fico chocada com sua resposta.

— Preciso ser sincera, ué.

Tomo um gole do café e acabo concordando. Continuamos o assunto sobre seu novo relacionamento na sala. E depois eu acabo contando tudo que aconteceu no casamento que eu ainda não havia lhe dito.

— Meu irmão merece uns tapas, acho o Joshua bem gostoso. O que deu no Thomas? E que bela maneira de conhecer a sogra, hein? — Ela dá seu parecer.

— Foi desastre em cima de desastre.

— Bom, pelo menos o Dante vai resolver de vez seus problemas familiares.

— Espero que sim.

Morgan se levanta e pega mais café e traz alguns biscoitos para nós.

— Tenho uma fofoca pra você. — Diz entregando a xícara reabastecida para mim.

—Ai meu Deus. O quê? — Foco toda a minha atenção.

— O Jake estava me contando que ontem o Thomas solicitou que só a Clare e a Alana fossem no restaurante e hoje mandou um recado para que todos cheguem mais cedo para uma conversa.

— O que será que aconteceu? — Fico me perguntando se ele havia visto a câmara de vigilância.

— Não faço ideia, ele me disse que as coisas estavam estranhas desde que o Thomas decidiu ir a Paris e não cogitou levar a Clare. Todo mundo acreditava que eles acabariam se casando um dia.

— E o Jake sabe por que eles nunca ficaram juntos? — Viro-me de frente para ela no sofá, não quero perder nenhum detalhe.

— Eu vou te contar, só que ele me pediu para guardar segredo, o.k.?

— Claro.

— É sério, não conte a ninguém. — Olha-me firme.

— Não vou contar, fala logo — fico apreensiva com tanto mistério.

— Bom, o Jake é um dos melhores amigos do Thomas e sabe muito sobre ele e, eu acabei arrancando dele algumas coisas. Você sabe que o Thomas e a Clare são amigos desde a infância, certo?

— Sim, eu sei.

— Pois bem, a mãe da Clare trabalhava na fazenda deles e foi indicada pelo irmão do pai do Thomas.

— Tá, mas o que isso tem a ver? — Estou impaciente.

— O Thomas confidenciou que ouviu a conversa do pai com o tio há muitos anos, em que o pai acusou o irmão de ter um caso com a mãe da Clare.

— E? Desembucha logo.

— A Clare pode ser prima do Thomas.

Quase tive um infarto naquela hora.

— O quê? Primos?!

— Exatamente.

— Ai meu Deus! — Exclamo surpresa. Isso está pior que novela mexicana. — E a Clare não sabe disso?

— Não sabe.

— Uau. Por essa eu, eu não esperava.

— Muito menos eu.

— Agora faz sentido toda essa lenga-lenga por parte dele, sendo que claramente rola um sentimento, é por isso que ele sempre a rejeitou. — Digo, pensando em todos os momentos que já os vi juntos, sempre achei que rolava uma química ali.

— Está com pena dela? — Morgan pergunta, sabendo que eu tinha uma rivalidade com a Bauer.

— Eu até ficaria com pena dela, mas a Clare é traiçoeira e descarada.

— Concordo com você, quando ela descobrir será um baque.

— Ele deveria ter contado a ela, deixou-a alimentando esperanças todo esse tempo.

— Parece que ele não contou porque a Clare tem uma verdadeira adoração com o pai, o pai que ela acredita ser biológico.

— Isso é bem complicado, mas não tenho pena.

— Muito menos eu. — Morgan está comigo nessa.

Continuamos a conversar até que ela precise sair para o trabalho, minha amiga tinha uma consulta antes do almoço, por isso, nos despedimos e eu vou até minha casa. Aperto a campainha, entretanto ninguém me atende, por isso pego a chave reserva. Abro a porta e dou de cara com meu avô e vovó dançando *My Girl*, do *The Temptations*. A música deles. Estão tão lindos e absortos um no outro que eu não quero estragar o momento, por isso eu apenas fecho a porta novamente e vou embora de fininho.

Meu coração bate forte no peito sentindo que o meu plano de os aproximar deu muito certo.



Dante confirmou o encontro com Thomas no restaurante e eu disse que o encontraria lá, já que queria conversar com o melhor amigo dele antes. Assim que chego, nós dois nos sentamos no bar e o ouço antes de tudo, já que esse foi o seu pedido assim que me viu:

— Eu vi a câmera de segurança daquele dia, vi que a Clare mentiu e consequentemente a Alana também. — Ele está nervoso, e parecia triste.

— Que bom, finalmente você percebeu a verdade.

— É... Quero te pedir desculpas.

— Tudo bem, isso já passou. Só não esperava que você se virasse contra mim e inventasse mentiras para o Dante.

— Escuta, o Jordan sempre foi um bom pai para o Dante e um grande tio para mim, como eu não ia acreditar nele quando me implorou para te testar?

— Eu entendo seu lado, mesmo assim, foi traiçoeiro. — Não pretendo aliviar para ele, mesmo sabendo que havia sido manipulado.

— Concordo, eu não quero limpar minha barra, quero apenas fazer justiça aqui. Ouça o que eu tenho a dizer e depois você me diz se aceita ou não, tudo

bem?

Confirmo com a cabeça.

— Adiei meu compromisso em Paris essa semana, mas preciso estar lá para o curso semana que vem. Perdi a minha subchef, já que eu a demiti por abuso de poder e, para piorar, estou em desfalque na gerência também.

— Hum — continuo escutando.

— Então se você estiver disponível, quero te pedir para que volte à cozinha. Não como estagiária, mas como cozinheira. — Lança-me um olhar de súplica. — Pretendo subir a Lia de cargo para que substitua a Alana e, por conta disso, a vaga dela estaria disponível.

— Eu... Eu não sei não.

— Sei que trabalhou com o Antoine e já presenciei suas habilidades. Você é muito capaz.

— Agora confia em mim?

— Sim, eu confio, e me perdoe, por favor, me perdoe. — Encontra meus olhos e de alguma forma, aqueles olhos bobos acabam quase me convencendo.

— Eu não sei... Pretendo fazer o curso na escola de culinária, talvez eu não tenha tempo.

— Você pode fazer o curso pela manhã e trabalhar aqui à noite.

— Bom... Eu vou pensar sobre isso. — É claro que gostei da proposta, porque minhas habilidades seriam testadas ao extremo, trabalhar oficialmente como cozinheira era o que sempre almejei, só estava com medo de aceitar tanta responsabilidade depois de ter sofrido um baque na Tasty House.

— Ótimo, eu espero sua resposta.

— Você quer beber algo até o Dante chegar?

— Pode ser um gin com tônica. — Digo e ele vai atrás do balcão para preparar a bebida.

— Você pode escolher não me contar, só que estou curiosa sobre a Clare... Você a demitiu?

— Sim. Ela não era confiável. — Vejo sua mandíbula endurecer.

— Vocês eram melhores amigos e ela parecia te amar... — Meu coração mole sem querer mandou em minha boca.

— Será? Não sei se ela me amava, pois na primeira oportunidade foi dizer ao Dante que eu te chamei a Paris, tudo porque ela tinha um ciúme louco. Desde que você chegou aqui, ela te viu como uma ameaça. — Ele mistura a tônica com o gin.

— Eu? Por quê?

— Porque eu tive certo interesse em você, mas não passou de interesse porque sempre achei que você namorava o Chase. — Diz e eu estou pronta para interceptá-lo, contudo ele me para. — Fique calma, não é uma declaração, já adianto que isso ficou no passado. Esse interesse morreu quando descobri que você era a garota do meu melhor amigo.

— Oh... — Nem tenho resposta para isso.

— Isso não é para te constranger. — Serve-me a bebida e passa a fazer uma para ele. — Pra ser sincero, eu sempre gostei muito da Clare, mas deixei esse sentimento de lado por muito tempo — balança a cabeça. — Sou tão burro que entendi tudo errado.

— O que quer dizer?

— Estive enganado a vida toda. — Suspira.

— Sobre?

— Sobre eu e a Clare... — E então ele passa a me contar o que Morgan já disse sobre ele acreditar que eram primos. O que me chocou era que ele confidenciou esse segredo para a Clare na noite passada. E isso não era o pior, porque ela deixou claro que Thomas se enganou e que eles não eram primos.



— Como você sabe que é verdade? Ela mente muito.

— Eu liguei para meu tio e o perguntei. Aquela dúvida do passado já havia sido resolvida há muito tempo, as datas não batiam, Clare não tinha como ser minha parente.

— Meu Deus, isso é um alívio, não?

— Não é. Porque agora tenho certeza de que não deu certo porque não era pra ser. A Clare não é quem eu imaginava e eu não a quero do meu lado nunca mais.

— Isso não é extremo?

— Não. — Ele está irredutível e eu o entendo, também não perdoaria fácil.

Paramos o assunto quando vemos Dante entrar pela porta. Sua feição não está ruim, parece aliviado, era como se tivesse tirado um grande peso de suas costas.

— E então, como foi? — Pergunto a ele que se aproxima e me dá um beijo no topo da minha cabeça.

— Tudo bem, tem coisas que não podem ser mudadas.

— Você a perdoou?

— Isso é um longo caminho que eu e ela precisamos percorrer.

— Certo... Eu vou deixar vocês a sós para conversarem — me levanto e pego minha bebida.

— Posso fazer um sanduíche na cozinha, chef? — Questiono a Thomas, acabo chamando-o de chef pela força do hábito. Ele assente e eu corro para fugir da tensão que emanava dos dois.

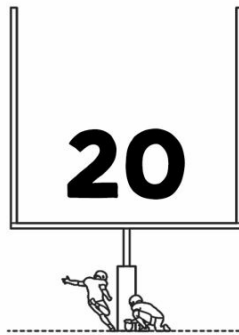
Depois de dois sanduíches e perder um tempo no Instagram, Dante me chama para ir embora. Não sei o que eles resolveram, pois suas expressões não denunciavam o que aconteceu entre eles. Por isso, só consigo saber de tudo quando entramos no carro.

— O meu pai é impossível. — O Hurrón fala e já descubro que Thomas

contou tudo a ele.

— E o que pretende fazer sobre ele?

— Deixá-lo. Romper laços. Essa é a minha decisão final e eu não mudarei de ideia.



**LIMÃO**



## Capítulo 20

Um mês depois...

Ir a Itália ficou para nossas próximas férias. Decidi trabalhar na Tasty House e ocupar o lugar de Lia, já que ela subiu de cargo, pois era uma oportunidade para a minha carreira que eu não poderia perder. Sonho em abrir meu restaurante um dia e só conseguirei isso se me esforçar o máximo possível. Comecei o curso no *Institute of Culinary*, na categoria *Culinary Arts* e estava adorando, embora a minha rotina esteja bem pesada, mas sei que vale cada centavo que investi.

Dante rompeu definitivamente seu relacionamento com o pai. Jordan descobriu que Caroline estava de volta, contudo não se aproximou dela em nenhum momento. Ele sempre soube do paradeiro dela, já que interceptava as cartas da ex-esposa para o filho.

Luke e Florence haviam viajado e não tínhamos notícias sobre eles. Espero que sejam felizes bem longe de nós. Embora eu acredite que a modelo ainda quer dar sua cartada final.

Eu estava em um híbrido de emoções, em êxtase porque a pré-temporada da NFL havia começado e chateada porque Dante está confinado no Quest Diagnostics há três semanas. Nós nos víamos algumas vezes, mas com pouca frequência, já que ele estava com foco total no treino e precisamente com o foco total em derrubar Kalel.

Era segunda-feira, folga do restaurante e eu já havia saído do curso. Checo meu celular e noto que recebi uma mensagem do Dante:

*“Ei, preciso de um favor. Deixei uma mochila na minha antiga casa, na mudança acabaram não trazendo, tem como você pegá-la pra mim? Meu pai não está lá, já deixei o Jimmy avisado. A mochila é azul com o logo dos Giants.”*

Respondo positivamente e dirijo até a casa dele. Já não usávamos mais o serviço de Phillipe, não porque não gostava dele, na verdade eu o adoro, mas acho completamente desnecessário alguém dirigir por mim mesma. Por isso, acabei ficando com um dos carros de Dante para me virar sozinha entre o curso e o restaurante.

Assim que chego na residência sou liberada, já que um dos empregados foi avisado. Logo que entro na casa sou recepcionada por Bowie e Jimmy:

— Oi garotão, como você está, BowBow? — Abaixo para acariciá-lo. — Nós vamos te buscar em breve, hein? Assim que seu pai ganhar mais um anel de campeão. — Planejávamos ir para uma casa assim que terminasse a temporada. Já que, agora, na maior parte do tempo eu ficaria sozinha no apartamento, ou melhor, indo de um compromisso ao outro.

— Senhora, eu não encontrei a mochila que o senhor precisa.

— Oh, não me chame de senhora, por favor. Já te disse isso, é Rosie.

— Perdoe, Rosie... — Tem dificuldades de deixar a informalidade. — O senhor Jordan, na fúria, jogou todas as coisas que o senhor Dante deixou no porão. Eu estava procurando, entretanto está na hora do Bowie passear, se ele não esticar as pernas fica o dia inteiro dolorido.

— Eu posso procurar. Não se preocupe, eu me viro.

— Não posso deixá-la fazer o meu trabalho.

— Não é o seu trabalho, vamos, me mostre onde é que eu procuro.

A contragosto ele me guia até o porão, logo vejo que havia muita coisa ali de Dante. Bolas de futebol, caixas de roupas, DVD's antigos, uma infinidade de pertences que não caberiam no apartamento. Preciso urgentemente fazê-lo doar tudo que não é mais útil.

Depois de eu muito insistir, Jimmy me deixa procurar pela mochila sozinha. Acabo me divertindo vendo os pertences de Dante e seu gosto cult para filmes. Fuço uma pilha de livros e acabo vendo que não só tinha coisa de

Dante ali, como também de Jordan, livros e papéis sobre sua antiga empresa estavam empilhados.

A minha curiosidade foi maior, comecei a remexer em tudo só para ver o que poderia encontrar ali. Mas não encontro nada de especial. Dou uma boa olhada e afasto uma outra caixa, aonde finalmente encontro a mochila que Dante queria. Coloco-a nas costas e pego um dos livros de Jordan na mão para colocá-lo no lugar. Quando estou prestes a fazer isso, passos me assustam e me fazem derrubar o livro.

Afobada, abaixo para pegá-lo e noto que há uma carta no meio desse livro. Não, eu não deveria mexer. Não ouço minha voz interna e acabo pegando-a na mão. Leio rápido: “*Para: Jordan, De: Caroline*”.

Ouçó o barulho da escada rangendo, alguém está vindo.

Guardo rápido a carta na minha bolsa e me movo para sair do porão. Assim que abro a porta dou de cara com uma figura séria e autoritária.

— Desculpe, vim pegar algo do seu filho, mas já estou indo embora.

— Espere... — Não me dá espaço para sair. Será que ele vai me xingar? Dar uma bronca? Algo assim? — Como está o Dante?

Desconcerto-me com sua pergunta. Então ele está preocupado com o filho?

— Ele está bem, depois de tudo, depois de ser enganado pelos próprios pais, ele está bem. — Não deixo de alfinetá-lo.

Fica pensativo por um tempo e depois diz:

— Se ele pode perdoar a mãe, ele também vai me perdoar.

— Não sei se ele vai perdoá-la, e muito menos você. Mas, já que estamos aqui, vou te perguntar uma coisa. Qual é o seu problema comigo? Por que não gosta de mim? — Cerro os dentes mostrando que eu não iria me amedrontar.

Faz uma careta em resposta e acaba espirrando.

— Preciso pedir que façam uma faxina aqui, está cheio de pó.

— E eu preciso de uma resposta. — Forço um sorriso.

— Não é que eu tenha algo contra você, senhorita. Mas um casamento não é o que eu projetava para Dante.

— Por que não?

— Porque casamentos não dão certo. Principalmente com mulheres do Tennessee.

— Sua própria experiência não é parâmetro.

— Não tenho o que discutir com você. Só tenho a dizer que eu não sou o vilão como vocês imaginam.

— Sabe de uma coisa? Eu não acredito que haja vilões e mocinhos, somos pessoas imperfeitas que tentam conviver.

— Eu estou apenas protegendo o Dante.

— Do quê?

Coloca as mãos nos bolsos, olha para o chão e murmura:

— Do amor. Ele machuca.

— Você não conhece o amor. Então, se me der licença, preciso sair.

Ele coça o queixo, me olha por poucos segundos e dá espaço para que eu saia pela porta. Só me dou conta que estou segurando minha respiração quando meu pé deixa o último degrau da escada. Deixo a casa com um desconforto no peito, seja o que for que Jordan quis dizer, eu espero que não tenha mais segredos que possam machucar Dante.



Parei em frente ao Training Center e minha entrada foi liberada. Não era permitido visitas, mas acho que meu marido deu seu jeito. Se eu não tivesse que entregar algo a ele, estaria tirando milhares de foto do local. Fico

parada em frente à área do refeitório e ele vem até mim. Dante está usando uma camisa cinza com o logo do NY e um short azul escuro, seus cabelos estão molhados denunciando que ele havia acabado de tomar um banho. E caramba, como está bonito.

Os dias que ficamos juntos no apartamento curtindo nossa lua de mel improvisada foram incríveis, notei que Dante era uma pessoa muito organizada e que gostava de acordar cedo, diferente de mim que gostava de acordar depois das dez. Nós gostávamos de filmes mais antigos, embora eu prefira os de romance e ele os de ação.

Não compartilhávamos o mesmo banheiro, cada um tinha o seu, por isso nunca brigamos por bagunça. E posso afirmar que o banheiro dele é muito mais arrumado que o meu. Apesar do Hurren ter muito dinheiro, optamos por não ter alguém fazendo as tarefas o dia todo, somente quando necessário.

Não somos um casal perfeito, tínhamos nossos problemas, nossas diferenças de personalidade. Mas, acima de tudo, nos respeitávamos e nos amávamos, e estávamos dispostos a cuidar um do outro de todas as formas, acho que isso já é um dos pilares mais importantes para manter um casamento.

Dante se aproxima de mim tirando-me do meu devaneio e sem dizer nada me pega pela mão.

— O que está fazendo?

— Vem comigo. — Puxa-me e nos esgueiramos pelos corredores. — Os caras estão no treino, dá tempo de ficarmos um tempo sozinhos. — Diz e consigo notar quais eram suas intenções. Rápido ele abre a porta de um dormitório e nós entramos.

— Não vão nos pegar?

— Não. Temos meia hora.

Jogo a mochila das minhas costas e retiro a minha bolsa do corpo.

— O que pretende, Hurrón?

— Dar uns beijos na minha esposa. Estava com saudades. — Ele sorri levemente. E eu sorrio, porque eu também estava com saudades e ouvir isso dele me deixa em êxtase.

— Estava com muita saudade, é? Não se cansou de me beijar? — Murmuro entre o beijo. Ficamos a maior parte do tempo do mês de recém-casados deflorando a boca um do outro.

— Muita. — Suga meus lábios. — Jamais vou me cansar dessa sua boquinha tão gostosa, rosada, macia... — Beijamo-nos com tanta vontade, como se fosse a primeira vez que experimentávamos os lábios um do outro. Deliro quando começa a descer as mãos pelo meu corpo. — Espera, espera um pouco. — Afasta-se inesperadamente. — Eu te chamei aqui porque tenho algo pra você.

Respiro fundo e acabo olhando para o quarto. Era um dormitório simples, parecia com um dormitório de faculdade, duas camas de solteiro, paredes brancas e uma azul, logo dos Giants na parede, e um armário em tom cinza. Estava tudo muito bem organizado.

— Quem é o seu colega de quarto? — Pergunto.

— Ah... O Joshua. — Fala como se não fosse nada demais. Engulo em seco, lembrando que não seria muito bom sermos pegos por ele. — Mas não se preocupe, ele está no treino. — Dante abro o armário e pega algo.

— Estamos fazendo um mês de casados e eu quero te dar algo — vejo que ele está segurando uma caixa revelando um novo colar.

— Desde que o colar de cacto se quebrou, fiquei pensando em outra coisa que te fizesse lembrar de mim.

— Ai meu Deus, isso é sério? — Questiono vendo que era um colar com um pingente de limão. O pingente era de um limão amarelinho, siciliano, e o cordão era dourado.



Lembro-me de quando eu o chamei de limãozinho quando estávamos trocando farpas, após ele noticiar nosso noivado falso para a mídia.

— *Os jornalistas estão terríveis hoje, não, minha framboesa?* — *Ele havia me provocado e eu o provoquei na mesma moeda:*

— *Terríveis, mas não tanto quanto você, meu **limãozinho**.*

— *Limãozinho?*

— *É a fruta que eu menos gosto.*

— *Aposto que você não vai fazer cara feia se chupar o limão.*

Dante coloca o colar em mim e sorri satisfeito.

— É lindo, mas eu não preciso de um colar para me lembrar de você, porque eu estou sempre te sentindo em todas as partes de mim.

— Agora eu estou literalmente perto do seu peito. Que tal? — Enreda a mão em minha cintura e o beijo empurrando-o direto para a cama. Imediatamente uma energia sexual toma conta do dormitório.

— Essa é sua cama? — Pergunto me afastando ligeiramente e ele concorda com a cabeça. Então eu continuo a beijá-lo, puxando seus lábios, amando seu gosto. E desço, chupo seu queixo, pescoço, traçando minha língua em cada ponto de desejo. Um gemido escapa de sua boca e eu não quero parar, continuo descendo e puxo sua camisa com as mãos.

— Não podemos fazer isso aqui... E se... Porra... — Não consegue falar porque eu estou com a mão em seu short, mais precisamente com a mão em seu pau. Acaricio através do tecido, sentindo-o rijo em minha mão.

Arfa mais uma vez e sei que se continuarmos assim alguém nos ouvirá, por isso olho para ele e digo:

— Eu amo seus gemidos, mas se continuar assim, alguém nos ouvirá. — Sussurro.

Pisca um pouco atordoado e engole a saliva antes de dizer:

— Devemos parar.

— Não. Não devemos. — Continuo a acariciar. Não é o bastante. Quero tatear a pele e senti-lo pulsando não só nas minhas mãos, como também na minha boca. Não é a primeira vez que vou tentar algo assim com ele, só que é a primeira vez que vou pedi-lo para me ensinar. — Só relaxa.

Não deixo dúvidas do que quero fazer, pois puxo toda peça de roupa que estava evitando um contato mais íntimo. Definitivamente eu quero *chupar o limão*. E espero não fazer cara feia. Ele relaxa como eu queria, pois se recosta na cabeceira da cama, ficando levemente sentado e pronto para permanecer à mercê do meu toque.

Fico sentada no meio das suas pernas abertas e uso a mão esquerda para acariciá-lo. Olho-o fixo e começo a me abaixar. Toco seu pau primeiro com a mão. Masturbando-o. Quem disse que desejo não pode ser tocado? Ele está latejando na palma da minha mão.

Depois, com a ponta da língua, dando voltas de maneira diligente, faço suspense. Ainda não o chupo, só quero provocá-lo. Ele desfruta do meu toque, seu maxilar está tenso, segurando um gemido.

— Me ensina, me mostra como você gostaria. — Peço.

Dante está surpreso, mas logo se deixa levar pelo meu pedido:

— Coloca o máximo que você conseguir na boca, de uma vez.

Suas bochechas estão coradas denunciando sua excitação. Por isso faço exatamente o que ele pede, aos poucos vou abocanhando o comprimento até o máximo que eu conseguia. Não consigo colocar tudo, só que já é o suficiente para fazê-lo delirar.

— Hmmm... Assim, gosto bem molhado... — Guia mais uma vez enquanto eu começava o movimento de sucção. Comecei a chupar com mais força e ele agarrou meus cabelos. Gemi com o pênis na boca e olhei para cima, sugando com mais entusiasmo, mexendo a boca com vontade, rápido, rápido, sem parar.

Dante está gostando da visão, sei que está, porque vez ou outra olho para ele e seus olhos estão ora no meu decote, ora fixados na minha performance.

— Porra... — Grunhiu. — Sim, sim, aperta um pouco mais. — Pede e sigo sua ordem. Deixo que a saliva se forme em minha boca para ajudar na lubrificação e o chupo firme, apertando as bochechas, como se eu estivesse dizendo a palavra “*purple*” — eu havia feito o dever de casa.

Meus cabelos estão atrapalhando e percebendo isso, Dante os agarra, reunindo-os em sua mão para me ajudar. Sugo cada vez mais rápido, apertando e relaxando a boca quando necessário. À medida que os movimentos se intensificam sinto-o cada vez mais rijo em minha boca.

Gemi sem querer ao senti-lo tão entregue, sei que estamos enrascados se formos pegos, mas no momento estamos rendidos pelo prazer.

Continuo a sugar. Cada vez com mais intensidade do que antes. Ele está quase, contudo não quero terminar tão já. Por isso subo toda a extensão e tiro da boca para alternar com minha mão.

— Aonde você gosta mais? Aqui? — Dou uma leve mordiscada na base apenas com os lábios, sem usar os dentes. Depois, passo a língua na pele sensível de suas bolas. Dante se remexe na cama segurando mais um gemido.

— Caralho, Rosie.

Dou um sorriso satisfeita. Já havia percebido que ele tinha um ponto fraco.

— E aqui? — Pergunto sobre a glândula. Outro ponto também sensível, talvez o mais de todas as terminações nervosas.

— Gosto com a ponta da língua. — Responde.

É exatamente o que faço, com a ponta da língua rodeio a glândula rosada e faço movimentos de subir e de descer, ora, apenas esfrego a língua. Depois o pego desprevenido e volto a abocanhar, indo mais fundo do que já havia conseguido. Não respiro por um minuto até conseguir o meu limite, sinto-o quase todo, engulo. Volto a respirar e subir um pouco mais a boca. Sinto-o

tremar. Eu também estou tremendo.

Tiro-o da boca para respirar.

Dante está quase no ápice, sei pelo líquido perolado que surge na ponta do seu pênis.

— Você não precisa engolir — diz com a voz rouca.

— Eu sei, mas quero tentar.

Dito isso volto com tudo, com os movimentos contínuos, com a boca apertada, sentindo o gosto dele e o gozo quase vindo. O membro lateja. Ele goza. Eu quase não sinto o líquido em minha língua, pois a extensão estava quase toda em minha boca, por isso o gozo desce rápido pela minha garganta. Não é ruim. Aos poucos, subo minha boca devagar e limpo a última gota de prazer com o dedo polegar.

Ainda com a expressão de extremo deleite, se recuperando, Dante abre um intenso e delicioso sorriso.

— Isso foi... Foi incrível. — Está quase sem ar. — Vem... Vem aqui — abre os braços para que eu encoste em seu ombro. Abraça-me. Eu o abraço de volta.

— Meu presente de aniversário de casamento — digo e acabamos rindo.

— E eu quero te recompensar — seus dedos movem vagarosamente até minha coxa, no entanto param quando ouve passos fora do quarto. Dante veste muito rápido a bermuda e a boxer e me olha aflito.

Apreensivos, esperamos em silêncio até que os passos acabam sendo silenciados. Levantamo-nos e caminhamos até a porta. Meu marido a abre e olha pelo corredor.

— Não tem ninguém... — Suspira aliviado, fechando-a novamente.

— Acho que é melhor eu ir.

— Desculpa, prometo te compensar na próxima.

— Tudo bem, mal posso esperar pra te ter de novo comigo, todos os dias.

Dante beija meus lábios e me abraça, ficamos agarrados curtindo nosso momento juntos, como se fosse o último. Morríamos de saudade um do outro, morria de saudade de tê-lo ao meu lado e em minha cama.

Despedimo-nos, mesmo sem querer.

Quando estou a caminho do estacionamento acabo dando de encontro com Joshua todo suado. Ele tira o cabelo do rosto e intercepta a minha saída de fininho:

— E aí, fã número um dos Giants.

— Olá, running back — o cumprimento formalmente.

— O que faz aqui? O Hurron é cheio de regalias, hein? Recebendo visita no meio do dia. Já não basta o técnico aliviar o treino pra ele por conta daquela lesão.

— O que? Como assim? — O Dante mentiu também para o técnico sobre a lesão? Não é possível, Randy descobriria.

— Não sabe sobre a lesão? A que fez ele ficar um tempo fora do campo e jogar mal...

— Ah... Eu... Eu sei... — Essa história não está me cheirando bem. A lesão não era mentira?

— Aquele orgulhoso demorou tanto pra falar pra mídia e admitir que não poderia dar o mesmo desempenho que antes. — Limpa o suor da testa.

— Oh... Sim... Ele demorou para admitir.

— Tenho que ir. Te vejo por aí — pisca pra mim. — Nos deseje sorte nos próximos jogos.

— É claro, go Giants! — Vibro por fora, mas por dentro estou extasiada.

Sinto-me mal por várias coisas, por tê-lo julgado todo esse tempo. Sinto-me idiota pelos protestos, e as alfinetadas. E estou chateada porque até hoje, mesmo eu sendo sua esposa, ele ainda não teve a coragem de contar isso a mim. Isso me faz perguntar, mesmo que sem querer, o que mais Dante

esconde?



Quando chego em casa a primeira coisa que faço é finalmente abrir a carta, a curiosidade está me corroendo, será que era essa a carta que Caroline deixou para Jordan antes de ir embora? Será que havia neste conteúdo algum segredo? Sei que estou sendo invasiva demais, mas foda-se. Preciso saber, minha intuição diz que tem algo que eles ainda escondem.

Estou pronta para honrar a minha promessa de saber tudo sobre a família Hurron. Sento-me no sofá e abro o envelope. Pego o papel e começo a ler.

*“Jordan,*

*Isso é um adeus. Nós sabíamos que esse momento chegaria, sabíamos que o nosso relacionamento tinha um tempo de vida, ainda mais porque começou com uma mentira. Você forçou o David a ficar longe de mim, e me enganou. Apesar de tudo, eu te perdoo, porque você me deu um filho lindo. Ele é especial e se eu não tivesse te encontrado, jamais o teríamos.*

*Não sei ainda onde vou ficar, mas quando eu me estabelecer volto para buscar o Dante. Por favor, não me impeça de levá-lo, sei que tem seus recursos, no entanto seria crueldade manter um filho afastado de sua mãe. Faça isso por ele, não por mim.*

*Eu não odeio você, mas também não te amo. No entanto, te respeito por ser um bom pai para os meninos, mesmo que Dante não seja seu filho...”*

Paro de ler na mesma hora, o choque de ler a última linha me faz anelar, leio-a várias vezes para ter a certeza de que li Dante e não Luke. Então a minha intuição estava certa. Havia um segredo entre eles que ainda não havia

sido revelado. Eu só não esperava que fosse isso.

Dante não é filho de Jordan e algo me diz que nem ele e nem Caroline vão lhe contar.

Emocionalmente abalada passo a mão pelo rosto. Mas que merda. Estou ferrada, ferrada por segurar esse segredo em minhas mãos. Sem querer, acabei de mexer em um vespeiro e agora não tem como tirar a mão sem sair ilesa. Meu Deus. O que eu faço?



**HERÓI**





## Capítulo 21 - Dante

Quando eu era pequeno tinha medo do escuro, medo que não sei em que momento começou e que se intensificou aos dez anos. Não conseguia dormir se pelo menos a lâmpada do abajur não estivesse acesa. Então, minha mãe se certificava de me deixar seguro. Eu tinha vergonha, porque Luke sempre me zoava dizendo que eu já era grande demais para ser tão medroso.

No escuro tremia com medo de algo que eu não podia ver. Preocupado, um dia meu pai veio até a mim no meu quarto e me disse:

— Como você vai superar seu medo se escondendo dele? — A figura alta à minha frente sempre foi muito séria e imponente. Não soube responder à pergunta, mas tentei de alguma forma fazer com que ele ficasse:

— Papai, pode ficar aqui? Pode dormir aqui? — Eu supliquei.

Então ele apagou a luz do abajur e acendeu a luz do quarto.

— Você tem algum papel aqui? Lápis?

Eu disse que sim e indiquei aonde poderia encontrá-los. Ele pega um caderno de desenho e um lápis preto e me entrega logo após acender a luz.

— Desenha pra mim o que você vê no escuro.

— Mas pai, eu não consigo ver. — Estava inquieto e nervoso.

— Então do que você tem medo?

— Do que pode estar escondido — falei baixinho como se a coisa que eu tivesse medo pudesse me ouvir.

— Desenha pra mim o que pode estar escondido, o que você imagina? — Levanta uma sobrancelha. Eu sabia que ele estava cansado, vivia abatido e ocupado, com a empresa, com os treinos do Luke, mesmo assim, ainda se mantinha ali, firme para me ajudar com o meu medo.

Fiz exatamente o que pediu, comecei a desenhar o monstro que eu imaginava que vivia no escuro. Ele era redondo, tinha mãos e pés grandes,

rosto em formato de triângulo — aprender geometria na escola estava me rendendo pesadelos —, boca que saía fora do queixo e seu nariz era igual ao do Pinóquio, curiosamente o monstro não tinha olhos.

— E por que ele não tem olhos? — Notou essa particularidade.

— Porque ele vive no escuro. — Eu disse como se fosse óbvio.

Meu pai deu um sorriso:

— Você é um garoto muito esperto.

Dei de ombros e continuei desenhando até terminá-lo. Meu pai pegou o desenho e o olhou intrigado.

— Isso não parece assustador. O que acha? Não acha ele engraçado? — Olha-me e incentivando-me ao riso.

— Engraçado? — Perguntei meneando a cabeça para o lado.

— Olhe, ele não é muito, muito feio?

— Muito, muito feio — repito.

— E esse nariz? Parece que ele mente muito, não é?

Confirmo com a cabeça.

— Oh, e ele mal tem um rosto. — Começou a gargalhar e eu me vi rindo junto com ele. Rindo das características da coisa que vivia na minha imaginação.

— Você não quer acabar com esse monstro de uma vez por todas?

— Como?

— Rasgue o papel.

Olhei-o assustado, porém acabei fazendo o que disse.

— Olha só você está acabando com o monstro, Dante. Você é meu herói.

Terminei de picotar com as mãos, extasiado por realmente estar fazendo isso, como se pudesse de verdade acabar com meu medo e com minhas próprias mãos.

— Se sente melhor?

Confirmei que sim com a cabeça e ele afagou meus cabelos. Estava quase se levantando, mas eu seguro sua mão:

— Papai, pode dormir aqui? E se, se ele voltar?

Ele suspirou e aos poucos formou um sorriso em seus lábios.

— É claro, mas só se apagarmos a luz.

— Mas..., Mas...

— Eu não tenho medo porque tenho um filho muito forte, capaz de me proteger, e você não deve ter medo, Dante, porque eu sempre vou proteger você. — Abraçou-me forte e deitou-se ao meu lado antes de apagar as luzes.

— Sabe por que não precisa ter medo do escuro, filho? Porque no escuro todos nós somos iguais. E sabe o que pode nos diferenciar?

— O quê, pai?

— O que temos dentro de nós. Encontre dentro de você a luz que te fará brilhar no escuro e nunca mais terá medo.

Suas palavras foram um conforto para mim, naquela noite eu consegui pegar no sono muito rápido. Não demorou muitas noites para que nenhuma luz precisasse ficar acesa para que eu dormisse, porque dentro de mim eu encontrei a luz que me fez nunca mais ter medo: o amor do meu pai.

Hoje em dia, quando lembro desses momentos sinto uma forte angústia, porque não tive outra escolha a não ser romper laços com ele. Meu pai não ficou satisfeito em manipular só a sua família, como também tentou fazer isso com as pessoas à minha volta, tudo porque ele dizia que estava me protegendo. Parece que ele não enxerga que deixei de ser um garotinho há muito tempo, e já que ele não via isso, eu o forçaria a enxergar me afastando dele.

Não que eu tenha perdoado a minha mãe e agora esteja colocando a culpa de tudo no meu pai, na realidade eu só estava tentando sair de todo esse caos. A conversa que tive com minha mãe a sós foi esclarecedora, mesmo que

dolorosa.

Não importa quantas vezes eu pense sobre seu abandono, nunca será plausível para mim. Sei que não estou em sua pele para saber o que se passava na sua cabeça, por isso é difícil entender. O casamento com meu pai foi uma mentira mascarada de amor, um amor unilateral da parte dele. E, ele foi até as últimas consequências para a tê-la junto consigo, mas ao apertar demais, ela escorreu pelas suas mãos.

Quando nos sentamos no café e ela pediu ovos na manteiga eu me senti revisitando minha infância, o cheiro de café pela manhã, nossos momentos na cozinha e a minha ânsia de estar com meu pai, que dava a maior parte da sua atenção para o Luke. Revivo a euforia que eu sentia nos momentos em família e revivo a angústia de presenciar minha mãe em seus momentos de puro enclausuramento. Havia ocasiões que parecia que ela não estava conosco, agora percebo que essas situações ocorriam por conta da bebida.

— O que o Luke sabe? — Foi uma das primeiras coisas que perguntei. Meu relacionamento com ele estava beirando o abismo e eu precisava saber o quanto ele não disse para mim.

— Ele só soube recentemente que retornei, eu não sabia como chegar até você, por isso fui primeiro atrás dele, mesmo que ele tenha renegado a nossa família.

Quanto mais penso sobre meu irmão, mais não o sinto como irmão. Ele escolheu ir embora quando a nossa família estava desmoronando e não olhou para trás um momento sequer. E, para piorar, se já não fosse o bastante, está envolvido com a Florence.

— Hum... — Escuto absorvendo.

— Quando fui embora eu o avisei que voltaria e poderíamos morar todos juntos quando estivesse bem, eu, você e ele.

— E seu amante. — Não deixo de complementar.

— Eu te disse que não estava em meus planos encontrá-lo.

— O.k. Digamos que eu acredite nisso, prossiga.

— Apesar de eu ter feito esse convite, nunca disse para ele onde iria, tinha medo de que contasse para seu pai. Esse foi o meu último contato com ele até há poucos dias. — Continuo ouvindo-a, notando que havia envelhecido não só pelas rugas no canto dos seus olhos, como também por alguns fios de cabelos brancos perto das orelhas.

Fico triste em pensar que fiquei tanto tempo sem vê-la.

— Posso te perguntar uma coisa? — Indaguei.

— Você me dizia que meu pai não era o marido ideal — juntei as mãos e coloquei os cotovelos na mesa, pensativo. — Esse homem que está com você, David Hurren, é o seu marido ideal?

— Oh... — Peguei-a de surpresa. — Você ainda se lembra disso? — Ela adoeceu o café, mexendo a colher vagarosamente, enquanto pensava no que responder.

— É claro que eu me lembro, você enfatizou muito que o meu pai não era o seu marido ideal, e já que fugiu com esse cara e apostou todas as fichas nele, suponho que tenha encontrado o que tanto procurava.

Ela experimentou o café e o engoliu devagar, ainda tomando um tempo para pensar na resposta, até que finalmente se pronunciou:

— O marido ideal não existe. E eu não preciso me casar com todos os homens do mundo para saber disso. O que eu dizia era muito imaturo, é impossível ser perfeito o tempo todo, as pessoas têm defeitos e, acho que demorei para enxergar isso. — Ponderou olhando-me nos olhos. Vacilou por um momento e continuou: — O David não é o marido ideal, mas é o amor da minha vida, nem o tempo o apagou, nem todas as incertezas do mundo foram suficientes para que meu amor por ele vacilasse.

— E o meu pai, o que foi para você? Por que se casou com ele se amava

tanto esse homem? — Sou tocado pela rejeição que meu pai sofreu.

— Ele foi importante na minha vida, jamais vou dizer o contrário, e eu me casei porque pensei estar fazendo o certo, o Jordan dizia que me amava, eu estava sozinha, desamparada e achei que pudesse amá-lo. Mas o sentimento que eu tinha por ele não era igual ao que eu tive e tenho pelo David. — Passa a mão pelo cabelo e coloca uma mexa atrás da orelha e disse sem graça: — Pode parecer piegas, mas a verdade é que ele é o meu destino.

Fiquei em silêncio absorvendo tudo que dizia. Mesmo que eu tentasse entender seus sentimentos, ainda era difícil lidar com o fato de que ela foi embora. Pior, é difícil processar que minha mãe viveu todo esse tempo com um homem que eu mal sabia seu passado.

— Aquele dia que íamos nos encontrar, o que aconteceu? Por que não veio? — Quero saber o que aconteceu de tão importante para ter me deixado cheio de esperanças e não ter aparecido. Se é que havia motivo plausível.

— Naquele dia eu fui à fazenda ver a Mary antes de te encontrar. Fui agradecê-la por ter me ajudado e por ainda me ajudar a entrar em contato com você. Assim que me despedi dela e estava saindo da fazenda, me deparei com duas crianças brincando em um lago lá perto... — Ela coçou o queixo, relembrando os fatos. — Estava tendo uma excursão na fazenda, você lembra que era aberta a visitas?

— Sim, eu lembro.

— A garotinha estava se afogando e o amigo dela não ia conseguir salvá-la, ele estava em pânico, nem se movia. Então eu tive que pular, quando eu consegui tirá-la do lago ela parecia morta. — Seus olhos se perdem como se ela tivesse voltado no tempo e vivenciado a experiência novamente. — Eu fiquei tão assustada, pensei que ela não teria chances, mas fiz de tudo para trazê-la de volta.

— Ela sobreviveu?

— Ela ainda respirava, liguei para a ambulância e fiquei ali até o socorro chegar. Só não pude ficar e nem dizer quem eu era, isso seria complicado, então eu pedi para o garotinho fingir que a salvou, ele adorou isso. — Sorri. — Saí de lá e fui ao seu encontro, mas no fim não te encontrei.

— Entendo, pelo menos você salvou a vida dela. — Reflito.

Suspiro em silêncio pensando nos fatos. Se ela não estivesse lá, se já tivesse ido me encontrar, essa garotinha não teria sobrevivido. Isso me faz pensar que talvez haja coisas que podem ser chamadas de destino.

— Quero que saiba que eu não fui embora por algo relacionado a você. Fui embora porque eu odiava quem eu era. E ainda odeio quem eu sou. — Estende a mão para mim. Algumas lágrimas caem. — Mas uma coisa sempre foi e sempre será verdade, eu amo você, filho.

Por um momento me compadeci por suas palavras e seu toque, mas logo volto à razão quando penso que não importa quantas vezes ela justifique, ainda não consigo perdoar.

Despedimo-nos nesse dia, eu ainda não estava pronto para recebê-la de volta em minha vida, como também não estava pronto para fazer as pazes com meu pai. No momento eu só queria viver a minha própria vida.

Apesar de tudo, me senti mais leve por ouvir o que ela tinha para dizer. Eu tinha duas escolhas, guardar essa mágoa para sempre ou tocar a vida e seguir meu próprio caminho com a família que Rosalie e eu formaríamos, independente do caminho que meus pais queriam seguir.

Eu escolhi a segunda opção e mal posso esperar para viver essa experiência.



O *Training Camp* começou pesado, apesar de ser titular e estar com minha vaga garantida para a temporada, eu ainda dei tudo de mim nos treinos, mesmo Randy tentando me conter por conta da lesão que tive no ano passado.

Um dia aproveitei a oportunidade de precisar frequentar apenas a academia e chamei Rosalie para comemorarmos rapidamente o nosso aniversário de casamento, mesmo que não de uma forma tão romântica quanto deveria.

Não poderia ter sido melhor a minha ideia de chamá-la às escondidas para o centro de treinamento. Apesar do tempo ter sido curto, e não ter conseguido matar toda a saudade que tínhamos um do outro, encontrá-la fez com que meu dia se tornasse melhor.

Nosso encontro às escondidas não foi totalmente secreto porque Joshua jogou umas indiretas à noite. Provavelmente, a pessoa que apareceu no corredor era ele. O jogador me confidenciou que encontrou minha esposa próxima ao estacionamento. O que me deixou preocupado foi o que ele me disse que conversaram:

— Eu tive a impressão de que sua esposa não sabia sobre sua lesão, isso é um casamento de verdade? — Indaga. Ele sempre fazia essas brincadeiras porque não conseguia acreditar no nosso relacionamento, já que ele foi uma das pessoas que presenciou nossa antipatia inicial.

Filho da puta, se já não gastasse as suas tentativas de se sobressair em cima de mim na mídia, agora ele estava tentando abalar o meu casamento. Eu sabia que ele tinha tentado roubar a Rosalie de mim, só para me confrontar.

— Você não sabe nada sobre nós, então é melhor ficar quieto — dou meu



aviso.

Rosalie e eu temos um lema em nosso relacionamento de sermos verdadeiros um com o outro, no entanto, era difícil contar a ela tudo que se sucedeu no ano, que acabei me lesionando. Ela foi uma das principais pessoas que me acusaram de não estar sendo bom para os Giants. Contar que eu estive lesionado nesse tempo iria parecer que eu estava me autoflagelando e culpando-a por algo que já passou.

Agora sinto que tenho que contar-lhe o quanto antes sobre isso, já que acabou descobrindo por intermédio de outra pessoa.

Mais desgraçado que o Joshua só o Kalel Combis. Nos treinos estávamos tendo combates constantes. Ele sempre arrumava alguma forma de me irritar e isso já estava me tirando do sério. O babaca sabia que não podia ganhar de mim no campo, por isso tentava me desestabilizar de uma forma muito suja: falando da Rosalie.

Todos os dias eu tenho que controlar o meu ciúme e estava conseguindo fazer isso até então. Meu celular toca no meio da noite e meu colega de quarto me joga um travesseiro na cara, resmungando para que eu atenda no corredor.

Levanto da cama vendo que a ligação era da Rosalie. Será que ela queria discutir agora sobre minha omissão?

— Oi... Desculpa ligar agora... — Sussurra.

— Rosie? Aconteceu alguma coisa?

— Eu só queria ver se você está bem e... se podemos conversar o quanto antes.

Ferrou. É claro que ela está chateada. Imbecil, imbecil. Bato a mão na testa, nervoso comigo mesmo. Eu sou um idiota por ter escondido algo tão importante dela.

— Eu estou bem, também quero conversar — murmuro encostado na

parede.

— Amanhã?

— Amanhã é impossível, tenho treino pesado e não vou conseguir sair daqui.

— Quando então?

— Estou fodido essa semana por conta do jogo na quinta-feira, tenho um voo para Ohio na quarta. Então, só poderíamos nos encontrar na sexta-feira.

— Era a última semana no centro de treinamento, mas ainda nos veríamos pouco já que toda semana eu estaria em um lugar diferente para os jogos.

Estávamos indo muito bem nos jogos de pré-temporada, ganhamos os três primeiros jogos e se ganhássemos o próximo, seria possível ter uma boa perspectiva para os jogos oficiais, nos quais poderíamos almejar ser os campeões do Super Bowl. Ganhar essa temporada seria não só minha redenção, mas a possibilidade de entrar no Hall da Fama no futuro, isso não aconteceria tão já, pois eu teria que estar aposentado por pelo menos cinco anos. Não importa que demore, pretendo fazer o possível enquanto estou ativo para chegar no topo.

— Tudo bem, sem problemas — responde depois de passar um tempo em silêncio.

Fico muito preocupado, o que aconteceu? Seja o que for, estou pensando seriamente em pular o muro e ir atrás dela.

— Você pode pelo menos me dizer sobre o que quer falar? Estou ficando preocupado.

— Não se preocupe, eu posso esperar até lá.

— Me diz, por favor sobre o que é.

— É... É sobre família. — Diz após um longo suspiro.

— Sobre sua família? Aconteceu algo com o seu avô?

— Não, não. — Nega rápido.

Mil coisas se passam pela minha cabeça. Será que meu pai a procurou? Não. Ele não faria isso, já que me prometeu que ia nos deixar em paz. Minha mãe também não a procuraria, já que eu pedi um tempo para ela.

Será o Luke e a Florence? Também não, soube que os dois viajaram para Paris essa semana. Então... O que mais pode ser?

Família.... Família.

Será que... Será que ela está grávida?

Sempre nos protegíamos, contudo, há muitos casos de gravidez mesmo usando preservativo, afinal, já aconteceu de eu colocar tão às pressas que não me certifiquei se estava colocando-a corretamente.

Mas, se for isso, por que ela não disse antes? É claro, não deu tempo de conversarmos. Obviamente que ela iria querer contar em um momento especial e não às pressas. Como sou idiota, devia tê-la deixado falar e não ficar agarrando-a.

— O.k. Então, nos vemos na sexta-feira? — Pergunto e ela confirma em seguida que sim. Tento segurar a emoção sabendo que minhas expectativas podem ir por água abaixo.

— Boa sorte no jogo e se cuida, estarei aqui sempre por você. — Ela parecia diferente, mais sentimental do que o comum, será que era por conta dos hormônios?

Despeço-me sorrindo e entro de volta para o quarto de fininho. Pareço um bobo sorrindo no meio da noite, imaginando se a minha teoria estava certa. Sei que é cedo demais para pensar em filhos. E, apesar de ser tão precoce, só o fato de imaginar ter filhos com a Rosalie me deixa tão feliz.

Tão feliz que, ao mesmo tempo, me sinto triste por lembrar que não estou falando com meu pai. Por mais que pense em voltar a falar com ele e aceitá-lo de volta em minha vida, ainda não o quero tão perto, pois ele pensa tanto em me proteger que me sufoca.





Na terça-feira eu estava focado no treino de pernas, pulando na caixa quando uma fígada no joelho me fez anelar. Havia algo estranho ali, talvez eu não tivesse me alongado direito, afinal, perdi tempo demais no café da manhã. Decido treinar os braços na corda naval e encontro com Kalel fazendo o mesmo.

— Poupe seu esforço, você não vai jogar amanhã — digo a ele. — Não esqueça que você é o reserva do reserva do reserva.

— Se não for amanhã, temos muitos jogos pela frente. Por acaso tem medo de perder seu posto? — Bate a corda com força e eu faço o mesmo. Fico em silêncio e só o barulho do esforço físico de todos no ambiente eram ouvidos.

Lembro que Randy conversou comigo sobre Kalel participar de algum jogo como quarterback, para testar suas habilidades em campo, e, a possibilidade de deixá-lo jogar só existia se eu deixasse em um jogo da pré-temporada. Na verdade, acho interessante que ele jogue e mostre suas reais habilidades. Pode ser arriscado, pois ele pode se mostrar um bom jogador, mesmo assim, meu sexto sentido diz o contrário, Combis vai amarelar.

— Quer saber, vou conversar com o técnico, você joga amanhã — jogo a corda no chão e passo dando um tapinha no seu ombro.

— O quê?! — Exclama, mas eu o ignoro.

O técnico mal acredita em minhas palavras quando sugiro que o Combis jogue no próximo jogo. Mantenho-me irredutível, já que ele queria tanto provar que podia me derrubar, eu daria essa chance, pois tenho total confiança de que cairia sozinho.

Jogo as cartas na mesa e Randy as recolhe aceitando minha sugestão, no

entanto, ainda não me deixa livre de ir para Ohio, pois, caso necessário eu assumiria o posto.

— Fiquei sabendo que vai deixar o Combis jogar amanhã — Joshua me questiona, quando estávamos nos aquecendo para o treino em campo.

— Vou, por quê? Algo contra?

— Não tem medo dele se sobressair? — Levanta uma sobrancelha ao indagar.

— Não tenho medo, eu sou o rei e ele é o bobo da corte, estou ansioso para dar uma boa risada. — Paro a corrida com o joelho alto e limpo o meu suor da testa com as mãos, estava irritantemente quente.

— Vamos ver, amanhã eu não jogo, quero acompanhar isso detalhe por detalhe direto do banco. — O running back estava sendo poupado no último jogo da pré-temporada para estar como titular nos jogos regulares.

— Se prepare, vai ser um show.

Ser autoconfiante pode ser bom e ruim, mas prefiro acreditar que estou fazendo a coisa certa em pôr Kalel à prova. Ele que diz tanto que vai me superar, precisa provar que consegue pelo menos comandar um jogo de pré-temporada. Isso eu quero ver.



Na quinta-feira do pré-jogo eu estou no vestiário colocando meu uniforme, mesmo sabendo que não jogaria. Na noite anterior eu havia contado a Rosalie que não estaria em campo, mas sim no banco e isso a deixou irritadíssima. Ela acreditava que Kalel não deveria ter a mínima chance de pôr os pés em campo. Tive que tranquilizá-la e dizer minhas razões, mas isso não a deixou mais calma.

Ela parecia muito ansiosa, perguntei mais uma vez se queria me contar logo e se havia algum problema, mas me disse que preferia dizer tudo pessoalmente. Coisa que aumentou ainda mais as minhas suspeitas de uma gravidez.

— Por que está rindo sozinho? — Noah questiona.

— Nada, só estou me sentindo muito bem por não jogar hoje.

— Está se gabando por escolher ficar no banco? Eu tive que implorar pro Randy me pôr no jogo hoje. — Noah havia acabado de pintar o rosto com dois riscos abaixo dos olhos para não atrapalhar sua visão durante o jogo.

— Não estou me gabando, sei que anda difícil pra você. — Entro na defensiva rápido. Já fazia um tempo que meu amigo não andava bem e essa poderia ser sua última temporada jogando para os Giants.

— Difícil pra mim? Tá foda pra cacete. — Passa a mão pelo cabelo preto e coça a cabeça. — Você tá deixando o novato jogar, ele mal chegou e já vai jogar e eu que sou veterano tenho que lutar para manter o meu posto.

— Desculpa. Eu sei que na última temporada eu falhei com você, mas tentei de todas as formas fazer com que Randy te deixasse como regular em todos os jogos, mas ele não me ouviu.

— Cara, isso aqui é tudo pra mim. — A mão dele se fecha e os dedos

apertam a palma da mão.

— Eu sei, e tô contigo irmão, mas você precisa mostrar pro técnico suas habilidades, melhorar a defesa. Lembra das táticas que te passei na semana passada? Estude mais elas.

— Eu vou me esforçar. E o Combis, acha que ele dá conta? — Pergunta olhando rápido para o novato, que estava falando no celular em um canto do vestiário.

— Tenho certeza que não.

Gargalha.

— Hurron, você é esperto.

— Não é à toa que virei rei da NFL. — Gabo-me.

— Filho da puta metido. — Dá uma risada amarga.

Dou meu sorriso de vencedor e coloco o *shoulder pad*, a proteção de ombro. É hora do jogo, é hora de colocar certas pessoas no lugar que elas merecem. Fico no banco e observo Dener Evans e sua filha Alexia próximos ao técnico, ambos estavam ali para prestigiar a queda de Kalel. Enquanto a garota tirava muitas selfies e gritava para que seu noivo aparecesse nelas — coisa que ele ignorou completamente —, Dener cochichava algo no ouvido de Randy.

O jogo começa com o Bengals, time da casa, recebendo. Observo cada estratégia e cada passo do quarterback em campo, enquanto Joshua murmurava em meu ouvido que eu poderia estar dando um tiro no meu pé. Permaneço tranquilo, pois logo no primeiro quarto, o time rival marca sete pontos, enquanto nosso time apenas três.

Será que estou sendo muito traíra de torcer contra o meu próprio time? Acho que não, afinal, era apenas um jogo da pré-temporada inofensivo.

— Acho que você estava certo, o Combis parece um rato em campo, que porra ele tá fazendo? — O running back pergunta ao ver que Kalel a todo



momento parava para ouvir o que Randy estava falando no microfone. Os quarterbacks possuíam um capacete diferenciado com um microfone instalado nele para ter um contato direto com o técnico.

— Amador... — Seguro um sorriso no rosto.

O técnico ainda insiste em Kalel no segundo quarto, mas o troca no terceiro quarto por Dylan Green, um dos quarterbacks reserva. Combis sai imediatamente do campo e vai para o vestiário em fúria, seguido por sua noiva. No fim do terceiro quarto, o técnico opta por me colocar em campo.

A torcida vibra meu nome:

— Hurron campeão! Hurron campeão! Hurron campeão!

Sorrio lembrando-me do grito de incentivo que eles mantinham até o dia de hoje.

— Hut! — Grito para iniciar o último tempo. Mantenho a equipe focada na defesa e anuncio o ataque na hora certa, é questão de tempo para que virássemos o placar. No fim, o suor escorre pela minha testa mostrando o esforço de termos vencido por apenas dois pontos.

Meus colegas de time pulam em mim e nos vangloriamos:

— Quem nós somos? — Grito.

— Os gigantes de Nova York! — Eles dão o retorno de encorajamento.

— E o que mais? — Grito novamente.

— Os próximos campeões do Super Bowl!

— Dispersar, dispersar, estou cansado — falo querendo que saiam de cima de mim. Sento-me em campo assim que me deixam e tiro o capacete para remover o suor da minha testa.

De repente vejo alguém entrando em campo, parecia furioso, a luz do estádio ofusca minha visão, por isso tenho que me levantar. E quando me levanto consigo ver claramente que a figura intempestiva era Kalel Combis.

O que esse idiota quer? Já não foi humilhado o suficiente?

— Hurrón, seu desgraçado — fala entredentes, ficando cara a cara comigo.

— O que foi Combis? O que você quer? Já não foi suficiente o vexame que passou? — Pergunto, cara a cara com ele.

— Você — encosta um dedo em meu peito. — Você fez de propósito, não é? Sabia que eu estava nervoso, sabia que eu não ia dar conta.

— Quem escolheu ser jogador é você, não eu. Então aceita que nunca será um campeão e cai fora — falo duramente as duas últimas palavras para que ele entenda que ali não era o lugar dele.

— Vai se foder. Você vai se foder — continua a cutucar meu peito. Sabia que eu não podia fazer nada, não podia revidar, pois agressão gerava expulsão.

— Como? O que vai fazer? — Estou me divertindo com a confusão que seu rosto se torna.

— Me aguarde. — Ameaça, porém tenho certeza de que ele não sabe o que vai fazer, era um completo idiota, um cão que ladra, mas não morde.

— Vai jogar sujo? Porque só assim pra você conseguir alguma coisa. Acha que vai conseguir algo se continuar sendo capacho do Dener? Se continuar noivo de alguém que você não gosta? — Eu via claramente que ele apenas suportava essas duas pessoas com um único objetivo, o de entrar na liga, que ele já conseguiu, e me substituir, coisa que ele nunca vai conseguir.

— Você não sabe nada, absolutamente nada sobre mim. — Seu rosto empalidece.

— Eu sei sim, você é sujo, o seu jogo é sujo.

— Cala a boca — vocifera e isso chama a atenção dos outros jogadores que comemoravam em campo.

— É isso que você quer? Fazer um show ao vivo?

— Cala a boca — fala cada palavra pausadamente.

— Combis, para de latir — provoco pela última vez, pois já estava cansado de discutir com ele. Estou pronto para virar as costas quando sou pego de surpresa com um ataque.

Ele me ataca de uma forma tão inesperada e tão rápida que só sinto o impacto de sua força quando estou caído no chão. Ele não me soca, porque eu já estou nocauteado, bati a cabeça tão forte no chão que minha visão começa a ficar embaçada.

Abro a boca para gritar de dor, mas minha voz não sai.

Pisco uma, duas vezes.

Minha visão ainda está embaçada.

A dor é tanta que me causa vertigem.

Mal consigo enxergar ele saindo de cima de mim e mal vejo quem são as pessoas que se aproximam gritando na velocidade da luz.

— Hurron, Hurron! — É a voz de Joshua. — Caralho, porra...

Há um zumbido em meus ouvidos, sinto meu pescoço enrijecido, pisco mais uma vez e meus olhos não se abrem mais.



Tenho a sensação de que estou mergulhando em um oceano profundo, meus olhos estão fechados e consigo respirar tão bem, como se fosse algo normal respirar debaixo d'água. Aos poucos abro os olhos e minha visão é inundada de *azul*.

A visão me acalma, sinto as batidas do meu coração. Posso contá-las se eu quiser. Sinto-o tão calmo, como se eu estivesse em um sono profundo.

Então eu vejo, longe, tão longe a figura de Rosalie e ela dizia:

— Estou aqui com você, volta pra mim, volta pra mim.

Pisco algumas vezes e luto para me mover, luto para alcançá-la. E então, as correntezas se tornam mais fortes, as correntezas aos poucos me levam até ela. Rosalie estende sua mão para mim e eu estendo a minha para ela, só mais um pouco, só mais um pouco e eu poderei alcançá-la.

Há apenas um centímetro de distância, mas minhas pernas não se movem mais. Não consigo impulsionar-me. E de repente sinto que todo o ar foi sugado dos meus pulmões, sinto que estou sufocando porque inesperadamente, já não respiro mais e a água entrava pelas minhas narinas.

Estou me afogando e afundando sem poder nem sequer lutar. E tudo que era azul se torna escuro. Aperto os olhos, tento encontrar aquela luz, a luz dentro de mim que poderia iluminar. Encontro-a quando ouço a voz dela novamente:

— Dante, amor...

Sua voz é um impulso para que meu corpo seja guiado novamente para cima e quando finalmente minha cabeça sai da água. Meus olhos se abrem junto com a minha boca que toma o fôlego de volta.

E lá está ela.

Vê-la pode ser comparado a ver os raios de sol.

Aos poucos tomo consciência de onde estou e do que aconteceu.

Não estou no oceano e sim em um quarto hospitalar. E Rosalie está segurando minha mão tão fortemente e está chorando tanto que meu coração se parte. Quando ela percebe que acordei, o seu primeiro impulso é de me abraçar fortemente, tão forte que é possível que meu ar fuja novamente.

— Rosie... Você está me machucando — falo devagar.

— Oh... — Afasta-se abruptamente. — Eu fiquei tão preocupada, meu Deus, Dante.

— Fique calma...

— Shhh, fique quieto — coloca o dedo em minha boca —, vou chamar a médica para examiná-lo agora que você finalmente acordou.

Ainda sinto um zumbido em meus ouvidos. Engulo a saliva com dificuldade, minha garganta está seca. Tenho que lidar com alguns exames antes que possa beber alguma coisa ou comer. A médica foi bem clara, eu havia tido uma concussão.

— Não há nenhuma lesão identificada, mas você vai precisar descansar, e, precisamente, rever suas atividades físicas.

— Eu sou jogador de futebol, como posso rever minhas atividades físicas?

— Sei disso senhor Hurren, só que você terá que fazer uma escolha, repetidas concussões causam danos irreversíveis.

Assusto-me com seu diagnóstico. Era como se ela estivesse decretando o fim da minha carreira e eu não podia fazer nada. Quando estou sozinho com Rosalie no quarto, pergunto a ela:

— Como chegou aqui tão rápido?

Não havia se passado nem duas horas desde o incidente.

— Eu já estava vindo pra cá, peguei um voo porque queria muito te ver. E acho que a urgência que senti em meu coração está justificada, não é? — Ela ainda está preocupada, me olha como se eu pudesse me quebrar a qualquer momento.

Respiro devagar, pois sentia os efeitos colaterais do impacto que sofri na minha cabeça.

— Sabe o que a mídia está dizendo?

— Estão dizendo que foi uma fatídica brincadeira que deu errado. Mas acho que não é isso, é? Eu não vi, mesmo assim, sei que você e o Kael jamais brincariam um com o outro.

— Não.

— A equipe médica dos Giants, eles falaram alguma coisa?

— Eles te atenderam no primeiro momento, mas depois te encaminharam para cá, para observação.

— Certo.

Há duas batidas na porta para logo se abrir e revelar Randy e nosso gerente, Danton. Peço para Rosalie nos deixar a sós.

— Está tudo bem, Hurron? — Danton questiona próximo à cama.

— Sim, na medida do possível — respondo. — O que eu quero saber é o que pretendem fazer com o Kalel?

— Acalme-se, vamos focar na sua recuperação. Como sabe, não poderá voltar ao campo até concluir as cinco etapas de recuperação. Esperamos que seja rápido, pois dependemos de você. — Randy responde. Eu sabia que eles dependiam de mim e sabia que eu não poderia voltar para o campo tão já, mesmo sendo tão necessário.

— Eu não vou me acalmar, eu quero saber qual vai ser a punição para aquele desgraçado. Ele ferrou comigo!

— Foi uma agressão, nós sabemos que foi uma agressão. Mas estamos tentando abafar por conta da mídia. — Danton explica. — Fique tranquilo, ele está suspenso.

— Só suspenso? Eu quero que esse cara nunca mais jogue na liga esportiva profissional. — Estou furioso e não quero que haja clemência.

— Vamos cuidar disso. Só descanse. — Randy tenta pôr panos quentes como sempre. A NFL com certeza tentaria abafar o máximo possível deste incidente, pois é claro que seria um escândalo. Só que eu não estou interessado em me calar.

Ninguém vai me calar.

— Se vocês não cuidarem disso, eu vou — aviso. Em questão de minutos, se eu desse apenas uma entrevista as coisas ficariam bem feias.

— Você precisa descansar — Danton corta o assunto. — Vamos te deixar em paz.

Assenti ainda puto da vida. Eu era a vítima e ainda tinha que ver Kalel não recebendo a punição que ele merecia. Recebi mais uma visita e era inesperada:

— Joshua... — Ele foi uma das primeiras pessoas que correram para me socorrer.

— Porra, Hurron, você nos deu um susto do caralho. — Ele já não estava mais com a roupa de jogo e sim de viagem.

— Eu sei que você me ama, chorou muito?

— Vai se foder.

Gargalho, mas paro de rir abruptamente ao sentir uma físgada na cabeça.

— Não é a primeira vez que você bateu a cabeça com força, é? — Adivinha.

— Não. Já aconteceu há uns três anos, foi durante um jogo e eu estava de capacete, mesmo assim, fui removido do local pela equipe médica, contudo não foi diagnosticado lesão e eu consegui voltar ao campo pouco depois.

— Você sabe o que falam? Que vamos morrer cedo de tanto batermos nossas cabeças. — Faz piada com coisa séria e mesmo assim eu rio.

— Eu sei. Só fico pensando o que vai me parar primeiro, minha cabeça ou meu joelho. — Rio da minha própria desgraça.

Se não rirmos do que nos causa dor, quanto conseguiremos suportar?

— Seu joelho piorou?

— Nunca esteve cem por cento.

— Pretende parar de jogar? — Não pergunta isso com más intenções, parece realmente preocupado.

— Não sei.

A minha resposta é simples porque eu não tenho uma resposta ainda.

Existe um momento na jornada de um herói em que ele duvida de si mesmo, e é nesse momento que me encontro. Por mais que eu me esforce, não vejo saída.

— Pense, eu vou fazer o possível para ganharmos os jogos. Se resolver voltar, ainda há chances de ganharmos a temporada.

— Você não me odeia, desgraçado?

Éramos inimigos, ou devíamos ser, não sei quando esse limiar de inimigos para amigos foi quebrado.

— Odeio, mas também te reconheço como um cara foda, então, sai dessa cama logo e volta pro campo.

Seguro um sorriso no rosto, ele não precisa de uma resposta.

— Nos vemos em Nova York — se despede indo até a porta. — E Dante?  
— Chama-me antes de sair.

— O quê?

— Vai se foder.

Respondo-o no mesmo tom e com as mesmas palavras. O running back sai pela porta e confirmo que a barreira de inimigos para amigos havia sido quebrada. Rosalie entra de volta no quarto e logo me lembro de que ela tinha algo para me dizer.

Senta-se ao meu lado e acaricia meu cabelo tirando uma mecha que caía sobre meus olhos.

— O que tinha pra me dizer? Era urgente, não era? — Pergunto subindo a cabeça e recostando-me no travesseiro.

— Sua saúde é mais importante, meu *limãozinho*. — Faz piada mesmo estando muito séria.

Ela não queria dizer, será que estava esperando o momento ideal?

— Minha *framboesa*.... — Eu ia perguntar-lhe, mas desisto, se ela não queria dizer agora, não devo forçá-la. — Você não terá problemas de estar



aqui e não no restaurante? — Mudo a pergunta.

— Conversei com a Lia e ela me liberou, enquanto você estiver aqui eu também vou ficar.

— Já comeu alguma coisa?

— Não, ainda não. Mas não se preocupe comigo, não estou com fome. — Abaixa a cabeça e suspira alto.

— O que foi? — Pergunto quando ela levanta a cabeça. Vejo uma lágrima surgir.

— Eu tive tanto medo.

— Eu estou bem? Olha, bem até demais, só estou aqui por protocolo, tenho que ficar em observação. — Tento confortá-la.

Ela engole a saliva e aperta minha mão.

— Eu sei, só que a ficha ainda não caiu.

— Não foi grave como parece. Não é como se eu tivesse quase morrido e voltado à vida.

Lembro-me do sonho que contraria minhas palavras, a sensação era que eu tivesse pegado de volta o fôlego que foi tirado de mim. Ainda bem que sonhos, são apenas sonhos.

— Eu sei... Eu sei...

— Você sabe que já aconteceu isso comigo? Eu não te contei, mas tive essa experiência na infância. Eu quase morri afogada lá na Family Farm.

— Você ainda não me contou — foco meu olhar nela e começo a ouvir sua história, ouço cada detalhe que surpreendentemente cruza com o relato que minha mãe contou sobre o salvamento de uma garotinha no passado.

Respiro fundo, o choque é inicialmente forte, porque agora consigo entender que o destino é como a força das ondas, incontrolável. Pego sua mão e a beijo, depois revelo que quem a salvou era a minha mãe.

— Isto é sério? — Seus olhos brilham. — Eu nunca pude agradecê-la,

pois só fiquei sabendo que não foi meu amigo que me salvou recentemente.

— Sim, ela me contou que precisou mentir. Assim que voltarmos para Nova York vocês podem se encontrar.

— Se não fosse por mim vocês teriam se encontrado.

— Se não fosse por isso você não estaria aqui, e talvez eu não teria virado um jogador e talvez mil coisas seriam diferentes. — Acaricio a palma de sua mão com meu polegar. — Há coisas que parecem inexplicáveis no presente, mas no futuro as entendemos melhor.

A teoria do caos afirma que o bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez provocar um tufão do outro lado do mundo. Agora tudo faz sentido. Quando penso sobre destino, acredito que tenho que pelo menos terminar essa temporada com os Giants.

Seja o que for que estiver me aguardando, eu não vou desistir de lutar. Nunca.

Rosalie me deixa descansando e desce para comer algo no refeitório do hospital, aproveito para ver algumas notícias e me deparo com uma bem complicada:

*“Notícia urgente no mundo do futebol, Dante Hurron, jogador do New York Giants, mais conhecido como Rei da NFL, sofreu uma concussão nesta tarde. O jogador foi ferido por ninguém menos que seu colega de time, Kalel Combis, o qual já noticiamos que tem uma rivalidade forte com o quarterback.”*

A mídia já estava apurando os fatos, sabia que não iam acreditar que tudo não passou de um acidente. Principalmente por conta do histórico de notícias relacionadas ao Kalel. Deixo o celular de lado, não havia nada que eu pudesse fazer, por enquanto.

À noite minha esposa faz questão de ficar comigo no quarto mesmo eu

tentando convencê-la do contrário. Ela estava determinada a ficar comigo até eu receber alta. Estamos evitando o canal esportivo e canais de fofoca, por isso não nos sobra muita coisa para assistir na TV. Eu nem estou com vontade de fazer isso, mesmo assim tentávamos nos ocupar com trivialidades, pois estávamos com receio de conversar sobre o acidente.

De repente Rosalie tira da bolsa um pacote de M&M's de caramelo, como se fosse algum tipo de crime. Oferece para mim e eu nego.

— Caramelo é uma coisa engraçada, né? Por que as pessoas gostam de algo tão pegajoso? Quanto mais eu como, mais viciada eu fico — come um atrás do outro.

— É puro açúcar, por isso está viciada.

— Fazia um tempo que eu não comia isso, de repente me deu vontade — pega mais um —, acho que foi por conta do estresse.

Hm. Desejo.

Mais um indício.

Quando que ela vai me dizer que está grávida? É claro. Quando eu não tiver em uma cama no hospital.

— Está com medo? — Aperta os lábios e direciona seu olhar para mim.

— De quê?

— De jogar ou de não poder mais jogar?

— Podemos dizer que os dois. — Um suspiro exausto saiu da minha boca.

— É perigoso. — O medo atravessou seu rosto.

— Sempre foi perigoso. — Rebato na mesma hora. — Sei que está preocupada, mas eu não posso desistir agora.

— Tem certeza disso? — Seus olhos estão suplicantes, ela tem medo, tanto medo quanto eu. Mas, quando penso sobre isso, sobre desistir ou continuar, a única coisa que vem à minha mente é que não posso desistir. A jornada de um herói não termina quando ele encontra obstáculos.

Confirmo com a cabeça e aperto sua mão. Ela vem até mim e me beija em todas as partes do meu rosto até chegar na boca, onde se demora mais só para que eu me apaixone mais um pouco por ela. Só para que eu a ame como jamais amei outra pessoa em toda a minha vida.

Afastamo-nos aos poucos e eu digo:

— Acho que agora eu também gosto de caramelo, é viciante.

Faço-a sorrir em meio à tensão.

— Separei os azuis pra você. — Pega um punhado de M&M's e coloca em minha mão. Comi sabendo que ela não ficaria satisfeita até eu aceitar.

— É bom, não é? Hmmm? — Insiste que eu diga pendendo a cabeça para o lado.

— Sim, é bom. — Confirmo com a boca cheia.

Ela fica tão feliz que me abraça. Aperta-me forte. Já sei que gosta de abraços apertados. Beija minha orelha e sussurra:

— Eu só quero que você saiba que desistir não é retroceder.

— Eu sei, eu sei. — Suspiro.

Pressiona as mãos em minhas bochechas e me olha nos olhos:

— Você é incrível, é o meu herói. E nada, nada mudará isso.

Quero pegá-la em meus braços agora, não para retirar suas roupas, mas porque é o único momento que eu me sinto completo. A sensação de que meu coração já amava essa mulher antes mesmo de eu conhecê-la é cada vez mais forte, sinto que ela é o meu destino.



Dois dias depois de voltar a Nova York, iniciei o processo de retorno ao campo com exercícios aeróbicos moderados e acompanhamento médico. Eu estava no apartamento e Rosalie estava perto de voltar do trabalho, quando uma visita inesperada surge, meu irmão mais velho.

Apesar de ter decidido cortar os laços que me prendem à minha família, fiquei intrigado para entender o que ele queria.

— Não vai me oferecer um café? — Pergunta depois de ficarmos sentados no sofá encarando um ao outro em silêncio.

— Me poupe das suas brincadeiras.

— Calma, eu só estava tentando aliviar a tensão. — Estala os dedos.

— Fez errado, começa de novo. O que veio fazer aqui? — Levanto as duas sobrancelhas em indagação.

— Vim conversar com você, soube da concussão. Você está bem? — Era a primeira vez em muito tempo que eu o via se preocupar comigo.

— Estou, não foi grave como a mídia quis pintar. — Houve especulações que eu estivesse em coma, é claro que após a minha assessoria soltar uma nota afirmando positivamente sobre meu estado de saúde, essas notícias foram esquecidas.

— Que bom...

— Você não estava em Paris? Por que voltou tão rápido?

— Você pode não acreditar, mas foi por você.

— Por mim? Depois de agir como um filho da puta comigo a vida toda você realmente quer posar de preocupado?

— O.k. O.k. — Rende as mãos. — Você pode estar magoado, admito minha culpa. Só que você precisa entender o meu lado. Eu cresci como um

bastardo, Jordan só amava você.

— Mentiroso! Para de falar só o que você quer ouvir. Presta atenção no que você tá falando. — Não queria me exaltar, antes de começarmos a conversa eu jurei que não me exaltaria, no entanto era impossível ouvir essas barbaridades e ficar quieto. — Sério que vai deturpar tudo? Simplesmente porque você supôs que era um filho bastardo?

— Eu nunca supus nada, nunca te contei, mas eu ouvi no passado uma conversa dos nossos pais, em que Jordan disse que cuidaria do filho bastardo como se fosse seu, desde que nossa mãe ficasse com ele. — Joga as cartas na mesa e eu começo a colocar em ordem tudo que nossa mãe disse depois que voltou.

— Quando foi isso?

— Eu devia ter uns dez anos e você uns quatro.

— Hm. — Quero continuar a ouvir o que meu irmão tem a dizer.

— Jordan nunca nos tratou da mesma forma. — O ressentimento em sua voz é notável. — Ele só me usou como porta para os sonhos dele e quando eu fracassei ele mudou toda a atenção para o filho querido.

Luke está cheio de ressentimentos, só que não tanto quanto eu, que recebi seu ódio gratuito por todo esse tempo.

— O que te faz pensar que o filho bastardo é você e não eu? — Jogo a pergunta sem pensar muito nela, eu apenas queria ver sua reação, pois na minha cabeça não faz sentido meu pai ter me criado depois que minha mãe foi embora, já que o combinado era ela ficar com ele.

Os olhos de Luke se arregalam, ele pensa por um momento, mas logo balança a cabeça:

— É claro que sou eu, não faz sentido ser você. É claro que não — está em negação, não parece dizer isso pra mim e sim pra si mesmo.

— Você já perguntou para nossa mãe? Nunca a confrontou?

— Pra quê? Por que vou perguntar algo que já sei? Eu sou filho daquele fodido do David.

— Você o conhece?

— Não e nem quero. Sei que ele se meteu em roubadas no passado, fez empréstimos com quem não devia. — Pondera algo que eu já sabia. — Mesmo após suas dívidas serem pagas por Jordan, ele foi considerado um homem morto nas ruas. No entanto, foi esperto o suficiente para fingir sua morte e dar o fora.

— E por que a mamãe ficaria com um cara como esse?

— E eu sei? — Dá de ombros.

— Sabe como nossa mãe se virou financeiramente todo esse tempo? — Essa era uma dúvida que eu tinha e que ela não iria contar.

— Ela não te contou? Pensei que tinha dito toda a verdade. — Coça o queixo se sentindo superior por saber mais do que eu.

— Não, se você sabe então me diga.

— Ela roubou seu querido pai.

— O quê? Como assim, como assim ela roubou?

— Ela limpou parte da conta dele, era uma conta conjunta. E o idiota nem deu queixa na polícia.

Não posso acreditar que isso seja verdade, não posso acreditar que minha própria mãe seja tão suja. Depois de todo esse tempo pensando nela, imaginando o porquê de ter sumido e ainda ter acreditado que ela estava apenas tentando se encontrar quando foi embora. Meu Deus, como eu posso ser tão idiota?

— Se não confia no que eu digo, pergunte ao Jordan. — Levanta-se. — Tenho que ir embora, minha noiva está me esperando.

— É sério que ainda está com a Florence? Por quê?

— Eu gosto dela. — Não acredito que ele esteja dizendo que goste de

alguém, jamais ouvi isso dele. Caminha até a porta, a abre e dá um recado antes de sair: — Se eu fosse você me manteria longe de todos eles.

Sozinho me pergunto se quero mesmo mexer em toda essa sujeira ou se quero permanecer na ilusão de que minha mãe não é tão ruim quanto parece. Logo que penso nisso, lembro dos momentos que passei com meu pai, de tudo que ele fez para mantê-la ao seu lado e por não a ter denunciado à polícia após o roubo — se é que isso é verdade.

A raiva queima minha garganta e desce até o meu estômago, revirando-o.

Decido confrontar todos, vou até o quarto colocar um moletom para sair. Abro as gavetas ainda não sabendo qual era as minhas e quais eram as de Rosalie, quando de repente acabo pegando em um envelope que estava no fundo da última gaveta do armário.

Será que era o teste de gravidez? Olho para o envelope que parecia desgastado. Penso se devo abrir, pois obviamente ela iria querer que fosse surpresa. Hesito por um momento. Mas logo a curiosidade fala mais alto e eu abro o conteúdo.

De impacto já percebo que não é nenhum exame e sim uma carta escrita à mão. Carta que foi escrita por ninguém menos que minha mãe. Sento-me na cama e começo a lê-la sem parar, sem recuperar o fôlego.

Não havia novidade nos primeiros parágrafos, porém as próximas linhas me fazem suar frio.

*“Eu não odeio você, mas também não te amo. No entanto, te respeito por ser um bom pai para os meninos, mesmo que Dante não seja seu filho. Obrigada, obrigada por cuidar dele tão bem. Mas, agora, agora você precisa me deixar embora. Por favor, me deixe ir.*

*P.S.: Tirei um valor da nossa conta conjunta, acho que o dinheiro também é meu de alguma forma.”*

As palavras fodem a minha cabeça, e minha pele se arrepia. De imediato o



estupor e o ceticismo tomam conta de mim. Não consigo acreditar que possa ser verdade.

Uma angústia sobe no meu peito e me faz engolir a saliva com pesar. Nada mais faz sentido. Era como se o mar tivesse invertido com o céu. Não consigo me mover, não consigo pensar. Permaneço em choque, duvidando de tudo e de todos.

Meu celular toca, identifico que era meu pai me ligando, ou melhor, alguém que eu sempre acreditei que era.

— Dante? Que bom que atendeu, eu queria muito falar com você. — Há urgência em sua voz grave. Nós não nos falávamos há um tempo e mesmo após meu acidente permaneci sem aceitar seu contato.

— É mesmo? Queria falar comigo por quê? Para me falar que minha mãe o roubou? Para vigiar os meus passos? Ou melhor, para dizer que surgiu a súbita vontade de me contar que eu não sou o seu filho? — Falo tudo que estava engasgado em minha garganta.

— O quê? Como, como...

— Como eu fiquei sabendo? — Corto-o. — Isso não importa.

— Filho...

— Só me diz o porquê. — A desconfiança me assola. — Por que me criou mesmo eu não sendo seu filho?

— Porque você é meu herói — a voz dele está embargada. — Eu te amo, filho. — Não consigo ouvi-lo, minha cabeça estava em erupção. Desligo o telefone.

— Amor... Você... — Rosalie havia chegado em casa e só pude notar sua presença quando abre a porta do quarto. — Dante? — Continua a chamar por mim quando se depara com a carta do meu lado na cama. Seu rosto empalideceu na hora.

Sem pestanejar, corre até mim e se agacha à minha frente. Eu estava com a

cabeça abaixada tentando absorver tudo, mas era impossível.

— Você não está grávida... — Constató. Cinco batidas e meu coração se quebra.

— Não, não, de onde tirou essa ideia? — Ela aperta as mãos em meus joelhos.

— Eu achei... Eu achei... que... Droga. Por que eu sou tão idiota? — Bato a mão em minha testa. Entro em combustão. Em pânico. As lágrimas surgem sem qualquer esforço, coloco a mão em meu rosto e esfrego minha face com força.

A sensação que tenho é de ter acabado de levar uma surra da vida. Descobri que o meu maior medo é verdade, o amor pode nos destruir.

— Quando ia me contar? — Minha face fechou-se dura.

O amargor em minha garganta não para de queimar.

— Quando você se recuperasse.

— Por que não me contou logo? Porra, você disse que valorizava a verdade. — Minha expressão se enruga.

— Eu sei... Eu sei..., mas se coloca em meu lugar. Como, como eu poderia dizer, hein?! — Ela tentava encontrar minha face, só que eu não quero olhá-la agora. — Você mesmo não teve coragem de me contar sobre a lesão.

— Isso é diferente, é toda a minha vida e você a teve em mãos e não me contou. — Aponto com amargura e seus olhos se arregalam perante a acusação.

— Não é. Não é como parece. — Nega com a cabeça. — Sei que omissão parece mentira, mas não é. Eu, eu não sou perfeita, você não é perfeito. — Lágrimas encheram seus olhos.

— Eu não consigo ver, eu não consigo enxergar nada. — Minha voz começa a tremer. — Ninguém à minha volta parece real. Eu, eu não posso ficar aqui. — Levanto-me fugindo de suas palavras.

— Para onde você vai? — Segue-me até a sala.

— Eu não sei. — Engasgo-me com a saliva e as lágrimas. Não fazia ideia de onde deveria ir, só não podia ficar ali, se não me sufocaria cada vez mais.

— Dante, Dante, por favor.... me escuta. O nosso amor... — Corre até mim e me envolve nos seus braços. Permaneço estático. — O nosso amor é verdade, nunca para, nunca morre. — Seus lábios tremem.

— Não faz isso... — Peço. Não quero machucá-la com as minhas palavras, pois não tenho nada de bom no peito para dizer nesse momento. Toda a parte ruim que eu tinha dentro de mim tomou conta.

Afasto-me devagar, os passos são firmes até a porta. Ela está chorando e me pedindo para ficar. Não posso, não consigo, e eu me odeio por isso. Odeio-me porque o sangue que corre em minhas veias é um sangue ruim. Odeio-me porque a minha vida toda foi uma mentira, mentiras mascaradas com beleza. E agora eu as confronto e vejo que uma mentira nunca será bonita, e sinceramente, nem a verdade é.

Quem disse que eu sou um herói? Se nunca estive no controle da minha própria vida?

O pássaro em meu peito está tão ferido que é possível que morra. Sinto-me como se tivesse danificado, a sensação de que tenho a vida toda é que eu nunca fui suficiente, como se faltasse alguma parte. Como se faltasse saber uma verdade feia.

Os espelhos fantásticos que me rodeiam caem e se quebram em pedaços impossíveis de restaurar, a imagem que um dia eu já tive de mim se rachou, e tudo se torna escuro para que na escuridão eu encontre o meu verdadeiro eu.

Fecho a porta deixando a pessoa que eu mais amava sozinha. E agora parece que as palavras da minha mãe fazem sentido, eu não fui embora porque a odeio, e sim por me odiar e por não ser forte o suficiente, por não conseguir ficar.



**ONDAS DO OCEANO**



## Capítulo 22

Tenho a sensação de que corri em círculos desde que li aquela carta. Eu estava determinada a entregá-la a Dante, ou pelo menos fazer com que seus pais dissessem a verdade. No entanto, não tive tempo nem de entrar em contato com eles e muito menos de entregar a carta ao verdadeiro interessado.

Depois do acidente em campo, eu quis esperar até que o Hurron melhorasse para entregar essa bomba em suas mãos. No fim das contas, eu corri e corri e não saí do lugar, porque ele acabou descobrindo da pior forma possível, sozinho. O que resultou em uma grande catástrofe.

Agora estou sozinha, sentada no chão pensando no fato de que um momento pode mudar tudo. Dante foi embora e levou a última parte do meu coração no bolso. Fiquei sentada esperando por ele, as lágrimas secaram sozinhas, me senti mal. Ainda estou mal. Para onde ele foi? Será que devo procurar seus pais? Será que devo me meter mais em sua vida?

Somos casados. Penso.

É a nossa vida. Penso.

Estou invadindo demais. Penso.

Mesmo assim, mesmo após infinitas mensagens e ligações, sinto que é melhor deixá-lo. Ele pode ter ido embora porque não queria ficar comigo ou deve estar com raiva de tantas coisas que talvez eu não esteja nessa equação.

Deito-me na cama em silêncio, pego o celular e fico olhando para o visor, como se a qualquer momento meu marido pudesse entrar em contato. Fico com raiva, depois me sinto culpada por ficar irritada. Não sei se tenho esse direito perante a situação.

Sinto dor no espaço vazio onde devia estar meu coração. Minha garganta dói porque fiquei reprimindo as lágrimas à toa, pois, afinal, não tive controle algum sobre elas. A sensação que tenho é que se passaram dias, mas na

verdade só se passaram algumas horas.

Levanto-me da cama, penso em pegar o carro e procurá-lo, mas antes mando uma mensagem:

*“Por favor, pode pelo menos me dizer se você está bem?”*

Desta vez Dante responde:

*“Estou bem, só preciso de um tempo sozinho.”*

Funguei após ler a mensagem.

O.k. Ele quer um tempo para pensar e ficar sozinho e eu preciso respeitar isso. Só que é tão difícil ser madura o suficiente para aceitar sua decisão. Mordo meu punho quando estou prestes a mandar outra mensagem.

Repito mil vezes que ele quer ficar sozinho e vou até a cozinha procurar algo para comer. Meu estômago estava doendo desde que eu me recusei a jantar com o pessoal do restaurante para vir para casa logo. Agora já são duas da manhã e tenho a sensação de que há um buraco vazio no lugar do meu estômago também.

Abro a geladeira e pego as sobras do almoço, macarrão chinês, e esquento na frigideira. Quase deixo queimar quando me lembro da frase de Dante:

*— Você não está grávida...*

Por que ele imaginou isso? Não é só porque eu estive estranha, correndo em círculos para mascarar uma omissão, era porque esse era o desejo dele. Nós conversamos sobre filhos e eu sei o quanto estava ansioso para ter uma família comigo, eu só não imaginava que isso era tão premente em seu pensamento.

Eu quero ter filhos quando penso que Dante será o pai. Caso contrário, eu jamais pensaria na probabilidade nesse momento. Dou a primeira garfada no macarrão, sinto meu estômago doer, mas insisto. Insisto até sentir meu estômago se acalmar, depois tomo um banho e volto a me deitar na cama. Demoro pra dormir, na verdade tive pequenos momentos de sono com o

celular na mão.

Só acordo no dia seguinte com uma motivação inexistente para seguir minha rotina de estudo e trabalho. Faço isso com muito custo e a todo momento com o celular em mãos, esperando por uma notícia que não chega.

Penso em ir visitar minha família e Morgan no meio do dia, mas desisto ao imaginar que vou ter que explicar para eles a catástrofe da noite anterior. Meu rosto denunciava o quanto eu estava abalada com tudo o que aconteceu, e conhecendo como eles me conheciam, iriam perceber na hora que não estou bem.

No fim da noite eu me jogo no sofá e fico olhando para a porta, esperando Dante voltar. Só que isso não acontece em momento algum. Cochilo sem querer com o celular na mão e acordo de repente quando ele toca. Senti o meu estômago se contrair, pensando que poderia ser Dante. Contudo, meus anseios se frustram, olho no visor e vejo o nome da minha tia.

Atendo rápido, qualquer coisa a essa hora da noite não era uma boa notícia.

— Tia? Aconteceu alguma coisa? — Pergunto assim que atendo.

— Er... — Dá uma pausa com uma respiração longa. — O seu avô está aí?

Meu primeiro pensamento é: Ai meu Deus, não é possível que o vovô tenha sumido.

— Não, não, ele não veio aqui. Por quê? Ele sumiu? — Pergunto rápido.

— Sua avó e ele discutiram e o Charlie acabou saindo sem que percebêssemos.

— Tia, não me fala isso! Ele, ele — gaguejo —, pode estar em qualquer lugar. — Vocês já o procuraram na casa do Bill?

— Já.

Respiro forte.

— Eu vou pra aí, agora. — Desligo o telefone.

Tento não me desesperar, mas caio em pranto assim que entro no elevador. Pensar que meu avô está por aí sozinho — sendo que a qualquer momento ele poderia esquecer sua identidade — era como sentir milhares de facas acertando minha pele.

Expirei e inspirei muitas vezes para tentar me acalmar, mesmo com o peito pressionado pelo desespero. Tenho que voltar a razão, pois eu não poderia ir atrás dele em pânico, como eu estava. O vovô precisa de mim, e eu vou encontrá-lo e levá-lo em segurança para casa.

Assim que cheguei na minha antiga casa encontro apenas com minha avó. Jenna e meu pai já haviam saído de carro para tentar encontrar meu avô pelos quarteirões. Vovó ficou em casa, para o caso dele aparecer de repente. Antes de sair à procura do desaparecido, pergunto a ela o motivo da briga:

— O que aconteceu? Vocês estavam tão bem. — Lembro-me de vê-los dançarem juntos e, desde o meu casamento, vovó ainda não havia ido embora como prometido.

— Eu... — Ela está visivelmente abalada, seu queixo treme e eu a ajudo a se sentar no sofá e pego uma água para ela antes de voltar a conversar.

— Vovó Cathy, por favor, me conta o que aconteceu. — Sento-me ao lado dela e afago sua mão.

— Eu... Eu pedi ele em casamento. — Seus olhos encontram os meus e eles estão tão assustados.

Não posso acreditar nisso, parece um sonho que eu ansiei a vida toda e agora estava se concretizando. Meu Deus, por que demoraram tanto para se entenderem?

— Como? Como assim você o pediu em casamento? — Pergunto, pois, vovó sempre foi muito orgulhosa.

— Você sabe que eu e o Charlie temos nossas diferenças, mas desde que



nos reaproximamos eu senti que havia algo diferente, senti que era uma segunda chance.

— Eu sei... E sempre soube que deveriam ter ficado juntos. Vovó, por favor, me diz, por que vocês se separaram? — Eu sempre quis saber, não conseguia ver um motivo plausível para eles terem se separado. Havia muito amor ali. Sempre houve.

— Estávamos tendo uma crise sobre amor e casamento depois que seu pai saiu de casa. — Ela inspira devagar e expira para colocar as memórias para fora. — Chegou um momento em que eu me senti muito sozinha, como se essa casa estivesse me engolindo. Eu cheguei a me questionar muitas vezes se era isso que eu queria, viver aqui até morrer. — Sinto um aperto no peito ao imaginar sua situação. — Então eu conversei com o Charlie, nossa relação estava fria há tanto tempo, a sensação que eu tinha era que ele não me amava mais. Sempre dava um jeito de ficar fora de casa, vivia para o futebol e na casa do Bill.

— Mas ele te amava, ainda ama — interrompo.

— Não amava, eu não o sentia mais. Estava decidida a ficar ou ir embora se ele me respondesse apenas uma pergunta.

Será que era sobre essa pergunta que vovô tanto se martirizava?

— Qual?

— Perguntei a ele se após tantos anos o amor que ele tinha por mim ainda existia...

— E o que ele respondeu?

— Que o nosso amor havia se transformado em folhas secas.

Engulo em seco absorvendo a resposta dele. Não acredito que vovô fez isso, não acredito que ele possa ter falado isso para ela. Sendo que é tão visível que o amor deles nunca morreu.

— Mas..., Mas e agora? Você o sentiu diferente, não é? Por isso o pediu

em casamento? — Quero focar no presente já que o passado havia sido estragado.

— Fui uma boba, parece que a idade não nos torna mais sábios. — Sua expressão se fecha e ela se perde em um pensamento. — Sabe o que ele disse sobre o pedido? — Olha-me nos olhos, sinto seu pesar, sua dor. — Ele disse não, que não pode me condenar a cuidar dele.

Quase choro ao pensar no que vovô disse. É claro que ele não iria querer que ela cuidasse dele. Respiro fundo, afasto as lágrimas:

— Eu vou procurá-lo, o.k.?

Ela confirma com a cabeça e toma a água. Levanto-me do sofá e fico me perguntando em que lugar devo procurá-lo primeiro. Um lugar que ele goste poderia ser certo. Teria que ser na redondeza, já que ele estava a pé.

O que me vem à mente de imediato é a lanchonete que frequentávamos, Brooklyn Eggs, sempre após os jogos dos Giants, antes de ir para casa. Não importava o horário, a lanchonete ficava aberta por vinte e quatro horas. Dirijo rápido até o local, que era muito próximo da minha casa.

Logo que chego à lanchonete, entro pela porta na ânsia de encontrar meu avô. Não olho para nada, apenas para as mesas, havia três clientes e entre eles vejo um velhinho olhando para um prato de panquecas à sua frente.

Meu coração dispara reconhecendo o Wicks. Rápido pego o celular avisando a minha família que o encontrei. Caminho até ele sorrindo como uma boba, tão feliz por tê-lo encontrado a salvo.

— Vovô? — Chamo-o quando me aproximo, mas ele não me olha e continua contemplando suas panquecas.

De repente a garçonete se aproxima e serve a ele uma xícara de café, isso também não o faz se mexer.

— Rosalie, quanto tempo eu não te vejo — ela olha para mim e eu a reconheço. Era Bridget Felt. Ela era uma mulher de meia-idade loira, irmã da

dona do Brooklyn Eggs, o primeiro local onde cheguei a trabalhar como garçomete.

— Que bom te ver Bridget — ela me abraça do nada e eu acho estranho porque ela foi uma carrasca comigo.

— Depois que ficou famosa você nunca mais veio aqui, Wicks, ou devo dizer Hurron?

— Como preferir.

— Quando vi seu avô aqui estranhei por ele estar sozinho, e estranhei por ele pedir panquecas no meio da noite.

Dou um sorriso sem graça, não quero falar com ela sobre a doença do vovô.

— O Charlie está bem? Tenho a sensação de que não me reconhece — ela acena a mão na frente dele.

— Ele só bebeu muito mezcal — Bridget conhecia a nossa tradição com a bebida —, vou levá-lo pra casa assim que ele terminar de comer — corto-a e me sento à frente do meu avô. — Traz um café pra mim, por favor? — Peço quando noto que ela não tem a intenção de se mover.

— Claro — se demora mais um pouco analisando-nos e quando pigarreio, decide nos deixar a sós.

Olho para meu avô e ele pega os talheres e corta um pedaço da panqueca, ainda não me reconhece e nem parece notar a minha presença. Fico em silêncio, até que ele olha para mim de repente e deixa a panqueca cair dos seus lábios.

— Catherine? — Indaga. Ele sempre dizia que eu lembrava a minha avó na juventude. — Você pintou o cabelo? — Os cabelos dela eram castanhos quando jovem e não loiros como os meus.

Sinto um aperto na garganta.

— Sim, pinte — respondo com um sorriso.

— Hm...

— Por que veio aqui? Pensei que iria embora. — Parece que ele está perdido no passado. — Você disse que me odiava, então por que veio?

Fico em silêncio, não sei o que dizer, mas ele sim:

— Quando eu disse que nosso amor havia se transformado em folhas secas, eu não quis dizer que ele morreu. Eu quis dizer que... — Ele abaixa os olhos e não olha mais para mim e sim para si mesmo, encarando seu próprio eu do passado. — Que... o nosso amor é uma folha seca que eu guardo no livro da minha vida, que mesmo que pareça velho, desgastado, mesmo que pareça que eu não te amo porque não reparei no seu novo corte de cabelo, ou porque fui ver os Giants e te deixei em casa... — Dá uma pausa lembrando vários motivos para que o amor deles tenha se desgastado. — Tá bom, tá bom, eu sei que preciso te valorizar mais...

Continuo escutando-o, a minha garganta se aperta. Vovô respira fundo, seus olhos não focam, mas sua voz está mais determinada do que nunca:

— Essa folha seca está guardada no meu livro porque quero preservá-la para sempre, quero preservar o nosso amor.

Aperto os lábios, engulo a saliva com dificuldade, uma lágrima cai pelo meu rosto. Está difícil respirar. Vovô fecha os olhos e se perde mais uma vez dentro de si mesmo. Deixo-o em seu momento. As lágrimas vão enchendo meu peito, estico o braço e acaricio a mão dele. Isso o tira do transe muito rápido.

— Quem, quem é você? — Levanta a cabeça questionando-me.

— Sou eu, vovô, sua neta. — Sinto-me tão quebrada ao vê-lo mais uma vez não me reconhecendo.

— Não tenho uma neta tão crescida. — Sinto uma faca me apunhalando.

— Vovô — suplico mais uma vez.

Ele pega a panqueca com a mão e começa a comê-la, olhando para um

espaço vazio.

— O seu café... — Bridget me serve. — Está mesmo tudo bem? — Pergunta olhando meu avô com estranhamento.

— Está, pode, por favor, nos deixar a sós? — Peço e ela acata ao pedido dando meia volta furiosa.

Falo comigo mesma em pensamento, pedindo calma, pois, ficar em pânico não iria resolver nada. Eu preciso mudar minha abordagem, sei que não posso forçá-lo.

— Estão gostosas as panquecas? — Pergunto tentando chamar sua atenção.

— Horríveis — me responde e eu caio na gargalhada, rio e choro ao mesmo tempo, entrando em um colapso emocional.

— Eu faço umas panquecas muito boas.

— O meu filho faz umas panquecas deliciosas, ele quer ser chef de cozinha — lembra do papai.

— Uau, que legal, ele com certeza vai ser um ótimo chef. — Engulo as lágrimas de novo lembrando-me do sonho do papai que nunca se concretizou. Não sei como ele se sente hoje em dia sobre isso, tenho medo de questionar e cutucar uma ferida.

Vovô balança a cabeça positivamente com entusiasmo. Tomo um gole do meu café, quero que ele tenha tempo suficiente para comer e voltar à lucidez quando possível. Havia dias muito bons para meu avô e havia dias muito ruins como os de hoje.

Continuo conversando com ele até que diz que está cansado e que quer ir pra casa, ofereço-me para levá-lo. Mas não aceita dizendo que estava com sua caminhonete no estacionamento, o que não é verdade, só que não sabe disso.

Sigo-o até o estacionamento e, o aguardado lapso de memória vem à tona quando ele nota que sua caminhonete não está ali. Olha pra mim, aperta os

olhos, suas rugas se tornam mais expressivas e, finalmente, vejo o reconhecimento despontar do seu rosto.

— Rosie? — Sua voz sai mais rouca, ele limpa a garganta e antes que diga mais alguma coisa eu o abraço.

— Vamos para casa, vovô — sussurro, o ar quente saindo da minha boca e indo direto para seus ombros.

Respiro várias vezes, acalmando meu peito, acalmando meu desespero. Sabia que momentos assim seriam cada vez mais recorrentes, sabia que iria doer, contudo não sabia que essa dor seria tão devastadora.

Sinto-o confuso, mas me deixa abraçá-lo. Algumas lágrimas caem. É difícil encontrar forças quando tudo parece escuro. À minha volta não parece haver luzes para acender. Fecho os olhos.

É verdade que nem todas as lembranças são levadas conosco até o fim das nossas vidas. É verdade que muitas coisas são esquecíveis e que há coisas que jamais poderão ser esquecidas, coisas que estão dentro do nosso coração e não das nossas memórias. Pensar nisso faz com que eu encontre uma motivação em meio ao caos.

— Você ama a vovó e sempre vai amá-la, não é? — Pergunto a ele, afastando-me aos poucos, ainda segurando-me em seu braço.

— O que... O que está acontecendo?

— Só me responde, por favor.

Ele suspira com a confusão que estou causando em sua cabeça.

— Tudo bem, eu a amo e sim, sempre vou amá-la. — Fala com convicção e isso nutre a minha esperança de vê-los juntos. — E é por isso que não posso condená-la a cuidar de mim nesse pouco tempo de vida que tenho. — Joga-me um balde de água fria.

— Não sabemos quanto tempo é.

— Eu sei... — Murmura e olha para os seus próprios pés. — Eu sei. —

Enfatiza para que eu não o refute.

— Vovô, você a ama e ela te ama, por que não dizer a ela? Pelo menos dizer? — Digo rápido lutando contra os fatos que ele jogou.

— Não posso nem dizer, porque isso a fará ficar.

Aperto os lábios.

— Querida, se tem algo que aprendi nesses anos de vida e que eu ainda não esqueci, é que amar é deixar o outro voar mesmo que seja em direção oposta à sua. Catherine estava infeliz comigo, ela queria respirar novos ares, agora eu não posso prendê-la novamente. — Diz com convicção.

Algumas lágrimas correm pelas minhas bochechas. Questiono-me se finais felizes realmente existem. Entro no carro com o vovô, ficamos em silêncio por um momento. Ligo o carro, quero encontrar algo para fazê-lo mudar de ideia.

— Amar também é escutar o que o outro tem a dizer, não acha? — Pergunto após um longo suspiro.

— É... — Ele dá o braço a torcer.

— Então escute o que a vovó tem a dizer.

Confirma com a cabeça e um sorriso cansado se forma em meu rosto aos poucos. Lembro-me de tudo que passei para conseguir dizer algo do tipo. Conhecer o amor nos torna outra pessoa, e você só sabe que é amor quando a frase do vovô passa a fazer sentido.

Deixe voar.

Deixe voar alto.

Deixe voar mesmo que em direção oposta.

E se voltar, é recíproco.



Quando vovô e eu entramos em casa, minha avó veio correndo para abraçá-lo. Mesmo nervosa e com o coração partido mais uma vez pelo homem que ela sempre amou, Catherine não teve medo de demonstrar que estava ali por ele.

Jenna e meu pai suspiraram aliviados. Houve um sermão por parte do meu pai, mesmo estando feliz por vê-lo, a angústia de pensar que vovô poderia ter sumido para sempre ainda o assolava.

Decido ficar ali para passar o restante da noite e vou conversar com meu pai no quarto dele. Queria entender o que passava em sua cabeça desde que mamãe voltou para Memphis e o fato de ter causado uma turbulência em seu relacionamento.

— Está tudo bem com você, papai? — Pergunto em pé olhando para as fotos em uma cômoda. Vejo eu, ele e mamãe no meu aniversário de seis anos. Pareciam felizes, mas nunca dá para dizer se a felicidade é genuína por uma foto.

— Estou bem... Sabe que tive um choque de realidade quando vi sua mãe, não é? — Reflete coçando a barba. Permanece sentado na cama e olha para um horizonte particular.

— Sim, sim... Fazia muito tempo que vocês não se viam pessoalmente.

— Isso acabou afetando o meu novo relacionamento.

— Você ainda a ama? — Faço a pergunta que sempre quis fazer.

— Não, não — responde de imediato. — Acontece que eu percebi que ainda tenho muito ressentimento, você sabe disso, não é?

— Por ela ter se casado com seu inimigo?

— É... Mas não só por isso. Sua mãe e eu somos muito diferentes, a



sensação que sempre tive é que ela terminou comigo porque eu não tinha uma condição financeira muito boa. — Perco as palavras. Eu sabia que ele se ressentia por isso também. Não sei como dizer algo sem que pareça que estou falando mal da minha própria mãe. — Ela era egoísta e interesseira. Só que ela não vê isso, sua mãe se acha uma boa pessoa só porque separa lixo reciclável do não reciclável. — Suas palavras são muito duras para engolir.

— Mas isso ficou no passado, certo? Não importa o motivo do término, vocês dois trilharam novos caminhos, qual o problema agora? — Tento dizer algo que não parecesse que estou de algum lado.

— Não é só com sua mãe, mas eu sinto que não sou bom o suficiente com nenhum relacionamento.

— Aí é que está, papai — viro-me em sua direção e meu tom de voz chama a sua atenção para que passe a olhar para mim. — A questão no meio de tudo é você, só você. Se não se sente suficiente, o problema está em você.

— Eu sei que sou o problema, é por isso que fiquei sozinho por muito tempo.

— Pai, não consegue enxergar uma coisa? O fato que você esquece de viver sua própria vida quando está em um relacionamento? — Tiro as palavras que estavam presas em minha garganta há muito tempo. — Você tinha um sonho, um sonho que deixou de lado para ir atrás da mamãe.

— Eu precisava cuidar de você, da nossa família.

— Eu sei... Eu sei..., Mas no meio disso você não devia ter deixado a sua vida para trás. Em Memphis ou em Nova York, você nunca foi prioridade para si mesmo.

Ele engole em seco perante minhas acusações:

— Sou um fracasso, pode dizer. — Ele se levanta e passa a mão pelo rosto depois de um suspiro desanimador.

— Não! Não é! Eu amo você, e só quero o seu melhor. E sei que está com

medo de perder o vovô, mas ele precisa de você. Esqueça o passado e viva o presente de uma vez por todas. — Abraço-o. — Nós somos gigantes, nós somos gigantes, se lembra? — Digo o grito de guerra dos Giants. Lembrando do quanto ele me encorajava na infância com essa fala.

Papai respira em minha nuca, ele está triste por muitas coisas, mas ao se afastar, coloca um sorriso no rosto e um brilho surge em seu olhar:

— Você cresceu, aprendeu muito com seu avô.

— E com você — ênfase.

— Vê-la tão crescida me enche de orgulho, nem parece aquela garota que fugia pra ver os jogos quando estava de castigo — aperta os olhos com um sorriso de canto e eu me assusto porque acabo de perceber que nunca enganei meu pai.

— Então você sabia...

— Você acha mesmo que eu não sabia? Conheço a filha que tenho.

Dou um sorriso sem graça:

— E eu conheço o pai que tenho, vamos se mexer, senhor Wicks, que tem muita coisa boa para acontecer no nosso presente.

— O.k. — Aperta minha bochecha. — Vai dormir aqui hoje? — Pergunta desconfiado.

— Vou... Está tarde e...

— E o seu marido, onde está? — Papai gostava de me pôr contra a parede.

— Ele está com uns problemas familiares, então preciso deixá-lo resolver isso.

— Rosalie... Olha pra mim — pede assim que desvio o olhar.

— Pai, por favor, sei que vai tentar dizer algo ruim sobre ele ou sobre nós — mantenho os olhos distantes.

— Não vou dizer nada, é por sua conta, lembra? Mas se precisar conversar, se precisar de mim, quero que saiba que estou aqui.

— Obrigada. — Ele afaga meus ombros.

Afastamo-nos para descansar, deixo meu pai em seu quarto e encontro com minha tia no meu quarto.

— Eles estão conversando no quarto, quis deixá-los confortáveis — diz logo que me vê.

— Espero que se resolvam de alguma forma, eu sei que temos que ser realistas, mas uma parte de mim sempre sonhou com o final feliz para eles.  
— Deito-me na cama ao seu lado.

— O Charlie é difícil tanto quanto a Catherine, ele jamais vai querer ser cuidado por ela.

— O que você faria se estivesse no lugar deles? — Pergunto mirando o teto como ela.

— Eu? Não consigo imaginar estar apaixonada por uma pessoa tanto tempo quanto eles. Para mim o amor é efêmero.

— Pensei que de alguma forma ainda estivesse à procura do seu grande amor — aponto pelo fato dela já ter namorado e pensado em se casar muitas vezes.

— Não, não. Acho que não fui feita para isso, pra falar a verdade, acho que fui feita para ter amores no plural. A eternidade que eu senti enquanto estava apaixonada por cada um deles pode ter durado pouco, mas foi tão intenso quanto muitos amores que duram uma vida.

Sorrio imediatamente. Gostava da sinceridade dela, de não ter medo de ser como exatamente é.

— Estar apaixonada é gostoso.... — Reflito. Meu peito sobe e desce com um longo suspiro.

— Muito, mas quando o encanto se quebra é tão ruim quanto foi bom.

— Eu sei...

— Mas, se quer realmente saber minha opinião sobre eles... O Charlie está

certo. Só amor não vai sustentá-los em meio à doença, ele vai precisar cada vez mais dela como se ela fosse sua cuidadora. E, para ele que viveu a vida toda cuidando de si mesmo, isso é devastador. Ele não vai reconhecê-la... Não vai lembrar que a ama. Então, como é possível dar certo?

O choque de realidade é muito forte.

O vovô e a vovó apesar de estarem voando na mesma direção, ele estava voando cada vez mais baixo e uma hora iria cair, enquanto ela seguiria firme, voando alto. O tempo e o orgulho os afastaram. E agora o relógio parou de correr porque os segundos restantes se dissiparam com a notícia da doença.

O amor é lembrar, então como era possível ficarem juntos? Em algum momento a reminiscência do amor que vovô sentia pela vovó iria sumir por completo.

Minha tia me cobre com o lençol e apagamos as luzes. Minha mente ainda está acesa fazendo milhares de perguntas, bolando milhares de respostas. Minha garganta está apertada, olho para o visor do celular e espero por algo que não vem. Perco a conta de quantos suspiros já dei.

Tenho a sensação de que sei onde Dante está, mas não quero ir até ele. Na verdade, quem deve ir até ele é outra pessoa, mesmo que seja contra sua vontade. Mando uma mensagem para Jordan avisando que seu filho deveria estar na casa da praia e que se ele realmente o amasse deveria ir até lá e contar de uma vez por todas tudo que um dia já escondeu.

Não obtenho uma resposta de imediato por conta do horário, mas consigo dormir sabendo que o que podia ter feito, eu fiz.



No dia seguinte, sou acordada pelo cheiro de café. Tenho a sensação de

que era minha avó que estava fazendo, por isso, logo depois que passo pelo banheiro, vou até a cozinha. E, minha intuição não falhou, pois os cabelinhos loiros claríssimos se destacam pela luz do sol, fazendo com que seja a primeira coisa que eu note.

— Bom dia — a abraço —, está tudo bem? — Pergunto afagando seus cabelos.

Ela se afasta aos poucos e se permite sorrir discretamente, tentando de alguma forma mascarar a tristeza em suas feições.

— Eu estou bem, não se preocupe, querida.

— Conversou com o vovô? — Sussurro sabendo que ele poderia aparecer na cozinha a qualquer momento.

— Sim... E ele tem razão. Na nossa idade é difícil sonhar. — Ela desvia o olhar e fecha a garrafa de café.

— Não fale assim.

— Eu vou me mudar amanhã... — Fala com calma em sua voz. Arregalo os olhos com a notícia. — Calma, não vou para outra cidade — complementa antes que eu surte.

— Vai para onde?

— Meu antigo apartamento. É melhor assim, tem coisas que devem ficar no passado.

— Meu coração dói por vocês, parecia que dessa vez ia dar certo.

— Não quero que fique triste por nós.

— É impossível não ficar. Vocês têm tudo para dar certo.

— Tínhamos, no passado. Agora já não há mais tempo. Lembre-se disso meu amor, lembre-se disso no seu casamento.

— Eu sei... Eu sei... — Encosto-me na bancada e pergunto se ela quer que eu faça os ovos.

— Deixa que eu faço, sente-se um pouco, não está cansada de cozinhar?

— Pergunta. Eu cozinhava o dia todo, tanto no curso quanto no restaurante. Era algo tão gratificante que jamais me sentiria cansada.

Balanço a cabeça negativamente com veemência.

— A rotina cansa, mas eu jamais me cansarei de fazer o que gosto.

Vovó sorri e coloca o café na mesa. Não demora muito para que minha tia, vovô e papai apareçam. Tomamos o café tentando não tocar em assuntos difíceis. Despeço-me da minha família para voltar à rotina. Passo a manhã no curso e no período da tarde consigo descansar, pois estava de folga do restaurante.

Ligo a televisão e noto que nos canais esportivos só se falava sobre a possibilidade de Dante não retornar aos jogos. Discutia-se a volta de Kalel no time ou se realmente ocorreria sua expulsão. O futuro dos Giants no Super Bowl LIV era incerto, eu nunca estive tão preocupada. Dessa vez não com o time, mas sim com o homem que poderia nos levar à vitória.

Não importa se ele vai ou não retornar aos jogos, eu só quero que esteja bem. Recebo uma chamada da portaria avisando que Jordan gostaria de subir. Acho estranho que ele queira falar comigo, mesmo assim aceito sua visita.

Assim que abro a porta e dou espaço para que o Hurrón entre, digo:

— Se quer saber como o Dante descobriu tudo, eu só quero dizer que esse não é o ponto a ser discutido agora.

— Não, não quero discutir isso — sua expressão está cansada, parece que ele mal dormiu à noite. — Eu só quero te pedir desculpas.

— Me pedir desculpas? — Pergunto de braços cruzados.

— Sim, sinto que te julguei mal e não te tratei do jeito que merece ser tratada.

Estou desconfiada, mas ainda quero ouvi-lo.

— Tudo bem, eu não quero entrar nesse mérito. — Descruzo os braços para indicar que ele se sente no sofá.

— Esse lugar está bem bonito, aconchegante diria — ele avalia o apartamento.

— É... Nós mexemos um pouco.

— Eu entendo por que vocês foram embora, como sempre eu sufoco as pessoas à minha volta.

Sento-me na poltrona para ficar à sua frente.

— Jordan.... — Minha garganta está seca, ainda assim não perco a coragem de perguntar. — Por que criou o Dante? Por que nunca disse ao Luke que você é o pai dele?

— Eu amei Caroline e por ela eu assumi o Dante como meu filho. Sinto como se ele realmente fosse do meu sangue. — Contraiu a sua mandíbula. — O Luke sempre teve a síndrome do filho bastardo, não importava o que eu fizesse, ele sempre achava que o Dante estava em vantagem comigo. E eu tentei mudar isso, tentei convencê-lo, mas ele estava certo da conversa que ouviu entre mim e a Caroline. E como eu iria dizer que estava falando do Dante? Como?

— Sei que é difícil, mas deveria ter dito. Isso pouparia tanta coisa. — Falo, mesmo sabendo que não estou no mérito de opinar, afinal, a situação não era comigo.

— Não... Não poderia. Isso iria destruir a nossa família. Naquela época eu pensei que estivesse fazendo o certo, mas Caroline foi embora, depois foi o Luke. E sinceramente, eu pensei em contar ao Dante tudo, mas como eu iria dizer que a única pessoa que restou para cuidar dele não era o seu verdadeiro pai?

— Quando você escolhe mentir uma única vez, terá que mentir sempre. — Reflito, pois ao ver por esse ângulo, noto o quão difícil teria sido contar a verdade.

— Sim... Eu não me orgulho das coisas que fiz, mas me orgulho de ter

criado o Dante.

— E por que não diz a ele? Está com medo de ser rejeitado?

— Eu fui até a casa da praia essa manhã, nós conversamos. Mas, não se pode resolver o passado com apenas uma conversa. Talvez ele nunca me perdoe, contudo, eu espero que viva uma boa vida. Mesmo que longe de mim. — Sinto o pesar tanto em sua voz quanto em sua expressão. Apesar de não termos sido amigos por todo esse tempo, eu consegui ver claramente seu arrependimento e a sinceridade em suas palavras. — Às vezes precisamos fazer sacrifícios pelas pessoas que amamos — uma lágrima rola pela sua face, mas ele se mantém firme para não desmoronar.

— Desculpa pelo que eu vou falar, mas é algo que está preso em minha garganta, então se veio aqui, espero que esteja disposto a ouvir — pronuncio e espero sua reação. Sem pestanejar, Jordan confirma com a cabeça e eu continuo: — Todos da sua família estão pagando um preço alto pelo que a Caroline e você fizeram. Deviam ter conversado com seus filhos, deviam ter dito a eles toda a verdade, todo esse sofrimento teria sido poupado.

Ele ergue o queixo para responder:

— Só sabemos que erramos feio quando já cometemos o erro. Não tenho desculpas para isso. Chame do que quiser o que eu fiz, eu chamo de amor. — Seus olhos brilharam pelas lágrimas que não caem, ele não está disposto a chorar à minha frente. Na verdade, sei que ele é o tipo de pessoa que faz de tudo para não demonstrar suas fraquezas, e se ele está aqui agora em minha frente, eu só posso chamar de amor.

Jordan amava Dante como se fosse seu filho e nada poderá mudar isso. Nada poderá mudar que ele foi a única pessoa que ficou na vida do filho adotivo quando ele mais precisava.

— Ele sabe que você iria vir aqui? — Pergunto.

— Não. Prometi que me manteria longe, então... — Levanta-se.



— Você não precisa ir embora.

— Preciso. Não quero mais causar transtorno a vocês.

— Tudo bem, como quiser, mas quero que saiba que eu não tenho ressentimentos. — Falo a verdade, sua dor fez como que eu me compadecesse. — E, sobre o Dante... dê um tempo...

Agradece e confirma com a cabeça. Assim que se despede e eu fecho a porta, meu celular toca, vejo que é uma mensagem do meu marido.

*“Azul”*

Um sorriso surge tão rápido em meu rosto, é um alívio forte. Meu Dante está de volta. Apenas o respondo da mesma forma:

*“Azul”*

*“Pode vir aqui? Quero conversar.”*

Está claro que ele sabia que eu disse sua localização para seu pai, por isso não disse onde estava na mensagem. Respondo que sim, mesmo com aquele aperto no peito me dizendo para ser orgulhosa.

O que eu faço com o orgulho? Guardo-o no bolso, porque é melhor voar em direção a Dante do que nunca mais encontrar o mesmo caminho que ele. Não demoro para chegar à praia particular. O portão está aberto para mim e logo eu vejo Dante sentado na areia. Ao fundo dele vejo uma fogueira queimando lentamente, começando a pegar fogo.

O sol está se pondo e a visão que tenho faz o ímpeto dentro de mim transcender.

Corro em direção ao mar, corro em sua direção. Estou aturdida, irritada, em fúria. A vontade que tenho é de bater nele, mas também tenho vontade de beijá-lo por inteiro. Agarrá-lo para nunca mais ir embora.

Dante se levanta e olha para mim. Ele está de calça e blusa de manga longa. O vento está forte e isso arrepia completamente meu corpo, que estava coberto por apenas um vestido de linho.

Assim que o encontro, meus dois punhos se chocam contra o seu peito.

— Eu senti tanta raiva de você — cerro os dentes segurando-me para não chorar. Meu Deus, eu preciso mesmo parar de chorar.

— Perdão... — Sussurra no meu ouvido.

— Não peça desculpas! Não peça... — Balanço a cabeça contrariada. Ele me segura abraçando-me com força, abraçando-me do jeito que eu gostava. Forte para afastar as lágrimas, forte para comprimir qualquer dor.

—Perdão... — Continua a sussurrar. Continua a me abraçar e eu retribuo porque era tudo que eu podia e queria fazer.

— Pelo quê? Droga... — Afasto-me, estou em frangalhos.

— Por ter ido embora, por ter te deixado sozinha. Desculpa, desculpa. — Insiste em se desculpar e isso me deixa cada vez mais desestruturada.

Passo a mão pelo rosto tentando aplacar as emoções tão abarrotadas.

— Eu... Eu tentei te entender... Fiz o que pude, mas quando eu mais precisava de você, você não estava. E eu fiquei pensando que casamento é estar lá quando o outro precisa. — Não era a minha intenção culpá-lo e sim dizer o que amargava em meu peito.

— Você está certa. — Sua voz soa como um sussurro que encontra a minha pele e arrepia os pelos do meu corpo. Estar com ele de novo me dava a sensação de nem estar tocando os pés na areia.

— Eu quis estar pra você como eu queria que você estivesse para mim. É errado isso? — Faço a pergunta que borbulhava em meu peito.

— Não. Não é. Por isso te peço perdão, eu fiz coisas erradas, muitas. — Ele estremeceu, mas continuou olhando em meus olhos. — Sei que devia ter te contado sobre a lesão, mas não quis que você se sentisse mal por ter pedido minha cabeça naquela época.

Solto a respiração com força.

— Entendo... Nesse tempo que você esteve fora eu fiquei pensando que

amar é perdoar o justificável e o não justificável. Eu tive a ilusão que não se deve existir segredos entre um casal, e por isso fiquei tão machucada. Nós não guardamos segredos para nos enganar, guardamos por nos amar.

— Eu jamais, jamais quis te machucar. Jamais quis te deixar. Eu fui embora porque não sabia mais quem eu era.

— Não estou te dizendo tudo isso para te culpar, só quero dizer o que sinto para que isso não me sufoque e um dia nos afaste novamente. Machucou, é claro que machucou. — Meu lábio treme. — Como eu sei que você também está machucado, estamos feridos, mas juntos vamos curar. — Aperto sua mão, navego pelos seus olhos.

Suspira. Nós respiramos fundo algumas vezes. Encosto-me em seu peito e ouço seu coração bater tão rápido.

— Minha Rosie Blue. — Aperta-me forte contra seu peito.

— Dante....

Toda sua pele e todo o seu coração me aqueceram. Eu também o aperto forte contra mim, pegando todo o seu carinho e toda sua força e dei para ele o mesmo.

Ele beija minha boca com amor. E isso faz com que meu coração volte ao meu peito e acelere por ele. Nossos corações feridos ainda batiam na mesma frequência. Fecho os olhos apenas sentindo esse momento, sentindo a maré.

Quando nos afastamos, depois de um longo tempo, demos a mão e caminhamos até a fogueira que já havia tomado forma.

— Estava testando suas habilidades de escoteiro? — Pergunto a ele.

— E não é que deu certo? — Diz orgulhoso e olhando para o fogo.

Sento-me e ele se senta ao meu lado.

— O que aconteceu quando estive fora? — Dante questiona.

— O vovô sumiu..., mas calma — digo antes que ele se precipite. —, Nós já o encontramos.

Respira aliviado após a tensão tomar conta do seu rosto.

— Desculpe por não estar lá. Sinto muito, mesmo. — Coloca a cabeça no meu ombro pesaroso.

— Tudo bem, eu entendo por que quis ficar sozinho. — Coloco as duas mãos atrás de mim recostando-me na areia, sentindo-a úmida. — E agora, como se sente sobre tudo?

— Não quero passar a vida toda acreditando que fui um erro, porque é o que parece. Conversei com meu pai, juntei com coisas que ouvi da minha mãe, do Luke e o que eu lembrava. E cheguei à conclusão de que o que está no passado não pode ser mudado, eu só quero seguir em frente.

— Não se pode mudar o passado mesmo. Isso é irrefutável.

— Quem errou foram meus pais, eles que se resolvam. Nada vai mudar o fato de que Jordan é meu pai, mesmo com todos os erros. Eu me peguei refletindo sobre quem eu sou, se sou quem eu queria ser ou a figura moldada por ele, acho que isso que me deixou com mais raiva. — Ele faz um desenho sem forma na areia, refletindo.

— Seu pai sempre teve forte influência sobre você.

— Sim, eu o respeitava muito, a decisão dele sempre foi soberana para mim.

— E agora como isso vai funcionar?

— Vou caminhar com meus próprios pés — ele passa a mão sob uma mecha do meu cabelo e o coloca atrás da orelha. — E descobrir qual caminho quero seguir.

Afago seus cabelos feliz por sua decisão. Beijo o topo de sua cabeça e ele sorriu, sentindo todas as partes do meu coração se juntarem e voltarem ao meu peito.

— Você é a única pessoa que eu deixei que me conhecesse de verdade. E por isso eu tive medo de que desistisse de mim, porque talvez você não tenha

gostado de me conhecer de uma forma tão crua. — Levanta a cabeça do meu ombro e olha para mim.

— É porque eu te conheço que vim até aqui. Sabe o que temos que fazer agora? — Questiono sentindo o calor da fogueira me aquecendo.

— O quê? — Ergue uma sobrancelha.

— Rir para a dor. Rir para afastá-la. — Faço cócegas em sua barriga.

Ele começa a rir e tenta fazer o mesmo comigo, mas eu me levanto e corro. Persegue-me e, obviamente, Dante é muito mais rápido que eu. Pega-me e nós caímos juntos na areia, abraçados um no outro.

— Quero te contar uma coisa — ele diz caindo para meu lado.

— O quê? — Pergunto ofegante.

— No último jogo de 2014 contra os Redskins eu conheci uma pessoa e me apaixonei por ela.

Engulo em seco e sinto meu coração se apertando.

— A garota que o Thomas citou? — Lembro-me de imediato.

— Sim... Ela estava na torcida e ela me encorajou quando tudo parecia estar contra mim. O problema é que nunca pude agradecê-la porque nunca mais a encontrei, acho que fui tapeado por uma pessoa...

Não entendo onde ele quer chegar nesse assunto. Talvez tenha a necessidade de contar tudo que já omitiu. Mas isso não me deixa muito feliz. Reúno muita maturidade para perguntar:

— Você... Você ainda quer encontrá-la?

— Não, porque eu já a encontrei.

Meu Deus. Sinto que minha garganta está se fechando, tamanha a apreensão.

— Rosie... — Ele vira seu corpo para mim e eu permaneço estática.

— Hum? — Tento não transparecer meu nervosismo.

— Me responde a verdade, você esteve no jogo contra os Redskins, não é?

Você encorajou a torcida a dizer meu nome em campo.

Aperto os olhos. O coração bate forte e eu começo a entender tudo. Será que essa garota poderia ser eu?

— Sim, eu estive no jogo e tive que me infiltrar na torcida rival para que meu pai não me visse, pois eu estava de castigo. E sim, pode se gabar, eu pedi para gritarem seu nome, porque eu sempre acreditei em você. — Sento-me quando termino de falar.

Dante sorri e se levanta imediatamente. Levanto-me querendo entender o propósito de tudo isso.

— Eu sabia... Sempre foi você... — Ele está estupefato. — É engraçado, mas eu estava apaixonado por você antes mesmo de conhecê-la. Sempre foi você... — Repete e se afasta ligeiramente.

Fico aturdida quando ele levanta a camisa e começa a retirá-la. Logo perco o ar ao notar uma tatuagem em seu braço esquerdo. Rodeando todo seu braço havia uma tatuagem do oceano em uma onda em fúria.

— O quê... O quê...? — Estou embasbacada.

— Lembra que eu te disse que nunca fiz uma tatuagem porque nada teve um significado tão forte a ponto de eu querer tatuar?

— É claro que eu lembro, você disse que, um dia algo que foi marcado em sua pele, sempre ficará marcado, mesmo que seja apagado. Por isso nunca tatuou.

— É.

— Então qual é o significado? — Coloco a mão em sua pele, contornando o desenho da tatuagem.

— Poucas coisas são tão poderosas quanto o oceano...

— É, por isso eu queria ser como uma onda. — Recordo-me de já ter dito isso a ele.

— E você é. E está aqui em minha pele — indica a tatuagem com a outra

mão.

— Dante... — Perco a fala.

— Por mais que eu tenha me esforçado para ir contra as correntes marítimas, a força incontrolável das ondas me levou em direção ao meu destino. As ondas me levaram até você. — Ele me abraça, afaga meus cabelos e quando olho para ele uma lágrima cai do seu rosto direto para minha face. — Eu te amo.

— Eu amo você — encosto meu nariz no seu. — Eu amo você — repito mais uma vez para que as palavras se reverberem dentro de si e dentro de mim.

Passamos muito tempo lutando contra as correntes marítimas do amor e acabamos sendo inundados por elas.

Sorrio para ele.

Sorrio para meu destino.

— Eu não acredito que sempre estive apaixonado por mim, Hurron — aponto embasbacada.

As bochechas dele ficam coradas imediatamente.

— Fui orgulhoso demais para dizer e não sabe o quanto me arrependo disso — beija o topo da minha cabeça.

Beijamo-nos com a fúria do amor emanando um do outro. Sinto que agora não preciso questionar mais nada sobre seus sentimentos. Pois nunca os vi tão expostos. Quando estamos mais calmos, olhamos para a fogueira queimando em brasa e eu pergunto:

— O que pretende fazer agora? Vai voltar para o time?

— Vou, pois sei que tenho que lutar uma batalha para alcançar a glória. — Seus olhos estão decididos como o tom de sua voz.

— Você tem certeza?

— Nunca tive tanta certeza em toda minha vida.

Quero apoiá-lo, pois sei o quanto ele já me apoiou. Aproximo-me do seu ouvido e sussurro:

— Preparar...

Dante me puxa em seu colo e me rodopia quando diz:

— Hut!





**NÓS SOMOS GIGANTES!**



## Capítulo 23

No fim da noite, caminhamos entre beijos pela casa, no nosso ritmo, curtindo cada segundo e cada parte do corpo um do outro. Dante me tocou no rosto e desceu aos poucos pelo pescoço e muito, muito lentamente até meu colo. Ele queria desfrutar cada parte de mim, assim como eu queria ter cada parte dele me tocando.

Meu vestido caiu pelos meus ombros e desceu suavemente até os pés. Dante desceu os lábios entre os seios de forma deliberada até a minha barriga e passou até chegar no ponto fraco. Roçou seus lábios macios de forma provocativa e seus olhos encontram os meus por um segundo antes que ele beijasse ali com furor.

Uma vibração agita em meu corpo. Arrepio-me enquanto uma nova onda de prazer começa a se formar. Lentamente, Dante desliza a minha calcinha com o dedo, colocando a seguir sua língua. Tomando-me. Arfei. A sucção era contínua, gostosa e forte. Gemi seu nome algumas vezes. Ele só me incita mais um pouco com os movimentos devassos para depois voltar a beijar minha boca.

Minha mão o acaricia no peito, enquanto sua mão continuava a me desnudar, apalpa minha bunda, arquejo com sua espalmada. Passo a mão pela sua camisa e paro seus toques para conseguir tirá-la. Também quero vê-lo nu e tocá-lo. Quero ouvir seus gemidos que me deixavam ainda mais excitada. Por isso minhas mãos logo descem para sua calça e consigo abrir o botão entre um beijo e outro. Meu objetivo é cumprido quando minha mão encontra a sua rigidez e eu movimento minha mão para cima e para baixo.

O gemido rouco escapa de sua garganta de forma gutural e eu continuo com mais velocidade só para ouvi-lo dizer meu nome. E ele diz. Grunhi satisfeita. O quanto eu amava ouvi-lo tão à minha mercê é surreal.

Meu corpo queima de tesão e o ardor incontrolável ao mesmo tempo fode com todos os meus sentidos. É uma dualidade forte de sensações que irradia como um incêndio, fazendo com que eu queira absorver mais desse desejo.

Apertamo-nos um no outro, estou prensada na parede e começo a me mover ainda aos beijos, ainda segurando em seu pau. Minha mão fica úmida com sua excitação, claramente ele estava tão entregue quanto eu, impaciente para os próximos passos. Inverto a posição e, de costas, pressiono a bunda em seu membro, que ficava cada vez mais rijo.

Dante passa uma mão em meus seios, percorrendo os dedos até dentro do sutiã, enquanto a outra mão já estava dentro da minha calcinha. Seus dois dedos se esfregam em meu clitóris, e eu sinto sua respiração acelerada em meu rosto, inclino a cabeça para o lado, tocando o rosto dele e chio seu nome.

Os dedos que encontraram meus mamilos começam com movimentos circulares. Quando sinto o formigamento embaixo mais crescente, Dante belisca meu seio e eu protesto baixinho um palavrão, adorando o que ele havia acabado de fazer.

— Gosta disso? — Pergunta quase sem voz.

Murmuro que sim e ele faz o mesmo com o meu clitóris.

Gritei enquanto ele voltava a massagear. Era como morder e assoprar e isso era delicioso. Meu rosto volta a encostar no dele e consigo beijar sua boca por um momento. Nossos gostos e desejos se ligaram. Eu amava tanto estar em seus lábios que abdiquei dos toques mais profundos para voltar a vê-lo de frente.

Coloco a mão em seu rosto e sorrio antes de voltar a beijá-lo. Vê-lo tão entregue a mim, com o rosto ruborizado era apenas mais uma confirmação de que ninguém me fazia sentir como ele me faz sentir. Ninguém me toca como ele, porque ninguém o toca como eu. Só nós sabemos o quão especial e prazerosa era essa troca de carinhos.

Seguro sua mão e o puxo até o quarto, Dante coloca a outra mão em minha bunda, apertando-a, só para me provocar mais um pouco. Antes de entrarmos no quarto, jogamos o restante das peças de roupas que impediam nossa total nudez no chão. Depois, pedi para que se sentasse na cama e ele faz isso imediatamente. Dante me olhou provocativo, devia estar se perguntando qual era o meu próximo passo. E bem, meu próximo passo envolve muita saliva. Coloquei-me de frente para ele, joguei meus cabelos para o lado, beijei sua boca devagar e mordisquei seu lábio só para provocá-lo mais um pouco.

Antes que eu descesse até seu pau, Dante abocanha meu seio e suas mãos puxam meu quadril para frente, para que eu me entregasse mais a ele. Suas mãos seguram com firmeza minha bunda, eu sinto sua rigidez no auge. Fecho os olhos gostando da sensação que me aperta.

Delicio-me com sua língua que deslizava entre os seios vigorosamente. Dominando cada um deles e eu aceitei esse prazer quase em delírio. Sinto que não posso aguentar muito tempo, quero tê-lo logo dentro de mim, por isso, afasto-me aos poucos saindo da cama, pois quero, antes de tudo, abocanhá-lo só para vê-lo em total deleite.

Inclino-me para frente enquanto Dante ficava na beirada da cama e, sem cerimônia, coloco os lábios em sua rigidez. Pressiono toda a minha boca sentindo-o não só duro como molhado. Sugo subindo e descendo várias vezes e uso a mão para auxiliar algumas vezes, quando é necessário. Os ruídos que se propagam pelo quarto se tornam cada vez mais vorazes.

Ele está louco por mim, tanto quanto estou louca para me sentar nele.

— Preciso te comer, agora... — Ele segura meu rosto e eu volto a encontrar sua boca, sugando-a. Só nos afastamos pouco depois apenas para que ele colocasse o preservativo. Dante encosta na cabeceira da cama sentado e eu aos poucos começo a descer. Encostando-me apenas no cume.

Sem pressa, detidamente. Só para que um grunhido saia pela sua boca

após ele engolir em seco.

— Porra — vocifera quando eu, aos poucos, com ajuda da minha mão, começo a engolir sua extensão. Pressiono-me nele até senti-lo quase todo dentro de mim. Solto um grito sentindo o calor forte em meu íntimo. — Devagar, devagar... — Ele pede, tamanha a insanidade que sentimos pela conexão.

Uma de suas mãos agarra minha bunda com furor e eu passo a me movimentar, rebolando para frente e para trás, vendo os olhos de Dante se fecharem, entregando-se completamente ao prazer. Deleito-me com a visão e com a sensação deliciosa em meu íntimo.

Volta a abrir os olhos e pede para que eu me incline mais em sua direção, para que em seguida, abocanhe um seio. Mordisca-me, eu arfo esfregando-me ainda mais. Dante beija cada seio e em seguida meus lábios, para depois puxar-me ainda mais, para que eu me deitasse em seu peito e ele agora ditasse o ritmo. Penetra-me rápido, fode com vontade. Gritei, ele gritou. Continuou os movimentos por baixo enquanto as pontadas de prazer só se intensificavam. Apertei-me nele em um espasmo, sentindo o clímax quase vindo.

Devagar, apenas querendo mais prazer, ele entra e sai de forma curta, só para que eu choramingue. Dante me olha nos olhos de maneira faminta, satisfeito pelos meus ruídos, ganancioso por mais, por isso, agarra meu cabelo e volta a penetrar rápido. O quadril estoca com força, sinto sua grossura toda dentro de mim. O formigamento caloroso cada vez mais eminente, é impossível não gemer mais uma vez. E mais uma e tantas outras vezes quando chego ao extremo do prazer. Meu corpo estremece, abro a boca quase sem fôlego.

Tremo ao redor dele, as pernas ficam moles, e então, ele continua o movimento lento e constante, subindo o corpo para ficar sentado junto

comigo. Movo os quadris devagar, nossos corpos se fundem. E aos poucos o prazer dele também vem, tão forte quanto o meu, e delicioso na mesma medida.

A frase “seu prazer é o meu prazer” nunca fez tanto sentido. Não importa quantas vezes temos o corpo um do outro, só queremos mais e mais.

Mesmo após o clímax, permanecemos na mesma posição, grudados um no outro. Olhando-nos. Olho para os seus cabelos caídos um pouco na testa, grudados pelo suor. Olho para os seus olhos em brasa mostrando-me tudo que eu quisesse ver, sua vulnerabilidade, as bochechas coradas, o sorriso sutil em seus lábios.

Respiramos.

E é nesse momento que a expressão de se tornar um só após o casamento faz todo o sentido. Agora sinto que estamos verdadeiramente entregues e dispostos a seguir em frente com a nossa vida, com os nossos sonhos e os nossos desejos. O destino deu um jeito de nos juntar. As ondas nos levaram um até o outro.

Aos poucos nos separamos e caímos na cama. Ficamos quietos pela exaustão. Puxo o lençol até meu corpo cobrindo-me quando Dante levanta-se para descartar o preservativo. Assim que ele volta e se deita ao meu lado, lembro-me de questioná-lo sobre algo que estava martelando em minha cabeça:

— Dante?

— Huh?

— Você achou que eu estivesse grávida e isso te frustrou, não é? — Entro nesse assunto que precisava ser discutido.

— Não pense nisso agora, eu estava delirando.

— Não, vamos conversar, por favor.

— Tudo bem... Frustrou-me porque eu criei uma expectativa, mas isso foi

no momento, porque eu não estava pensando direito. Sei que você tem que focar em sua carreira agora. E eu preciso encontrar o meu norte.

— Sim... Nós temos muito tempo pela frente, não é? — Agarro sua mão.

— É claro que temos — virou-se para mim, seu nariz acariciou minha bochecha. — De verdade, não se preocupe com isso. Eu fiquei feliz e ansioso porque achei que estivesse grávida agora. Mas isso não é premente pra mim. Quero ser pai, mas no tempo certo, no seu tempo.

— E não é o tempo certo, não é? — Quero saber se ele tem o mesmo pensamento que eu. — Eu não sei se seria uma boa mãe, nunca cuidei de ninguém, papai nunca me deixou ter um cachorro.

— Não no momento em que se encontram as nossas vidas, mas se acontecesse, lidaríamos da melhor forma possível. — Concordo com ele. — E... Nós temos o Bowie, lembra? Ele te adora.

— Sim, com certeza. O Bowie é especial. Precisamos visitá-lo... — Lembro-me. Bowie ficava na casa do pai dele porque não podia ficar no apartamento.

Mesmo sendo permitido animais e o fato de o prédio ser inteiro de Dante — coisa que descobri depois que nos casamos, aliás, eu quase tive um infarto ao descobrir o tamanho do patrimônio do Hurrón —, o Bowie precisava de muitos cuidados por conta de sua dificuldade de locomoção.

— Não vejo a hora de nos mudarmos para uma casa com ele. — Dante diz esperançoso. Tínhamos o projeto de construir uma casa do zero, do nosso jeito, e ele estava parado por conta dos últimos acontecimentos. — Meu pai quer vender a casa se não ficarmos com ela. É muito grande pra ele e por isso pretende se mudar...

— Ele te disse isso na conversa que tiveram?

— Sim... A casa sempre foi grande, construímos pensando em suprir o vazio que sentíamos em nossas vidas.

— Se mudarmos para lá, precisamos encher a casa. Não é? Quantos filhos?

— Pelo tamanho da casa, uns quinze no mínimo — Brinca e eu gargalho.

— Acho que vamos ter que ficar nesse quarto para sempre.

Dante escorrega a mão pela minha e a aperta.

— Se for necessário, tudo por um bem maior... — Sorri sedutor.

— Quando eu penso sobre isso, apesar de ser muito precoce, sonhava que meu vovô visse o bisneto. Ele conhecer nosso filho seria a maior emoção da minha vida.

— Quanto tempo você acha que podemos esperar?

— Eu não sei... O médico é otimista, mas a memória do vovô anda tão ruim... — Fico pensando no que o doutor Harper disse sobre a expectativa de vida ser em média de oito a dez anos. E o quanto pode ser difícil no estágio final da doença. — Meu coração se aperta de novo. — Em contrapartida, ainda precisamos crescer muito juntos para sermos pais...

— É tão difícil pensar nisso, mas... fique calma. O seu avô é um homem forte. E sim, agora que me vejo como sou de verdade, tenho certeza de que preciso amadurecer.

— Sim, ele é. Muito. E eu não quero ser impulsiva de novo, acabamos de nos casar. Até pouco tempo nós estávamos fingindo um namoro falso — acabo rindo. — Não temos maturidade alguma.

— Aquela frase, “dê tempo ao tempo”, parece fazer muito sentido agora, não é?

— Muito! Vamos passar por esse turbilhão e depois pensaremos nisso. Pode ser? — Pergunto a ele virando-me e encontrando seu rosto no escuro.

— Claro, claro. — Beija minha testa.

— Quando pretende conversar com sua mãe e o Luke?

— Não agora. Preciso de um tempo longe, longe de todo o drama familiar,



quero focar só nos jogos e em nós. Sobre o Luke... — A voz dele muda, pois esse era um ponto delicado. — Meu pai vai entrar em contato com ele e terão a conversa que precisam ter.

— Entendo. — Estiquei as pernas na cama. — Os dois precisam de uma conversa mais do que nunca. Sinto que seu irmão quer isso, mesmo não dizendo.

— Ele é orgulhoso, é um mal dos Hurron's.

— Mas eu conheço um Hurron que sabe passar por cima do orgulho, quando necessário... — Encosto a mão em seu peito.

— Por você...

Ele me abraçou e eu o abracei de volta, pressionando minha bochecha na dele. Estávamos prontos para começar um novo ciclo em nossas vidas, de descobertas, aprendizados e erros. Todos estamos fadados a errar, todos precisamos ser perdoados. Não chamo o que tivermos daqui para frente de recomeço, pois nossa história nunca terá um ponto final. Estamos aprendendo a amar a nós mesmos, amando um ao outro profundamente.

Daqui para frente, o que devemos fazer é perpetuar a nossa promessa do nosso amor.



Voltamos para o apartamento no dia seguinte, logo pela manhã, eu tive que ir para o curso e Dante foi para a recuperação, onde fazia exercícios moderados e passava por acompanhamento médico, tudo para deixá-lo em forma para voltar ao campo. No curso, tenho dificuldades de concentração quando a professora está explicando a preparação do *amuse-bouche*, um

aperitivo que se come apenas com uma mordida.

— Ei, Rosalie... Fiquei sabendo que a Shakira e a Jennifer Lopez vão cantar no Super Bowl, tem como arrumar um ingresso para mim? — Christa, uma das minhas colegas me pergunta.

— Eu não sei nem se eu vou estar lá — respondo com sinceridade.

— Ah por favor, não seja mesquinha, mesmo que seu marido não jogue, é claro que você vai ter acesso a quantos ingressos quiser — reclama.

— Meninas, alguma dúvida? — A professora, Louise Galléan, questiona.

— Não... — Christa sorri sem graça.

— Garota Corn's — ela me chama pelo apelido, não de uma boa maneira, ela está tirando sarro. — Pode me dizer como faria um *amuse-bouche*?

Inferno. Os últimos dias haviam sido um caos, por isso não tive tempo para estudar, não tive nem cabeça para isso.

— Desculpe, eu ainda estou estudando sobre isso. — Digo a verdade.

— Comece a prestar mais atenção nas aulas ou você não vai sair daqui com o diploma. — Avisa e eu me encolho completamente sem graça. Droga. Essas broncas já estavam ficando recorrentes e eu não via o menor sentido nelas. O fato de eu não ser formada em gastronomia e ter o sobrenome de Dante a fazia acreditar que eu não era boa o suficiente para estar ali.

— Sim, senhora. — Respondo. Começo a anotar as próximas explicações dela e não dou ouvidos às conversas paralelas.

Ao término da aula, Galléan me para na saída da escola, eu estava caminhando até o carro quando seu sotaque irritante me chama a atenção.

Viro-me para ela e paro para escutar o que tem a dizer:

— Rosalie — me chama pelo meu nome e não sobrenome, o que definitivamente me assusta, não era do feitio dela ser informal. — Nas últimas aulas você anda muito desfocada e por isso eu precisei te dar algumas broncas, mas espero que não leve isso para o pessoal, o.k.? — Questiona.

— Tudo bem, chef.

— Lembre-se, foco, só assim vai conseguir trilhar seu próprio caminho. — Dito isso ela se despede me deixando pensativa. Ela não era tão ruim quanto parecia, e seu toque me deixou atenta a não sair do foco durante as aulas.

Assim que estou abrindo a porta do carro, noto que havia um jornalista à espreita. Eles estavam me rodeando para saber se Dante continuaria jogando nos Giants, também queriam saber o que eu achava da expulsão eminente de Kael do time.

É claro que eu não respondia a nada, pois sabia que quanto menos eu dizia melhor é, pois tudo poderia ser usado contra mim. Entro no carro e olho pelo retrovisor, notando que ele me seguiria. Respiro fundo e ligo o carro. Uma coisa que a assessoria de Dante — que automaticamente virou minha assessoria — sempre me alerta é a de não dar bola aos paparazzis.

Assim que chego ao apartamento, tenho um tempo para preparar algo para comer e descansar. Dante havia me avisado mais cedo que chegaria no fim da tarde. Não nos veríamos, pois eu logo estaria no restaurante nesse horário.

Depois do pouco tempo de descanso, me preparo para ir trabalhar. Desço até o Hall do prédio e encontro com o segurança:

— O irmão do senhor Hurren está parado na porta do prédio. — Avise-me.

— Deixe-o entrar, por favor.

Ele confirma que sim com a cabeça.

Pouco depois encontro com Luke e logo o aviso que Dante só chegaria mais tarde. Noto que ele não parecia bem, suas olheiras estavam mais profundas. Luke pega um cigarro e procura por um isqueiro no bolso.

— Ei, Luke, você precisa falar com o Dante? — Pergunto. Ele movimenta a cabeça em confirmação. — Ele não está, mas chega daqui a pouco.

— O senhor não pode fumar aqui — a recepcionista fala rápido.

— Eu vou esperar por ele. — Diz e sai a seguir da entrada. Vou atrás dele, pois precisava pegar o carro no estacionamento.

— Aconteceu alguma coisa? Você está bem? — Inquiri.

— Nada demais, o mesmo de sempre. Nós Hurrón's somos ferrados. — Admiro que ele tenha falado isso para mim.

— Luke... Você conversou com seu pai?

— É... falei com ele. — Acende o cigarro e dá uma tragada forte. Na mesma hora vejo uma lágrima caindo pelo seu olho. Só uma lágrima, a única clandestina.

— Vou avisar o Dante que você está aqui — estou quase pegando o celular quando ele me intercepta.

— Não precisa avisar, eu volto mais tarde.

Tem alguma coisa errada com ele, sei que depois de ouvir seu pai, deve estar puto da vida. Afinal, ele foi enganado a vida toda, acreditando que era um filho bastardo, vivendo na sombra, excluído pelos erros dos seus pais. Mesmo não sabendo de tudo, entendo por que Luke foi embora, ele preferiu antes se autoexcluir do que ser rejeitado.

— Tudo bem, eu preciso sair, mas, acho que Dante não vai demorar muito. Se quiser esperar um pouco...

— Não se preocupe. — Ele fala e eu deixo-o sozinho com a fumaça do seu cigarro.

No restaurante, tenho dificuldades de concentração enquanto Travis me ajudava na preparação do *mise en place* das entradas. Enquanto lavava as folhas, ele me contava que Alana estava trabalhando em outro restaurante como sous-chef.

— Não tenho nada contra ela, ela que tinha algo contra mim. Mas, eu espero que a Pearce tenha uma boa carreira. — Digo tentando acertar o molho mais uma vez, havia colocado azeite demais.

— Pra ser sincero, ela foi bem filha da puta com você. Mesmo assim, sinto falta dela.

— Sério? Ela te dava esporros todos os dias.

— É... Temos um caso de amor e ódio.

— Então você gosta dela?

— Gosto e desgosto. — Ele não quer admitir, no entanto, parece que a relação deles era mais do que de colegas na cozinha.

— Pare de dar uma de apaixonado e foque no trabalho, Travis — Jake chama a atenção do auxiliar.

— Olha quem fala, está esperando uma ligação da namorada desde ontem, mas parece que ela está te ignorando — o McCabe retruca. Logo chego à conclusão de que minha amiga precisa desabafar. Anoto mentalmente que precisava visitá-la no dia seguinte.

Depois de algumas tentativas, finalmente consigo acertar o molho. Parto para a próxima preparação e, até o final da noite consigo entregar os pratos com foco total. Tive que me esforçar para esvaziar a mente e me concentrar só no trabalho. Assim que troquei de roupa, pego meu celular e vejo uma mensagem de Dante:

*“Estou te esperando com o jantar”.*

*“Ótimo, já estou indo para casa...”*

— Vou te contar uma coisa, não conta pra ninguém..., Fiquei sabendo que o Chase vai se demitir no fim da semana. — Kaylee me conta depois de colocar o sapato. Estávamos sozinhas no vestiário, pois ficamos um tempinho a mais porque pedi para ela me mostrar a preparação de sua massa brisée, ficava tão perfeita que eu precisava aprender.

— Sério? — Aperto os olhos. Nós não nos falávamos mais, nunca, desde o meu casamento. Meu ex-melhor amigo fingia que eu não existia quando estávamos trabalhando e sempre dava um jeito de não trombar comigo. O que

eu sabia ultimamente sobre ele era o que Morgan me contava e ela não estava me falando muito porque combinamos de não interferirmos mais na vida do seu irmão.

— Sim, a Eliza está desolada, você sabe que ela gosta dele, não é? — A Eliza havia entrado no meu lugar na vaga de garçons e desde então virou uma boa amiga do Chase, é claro que eu sempre notei seus olhares.

— Eu sei, só que ele não está com a Jasmine?

— Ah não... Eles terminaram faz tempo.

— Mas ele vive ainda na casa dela, não é?

— A Ashley me disse que a Jasmine não estava bem, problemas de saúde com a mãe, entende? Então ele estava tentando ajudar ela. Você sabe, eles namoraram por tantos anos, ela acreditava que os dois casariam e que iriam estudar juntos na NYU — Kaylee e todo mundo sabia dos planos do casal. Eles sempre deixaram isso muito claro.

— Eu sei... — Mordo os lábios e solto um longo suspiro. — Eu não sei por que ele alimentou tanto tempo esse sonho com ela... Eu só sinto muito por tudo. Não era para ser assim.

— Ele errou, mas agora acho que a Jass finalmente percebeu que essa relacionamento fracassou há muito tempo.

— Espero que sim e espero que os dois sejam felizes — falo com o meu coração aberto, pois queria tanto que Chase fosse feliz, entrasse na faculdade e se apaixonasse de forma recíproca. Queria muito restaurar nossa amizade se fosse possível, caso não, espero o melhor para ele.

— Vamos indo? — Kaylee pergunta abrindo a porta do vestiário, confirmo seguindo-a. — Falando em Chase, sabe a irmã dele? Ela me passou o contato de um amigo da faculdade, foi você que pediu, não é?

— Bom... Foi. Só não esperava que ela demorasse tanto pra te contatar.

— Na verdade, faz um tempo que ela me mandou, porém ela havia dito

que ele fazia crossfit e era meio fanático por alimentação, então eu meio que não quis, nem dei bola na época, na verdade porque vi que o sobrenome dele era Bauer. — Kaylee tinha pavor da Clare, então se envolver com alguém da família não era o sonho dela.

— Ela é prima dele, que mundo pequeno.

— Nem me fale... — Revira os olhos. Passamos por Lia fechando o caixa e nos despedimos rapidamente. Desde que Clare saiu, Lia e Jake se revezavam no fechamento do caixa.

— Enfim, esses dias, por curiosidade, resolvi ver o Instagram dele, e meu Deus, por que ninguém me falou que ele é bonito pra caralho? Aqueles olhos azuis, os músculos, eu passei mal. — Ela se abana enquanto parávamos no estacionamento.

— O Harrison é bem bonito mesmo. — Lembro-me de suas fotos e que quase tivemos um encontro. Ainda bem que não rolou, pois prefiro mil vezes o meu Dante. — E então, você mandou mensagem pra ele?

— Mandei hoje. Ele não respondeu ainda. Mas, sabe o que fico me perguntando? Por que ele está solteiro?

— Boa pergunta. Se descobrir, me conte. Agora preciso ir, já está tarde e...

— E seu lindo marido está esperando, eu sei, eu sei, quem me dera... — Ela caminha até seu carro.

— Saia com o Harrison, quem sabe ele não seja o seu futuro marido? — Questiono e ela cai na risada.

— Se vai ser o meu marido eu não sei, mas que eu vou sentar nele, eu vou... — Abro a boca chocada com o que minha amiga acaba de dizer.

— Kaylee!

Ela me manda beijos com a mão pelo ar e entra em seu carro. Entro no meu carro gargalhando e de repente me lembro de um problemão. Luke Hurron. Pergunto-me se os irmãos já conversaram, por isso, pego meu

celular e envio uma mensagem para Dante a seguir:

*“Você conversou com o Luke?”*

Noto que não responde, deveria estar ocupado com o jantar. Já era bem tarde, mas ele gostava de me esperar para comer em alguns dias da semana. Chego em casa rápido e sou recepcionada pelo meu marido com um longo beijo, ele parecia animado, o que me deixa desconfiada de que não tenha falado com o irmão:

— Viu minha mensagem?

— Não... Era importante? — Ele pousa a mão na minha cintura.

— Era... Você conversou com seu irmão? Ele esteve aqui no prédio no final da tarde...

— O Luke? Sério?

— Sim sério... — Afirmo. — Ele disse que voltaria mais tarde caso não te encontrasse, mas já é tão tarde.

— Então meu pai já deve ter falado com ele — a expressão de Dante muda rapidamente para preocupação. Ele se afasta passando a mão pelo rosto. Não importa o quanto ele diga que queria se afastar da família, era nítido o quanto amava o irmão.

— É... Ele não parecia nada bem.

Dante pega o celular e no mesmo instante o interfone toca. Rápido, vai até ele e atende.

— Sim... Pode deixá-lo subir. — Diz e depois desliga. — É o Luke... — Logo após dizer isso, Dante abre a porta do apartamento. — Disseram que ele está muito bêbado. Me desculpa por isso. Na mesma hora recuso suas desculpas.

— Você não tem culpa. — Digo enquanto caminhávamos até o elevador. Assim que a porta se abre, vemos Luke sendo ajudado por um dos funcionários do prédio a ficar em pé. Rapidamente, Dante agradece e coloca-



se ao lado do irmão e o apoia em seus ombros.

— Irmãozinho... — Luke murmura visivelmente fora de si, ele estava tão bêbado, o cheiro de álcool exalava. Fecho a porta assim que os dois entram e eu vou até a cozinha pegar um copo d'água enquanto Dante o coloca no sofá.

Ofereço o copo ao Hurrón mais velho que não aceita. Olho para Dante que está visivelmente consternado. Volto com a água para a cozinha e respiro fundo. Vejo que o forno está ligado e o desligo imediatamente. Por sorte, assim que abro, noto que as focaccias não estavam queimadas.

Fico em silêncio observando a cena que se sucedeu entre os irmãos:

— A porra da minha vida é um erro — Luke resmunga quase caindo do sofá, Dante o segura imediatamente, colocando-o de volta no lugar. E nesse momento, o irmão o abraça, o abraça tão forte e começa a chorar muito, desesperadamente. — Eu... Eu sinto muito... — Ele chora com força, mostrando sua vulnerabilidade.

Meu marido está desconcertado. Não fala nada e continua aceitando o afago. Até que o choro cessa e tudo fica em silêncio. Aos poucos o Hurrón mais novo se afasta e olha para mim. Ele não está chorando, a decisão de ser forte continuava em vigor.

Começo a preparar um café enquanto Dante buscava um cobertor no quarto. Luke está em silêncio no sofá. Pergunto-me que tipo de conversa ele teve com o pai e o que o fez chegar nesse estado tão deprimente. Apesar de tudo que já presenciei entre os irmãos, eu só esperava com todo meu coração de que eles ficassem bem de alguma forma. Mesmo que parecesse irreparável essa relação.

O amor que um tinha pelo outro, sempre pareceu indemonstrável. Agora eu consigo ver claramente que o amor dos irmãos sempre esteve com eles, como uma sombra. Nenhum dos dois quis cruzar a barreira criada por uma competição de um só jogador.

Quando o café está pronto, permaneço na cozinha escorada na bancada, beliscando a focaccia. Não quero me intrometer. Dante entrega a xícara para seu irmão, que aceita com relutância. Ele toma todo o café e depois se senta no sofá um pouco mais sóbrio e pronto para falar:

— Estou tão cansado de tudo. — A voz dele tremula.

— Se você está cansado, imagine eu!? Você precisa parar de se vitimizar, pra mim não dá mais, chega. — Dante não grita, mas dá seu ultimato ao irmão de maneira firme.

— Eu não estou me vitimizando. A sensação que tenho é que sempre estive atrás de você, mesmo eu sendo o irmão mais velho.

— O seu problema é esse, imaginar que sempre houve uma competição.

— Você tem certeza de que não era? — Ele insiste. Parece que esqueceu de que se tornaram adultos e competições da infância e adolescência não existem mais.

— Mesmo se em algum momento tenha sido, não acha que está na hora de parar? Você não disse que está cansado? Eu sei que ficou longe de mim todo esse tempo só para não competir. Mas eu vou te dizer uma coisa, eu não estou competindo com você, sinto muito.

— Não mesmo? Tantas mulheres no mundo, por que se envolveu com a Florence?

— O quê? Eu nunca me envolvi com a Florence, foi só a porra de um comercial. Além disso, eu nem imaginava que vocês se conheciam...

— Dante, diz a verdade.

— O filho que ela está esperando não é meu, e adivinhe? Ela só estava comigo para atacar você de alguma forma. — Luke revela o que já era imaginável. Era óbvio que a modelo quis nos atacar e usá-lo era a forma mais fácil e direta.

— Eu sinto muito, e te alertei que ela era problema. Esqueça a Florence,

esquece a merda do nosso passado. Chega, Luke, para de ser filho da puta e escute — vocifera. —, Eu estou pondo um fim em qualquer rivalidade que tenhamos. Se quiser ser meu irmão, de verdade, eu estou disposto. Caso contrário, é melhor você voltar a fingir que eu não existo. — Dante abre a guarda para o irmão e eu espero sinceramente que ele aceite.

— Você... Você não está furioso? Não está putado depois de descobrir a mentira dos nossos pais?

— Já estive. Mas pra mim já deu. Decidi que não muda nada quem é o meu pai. Quero seguir em frente, só isso. — Meu marido está tão maduro e isso me enche de orgulho.

— Você falou com a mamãe? Ela realmente te contou o porquê de ter voltado? — Luke está prestes a jogar mais uma bomba e eu tenho medo de quais sejam suas próximas palavras.

— Não vamos falar sobre ela. Não agora.

Não sei se fico aliviada por não se instaurar um novo caos em nossas vidas ou se fico preocupada. O que Caroline pode ter escondido? Estava na hora dela dizer toda a verdade.

— Como quiser... — Dá de ombros. — Eu só tenho vontade de voltar ao passado e nunca ter ouvido aquela conversa entre eles.

— Mas não podemos mudar o passado e fim de conversa. Não quero falar mais sobre isso. Assunto encerrado. — Dante está de pé, de frente para ele. — Se precisar você pode dormir aqui.

— Não, eu tenho que ir — Luke se levanta trançando as pernas, ainda não estava bom o suficiente para ir embora.

— Para de ser teimoso, porra, e fica. — Dante o ampara e o coloca de volta no sofá.

— Você deveria me odiar — retruca o irmão em um sussurro.

— É... Deveria. É o que você sempre quis, que eu o odiasse, só que, sabe

de uma coisa? Mesmo com seus esforços, eu não te odeio.

— Irmãozinho idiota... — Ouço-o fungar. Chorando.

— Boa noite, Luke.

O irmão não o responde, fica em silêncio. Dante vem até mim, cabisbaixo e cansado. Faço o meu possível para sorrir para ele e mostrar que estou pronta para confortá-lo. Abraça-me e eu o abraço de volta.

Fomos para o quarto, enquanto eu tirava a roupa, ele me confidenciou o que seu irmão quis dizer sobre sua mãe:

— Eu descobri isso hoje em uma conversa franca com ela. — Avisa antes de tudo, enquanto tirava a camisa. — David esteve doente e a casa que os dois possuem juntos foi hipotecada para pagar as despesas médicas. E esse é o motivo dela ter vindo, eles precisam de dinheiro.

— O quê? Você acha que ela voltou só por isso? — Arregalo os olhos jogando a camiseta no cesto de roupa.

— A única pessoa que ela ama de verdade é o David. O medo de não ter como pagar o hospital para ele, se necessário, e de perder a casa, a fez voltar, pois a forma mais fácil dela conseguir dinheiro é através das pessoas que ela deixou.

— Não é possível que sua mãe tenha voltado só por dinheiro. — Estou chocada com os fatos. Retiro o colar de limão do pescoço e coloco-o na escrivaninha.

— Não importa, se tiver outros motivos, se realmente foi pelos filhos, eu duvido que seja um motivo maior que a vida do David. — Dante retira a última peça de roupa.

— O que ele tem? É grave?

— Ele teve câncer e agora está curado. Mas você sabe, pode voltar. E eles não têm reserva alguma. Minha mãe trabalha em um restaurante meio período e ele está sem trabalhar desde que ficou doente. — Caminha até o banheiro e

eu o sigo.

— Meu Deus, quanto mais cavamos, mais coisas encontramos... —  
Murmuro desolada. Dante entra embaixo do chuveiro e eu entro junto com ele. — O que pretende fazer?

— Vou dar o que ela quer. — Ficamos de frente um ao outro.

— Por quê? Não tem medo de que eles se tornem parasitas?

— Porque ela voltou por isso e deve ir embora depois de conseguir. Eu preciso encerrar esse ciclo. E se for para nunca mais vê-la de novo, tudo bem. Eu só quero que esteja ao meu lado, quem realmente me ama e eu ame. —  
Inala e suspira de forma longa.

Penso que a melhor coisa a se fazer agora é realmente fechar esse ciclo.

Ele liga o chuveiro e eu o abraço e o beijo em seguida. Dante não me diz que está triste, muito menos chora, mas eu sei que ele está sentindo uma dor indizível. Respiro fundo em seu peito. Depois me afasto e começo a passar o sabonete pelo seu peito.

— O que está fazendo? — Pergunta.

— Cuidando de você. — Ele coloca a mão em cima da minha e rouba o sabonete. Dante passa o sabonete nas mãos e começa a esfregar em minha barriga e em várias partes do meu corpo.

— O que está fazendo? — Pergunto a ele.

— Cuidando de você — me imita, estremecendo-me.

É o que fazemos e o que devemos fazer. Cuidamos um do outro e cuidamos de nós mesmos. Isso eu também chamo de fazer amor.



No dia seguinte pela manhã acordamos cedo, tomo um banho e me visto enquanto Dante prepara o café da manhã. Assim que entro na cozinha me

deparo com Luke sentado à mesa, com uma xícara de café em mãos. Cumprimento-o e ele me cumprimenta com um sorriso fraco.

— Desculpa por ainda estar aqui — diz.

— Tudo bem, você é bem-vindo — digo a verdade, pois sabia que apesar de tudo, Luke era importante para Dante. O fato dele ainda estar aqui demonstra que está disposto a um recomeço.

Ele toma um gole do café e Dante coloca ovos mexidos na mesa antes de me dar um beijo no topo da minha cabeça.

— Ovos na manteiga, iguais ao da mamãe... — Ele aponta com a voz fraca após dar um garfada nos ovos.

— É... Aprendi com ela. — Dante se senta à mesa enquanto responde. O clima está estranho, mas é muito promissora essa reaproximação. Tomamos o café da manhã em silêncio e ao terminarmos, o Hurron agradece decidido a ir embora.

Na porta, Dante pergunta a ele:

— Vai ficar por aqui ou vai voltar para Paris?

— Vou ficar, tenho meu escritório de contabilidade e nada mais me segura na França. — Essa frase demonstrava claramente que havia acabado definitivamente o relacionamento com a Florence.

— Entendo, então... se cuide.

— Me perdoe, Dante, espero que possamos ficar bem um dia — Luke vai embora deixando Dante pensativo.

— Você acha que se verão novamente?

— Não sei. — Ele guarda o prato e se aproxima de mim, abraçando-me por trás.

— Sinceramente, estou aliviado, mesmo que não nos vejamos mais. Sei que somos irmãos separados por um abismo, talvez nunca consigamos superar essa distância. — Respira em minha nuca apertando-me em seu

braço. Sinto seu carinho tão forte, todo seu amor, amor de verdade.

— Pelo menos você fez sua parte, meu limãozinho — digo para arrancar um sorriso dele e é exatamente o que consigo. Encosto minha boca na sua e ele me toma com um beijo tão caloroso quanto o sol que nasceu há pouco. — Não quero te sujar — falo com as mãos cheias de espuma.

— Eu não estou ligando pra isso — diz puxando-me para um beijo ainda mais longo, mais forte e decidido. Suas mãos descem pela minha cintura e eu coloco as minhas em seu pescoço, deixando que os respingos de água escorreguem e caiam em todo lugar.

O jeito que seu corpo se pressiona no meu só me faz anelar em sua boca. São poucos segundos para que ele me pressione na bancada da cozinha e me coloque em cima dela. Envolver minhas pernas em sua volta e mordo seus lábios, provocando-o como ele me provoca.

Nós nos seduzimos e nos excitamos esquecendo completamente do tempo. Foi difícil ir da cozinha para o quarto, mas conseguimos. E quando nossos corpos estão juntos e suados mais uma vez, eu descanso meu queixo em seu peito. Um filme se passa na minha cabeça, lembrando tudo que fizemos para chegar até aqui. Sorrio boba.

— Amo você — sussurro percorrendo com o dedo em sua tatuagem. Amando-a. Amando por uma referência minha estar nele.

Ele me beija e sussurra:

— Amo você, minha framboesa.



Depois de ter chegado atrasada no curso e ter ouvido um esporro de Gállean, à tarde saio do curso e vou à casa de Morgan, ela havia me mandado mensagem pela manhã dizendo que queria conversar. Imaginava que fosse para desabafar sobre seu relacionamento. Mandeí uma mensagem para minha tia, avisando que passaria em casa também para ver como estavam as coisas com o vovô e a vovó.

Assim que saio do carro, noto que Jasmine estava saindo da casa do ex-namorado. Caminho receosa de topiar com ela, contudo não podia fugir, pois a Khalikur já havia me visto.

— Rosalie, eu queria mesmo te encontrar. — Se ela não tivesse dito meu nome, eu acharia que não estava falando comigo.

— Ei, Jass... — Estou visivelmente sem jeito, mesmo assim, paro para cumprimentá-la.

— Podemos nos falar? Só por alguns minutos?

— Tudo bem, claro. — Espero que não seja um surto.

— Fiquei sabendo que você e o Chase não se falam mais e isso nem parece real pra mim, vocês eram a grande dupla.

— Você deve saber o porquê. — Não quero tocar nesse assunto.

— Eu sei, na verdade eu sempre soube. — Ela coloca as mãos no bolso de trás da sua calça e olha por um momento para o chão antes de dizer: — Eu tinha muito ciúme da amizade de vocês e por isso sempre te maltratei, por isso eu quero pedir desculpas.

Fico chocada, jamais esperava ouvir um pedido de desculpas dela.

— Eu... Eu nem sei o que dizer, eu também tenho minha parcela de culpa,



porque também nunca fui aberta com você. — Lembro que Chase sempre teve que se desdobrar para estar ora comigo, ora com a Jasmine, pois o ambiente com nós duas juntas era inóspito.

— Eu fui uma megera, pode dizer. — Ela ri e eu acabo rindo junto, espantada por essa conversa estar acontecendo.

— Também fui difícil...

— Só quero dizer que não quero que fique pra sempre essa nossa inimizade, podemos não ser amigas, mas não quero mais me considerar sua rival.

— Nunca fui sua rival. Nunca mesmo.

— Eu sei... Sobre o Chase, só agora consigo perceber o quanto fazíamos mal um ao outro. Eu olho para trás e enxergo que agia como uma louca, porque ele me fazia sentir-me insegura. — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Os dois viviam um ciclo vicioso, de brigas, términos e voltas e isso fazia mal a ambos. Aperto os lábios, e ela continua a dizer:

— Eu não isento minha culpa, porque eu sempre o aceitava de volta, mesmo sabendo que eu não era a primeira opção. Acho que a gota d'água pra mim foi quando ele chorou no meu colo porque você o rejeitou... — Ela está se segurando para não chorar, por isso olha para o chão antes de continuar a dizer: — E eu não sei se o que tínhamos pode ser chamado de amor, talvez pode ser considerado um vício, era difícil respirar se eu não estivesse com ele. Mas agora, depois que eu percebi que ele não é o meu oxigênio, porque ninguém deve ser seu motivo de viver, eu... eu consegui dizer chega. Consegui dar um basta nesse ciclo vicioso.

— Eu, eu não sei o que dizer. Eu vi de perto o relacionamento de vocês, e realmente vocês se maltratavam, forçavam a ficar juntos mesmo não estando bem.

— Eu o forçava. Ele sempre sentiu que tinha uma dívida comigo, a dívida de irmos para a NYU juntos, como sonhamos na adolescência. — Ela olha para mim, seus olhos estão marejados.

— E agora? Você mudou os planos?

— Mesmo depois que terminamos, ele ficou comigo quando eu mais precisava, quando minha mãe ficou doente e... Eu agradeço muito a ele. E agora eu vejo que não posso fazer ninguém me amar. Está na hora de eu ter meus próprios planos. Eu nem sei se quero ir para a NYU... — Ela começa a rir. — É sério, eu nem sei qual é meu sonho.

— Você precisa descobrir. Tenho certeza de que tem algo que você ame.

— É... Estou ansiosa pra isso... — Respira fundo.

— Quero que você saiba que da minha parte não há ressentimentos, eu quero que você encontre e percorra o caminho para sua felicidade. — Aproximo-me dela de braços abertos. Jasmine aceita meu abraço e o retribui.

— Obrigada... — Diz afastando-se aos poucos.

— Isso foi estranho? — Pergunto sem jeito.

— Um pouco — responde e começamos a rir de novo. Não sabia que precisava dessa conversa até ela acontecer. É como se eu estivesse carregando um peso há muito tempo e tivesse me acostumado com ele. E agora, finalmente esse peso caiu. — Eu tenho que ir, só vim me despedir do passado. — Diz olhando para a casa do antigo namorado.

— Se cuide. — Despeço-me quando ela entra no carro. Jasmine diz o mesmo para mim e seca uma lágrima antes de colocar o cinto.

Suspiro.

Toco a campainha da casa e Morgan me recepciona:

— Ei... Você pode me esperar aí dentro?, eu tenho que ir à farmácia rapidinho.

— É claro que eu posso. — Respondo adentrando à sala.

— Fica à vontade, eu fiz café — avisa antes de sair pela porta, batendo-a a seguir.

Sento-me no sofá e pego o celular para conferir algumas mensagens. Minha tia avisou que havia ido com o vovô ao médico essa manhã e queria conversar sobre isso comigo. Aperto as mãos já ficando apreensiva.

De repente ouço uma voz familiar e viro a face para trás:

— *You've got a friend in me, you've got a friend in me. (Você tem um amigo em mim! Você tem um amigo em mim!)* — Chase está cantando *You've got a friend in me*, do Toy Story. Aperto os olhos, abro a boca estupefata, não esperava uma reaproximação.

Levanto-me e fico parada com os braços cruzados, ouvindo ele cantar o próximo verso:

— *Quando a estrada adiante parecer dura, e você está há milhas e milhas de sua bela cama quente, você apenas relembre do que seu velho amigo disse: Garota... você tem um amigo em mim...* — Ele se aproxima e fica diante de mim: — *É, você tem um amigo em mim...*

— O que é isso, Chase?

— Meu pedido de perdão, Boo. — Solta a respiração. — Perdão. Eu... Eu sei que fiz tudo errado e que posso ter perdido sua amizade pra sempre, mas me desculpa.

— Tudo bem, tudo bem... Para de pedir desculpas, eu não gosto disso, você sabe.

— Eu sei... Eu só tive que fazer isso porque quero e vou começar uma nova fase na minha vida.

— Como assim? Para onde você vai?

— Vou sair da Tasty House e da oficina porque... — Ele faz suspense, está nervoso. — Porque entrei na NYU.

Na hora eu pulo para abraçá-lo esquecendo-me das nossas diferenças.

— Meu Deus, Pumpkin, como assim? Quando ficou sabendo? Por que não me contou antes? — Pergunto afastando-me. Era certo que os candidatos à faculdade recebiam a carta de aprovação ou não no mês de março.

— Fiquei sabendo há dois meses. Estava na lista de espera. E eu não te contei porque não sabia se iria, e nós não estávamos bem...

— É... Não estávamos. — Concordo com ele, triste por termos chegado a esse ponto.

— Enfim, as aulas começam no próximo mês e eu vou me dedicar totalmente aos estudos, por isso vou morar perto da faculdade em uma república.

— Uau, eu estou tão feliz por você, mesmo que tenhamos nos afastado. Ele morde os lábios e respira fundo.

— Falei muitas coisas que não devia, você é a minha melhor amiga e eu passei do limite. Só quero que saiba que sempre vou te desejar o melhor, mesmo que seja longe de mim.

— Eu não quero ficar longe... — Digo o que eu sentia no meu coração. Morgan e ele eram como meus irmãos.

— Mas eu não posso ficar perto. Não agora, preciso esfriar esses sentimentos.

Chateada eu aperto minhas mãos, sentindo-me incapaz de falar algo que fosse trazer algum conforto para essa situação.

— *Você tem um amigo em mim, você tem um amigo em mim. Você tem seus problemas, eu os tenho também. Não há nada que eu não faria por você...* — Continua a cantar para afastar o constrangimento.

— *Nos mantendo unidos, nós podemos resolver isso. Porque você tem um amigo em mim...* Você tem um amigo em mim — canto o próximo verso desafinada e estendo a mão para ele que a pega.

— Sempre seremos amigos, *Beautiful*. Sempre. — Ele puxa minha mão e

me dá um abraço selando a promessa.

Sorrimos ao nos separarmos. Havia muita coisa que eu queria dizer a ele, mas que deveria guardar para o momento que não fosse tão difícil estarmos no mesmo espaço. A porta se abre e Morgan aparece logo perguntando:

— Se resolveram, Buzz e Woody? — Ela pergunta rindo. Buzz era o personagem favorito de Chase e Woody o meu. Nós dois rimos na mesma hora confirmando que estava tudo certo, ou caminhando para isso. — Ótimo, porque eu estou devastada sabendo que vou ficar sozinha nessa casa. Não acredito que meu irmão mais novo está me deixando.

— Vai ficar sozinha porque quer, o seu namorado te pediu pra morar com ele — meu amigo entrega sua irmã.

— O quê? — Viro-me para ela. — O Jake te chamou pra morar com ele?

— É... Ele pediu. — Ela se joga no sofá suspirando. — Chase, você não tem que arrumar suas malas? — Olha feio para o irmão.

— O.k. O.k. Não vou me intrometer. Vou arrumar minhas malas. — Ele levanta as mãos rendido e dá passos de costas para trás.

Assim que ele sai eu pergunto à Morgan:

— E o que você disse ao Jake?

— Que não, claro! — Ela está agitada. Não parece tão decidida, mesmo que sua boca diga o contrário. — Eu não posso ir embora, não quero deixar essa casa. É o nosso único patrimônio.

— Vocês podem vender... — Analiso.

— Não, não, jamais venderia. É a herança dos nossos pais. Eu, eu não quero. — Ela tinha dificuldades de desapegar do único bem que seus pais deixaram para eles e eu entendo isso, era como uma ligação com eles.

— Então por que você não o chama para morar aqui? Hein? — Dou a ideia.

— Sei lá, não sei se daríamos certo. Somos tão diferentes... — Ela está

arredia, está com medo de se entregar. Minha amiga sempre foi muito segura do que queria para vida dela, e cair de paraquedas em um relacionamento não estava em seus planos.

— Só vai saber se tentar.

— Tenho medo de que nossa relação atrapalhe a minha profissão, minhas ambições. Eu conheço os homens, já tive pacientes que tiveram suas vidas roubadas pelo parceiro. Eu não quero isso — diz com convicção para si mesma, pois perde o olhar várias vezes.

— Ainda não sou muito experiente, casei há pouco tempo, mas acho que relacionamento é cada um se doar um pouco, não é? — Tento me basear na experiência mínima que tenho. — E se lembrar de jamais entregar sua vida a outra pessoa, a sua vida é apenas sua.

— Aí é que está, eu não quero me doar, quero ser cem por cento minha!  
— Exclama.

— Entendo, então... Você vai terminar com ele? — Pergunto. A decisão era dela e eu jamais a influenciaria nesse momento.

— Vou... — Sua voz abaixa abruptamente. — Na verdade eu fiquei de ligar para ele para dar minha resposta e não liguei. Mas eu vou fazer isso — coloca o polegar na boca e começa a roer sua unha.

Está claro que a Morgan está em um conflito interno que só ela poderia resolver. Minha amiga era uma mulher admirável, forte e decidida sobre o que ela queria da vida. Mesmo que seja visível que ela está apaixonada, sinto que ela renunciaria a essa paixão por conta dos seus ideais.

— Você sabe, eu vou te apoiar seja qual for sua decisão — digo pulando para abraçá-la.

— Você está muito calorosa, Wicks, ops, Hurron. — Corrige, eu mesma esquecia que tinha mudado o sobrenome. — Isto é sinal que essa lua de mel está durando, hein? — Olha-me maliciosa quando me afasto.

— É... Eu não quero falar isso agora porque seu irmão pode ouvir — abaixo o tom de voz. — Só adianto que a química e a ligação que Dante e eu temos é forte demais.

— Você já está ficando arrepiada só de falar — nota.

— É incrível. E eu vou te contar isso quando estivermos sozinhas. — Digo, pois teríamos tempo para isso depois, eu ainda queria contar tudo que aconteceu no final de semana e queria ouvir o relato dela sobre o trabalho que estava fazendo como voluntária aos sábados, para ajudar na autoestima sexual das pessoas.

Despeço-me dos meus amigos, pois precisava muito saber o que aconteceu na consulta do meu avô. Por isso, assim que entro na minha antiga casa, já chego perguntando à minha tia o que aconteceu.

— Oi tia. Cadê o vovô e a vovó? — Pergunto assim que me sento ao lado dela no sofá.

— Sua avó foi fechar o aluguel do apartamento e seu avô está dormindo no quarto — ela responde.

— Entendo... — Os dois deviam estar muito chateados. — Como foi a consulta, aconteceu alguma coisa?

— Calma, calma. O Charlie está respondendo mal nos testes e, por isso, o médico recomendou que devemos pensar em procurar uma forma de cuidar dele quando estiver pior. No próximo ano. Ele... — Ela fica receosa em falar. — Ele recomendou um asilo.

— O quê? Asilo? Não. Jamais. — Retraio-me negando a ideia completamente. — Eu faço o possível, me mudo de novo para cá ou o levo para minha casa, Dante e eu estamos pensando em nos mudar.

— Eu sei... Eu sei... Calma. Foi apenas uma recomendação, porque vai ficar cada dia mais difícil, não falo por nós, falo por ele.

— Eu vou parar meu curso o próximo ano, vou dar um tempo nele e posso

cuidar do vovô pela manhã e meio período da tarde. Assim não vai ficar pesado pra você. O papai pode ajudar também.

— Rosalie, meu amor, não está pesado pra mim. Você não precisa fazer sacrifícios.

— Não é sacrifício. Eu tenho que ajudar e vou.

Ela suspira pesadamente.

— O Charlie me pediu para convencer o seu pai a colocá-lo no asilo quando ele não conseguir fazer suas necessidades básicas sem ajuda.

— Não, não... O papai não compactuaria com isso, eu não vou deixar!

— Eu também não quero isso. E nem vou tentar convencer seu pai, só estou te contando para que saiba os planos do seu avô.

— Eu vou conversar com ele. — Levanto-me.

— Agora não, ele está muito cansado, é melhor deixá-lo sozinho.

— Droga... — Engulo minha frustração. Vovô era o tipo de pessoa que odiava dar trabalho e que sempre foi tão independente, sabia que em algum momento ele iria inventar algo do tipo. Mas eu não vou deixar, eu vou até o fim com ele.





Passou-se um mês até que Dante pudesse voltar ao campo. Houve acompanhamento médico do início ao fim e muita conversa entre nós sobre sua saúde. Ele estava decidido e eu também estava decidida a apoiá-lo. Sabia que ele precisava jogar essa temporada para encerrar aquele ciclo fantasmagórico. Não faço ideia se vai seguir na liga, também acredito que ele não saiba, mas seja qual for sua decisão, vai ser uma escolha inteiramente dele. Seu próprio caminho.

Todos os dias eu passo algumas horas com meu avô, passava tão rápido, eram momentos que eu vou guardar pra sempre no livro da minha vida. Sem falta eu aparecia depois do curso para vê-lo e lia histórias. Vovô amava que eu lesse para ele, dizia que minha voz o acalmava. Desde que minha vó decidiu ir embora, eu olhava no olho dele e via um vazio.

A única coisa que podia preencher esse vazio eram os olhinhos brilhantes da dona Catherine. Pensar nisso me deixava tão triste. A minha única esperança era que o destino de alguma forma fizesse o meu velhinho teimoso mudar de ideia.

Há alguns dias, Dante cumpriu o que havia me dito e deu dinheiro à sua mãe. Os dois tiveram uma longa conversa sobre passado e futuro. Caroline se defendeu da acusação de que só voltou por dinheiro, mas também não se isentou da ajuda financeira. Ela voltou para o Tennessee recentemente para resolver os problemas financeiros e voltar a trabalhar. Foi embora prometendo que dessa vez seria diferente, que estaria com os filhos agora. Mesmo sem esperanças, espero que ela cumpra essa promessa.

A volta à temporada estava marcada por muita apreensão da minha parte.

Era o primeiro jogo em casa e contra nossos rivais, os Eagles. Eu estava na torcida e cheguei a conversar com Tom e Steve:

— Eu achei justa a expulsão do Kalel, desde a contratação eu o achei fraco — Goodwin opina.

— Eu esperava ver um pouco mais dele, sabia da rivalidade com o Hurron, só não esperava uma agressão. — O outro torcedor considera.

— Tive medo de que ele não fosse expulso, porque muitos cogitavam que foi um acidente. Que, convenhamos, obviamente não foi — automaticamente cerro os punhos. A vontade que tenho é de dar uma surra no Combis só de pensar no que ele fez. — Mas tanto o depoimento do Dante quanto o do Joshua foram essenciais para a expulsão do quarterback fajuto — exponho. Kalel foi expulso há algumas semanas do time e, desde então, estava sumido da mídia.

— Me admira o Hurron estar em campo, pensávamos que ele ficaria fora da temporada — Steve diz.

— Não é porque ele é meu marido, mas, o Dante é muito corajoso.

— Você é uma bela puxa-saco, mas ok, tenho que concordar. — Ele dá o braço a torcer. — Eu vou buscar um refil de pipoca, vocês querem algo?

— Pega um refil de Coca-Cola pra mim? — Peço e entrego o dinheiro a ele.

Assim que fico sozinha com Tom, pergunto-o sobre o que aconteceu no passado. Se ele se lembrava do encontro que teve com Dante. Como se tivesse sido pego na mentira, na mesma hora ele afirmou que mentiu.

— Eu não menti por mal, achei que você havia se metido em uma enrascada, por isso eu dei o nome da Cheryl Elsdon. Ela era a pessoa perfeita, ela realmente tinha ido ao último jogo aquele dia.

— Justo a Cheryl? Você sabia o quanto ela me odiava.

— Sim, exatamente por isso, porque se fosse algo ruim, ia sobrar pra ela.

— Mas por que a pergunta agora?

— Por nada... É só algo que eu queria esclarecer. — Se não fosse pelo Tom, será que Dante e eu teríamos nos conhecido mais cedo? E se sim, será que ficaríamos juntos? Eu era outra pessoa naquela época, uma adolescente boba, e ele um jogador em ascensão. Talvez não teria dado certo.

De uma coisa eu tenho certeza, o destino trabalhou forte para que nossos caminhos se cruzassem. E se não fosse por Caroline, se ela não tivesse me salvado, jamais teríamos nos encontrado. Nossos destinos sempre estiveram ligados e, parece que mais cedo ou mais tarde nos encontraríamos.

— Você acredita em destino?

— Ah... Acredito desde hoje de manhã, eu peguei uma corrida às seis da manhã em um condomínio perto de casa. A garota que entrou no carro era tão linda. Ela entrou cabisbaixa e trançando o cabelo em um coque. Não falou nada... Fiquei hipnotizado. — Ele olha para frente todo esperançoso, relembrando do momento.

— Uau, então você se apaixonou? Falou com ela?

— É... Você sabe que eu tenho que manter a compostura no trabalho, por isso apenas perguntei a ela se deveria seguir o GPS ou se tinha algum caminho melhor.

— E o que ela disse? Puxou algum assunto?

— Ela começou a chorar, muito. E eu não sabia se iniciava a corrida ou se tentava falar com ela. Mas o meu dilema foi resolvido quando ela começou a falar comigo e contou sobre ter sido dispensada pelo cara que ela estava saindo naquela manhã.

— E você a confortou?

— Não sou muito bom com isso, mas falei com ela, que conversou comigo durante o caminho. E é isso.

— E o que mais? Morreu aí?

— Sim... O que eu poderia fazer? Eu não podia dar em cima dela de forma alguma.

— Você está certo. Seria muito errado — reflito. — Mas, você sabe, o destino pode dar um jeito de reunir vocês de novo.

— Quem sabe. — Ele diz desanimado e pega um chocolate do bolso. Ele sempre andava com algum doce. Oferece-me e eu aceito.

— Você é fã de doces, hein?

— Eu adoro e tenho que me policiar, é um vício.

— Então você precisa comer a torta de chocolate da Tasty House, é divino. Tenho certeza de que vai se tornar seu doce favorito.

— Estou te devendo uma visita lá, né, pode deixar que eu vou em breve. — Promete com um sorriso surgindo em seu rosto. Logo Steve volta e me entrega o refrigerante. Dou um gole longo enquanto aguardava o início do jogo.

Na entrada do estádio eu me esbarrei com Sebastian e ele já falou merda pra mim, dizendo que eu cumpri meu objetivo de torcedora e me casei com um jogador. Se ele aparecer na minha frente eu não sei se vou me controlar. Nosso histórico de brigas era pesado e ele com certeza deve estar louco para me ferrar, principalmente porque agora eu sou uma figura pública.

O jogo começa e tento não roer minhas unhas. Os Giants jogam bem no primeiro e no segundo quarto. Dante mantém uma boa estratégia, a qual ele estudou a semana toda. Com a ajuda de Joshua em campo e a melhora de Noah, junto com todo o time, nós saímos dois pontos em vantagem, mas ainda não estava ganhando.

No intervalo eu aproveito para ir ao banheiro e encher meu copo de refrigerante, quando novamente dou de encontro com o torcedor rival que nunca me esquecia.

— Wicks, por que não diz para seu marido ficar em casa? Não tem medo

dele bater a cabeça de novo? — Começa a provocação na fila do refil.

Ignoro-o.

— Eu fiquei sabendo que você namorou o Combis, parece que você tem um grande interesse por jogadores. É de se admirar que o Hurron tenha caído nas suas garras, ele parecia mais esperto... — Continua a colocar pilha e eu estou muito preparada para dar um soco nele.

Acontece que eu tive que ficar quieta porque eu estava tentando não ser reconhecida. Estava com o capuz do meu moletom e com o rosto pintado de um lado azul, e se eu não tivesse literalmente esbarrado no Sebastian, na entrada, ele não teria me reconhecido.

— Cala a boca — falo entredentes. Sou a próxima da fila e tenho que me controlar para não encher o copo e jogar na cara dele.

— Está bravinha, sinal que toquei na sua ferida. — Ele se aproxima da minha orelha pra dizer. O meu eu do passado já teria virado e dado um soco na cara dele, porém o meu eu do presente sabe bem as consequências de um ato por impulso. Ainda mais com toda a mídia em cima de mim.

Termino de encher o meu copo e antes de sair mando Sebastian se foder bem baixinho. O que inflama ainda mais a raiva dele por mim. Volto quase correndo para o meu lugar na torcida, sei que minha rivalidade com o *Underdog* deveria acabar, mas sempre que nos encontrávamos ele fazia de tudo para me tirar do sério.

Vejo um homem descendo as escadas e noto que ele parecia muito com Luke. Será mesmo que ele viria até aqui? Será que estava disposto a ver o seu irmão em um momento de glória?

Conto ao Tom e ao Steve sobre o que aconteceu no intervalo e os dois dizem que estão comigo caso aconteça alguma briga na saída. Quando decidi vir ao jogo como uma pessoa normal e não como a esposa do rei da NFL, Dante ficou com medo de que isso causasse algum alvoroço ou confusão na

torcida. Tive que garantir a ele que ia me comportar e ser imperceptível. Espero sair daqui com essa promessa cumprida.

No último tempo é impossível não roer as unhas porque estávamos empatados. Segurei as mãos uma na outra e as pousei em meu queixo. Faltava pouco para encerrar e o quarterback dos Giants chamou a formação para definir a próxima jogada.

É crucial o acerto de Dante para mostrar a todos que ele estava pronto para o retorno. Com a posse de bola, os Eagles avançam as jardas de uma forma muito rápida, mas a nossa defesa consegue interceptá-los.

A bola é nossa!

Digno de um quarterback, sabendo que era a única jogada a ser feita, ele aplica a formação empty backfield, a formação necessária para se percorrer muitas jardas. Tanto o pensamento quanto as jogadas foram rápidas. A bola passou por três jogadores do time pelo ar, foi preciso de uma agilidade imensa para que Dante pegasse a bola e chegasse à End Zone sem ser interceptado.

— Touchdown! Porra! Vencemos! — Grito e toda a torcida grita comigo em êxtase.

O fim de jogo é anunciado segundos depois. Todos os jogadores pulam uns nos outros se abraçando. Todos estão felizes e satisfeitos com a volta do rei da NFL. Os jornalistas logo entram em campo para fazer as entrevistas e Dante é um dos mais disputados.

A adrenalina no meu corpo está tão alta, tudo que eu quero é abraçar o meu marido e gritar para todo mundo o quão forte ele é. Por isso desço pelas escadas correndo sem medo de cair e me espatifar no chão. Só quero ver o Hurron dar entrevista de perto.

— Muitos tentaram me derrubar e ainda tentarão, mas eu me mantenho firme. Eu sou um Giant, sou um gigante. Mesmo que um dia eu esteja de

joelhos, não vou desistir de ser quem eu quero ser! — A voz e a imagem de Dante dando a entrevista surge no telão.

Sorrio orgulhosa.

— Nós somos gigantes! — Os jogadores em campo puxam o coro. — Nós somos gigantes! — Continuam e aos poucos toda torcida grita junto. — Nós somos gigantes!

Mais rápido que eu — que deveria ter pensado nisso —, e para minha surpresa e de todos, Luke, que estava embaixo na primeira fila das arquibancadas, basicamente saltou e pulou no campo para correr até o irmão.

Os seguranças saíram correndo, porém ele foi rápido o suficiente e deu um abraço em Dante. Tão forte. Tão real.

É tão lindo que tenho vontade de chorar. Rápido, Dante fala algo para os seguranças e logo eles deixam Luke ficar em campo. Os jornalistas que conversavam com outros jogadores se aglomeram em volta dos Hurrón's, todos curiosos sobre a reconciliação.

Estou sendo exprimida por muitas pessoas e a segurança estava toda em cima de nós, por isso decido sair e tentar a entrada vip. Afinal, foi o que meu marido queria que eu tivesse feito desde o começo.

Encontro com Steve e Tom na saída, em frente ao estádio, eles estavam combinando uma confraternização com os membros da Big Blue.

— Porra, eu pensei que fosse ter um infarto nos últimos minutos de jogo — Tom fala.

— Eu disse para vocês confiarem. O nosso time é foda. Aqui é Big Blue, porra! — Grito e eles gritam junto comigo. A entrada estava cheia com a nossa torcida e a do Eagles e eu me lembro que deveria ter ficado quieta.

— Ora, ora. Está cantando vitória antes da hora — merda. Viro-me e vejo Sebastian. Meus amigos se posicionam ao meu lado, pois o *Underdog* estava com sua matilha.

Estou cansada desse cara, sempre que nos encontrávamos ele queria arrumar confusão comigo. E se era confusão que ele queria. Ele vai ter!

— Sebastian, por acaso você é a fim de mim? Por que continua me perseguindo? Eu não quero nada com você. — Pergunto de braços cruzados, perfurando totalmente o ego dele. Tom segura meu braço pedindo para ter calma, mas eu me desvencilho.

— Eu? A fim de você? Eu só acho que seu lugar não é aqui. Então volta pra cozinha, vadia — isso é a gota d’água pra mim. Abro a boca chocada demais. Quem ele pensa que é? Não me seguro e não deixo ninguém me segurar. Dessa vez esqueço quem era meu eu do passado e quem é o meu eu do presente e dou um socão na cara dele.

— Vai se foder, babaca! — Berrei. Sebastian quase caiu, entretanto é aparado por seus amigos. Uma pena. O nariz dele sangra e eu fico satisfeita por ter feito um bom trabalho.

Depois disso eu corri, corri como ninguém e, bom, a confusão se formou bem atrás de mim. Paro colocando a mão no joelho e pensando que estava livre. Mas quando levanto a cabeça dou de cara com ninguém menos que a polícia.

Eu sou a garota Corn’s, fã número 1 dos Giants, líder da Big Blue, cozinheira na Tasty House, casada com o rei da NFL e, mais uma vez, fui presa. É, velhos hábitos não mudam.







**INFINITOS DO AMOR**



## Capítulo 24

A sensação de ser presa pela segunda vez com certeza é menos tensa que a primeira. Não me sinto uma criminosa, nem um pouco, aliás. O meu maior arrependimento é não ter corrido mais. Fui boba o suficiente para achar que a polícia não estava à espreita.

Eu também admito que poderia ter ouvido meu marido, mas não, eu sou teimosa e honro a minha fala de que sempre vou até as últimas consequências das minhas decisões. Agora estou com a cabeça encostada nas grades pensando se Dante vai vir até aqui ou se ele achou que minha prisão foi uma *Fake News*.

Se eu me esconder atrás dos torcedores, pode ser que me livre de ser pega em uma situação como essa pelo meu marido. Na delegacia separaram os torcedores dos Eagles e dos Giants, cada qual em sua sala, para obviamente não acontecer brigas. No entanto, isso não nos inibiu de xingar uns aos outros.

O barulho das torcidas ficou ainda pior em determinado momento e eu tive que erguer a cabeça para ver o que estava acontecendo. E logo noto que Dante era o acontecimento. O quarterback entrou acompanhado de um segurança, ele estava com o moletom de treino e olhava para as celas à minha procura.

Abaixo a cabeça colocando os cabelos em minha face em busca de passar despercebida, o que não funcionou, pois a voz grave dele me fez dar um pulinho:

— Rosalie...? — Ele parece preocupado e, ao mesmo tempo, furioso, pois sua mandíbula está tensa.

Com um sorriso constrangedor, eu olho direto para ele que toma um susto ao ver meu rosto. Eu devia estar um desastre, tenho certeza disso. O barulho

das torcidas continua e é difícil ouvir a voz dele em meio à balbúrdia.

— Vão te soltar daqui a pouco, meus seguranças vão te ajudar a ir até o carro. — Dito isso, ele caminha ao lado do segurança para deixar a delegacia.

Viro-me para trás e me sento no banco para conversar com meus amigos. Eu os havia colocado nesse aperto e era a primeira que poderia sair, não achava isso justo.

— Meninos, me desculpem por colocar vocês nessa enrascada.

— Aqui é Big Blue, estamos juntos — Steve diz.

— Não se preocupe, Rosie. Sempre vamos defender quem nos defende. — Tom mostra um sinal de joia, afirmando que estava tudo bem.

— E o resto do pessoal, como vai ser? — Pergunto. Havia mais gente da torcida que estava presa conosco.

— Eles? — Inclina a cabeça para o lado para indicar o pessoal que estava próximo às grades. — Fique tranquila, vão soltá-los, só os prenderam porque estavam no meio da bagunça. Nós somos os principais envolvidos — Steve me tranquiliza.

— O.k. Eu espero mesmo que sim. — Digo, pois estava disposta a me mobilizar se ocorresse o contrário.

Não demorou muito para que as palavras de Dante fossem cumpridas, por isso eu despeço-me dos meus amigos rapidamente, antes que o policial mude de ideia e me mantenha presa.

— Pessoal, nos encontramos no próximo jogo. Não se esqueçam, somos gigantes! — Grito e o policial que estava segurando meu braço o apertou levemente.

— Se continuar fazendo algazarra eu te coloco dentro das grades de novo. — Ameaça-me, mas eu o ignoro completamente.

— Valeu Rosie... Estamos com você! — Tom grita e a seguir todo mundo

faz um coro. Só que é difícil entender o que estão falando porque a bendita torcida rival está me vaiando ao mesmo tempo.

Perto das grades está o Sebastian e, claramente ele vai sair logo. O rosto dele está bem vermelho e eu elogio o meu soco em silêncio. Assim que o policial mal-encarado me solta, sou guiada pelos seguranças para a saída. Não entendi de imediato porque precisava de segurança, porém entendo completamente quando quase fico cega por conta dos *flashes*.

Jornalistas rodeavam a entrada da delegacia e chamavam por mim a todo segundo. Um deles dava entrevista para um canal de televisão. Assusto-me com a forma que estavam falando sobre mim:

— Estamos na delegacia de New Jersey para informar que Rosalie Hurron, esposa do quarterback dos Giants, foi presa esta tarde por agredir um torcedor dos Eagles e de incitar uma rivalidade entre as torcidas...

As fotos continuam e eu abaixo a cabeça com o capuz, tapando parte do meu rosto. Deus, que pesadelo.

— Garota Corn's, uma palavra, por favor — eles tentavam colocar o microfone perto de mim, mas os seguranças os barravam.

— Cinderela, o conto de fadas acabou? Você e o Hurron estão bem? — O canal de fofoca estava mais preocupado de pegar um furo em nosso relacionamento do que saber sobre minha prisão.

Não devo e nem posso responder nenhum deles. Tenho certeza de que tudo que eu disser pode e será usado contra mim.

Respiro fundo para não surtar. Tento bloquear todos que falavam ao mesmo tempo e sigo até o carro. O alívio é imediato quando os zumbidos param e eu consigo me sentar no estofado tão macio. Minha bunda estava doendo depois de ficar sentada na cadeia.

Meu marido estava sentado ao meu lado e quem dirigia o carro era Phillipe. O motorista me dá um sorriso e eu o devolvo sem graça. Dante não

falou nada, está em silêncio. Sei que ele está puto da vida. Sua mandíbula continua cerrada e ele só fala comigo uma vez:

— Você está bem? Alguém te machucou?

— Não. Estou ótima. Dante... Eu... — Quero explicar o que aconteceu.

— Falamos em casa sobre isso. — Encerra o assunto.

Fico quieta, pois, precisávamos ficar sozinhos para que eu pudesse começar a minha defesa. Tivemos dificuldades de sair de frente da delegacia, pois os jornalistas estavam prontos para nos seguir. Agora tenho certeza de que pelos próximos dias, não teremos sossego.

O trânsito é caótico até chegarmos ao nosso prédio. E, temos que caminhar juntos com os seguranças — que nos seguiram — para conseguirmos nos livrar dos jornalistas, que também estavam rodeando nossa moradia.

Nesse momento tenho pena dos nossos vizinhos, desde que a imprensa soube que o prédio era de Dante, todos os dias havia algum paparazzi à espreita. Na maior parte do tempo eu fingia que eles não existiam e seguia a vida, só que nesse momento é impossível fazer isso, pois havia muitos deles.

Assim que entramos no prédio e finalmente passamos pela porta do apartamento, eu abro os ouvidos para ouvir o sermão. Dante vira-se para mim, está com as mãos no bolso e, nossa, seus lábios inferiores estão tremendo? Ele está tão raivoso assim?

— Dante... — Quero preparar a minha defesa antes.

E então, antes que eu desse o meu discurso, o meu marido abre a boca e, pasmei. Ele caiu na gargalhada. Ele ri, ri muito alto. Ri com uma vontade absurda, poucas vezes o vi rindo desse jeito.

— Ei! Eu sou alguma piada pra você? — Assim que pergunto, a sensação de déjà-vu me atinge.

— Desculpa, é que.... — Ele funga e volta a rir, o filho da mãe coloca a mão até na barriga. Havia esquecido que meu marido era um piadista. —

Meu Deus, eu não estou acreditando até agora... — Ri mais uma vez e passa o dedo indicador abaixo dos olhos para retirar uma lágrima. Respira fundo e me olha, notando que eu estava com as mãos na cintura, furiosa por conta da sua histeria.

— Acha bonito rir da sua mulher?

— Não é que eu esteja rindo de você, estou rindo da situação. Eu jamais imaginava que iria buscar a minha esposa na delegacia por ter agredido alguém da torcida rival. Isso foi um máximo... — Pigarreia. — Quer dizer, isso foi bem errado, dona Rosalie. Se tivesse me ouvido teríamos evitado esse tipo de situação. — Ele me dá um sermão.

— Tudo bem... Você está certo nesse ponto. Às vezes eu só ouço a minha própria voz.

— Exato.

— Você faria a mesma coisa que eu se estivesse no meu lugar. — Aponto.

— O que foi que aquele cara te disse ou fez pra que você batesse nele? — Averigua.

— Na verdade, temos um histórico de desavenças. E eu estava ignorando as irritações dele, só que o auge foi quando ele me mandou voltar pra cozinha e me chamou de vadia. — Conto com os punhos cerrados. Só de pensar nas palavras do Sebastian, uma raiva culminante surge dentro de mim.

— O quê?! Eu vou matar esse cara agora. — Sua face fechou-se dura e uma veia se salientou em seu pescoço.

Eu o barro, o seguro com meu corpo para que não saia pela porta.

— Você não vai fazer nada, eu já dei conta dele.

— Realmente... Minha esposa é uma mulher forte! — Ele me aperta em seu corpo. Abraçando-me por completo.

— Eu sei me cuidar. — Digo orgulhosa de mim mesma.

— Só temos um problema, vou ter que soltar uma nota na imprensa

pedindo desculpas pelo ocorrido.

— Eu não quero pedir desculpas para aquele imbecil.

— E nem precisa. Só que precisamos dizer que lamentamos a confusão e que não incitamos briga alguma entre as torcidas. Somos figuras públicas, nós influenciemos as pessoas. Esse tipo de conduta não pode ser replicada pelos fãs, entende? — Ele cutuca a ponta do meu nariz.

— Tudo bem, você está certo. — Concordo. — Ao menos podemos falar que o Sebastian não é o mocinho nesta história?

— Por enquanto é melhor esperarmos e ver se ele vai te processar ou não.

— Eu chuto que não, ele com certeza é o tipo de homem que tem vergonha por ter apanhado de uma mulher.

— É... De qualquer forma, os jornais estão anunciando tudo. Você está na capa de todas as notícias.

Socorro.

Afasto-me e pego o celular na mesma hora e pesquiso pelo meu nome. Imediatamente vem uma enxurrada de notícias sobre a prisão, além de claro, várias fotos minhas. A principal manchete dos sites era: “*Esposa do Quarterback dos Giants é presa por agressão*”. Quase caio para trás quando vejo as imagens. Deus! Eu estou horrível, pareço mesmo uma criminosa-maluca-arruaceira. Meu rosto, que estava metade pintado de azul nas fotos, estava inteiramente borrado com a tinta, os cabelos para cima por conta da touca e meus olhos... Meus olhos estão vermelhos.

Claro que eu estava com um pouco de alergia da tinta, mas o que parece é que eu fumei coisas ilícitas. E sim, estavam cogitando isso nas notícias. Solto um grito desesperado e decido que era melhor guardar o celular.

— Porra, estão dizendo que eu estava drogada! — Exclamo alarmada pelas notícias.

— É... Eu te disse o quanto eles aumentam as notícias. Você sabe o quanto



eu já fui prejudicado por elas. — Coça o queixo.

Tenho que concordar. Eu mesma fui uma que acreditei nas fake news que espalharam sobre ele. Agora estou dando a minha cara para bater, pois estou na mesma situação.

— E o que eu posso fazer? Não quero que esse tipo de notícia sobre mim se espalhe por aí.

— Vou pedir pra minha assessoria tentar tirar do ar. Vamos conseguir, mas até lá, teremos que lidar com isso.

— Droga... Eu e minha impulsividade... — Praguejo.

Dante volta a me abraçar e eu me aconchego nele.

— Eu adoro sua impulsividade e tenho um pouquinho de medo dela. — Ele ri e eu também. — Sei o quanto é forte, contudo, vamos ter que ser mais rigorosos com a sua segurança.

— Vou ter que andar com um segurança de agora em diante? — Pergunto. Já havíamos cogitado essa possibilidade.

— Sim, até a poeira abaixar. Não duvido que algum fã maluco dos Eagles tente ir atrás de você.

Engulo em seco, pois faz sentido, não duvido nada que tenha algum maluco louco para me dar uma surra por aí.

— Tudo bem... Eu vou tomar um banho. — Aviso e nos afastamos aos poucos. Estar nos braços dele era a sensação que eu precisava depois de ter passado por uma montanha russa. O fato que Dante me apoiou, mesmo eu tendo ido contra seu conselho, mostra que ele me enxergava como eu era. Impulsiva, verdadeira, um pouco exagerada e que também sou uma pessoa disposta a enxergar os meus erros. — E Dante?

— Huh?

— Obrigada por me apoiar. — Sorrio para ele.

— De nada, capitã — bate continência lembrando dos velhos momentos.

Debochado, como sempre. Nossos velhos hábitos, nossos velhos *eu's*.

Antes de tomar um banho, pego algodão para retirar a tinta do rosto. Limpo cada cantinho devagar enquanto me olho no espelho. Ao terminar, estou olhando para mim mesma e lembrando dos momentos em que tive no espelho e não conseguia me ver. Não conseguia ver a minha beleza.

A questão é essa, a minha imagem estava lá no espelho, da mesma forma que está hoje. Não estou de maquiagem, nem com o cabelo hidratado e muito menos com a roupa mais glamurosa do mundo.

Neste momento o reflexo do meu espelho é apenas eu. De uma forma nua e crua. E, meu Deus, como eu me amo. Eu não preciso repetir mil vezes que estou bonita, não preciso me autofortalecer. Tudo que eu vejo é simples. Vejo-me por dentro, por fora. Vejo-me sabendo que tem coisas que preciso melhorar como pessoa, mesmo assim, o orgulho me atinge em cheio.

Sorrio para meu reflexo. Sorrio enxergando uma mulher que pode ser chamada pelo que for pelas pessoas. Não importa. Ela sabe quem realmente ela é. E não há melhor frase para me descrever: Eu sou uma mulher foda.

E foda-se quem pensa o contrário.



Três semanas se passaram desde a minha prisão e a minha teoria que o Sebastian não ia me processar se concretizou. Em contrapartida, tivemos que pagar uma compensação financeira a ele por conta disso. O safado no fim das contas acabou lucrando e ficando mais rico. Além da nossa assessoria ter lançado uma nota de desculpas, eu falei no Twitter sobre o ocorrido, contando o porquê de eu ter batido no *Underdog*.

Muitas pessoas ficaram ao meu favor, sabendo da versão dos fatos e algumas continuaram contra mim. Eram pessoas que com certeza já me

odiavam antes. Continuei indo para o meu curso e trabalhando nesse período. Tive problemas com os repórteres e se eu pudesse teria tacado meu sapato em alguns deles.

Estava proibida de sair da cozinha e ir ao salão na Tasty House. Minha aparição poderia causar um alvoroço que não queríamos. Por isso, quando Martin entrou na cozinha avisando-me que meu amigo de torcida, Tom Goodwin, estava no restaurante, tive que pedir a Kaylee que levasse a torta de chocolate para ele.

Minha amiga não andava muito bem ultimamente porque o romance dela com Harrison não engatou. O Bauer não era o tipo de homem que queria compromisso sério e Kaylee já estava cansada de sair com homens que só queriam sexo sem compromisso.

Estava finalizando os pratos de entrada junto com Jake e ele acabou me perguntando se teria alguma forma de fazer a Morgan mudar de ideia:

— Acho que a única forma é tendo uma conversa sincera com ela, diga o que sente e escute o que ela tem a dizer.

— Já conversamos.

— Tenta de novo, ela gosta de você, de verdade. — Digo, eu realmente queria que eles ficassem juntos. — Mas ela é uma mulher independente, você precisa mostrar que nunca tentará tirar isso dela.

Desde que Chase foi para a faculdade Morgan estava sozinha.

— Eu vou tentar.

— Ei, vocês dois, menos conversa e mais trabalho — Lia chama a nossa atenção.

— Ah... Ela parece durona, contudo, adora ser mimada — cochicho. Ele sorri e agradece o conselho.

No final do expediente, quando estávamos prontas para ir embora, noto que a pâtisserie estava muito mais animada.

— Acredita que eu já conhecia esse seu amigo?

— Sério? Da onde? — Pergunto. Tom não havia ido ao meu casamento, pois ele não estava se sentindo bem no dia.

— Foi um dia que saí da casa do Harrison de manhã, nós havíamos brigado e eu pedi um Uber... E o Goodwin é esse Uber. — Ela conta e eu começo a entender tudo. Então Kaylee era a garota que meu amigo disse que gostou.

Depois disso acho que eu já posso ser chamada de destino.

— E então, você gostou dele? — Pergunto depois dela contar o quanto ele foi legal, tanto no dia da corrida quanto no restaurante.

— Você sabe... Ele não é meu biotipo físico. Mas ele parece ser uma ótima pessoa. E adivinhe? — Sua expressão se ilumina. — Me chamou para sair.

— Uau! — Boa, Goodwin. — E você aceitou?

— Ele disse que minha torta de chocolate é a melhor do mundo, então, sim, eu vou.

Não consigo esconder minha alegria e pulo abraçando-a.

— Ele pode ser seu futuro marido, já pensou?

— Calma, nós só vamos tomar uns drinks.

— É assim que começa, querida.

Kaylee ri. Fico aliviada de as coisas finalmente darem certo para ela. O problema que Harrison tinha e que eu consegui arrancar da Morgan, era que ele tinha problema de se conectar com as pessoas emocionalmente. E minha amiga estava tentando ajudá-lo com isso.

Quando estou entrando no meu carro, seguida pelo meu segurança, Sebastian, noto uma figura masculina à espreita. Ele está caminhando em minha direção, e o brutamontes que me protegia se colocou à minha frente.

Espio por trás dos braços gigantes do segurança e noto que a figura que se

aproximava era muito corajosa de aparecer à minha frente. Kalel Combis não tem limites mesmo.

— Sebastian, eu conheço ele. — Saio de trás e me coloco à frente do Kalel.

— Posso falar com você? — Pergunta.

— Não tenho nada para falar com você. — Meus olhos se estreitaram.

— A porra da minha carreira está acabada, Rosie. Está acabada — ele está quase chorando.

— É mesmo? E o que eu tenho com isso? — Fico de braços cruzados.

— Nós éramos amigos, lembra?

— Agora você se lembra? Se você quer a minha pena, sinto muito, não tenho. — Minhas palavras são duras como devem ser.

— Não quero sua pena. Eu só... Droga, é difícil falar isso na frente desse cara — ele olha para Sebastian.

— Fale logo, ele não vai sair.

— Só quero dizer que me arrependo. Se eu pudesse voltar atrás... Se eu pudesse — aperta os olhos e os abre de novo. — Jamais teria te trocado pela Alexia.

— Tarde demais.

— Eu sei... Eu sei... — Ele está com cara de cachorro abandonado e mesmo assim eu não consigo ter nenhuma pontinha de dó.

— Volta pra sua mulher, Kalel.

— Rosie... — Ele tenta se aproximar de mim, mas Sebastian o barra.

— Esquece que eu e o Dante existimos. Porque se você se aproximar de mim de novo eu vou socar a sua cara, está entendendo? — Ameaço-o.

— É fácil chutar cachorro morto. — Reclama raivoso.

— É fácil agir a vida toda por interesse e depois dar uma de arrependido.

— Retruco. Coloco a mão na porta do meu carro. — Adeus. — Não hesito

por um momento. E não me arrependo também. Sei que Kalel é o tipo de pessoa que passaria por cima de tudo para chegar ao topo, por isso esse não é o fim de sua carreira. Alexia que se cuide, pois não duvido nada que ele lhe passe a perna.

Quando chego em casa, tive que desviar das nossas caixas, estávamos arquitetando nossa mudança para o fim de semana e tudo estava uma bagunça. Encontro com meu marido já deitado na cama, ele estava descansando, já que iria viajar com o time para o próximo jogo.

Conto a ele sobre meu dia enquanto tirava a roupa e tenho cautela ao falar do encontro com o seu antigo rival. Entro no banheiro e deixo a porta aberta, enquanto escovo os dentes e o ouço falar:

— Se por acaso esse filho da puta entrar em contato com você de novo, nós vamos fazer uma medida restritiva contra ele.

— Fica tranquilo, isso não vai acontecer — falo depois de bochechar o enxaguante bucal. — Sabe o que eu estava pensando? — Mudo de assunto. Não queria gastar nem mais um minuto do meu tempo falando de alguém que se tornou tão insignificante para mim.

— O quê?

— No dia de ação de graças, podíamos convidar nossas famílias, não é? Temos uma casa tão grande, comportaria todo mundo.

— Sua família eu acho ótimo..., Mas a minha, eu não sei.

— Sei que é complicado, mesmo assim, será que não seria bom um reencontro entre todo mundo?

— E correr o risco do meu pai dar um soco no David?

— É... vendo por esse lado. — Faço uma careta. — O problema é que não dá para convidar sua mãe e não o convidar.

— Posso chamar o Luke e meu pai... Que já tem uma relação bem conturbada, mas não posso chamar eles.

— Já é alguma coisa. Minha família também não é totalmente unida. Meu pai e minha mãe também brigam muito. — Tenho até medo de colocá-los de novo no mesmo ambiente.

— Colocar todo mundo junto é um bom teste.

— Sim, ainda mais porque quando tivermos filhos, todo mundo terá que conviver, por eles. — Aponto esse detalhe.

— É...

Antes de entrar no chuveiro, seguro no batente da porta e coloco a cabeça para fora.

— Amor... Imagina como seria, como seriam nossos filhos. — Uma pontada de ansiedade me atinge.

Meu marido me olha e sorri:

— Lindos, é claro. Vão puxar o pai.

— Ei!

— E a mãe. Você não me deixou terminar de falar. — Ele se levanta da cama.

— Só de imaginar eu realmente fico feliz.

Dante entra no banheiro e me olha nua.

— Eles vão ser muito felizes se depender de nós. Quero ser um bom pai e tenho certeza de que você será uma ótima mãe. — Enlaça as mãos na minha cintura.

— Eu tenho que entrar no chuveiro, querido — falo ofegante em seus lábios. Só o seu leve toque levou o meu pensamento a outro nível.

— Também preciso entrar em um lugar, querida. — Seus lábios tomam os meus. E minha mente está gritando “*Meu Deus, esse homem é uma delícia*”. Dizem que o fogo vai se apagando conforme os anos de casados passam. Sei que esse momento um dia pode chegar, porque uma hora a calma sempre chega.

Mas enquanto não.

Enquanto cada toque dele me fizer arfar e gritar pelo seu nome. Eu vou aproveitar e muito o meu maridão.



No dia seguinte, à tarde, aperto a campainha da minha antiga casa com o intuito de ser atendida pelo vovô. Minha família e eu combinamos de fazer uma surpresa a ele. Queríamos que ele entendesse o quanto estávamos engajados em estar ao lado dele, nesse momento tão delicado.

A porta se abre revelando sua figura curiosa e eu rapidamente lhe entrego as flores que segurava com tanto carinho.

— O que é isso, minha filha? — Pergunta com os olhos apertados, acentuando suas rugas.

— Flor de lótus, pra você, significa que eu queria que sua vida fosse eterna — digo com um sorriso. Vovô fica desconcertado, mas abre espaço para que eu entre.

— Pra quê isso? Não precisa dessas coisas...

— Você vai entender. Quero que se sente na poltrona e... espere.

— O que está aprontando? — Meneia a cabeça para o lado em tom de curiosidade.

— Sem ficar ansioso, senhor Wicks.

Vovô olha para as flores e as cheira enquanto se senta. A campainha toca de novo e — conforme eu havia combinado —, minha tia aparece com flores em suas mãos. Ela havia saído apenas por cinco minutos para que o vovô não ficasse sozinho.

Jenna vai até ele e entrega suas flores:



— Zínia amarela, para que nunca perca as esperanças.

Vovô as recebe ainda confuso com o que estava acontecendo.

Com o *time* perfeito chega meu pai, abro a porta para ele que chega visivelmente emocionado. Agachando-se, ele entrega para o pai suas flores:

— Trouxe jacintos, para expressar o meu pedido de desculpas. Perdão, pai. — Sua voz sai embargada, mas tão, tão sincera que eu a sinto em meu coração.

— Pelo quê, meu filho? — Vovô aperta os olhos confuso.

— Por não ter aceitado sua doença, eu te deixei quando mais precisava — meu pai chora, chora como eu nunca o vi chorar. Vovô está com os três buquês nas mãos, apoiando-os no colo e quase os derruba para fazer com que papai levante.

— Você não me deixou. Estamos juntos, sempre. — Ele sorri para o papai que fungou.

— Sabe por que estamos fazendo isso, vovô? — Pergunto.

Ele nega com a cabeça.

— Nós tivemos uma conversa há um tempo, em que você disse que as flores representam a fragilidade da vida. É por isso que estamos te dando flores, elas são lindas, e não vão durar muito tempo. Mas, mesmo quando essas flores morrerem, o significado delas jamais poderá ser apagado.

— As flores são apenas um exemplo de tudo que desejamos a você. Estamos aqui reunidos para demonstrar o nosso amor — Jenna diz.

— E o amor...nunca acaba. Nunca morre. — O seu filho diz a ele com convicção.

Nós estamos chorando, o vovô está chorando. Reunimo-nos em volta dele, nós três de mãos dadas para dizer:

— Jamais vamos te colocar no asilo, porque jamais será um fardo cuidar de você. Nós te amamos, estaremos juntos. Até o fim — solucei com a última

palavra. Pensar no fim deixava meu coração pesado.

— Somos uma família. — Papai pronuncia.

— E só falta uma pessoa. Ela está aqui, você vai dar uma chance? — Jenna pergunta em relação a vovó. Depois de tudo que aconteceu, eu a chamei para vir aqui hoje e, mesmo sem esperanças, ela veio.

Meu avô confirma que sim com a cabeça. E passa a mão pelos olhos, limpando as lágrimas. Assim que vovó cruza a porta, o olhar dele foi impactado pela presença dela, ele estava em transe por ver a vovó de vermelho. Tão, tão linda. Isso com certeza deveria ativar as memórias guardadas em seu coração.

Ela se aproxima e damos espaço para que chegue até o vovô.

— Charlie, essas são minhas flores. Amor-perfeito. Em francês se chama “*Penseé*”, que significa “pensamento”. Na França, quando os homens iam viajar, davam essas flores às suas namoradas para mostrar que não se esqueceriam delas. — Ela sorri. — Isso significa que eu jamais me esquecerei de você, mesmo que você me esqueça.

Meu coração dói com essas palavras, mas com certeza doeu mais no coração do vovô. Ele chora recebendo as flores. Ele chora carregando todo o nosso amor.

— Catherine — ele sussurra o nome dela.

— Eu só precisava te entregar isso, tenho que ir embora. — Ela diz.

— Fica... — A voz dele sai quase rouca. — Fica...

De cabeça baixa, pensativa, Catherine fica. Parada, totalmente indecisa sobre o que fazer. Mesmo depois de tantas conversas que tiveram, era difícil para ela segurar o orgulho e ficar depois de ter sido rejeitada.

Respiro fundo para controlar as emoções, vou até o vovô e pego os três buquês para que ele segure apenas o da vovó.

— Vamos deixar vocês a sós — falo. Não era legal ter espectadores, pois

isso iria inibi-los. Puxo o meu pai e minha tia comigo, porém aproveito para espiar do corredor. É errado, eu sei, mas a minha ansiedade é a culpada.

— Eu não posso te prometer nada, além de que vou te amar. E mesmo que eu te esqueça aqui — aponta para a cabeça. Eu não vou te esquecer aqui — coloca a mão em seu coração. — Se quiser estar ao meu lado, eu te quero ao meu lado. — Levanta-se para ficar de frente a ela. Vovô segura as flores com carinho e olha para elas como se fosse a maior preciosidade do mundo, como se fosse verdadeiramente a junção do amor deles.

— Eu sei que não. Parece tarde demais, mas não é... — Os olhinhos dela estão brilhando. Uma mão do vovô vai de encontro à mão dela e os dois se conectam depois de muito tempo.

— Quero que me prometa uma coisa. — Ele respira fundo. — Que se ficar muito difícil no estágio final, quero que vá embora, não precisa ficar e cuidar de mim. — Vovó tenta interromper. — Não, Catherine, não faça esse sacrifício.

— Charlie! — Ela exclama não gostando da imposição. Só que ela sabia o quanto ele era teimoso e que teria que concordar com ele.

— Promete. — Insiste.

E no fim ela acaba concordando com a cabeça. Paro de espiar para que o momento seja realmente dos dois e, caminho até o quarto onde papai e minha tia estavam.

— Como estão indo? — Jenna pergunta.

— Bem, na medida do possível. Acho que agora ele entendeu que não está sozinho e que nunca estará. — Respondo.

Meu pai está sentado na cama e está chorando. Vou até ele, sento ao seu lado e começo a afagar os seus ombros.

— Vai ficar tudo bem, papai. Vai ficar tudo bem.... — Encosto a cabeça nele e ele me abraça, por muito, muito tempo, para que minhas palavras

consigam refletir em sua dor.

O caminho que vamos trilhar não será fácil. Mas, tenho certeza de que todo o amor que temos será forte o suficiente para aguentar essa caminhada.



É dia de ação de graças e eu não paro de correr para todos os cantos. A cozinha da casa era tão grande que eu já me perdi mil vezes. Minha mãe já chegou de Memphis na noite anterior e está fazendo sua especialidade, torta de abóbora.

George e Christian estão no quintal com Dante, porque eles decidiram que vão fazer o peru frito por imersão. Tenho minhas dúvidas se isso vai dar certo, por isso estou fazendo um no forno.

Bowie está no meu pé porque ele quer que eu lhe dê mais um biscoito.

— Bowie, Bowie, você não pode comer biscoito a cada meia hora — o advirto dando mais um. Eu não conseguia resistir a carinha fofa dele.

Desde que nos mudamos para a nova casa, tive dificuldades de adaptação, a casa era gigante e eu tive que lidar com o fato de que tínhamos empregados para tudo. Caso contrário, a casa não existiria. Jordan levou algumas pessoas com ele, como a cozinheira que estava há muito tempo na família. Já que nós não vimos necessidade de ter alguém preparando nossas refeições o tempo todo.

Todos ficaram muito felizes de ainda terem seus empregos e eu jamais tiraria isso deles. Sei que a vida de madame não é para mim. Mesmo assim, estou me acostumando a ter uma piscina quilométrica com chafariz no meio.

Nossos convidados começam a chegar aos poucos, primeiro recebo Luke e alguns minutos depois Jordan. Não demora muito também para que minha

família chegue. Meus avós, minha tia e meu pai. Ele não estava acompanhado, pois a Pam estava com a família dela. Os dois decidiram que não precisavam ficar um atrás do outro o tempo todo, e que ter um espaço, para si mesmo, era bom. Espero mesmo que esse relacionamento dê certo.

Depois dos abraços, guio-os até a cozinha para que coloquem os pratos que trouxeram na bancada.

— Trouxe minha torta de abóbora — Jenna diz e mamãe já olha para ela pronta para a competição. As duas faziam tortas de abóbora maravilhosas. Só espero que isso não vire um desentendimento.

Bowie fica todo animado por ganhar atenção da minha família e caminha com eles até a área externa. Assim que termino o purê de batatas, saio para fora e analiso como estava todo mundo. Dante, Christian, George e Luke estavam fazendo o peru por imersão. Espero mesmo que isso dê certo. Jordan estava sentado à mesa e vovô conversava com ele.

Respiro aliviada por nenhuma briga ter começado ainda. Volto à cozinha e começamos a carregar a comida para a área externa. Tiro o peru do forno e faço o molho em seguida, rapidamente. Assim que levo o peru para a mesa, Dante se aproxima com o peru que eles haviam preparado. Ele estava todo orgulhoso, segurando-o na travessa:

— Eu disse que iria sair!

— Parabéns, amor. — Parabenizo o entusiasmo.

— Uhul! Conseguimos! — Chris diz.

Gargalhei com a empolgação deles. No fim das contas, ficou bonito o peru, embora tenham ficado a manhã inteira nisso.

— Ninguém se queimou? — Pergunto.

— Ilesos — George responde.

— Então vamos comer! — Falo e todos começam a se sentar. Respeitando a falta de comunicação de alguns, quem não se dava muito bem se sentou

afastado, como minha mãe e meu pai, Luke e Jordan.

Nós comemos, conversamos e brincamos uns com os outros. Olho para Dante, ele estava feliz, feliz de verdade e mesmo que no fundo ainda sentisse falta da sua mãe, ele se sentia muito mais aliviado agora que sabia o paradeiro dela.

Um dia é muito capaz que ela esteja sentada conosco no dia de ação de graças, um dia é muito capaz que Dante se encontre com David. Mas agora, agora está na hora de secar as feridas e de viver o presente.

No final do almoço, todos se prontificaram para ajudar na arrumação, fiquei secando os pratos e minha mãe lavava a louça, enquanto os outros recolhiam os pratos e arrumavam a área externa.

— Eu amei sua torta, mamãe — falo sorrindo. Desde que criamos um abismo entre nós, por conta de sua separação com o papai, eu sempre sentia que ela tinha ressentimento por eu não ter escolhido ficar com ela.

— Oh... Eu fiz como sempre, é bem simples.

— Mesmo assim, está muito gostoso. — Olho à nossa volta e vejo que posso entrar nesse assunto delicado. — Mamãe? Você ainda se ressentia por eu ter escolhido ficar com o papai?

— Nossa, por que revirar o passado, filha?

— Porque acho que isso não está bem resolvido entre nós.

— Foi difícil, é claro que foi. Eu sempre soube que jamais poderia separar você do seu pai. Você teve que fazer uma escolha, mas eu já sabia dela antes mesmo que dissesse. E tudo bem, tudo bem... — Ela suspira lavando as mãos que escorriam sabão.

— Desculpe...

— Não tem o que desculpar, amor, não tem. — Ela balança as mãos para respingar a água e se vira para mim.

— Às vezes eu me afastava de você porque senti que sua família já estava

completa sem mim — digo o que há muito tempo estava guardando.

— Nunca, nunca será completa sem você. Eu te amo, filha, eu te amo muito. Me desculpe se te fiz sentir assim.

— Eu amo você. Amo mesmo. E estou feliz por ter vindo. — Abraço-a imediatamente.

Esse era o primeiro passo para reestabelecer nossa relação que estava defasada há algum tempo. Não quero mais nenhum ressentimento entre nós, não quero mais ressentimento entre as pessoas que ela amava e eu amava. Vamos tentar ser maduros, embora tenha certeza de que ainda saíra muitas faíscas nas reuniões familiares. Espero que a minha família com Dante seja a forma de reunir toda a nossa família. Os nossos laços irão reconectar os outros laços.

No meio da tarde, ainda estávamos todos reunidos na área externa. Junto-me ao meu marido e nós dois observamos os nossos familiares.

Jenna conversava com minha mãe deixando os ciúmes de lado. Vovô e vovó estavam sentados um ao lado do outro com os braços envoltos. Sorriam. Jordan falava com Luke e não pareciam tão tensos. Meu pai falava com George e Christian e até agora ninguém se xingou.

Dou um beijo no meu marido que me olha apaixonado:

— Estou feliz, obrigada por isso.

— Eu que agradeço por estarmos caminhando lado a lado.

— Acha mesmo que todo mundo vai se perdoar algum dia? — Pergunta-me.

— Sabe o que eu acho? Que não há uma melhor maneira de redimir os erros se não com amor. E amor, amor todo mundo tem aqui. — Encosto a cabeça nos seus ombros. Ele me afaga concordando.

À noite Dante recebe uma ligação de sua mãe e os dois conversam um bom tempo pelo celular. Perdoar e esquecer são coisas completamente

diferentes e eu sei que ele jamais vai esquecer o tempo em que ela ficou longe, mas tenho certeza de que o Hurron está a caminho de perdoar sua mãe. Pode ser longo o caminho, no entanto, não é infinito.





Estávamos a um mês do Super Bowl e eu assistia todos os jogos roendo as unhas. Só conseguia acompanhar pela televisão, pois não podia acompanhar Dante pelas cidades. Ver o meu marido estava cada vez mais raro e eu suspirava pela falta dele todos os dias.

Mesmo separados, eu estava feliz pelos Giants estarem na semifinal. Meu sonho era voltar ao estádio e dessa vez gritar que somos campeões. Para isso eu já reservei minha folga no restaurante.

No mês de dezembro, eu finalizei os seis meses de curso. Não pretendia continuar por um tempo, pois dedicaria meu tempo de sobra para ficar com meu avô. Em contrapartida, quem vai iniciar o curso é o meu pai. Dei de presente de natal a ele e acho que nada o deixou mais feliz que a oportunidade de seguir um sonho exclusivo há muito tempo.

Morgan resolveu dar uma chance ao amor e agora Jake está morando junto com ela. Nós conversamos recentemente e ela me disse que está feliz, pois quem manda na relação é ela. Já Chase está indo muito bem na faculdade, nos vimos depois do natal e ele me tratou com todo o carinho de sempre. Fiquei sabendo pela Kaylee que ele e a Eliza estão conversando e se paquerando.

A pâtisserie iniciou um relacionamento com o Tom e percebeu que é preciso olhar além das aparências das pessoas. Espero muito que esse relacionamento progrida. No réveillon todos os meus amigos e familiares nos reunimos e foi incrível a energia de amor e esperança que existiu nesse momento.

Até mesmo Thomas, que estava em Paris fazendo seu curso, apareceu para festejar conosco. Ele estava indo muito bem na escola de gastronomia, assim

como Lia estava indo muito bem trabalhando em seu lugar. O Pearce confidenciou que pretende fazer umas mudanças na Tasty House assim que concluir o curso. Em questão amorosa, ele seguia solteiro, mas para quem está na cidade do amor, não duvido que logo se apaixone.

Agora em janeiro, eu estava focada no meu trabalho e em dar apoio ao meu marido nesse período de jogos. Era domingo à noite e eu estava sozinha, pois Dante estava treinando no MetLife. Essa semana ele estaria em casa e focado totalmente nos treinos.

Recebo uma mensagem dele quando estava quase cochilando em meio ao tédio:

*“Você quer vir me buscar e depois saímos para comer?”* — Ele me pergunta quando está perto de sair.

Confirmo que sim e levanto do sofá onde estava Bowie e eu curtindo uma preguiça. Troco de roupa rapidinho e dirijo até o estádio. Quando chego, passo pela segurança e encontro Randy indo embora.

— Belo jogo o da semana passada, treinador.

— Obrigado, Rosalie. Foi tudo graças aos nossos campeões. — Ele é modesto.

— E a você também. — Elogio e ele sorri.

— O Dante está no vestiário sozinho, caso queira esperar por ele lá.

— Ah. Ok.

Aceno em despedida.

Espero um pouco olhando para o imenso estádio. Estava um pouco frio e eu estremeço à espera do meu marido. Não vejo sinal dele sair e por isso decido ir ao vestiário, caso ele esteja esperando por mim lá.

Assim que entro, percebo o barulho do chuveiro que cessa em poucos minutos. Dante sai do chuveiro com a toalha enrolada na cintura. Ele balança o cabelo molhado e passa a mão por eles. O sorriso que ele me dá ao me ver é

tão sedutor quanto o seu corpo.

— Ei, minha framboesa.

— Ei, limãozinho. — Devolvo o apelido. Ele vem até mim e passa a mão pelas minhas costas até o meu dorso. Viro o rosto e lhe dou um beijo bem caloroso. Sua mão continua a passear, chega em meus ombros e vem até a clavícula. Faz uma massagem. Não há estresse que sobreviva a essas mãos. E então, quando menos espero, desce para chegar bem no monte dos meus seios. — O que você está fazendo? — Pergunto, já excitada e com um leve medo de sermos pegos.

— Nada demais... — Diz e continua a me acariciar. Um de seus dedos vai parar direto no meu mamilo.

— Nada demais, é? — Arfo. — Não podemos fazer isso aqui. — Choraminguei conforme seus movimentos continuavam a friccionar o meu ponto fraco.

— Acho que podemos...

— E se a segurança nos pegar?

— Não vai.

Digo foda-se internamente quando suas mãos continuam a descer e a explorar o meu corpo. É questão de segundos para que eu esteja em pé sendo prensada por ele na parede. Ah sim, essa é uma bela maneira de conhecer por dentro o estádio.

Ele puxa minha camiseta com o sutiã para baixo, deixando os seios expostos para então cobri-los com suas mãos.

Nossos beijos são frenéticos, apressados e libidinosos. Temos pouco tempo para provar que tudo que é escondido é mais gostoso. Ele saboreia meus seios enquanto a toalha já estava caída nos seus pés. Minha mão desce até seu pau, quanto mais eu o sinto crescer, mais fascinada eu fico.

A boca dele não para e a forma com que ela se movimenta em meu corpo

sempre é inesperada. Sabia me provocar e me arrancar suspiros de uma forma tão... tão fácil.

Ele apenas desceu minha calcinha e subiu o vestido para cima para mostrar as suas más intenções. Eu sei o que quer e eu quero o quanto antes. Antes que sejamos pegos. Por isso, apoio na parede, ficando de costas para ele. Dante me pegou forte pela cintura e eu me seguro para não gemer.

— Você quer? — Pergunta. Já fazia algumas semanas que estávamos decididos a não usar preservativo, pois queríamos ser pais esse ano. — Eu posso? — Beija minha orelha.

— Você pode, você pode — repito meu consentimento e todo seu controle vai embora quando o sinto na minha entrada. E penetra uma vez. Só para nos acostumarmos com a pele quente um do outro.

— Porra — pragueja. É tão forte para nós dois. Deliramos.

Temos que ficar em silêncio. Mordo a boca. O seu ritmo acelera e desacelera continuamente. Tudo para fazer com que eu quase desmaie de tanto estremecer em seus braços. Sinto-o. Sinto sua pele e seu pau penetrar a minha carne várias e várias vezes e isso me arranca o maior orgasmo que já tive em minha vida. Contraio-me e pulso.

Pulso. Pulso. Pulso.

Meu Deus.

O que foi.

Isso.

Dante teve que me segurar enquanto continuava a me preencher. Mais e mais. Um barulho escapa da sua garganta de forma arrebatadora e eu sinto seu líquido se derramar dentro de mim enquanto ele pulsava.

— Amor... Você está bem? — Pergunta ofegante enquanto seu corpo ainda está grudado no meu.

Confirmo que sim e aos poucos nos separamos. Viro-me. Grudamos a

testa um no outro. Sorrisos cansados. Exaustos. Entro no chuveiro com ele e não poupamos o carinho com as mãos cheias de sabão.

Na hora de ir embora eu nem consegui olhar para o segurança com medo de que ele tenha ouvido alguma coisa. No jantar, enquanto comíamos pizza, meu marido riu muito de mim quando falei que estava com medo de um *sex tape* nosso vazar na internet.

— Isso não vai acontecer mesmo?

— Não vai. Confie em mim. — Ele morde sua pizza de marguerita.

— Já não basta a vergonha que passei todos esses meses por conta da minha prisão. — Enruguei a testa lembrando os perrengues que passei fugindo da imprensa e vendo eles me difamarem.

— Já imaginou o vídeo com essa bundinha linda circulando pelo mundo inteiro?

— O quê?!

— Estou brincando. — Piadista como sempre.

— Engraçadinho.

Ele curvou os lábios em um sorriso bobo. Observo-o. Observo cada linha de sua face. Noto que está preocupado, só que não diz. Não quer que eu fique apreensiva por ele. Mesmo assim, não posso me conter:

— Está preocupado com os jogos?

Hesita por um momento em responder. No entanto, coloca para fora seus sentimentos depois que eu deslizo minha mão na dele.

— Estou. É muita pressão em cima de mim. O medo de levar o time por água abaixo como naquela vez... Na vez em que você esteve presente é muito forte. — Sou golpeada pela culpa, por tê-lo julgado.

— Naquela época eu não sabia das suas dificuldades, assim como muita gente hoje em dia não sabe. — Eu digo. Existia os dois lados da moeda, e nem todo mundo tinha o privilégio de ver.

— Não é fácil a derrota, mas a vitória também não. — Suspira ao dizer. — Quero acreditar que vai dar tudo certo. — Surge a esperança em seus olhos.

— Acredite. Apenas acredite. E mesmo que não vençamos, nada apaga sua luta até agora. — Aperto sua mão na minha.

— Sim, sim. E podem me derrubar. Contudo, eu vou me levantar mil vezes mais forte. — Seus olhos queimavam completamente decididos.

— Acho que o segredo para alcançarmos os nossos sonhos é mais simples do que parece... — Revelo meu pensamento.

— E qual é? — Ele levanta uma sobrancelha enquanto olha para mim.

— Olharmos para dentro de nós mesmos. — Lembro-me do meu processo de descoberta pessoal e de tudo que aconteceu para chegar onde estou hoje.

— O.k. — Ele fecha os olhos para fazer isso nesse momento. Vejo-o respirar fundo, mexer os lábios. Para depois abrir seus olhos mostrando a cor mais profunda que já vi.

— O que você viu?

— Todos os sentimentos do mundo. E eu mesmo, como sou.

— É isso. Não importa o placar final, você já venceu. — Encosto minha cabeça em seus ombros. Ele me dá um beijo no topo da minha cabeça.

E ali, juntos. Nós conectamos todos os sentimentos do mundo que tínhamos dentro de nós. Daqui para frente estou cada vez mais animada para descobrir os incontáveis aspectos e a infinidade de infinitos que cabem no amor.



**GO GIANTS!**



## Capítulo 25

É Super Bowl em Miami e eu estou gritando aos quatro cantos que os Giants serão campeões. Estou no avião junto com os jogadores e jornalistas e sim, o ar de testosterona continua maravilhoso.

O quarterback dos Giants está ao meu lado tenso como sempre porque ele odeia voar. Dessa vez não peço champanhe e nem olho o celular para não o matar do coração. Enquanto Dante estiver focado nos treinos tenho mil coisas que quero fazer como turista, com a minha família. Meu pai, Jenna, vovô e vovó também estão a caminho.

Assim que aterrissamos, meu marido voltou a ser uma pessoa normal e passou a conversar comigo. Aviões o deixavam tenso e mal-humorado. Fico imaginando o dia em que fizemos uma viagem grande. Vou me sentar em uma fileira e ele na outra.

No hotel, ficamos na suíte principal e minha família ao nosso lado. Só não pudemos curtir muito as regalias, pois Dante estava extremamente focado nos jogos. Ele via replays o tempo todo, até quando estava comendo.

Na quinta-feira, descobrimos que iria ter um evento na Ocean Drive para os fãs, patrocinado pela Fox Nation — serviço de streaming. Minha família e eu aproveitamos para chegar cedo e tirar todas as fotos possíveis. Fiquei louca ao ver os stands com bonecos dos jornalistas esportivos, além da possibilidade de tirar muitas fotos temáticas. Papai acabou exagerando na animação e levou vários brindes, como óculos de sol, flâmulas e suporte para bebidas. Todos personalizados pela *Fox Nation* para remeter ao futebol americano e a Miami.

O tanto de fotos que eu tenho na minha câmera de Miami Beach e da Ocean Drive é um exagero. E o tanto que eu comi nesses passeios é de dar medo. Estava ansiosa, nervosa e bom, também tinha outra coisa. Algo que



ainda não contei para o meu marido, pois o queria cem por cento focado.

No domingo, dia do Super Bowl, eu não sei se estava mais apreensiva para ver o jogo ou aos shows. Dei um beijo em Dante antes de ir para o meu assento e disse a ele que não importava o resultado, pois sempre seria meu campeão. O jogo estava prestes a começar e minha tia está apertando meu braço porque acabou de ver a Beyoncé, Jay-Z e a Blue Ivy se sentando do lado esquerdo da área vip. Estávamos no direito.

— Será que eu consigo um autógrafo? — Ela me perguntou.

— Do jeito que ela está rodeada de seguranças, impossível. — Analiso. — Ei, vovô, está tudo bem? — Pergunto. Ele parecia cansado, nos certificamos várias vezes que ele estivesse bem para vir ao jogo.

Vovô era um dos maiores fãs dos Giants, tanto que o boné que eu estou usando — peguei de volta do Dante — era dele. A posição de fã número 1 havia passado do meu avô para mim. Papai nem chega perto do nosso nível de fanatismo. Por isso, é tão emocionante conseguir trazer minha família para o Super Bowl.

— Estou bem, querida. Muito bem. — Sorri. Estávamos prontos para levá-lo para o hotel. Vovó se prontificou a ficar com ele se fosse necessário. Mas espero que dê tudo certo até o fim do jogo.

Nunca passei tanta apreensão na vida e nunca rezei tanto em pouco tempo. Apesar do Super Bowl ser um grande evento e ter seus pontos altos de entretenimento, eu mal prestei atenção na performance da Jennifer Lopez e da Shakira. Meu pensamento estava todo em Dante, pois eu queria que a minha força o encontrasse e lhe trouxesse energia.

Apesar da apresentação das cantoras com as músicas *Let's Get Loud* e *Waka Waka* terem levantado até meu avô. Eu permaneci sentada porque me deu um enjoo súbito. Obviamente eu aproveitei demais os salgadinhos que eram servidos no camarote.

O jogo volta. O placar estava acirrado. Dante deu mais de cem por cento de si, não só ele, todos do time que estavam dando tudo que podiam. Inclusive Noah, encontrei com sua irmã mais cedo e a Ruby estava vibrando a melhora do cornerback e a vaga de titular no jogo.

O meu quarterback fazia milagres durante o último tempo, corria com a bola, incentivava o time e não deixava ninguém desistir.

A bola estava com o time rival e volta para nós em poucos segundos. Dante está com a bola e a próxima jogada pode ser decisiva para sairmos do empate. Por isso, ele corre com a bola, mas é interceptado duramente pela defesa.

Ele caiu.

Respiro fundo, é normal cair, porque ele já caiu várias vezes durante o jogo. O que me deixa nervosa é que o quarterback não levanta tão rápido quanto deveria. Passo a mão pelo rosto aflita. De novo não, pelo amor de Deus. De novo não.

O medo de uma concussão assombra o meu rosto. São segundos de apreensão dentro e fora do campo.

— Vamos, meu amor... Vamos. — Murmuro em pé.

E parece que ele ouve minhas palavras, pois se levanta imediatamente.

Ufa.

O alívio é automático e o jogo continua. São os minutos finais. Consigo ver os Giants rumo ao troféu. Consigo quase ver a vitória quando ultrapassamos o placar. E sim, eu vejo a vitória nos últimos segundos quando o último touchdown é gravado.

Putaquepariu.

Eu nunca senti tantas emoções em toda minha vida. São tantos gritos, tanta gente ao mesmo tempo vibrando. Toda a torcida está em pé. E todos do time estão se abraçando e comemorando a vitória.

Dante joga o capacete no chão e bate no peito comemorando a vitória. Abraço minha família. Vovô está chorando e eu choro junto com ele.

— Vai lá, minha filha, vai abraçar seu marido — ele diz. E é exatamente o que faço. Saio do camarote e consigo o aval da segurança para entrar no estádio.

Passo pelos jornalistas e ouço uma frase que me arrepia inteira:

— Como podemos resumir o Super Bowl LIV? Com apenas um nome. Dante Hurrón. É isso!

Olho para Dante do outro lado do campo, começo a andar em direção a ele, ele anda em direção a mim. Sou atingida pela força brutal do amor quando ele me abraça chorando. E é impossível não chorar de tanta felicidade.

Essa foi a luta dele. Essa foi a vitória depois de tantas incertezas.

— Nós conseguimos! Nós conseguimos! — Vibra em meus braços.

— Sim, amor! Sim!

O barulho da torcida ovacionando os Giants era surreal. A energia que nos cercava não poderia ser mais bonita. Por isso eu escolho o momento como ideal para guiar sua mão até minha barriga e sussurrar em seu ouvido.

— Querido, nós vamos ter um bebê, um bebê campeão. — Mal contenho minha alegria. Estou tremendo tanto quanto Dante.

Com os olhos arregalados e um sorriso como raio de sol, o futuro pai vibra, vibra e me abraça me levantando e girando de alegria. O estádio era tão grande que comportava mais de cento e setenta e seis mil pessoas, mas ele era pequeno para comportar tamanho amor.

— Nós vamos ser pais! Nós vamos ser pais! — Ele grita.

O céu está escuro por ser à noite.

Mas tudo que vejo é azul.

Nos braços do meu marido eu vibro pela conquista não só do nosso time,

como também da dele como pessoa. Para chegarmos até aqui foi necessário uma redescoberta pessoal dele sobre quem realmente ele era. Dante teve que conhecer a si próprio e foi tão doloroso quanto necessário. Tiro o boné da minha cabeça e coloco-o na sua. Não sabemos como será o futuro, se esse foi ou não o seu último jogo. A única certeza que temos é:

Nós somos campeões.

Nós somos gigantes.

Nós somos heróis.

Somos tudo o que quisermos ser.

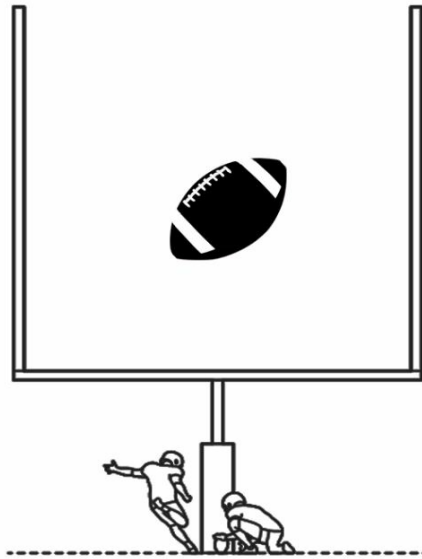
E não.

Não é o fim da nossa história.

É apenas.

O Começo.

*Go Giants!*



## Epílogo

Dez anos depois.

Um dos momentos mais felizes da minha vida, também foi o dia de maior apreensão. Foi quando meus dois filhos nasceram, Charlie e Charlotte. Ter gêmeos não era esperado por nós até fazermos o ultrassom, havia um pequeno histórico na minha família apenas, mesmo assim, acabamos sendo abençoados por dois filhos de uma vez.

Foi um caos emocional cuidar de duas crianças e eu nem imaginava o quanto seria difícil. Mesmo quando eu pensava que não iria aguentar, meu marido estava lá para cuidar dos nossos filhos e de mim.

E posso afirmar que o momento mais emocionante da minha vida foi quando o vovô pegou meus filhos no colo. Eu chorei, eu chorei tanto que não consegui suportar. Em alguns momentos eu o senti lúcido o suficiente para que soubesse que eles eram os bisnetos dele, em outros não.

Mesmo assim, mesmo sem saber quem Charlie e Charlotte eram, o meu avô os amou. Os amou em cada segundo. O nosso menino se chamou Charlie em sua homenagem, queríamos que o legado do vovô se perpetuasse em nossas vidas.

Quando as crianças tinham quatro anos, o vovô já estava acamado, e tinha que ter uma enfermeira integral com ele. Charlie, que sempre teve uma ligação muito forte com ele, ia no quarto dele para me acompanhar enquanto eu lia as histórias para seu bisavô.

Vovó Cathy ficou com seu marido por todo esse tempo e teve que quebrar a promessa que iria deixá-lo nesse último estágio da doença. Obviamente ela não o deixaria e, obviamente, ele não estava lúcido o suficiente para afastá-la. Era difícil, muito difícil e a dor era inevitável.

Quando ele faleceu no estágio final da doença, foi extremamente doloroso

para nós lidarmos com isso. Eu senti algo tão forte me machucando que foi difícil permanecer no enterro. Foi quando eu saí e fui em direção às árvores. E foi exatamente ali, embaixo da árvore que eu vi um pássaro azul. Ele cantava e olhava para mim com uma doçura tão grande. A melodia me atingiu em cheio.

E eu chorei.

Chorei muito e depois senti um alívio muito forte.

Foi então que esse pássaro pousou em minha mão quando a estendi chamando-o. Nunca havia acontecido isso comigo antes. Foram poucos segundos. Nesse pássaro eu vi o vovô. E o pássaro voou alto, muito alto. Até que eu não o visse mais.

É. O vovô se despediu de mim. Ele alcançou o voo mais alto de sua vida. Em nossos corações sempre vai estar o nosso eterno vovô Charlie. Nesse dia eu murmurei para o vento com lágrimas nos olhos: *“Descanse em paz, vovô, vou te amar pra sempre”*.

E a vida continuou, como ela sempre continua. Saí da *Tasty House* há cinco anos para abrir meu restaurante. O *Champions*, o restaurante dos campeões. A temática dele era totalmente voltada para o futebol americano. Os jogos eram transmitidos durante toda a temporada e, em momentos de recesso, passávamos os replays dos melhores jogos.

Meu pai entrou no meu lugar como cozinheiro na *Tasty House*, que continuava sendo um grande nome da gastronomia em Nova York. Thomas comandava tudo com maestria e a vida pessoal dele havia dado uma guinada quando ele voltou de Paris trazendo uma francesa consigo.

Meus melhores amigos, Morgan e Chase continuaram sendo incríveis em minha vida. Morgan se casou com Jake há dois anos, ele chorou muito no casamento, porque finalmente conseguiu fazer com que ela aceitasse seu pedido. Já Chase fez um mochilão pela Europa e vários países, nesses últimos

anos, junto com sua namorada, Eliza.

Tive notícias de que a Jasmine abriu duas franquias do salão de beleza que tinha com sua mãe. A Khalikur acabou descobrindo que o seu sonho estava bem na sua cara.

A minha família anda muito bem, papai casou-se com a Pamela e estão muito felizes. Jenna não se casou, mas namora com Randy. Ela e Catherine agora moram juntas, e sempre que possível vou visitá-las, tanto para ouvir as previsões malucas da minha tia, quanto para confortar a vovó.

Jordan recomeçou sua vida, contudo não nos apresentou nenhuma namorada. Mesmo assim, o vejo muito feliz. Já Luke finalmente encontrou alguém que ele ame e essa mulher lhe deu o seu primeiro filho.

Caroline e David continuam morando no Tennessee. Os dois conheceram os netos e, mesmo que David e Dante ainda não tenham estabelecido uma relação, fico satisfeita pelo perdão ter acontecido. As crianças também amavam ir à casa da minha mãe, além de amarem os avós maternos. Sempre que possível, íamos ao Tennessee nas férias escolares. Era sempre muito bom voltar às raízes.

Acabei descobrindo de quem meu marido também não puxou os olhos de David. Apesar da boca ser muito parecida. Creio que seja a única coisa que seja igual, pois eram tão diferentes, verdadeiramente separados por um oceano.

Há seis anos Dante se aposentou da carreira como jogador. A decisão de sair foi inteiramente dele. Apesar de ter jogado mais quatro anos para os Giants e de ter conquistado mais um anel de campeão, ele estava decidido que era o melhor a se fazer. Agora o meu marido também é meu colega de trabalho, nós dois comandamos o *Champions* juntos, além dos dois restaurantes que temos dentro dos shoppings de New Jersey e Nova York. A nossa ideia é fazer uma cadeia de restaurantes com o sabor que só a nossa



combinação consegue dar.

O Hall da Fama, a maior honraria que pode ser concedida a uma pessoa que foi destaque na NFL, sempre foi almejado pelo ex-quarterback. E ele acabou de conseguir isso. Foi um dia antes da edição 60ª do Super Bowl. E agora Dante Hurrón está perpetuado como rei da NFL. Jamais poderão roubar seu posto. Meu marido é foda, não?

Era dia de jogo e Dante, as crianças e eu estávamos prontos para assistir ao jogo contra nossos tradicionais rivais, os Eagles.

Estávamos caminhando para o nosso camarote quando eu dei de cara com ninguém menos que Sebastian e a família, sua mulher e uma filha. Nos olhamos com antipatia, como sempre. Dante aperta minha mão na mesma hora, ele estava com medo de eu brigar no meio do estádio.

— Ei, Charlie — a filha do Sebastian se dirige ao meu filho e eu fico chocada.

— Oi, Sara — Charlie responde tímido.

O que é isso? Meu filho compactuando com o inimigo?

— Não fale com essa *underdog* aqui, Charlie. Já basta na escola — Charlotte diz. Eu sabia que a filha do Sebastian estudava na mesma escola que meus filhos, pois nos cruzávamos nas reuniões de pais. Só não sabia que nossos filhos eram próximos.

Isso é uma facada no meu coração.

— Não fale assim com a minha filha, garotinha — Sebastian se dirige a Charlotte.

— E você não fale com minha filha. — Confronto-o.

— Rosie, calma — meu marido murmura.

— Vocês vão precisar de sorte nesse jogo. Há tempos estão indo bem mal. — A mulher do Sebastian diz e eu já quero matá-la, mal conheço e já a odeio.

— O que você está falando? Só o meu marido tem cinco anéis de

campeão. Quer falar o quê dos Giants?

Ela se intimida comigo.

— Vocês vão cair. Vamos filha — Sebastian puxa Sara e sua mulher e me olha feio antes de sair.

— Vocês que vão cair! — Charlotte grita junto comigo. Olho para minha filha assustada, ela puxou mesmo minha personalidade. Já Charlie era muito mais calmo, como o pai, por isso os dois já haviam seguido rumo ao camarote.

— Que audácia do Sebastian em falar comigo, já não basta ter que encontrá-lo nas reuniões da escola — reclamo me sentando na cadeira.

— E o Charlie ainda é amiguinho da filha dele, mamãe — Charlotte entrega para mim.

Olho para meu filho que está acuado.

— Nada a declarar — ele dá de ombros.

— Amor, deixa as crianças. — Dante vem até mim e massageia meus ombros.

— Tudo bem, tudo bem. Eu só estou um pouco estressada. Nenhum quarterback será igual a você e isso é preocupante.

— Eu sei. Mas o Joshua está confiando que o novo quarterback vai se dar bem. — O running back continuava no time e era agora um dos grandes amigos do meu marido.

Ter um novo quarterback no time, fazia me recordar de Kalel Combis, o fracasso. Saiu na mídia há um tempo que ele está trabalhando como treinador em um time local no Kansas. Alexia e ele se separaram há muitos anos e, a garota hoje em dia já se casou com outro jogador.

— Eu espero. — Respiro fundo.

Logo Tom e sua esposa Kaylee chegam. Havia presenteado meus amigos com o ingresso para o jogo. Eu estava muito feliz que o casamento deles

tenha dado certo, ainda mais porque eu acabei dando uma forcinha para que o encontro deles acontecesse.

O jogo começa e meus filhos gritam juntos.

— Go Giants!

Dante e eu nos olhamos e sorrimos um para o outro.

Os nossos filhos eram tão fãs dos Giants quanto nós. Mas também, sendo filhos de um ex-quarterback e da fã número 1 — além de terem sido feitos no estádio... *Cof Cof*... —, Era impossível não serem membros da Big Blue.

Ganhar o jogo é maravilhoso. Só que ver a cara do Sebastian arrastada na lama, depois de perder, não tem preço. Após curtir uma grande euforia, eu coloco meus filhos para dormir:

— Mamãe, posso te perguntar uma coisa? — Charlotte pergunta. O rosto dela estava corado, pois ficou o dia anterior todo brincando no sol.

— Claro, querida.

— O papai sempre diz que você era fã dele antes de vocês namorarem, e você diz que não era. Qual é a verdade?

Aperto os lábios.

— Vou contar pra você, mas não conta pra ele, hein.

— O.k.

— Eu era fã dele e sempre vou ser a fã número 1. — Sou atingida por uma nostalgia muito forte.

Charlotte sorri.

— Eu sabia!

— Psiu... — Coloco o dedo indicador na boca em sinal de silêncio. — Isso é um segredo, hein!?

— Está bem, vou ficar quietinha — ela faz uma cara de sapeca enquanto imitava o meu sinal. Dou um beijo em sua testa e depois caminho para o quarto do Charlie. Encontro Dante no corredor, pois ele também gostava de

fazer esse ritual.

Assim que entro no quarto, noto que Charlie está quase pegando no sono.

— Mamãe — ele se aconchega no travesseiro.

— Sim, amor?

— Eu... — Ele está sem jeito, com vergonha de me dizer algo.

— Querido, pode falar. — Passo a mão pelo seu cabelo, retirando-o da sua testa. Charlotte e Charlie eram gêmeos idênticos. Puxaram meus cabelos loiros e os olhos misteriosos do pai.

— Promete que não vai ficar brava comigo? — Seus olhos que são iguais aos meus parecem amedrontados.

— Não vou, meu bem. Não vou... — Até imagino sobre o que ele quer falar.

— Eu... Eu posso ser amigo da Sara? — Ele pergunta todo inocente.

— Claro que pode — sorrio em confirmação. — Não se preocupe com os problemas que tenho com o pai dela. Vocês podem ser amigos sim.

Meu filho fica todo feliz e se ergue para me dar um abraço. Dou um beijo em cada uma das suas bochechas e o coloco pra dormir de novo. Era óbvio que eu jamais iria proibir uma amizade para meu filho. Mas poxa vida, tem que ser justo a filha do Sebastian?

O.k. O.k. Eu sou uma adulta. Já tenho mais de trinta, *velha Rosalie encrenqueira, pare de querer voltar, por favor.*

Encontro com meu marido no quarto e me deito ao lado dele. Dante me abraça e me dá um beijo profundo. E vem aquela sensação de aconchego, amor, carinho e desejo. Tantas sensações. Sensações que só ele me causa. Estar com ele me causava sempre a percepção de que não havia melhor lugar no mundo para estar.

— Ei... framboesa — Dante fala separando pouco seus lábios dos meus.

— Quando estava planejando me contar que sempre foi a minha fã número

um? — Pergunta e eu abro a boca estupefata por ter constatado que ele ouviu minha conversa com nossa filha.

— Hurron! É muito feio espiar! — Bato em seu ombro.

— E é muito feio ter escondido isso por tanto tempo.

Dou de ombros.

— Não tenho nada a declarar.

— Tudo pode e será usado contra você, querida.

— E como pagarei minha fiança? — Pergunto erguendo uma sobrancelha.

— Acho que tenho uma ideia... — Ele ri malicioso.

— Amor... — Dante murmura entre nossos beijos. — Casa comigo de novo? — Pergunta me deixando surpresa. Olho-o nos olhos, bem no fundo de sua íris. Vejo-os verdes.

Conhecer os olhos de Dante e diferenciar suas cores era um privilégio para poucos. De quem ele havia puxado ainda permanece um mistério. Tão misterioso quando a profundidade do oceano.

— De novo? Por quê?

— Não quero que a maldição dos Wicks nos peguem nunca. Quero ser o seu primeiro e único marido. — Ele me dá um beijo no queixo. E eu concordo na mesma hora. Desde que eu lhe contei da maldição dos primeiros casamentos da minha família não terem dado certo, ele ficou preocupado e não tirava isso da cabeça.

— Caso. E caso quantas vezes você quiser. — Beijo-o selando minha promessa, enquanto suas mãos passeavam pela minha cintura, encontrando ali uma tatuagem que fizemos juntos e que foram feitas no mesmo lugar:

*“Contínuo, constante e imutável”*

Perpetuamos o nosso amor, e perpetuamos a nossa jornada. Nós conhecemos a melhor e a pior versão um do outro e mesmo assim não desistimos. Descobrimos que não é fácil a vida de casados, mas que se

estivermos dispostos a perdoar e amar, e nunca, nunca esquecer da nossa promessa de amor, sempre estaremos juntos. Eu sou as ondas no oceano dele. Ele é o azul em minhas ondas. O nosso laço é inquebrantável.

Hoje posso dizer a plenos pulmões que Dante Hurreon é e sempre será o meu *Marido Ideal*.

**FIM**

## SOBRE O AUTOR E AGRADECIMENTOS

K. M. Mendes, autora independente, 25 anos, estudante de Letras. A paixão pela escrita e leitura começou muito cedo, mas só tomou forma após a primeira publicação na Amazon em 2018.

Escrever o *Marido Ideal* foi uma experiência incrível e chegar até aqui só foi possível por meio de muito carinho de todos os leitores. Ao grupo do *Marido Ideal* o meu grande obrigada. Os surtos diários foram o combustível para minha inspiração.

Agradeço também a Rhyanne Moreno que é e sempre foi uma grande incentivadora e amiga.

A você que chegou até aqui eu só tenho a agradecer de todo o meu coração.

Não deixe de seguir minha página no Instagram, pois farei um sorteio bem bacana relacionado ao Super Bowl que ocorreu em Miami. Além dos

marcadores da história:

Instagram: <https://www.instagram.com/autorakmmendes/>

Facebook: <https://www.facebook.com/AutoraKMMendes/>